

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A CORPACHA  
DA EDUCAÇÃO COM MANOEL DE BARROS  
en-cantações ameríndias e nomadismos cosmocorporais

versão corrigida

dani-vi

Dissertação de mestrado apresentada à  
FEUSP como requisito parcial para o  
título de mestre no Programa de  
Educação, área temática Cultura,  
Filosofia e História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Rogério de  
Almeida

SÃO PAULO  
2023

À memória viva de meus ancestrais,  
desde os povos peixes, as tribos-pássaros e as primeiras moléculas sonhadoras.

À avó-mãe que me en-sinou na arte de lutar compartilhando sonhos e sabores oníricos.  
Ela sempre disse: “O corpo é o caminho. O caminho é o corpo.”

À mãezinha-sereia-guerreira e a paizim-violeiro-das-águas-encantadas  
que me en-sinaram na convivência passarineira das escutas  
pela artesanania coletiva de compor com a afetualidade das pulsações vitais.

À grande vida amorosa, aos amores en-cantados nano-afetualmente nas eras do  
instante com a parceria companheira das travessias, às diversas caminhadas convivas  
e territórios sensíveis que me compõem como gente.

Ao avô-rio Paranapanema  
e a todes que vibram em cada gota de alegria, suor, saliva, sangue, sal  
e água doce desse andarilhamento.

( dani-vi )

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)  
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

d183c dani-vi,  
A Corpacha da Educação com Manoel de Barros - encantações ameríndias e nomadismos cosmocorporais / dani-vi; orientador Rogério de Almeida. -- São Paulo, 2023.  
p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e História da Educação) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Cultura ameríndia. 2. Corpo. 3. Educação decolonial. 4. Manoel de Barros. 5. Nomadismo. I. de Almeida, Rogério, orient. II. Título.

## **A Corpacha da Educação com Manoel de Barros: en-cantações ameríndias e nomadismos cosmocorporais**

### **RESUMO**

Escutando ressonâncias ameríndias da poética de Manoel de Barros, esta pesquisa se movimenta pelas noções de corpo de acordo com trajetos comunitariamente autoformativos das natuculturas de Abya Yala, desde suas cosmopercepções, imaginários e epistemologias milenares. Corpos enquanto ambiências musicalmente sonhadas e proliferadoras de nascentes vitais. Ambiências corporais compostas de incontáveis pulsações errantes e transmigratórias que não se cristalizam. Corpas-ambiências enquanto ocorrências de nomadismos oniricamente elementares, hormonais, sonoros, microfísicos e coletivos no metamorfoseante ventre de Pacha. Ventre musicalmente aquático e de inúmeras primordialidades nômadadas compositoras da cosmicidade corporal. Trataremos de Corpas-Pachas en-cantadas por fluxo de metamorfose das escolas vivas que são as caminhadas com as múltiplas afetações da convivência das escutas matriais (não-patriarcais), cósmicas (não-binárias), afetuais (sem ideia de posse), biocêntricas (não-antropocêntricas), cinestésicas, micro-libidinosas, nano-poligâmicas, estéticas, poéticas, crepusculares, vibracionais, moleculares, errantes e transmutantes. Através do trajeto ancestral guarani da pesquisadora, dos nomadismos de sua caminhada comunitária, musical, artística, educadora e arte-medicinal, a educação com Manoel de Barros é reconhecida em harmonizações e cacofonias com a fenomenologia compreensiva e a mitohermenêutica simbólica, dando passagem a diversas vozes indígenas (principalmente da contemporaneidade) que auxiliam na busca por um reflorestamento do imaginário necessário para sensíveis (re)conhecimentos da corpa-pacha. Assim, a cosmicidade corporal vibrante na obra do Poeta se torna potencial oportunidade de uma educação de sensibilidade decolonial ao mesmo passo que afirma saberes ancestrais sempre nascentes, sem cânones, educação transmissiva, ideia de professor-aluno, fora-dentro, sujeito-objeto e demais coisificações/fixações/extrativismos do pensamento dicotômico. Corpacha sempre em autoformação de maneira biocentricamente comunitária e nano-afetual pela noção de tradição enquanto metamorfose e de metamorfose enquanto tradição. Ancestralidade jamais fixa, transbordante nas mínimas ocorrências nômadadas do dia a dia contemporâneo.

**Palavras-chave:** Culturas ameríndias; Corpo; Educação de sensibilidade decolonial; Nomadismo; Manoel de Barros.

## **The Corpacha of Education with Manoel de Barros: en-chantments and cosmocorporeal nomadisms**

### **ABSTRACT**

Listening to Amerindian resonances and nomadic vibrations in the poetics of Manoel de Barros, this research navigates through the vivid, unpredictable, musical, aquatic, cellular, and cosmic arrangements within the context of community self-formative paths of Abya Yala's natucultures, encompassing their cosmoperceptions, imaginaries, and millennia-old epistemologies. Bodies as musically dreamed ambiances, proliferating vital springs. Bodily ambiances as living compositions of countless wandering and trans migratory pulsations that do not crystallize. Corporeal-ambiances as occurrences of dreamlike, elemental, hormonal, sonic, micro-physical, and collective nomadisms in the metamorphic womb of Pacha. Musically aquatic womb and countless nomadic primalities composing bodily cosmicity. Corpas-Pachas enchanted by the metamorphic flow of living schools that are the walks in the multiple affectations of matricial (non-patriarchal), cosmic (non-binary), affective (without the idea of possession), biocentric (non-anthropocentric), kinesthetic, micro-libidinous, nano-polygamous, aesthetic, poetic, crepuscular, vibrational, molecular, wandering, and transmuting listens. Through the Guarani researcher's ancestral journey, the nomadism of her communal, musical, artistic, educational, and art-medicinal walks, Manoel de Barros's cosmically nomadic (cosmo-nomadic) and bodily (cosmo-corporeal) education is recognized in harmonies and cacophonies with comprehensive phenomenology and symbolic mytho-hermeneutics, giving way to various indigenous voices, especially from contemporary times, that assist in the search for a reforestation of the necessary imagery for sensitive (re)recognitions of corpacha. Thus, the vibrant bodily cosmicity in the Poet's work becomes a potential opportunity for a decolonial sensitivity education in the same spacetime that affirms ancestral knowledge always emerging, without canons, transmissive education, the idea of teacher-student, outside-inside, subject-object, and other objectifications/fixations/extractions of dichotomous thinking. Corpacha always in biocentrically communal self-formation and nano-affectual through the notion of tradition as metamorphosis and metamorphosis as tradition. Ancestry never fixed, overflowing in the smallest nomadic occurrences of contemporary daily life.

**Keywords:** Amerindian Culture; Body; Decolonial Education; Manoel de Barros; Nomadism



# INTRODUÇÃO POR FRUIÇÃO DE ANDARILHAMENTO AMERÍNDIO

## Oralidades da escrevivência

Circularidade não-binária, cacofonia e invencionática barreana

*Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.*  
(Manoel de Barros, apud, Martins; 2008).

Peço licença a todes ancestrais, todes en-cantades, às pessoas mais novas e pessoas mais velhas, para iniciar essa caminhada dizendo que nela não se encontrará explicações condensadas nem “palavras fatigadas de informar” (Barros, M.I., 2010:13). Também não se encontrará aquela página específica onde verbetes conceituais estarão catalogados e fixados em um significado cristalizado. Essa *escrevivência*<sup>1</sup> não tem a intenção de construir conceitos da autoria pretensamente individual, nem edificações da família individualista e cosmofóbica, temerante da estranheza.. A base onde os andarilhamentos barreanos acontecem é a vida fértil das terras encharcadas, úmidas de diferenças, enquanto composição de eras e eras das sensíveis ‘cosmose’<sup>2</sup>. Metamorfozes vitais que en-cantam o ventre inevitavelmente coletivo que é Pacha e suas nascentes sempre vivas. De acordo com Conceição Evaristo, a *escrevivência* carrega a escrita da coletividade e vou escrevivendo pelos nomadismos das *consoantes líquidas* de Manoel de Barros, sem conceitos estanques, idéias fixas e soberania de

<sup>1</sup> Criado por Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, explicou a escritora e educadora. "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade." (HERMÍNIO, Beatriz - 03/10/2022; site do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo; Canal Notícias).

<sup>2</sup> Nas trilhas vivas das cosmopercepções indígenas, são afirmadas múltiplas afetações metamorfoseantes. Fenômeno este que, num processo de descolonização do imaginário tanto de culturas não-indígenas como indígenas (e nas aldeias que passaram por meio milênio de catequeses, evangelizações e colonizações), também pode insurgir enquanto sensível “caosmose” a ser melhor descrita ao longo desta escrevivência. Seja “caosmose” (concepção mais decolonial) ou ‘cosmose’ (concepção mais indígena e anticolonial), em ambos casos é sobre “múltiplas afetações da metamorfose” que a vida vai sendo, e que não ocorrem como suposta transmutação de “pureza” natural ou “pureza” cultural. Mas no sentido mais pachamamicamente ‘cosmótico’ de metamorfose, ou seja, de uma cosmicidade pachamâmica, avessa aos sentidos de ordem, ordenação, exatidão e harmonia calculável significativos no *kósmos* etimologicamente grego, assim lido pelo pensamento moderno. Escutando Manoel de Barros, aos poucos e lentamente, o termo “caosmose” vai dando passagem à ‘cosmose’ pachamâmica de uma ‘multigamia nano-afetual’ sem a dicotomia caos-ordem, por desdobramentos a irem se apresentando nesta caminhada dissertativa.

indivíduo, apenas por escutatear múltiplas vozes compositoras deste chão encharcado que nos compõem em Abya Yala, Pindoretá e Nhe'ëry. Então recomendo que ao ler algumas estranhas palavrinhas dessa caminhada, não se crie expectativas de iluminá-las completamente, pois no 'andarilhamento' pelas urobóricas voltas dessas trilhas vivas, tais palavrinhas ressurgirão incontáveis vezes assim como Jurupari, Macunáima, Lobisomem, Mulher-serpente, Mboitatá, Uyara, Djatsy Djaterê e demais encantades que se apresentam de diferentes maneiras a cada instante da caminhada.

Com as errâncias da fumaça do petynguá, para além do utilitarismo objetivista e das palavras explicativas, procuro (re)conhecer e grafar metamorfoseantes nomadismos das vibrações orais para que lentamente, aos poucos e a cada recorrência, as palavras possam vibrar en-cantamentos de um percurso vivo. Torço para que você possa vivenciar essas palavrinhas em movimento. Que você possa participar da dança cósmica na música circular, cacofônica e não-extraordinária da poética pachamâmica de Barros sem querer decifrar indecifráveis mistérios da vida ou colocá-los nos virtuais paraísos do sublime. Como Manoel de Barros, não precisamos da pressa do entender ou iluminar certos arranjos vivos de palavras. “Uma porção de lodo forçou para baixo a minha voz. Aprendi que no escuro eu enxergo melhor. Orvalho benzeu meu olho.” (Barros: 2010:283 – Concerto a céu aberto para solos de ave). Além do mais, fechar os olhos acordada ou dormindo, é a viagem no escuro. Somos todes praticantes de nomadismos ancestrais e as *despalavras* barreanas vibram justamente por se movimentarem impregnadas da vitalidade do *escuro* edo *ocaso* (tão recorrentes em Barros) que nos convoca a semicerra os olhos para para deixar o pôr-do-sol sonhar, crepusculando sentidos e multiplicando vibrações vitais. Distraidamente atentas, ainda que às vezes incomodadas com esse jeito diferente, deixemos cosmopercepções passarem tranquilamente pelas repetições destes arranjos corpoéticos, que aos pouquinhos, com lentidão e entrega, será possível *desinventar* barreanamente alguns arranjos da nossa corporalidade colonial, tecendo caminhos por (re)conhecimentos das forças oníricas desta corpa chamada Pacha compositora de incalculáveis corpas en-cantadas.



Assim, vamos dando passagem ao *nhe'ẽ*<sup>3</sup> e seguindo no desafio tremendo de escrever sem perder as ressonâncias da circularidade pela intensidade vibracional das oralidades. O desejo, aqui, é que isso aconteça feito pergaminho de vento espiralítico. Um redemoinho musical de oralidades escrevidas e cacofônicas, pois sujeitas a explosões nano-afetualmente cósmicas. Que num certo instante desse pergaminho rodopiado, o texto, parecendo que esteja chegando ao final, não encontre fim e muito menos finalidade, recomeçando por reinícios de múltiplas tônicas e demais modulações num sem fim de eternos retornos dissonantes e polirrítmicos em que a cada vivência pelas repetições das entonações escrevidas aconteça algo diferente. “repetir é um dom do estilo – repetir até ficar diferente” (Barros; 2010:300). Saber de inúmeras gentes que não percebem música apenas como expressão artística. Mas música como modo de perceber, interagir e (re)conhecer a vida. Música enquanto condição epistemológica dos povos indígenas e gentes nômades dos mundos.

Com Manoel de Barros e as ‘epistemologias pachanômadadas’ a serem (re)conhecidas ao longo dessa caminhada coletivamente dissertativa, acontecem transbordamentos pela escrita circular e cacofônica do espaçotempo que a tudo insepara por co-implicações cósmicas de ‘corpachas’. Corpachas lutam sensivelmente das oralidades à palavra escrita nas inevitáveis simbioses e caosmoses culturais para não serem reduzidas ao cartesianismo, ao pensamento dicotômico e demais ordens coloniais. Tudo por ressonâncias das recorrências cosmicamente nômadas que ocorrem com as pequenas coisinhas do nosso dia a dia contemporâneo. ‘Pequenitdades’ sempre nascentes e ‘nano-afetualidades’, apesar de marginalizadas, que garantem a

---

<sup>3</sup> De acordo com o artista, pensador e liderança guarani Carlos Papá, um dos principais significados de *nhe'ẽ* é “som do sopro da fala” ou “som silencioso”. Traduzido como “alma-palavra” para línguas ocidentais como a espanhola e a portuguesa, o *nhe'ẽ*, para meus ancestrais guarani, em nada se assemelha a ideia de alma etérea e virtualística da visão ocidentalocêntrica. Trata-se de um corpo-território espiritual. Uma concepção de *voz-corpo-vibração vital* cosmicamente musical e úmida. *Nhe'ẽ* enquanto composição ancestral. Voz composta de incontáveis vozes. Voz não apenas no sentido sonoro, mas também de pensamento, experiência e conhecimento cosmo-coletivo e ancestral. *Nhe'ẽ* que, mesmo quando manifestado como som silencioso, acontece enquanto composição vibracional onde tudo ocorre conectado de maneira en-cantada, ou seja, ritualisticamente cíclica como as nascentes vitais, ritmicamente mítica, imagetivamente musical e, por ser musical, escutateante e vibracionalmente microfísica também. A comunicação cósmica é a vida guarani. E a multiplicidade de sentidos movimenta cada expressão. *Nhe'ẽ* é composta de *he'ẽ* que significa “doce; doçura”. Uma condição sensorial das abundantes águas pindorâmicas e da en-cantada umidade de suas florestas. Toda voz da floresta é composição úmida e vibracional enquanto nascente vital. Tudo vibra por arranjos co-implicados.

multiplicidade de pulsações vitais, em tentativa de escrevivência sem perder a múltipla circularidade urobórica e cacofônica das natuculturas. Pela redundância e pelas recorrências simbólicas. Pela abundância aquaticamente mântrica da poética de Abya Yala. Pelos múltiplos movimentos da vida que se excede e não se mantém cristalizada. Nenhum arquétipo pode acontecer parado, fixo ou cristalizado. As cartas não são marcadas porque as imagens estão sempre em movimento de imprevisíveis entonações arranjadoras de incalculáveis corpas pelos nomadismos da caminhada. Corpas invisibilizadas, mas corpas vivas de serpentes nano-afetualmente cósmicas. Corpas-avós que abocanhando o próprio rabo em errantes cosmozes inventam mundos e multiplicam natuculturas. Com a poética pachamâmica de Barros, há de se (re)conhecer a cosmicidade corporal da vida pela sábia potência matrial (não patriarcal e não necessariamente matriarcal) da metamorfose. Sem a pressa do povo da mercadoria, tais compreensões vão se arranjando pelas trilhas musicalmente vivas e encharcadas dessa caminhada com Manoel de Barros. No sonho enquanto matéria de vida primordialmente múltipla e coletiva, cada gotícula escrevvida pode se en-cantar nisso de inseparar incalculáveis fluxos vitais de grãos, partículas, ambiências, arranjos corporais e demais composições vibracionais materialmente oníricas e co-implicadas. Cada transmigração nano-afetual e afetação cosmicamente nômada sonha nossos arranjos corporais e assim vamos acontecendo enquanto composições en-cantadas. Corpas oníricas do musical e aquático ventre de Pacha que, apesar das ficções coloniais das linhas fronteiriças, gota a gota, imprecisa fronteiras fazendo a gente acontecer enquanto fractais ambulantes de uma ‘multigamia nano-afetual’ que ocorre em en-cantamento para além das visões ultra-iluminadas e apressadas da ‘virtualística’.

Os termos entre apóstrofes – entre *glotais*, como chamamos em guarani – serão aprofundados conforme as cacofônicas espirais da escrevivência, mas serão sempre provisórios. Palavras que surgem aqui como tentativa, em parte sem plenitude, de comunicações entre cosmopercepções pachamâmicas que se movimentam por multiplicidade/alteridade/metamorfose e cosmopercepções do eurocentrismo que se guia pela dicotomia/igualdade/fixação. Palavras sempre em transmutação por serem arranjadas de múltiplas vozes barreanas, ameríndias e cosmonômodas. Palavras cunhadas por mim desde uma oralidade *cunhã* (do guarani, “que se constrói e é

construída como mulher”). Oralidade cunhada de *línguas-mães* (Barros) afirmadoras da metamorfose que a vida vai sendo. Alteridade das palavras vivas por cosmopercepções matriais que sabem deixar o sonho inventar a multiplicidade da matéria vital. Sabedoria sempre aprendiz para além da visão antropocêntrica e adultocêntrica. Assim, as palavras sempre provisórias vão surgindo aqui entre glotais sem escapismo, mas glotais de úmidas fonéticas natoculturais que não separam a vida em corpos fixos, pois para as cosmopercepções matriais e cósmicas (não patriarcais e não-binárias) dos povos indígenas, e para a poética pachamâmica de Barros, a en-cantaria da vida acontece toda no metamorfoseante ventre de Pacha sem a possibilidade de ejetar-se dela. Do mesmo modo como meus ancestrais guarani percebem a vida em *Nhandetsy* (“Nossa Mãe”; “Mãe de todes nós”; *nhande* = nós; ou maneira de dizer “nosso(a)” sem sentido de posse, mas de composição coletiva e co-implicada / *ttsy* = mãe), percebida também como Mãe Terra, Gaia e incontáveis nomes vibracionais desta composição-mãe. E grafo “todes nós” porque em guarani e nas mais diversas línguas-mães das gentes de Abya Yala, Pindoretá e Nhe’ëry as palavras não acontecem, à priori, por definição de gênero e nenhum tipo de fixação. As palavras nomadizam por en-cantamentos.

O sonhar ameríndio entoia corpas que não são instituições fixas, compondo-as e proliferando-as de maneira a nunca pararem de ser compostas e co-implicadas da multiplicidade de corpas convividas. Corpas enquanto músicas vivas, líquidas, errantes, nômadas. Corpas enquanto ambiências que estão sempre em construção. Corpas que não nascem marcadas por uma identidade de gênero, por exemplo, mas que através de diversos rituais cosmo-comunitários, vão sendo arranjadas. Corpas cósmicas que, de acordo com cada trajeto, podem acontecer enquanto corpas, corpos ou corpes dando passagem a uma dissidência ancestral. Não é de hoje que diversos povos indígenas estão em retomada não-binária. Uma retomada dos territórios vivos e sensíveis que são as ambiências corporais. Durante essa *escrevivência*, teremos a oportunidade de perceber a importância de diversas vozes indígenas estarem em plena luta no sentido de evidenciar que sempre houve não somente aprovação das diferenças como também afirmação não-binária por parte de uma grande variedade de povos antes do sistema sexo-gênero imposto pela colonialidade. Não à toa são povos proliferadores de diversidade e multiplicidade num amplo e nano-afetual sentido dessas expressões. Assim como Djatsy

Djaterê<sup>4</sup>, Jurupari, *Lobisomem*, *Pé de Garrafa*, *Bernardo*, *Monge Descabelado*, *Andarilho*, *Apanhador de Desperdícios*, *Xamã* e diversas outras personagens manoelescas, “eu sou o monstro que voz fala.” (Preciado, 2022). Lembrando, aqui, palavras deste filósofo espanhol Paul Preciado tão demonizado pelo pensamento eurocêntrico quanto diversas en-cantades das culturas indígenas:

Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissedente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. (PRECIADO, 2020).

Assim também sente *dani-vi*, *dan*, *dani-vi cunhã*, *dani-vida* e tantos arranjos coletivos – como estes, não por mim nomeados – desta corpa enquanto ambiência escutadeira, entoante, violeira, aprendiz, cuidadeira, compositora e passarineira que vou sendo em dissidência ancestral. Dissidência ancestral do “vamos acontecendo” apesar da fixação colonial de cada suposta uma. Dissidência ancestral que não andarilha por binarismo do humano-natureza. Não se movimenta por antropocentrismo, narcisismo, individualismo, posse, controle e extrativismo das pulsações vitais primordialmente múltiplas. Se o futuro é ancestral, a dissidência também é Pacha. Uma corpa de múltiplas corpas e nano-corpas que vai acontecendo pelo gostar de ficar

---

<sup>4</sup> *Djatsy Djaterê* é um sábio encantado para a milenar cultura tupi-guarani, guardião da floresta, das curas e das plantas-mestras. Pita um *petynguí* (cachimbo) e balança um colarzinho para fazer encantamentos, ajudar aldeias e todas gentes da floresta nas mais diferentes situações. Se apresenta com a aparência de um jovem guarani, mas muitas vezes pode surgir como um redemoinho de vento, como um pássaro, um cão ou mesmo passar de maneira invisível. Trata-se de um trickster pindorâmico que, para proteger a floresta, acaba fazendo o que os colonizadores chamaram de “arte” (sendo “arteiro” como muitos dos encantados, quando não, demonizados) e pode até fazer o invasor se perder ao escutar seu canto quando surge em forma de pássaro de modo que o violador dos territórios sensíveis da floresta (ou seja, o não-indígena) não consiga mais encontrar o caminho de volta para sua casa. Escapando de tentativas de aprisioná-lo em garrafas, roubar-lhe seus artefatos e bloquear suas magias vitais, *Djatsy Djaterê*, assim pronunciado, também já foi muito grafado como Jaci Jaterê, Jaxy Jatere e Jasy Jaterê. Nos processos de colonização, deformação cultural, apropriação e apagamento, surgiu o “Saci Pererê” com mutilações culturais apoiadas editorialmente pela língua portuguesa e mantendo algumas deturpadas semelhanças tanto com o encantado guarani como com um encantado africano também passado por um processo de extração de suas pulsações originárias durante a escravidão aqui onde hoje é esta Afro-ameríndia. Por ironia do acaso ou traquinagem dos encantamentos, “pererê”, em guarani, significa “pum” ou “puns sequenciais” ou “aquele que peida”.

gerundiando sabores da interrogação sem *linguagem explicativa* (Barros) para os mistérios vitais que só vivem por acontecerem enquanto mistérios.

Mesmo que o foco dessa pesquisa não seja exatamente a não-binariedade, torna-se imprescindível afirmá-la para (re)conhecer a cosmicidade da poética pachamâmica de Barros e sua maneira de arranjar(-se com) as corpas de Pacha. Os ocasos barreanos são oportunidades de viagens cósmicas por uma sensibilidade crepuscular como sinônimo de nomadismo. Para além da dissidência do sistema sexo-gênero, minhas retomadas enquanto ‘composição viva’ seguem ancestrais desde que me (re)conheço por arranjo de gente. Em retomada sem fim, essa escrevivência segue crepusculando as pretensas fronteiras do pensamento dicotômico, buscando (re)conhecer com os andarilhamentos barreanos a multiplicidade de pulsações vitais que não se encerra na ideia eurocentrada de corpo e de corpo-alma. Portanto se faz necessário afirmar a linguagem não-binária<sup>5</sup> – também conhecida como linguagem neutra – para além do extrativismo colonial. Nessa toada de múltiplas entonações pachamâmicas, ganha passagem a generosidade de diversas vozes e escutas que também participam do meio acadêmico. A academia não apenas contamina o pensamento, mas pode ser contaminada por nomadismos das epistemologias indígenas e não-binárias. Mas sempre a partir da corpa originária. A corpa de Pacha nos arranjos de múltiplas corpachas. Corpa cósmica que entoia *línguas-mães*, nomadiza linguagens e seus fascismos, metamorfoseando-as pela musicalidade vital das oralidades. Se eventualmente as convenções da palavra utilitária e as fixações dos dicionários coloniais não conseguem cumprir de maneira total os extermínios epistemológicos e marginalizações de cosmopercepções, com Manoel ocorrem en-cantamentos das

---

<sup>5</sup> Assim como a ordinariedade da poética barreana desinventa palavras por estar interessada em tudo que é silenciado, invisibilizado e marginalizado, a linguagem não-binária não é uma imposição dos movimentos feministas ou LGBTQIAP+, e sim uma busca por (re)conhecimento de trajetos e grupos historicamente marginalizados. Assim é que as cosmopercepções biocêntricas e nano-afetuais de Barros ironicamente afirmam: “Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões.” (Barros, 2010:13 - MI). Assim como as *línguas-mães* barreanas, a linguagem não-binária acolhe e aprova a diversidade, contaminando a intolerância de gênero, o antropocentrismo e não privilegiando um determinado grupo em detrimento de outros. Entre as pessoas que não se enquadram no binarismo de gênero estão as agêneras, transgêneras binárias e não binárias, travestis e inúmeras intersecções que a linguagem não-binária abarca. Uma maneira de tecer a escrita pela força da oralidade, fugindo do modo colonial de representar que é centralizado no masculino genérico.

‘corpachas’ barreanas permitindo vazões de múltiplas vozes. Corpas de Pacha que pedem linguagens natuculturalmente não-binárias a partir da música aquática do grande ventre pantaneiro de Barros. A partir da sabedoria matrial de aprovar as diferenças e proliferar a metamorfose.

As palavras então vão se arrajando matrialmente. E diante do pensamento dicotômico, a escrevivência se contamina de cosmicidade ora por linguagens não-binárias de nossas natuculturas, ora subvertendo a polarização do homem-mulher (Adão-Eva), assim como propõe a pensadora aymara Julieta Paredes com composições que partem da matrialidade da vida, ou seja, da Corpa de Pacha que acontece nos arranjos de todes conviventes dela. Paredes segue insurgindo a cosmicidade aymara pelo pensamento arranjado a partir do *warmi-chaca* (“mulher-homem”, para seu povo), acontecendo assim como se lê da esquerda para a direita. Enquanto as vozes mapuche, por exemplo, buscam afirmar a não-binariedade através de uma linguagem radicalmente neutra, vozes aymara da contemporaneidade seguem com a perspectiva *warmi-chacha* (mulher-homem) que representa a estrutura simbólica das comunidades originárias e sua figuração enquanto complementaridade horizontal, com alta reciprocidade existencial, representacional e decisional, sempre a partir do espaçotempo que vai sendo a sábia Pacha. No mesmo sentido é que a escolha de entoar, grafar e ressoar a noção de ‘corpacha’ barreana aqui, vai acontecendo para além do sistema sexo-gênero vibrando nomadismos cósmicos das epistemologias matriais. Assim ‘corpacha’ pode ser lida de maneira não-binária e não fixada na masculinidade do termo “corpo”. Para além do pensamento dicotômico, machocêntrico e antropocêntrico, incalculáveis gentes biocêntricas e nano-afetualmente cósmicas vão proliferando a vida pelas cacofonias nas circularidades pachamâmicas da poética barreana.

Na cultura guarani, por exemplo, cada arranjo vivo ou pessoa pode vibrar um, dois, três ou mais nomes e múltiplas formas de se apresentar. Para além da binariedade do “significante-significado” e de que “isso significa aquilo”, a luta aqui é por deixar a experiência espiralítica da *escrevivência* dar passagem a múltiplos sentidos vivos e insurgentes de uma mesma expressão, só que sem a pretensão de esgotá-la, mas de permitir que as expressões continuem vivas de suas incalculáveis pulsações capazes de girar imprevisíveis chaves cosmoperceptivas. Quando multiculturas estão em jogo

afirmativo, não se trata de entender informações, mas de tal experiência con-fluente permitir sentir a intelecção (re)conhecendo cosmopercepções. Na convivência das escutas desta caminhada dissertativa, desde às vozes de meus ancestrais, cosmopercepções pedem passagem. Cosmopercepções do sensível, compositoras coletivas de epistemologias do sensível. Epistemologias sensivelmente oníricas, musicais, ‘cosmocorporais’, ‘cosmonômadas’, proliferadoras de pulsações vitais. Cosmopercepções que, na colonialidade, fazem um esforço descomunal para continuarem vivas e en-cantadas. As linguagens e deslinguagens aqui, seguem então em metamorfose barreana por cosmopercepções indígenas.. Sem escutateá-las e (re)conhecê-las sensivelmente – cosmicamente, oniricamente, musicalmente, cinestesticamente, esteticamente, selvaticamente, nano-afetualmente, errantemente, metamorfoseantemente –, a informação, a palavra, os estudos de meio e as disciplinas apenas as silenciam antes mesmo de percebê-las.

Aqui se desdobram andarilhamentos pela úmida fruição da circularidade, na repetição e cacofonia não-binária. Circularidade de múltiplos ciclos, repetição polirrítmica, cacofônica, variações de arranjos e modulações de frequências das trilhas vivas. Espirais em que cada “ciclo se faz por um círculo, mas um círculo que não se fecha” (Jecupé, 2016).

Parentes, *txais* e *txeirū kwery*, deixemos certas expressões vibrarem repetidamente sem fixá-las ou nos fixar por elas. Con-fiemos nas artesanias afetuais da *escrevivência* mesmo diante da palavra “caos”. Há muito que ela não é novidade para nós e, independente dos julgamentos a cerca dela ou seus efeitos, não desejamos exterminá-la, pois a ideia de extermínio não nos movimenta desde nossas cosmopercepções pachamâmicas afirmadoras das escutas das diferenças conviventes. Vocês são sábias composições ambulantes das escutas dos caminhos. Dependendo de cada trajeto, certos arranjos de cada pessoa ou quase todos eles podem estar em luta, ou passar a vida nela, nas desafiadoras, vulnerabilizantes, vitais e sobreviventes tentativas de diálogos entre mundos. É o que fazem xamãs em exercício de diplomacia cosmopolítica. Com elus, estamos aqui nessa caminhada de intenso desafio de escutas e diálogos entre multi-mundos e um mono-mundo, entre pluri-versos e um uni-verso. Ambos arranjam com mais ou menos intensidade e recorrência cada ambiência corporal

e cosmoperceptiva em andamento na colonialidade, sendo despotente a pretensão de medi-las com a régua da exatidão e da moral que ignora a importância do “grau de encantamento” (Barros). Assim como meus antigos, não sou adepta do caos. Não desejo caos. Não desejo nenhuma palavra da dicotomia criadora de caos-ordem, paz-guerra, bem-mal, fora-dentro, sujeito-objeto e demais ficções instituídas pela colonização do imaginário que deixa pesadas marcas em Pacha, esta corpa cósmica e nômada.

Como tática cosmo-nômada na caminhada dessa *escrevivência*, vamos seguindo por incalculáveis afetações, desestabilizando as fixações e as binariedades coloniais para uma multiplicidade afetual e cosmótica a partir da convivência de escutas. Exercendo desaprendizagens barreanas proliferadoras de pulsações vitais que só ocorrem sem salvacionismo ou ideia de problema-solução. Sendo movidas por sensibilidades cósmicas do metamorfoseante ventre de Pacha, ciclicamente cacofônicas desde as oralidades e suas en-cantarias. Apesar do epistemicídio, do etnocídio e da cosmofobia, a tal da “floresta”, assim chamada pelos colonizadores, é uma ambiência para se encontrar, e principalmente encontrar a multiplicidade ancestral e natucultural que compõem a vida. É possível se perder na corpa-ambiência batizada de “floresta”. Isso pode fazer parte de seus rituais afetualmente cósmicos e errantemente fruidores. Mas lembre-se: somos florestas. Somos Pacha. Se você se sentir como pessoa muito perdida nas trilhas desta dissertação, recomendo seguir sem se preocupar em iluminar as palavras ou se apegar a elas, deixando-as passar despreziosamente. (Re)conheçamos que no crepúsculo, na sombra e no escuro ocorrem as nascentes vitais. E volta e meia, voltaremos nas mesmas *despalavras* barreanas recorrentemente, na intelecção de caminharmos juntas, portanto jamais atrás de um guia, mas por autonomia (do) sensível na fruição que a vida vai sendo. Ambiências sonoras e flautas en-cantadas na umidade vibracional podem lhe fazer companhia afetual e errante na jornada dessa leitura (link de YouTube)<sup>6</sup>. Que nossa experiência coletiva na repetição circular-cacofônica, aos poucos e num tempo sem medida, permita con-fluências e diferenças não excludentes, de modo a gente vibrar enquanto profunda e sábia Pacha que pulsa, entoa, flui e multiplica a vida, dando vazão às en-cantarias que nos compõem.

Aguyjevete!

---

<sup>6</sup> Link de YouTube para escutas companheiras:

[https://youtube.com/playlist?list=PLNnqkE9vcPqRJ6qIGiCA8aMqdTA6\\_1Y0s&si=dmXlzz-RUSxFsDno](https://youtube.com/playlist?list=PLNnqkE9vcPqRJ6qIGiCA8aMqdTA6_1Y0s&si=dmXlzz-RUSxFsDno)



## Apresentação por instinto de língua mãe

- 1a parte*  
*UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO*  
*As coisas que não existem são mais bonitas. FELISDÔNIO I*  
*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:*  
a) *Que o esplendor da manhã não se abre com faca*  
b) *O modo como as violetas preparam o dia para morrer*  
c) *Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos*  
d) *Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*  
e) *Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos*  
f) *Como pegar na voz de um peixe*  
g) *Qual o lado da noite que umedece primeiro.*  
*etc etc etc*  
*Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.*  
(MANOEL DE BARROS, 2010:299)
- (...) No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.*  
(MANOEL DE BARROS, 2010:394)

Caminhos são compostos pelas artesanias dos afetos, e os caminhos desta pesquisa não seriam diferentes, arranjados pelos nomadismos da música. Música enquanto condição de existência e condução da potência de vida. Música enquanto proliferação de pulsações vitais. E “ex-istência” sendo compreendida aqui como “despacho, impermanência, mudança contínua” (Maffesoli, 1997:147) para vibrar e fluir (re)conhecimentos nômades.

Vibrando cosmopercepções ameríndias por nomadismos contemporâneos, a poética barreana se dá em intenso fluxo de alteridade e proliferação das contaminações com a diferença, onde é possível experienciar uma educação cósmica, nômada e sensivelmente ‘cosmótica’ nas múltiplas interações vivas. Ela manifesta a sensibilidade perceptiva e selvagem não simplesmente natural-biológica ou essencial, mas natocultural como afirmação da vida na dimensão simbólica, estética e musical de ‘corpas-mátrias’ em constante composição por inúmeros arranjos e desarrajos no *exercício do caminho* (Durand). Caminhada com diversas instâncias de cosmicidade compositoras das corpachas.

A corpacha barreana acontece enquanto corpa cósmica através da convivência de escutas biocêntricas e nano-afetuais, ou seja, não antropocêntricas. Por um trajeto

autoformativo de inúmeras pulsações interagentes e transmigratórias sempre aprendizes de sensíveis transmutações. Educação de cósmicos nomadismos, afirmadora das errâncias dos afetos que fluem com ressonâncias aquáticas, ligantes e conectivas a grau de incalculáveis metamorfoses. “Eu não sei bem o que houve / no fim desse lugar / pois andou nele a raiz / de uma voz que crescia na relva dos peixes. (...)” (Barros, 2010:113). “Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute” (Barros, 2010:198). Tal poética musicalmente encharcada pelas matriais cosmopercepções<sup>7</sup> ameríndias, num Pantanal que “teria sido um pedaço do Mar de Xaraiés” (Idem, 2010:454), vibra a instância estética (estésica) no sensível onde a vida, os arranjos corporais, as pessoas e todas as gentes das águas, da terra, do ar e do fogo vão se compondo. Composição por um espaçotempo de intensa cosmicidade. É que “há vestígios de nossos cantos nas conchas destes banhados. Os homens deste lugar são uma continuação das águas” (Idem, 2010:198). Perceber os primeiros pulsos cardíacos nos marulhos mântricos no grande ventre pantaneiro e outras imagens labirínticas de suas águas matriais – não no que diz respeito a gênero, sistema sexo-gênero ou identidades fixas, mas a cosmopercepções não patriarcais, não binárias e não dicotômicas –, é uma busca por investigar a cosmicidade corporal de uma educação barreana nomadizante através das pulsações vitais do fenômeno musical, elementar, sinestésico e vibratório da vida e da contemporaneidade. Corpachas enquanto corpas intensamente vibrantes e metamorfoseantes, compostas por en-cantarias desantropocêntricas e cosmo-comunitarias de modo a não serem instituições fixas, mas cósmicos arranjos libidinosos de afetos que escapam a uma consciência individual. Arranjos cosmonômades, assim dizendo, que pedem passagem nessa pesquisa, por múltiplas transmutações de sujeitos silenciados e objetificados para desobjetos en-cantados.

Logo no prefácio de “Manoel de Barros – Poesia Completa”, Pascal Soto indica: “Abra este livro como quem abre uma caixinha de música”. A sugestão é para uma apreciação musical. Contemplar esta caixinha, de longe, pode parecer uma fofura. Mas é preciso ir além de uma imaginação reprodutora para se encontrar a imagem imaginada,

---

<sup>7</sup> A noção de cosmopercepções, assim compreendida pela pensadora nigeriana Oyèrónke Oyèwùmí, ressalta a não divisão do corpo (e do corpo social) em sentidos fixos, buscando fissurar a lógica cartesiana e as dicotomias “razão-emoção” e “razão-sensibilidade”, sem privilegiar uma razão que se opõe a uma emoção, para além do sentido da visão que está na morfologia do termo *cosmovisão*. Oyèwùmí (1997); “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.

como descreve Bachelard, perceber o princípio material dela, o “primitivismo das origens” (Barros, 2010:458). A poética aqui é barreana. O termo vibra diretamente seu chão transbordantemente pantaneiro e ameríndio, onde se dá sua destinação. Assim, esta pesquisa ocorre por contaminações cósmicas e aprofundamentos das águas ligantes do poeta, percebendo que a terra também é um elemento fundamental em sua obra. Com o ar e o fogo, o poeta também arranja voos, levezas, entonações, idiomas, danças, ardências e transmutações. O ar barreano ocorre pela *imaginação dinâmica* (Bachelard), essa que dá movimento à vida não deixando de estar intimamente ligada ao seus nomadismos. Mas Manoel é “de Barros” e, como descreve Cristina Campos, um “demiurgo das terras encharcadas” (Campos, 2010). As personagens são arranjos “de Barros” em diversos sentidos do nome: barro, lama, argila, charco, pantanal, terra úmida, terra fértil, generosa e proliferadora da multiplicidade vital. A terra barreana de múltiplas facetas alquímicas, sem dúvida, também suscita forças dinâmicas.

Em *A terra e os devaneios da vontade*, Bachelard descreve um sentido físico da dinâmica através do que vai chamar de *imaginação das forças*. Cristina Campos descreve bem a vontade de Barros em transformar a matéria. Isso o faz proliferar em abundância arranjos intensamente vivos em sua obra. De acordo com Bachelard, essa vontade contra a resistência da matéria é que suscita devaneios dinâmicos que nas eras do instante despertam uma resistência adormecida nas profundezas da matéria. Incitando profundezas, a água é elemento que está sempre ligando toda uma cosmicidade na poética barreana. Ela é o elemento-hormônio que sonha em profundidade ligante e chama esta pesquisa, em meio às abundantes águas pantaneiras, como sendo elemento principal entre os demais. De acordo com Bachelard, não é a sensação de fluidez o sonho mais sincero com a água, e Barros pratica sinceridades com todos os elementos por uma *sensibilidade ecológica* (Maffesoli). Os arranjos elementares dos devaneios barreanos muitas vezes são compostos e sempre complexos, trazendo à sua aquática e declarada *visão fontana*, muita fluidez, que permitirá intensa cosmicidade conectiva, feito cola muito líquida e nunca seca capaz de compor-se em sinceridade onírica com qualquer elemento. Afinal, para um poeta de intimidades tão ecológicas, tal cosmopolítica se faz diplomaticamente. Cosmopolítica elementar de *naturculturas* (Geni Núñez) evidentes com *Xamã, Bernardo, Índio, Guató, Andarilho,*

*Rogaciano, Monge Descabelado* e todas as demais personagens barreanas. Elementos imprevisíveis compõem Pacha e seus múltiplos ciclos de espaçotempo na vontade de sonhar trilhas através da artesanaria dos afetos, por uma imaginação materialista que, pela *visão fontana* de Barros, evidencia o quão material é o sonho e como este está sempre entoando os caminhos a serem seguidos. Escutateando essa caixinha de música barreana, vibra forte o que Bachelard, em *A Terra e os Devaneios da Vontade*, lembra sobre uma descrição de Baudelaire: “quanto mais a matéria é, em aparência, positiva e sólida, mais sutil e laborioso é o trabalho da imaginação” (Baudelaire, Apud, Bachelard, 2001b). Para além de suscitar dinâmicas e proliferação de diversidade, a imaginação barreana segue por sutilezas cósmicas na multiplicidade da vida, provocadoras de intensas alteridades.

Um “bem ver” é oportunidade importante, mas o *bem viver*<sup>8</sup> ameríndio ocorre primordialmente pelo bem sonhar e pelo bem escutar as matérias do sonho. Um *bem viver* que em nada se assemelha à ideia de *bon vivant* da monocultura colonial, mas se baseia em uma escuta tateante da plenitude da vida. Para cosmopercepções indígenas, o que é chamado na colonialidade de “materialismo” e “materialista” ocorre enquanto sinônimo de virtualidade e efeito ‘virtualístico’ tão bancário quanto o pensamento binário do “material-virtual”. E o que é virtualizado nas cosmopercepções eurocentradas e nortecentradas muitas vezes ocorre enquanto arranjo onírico da matéria viva de natuculturas que não binarizam as movimentações cósmicas. Não as pensam de maneira econômica, afirmando sua multiplicidade sem extrativismo. Sem buscar extrair da vida a multiplicidade de pulsações vitais. A caminhada com a poética pachamâmica de Barros é lenta e não ocorre na ânsia binária por uma harmonia ‘virtualística’ e excludente.. As cosmopercepções indígenas consideram a potência da cacofonia de modo a não excluir outras cosmopercepções, nem quaisquer vibrações dos caminhos nem nada. Afirmando cacofonias de potenciais harmonias. Harmonias nas cacofonias. Jamais harmonias que pretensamente excluem cacofonias, pois este é jogo colonial das virtualísticas. Virtualísticas por edificações imaginárias de linhas fixas que

---

<sup>8</sup> O *Bem Viver* é uma complexa filosofia de vida dos povos indígenas. Em Abya Yala, diz-se *Sumak Kwasay*, da língua quíchua (sumak = plenitude / kawsay = viver). Em tupi-guarani, diz-se *Tekó Porã* (*Tekó* = “maneira de viver; costumes da comunidade” / *porã* = “beleza; plenitude”). *Tekó Porã* é assim referido em *Nhe’ëry* e em boa parte de Pindoretá.

marginalizam a materialidade nano-afetual e sensivelmente vibracional da convivência das escutas, por cultuar o mito da soberania de uma essência, de uma alma ou inteligência oculta a ser preservada contra as inevitáveis decomposições. Essência a ser ilhada assepticamente num corpo-casa reificado, ou num estado-alma e espírito-pátria, extraíndo as pulsações vitais do que marginaliza para um pretense “fora” da vida, e fora de seu convívio, pela economia do “si”. Nas cosmopercepções dos múltiplos mundos indígenas originários da Terra, não existe algo que se resume ao sentido recorrentemente arquitetado de “corpo” ou de “casa” no imaginário colonial. Os arranjos vivos mais próximos de como acontece “corpo” são primordiais, e podem ocorrer enquanto oca, do tupi-guarani, *oka*<sup>9</sup>. *Oka* não enquanto a casa colonial, mas *oka* enquanto ambiência. Arranjo corporal ou arranjo *oka* enquanto ambiências vivas de ambiências vivas. Arranjos sensíveis às mínimas movimentações da fruição da vida, que, apesar de muitas vezes não perceptíveis, nas cosmopercepções indígenas são afirmados e tecedores do saber. A vida, em suas múltiplas afetações e inevitáveis co-implicações, está sempre pedindo passagem pela metamorfose em fluxo de uma ‘nano-afetualidade’ invisibilizada e ordinariizada pelas ‘virtualísticas’. Uma só lágrima pode vibrar o mar inteiro. Uma gota barreana sonha tão profundo quanto as águas pantaneiras. Uma gota de suor vibra eras de múltiplas caminhadas (ancestrais) para além da soberania do “indivíduo”. Imagens ora pequeninas e nano-materiais, ora invisíveis e nanofísicas oferecem um cosmos inteiro ao poeta; “(...) a córnea azul de uma gota de orvalho o embevece” (Barros, 2010:245). Tudo princípio onírico de incalculáveis contaminações da cosmicidade elementar, vibracional, musical e estética na fruição que a vida vai sendo.

Com o princípio material da imaginação, pelas errâncias sinestésicas que alicerçam o saber, pelo calor ressonante das imagens poéticas e por vibrações ora capturáveis, ora imperceptíveis, essa caixinha de música barreana é feita nas en-cantarias pantaneiras de Pacha, podendo se apresentar com muitas faces, múltiplas vozes e incalculáveis formas. Tudo conforme o acaso e o instante. Por viver de

---

<sup>9</sup> “*Oka*” do tupi e do tupi-guarani. Ou “*ó*” no tupi-guarani *nhandewa*, e de incontáveis nomes em *Abya Yala*. Partícula “*ó*” de *mandi’ó* ou *mandi’óka*. Partícula “*ó*” enquanto *Mandi*, uma *cunhataí* (jovem indígena) que, por afirmar errância e metamorfose, nas histórias dos meus ancestrais,, en-cantou-se, virando alimento para sua aldeia. “*Ó*” que é arranjo corporal feito *oka* e chamado *Mandi*.

múltiplos fluxos de alteridade e se compor de intensas confusões, há quem possa julgá-la moralmente como “coisa do demônio”. Mas para além do bem, do mal, de um suposto objeto que estaria à mercê de uma relação com um soberano sujeito, essa descoisificada caixinha en-cantada pode, por exemplo, surgir no caminho como uma concha impregnada de silêncio, como uma lata velha de ressonantes abandonos, entoando deslimites desabrochados de bestegos, monturos, decomposições, e como uma lesma nua, úmida e sensual “(...) que se arrasta sobre as pedras deixando um caminho de gosma escrito com o corpo” (Barros, 2010:181), permitindo-nos “ouvir lesma foder na pedra” (Barros, 2010:226).

Essa caixinha musical escapa ao sentido sexual colonial e machocêntrico, e seus en-cantos são libidinosamente cósmicos, num sentido nano-afetualmente vibracional, ressonante e biocêntrico. Vibra na multigamia nano-afetual das *escolas vivas*<sup>10</sup> dos caminhos. Caixinha en-cantada, sempre inacabada, surgindo também como *rascunho de pássaro* que vamos sendo. Ganha também a forma de um *caderno de andarilho* (Barros, 2010:287), de um *trapo sujo de sangue poético* e, caminhante, vibra como um *xamã merejando canto azul*. Está a todo instante nos fluxos da metamorfose, transbordando assim a potência da vida. Caixinha altamente contaminada, logo nos contagia por imagens musicais de vibrações eróticas não no sentido da pornografia falocêntrica e capitalista, mas pela sensualidade sinestésica da fruição da vida. Por múltiplas seduções ecológicas. Assim, essa caixinha en-cantada guarda também o ventre do ocaso que marulha o “idioma das árvores” (idem, 2010:482), “as canções do vento nas folhas das árvores” (idem, 2010:482), enferrujando a tarde com o ininterrupto canto das cigarras. Ela se compõe por uma manivela de eterno retorno e ao girá-la nos sentidos de seus andamentos, torna-se seio transbordante de sensibilidade: o seio da vida, o sentido, o sentir, a fricção e as dominantes reflexivas da copulação rítmica, sucção digestivo-nutritiva e verticalização postural (Ferreira-Santos; Almeida, 2012:39). Tetas de uma sábia Pachamama escorrendo a potência oral e musical impossível de ser barrada pela palavra utilitarista. “Tetas totais”, como cantam as compositoras Maria Ó e

---

<sup>10</sup> *Escolas vivas* é um termo-noção yawanawa/huni kuin para designar a vida na floresta, a autoformação comunitária e biocêntrica, as epistemologias das natoculturais e as interações afetuais dos caminhos. Termo, hoje em dia, bastante difundido entre diversos povos indígenas, tendo a educadora Cristine Takuá na coordenação do projeto Escolas Vivas em territórios yawanawa, guarani, tukano e maxacali.

Natália Ferro. Uma caixinha de ressonâncias atômicas não por lindezas fantásticas de um ouvido distante e abstrato, nem pelo sentimentalismo anestesiado ou pela ideia de emoção como pretensa e cindida oposição à ofuscada e anestesiada razão eurocêntrica, mas sim, pelos andamentos de seus en-cantamentos – no sentido mítico, musical, vibratório – ressoarem as movimentações microfísicas, elementares, hormonais dos inícios da vida, as intensas movimentações e demais nomadismos cósmicos dos primórdios da Terra, o tal do “caos”<sup>11</sup> primordial de agora, podendo então, ao modo barreano, deixar sujeita à libélula a pessoa que lê suas águas c(a)osmóticas, de substância conectiva. Primordialidades c(a)osmóticas pelos nomadismos das infâncias da humanidade. Infâncias sábias de errâncias e variações nômadias. Infâncias sempre nascentes em todas as idades da vida e de Pacha. Velhas infâncias subversivas a sistemas e Cistemas<sup>12</sup> que queiram barrá-las, contê-las, controlá-las, ordená-las, explorá-las, usurpá-las, abusá-las, silenciá-las, ignorá-las, enfraquecê-las, exterminá-las. Por ironia do acaso e en-cantaria dos ocasos, as metamorfoses da poética barreana ganham passagem através de sensíveis c(a)osmoses. O mesmo ocorre nos processos de descolonização e reflorestamento do imaginário, bem como nas retomadas de territórios sensíveis que compõem os arranjos corporais.

Essa caixinha en-cantada é um “desobjeto”, termo barreano que afirma as entonações da vida sem a pretensão de classificá-la ou separá-la de sua cosmicidade. Dessa desutilidade sonora, vaza a música aquática de um bucólico ventre pantaneiro com intensos ciclos cheios de drásticas rupturas e instabilidades, e também a música de uma líquida contemporaneidade cosmopolita e virtualísta com águas submersas e invisibilizadas, de nomadismos transbordantes pelas rachaduras, pelos uniformes, pelas

---

<sup>11</sup> “Caos”, assim percebido pelos antigos gregos autores deste termo, institucionalizado em Abya Yala na colonialidade. Ideia de “caos” que, em meio milênio de catequização e evangelização, afeta o imaginário de Pindoretá. Lembrando que há diversas maneiras de perceber o que os não-indígenas vieram chamando de “caos”. Há o incontornável caos nietzscheano que vibra com Barros de maneira declarada. Noção de inevitável caos das contingências do uno cósmico da vida que, de certa maneira, vibra com os imaginários indígenas, ainda que nossos trajetos pindorâmicos não reconheçam tal fenômeno pela noção colonial de “caos” ou algo que peça para ser pretensamente organizado, controlado ou exterminado, mas pela aprovação e afirmação das múltiplas e inevitáveis afetações da vida, da floresta, das escutas convividas nas *escolas vivas* e suas ‘cosmoses’. Complexas, incalculáveis, contaminantes e metamorfoseantes interações intensamente vivas que, mesmo nas decomposições, são cósmica e comunitariamente vitais.

<sup>12</sup> Termo utilizado por diversos pensadores que lutam pelo bem viver, pela cosmicidade multiplicadora de pulsações vitais e pela proliferação de diversidade, multiplicidade e alteridade apesar do sistema sexo-gênero, do binarismo, do pensamento dicotômico e machocêntrico.

armaduras, pelos poros, pelas contas correntes, pelas bolsas de valores e por toda excessiva virtualidade consagrada pelo projeto moderno-iluminista-machista, por seu modelo econômico de valorar e coisificar a vida, desde o etéreo, fantasmagórico, fantástico, dicotômico e necromodo ocidentalocêntrico de monopensar e meta-escrever a palavra “alma”, a palavra de um “Deus” (e único), a “palavra do Senhor”, os terrenos do céu e demais propriedades cartoreiras que fincam bandeiras, marcas e símbolos nada leves no ventre de Pacha e em seus múltiplos ambientes corporais, ou seja, nos territórios sensíveis da vida. O “povo da mercadoria” (Kopenawa), formado numa cultura excessivamente virtualística, continua fabricando marcas que pesam materialmente na pele da sábia generosa Grande Mãe conhecida na colonialidade como Terra. Evitando a escuta apressada dos heróis solares hiper-iluminados e os objetivos dicotômicos e salvacionistas do problema-solução, tal desobjeto barreano vibra múltiplas intensidades sujas e sujeitas, pois jamais se ejeta das velhas sábias potências sempre nascentes de Pacha. Co-implicação da música nano-material e microfísica da vida desde os aquáticos marulhos do ventre pantaneiro e pachamâmico de Manoel de Barros, por imaginários matriais (não-patriarcais) e cósmicos (não-binários) que se afirmam pela multiplicidade de pulsações. Imaginação matrialmente cósmica de sensibilidade nano-afetual, nômade e cosmótica na contaminante vitalidade dos acontecimentos transmigratórios e transmutantes. Matrialidade cósmica das velhas sábias infâncias de Pacha pelas primordialidades errantes, eroticamente sinestésicas, vibratórias, musicais, míticas, elementares, devaneantes, crepusculares, intuitivas, oníricas, descoisificantes, anárquicas pelas diferenças, proliferadoras de multiplicidade, desantropocentricamente comunitárias e metamorfoseantes. Epistemologias compostas dessas características e de uma diversidade de outras mais, vibrantes em cada passo destas ‘corpas-mátrias’ de Abya Yala, serão necessárias para que se contemple as ressonâncias urobóricas do aquático ventre pantaneiro e diversas atualizações dos arranjos barreanos.

A partir de meu trajeto ancestral guarani e de minhas experiências como pessoa cantautora cosmo-coletiva, música, instrumentista, educadora comunitária, aprendiz das escutas, auxiliar do sensível, terapeuta com medicinas artísticas, oníricas e natoculturais, acompanhante de processos artísticos e criativos nas linguagens e não



linguagens que movem cada comunidade-pessoa em suas atuações sensíveis, incalculáveis nomadismos não somente da intensa vida de artista, mas das pequenas ocorrências intuitivas, sensoriais, vibracionais e autônomas do dia a dia, escutateio instâncias de cosmicidade corporal da poética pachamâmica de Manoel de Barros. Vibro com o imaginário poético e sonoro da obra barreana em diálogo com a *educação de sensibilidade* (Ferreira-Santos; Almeida, 2012), partindo do entendimento de que o poeta opera, no plano estético e cultural, por uma educação de cosmopercepções ameríndias, cosmicamente nômadadas e contemporâneas, considerando o caráter polifônico, cíclico e não linear das culturas pelas cacofonias do espaçotempo de Pacha. Pesquisa inevitavelmente inseparável não apenas do meu trajeto como artista, mas da minha caminhada ancestral indígena com a arte de perceber e afirmar vida enquanto música nano-afetual e fruição corporalmente cósmica. O que talvez faça essa pesquisa ser reconhecida pela tal da “originalidade” descrita na ata da banca de arguição e para quase todas as pessoas do mundo acadêmico com quem a compartilhei até aqui. Mas é sobre esta pesquisa ser originária, ou seja, muito antiga, para muito além de um “eu”, pelas transmutações do ‘agoraqui’. Modo cosmicamente musical e fruidor de intelecção e conhecimento. Música gota a gota, potente de entonações ancestrais apesar da pretensa ideia colonial de autoria individual, da ausência de escuta, da cosmofobia, do epistemicídio, do etnocídio, e que ainda resiste justamente por ocorrer sempre aprendiz da metamorfose.

O objetivo deste estudo inseparável de meus trajetos ancestrais é buscar reconhecer o(s) acontecimento(s) do(s) vivo(s) arranjo(s) mais próximo(s) do(s) sentido(s) de corpo(s) na poética pachamâmica de Manoel de Barros como oportunidade de uma educação nômada, sensível às movimentações, às suscetibilidades, aos intensos fluxos de metamorfose como condição de vitalidade nas diversas instâncias cósmicas das imprevisíveis corpas de Pacha, aprofundando-se aqui numa instância de cosmicidade aquático-musical. Faremos isso, escutateando cosmopercepções, imaginários e epistemologias indígenas que vibram afirmativamente na razão-pacha de Barros enquanto esta prolifera as pulsações vitais das inúmeras natuculturas sem subjugar o acontecimento da ambiência corporal – e o conhecimento dos territórios sensíveis que compõem tal ambiência corporal – às ideias de fixação, cristalização,

setorização, linearização, separação, foco iluminista, ordem, controle, posse, recurso, problema-solução, problema-salvação, sujeito-objeto, fora-dentro, sonho-realidade e demais dicotomias das ficções virtualísticas que tecem o real na colonialidade.

Caminharemos aqui conscientes do complexo desafio que é, em nossa contemporaneidade, permitir fluxos às sensibilidades nômadicas e ancestrais de um saber cosmocorporal composto pela convivência de múltiplas escutas afetuais, matrialmente cósmicas (não-patriarcais e não-binárias) e comunitariamente biocêntricas (não antropocêntricas) no trajeto das errâncias que pedem passagem para a autonomia da formação sem a dicotomia professor-aluno, por múltiplas aprendizagens oniricamente simbióticas, não-antropocêntricas, nano-afetualmente c(a)osmóticas e metamorfoseantes. Tal objetivo se afirma nisso de caminhar com a poética pachamâmica de Barros pelos (re)conhecimentos das pequenas ocorrências do cotidiano vibrantes de cosmicidade corporal muitas vezes invisíveis e/ou invisibilizadas assim como a música das nascentes vitais que nos compõem como pessoas. Andarilhamentos aquático-musicais de um nomadismo contemporâneo, aqui, não pela classificação social ou antropológica de grupos étnicos, mas nomadismo como instância cósmica da vida e nas movimentações das incalculáveis pequenitades que compõem e encantam arranjos corporais nisso de serem intensamente vivos, nano-afetualmente transmigatórios, sensivelmente cosmóticos, transmutáveis, imprevisíveis, provisórios desde suas complexas e múltiplas co-implicações vitais.

A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, vale-se metodologicamente de *epistemologias indígenas* tecidas por inúmeras vozes ameríndias que se apresentarão nesta caminhada, da *fenomenologia compreensiva* (Maffesoli) e da *mitohermenêutica* ao modo de Ferreira-Santos para mergulhar na dimensão poética e simbólica da obra de Manoel de Barros, visando compreender seu caráter educativo que nos convida a andarilhar por uma autoformação de sentidos errantes e por múltiplas contaminações dos caminhos. Educação de sensibilidade cosmocorporal e cosmonômada nas múltiplas aprendizagens biocêntricas (não antropocêntricas) e na cósmica multigamia nano-afetual das trilhas vivas pelo *trajeto autoformativo* (Ferreira-Santos; Almeida, 2012). C(a)osmicidade<sup>13</sup> metamorfoseante possível pelo que ainda transborda de

---

<sup>13</sup> caosmicidade de acordo com o pensamento decolonial e cosmicidade sem ordem de fixação e medida, portanto, mais de acordo com o pensamento pachamâmico.

sabiamente selvagem e nômade pela pele cultural da contemporaneidade. Como diz a sabedoria oral pela voz de Ailton Krenak, “a vida é selvagem e escapa a qualquer designação e adjetivação classificatória”. Transbordamento “selvagem”, aqui, jamais pela ideia colonial de “ausência de cultura”, ou pela pretensa oposição entre uma ideia de natureza e uma ideia de cultura que uma só visão eurocêntrica busca impor, mas como potência proliferadora de incalculáveis natuculturas que não marginalizam e nem sobrenaturalizam a selvagem cosmicidade da vida, sentindo-a em cada instante sempre como se fosse a primeira vez, e – considerando as evidentes limitações estruturais e simbólicas do imaginário humano apontadas por Gilbert Durand –, caminhando com a poética pachamâmica de Barros no sentido de instaurar uma pluralidade cosmoperceptiva de visões sempre nascentes, inauguradoras da diferença e proliferadoras da multiplicidade em intenso fluxo de alteridade. Múltiplas culturas do selvagem como sabedoria. Sabedoria também vibrante nas culturas das infâncias e nas infâncias de todas as fases da vida, e da vida de Pacha. Infâncias que não se adaptam ao tempo linear, fazendo presentes os primórdios de Pacha, suas susceptibilidades cósmicas e intensidades metamorfoseantes, no presenteísmo do ‘agor-a-qui’. Infâncias de sensibilidade errante não infantilizadas apesar da educação adultocêntrica, da exclusividade das línguas formais e das visões virtualísticas, assim como enfatiza Lélia Gonzalez a respeito de quando não se considera as falas próprias das infâncias e das oralidades de uma enorme diversidade de povos (Gonzalez, 1983:225).

Dependendo das ocorrências dos caminhos e das imprevisibilidades do acaso, a poética barreana pode acontecer como múltiplos “encontros de horizontes” (Gadamer), sem se deixar aprisionar em essencialismos identitários, visões etnocêntricas, antropocêntricas e adultocêntricas, ressoando vibrações originárias desta Ameríndia, desta Abya Yala, desta Pachamama, desta Nhandetsy pindorâmica, deste ventre da Mãe Terra de tantos nomes que transbordam vibrações sempre sem origem fixa, ressonâncias proliferadoras de princípios vitais, vibrações primordiais, vibrações originárias, vibrações contemporaneamente nômadeas. Frequências musicais, sinestésicas e microfísicas da errância, do trânsito, da metamorfose nômade e da alteridade

afro-ameríndia e não antropocêntrica que, apesar da *necropolítica*<sup>14</sup>, ainda reinventa a vida, aprova a diferença e prolifera a multiplicidade, praticando incalculáveis nomadismos pelos poros do cosmos, pelo gesto, pelo cotidiano, pelo gosto, pelo voo, pelo mergulho e pelo sonho da contemporaneidade, inclusive como luta sensível na vida cosmopolita, independente da cor da pele e apesar da racialização colonial.

Manoel de Barros é poeta da contemporaneidade e, coincidência ou não, após atravessar diversos períodos/escolas/gerações enlatados pela classificação literária, atingiu maior popularidade apenas há algumas décadas e após seu mais extensivo nomadismo: a metamorfose talvez em grau mais intenso com Pacha: ao que chamam de morte. Morte sempre ressoante em cada gota da poética barreana. Sábia e fértil lama de Nanã dessa *Améfrica Ladina* (Lélia Gonzalez), onde a morte é necessariamente vida. Morte como vertigem aquática de potência matrial. Morte jamais separada dicotomicamente da potência da vida, da multiplicidade de ciclos vitais que compõem o espaço-tempo, arranjando, desarranjando e rearranjando incalculáveis ‘corpas-mátrias’ e demais arranjos das corpas de Pacha por um *saber cosmocorporal* a ir se desdobrando ao longo dessa escrevivência. Saber que não separa a vida em indivíduos ou corpos-estanques.

A poética latinoamericana de Barros, composta por intensas ressonâncias do imaginário ameríndio, tanto pode aprender quanto ensinar por uma autoformação que valoriza ‘pequenitades’ corriqueiras e inúmeras ocorrências nômadadas do nosso dia a dia contemporâneo, inclusive urbano, deixando vibrar oportunidades de (re)conhecimento de sabedorias ancestrais pela qualidade errante de cada instante, e assim permitir que a realidade do sonho vá entoando (re)encantamentos matriais da vida e dos arranjos corporais cosmicamente (con)viventes. Corpas de Pacha que não excluem nada, portanto não excluem a vida. ‘Corpachas’ são arranjos nanomateriais e vibracionalmente musicais, portanto mais complexas que a ideia colonial de corpo. Hora se apresentam muito maiores, hora ocorrem muito menores, ora visíveis, ora invisíveis, pois não são calculáveis. Composições que ocorrem por arranjos ‘nano-afetuais’ dos caminhos vivos. Arranjos de múltiplas seduções nano-afetuais que,

---

<sup>14</sup> *Necropolítica* é um conceito filosófico sobre as políticas governamentais de Estado controlarem quem deve viver ou morrer. A ideia foi exposta pela primeira vez em 2003 em um ensaio do filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe.

no caso de Manoel de Barros, também seguem acontecendo tanto por sua obra enquanto vida aberta em andamento, como pelas pessoas e ressonâncias que andam com ela, ambas, jamais encerradas num pretense “si” de origem fixa.

Auxiliam nessa busca diversas vozes das culturas ameríndias e latinoamericanas, entre elas, de Cacica Kerexu Yxapyry (Guarani Mbyá, PR/Brasil), Daiara Tukano (AM, Brasil), Nádia Akauwã (Tupinambá, BA, Brasil), Cristine Takua (Maxacali, MG/SP, Brasil), Tainara Takuá (Guarani Mbyá, SC/BA, Brasil), Ivanildes Kerexu (Guarani Mbyá, SP, Brasil), Xamã David Kopenawa (Yanomami, RR amazônica, Brasil), Geni Nuñez (Guarani), Aline Rochedo Pachamama (Puri, Mantiqueira, Brasil), Silvia Rivera Cusicanqui (Bolívia), María Choc (Qéqchi, Guatemala), Eliane Potiguara (RJ, Brasil), Renata Machado Tupinambá (BA, Brasil), Chirley Pankará (SP, Brasil), Txai Suruí (Paiter Suruí, RO, Brasil), Márcia Murá (Amazônas, Brasil), Tamikuã Txihí Pataxó (Tekoa Mbya, SP/Brasil), Eva Potiguara (RN, Brasil), Julieta Paredes (Aymara, Bolívia), Adriana Guzman (Aymará, Bolívia), Jaider Esbell (Makuxi), Saulo Kuaray (Guarani Mbyá), Pajé Alcindo Wherá Tupã (Guarani Mbyá, SC, Brasil), Isael Maxacali (MG, Brasil), Olívio Jecupé (Guarani Mbyá, PR, Brasil), João Paulo Barreto (Tukano, AM, Brasil), Célia Tupinambá (BH/RJ, Brasil), Glicéria Tupinambá (BA, Brasil), Tammy Tupinambá (BA, Brasil), Moara Tupinambá (BA, Brasil), Edi Sales (Huni Kuin), Tamikuã Txihí Pataxó (BA, Brasil), Watatakalu Yawalapiti (Xingu, Brasil), Carlos Papá (Guarani Mbyá, SP, Brasil), Kaká Werá Jecupé (MG/SP/PR, Brasil), Jeremy Narby, Umusi Pārökumu, Tōrāmu Kehíri, Ubiraci Pataxo (BA, Brasil), Benki Piãkko (Ashaninka, AC, Brasil), Francisco Piyãko (Ashaninka, AC, Brasil), Ninawa Pai da Mata (Huni Kuin, AC, Brasil), Cacique Babau (Tupinambé, BA, Brasil), Denilson Baniwa (AM, Brasil), Luã Apyka (Guarani Nhandewa, SP, Brasil), Itamirim Mirian Santos Oliveira (Guarani, SP, Brasil), Ailton Krenak (MG, Brasil), bem como as noções de *estesia*, *educação (do) sensível* e os *fundamentos estéticos da educação* apresentados por João-Francisco Duarte Jr, as suas ideias sobre *nomadismo contemporâneo*, *vagabundagens pós-modernas* e *saber incorporado* movimentadas por Michel Maffesoli, a *imaginação material* e a *poética* de Gaston Bachelard, o *trajeto antropológico* de Gilbert Durand – através da “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que

emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1997: 41) –, a crítica ao valor, a *transvaloração*, o *eterno retorno*, a *vontade de potência*, algo do *trágico* e muito da cosmicidade do pensamento nietzschiano, algo das *metafísicas canibais* e demais noções descritas por Viveiros de Castro, bastante de *A Queda do Céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert e muito da etimologia tupi-guarani e do *Tekó Porã* (prática filosófica do viver em plenitude) que compõem minha ancestralidade. Essas fontes foram eleitas como nascentes para os diálogos a serem estabelecidos entre nomadismos ameríndio-contemporâneos e a experiência estética numa educação de sensibilidade, considerada a partir da dimensão poética, musical e simbólica. Compreender o fenômeno estético e a busca de sentidos exercida pela hermenêutica diante dos incontornáveis e imprevisíveis contingenciamentos da vida poderá contribuir, é o que se espera, para uma educação cósmica que não divide pretensamente a vida em corpos fixos, órgãos ou sistemas, mas uma educação cosmonômada da vida que só ocorre em múltiplas contaminações e incalculáveis metamorfoses pelo *exercício do caminho* (Durand).

As corpas de Pacha, sinestésicas – de modo a não ocorrerem organizadas cartesianamente em cinco, seis, doze ou mais sentidos – e transmutantes enquanto arranjos intensamente vivos que se movimentam por imprevisíveis variações, serão fundamentais aos entendimentos que, nesta pesquisa, necessariamente também se compõem para além da ordem da percepção, mas tendo esta como o primordial nascedouro do saber, do conhecimento, da memória, do imaginário, da criação de sentido para o que nunca possuirá sentido e da invenção de vida por uma educação de cosmicidades corporais metamorfoseantes, complexas, desde o privilegiar não apenas um suposto intelecto isolado, mas também a sensibilidade do *homo symbolicus* (Cassirer), o qual se situa no mundo e compreende o real por meio do imaginário (Durand). Cosmicidade de ‘corpachas’ complexas por uma constante e radical mutabilidade que só acontece inseparavelmente da corpa-Pacha, ora por dissonâncias, ora por cacofonias.

A poesia de Manoel de Barros evidencia que não há limite entre o que se vai sendo e onde se pisa, fazendo vibrar ambiências corporais não apenas em eternas construções, mas extremamente dinâmicas de “transsubstanciação” (Barros; 2010:191)

com intensas e necessárias metamorfoses para que se dê a vida nos acontecimentos polifônicos e polirrítmicos dos caminhos, e com o todo. Assim, seguindo as errantes invenções barreanas e transmutando-as por trocadilhos assobiados com a responsabilidade apenas possível na liberdade brincante dos pequenos nomadismos do dia a dia, uma pessoa fica quase árvore quando um passarinho deseja crescer pelas insignificâncias de Barros. Em certos instantes, um silêncio de concha o água, e um sapo está mais para pedra-que-pula, enquanto a voz azul do xamã vai ficando sábia de pássaros por ascender às infâncias da humanidade. Tudo onde pré-coisas não se contêm como pretensos objetos e, por vezes, nem sujeitos. Noutros muitos instantes, sujeitos cosmicamente sensório-coletivos, “adejantes” (Barros; 2010:180), pairantes, esvoaçantes, líquidos, mutáveis e efêmeros como nuvens, compostos de entoantes vozes de “coisas ainda inominadas como no começo dos tempos...” (Idem; 2010:210). Essa caminhada pachamâmica com Barros não é sobre sermos sujeitos fixos, nem cada pretense “indivíduo” ser uma molécula de um organismo maior. Mas sobre irmos ocorrendo enquanto arranjos vivos da en-cantaria de incontáveis moléculas e mínimas afetualidades incalculáveis. É também sobre isso de ocorrer enquanto “sujeito inviável” como expressa o poeta, fissurando a soberania do sujeito, a visão colonial do sujeito-objeto e demais binárias insistências de controle, fixação, poder e extração das múltiplas pulsações vitais, como as ideias de fora-dentro, corpo-alma, corpo-mundo, bem-mal, etc. “Poeta, s.m. e f. // Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu / Espécie de um vazadouro para contradições / Sabiá com trevas / Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como um rosto” (Idem; 2010:182).

*Nos resíduos das primeiras falas / eu cisco meu verso / A partir do inominado /  
e do insignificante  
é que eu canto / O som inaugural é tatibitate e vento / Um verso se revela tanto  
mais concreto quanto seja  
seu criador coisa adejante / (Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra  
até de encontro com uma palavra).  
BARROS (2010:180)*

*Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, / e meu canto. / Meu canto  
reboja.  
Não tem margens a palavra. / Sapo é nuvem neste invento. / Minha voz é úmida  
como restos de comida.  
A hera veste meus princípios e meus óculos. / Só sei por emanações por  
aderência por incrustações.*

*O que sou de parede os caramujos sagram. / A uma pedrada de mim é o limbo.  
Nos monturos do poema os urubus me farreiam. / Estrela é que é meu penacho!  
Sou fuga para flauta e pedra doce.  
A poesia me desbrava. / Com águas me alinhavo.*  
BARROS (2010:180)

Escapando de uma concepção econômica da existência e afirmando a cosmicidade da vida em abundância ecologicamente c(a)osmótica, a poética barreana entoa repetidas vezes termos como *monturos, defecações, ferrugem, limbos, bosta, bestegos* e *escórias* que vão transmutando a vida, metamorfoseando coisas para *desobjetos* vivos. Desobjetos enquanto microambiências nano-afetuais sujeitas a contaminações cósmicas. Vibra em sua caminhada um nomadismo cosmo-comunitário de imaginação tanto nanofísica quanto oniricamente alquímica sem separar essas instâncias, pois sua escuta tateia, seu olho sente e seu coração pensa por múltiplas composições. E não apenas o coração, mas o pâncreas, o intestino, os lactobacilos, as moléculas de ar que se respira e as abelhas também compõem tal pensamento. Gotas de orvalho, peixes, sapos, vaga-lumes, limbos, ferrugens, bestegos e decomposições também pensam em Manoel. Em *Sobre o Nomadismo* (1997), Maffesoli diz que “a alquimia, aqui, pode ser um modo metafórico, com muito para nos ensinar, e a *putrefaction* é frequentemente a garantia para uma metamorfose ou para uma tranfiguração da realidade (...)” (Maffesoli, 1997:60). Diferentemente do pensamento dicotômico-binarista-eurocêntrico-colonial, de acordo com Manoel de Barros, seu “LIVRO DE PRÉ COISAS”, por exemplo, é uma transcrição de um “TRATADO DE METAMORFOSES” de seu irmão que:

*Era um ente irresolvido entre vergôntea e lagarto. Tordos que externam  
desterro sentavam nele.  
Sua voz era curva pela forma escura da boca. (Voz de sótião com baratas  
luminosas.)  
Dava sempre a impressão que estivesse saindo de um bueiro cheio de estátuas.  
— Conforme o viver de um homem, seu ermo cede — ensinava. Era a cara de  
um lepidóptero de pedra.  
E tinha um modo de lua entrar em casa. Deixou-nos um  
TRATADO DE METAMORFOSES cuja Parte XIX, Livro de pré-coisas,  
transcrevemos. (BARROS, 2010:218).*

Os brejos com rumor de útero que muito repercutem os arranjos das ambiências corporais da poética barreana, de modo a também acontecerem enquanto estas,



movimentam-se por corpoéticas. Corpoéticas que transbordam cosmopercepções aquáticas, matriais, musicais e metamorfoseantes dos guatós, dos guanás, terenas e guaranis recorrentemente expressos em sua obra, num Pantanal ameríndio enquanto instância estética na cosmicidade da vida. E para entender essa instância sensível, a poética barreana pede para sair das palavras isoladas, pela experiência de ‘corpos-pacha’. Corpos de Pacha. ‘Corpachas’ matriais. Corpas. Em minha tentativa de expressar sensações da caminhada com Barros, em sua cosmicidade matrial, tenho chamado de ‘corpacha’ tanto a corpa de Pacha, como principalmente as múltiplas corpas de Pacha. Esses múltiplos arranjos musicais, vibratórios, microfísicos que se en-cantam para a vida e apresentam corpas, corpos e corpes que não necessariamente se limitam às pretensas fronteiras da pele. Pelas cosmopercepções ameríndias com Barros, ‘corpachas’ enquanto arranjos ‘nano-afetuais’. Arranjos de arranjos co-implicados em uma multiplicidade de arranjos. Com diversas instâncias de cosmicidade. Eis a complexidade sensível dessa en-cantaria. Arranjos ‘nano-afetuais’ de corpos-caminhos-(en)cantados e demais territórios sensíveis: múltiplas corpachas. Pois afetos são incalculáveis como en-cantarias. En-cantarias nano-afetuais da vida que reservam mistérios para além da instância microfísica. Não há máquina que possa fotografá-las. Mas ocorrem pelas matérias do sonho e, a todo instante, arranjam, desarranjam e rearranjam ‘corpas-mátrias’ jamais cristalizadas, e sim musicais, aquáticas, ligantes, dissonantes, cacofônicas, enquanto arranjos de múltiplas afetações suscetíveis a transmutações. Composições corporais que não se resumem à ideia de “corpo” fixada pelo pensamento eurocêntrico. ‘Corpachas’ enquanto arranjos nano-afetuais intensamente vivos, transmigratórios e praticantes de ‘cosmonomadismos’ para que a vida aconteça. Corpachas: corpas cósmicas, cosmonômadadas e metamorfoseantes que a todo instante estão se arranando por contaminações nano-afetuais de incalculáveis entonações. ‘Corpachas’ enquanto territórios sensíveis. Corpachas que muitas vezes são ambiências. Paisagens en-cantadas que muitas vezes são corpas, como o *peito do céu* e a *barriga da terra* para os Yanomami. Como a “crina do vento” para Manoel (Barros, 2010:464). Uma crina real por acontecer da materialidade onírica - por uma maneira materialista de imaginar e sonhar a vida - que vai proliferando composições errantes, em cosmicidade corporal, de

acordo com as imprevisibilidades dos caminhos, por contaminações nano-afetuais, transmigrações cósmicas, impregnações, transmutações, ligaduras, arranjos e desarranjos. “(...) 27 No olho songo do lagarto nasce um pedaço de nuvem. / 28 O corpo do rio prateia quando a lua se abre. / 29 Na beira da mosca o céu parou o dia parou. / 30 O dia estava em condições de boca para as borboletas. / 31 O lírio e as garças são imaculantes.” (Barros, 2010:417). Eis o cosmonomadismo que Barros faz aqui se *escrever* (Conceição Evaristo). En-cantaria nano-afetual desde os vestígios de nossos cantos nas conchas dos banhados barreanos, que fazem as gentes desta Abya Yala pindorâmica serem uma continuação das águas, filhos da “gente das águas” (KOPENAWA, 2019:93).

A “ligadura” é uma expressão tanto do universo musical – sobre a inseparabilidade conectiva entre uma nota e outra – quanto aquaticamente alquímica, vibrante também no imaginário xamânico e na imaginação material de Bachelard quando este se refere ao devaneio poético com o elemento-hormônio água. Nas práticas xamânicas e nos trabalhos da imaginação, a água faz incalculáveis ligaduras cósmicas com o elemento terra, gerando um elemento composto – barro, lama, massa, etc – de imprevisíveis efeitos. Água que num sonho sincero devaneia conectividades a partir da mais mínima gotícula. Água nano-afetual que promove ligaduras a todo instante. Gotículas ligantes e provocadoras de cosmonomadismos. Múltiplas ligaduras ora cacofônicas, ora dissonantes. Água en-cantada enquanto uma das diversas instâncias de cosmonomadismo barreano em seus contínuos trânsitos cósmicos transmutantes. Na abordagem por um saber cosmonômade e uma estética de nano-nomadismos contaminatórios, Barros me faz escutatear o que deixa circular de poética viva, materialmente onírica, elementar-hormonal, musical-vibracional, microfísica – logo nano-afetual –, que vibra metamorfoses. Sigo então por essa tática sinestésica de co-implicações<sup>15</sup> sensíveis e interações ora capturáveis, ora não capturáveis. Investigo cantos, afetos, devaneios da matéria e descartes humanos sem luvas assépticas e controles remotos. Fractais das fronteiras vivas que vamos sendo: essas inutilidades musicais. “(...) As coisas da terra lhe davam gala. / Se batesse um azul no horizonte seu

---

<sup>15</sup> co-implicações como sinônimo de “complicações”.

olho entoasse. Todos lhe ensinavam para inútil. / Aves faziam bosta nos seus cabelos” (BARROS, 2010:303).

Escutatearemos também que, por seguir por errante fruição oniricamente c(a)osmótica, a poética barrena se faz sensível educadora por não recorrer ao subjetivismo das fixações da linguagem e seus utilitarismos. “Nossa linguagem não tinha função explicativa, mas só brincativa” (Barros, 2011). “Não gosto das palavras fatigadas de informar.” (Idem, 2010:13 - M.I.). Aveso à *linguagem explicativa* exacerbada pelo pensamento moderno-colonial, o Poeta diz: “Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.” (Barros, 2010:13 - M.I.; O apanhador de desperdícios). Assim, andarilharemos com a *invencionática* musical de ‘cosmocorpas ameríndias’ desde pindorâmicas e pachamâmicas. Corpas cosmicamente nômadadas da contemporaneidade e uma educação ‘cosmonômoda’ e c(a)osmótica vibrante na poética barreana, pedindo para que os caminhos desta pesquisa sejam trilhados por ‘epistemologias pachanômadas’ que vão pedindo passagem ao longo dessa escrevivência, necessariamente conectada com um ‘saber cosmocorporal’, ‘nanoafetual’, matrial, comunitário, musical, aquático, ligante, ecologicamente erótico, libidinoso, transmigratório, contaminatório, metamorfoseante e desutilitário, guiado pela “língua mãe” (Barros) barerana na cacofônica música da vida. ‘Epistemologias pachanômadas’ pelo que Boaventura de Souza Santos chama de *pluralidade epistemológica*, ou seja, por “confluências epistemológicas e não por exclusões e negações”, como disse Ailton Krenak em um encontro, evitando assim o caminho etnocêntrico, antropocêntrico e adultocêntrico do pensamento colonial e sua ideia de *verdade* como operadora de poder. Epistemologias que priorizem a autoformação no senso matrial e comunitário (Ferreira-Santos).

Não posso deixar de citar vozes que cacofonizadas aos nomes já mencionados, compõem arranjos de afeto pelos caminhos sempre coletivos dessa pesquisa, portanto, de incalculáveis saberes: Cecilia Vicuña, Clarice Lispector, Mia Couto, Orides Fontela, Grada Kilomba, Chimamanda Ngozi Adiche, Oyèrónke Oyèwùmí, beel hooks, Silvia Federicci, Glória Anzaldúa, Lélia Gonzalez, Donna Haraway, Simone de Beauvoir, Paul Preciado, Nego Bispo, Erica Malunguinho, Suely Rolnik, Sueli Carneiro, Angela Davis,

Judith Butler, Nise da Silveira, Hannah Arendt, Cristina Campos, Elizabete Oliveira, Giselly dos Santos Peregrino, Erika Hilton, Bruce Albert, Luiz Bolognesi, Lara Jacoski, Lia Minápoty, Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Nuria Gollo, Aida Quilcué, Maya Tibana, Ariabo Kezo, Edson Krenak, Agostinho Manduca, Mateus Ika Muru, Tiago Hakiy, Edson Kayapó, Estevão Carlos Taukane, Jaime Diakara, Yaguarê Yamã, Rosi Waikhon, Jera Poty Mirim, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Hèlene Clastres, Pierre Clasters, Els Lagrou, Eduardo de Almeida Navarro, Moema Viezzer, Marcelo Grondin, João Barbosa Rodrigues, Reginaldo Prandi, Andrés Ortiz-Osés, Mircea Eliade, Michel Ocelot, Peter Pál Pelbart, Kabengele Munanga, Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Frantz Fanon, Paul Ricour, Gusdorf, Berdiev, Merleau-Ponty, Deleuze, Guattari, Michel Foucault, Ana Zimmermann, Anete Abramowicz, Cynthia Ribeiro, Patrícia Dias, Achille Mbembe, Heloísa Buarque de Hollanda, Adriana Varejão, Yaderkys Espinosa Miñoso, Alba Margarita Aguinaga, Giorgio Agamben, Fabiana Rubira, Soraya Chung Saura, Luz Marina Espíndola, Guilherme Umeda, Maytê Amarante, Sabrina Paixão, Terezinha do Amaral Lopes (Terê), Daiana Lima, Sérgio Turcão, Alzira E, Luhli, Lucina Carvalho, Sandra Melo, minhas bisavós, avós, avôs, Vó-Nena-mãe, Oswaldinho-violeiro-cozinheiro-pai, Marisa-música-sereia-mãe, Mayana-pássara-mana, sobrinho Bento-curumim-cigano-mix-hit, primas e primos músiques, entre elus, Fernando (Viana) Maranhão, Tuca Fernandes, Thaís Viana Maranhão, Mael (Viana) Maranhão, parceiros da arte e da música da vida como, Paulo Viggú (Piraju), Juliana Notari (São Paulo), Bianca Mimiza (Belo Horizonte-São Paulo), Ligia Kamada (Serra da Mantiqueira) e diversas artistas *txais*, bem como cantautoras *txeirū kwery* que multiplicam sentidos aqui para um mergulho de corpos cósmicas pela experiência estética e sensível como fonte onírica e primordial de alegria, entusiasmo, risco e conhecimento na fruição que a vida vai sendo.

*Se no tranco do vento a lesma treme / no que sou de parede a mesma prega;  
se no fundo da concha a lesma freme, / aos refohos da carne ela se agrega;  
se nas abas da noite a lesma treva, / no que em mim jaz de escuro ela se trava;  
se no meio da náusea a lesma gosma, / no que sofro de musgo a cuja lesma;  
se no vinco da folha a lesma escuma, / nas calçadas do poema a vaca empluma!*  
(Barros:, 2010:219)

A fruição cósmica da lesma pachamâmica de Barros pede passagem para

algumas considerações iniciais. Considerações errantes concebidas sem pecado, assim quase que parafraseando o poeta. Considerações para além das virtualísticas.

Descrevo como ‘virtualística’ o fenômeno que se dá por diversas composições coloniais, logo patriarcais, de inseparáveis arranjos com o individualismo, a ideia de posse, a visão cartoreira e oligárquica em exercício de poder, contando com a palavra utilitarista e contratualista, nas diversas relações do cotidiano e nas mais diferentes necro-especialidades das áreas hipercindidas do conhecimento, como se este fosse um mapa desenhável, cheio de linhas divisórias, e fragmentável. ‘Virtualística’ como fenômeno de tudo que vem do pensamento antropocêntrico-dicotômico-aristotélico-cartesiano-iluminista-evolucionista-tecnocrático-o-etc. Virtualística exacerbada principalmente através de uma angustiada divisão e aceleração do espaço-tempo pela ânsia da posse, ordem, controle, assepsia e extermínio conectada com o **racionalismo abstrato, iconoclasta e mecanicista**. Todo esse pensamento colonial, transcendentalmente atmosférico e representativo, que tem em sua morfologia o fundo judaico-cristão. Todo pensamento “iluminista-catequético” – como sempre diz Ferreira-Santos em nossos encontros – que convém também descrever, em muitas ocasiões, como iluminista-evangelístico, sinto eu, para perceber diversas entonações contemporâneas do fundamentalismo da moral, da meritocracia, do juízo de valor e demais condenações às pulsações vitais. ‘Virtualística’ ficção que tece o real. Virtualística como arma etnocida, genocida e necropolítica desde 1492, trazida pelos primeiros passos europeus nesta Abya Yala pindorâmica. Desde os mandos da palavra do Senhor, dos senhores, da moeda, do Estado, do privado, e das virais relações neoliberais sempre tão pandêmicas quanto virtuais. Toda normose que elimina as relações matriais, afetuais, cosmo-comunitárias, orais, poligâmicas, “anárquicas” e **nômadas**, em inúmeros sentidos deste último termo – não apenas sentidos sociológicos e antropológicos. Toda fixação imaginária de pretensas harmonias e de melodias excludentes. Foco cosmoperceptivo em notas subseqüentes que marginalizam a inevitável cacofonia das trilhas vivas, exterminando a música da vida ao virtualizar seus andamentos e bloquear seus fluxos com cânones e partituras de células ditadoras desde imperialismos religiosos e mórbidas repetições de crenças imperialistas.

Desde suas primeiras vozes até hoje, a fenomenologia muito nos alerta sobre tais ‘virtualísticas’, buscando sempre um olhar material, carnal e primordial com os fenômenos da vida, de maneiras que vibram intensamente com a obra de Manoel de Barros. Uma percepção sobre diversas instâncias de cosmicidade que arranjam a corpacha barreana. Uma corpa de sabedoria cosmonômada que, à priori, não precisa religar as pretensas fronteiras entre os sentidos corporais, não tendo mais também que a todo instante ligar um “corpo” à uma carne do mundo, mas já partindo da noção de que tais (re)ligações do pensamento já foram feitas com incansável esforço por diversas vozes da fenomenologia num período em que essa era uma discussão bastante marginalizada pela virtualística da cisão e do extermínio. Discussão que continua vibrando com primordialidades pachamâmicas, arranjando-se a diversas vozes nessa caminhada aqui. Mas não só.

Foram intensas as investigações da corpacha barreana com *mitãgwé* (crianças, em tupi-guarani) das escolas por onde trabalhei nesses últimos 17 anos e nos espaços de ensino comunitário e não formal que atuei nos últimos 26 anos, relatos de experiências (con)vividas com infâncias de todas as fases da vida (jovem, criança, terceira idade, gestante, adulta, bebê, uterina, vegetal, mineral, ctônica, ígnea, aquática, etc). Fora isso, desde 2009, muitas percepções estão impregnadas em vários cadernos de observações fenomenológicas que preenchi a punho com muito entusiasmo ao acompanhar as encharcadas cosmopercepções ameríndias de Manoel de Barros, bem como sua corpacha, esta andarilha cósmica que, em suas errâncias sensivelmente ‘nano-afetuais’, vai sofrendo en-cantamentos metamorfoseantes inseparados dos caminhos por onde trilha. Sem dúvida, este caráter ‘cosmonômado’ é que sempre me levou com ela.

É para além das virtualísticas que Manoel de Barros afirma a sinestesia ‘cosmocorporal’ como fonte primordial de toda compreensão, e que o ‘cosmonomadismo’ – ambos fenômenos assim percebidos e descritos por mim nesta caminhada desde 2010 – é o processo que faz a poética pachamâmica de Barros beber diretamente nessa saborosa fonte de saber, além de outras diversas movimentações cósmicas, sendo importante lembrar também que o Poeta não pretende garantir que a vida e o conhecimento se resumam à ‘sinestesia’ e à ordem da percepção. Além disso, segue por outras várias vertentes e influências culturais. Portanto, mesmo afirmando a

sensibilidade desse ‘nomadismo’ cosmocinestésico, muitas vezes faz-se necessário falar de uma noção mais abrangente de ‘cosmonomadismo’ enquanto fenômeno da vida que, muitas vezes, dependendo das imprevisibilidades pelo exercício do caminho (Durand), escapa à nossa capacidade de percepção. Mas tendo esta, obviamente, como fonte primeira (e inseparável) do saber. Assim também vibram as cosmopercepções ameríndias que se fazem pela dança cósmica na fruição da vida sem pretender explicar seus mistérios, de modo que estes não sejam cercados de (in)formações estrangulantes a ponto de organizá-los, ordená-los, estabilizá-los, fixá-los, cristalizá-los e, com isso, fazer perder a força poética e suas vibrações vitais. Esta última é uma preocupação que vibra tanto da fenomenologia, como da obra barreana e das cosmopercepções ameríndias.

A poética barreana também se percebe enquanto processo autoformativo de múltiplas aprendizagens que auxiliam a pessoa a se colocar pelas movimentações de seu próprio caminho. Assim, caminha a todo instante atualizando a cosmicidade do imaginário ameríndio na fruição da vida, bem como diversas instâncias de cosmicidade corporal, ao passo que ora fractaliza as pretensas fronteiras de corpo-mundo, corpo-alma, fora-dentro e demais dicotomias ‘virtualísticas’, ora já as encontra fractalizadas pelos trajetos das próprias cosmopercepções ameríndia-pantaneira-barreanas, fazendo a vida não apenas (re)unir as pretensas partes cindidas, como também se proliferar a partir do que é impossível de se partir. Um complexo fenômeno que com a “gramática do povo guató” (Barros) e um vasto “glossário de transnomações” (Idem), chama a sábia fenomenologia para um intenso trabalho de escutas, descrições e transcrições que ela bem sabe fazer. No caso desta escrevivência (Conceição Evaristo) que se faz agora principalmente pelo modo compreensivo que a fenomenologia vibra com Michel Maffesoli, trazendo também com alguma intensidade antigas compreensões de minha caminhada com Bachelard, pensador do além mar que traz fortes ressonâncias xamânicas em sua poética tetra-elementar, nano-material e alquímica. É que as en-cantarias da poética barreana são inseparáveis do imaginário ameríndio que, diversas vezes, é silenciado, chamando aqui por suas próprias terminologias para deixar vibrar suas compreensões diretamente por possíveis linguagens que insurgem das fronteiras criadas pela virtualística. Palavras

sempre provisórias e inacabadas. A fenomenologia então, buscará trazer de sua própria trajetória e modo de acontecer, noções que vibram intensamente com o que diversas vozes barreanas e indígenas nos ensinam, priorizando sempre estas duas últimas, a fim de harmonizarmos a metodologia desta pesquisa por ‘epistemologias pacha-nômadas’ a irem se afirmando ao longo da escrevivência. Epistemologias que, assim como Barros, não fogem das confusões sensíveis, afirmam o inevitável na cacofônica cosmicidade da vida, andarilhando sempre em zonas tidas como fronteiriças para a normose colonial, de modo à, distraidamente atentas, não exatamente (re)unir partes, mas fractalizar contornos instituídos.

A cosmicidade de Manoel de Barros é sensivelmente c(a)osmótica. Os aprofundamentos da pesquisa me levam a perceber que, nesse sentido, essa educação barreana é ‘cosmonômada’, considerando em seus vivos arranjos aquilo que a colonialidade lê como “caoticidade” por desdobramentos barreanos também arranjados por expressões harmônicas com diversas noções pachamâmicas. A questão habita muito esse lugar de ‘escutatear’ e não simplificar, não organizar, nem agilizar. Barros é bastante repetitivo e lento. As ressonâncias se repetem afirmativamente a todo momento. E em cada volta, entoa distintas e novas vibrações inseparáveis da leveza de sua caminhada.

Por mais que o imaginário seja uma eterna repetição com certas limitações, as noções barreanas de como acontece “corpo”, por sua intensa cosmicidade corporal e natocultural, geralmente não são fáceis de descrever com a escrita e compreender com o português sem perder as nascentes vitais, pedindo para que se ramifiquem por afluentes textuais que dêem passagem às vozes pachamâmicas que nelas vibram. Permitir fluxos que ocorrem entre transcrição poética e transcrição, e deixar a poesia nomadizar *palavras acostumadas* (Barros) e sentidos cristalizados do papel utilitário. Tentativa sempre provisória de deixar a pele do papel vibrar uma grande diversidade de vozes arranjadas por entonações ameríndias. Por isso, em *guata* (prática e filosofia do caminhar guarani), há um esforço fenomenológico em caminhar por múltiplas filtragens co-implicadas do caminho com a multiplicidade de vozes nas necessárias proliferações à vida para Barros e às natoculturas indígenas. Essas inúmeras vozes de distintas texturas muito suscetíveis a alterações e de transmutantes apresentações nunca estão



entoando as mesmas melodias. Ocorre que, a setorização colonial do conhecimento, a focalização temática, a especialização e a universalização epistemológica, muitas vezes impede o (re)conhecimento dessas entonações e da cosmicidade desses arranjos corporais (en)cantantes, pois para o espaçotempo das ancestralidades indígenas, não se trata de resumir certos conceitos e nos aprofundarmos em um ou outro. Mas de deixar tudo vibrando ao mesmo espaçotempo, assim como não se separa vida-música-alimento-dança-água-vento-luta-chão-eu-você-ambiência-bem-viver-etc-et c-etc.

Há também uma preocupação estético-fenomenológica e ritualística com o caminhar não-virtualístico dessa pesquisa. Cada gole de *ka'a* (mate), cada movimento da *tatatĩ*<sup>16</sup> (fumaça) do *petyngúá* (portal do tabaco; cachimbo)<sup>17</sup> e cada experimentação musical são conexões que conduzem a escrevivência. Experiências estéticas e ancestrais convividas nessa caminhada com a corpacha barreana.

Sabemos que é o imaginário, fundado no corpo social, que compõe os caminhos da vida. Mas o imaginário está intensivamente colonizado pelas ‘virtualísticas’ necroculturais.

Desde do que xamãs e diversas vozes indígenas afirmam há séculos até as preocupações de Francisco Duarte Jr. entre “a Montanha e o Videogame”, – publicação relativamente recente –, as virtualísticas já se atualizaram inúmeras vezes, e não há como negar que o imaginário já não escapa do grande videogame colonial. Estamos numa montanha russa já não entre a montanha e o videogame, e sim dentro do jogo. Mas o jogo acontece inevitavelmente co-implicado de tudo na vida. Como sempre no jogo das relações no espaçotempo da vida cotidiana. Jogo que, para as culturas

---

<sup>16</sup> para meu trajeto ancestral guarani, *tatatĩ* é a “fumaça” (lê-se “tatatin”) e pode significar “dança ou movimento espiritual do fogo” (*tata* = fogo / *tĩ* = branco; esbranquiçado; arranjo ou matéria espiritual).

<sup>17</sup> *Nhanderu* (entidade da gravidade; energia que vibra ligando conexões; responsável pela co-criação de outras entidades guarani, como *Jakaíra*, *Karaí*, *Tupã* e *Nhamandu*) deixou o *petyngúá* (*petyn* = tabaco / *guá* = portal) para os guarani de modo que ele, juntamente com *petyn* e *tatatĩ*, nos permita movimentar conexões cósmicas, diplomacias cosmopolíticas, fluxos de curas, escutas de nomes-destinações para crianças e diálogos sensíveis com tudo que vibra a vida. Ao ser soprada por xamãs com o *petyngúá*, *tatatĩ* (a fumaça) também é uma condutora que indica caminhos vitais materialmente vibracionais para diversos fins, entre eles, direções para o *nhe'ê* (vibração vital-palavra-voz) de quem se *ancestralizou* ou se *transmutou* (maneiras indígenas de compreender, e expressar em português, o que as culturas ocidentais chamam de “morte” ou “pós-vida”, pois para os povos indígenas nada se ejeta da vida e tudo se metamorfoseia materialmente e en-cantadamente em outras maneiras de vida).

indígenas, acontece por rituais cosmicamente dialógicos e afetuais da convivência das escutas. Por cosmopercepções matriais tecidas pela encantaria da artesanaria onírica dos afetos que assim, por uma imaginação cosmicamente material e nano-afetual, tece toda a vida.

Como estão sendo (re)arranjados os corpos que imaginam? Como poderemos continuar compondo os caminhos vivos da educação e fissurar os utilitarismos impregnados no imaginário?

Vivemos a ficção. Mas não o suficiente para acreditar e apostar numa suposta pós-colonialidade. Não há como deixar de perceber ambiências corporais como vida, substituindo-as por máquinas. Ao mesmo tempo, a vida vem perdendo potência sensível ao ser virtualisticamente separada em corpos fixos e hiper-individualizados. E é caminhando com Manoel de Barros, que podemos perceber a oportunidade de uma educação afirmadora da cosmicidade da vida através da cosmicidade corporal, por saberes cosmocorporais. Uma educação decolonial pelo sensível, necessariamente ‘nano-afetual’. “O céu tem três letras. / O sol tem três letras. / O inseto é maior.” (Barros, 2010:17 - MI). “As coisas me ampliaram para menos” (Idem, 2010:313 - Livro das Ignorâncias). São as *escolas vivas* da poética pachamâmica de Barros. Nascentes vitais de afetualidades moleculares, desantropocentricamente microfísicas, musicalmente vibracionais, oniricamente nano-materiais, celularmente míticas, transmigratórias e contaminantes. “Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol. A essa vida em larvas que lateja debaixo das árvores o sabiá se entrega.” (Idem, 2010:177 - Arranjos para Assobio), Nessa caminhada com a poética barreana, sinto a oportunidade de uma educação pelas en-cantarias cosmonômadas dos afetos. Sensível às nano-afetualidades e a seus incalculáveis arranjos cósmicos. Por ‘epistemologias pachanômadas’ marginalizadas e desimportantes para a colonialidade. “Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões.” (Barros, 2010:13 - MI – Memórias inventadas – O apanhador de Desperdícios).

Após o longo percurso de cooptação de sensibilidade dos últimos séculos, composições corporais contemporâneas, muitas vezes, estão com bastante dificuldade de (re)conhecer suas autonomias sensíveis e imaginar outros mundos possíveis. Corpos que não lembram mais como criar. Corpos de esquecimento. Não afirmam o sensível, as

potências da subjetividade, as vontades oníricas, e não mais proliferam nascentes vitais. Corpos entregues à (sensação de) despotência.

Sem salvacionismo e ideia de problema-solução, a poética barreana e as cosmopercepções ameríndias são sábias de escutas e epistemologias musicais. Sabem se construir como as flautas cósmicas da vida e entoar. Devanear para viver. As flautas ameríndias a todo instante são tocadas para o reencantamento da vida. Para que ela ocorra. Sopros vitais como os da flauta de pan, mas que de acordo como tem sido sopradas, geram pânico.

Como permitir às músicas que nos inventam serem sopradas pelas potências oníricas de vida na educação? Como alterar panes em que as vivências do sensível se encontram? Como não afirmar após perguntas, mas sim permitir que a cosmicidade de Pacha possa refazer tais perguntas a partir dos andarilhamentos das pulsações vitais?

Não é novidade que os mecanismos coloniais sempre foram cooptadores de sensibilidade, anestesiando as forças vitais pela domesticação do sensível, pela ficção do indivíduo, pela pretensa ruptura com o cosmos, desprezando os afetos biocêntricos e cosmocoletivos, enfraquecendo os afetos e a oportunidade da autoformação. O colonialismo, o “iluminismo catequético” (Ferreira-Santos) e o capitalismo, desde o princípio, se arregimentaram com as ‘virtualísticas’, essas armas que, conforme o uso, são paralisadoras, mortais e genocidas. Elas sempre foram pandêmicas. E uma nova versão delas na colonialidade capitalista é o neoliberalismo. Arma pandêmica ainda mais aprimorada, pois se vale do incontornável carácter contaminatório das culturas e das suas transmutações no espaçotempo. Arma pandêmica que agora mesmo conquista e bloqueia o sensível. Contaminações tão virais quanto dos microcelulares que hoje são inseparáveis do corpo social. Há séculos, xamãs, diplomatas da cosmicidade que são, sabem que a colonialidade é pandêmica.

Assim, o neoliberalismo represa e capitaliza as forças vitais para liberar e/ou bloquear o que lhe convém. Ele opera fixando o que jazem câmbios vitais, interrompendo fluxos sensíveis e extraindo potências como uma agência bancária. A economia é uma ideia virtual. Uma agência da economia coloca isso em prática. Os apps dessa agência, então, nos tornam agentes também. Aplicativos que todos carregam no próprio bolso já sem como lutar contra. Eles represam nossa memória e subtraem

liberdades oníricas das nascentes primordiais da vida, como quem impede a piracema dos peixes, estes primeiros sonhadores de Pacha. Além de úteis e solucionarem problemas do pensamento dicotômico (problema-solução), os apps vibram com diversas facetas extrativistas da colonialidade. Aplicativos feitos ao modo das injeções produzidas com conhecimentos da medicina ‘virtualística’. Algumas salvam vidas das doenças inventadas pelos não-indígenas. Mas tal agência de bolso contamina feito chuva de agrotóxico ou gripe dos jesuítas. Infecta o acontecimento da vida cosmicamente, não apenas por pixels, mas por afetações nanofísicas incapturáveis. Por forças moleculares imperceptíveis, controlando e escravizando a vida para trabalhar a favor da virtualística com arranjos aparentemente tão espontâneos e intuitivos quanto os que fazem apps de bancos hoje se inseparam das mãos e os pixels dos poros, dos neurônios, de cada gota de suor, saliva, lágrima e água doce. Mas age pelo distanciamento dos sentidos mais cosmicamente carnis e cosmocorporais da linguagem simbólica. As ‘virtualísticas’ contaminam os arranjos corporais ao passo que imaginam e criam realidades cada vez mais despotentes de vida. Despotentes e desnascentes. Conforme as criam, vão perdendo os fluxos polirrítmicos da vida w a condição primordialmente cosmo-coletiva do sonho, bloqueando a imaginação, cessando a criação vital, pouco a pouco, como um fim de mundo ao modo tão lento que fica quase imperceptível. Um eterno fim de mundo? Um caos diferente do incontornável caos de sempre?

Este exemplo de celulares e *apps* já é bastante obsoleto para o mundo que se impõem em andamento. Esse mundo ansiosamente futurista. E qualquer exemplo aqui pode parecer modismo. De outras instâncias, essas que vibram eras pelos instantes, cosmopercepções ameríndias movidas pelo tempo do mito – e não apenas pelo tempo cronológico e excessivamente solar instituído – deixam vibrar imagens primordiais por um espaçotempo tão incalculável quanto o imaginário deste. Imaginário fundado nas experiências primeiras, mais viscerais, elementares e ecologicamente cósmicas da vida. Como as imagens vibram pelas corpas de Pacha na poética barreana? Como as infâncias barreanas compreendem ‘corpachas’?

A poética pachamâmica de Manoel de Barros ocorre num intenso jogo de (re)conhecimentos sensíveis dos elementos naturais, do devaneio material, das

vibrações musicais e da cinestesia como fonte direta que a faz andarilhar para além da apatia e da anestesia geral do estado fixo de um ser, reconhecendo composições corporais e pulsações vitais por suas condições cósmicas. Cósmicas por múltiplas instâncias. Instâncias compostas por imagens ressonantes na pele cósmica das memórias inscritas, dos elementos-hormônios que sonham o imaginário, este co-tecelão da vida, desde os arranjos poético-musicais e das vibrações nano-afetuais que vão compondo a corpa de Pacha e suas múltiplas corpas. Com Manoel de Barros, ocorre uma cosmicidade carnal em complexo jogo entre o perceptível e o não perceptível. Entre o que se pega e o que não se mede pelo onirismo das escutas tateantes. En-cantaria de um saber cosmocorporal.

Sabemos do necessário jogo das trocas simbólicas para que as culturas aconteçam sendo impossíveis de insulação. Tratá-las com assepsia ou pela ficção do fora-dentro é no mínimo fascismo etnocêntrico, próprio da monocultura colonial. Mas não é novidade que as contaminações ocidentocêntricas nas culturas do mundo são invasivas, expansionistas e conquistadoras. Não (re)conhecem e não afirmam a cosmicidade justamente por agenciar invasões cósmicas, conquistas dos territórios sensíveis da vida, e não afirmarem escutas de sensibilidade cósmica nas contaminações vitais dos afetos. Apesar do evidente plano colonial de extermínio geral, culturas nômade e ameríndias ainda resistem por suas sábias caminhadas e coragens sensíveis. Mas, obviamente, nenhuma cultura ameríndia – por ser cultura – blinda-se contra as virtualísticas da inteligência cartoreira das relações, do *iluminismo catequético* (Ferreira-Santos), do pensamento moderno e da bala. Diversas culturas continuam vivas, mas com esses “artefatos” alojados em suas corpas cósmicas. Artefatos que não se é potente pensar em suas retiradas, pois já espalharam seus venenos vibratórios e muitas vezes imperceptíveis. Mas alojam-se também as mercadorias, a soja transgênica, os bois, o mercúrio, as dores das perdas, os ruídos aterrorizantes de um céu a desabar, etc e tal. As cosmopercepções indígenas estão gravemente infectadas. O xamã antes poderia curar as doenças da aldeia, mas não pode curar as doenças coloniais. Davi Kopenawa e diversos xamãs têm nos alertado sobre isso há décadas. Acompanhando a corpa dessa Pacha desde os genocidas “maus lençóis” e as primeiras pandemias evangelísticas, é possível compreender que seus fluxos vitais estão chamando por

vacinas antivirais. Vacinas que não acontecem por injeções, mas por intensos rituais en-cantados de coragem sensível. Visões macroculturais também podem ser potentes e valho-me delas nesta caminhada, principalmente das que são entoadas por vozes indígenas e ressonâncias pachamâmicas pela poética barreana, mas tal poética também está interessada nas mínimas gotículas e demais vibrações dos afetos que compõem tais cosmopercepções. ‘Pequenitades’ do sentido sim. A cinestesia sim. O mistério também sim. As en-cantarias com os elementos-hormônios do cosmos e com uma diversidade de ‘nanoafetos’ que às movimentam. Múltiplas contaminações vitais diante das contaminações coloniais.

A poética pachamâmica de Barros traz nela uma sabedoria a ser escutada: a *diplomacia cosmopolítica* (João Paulo Barreto Tukano). Uma diplomacia ‘nanoafetual’. Uma sabedoria xamânica. Não se trata nunca de exterminar. Não se trata nunca de eliminar uma "doença". Mas de dialogar en-cantadamente para que, por livre potência vital, o que está bloqueando a corpa-aldeia encontre fluxos vitais pela floresta. É como acontece, por exemplo, a condução xamânica com *xapiris* – nano-encantades da cultura Yanomami. As corpas de Pacha pedem para ‘xapirizar’ o imaginário. Demarcar sensivelmente a corpa cósmica e incalculável de Pacha, reconhecendo-a como composição-compositora de “deslimites”. Uma demarcação ‘nanoafetual’ com arranjos intensamente vivos que não obedecem as linhas geopolíticas da anatomia iluminista, a ficção das fronteiras e demais virtualísticas. É como *ywyrupá*<sup>18</sup> – assim pronunciado em tupi-guarani e muitas vezes grafado como *yvyrupá* –, ou seja, o “leito da terra”. *Ywyrupá* que por muitos milênios viveu sem ser enquadrada nas linhas virtualísticas da política de marginalização e de morte. A corpa de Pacha não se estrutura pela ideia de fronteiras delineadas, pela ideia do dentro-fora, e demais dicotomias. Aqui sim entra um complexo jogo de 'escutatear' com as fontes de saber pelo sentido, pela sinestesia, como também o que não se consegue apalpar por ser tão impalpável quanto movimentações

---

<sup>18</sup> Lembrando com a grafia do “y” procura-se uma pronúncia que se localiza, pegando como referência a língua portuguesa, entre um “ã” e um “i”, porém mais para “ã”. Um “ã” gutural. A grafia do “w” ao invés do “v” também passou a ser cada vez mais frequente por conta de um processo de descolonização das línguas indígenas, sendo que não existe som de “v” no tupi-guarani, mas sim de “w”. Um “w” próximo da pronúncia de um “u”. Do mesmo modo que no tupi-guarani não existe som de “ci”, mas de “tsy”, ou som de “j”, mas de “dj”. Assim, muitos de nós agora, inclusive representantes guarani especializados em linguística nas academias, passaram a grafar, por exemplo, *jacy* como *djatsy*, *jeroki* como *djeroky*, etc.

virais, mas no desafio de se descrever tal fenômeno por uma imaginação não ‘virtualística’. Deixar o devaneio escutatear arranjos nano-afetuais tanto de imagens elementares-hormonais, quanto vibrações nanofísicas. Numa palavra barreana: pegar delírio para imunizar a *visão fontana* (Barros) sem assepsia. Permitir que os fluxos de Pacha continuem sempre nascentes.

Perceber as despontências do pensamento virtualístico e buscar desviar suas forças como faz a xamã com a "doença" ou Barros como "fuga para água e flauta doce", não se trata de negar aspectos virtuais da vida, mas sim, de não torná-los estruturantes pelo imaginário. Ao serem excessivamente explicados, os mistérios da vida deixam de viver. É preciso deixá-los vibrar. Não há estrutura fixa. A vida pede por uma desestabilização dos fascismos das linguagens. Deixar a ‘corpacha’ entoar para além das dicotomias estruturantes e demais virtualísticas. Nisso, a poética barreana lembra de (re)inventar linguagens não utilitaristas como sua “língua-mãe”. Subversão pelo delírio da matéria, aspectos indomavelmente musicais da vida e demais vibrações que escapam aos domínios da ordem e das exatidões excessivamente solares.

O sonho é matéria de vida. Mas sem devaneio, a matéria jamais apresentaria sonhos. E o imaginário barreano está a todo instante transvendo para de-lirar a vida. “Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa. O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” (Barros, 2010:350). Assim, as oportunidades educativas – aqui, autoformativas – de suas cosmopercepções comunitárias escutateam caminhos cósmicos sem desviar daquilo que a colonialidade entende como “caos”, mas das inevitáveis, múltiplas e incalculáveis afetações dos caminhos vivos e da incontornável música da vida. Fenômenos inseparáveis do que lhe atormenta. Fenômenos que pro sua poética ocorrem cacofônicos, cosmonômades e sensivelmente c(a)osmóticos. Obviamente que a harmonia, enquanto (con)vivência das dissonâncias, é fundamental para cada instante do caminho. Mas o caminho no ventre de Pacha é metamorfoseante. O caminho vai sendo um *trickster* cósmico. Ocorre enquanto arranjo cacofônico, apresentando-se ora deste modo, ora por cadências de inúmeras possibilidades harmônicas. Uma, duas ou mais para cada instante de devaneio. Canções vitais, vivas de ‘devaneio-já’ – clariceando com Barros. E escutemos também a impossibilidade de separarmos entonações diante

das incontornáveis polifonias e polirritmias da caminhada. Então o caminho é de múltiplas trilhas sonoras e vibracionais. Trilhas vegetais de úmidas entonações na poética pachamâmica de Barros. Cada arranjo caminha de cacofonias atormentantes, tanto no sentido potente, como despotente. Depende do acaso e das escolhas de cada passo. E nessas, Barros se faz errante. Se às vezes gera escapismos, talvez. Não iconífico ou vanglorio nenhuma voz artista, poeta, cientista, musicista, médica, etc. Não percebo nenhuma voz como mais ou menos evoluída que outra. Nem as múltiplas vozes que arranjam cada voz. Tratar arte como algo extraordinário está longe dos sonhos ordinários de Barros. Com sua poética, incontáveis vozes marginalizadas entoam cada vez que, “neste trabalho assumimos a própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (Gonzales, 1983:225). Fora as flores que nascem dos monturos e demais defecações pelo caminho barreano, sua artesanía afetual se faz com partículas oníricas e sementes de ‘pequenitudes’. Cada semente sonha selvas inteiras. E escutatear oportunidades de educação a partir da experiência estética na fruição da vida, com Barros, parece-me potente pela errância no uno c(a)ósmico. Errância ‘nanoafetual’ por corpachas a serem melhor percebidas nesta pesquisa. Corpachas que, por pulsões vitais e nomadismos de sentidos, fogem de serem instituições fixas. Corpachas de cosmicidade libidinosamente nano-afetual que escapam intensamente à consciência individual.

A poética barrena sempre foi sábia-aprendiz de transsubstanciações, incrustações mínimas, transmigrações nano-afetuais, nômadadas contaminações c(a)osmóticas. Se faz por contágio com diferentes culturas e escolas da vida. Escutateando as águas que o compõem e mergulhando em vibrações ora perceptíveis, ora incapturáveis. Barros en-sina, ou seja, coloca-se em sina nisso de compartilhar este acontecimento cósmico das movimentações conviventes da caminhada de modo a, inevitavelmente e sem pretensão iluminista, contaminar o en-sinamento cósmico do que se choca, encontra ou acompanha sua caminhada por múltiplos e sensíveis (re)conhecimentos. Barros en-sina em seu "tratado de metamorfoses". É então deixar o coração pensante compreender que o xamã sabe sim *hackear*. Coração que bate solto no peito de incontáveis bem-te-vis. Por essas e outras que, apesar de precisar do atendimento médico convencional nas mais distintas aldeias invadidas pela normose pandêmico-cultural, ele não caminha pelo



especialismo do mundo ocidentalocêntrico, deixando-se contaminar culturalmente, ao passo que também contamina nas incalculabilidades nano-afetuais que arranjam a caminhada. Uma sabedoria nômade essa que se movimenta nas múltiplas contaminações que movimentam a vida e compõem arranjos corporais. A oralidade barreana e a compreensão musical da vida compõem a potência e a resistência sensível de suas cosmopercepções. A palavra “cura” ou a palavra “educação”, como são percebidas pelo mundo colonial, passam longe de vibrar o que faz os mundos indígenas proliferarem a multiplicidade vital. O que é chamado de corpo na colonialidade, para as compreensões indígenas, é território sensível e medicinal que, originariamente, não precisa procurar cura. Nem mesmo uma erva é identificada por função e utilidade. Tudo que vive acontece em interação afetual de múltiplos sentidos de acordo com cada instante na caminhada e na afirmação da presença cósmica. E Manoel de Barros também segue por esse *bem viver*. Temos muito a (re)conhecer com a poética barreana e as cosmopercepções ameríndias. Ambas são sempre sábias-aprendizes. E com elas, a fenomenologia e a mitohermenêutica podem caminhar nisso de exercer errâncias de um saber cosmonômade, pelo seu caráter nano-afetual. Barros está a todo instante nos mostrando como nomadizar a vida. Jamais por salvacionismos e extração de potências vitais alheias. Mas (re)conhecendo-as sensivelmente e proporcionando ‘andarilhamento’ de inúmeras pequenas liberdades que compõem uma responsabilidade *autoformativa* (Ferreira-Santos; Almeida, 2012). Tudo na (con)vivência das escutas. É promover todo tipo de política de morte tanto confinar culturas alheias, quanto querer dar pretensas devolutivas a elas. Pacha pede apenas que a escutemos co-implicada e co-implicades do que vamos sendo, desantropocentricamente. As entonações são múltiplas, cósmicas e cacofônicas.

Com as fezes, as ferrugens e os limbos, Barros decompõe o imaginário coisificado, fazendo isso por ressonâncias de imagens mínimas e vibrações cacofonicamente cósmicas. Tudo através de compreensões sobre as corpas de Pacha que as cosmopercepções ameríndias estão tentando alertar há muito. Do ventre da Terra ao peito do céu, acontecemos enquanto cósmicos arranjos de Pacha. E é com a matéria onírica de suas águas, tão perceptível quanto incapturável e imprevisível, pelas mínimas

rachaduras do tempo colonial, que a poética barreana permite o fluxo vital e prolifera a diversidade com a Mãe Terra.

Para ela e suas diversas personagens – incluindo *Xamã, Guató, Bugre, Índio, Benardo, Mulher Serpente, Caramujo-Flor, Andarilho, Lobisomem*, etc. –, a Floresta acontece co-implicada com a corpa-aldeia. A corpa-aldeia é co-implicada de um mundo inseparável de múltiplos mundos que acontecem por arranjos ‘nanoafetuais’, evidenciando que o afeto então se dá também por en-cantarias das ‘pequenitudes’ ressonantes e vibracionais, elementares e musicais, oníricas e nano-materiais.

*Aprendera coisas di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes. Disse que fosse ele caracol vegetado sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente aprender o idioma que as rãs falam com as águas e ia conversar com as rãs.* (Barros; 2010:129 - MIAI)

Cosmoandarilhemos sensivelmente na convivência das escutas, com a nano-afetualidade das línguas-mães, evitando visões apressadas, heroísmos e pretensas verdades salvacionistas. Mas no amor. Amor sem posse. Amor de Pacha. *Filia, cordis e amor fati*. ‘Nanofilia’. Tudo a grão mínimo barreano. Sábia e fértil lama que prolifera inúmeras culturas mínimas: nos bestegos, na ferrugem, no limbo, nas tramas dos andrajos, nos zum zum zuns das abelhas e nas vibrações dos en-cantos cosmicamente delirantes, simbióticos e barreanamente caosmóticos. Eles permitem sentir as flautas mágicas que vamos sendo. Os incalculáveis arranjos vibracionais que vão nos compondo e vamos compondo. Ressonâncias de flautas sensivelmente errantes e concomitantes estão a todo instante arranjando trajetos barreanos e suas corpas que andarilham cosmicamente como potência de sensibilidade desestabilizadora dos valores que negam a vida: transmutação sensível. A poética barreana pode ser uma oportunidade para en-sinamentos em como (re)conhecer imagens vibrantes, afirmar o metamorfosear das corpas de Pacha e reencantar a vida.

Que compreensões sobre corpachas e os caminhos ameríndios da poética barreana podem trazer para as composições de nossas caminhadas autoformativas?

Essas perguntas vão se transmutando e proliferando perguntas sem a pretensão de respondê-las, ultrapassando as binariedades do problema-solução, do fora-dentro, do sujeito-objeto e demais coisificações da vida só pode acontecer cosmicamente.

Sendo assim, esta dissertação acontece ao longo de três capítulos com títulos contaminados por expressões barreanas. O primeiro, COMPÊNDIO PARA USO DOS PÁSSAROS, inicia-se com uma harmonização metodológica para que a dissertação aconteça ao dar passagem a ‘epistemologias pacha-nômadas’. Movimentando-se por elas desde o primeiro capítulo, vamos (re)conhecendo instâncias de cosmicidade das múltiplas corpas de Pacha, levando em conta cosmopercepções indígenas que arranjam a poética pachamâmica de Barros, bem como seu imaginário matrial (não-patriarcal), biocêntrico (não-antropocêntrico), cosmicamente crepuscular (não-dicotômico), cosmo-comunitário, nano-afetualmente multigâmico, elementar e musical. Este primeiro capítulo descreve a força onírico-elementar-hormonal-nanomaterial e músico-mítico-vibracional da razão-pacha de Barros, suas en-cantarias cacofônicas e polirrítmicas nada romantizadas através de uma imaginação materialista jamais etérea, nem ‘virtualística’. Imaginário e cosmopercepções transbordantes nos nomadismos contemporâneos que também vibram em nosso cotidiano pelas ocorrências mais corriqueiras e ordinárias, além de um modo cósmico de (re)conhecer nomadismos e suas transmigrações nano-afetuais sensivelmente ‘cosmóticas’, suscetíveis a constante alteridade como a música. Música enquanto condição de vida. Música enquanto condução de metamorfoses e proliferação das pulsações vitais. Todo o primeiro capítulo segue acompanhando as natuculturas tanto indígenas quanto barreanas, nisso delas se multiplicarem por uma epistemologia musical, através da ‘con-vivência das escutas’, das oralidades e de uma fruição cosmo-cinestésica que não se estrutura por dicotomias como a do “fora-dentro”, do “sujeito-objeto” e do “professor-aluno”, por exemplo. A música das nascentes vitais e a força onírica da água abundantemente pantaneira e ameríndia de Barros – água enquanto elemento-hormônio imprevisível e tecelão do real –, compõem um ‘saber cosmocorporal e cosmonômade’ que vai auxiliando a tecer caminhos iniciáticos às instâncias de cosmicidade corporal da poética pachamâmica de Barros com uma série de compreensões sobre os mundos indígenas que arranjam as corpas barreanas. ‘Corpachas’ jamais fixas. ‘Corpachas’ enquanto ‘fractais de fronteiras vivas’ que vamos sendo. ‘Corpachas’ que nunca se cristalizam e vivem por fluxos de intensa alteridade assim como diverses en-cantades de um imaginário aquático-musical que vão surgindo pelas errâncias desta escrevivência –

*Djatchy Djaterê, Mulher-serpente, Uyara, Jurupari, Macunáima, Lobisomem, Pé de Garrafa, Mani*, entre outras. Corpachas que vão se movimentando por um reflorestamento do imaginário e ganhando compreensões mais aprofundadas no segundo capítulo, que leva o título de ARRANJOS CACOFÔNICOS PARA ASSOBIOS DE UM MESMO CÉU ABERTO. Este, tratará mais especificamente de como acontece o vivo, cósmico e metamorfoseante arranjo descrito como ‘corpacha’ através de diversas noções da razão-pacha aquático-musical de Barros, entre elas, ‘corpo-música’, ‘corpambiências’, ‘cosmocorpes’ e o ‘andarilhamento’ cósmico por uma ‘estética de errância nano-afetual’. Flautas cósmicas da poética barreana que compõem diversas histórias indígenas, como as do metamorfoseante *Jurupari*, vão vibrando os en-cantos das incalculáveis, incapturáveis e múltiplas corpachas. Corpachas co-implicadas da corpa chamada Pacha. Corpachas co-implicadas de corpachas. Por último, no terceiro capítulo intitulado A EDUCAÇÃO COSMONÔMADA DA CORPACHA BARREANA, faço uma retomada mais sintetizada de diversos pontos dessa escrevivência relacionados a uma educação de sensibilidade cosmonômada e às instâncias cósmicas das corpachas. Instâncias cosmocorporais de corpachas en-cantadas enquanto composições vivas que vamos sendo, jamais cristalizáveis, portanto intensamente vibrantes, nano-afetualmente c(a)osmóticas pela contemporaneidade, cosmicamente nômadas e proliferadoras de pulsações vitais. Afirmando corpachas, a poética barreana permite fluxos às múltiplas natuculturas, cultivando-as por descolonizações do imaginário numa potencial educação decolonial sim, mas uma educação decolonial (pelo) sensível. Uma educação sensivelmente decolonial que de fato permita passagem e fluxos às cosmopercepções pachamâmicas, pois estas são afirmadoras do sensível em seus múltiplos sentidos.

## Experiência estética dos rituais en-cantados às práticas fenomenológicas

A palavra utilitária não consegue conter a experiência estética no seu sentido estésico, cinestésico, vibracional, musical, afetual e coletivo. Portanto as convivências estéticas aqui são de fundamental importância para deixar ressoar percepções na caminhada da pesquisa. Ao longo dessa escrita, se tornaram necessárias citações, exposições e descrições fenomenológicas de acontecimentos da minha caminhada artística sempre inseparável de Barros, das culturas indígenas e dos nomadismos cotidianos. Instantes de devaneio musical e vertigem corporalmente cósmicas ocorridos na intimidade criadora do dia a dia da música e da educação, para mim, inevitavelmente entrelaçados às medicinas musicais, artísticas, oníricas e natoculturais, e aos trabalhos com cinema, dança, teatro, circo, marionete, poesia, performance, audionovela, jardinagem, agrofloresta, culinária, além das moradias coletivas que me arranjam como gente, ocupações comunitárias e retomadas de territórios sensíveis, seguindo sempre aprendiz das diplomacias cosmopolíticas pelo sonho enquanto matéria de vida.

Por descrições que acontecem através de uma escuta fenomenológica, espero conseguir compartilhar sensações dessa caminhada inseparável da poética pachamâmica de Barros. Essas sensações talvez possam vibrar como uma música que a gente consiga cantar juntas ainda que em pensamento. Pensamento musical, portanto, mítico, vibracional, errante, suscetível, ‘cosmótico’, cosmo-coletivo e inevitavelmente nano-afetual pela luta que é sonhar en-cantamentos, entoando caminhos com as vibrações do afeto.

Na trajetória da vida, li e reli a obra completa de Manoel de Barros diversas vezes, de maneira transversal, geralmente um poema, muitas vezes dois, ou no máximo três em cada oportunidade. Houve longos períodos de leituras diárias, quase sempre ao pôr do sol, outros de leituras mais esparsas, algumas vezes na aurora ou em noite alta, mas sempre com a entrega, contemplação e intensidade que a poesia pede. A vida, a música, a educação e esta pesquisa se misturam desde sempre por meu trajeto ancestral.

Na caminhada dessa pesquisa, pelos ritmos de sucções friccionantes com o território sensível lábios-língua-saliva-céu-da-boca-respiração, estão em contínuo movimento a cosmicidade (1) da fumaça do *petynguá* que imprecisa e irreduz fronteiras co-implicada de *terra, ar, fogo e água* desde as composições vivas do *tabaco mói* que o amado *txeirū* Netuno Borum ou *txais* Huni Kuin me enviam a cada estação; (2) do leve amargor vegetal sensível à quente liquidez do *ka'a* (erva-mate) que insepara a ancestralidade guarani de cada íntima gota em vertigem de queda, ligância e co-implicação, possibilitando *mbaraete* (força presente desde ancestral e vibracional; coragem sensível); (3) da doçura aquática da *umbauí* (flauta guarani) e demais *flautas indígenas* feitas de *takua* (bambu) de beira rio, nisso de entoar a cosmicidade afetualmente úmida da vida (acesse pelo YouTube<sup>19</sup>). Companhias vibracionais das escutas, nas leituras da água, do fogo, da terra, do ar, da madeira, das nuvens, dos cantos, das pequenitades errantes. Mas também na conexão dos *rapés* de variadas sabedorias vegetais, surgem toadas de *viola caipira de 10 cordas* (filha da *mbaraka* guarani com a viola braguesa), rifes nos demais instrumentos de cordas, muita música corporal – que percebo como ‘música cosmocorporal’ –, música de corpa-árvore, corpa-panela, corpa-mesa, corpo-vento, corpa-terra, corpa-água, corpa-mundo, ‘corpa-mátria’, corpa-árvore-mesa-panela-água-mátria, aberturas de incontáveis vozes e, pelas errâncias dessas trilhas sonoras, imagens encharcadas de Barros em múltiplas conexões sensíveis. Assim, a força poética barreana vai auxiliando a transubstanciar tais vibrações – ou seja, nunca pensar substância ou qualquer fenômeno da vida como coisa fixa ou organismo com tendências de cartas marcadas –, aquilo que seja possível de arranjar em palavras, lembrando que não há partitura colonial que consiga escrever a errância e a afirmação da alteridade afro-indígena-latinoamericana. Então, pelo impossível, são compostas aqui palavras de uma potencial educação. Educação em seu sentido urgente sim, mas principalmente, mais presente, pois acontece no instante que ela já é devaneio pelo andarilhamento musical presente, escutando as matérias de sonho e deixando-as entoar. Com isso, vibrar na *educação de sensibilidade*.

*Há um cio vegetal na voz do artista. / Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto / de alcançar o murmúrio das águas nas folhas / das árvores. / Não terá mais o condão de refletir sobre as coisas. / Mas terá o condão de sê-las. / Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,*

<sup>19</sup> Link de YouTube para escutas con-viventes:

[https://youtube.com/playlist?list=PLNnqkE9vcPqRJ6qIGiCA8aMqdTA6\\_1Y0s&si=dmXlzz-RUSxFsDno](https://youtube.com/playlist?list=PLNnqkE9vcPqRJ6qIGiCA8aMqdTA6_1Y0s&si=dmXlzz-RUSxFsDno)

*passarinhos... / Nos restos de comida onde as moscas governam / ele achará solidão.  
Será arrancado de dentro dele pelas palavras / a torquês. / Sairá entorpecido de haver-se.  
Sairá entorpecido e escuro. / Ver sambixuga entorpecida gorda pregada na  
barriga do cavalo — / Vai o menino e fura de canivete a sambixuga:  
Escorre sangue escuro do cavalo. / Palavra de um artista tem que escorrer  
substantivo escuro dele. / Tem que chegar enferma de suas dores, de seus  
limites, de suas derrotas. / Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de  
enxergar no olho de uma garça os perfumes do sol.  
(Barros, 2010:359)*

*Sapos batem palmas compridas... Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.  
(Barros, 2010:242)*

Mesmo considerando o que a fenomenologia compreende sobre a inseparabilidade da pessoa pesquisadora com o fenômeno pesquisado, essa caminhada é entoada por um cuidado para a poética da pessoa pesquisadora não se sobressair à poética barreana, não por pretensão de talento, mas por saber que o foco aqui é Manoel de Barros, a ‘corpacha barreana’ e as cosmopercepções ameríndias. Sem contar que nossas poéticas, para além de semelhanças, têm muitas diferenças. Os contágios são múltiplos e inevitáveis, mas diante do *modos operandi* que uma pesquisa científica – ainda que sobre bases vívidas, afetuais, poéticas e evidentemente decoloniais – precisa obedecer para ser considerada como tal, há um esforço descomunal para deixar fluir epistemologias indígenas, anticoloniais, e cosmopercepções pachamâmicas de Barros. Então, dani-vi escuta e tenta deixar saltar a poética barreana, esta companheira de caminhada sensível e ‘nanoafetual’. Mas uma poética quase terceira, sem contornos precisos e fixos entre uma poética ou outra, acaba acontecendo nessa pesquisa e nos encontros da vida, inevitavelmente musicais. Assim, vai vibrando uma poética barro-vi, ou então, danimanoelesca. Ela fica quase pássaro. Fica também qualquer arranjo de vida que jamais ignora as fontes oníricas de água, terra, ar e fogo. Mas aqui ou em qualquer terra encharcada desta presente ameríndia, sem dúvida, essas composições se mantêm bastante aquáticas, ‘cosmóticas’ e afetuais, escutateando entonações nanoafetuais de uma ‘educação cosmonômada’. “E sapos batem palmas cumpridas... / Aqui, as palavras se esgarçam de lodo”. (Barros, 2010:242). Nessa lama vital, a ordinariedade faz encontrar o ninguém de tudo em nós. O ninguém de nós para além dos latifúndios, da posse e demais ideias coloniais. “O nada destes nadifúndios não alude ao infinito menor

de ninguém”. (Barros, 2010:242). Esse *ninguém* está nos latidos de rua e nas memórias “imemoriais” de cada gota de suor. Atravessando *nadifúndios* ameríndios dissonantemente vibrantes também com o pensamento nietzscheano, essa escrita tenta deixar vibrar a poética manoesca de Pacha, buscando evidenciar Barros, mas inevitavelmente contaminada de sensações dani-vilescas, sem os necro-isolamentos sempre tão pretensos, e assumindo a vontade pesquisadora da escolha arranjada na *pedagogia da escolha* (Almeida, 2015). Com ela, a escuta aqui vai chamando aquilo que mais percebe como potência para a caminhada. Nesta pesquisa, buscando estar distraidamente atenta à caminhada da vida, ou melhor, ao andamento necessariamente musical, polirrítmico, errante e sensivelmente c(a)osmótico. Numa palavra, ‘andarilhamento’.

A prática de devaneio musical – uma das maneiras de vivenciar ‘cosmonomadismos’ – antes, durante e após cada escrita convivida, assim como as ocupações elementares na vida comunitária, nos exercícios de diplomacia nano-afetual nas escutas das hortas, das cozinhas, da educação, das apresentações artísticas, ensaios, gravações, das arteterapias, das medicinas nômadas, dos acompanhamentos de processos artísticos e criativos, das encruzilhadas, das cirandas debaixo de viadutos com muitas pessoas sem teto, retomadas de territórios sensíveis, da lutas anticoloniais pela vida do Avô-Rio Paranapanema, suas diversas gentes e águas de diversos territórios, e demais ocupações diante das linhas abissais compõem uma desmetodologia de quem esbarra em uns 12 leões por dia, no risco sensível de querer transmutação com eles por múltiplos en-cantamentos sem o asséptico e exterminador soberbamento do pensamento prático e necropolítico. *Necropolítica* (Mbembe, 2018) que acontece nas relações do dia a dia, inclusive com os arranjos do afeto, usurpando-os ao contaminá-los hormonalmente com seu *modos operandi* invasivo. Modos extrativistas das pulsações vitais. Essa pesquisa segue na coragem sensível de uma vida aprendiz de violeira que, apesar da ininterrupta luz colonial, transborda crepusculares rodas de afeto, com uma desmetodologia de quem está sempre diante do tempo imposto nas linhas abissais que, com a violência dos homens de bem, a todo instante surgem atravessando os caminhos que somos. Uma esquiva a cada instante, não exatamente como Belchior, mas de coração latinoamericano sem dinheiro no banco, não aceitando a normose e seus demais



produtivismos, morrendo em luta a todo instante, morrendo de tanto viver. Vivendo de tanto morrer onde vida ou morte não existe. É tudo uno em *sonhação* (Bachelard). É tudo en-cantaria de metamorfose. E é uma escolha, a luta sensível por pequeninas nascentes de vida em cada gota caída. Assim, vão se arranjando as entonações dessa *escrevivência* (Conceição Evaristo). Elas permitem que incalculáveis arranjos escapem por pouco de um pretenso si, nomadizando-o para árvore, para peixe, para ninguém bem ao modo barreano. Sendo cosmocoletivo, o sonho é matéria proliferante de vida. Sonhar é ficar inúmeras. “Não há erro, escapar por pouco é sempre sinônimo de excesso. Em relação ao sedentário, o errante é, de fato, sempre inquietante. O errante carrega consigo muitos sonhos complexos. Sonhos, sobretudo, de que ele não abdicou. Sonhos que continuam a animar sua vida e que, justamente, o mantêm no caminho.” (Maffesoli, 1997:165-166). Os caminhos então devaneiam pelos nomadismos de seus primórdios.

CANÇÃO DO VER

*Por viver muitos anos dentro do mato / Moda ave / O menino pegou um olhar de pássaro –  
Contraíu visão Fontana. / Por forma que ele enxergava as coisas / Por igual  
Como os pássaros enxergam. / As coisas todas inanimadas. / Água não era ainda a palavra água.  
Pedra não era ainda a palavra pedra. / E tal. / As palavras eram livres de gramática e  
Podiam ficar em qualquer posição. / Por forma que o menino podia inaugurar.  
Podia dar às pedras costumes de flor. / Podia dar ao canto formato de sol.  
E, se quisesse caber em uma abelha, era / só abrir a palavra abelha e entrar dentro / dela.  
Como se fosse a infância da língua.  
MANOEL DE BARROS (2010:425)*

# 1. COMPÊNDIO PARA USO DOS PÁSSAROS

## 1.1. Harmonização metodológica na cacofonia da vida

Um modo esteticamente musical de perceber a c(a)osmicidade das culturas ameríndias movimentada essa pesquisa pelos nomadismos ancestrais-contemporâneos da poética barreana. Para além do que costuma engessar imagens como as do viajante e do aventureiro, incontáveis são as entonações de nomadismos que, apesar da ideia de “Estado”, de “privado”, da necropolítica em curso e de toda a colonial repressão à vida, transbordam pela pele cósmica da contemporaneidade em nossos cotidianos. Nomadismos em cada gesto, no caminhar, nos caminhos tecidos pelas artesanias dos afetos, no plantio e preparo do alimento, nos manejos da terra, nas compostagens de apartamento, na reutilização de materiais, nas permutas sem moeda, na aquisição de roupas de segunda mão, nos compartilhamentos, nos concertos, nas customizações, nas adaptações, nas costuras dos encontros, nos festejos, nos intercâmbios virtuais, nas travessias simbólicas, nas encruzilhadas dos grandes desertos urbanos, no prazer, na dor, nos festivais, nas orgias, nas ocupações de espaços públicos, nas hortas urbanas, nas grafitagens, nos coletivos de arte, nas atividades comunitárias, nos itinerários diários periferias-centros-periferias, nos trabalhos informais, nas pequenas autonomias, em cada *saber fazer* enquanto exercício de conhecimento, nos incalculáveis desdobramentos da artesanaria musical e vibratória que a vida vai sendo, ou seja, suas necessárias contaminações nanoafetivas, seus nomadismos cósmicos metamorfoseantes, na errância, no devaneio, nas mirações do sonho, na luta, em cada mínimo passo, uma dança ancestral de múltiplas entonações nômadadas, nascentes vitais, ora latentes, ora veementes, ora perceptíveis, ora incapturáveis, mas inseparáveis de nossos trajetos no corpo-espaçotempo que Manoel de Barros revela como ventre da própria Pachamama. Xamânico ventre dessa Grande Mãe sábia de saber fazer os en-cantamentos que alimentam a vida. Se há uma aventura barreana, é nas primordialidades de ventre primordial que ela se dá. “Está na natureza das coisas estabelecer-se, institucionalizar-se, e nessa mesma linha esquecer a parte aventureira que foi a marca de origem. O nomadismo lá está para lembrar essa aventura original.” (Maffesoli,

1997:39-40). Em *Du nomadisme – vagabondages initiatiques*, Maffesoli descreve tais iniciações vagabundas “na poesia que vai celebrar o amor transgressivo, ou cantar situações anônimas que a moral estabelecida reprova no cotidiano” (Idem, 1997-40). Assim acontece com Manoel de Barros quando expressa: “O POETA (ensinado de terra) – Amar é dar o rosto nas formigas” (Barros, 2010:138). Evidencia que poeta é aquele(a) ensinado(a) de terra, de Pacha, dos princípios metamorfoseantes nas ‘pequenitades’ xamânicas da Grande Mãe. “No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito: Poesia é quando a tarde está competente para dalias. É quando ao lado de um pardal o dia dorme antes. Quando o homem faz sua primeira lagartixa. **É quando um trevo assume a noite E um sapo engole as auroras.**” (Barros, 2010:300) – grifos meus. Transmutações no ensinamento de múltiplos nomadismos ‘nano-afetuais’. En-cantamentos matriciais, anônimos, desantropocentricamente cosmo-coletivos, em diversas instâncias co-implicadas de cosmicidade. En-sinamento oniricamente visceral, sensível, musical, acariciante, elementar-hormonal e ‘cosmótico’. Um amor fisiológico, material, alquímico, sinestésico, vibracional e ‘nano-afetual’ que nos en-sina em ‘cosmonomadismos’. Um *amor fati* por sua destinação (Nietzsche).

*Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar. (BARROS; 2010:353)*

Fractalizando fronteiras entre as ideias de corpo, água, terra, rosto, formigas, tempo, espaço, música e demais ocorrências dos caminhos, Manoel de Barros, este “demiurgo das terras encharcadas” – assim percebido por Cristina Campos (2010) em sua tese de doutorado –, vai andarilhando cósmica e c(a)osmoticamente no ‘corpoespaçotempo’ composto de múltiplos ciclos de ‘espaçotempo’ como síntese jamais cristalizada da noção de *Pacha* de acordo, por exemplo, com as culturas quéchua e aymará dos povos originários da *Bolívia* e da *Cordilheira dos Andes* tão citadas na

obra barreana, seguindo em harmonia dissonante com entendimentos de Silvia Rivera Cusicanqui (2018), ou seja, *Pacha* de múltiplos mundos numa corpa-mãe composta por  $\frac{3}{4}$  de água. *Pacha* para além da ideia de “terra” e sua fixação como “recurso”, como também coloca Ailton Krenak (2019), evidenciando que para as diversas culturas dos povos originários, aquilo que o “homem branco” chama de “natureza” jamais é percebido como algo fixo, ou ainda, um “bem” ou uma “propriedade”, mas um ventre vivo, uma corpa em acontecimento indomesticável. E assim, a ‘composição-mãe’ Nhandetsy<sup>20</sup>, Pachamama, Mãe Terra ou diversas denominações ao arquétipo da Grande Mãe, faz vibrar a imagem de um grande ventre aquático, sinestésico, nanofísico, vibratório, musical, labiríntico, urobórico, intensamente conectivo e proliferador de multiplicidades cíclicas. Corpospaçotempo cósmico, matrialmente não-binário, de sabedoria ancestral em constante atualização de alteridade e proliferação vital de multiplicidade. Complexo fenômeno que para ser breve nesta harmonização metodológica, recorro à imagem de uma ‘corpa-pacha’ de intensa liquidez, composta por ressonâncias de múltiplas nano-corpas e incontáveis corpas cósmicas, cosmicamente nômadadas na metamorfose que a vida vai sendo. ‘Corpas-mátrias’ a serem (re)conhecidas nos entendimentos dessa pesquisa como ‘corpachas’ jamais classificadas e muitas vezes impossíveis de serem capturadas. Trata-se de uma complexa e intensamente mutável multiplicidade co-implicada de corpos cósmicos jamais fixos em pretensos “eus” ou “sis”. ‘Corpachas’ vibrantes e proliferadoras de pulsações vitais não obstante as necro-dissecações do pensamento colonial.

“Há nos santos grandes margens de antro” (Barros; 2010:290). E apesar de uma longa tradição virtualista do imaginário colonial – ou seja, judaico-cristã, patriarcal, machista, iconoclasta, dicotômica, binarista, cartesiana, iluminista, racionalista, asséptica, anestésica, objetivista, classista, evolucionista, heróica, estadista, oligárquica, cartoreira pelas ideias de posse, ordem, mando, individualista, moralista, adultocêntrica, etnocêntrica, antropocêntrica –, apesar também da “cooptação de sensibilidade” (A. Berleant) ocorrida por diversos mecanismos utilitaristas da história

---

<sup>20</sup> *Nhandetsy* é também a maneira de chamar mulheres xamãs e tias por parte de mãe. *Nhandetsy* significa “Mãe de todes nós” (*nhande* = nós; ou maneira de dizer “nosso(a)” sem sentindo de posse, mas de composição coletiva e co-implicada / *tsy* = mãe). Há nisso um sentido de ‘composição-mãe’ e matriz compositora da vida. A partícula *tsy* compõem diversas palavras-vibrações, como por exemplo, *e’itsy* (“mãe do mel; abelha”), lembrando que *e’i* significa “mel”.

até chegar à ordem capitalista, Manoel de Barros, a todo instante se deixa ser pego “de calças curtas” por “ouvir lesma foder na pedra” (Barros; 2010:226), evidenciando que a vida reexiste pela sensualidade da fricção sinestésica e da fruição cósmica, transbordando sabedorias primordiais na acariciante poética barreana que ocorre a grau de “transsubstanciação” com a natureza e com pequeninas “coisas vivas” (Barros; 2010:59) do cotidiano, atômicas de sensibilidade. “Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber. O saber que tem forças de fontes” (Barros, 2010: 370). A sinestesia e a estética são fontes diretas de conhecimento pela experiência das múltiplas e incalculáveis ambiências corporais. Além disso, tais fontes são matéria da vida que sonhamos. Matéria que devaneia de maneira multiplamente contaminante e metamorfoseante. A *visão fontana* de Barros lembra dessas fontes primordiais do conhecimento, assim como as velhas sábias árvores, potentes educadoras nos mundos xamânicos e indígenas, sendo suas seivas, raízes ou troncos fonte direta de sabedoria, cultura e *bem viver* num trajeto de múltiplas afetações autoformativas. Por transmigrações de pequenitades transmutantes. Uma educação de nomadismos cósmicos, ou seja, ‘educação cosmonômada’.

As águas pantaneiras e as terras encharcadas que arranjam a poética barreana também poetizam, fazendo-se assim como nascentes de saber. As culturas guarani, guató, guaná, terena, entre outras, intensamente semeadas pelo chão barreano e diversas culturas de nossa Pacha sabem que o sonho é matéria de vida e que toda a vida é composta, por exemplo, pelos elementos terra, água, fogo e ar. Lembrando que há variações de acordo com cada cultura. Os pilares do Pensamento Guarani Mbyá, por exemplo, são: *y* (água), *ywy* (terra), *ywyrá* (árvore) e *ywytu* (vento).

Vozes amaldiçoadas e alquímicas da Europa também se conectam com essa pesquisa. E de acordo com o pensamento e *poética tetra-elementar* de Gaston Bachelard, é possível averiguar que as substâncias e os elementos são hormônios devaneantes de indomesticáveis errâncias. Acompanhando a materialidade do imaginário barreano, minha compreensão é de que tais elementos-hormônios também podem ser invisíveis, nanofísicos, imperceptíveis, incapturáveis e imprevisíveis, interagindo sempre pela ordem da presença de acordo com as surpresas e acontecimentos no *exercício do caminho* (Durand). Barros sempre mostra que é preciso

não deixar de considerar a complexidade viva da multiplicidade nano-afetual e transmutante dos caminhos, evidenciando que qualquer substância ou suposta essência é sempre imprevisível e gera incalculáveis metamorfoses que a todo momento não permitem fixações identitárias ou metafísicas de cartas marcadas, considerando a *identidade* jamais como um monolito homogêneo e imutável, nem como um fenômeno apenas culturalmente e biologicamente híbrido, mas sim, como um permanente fluxo intensamente vivo, de múltiplas afetações e intensas metamorfoses cacofônicas.

Veremos aprofundamentos deste ponto num próximo capítulo que, na ‘(con)vivência das escutas’, sonho por sonho, vem se tecendo para além de uma visão engessada na ideia de essências fixas, pré-estabelecidas e eurocentrados conceitos. Capítulo sempre aberto e inseparável da cosmicidade das culturas ameríndias, suas sabedorias matriais e demais incalculáveis cosmonomadismos contemporâneos que se dão por uma radical experiência corporal, com Barros, evidentemente c(a)osmótica. E aqui jamais pela ideia do “corpo” cristalizado pela imagem que o mundo colonial buscou fixar. Mas um arranjo corporal de múltiplos arranjos corporais enquanto arranjos cíclicos de espaçotempo, elementos-hormônios e vibrações incapturáveis. *Arranjos* no sentido musical, sinestésico, vibracional e cosmicamente mutável do termo. Corpos enquanto arranjos sempre provisórios de *pacha*, em constante fluxo de alteridade. Assim dizendo, “corpachas”. “(...) Estou apto a trapo! A gente é rascunho de pássaro. Não acabaram de fazer...” (Idem, 2010:152).

Este “a gente” de Barros não está focado numa visão antropocêntrica. A poética barreana segue sempre considerando como gente todas as gentes, as tribos-pássaros, os povos-insetos, as gentes do vento, da madeira, as aldeias invisíveis debaixo da terra, os povoados mais ermos do Pantanal e as terras mais distantes das Cordilheiras dos Andes. São gentes gentes das águas e das terras encharcadas. Gentes de Pacha. Logo, Pacha também enquanto corpa, ou melhor, multiplicidade de corpas cósmicas que compõem umas às outras conforme as micro-libidinosidades transmutantes dos caminhos. Caminhos que também são corpos sempre arranjados de incalculáveis movimentações. Caminhos corporais arranjados de outros corpos e anticorpos. Tudo nano-afetualmente co-implicado de tudo. Cosmonomadismos por diversas contaminações cósmicas. Árvores que além de transbordarem seivas culturais, também são corpas arranjadas

pelos gorjeios da passarada. Gorjeios contaminados do marulho das folhas pelo *idioma das árvores*. “Eu queria aprender / o idioma das árvores. / Saber as canções do vento / nas folhas da tarde. / Eu queria apalpar os perfumes do sol. / O menino contou / que morava nas margens / de uma garça. / Achei que o menino / era descomparado. / Porque as garças / não têm margens. / Mas ele queria ainda / que os lírios o sonhassem.” (Barros; 2010:482).

Durante as travessias desta pesquisa ao final de 2019, tive a alegria de colaborar para com *A Última Floresta* (2020), filme de Luiz Bolognesi e Davi Kopenawa, em que minha pequena participação se deu por escutas no “tempo do sonho” (Kopenawa), configurando-se tal trabalho voluntário como uma ‘consultoria afetual’, assim tratada também por Ricardo Farias, txai-cineasta responsável pela edição e montagem do filme. Com forte teor educativo em relação a saberes yanomami e a coragem sensível deste povo frente à necropolítica em curso, o filme traz uma cena em que, logo de manhã, um yanomami diz aos parentes que está cansado e complementa: “Passei a noite inteira com uma onça correndo atrás de mim”. Na lua seguinte da estreia virtual do filme no Brasil (abril de 2021) pelo Festival “É Tudo Verdade”, em debate virtual com Davi Kopenawa, Luiz Bolognesi, Sônia Guajajara e Ailton Krenak, este último fez um comentário sobre a cena que acabei de descrever, dizendo então que “o mundo do sonho é real e não uma fantasia”. A experiência com esse filme vem da caminhada musical e educacional aqui, na errância com diversas linguagens tanto artísticas, quanto não antropocêntricas, sendo que as travessias com Barros, sempre vibram a importância de perceber os encantamentos da vida. “Os sonhos não têm comportamento. Sempre havia de existir nos sonhos daquele menino o primitivismo do seu existir. E as imagens que ele organizava com o auxílio das suas palavras eram concretas. Ele até chegou um dia a pegar na crina do vento. Era sonho?” (Barros, 2010:464). Então o sonho e o encantamento compõem a vida não pela fantasia, nem pelo ilusionismo. Talvez pelo que acontece na magia dessa vida real de circo rasgado ambulante. Mas principalmente, pelo encantamento que transborda de cada gota de suor, saliva e lágrima nas intempéries do caminho e na luta diária de sonhar mesmo diante das dificuldades mais práticas e incontornáveis. Pois sonhar não é escapismo, mas sim uma prática primordial para a construção dos caminhos na invenção da realidade sonhada. Barros bem sabe encantar a

vida. Encantamento pela intimidade com a matéria e com as pequeninas potências de vida. Encantamento nada fantástico. En-cantamento no sentido do andamento musical da vida. En-cantamento vibracional, nanofísico, micromaterial, sempre nano-afetual. Pois o afeto é incalculável.

O sonho barreano, assim como a importância do sonho para os Tapuia, os Xavante, os Yanomami, os Huni Kuin, os Quechua, os Lakota e tantos povos ameríndios – além dos ciganos e diversos povos dessa nômade e marginalizada Mãe Terra –, está longe de ser um sonho apenas virtualmente etéreo, mas elementar-hormonal pelos *devaneios da matéria*, assim como descreve Gaston Bachelard, e pelas vibrações nanofísicas da vida, contando muito com as ressonâncias musicais dos caminhos. Um sonho barreano e ameríndio composto de linguagens não antropocêntricas e não adultocêntricas. Para os dicionários da língua colonial-portuguesa, como o virtual Oxford Languages servente do Google, o termo “gorjeio” é um “FIGURADO (SENTIDO) – FIGURADAMENTE – rumor de vozes infantis”. Mas Manoel de Barros está sempre reforçando o erotismo da fruição no sentido não adultocêntrico da vida. “Gorjeio é mais bonito do que canto porque nele se inclui a sedução. É quando a pássara está enamorada que ela gorjeia. (...)” (Barros, 2010:380). Para além disso, a poética barreana e a cosmovisão ameríndia caminham com as diversas culturas das infâncias, entretanto estão sempre evidenciando que o sentido não tem como ser figurado. Ele transborda imagens pela errância sinestésica, pela fruição nos caminhos, pela sedução dos (con)tatos musicais com pequenos *desobjetos* e pelas vibrações incapturáveis de inúmeros contágios. O invisível barreano não é virtual. Quase sempre é musical. Logo, ora tátil, ora visual, ora perceptível, ora incapturável, ora imperceptível. Afinal, as tribos caninas, os povos-boto e as gentes das águas, por exemplo, ouvem vibrações que a humanidade – assim classificada pela cultura colonial – não é capaz de escutar. E sempre haverá frequências imperceptíveis para as diversas gentes e ‘corpachas’ de acordo com os acontecimentos das trilhas e o *exercício do caminho* (Durand).

“Sei também a linguagem dos pássaros – é só cantar” (Barros, 2010:382). E entoando uma paisagem de comoção afetual capaz de ligar *abandono a coisas ínfimas*, Manoel de Barros revela um olhar aquático para o chão, tateando distraidamente a



música da vida, deixando falar raízes muito dinâmicas, sinestesticamente vibrantes, que a palavra isolada não consegue conter. “Existe um lagarto indigente; o rio encosta as margens na sua voz azul”. (Idem, 2010:291). “Afundo um pouco o rio com meus sapatos. / Desperto um som de raízes com isso / A altura do som é quase azul.” (Idem, 2010:278). “Apêndice: Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros. / Coisa é uma pessoa que termina como sílaba. / O chão é um ensino.” (Idem, 2010:184).

De maneira sensivelmente c(a)osmótica, Manoel fala de ensino pelos pós scripts e apêndices como quem quase ia se esquecendo de explicar fontes primordiais, sem querer iluminá-las com holofotes, colocando-se não como um adestrador de “palavras fatigadas de informar” (Idem, M.I., 2010:13), mas regendo o ritmo de sua poética num jeito de encostarmos os ouvidos da pele cósmica dos afetos a pequenas e ordinárias imagens do chão por sentidos aquáticos de cosmovisão ameríndia. Música, poesia e sinestésica como algumas das diversas instâncias de cosmicidade por sábia sensibilidade, com *desobjetos* barreanos de uma possível educação não utilitarista, uma *educação (do) sensível*, este

erigido pelo nosso corpo por meio das relações harmoniosamente inteligentes que mantém com as coisas do mundo, estabelecendo como *estesia* o mais fundamental dos saberes humanos (...) saber primeiro que alicerça a nossa vida, saber esse predominantemente carnal, sensorial e sensível, e sobre o qual se constroem todas as outras formas de conhecimento (Duarte Jr, 2010:14).

E é nesse encontro na dimensão estética – esse *encontro de horizontes* (Gadamer) – que a poética barreana pode se abrir para nós. Ela guarda o potencial de uma *educação de sensibilidade* (Ferreira-Santos; Almeida, 2012) pela dimensão estética do encontro, afirmando esse seu caminho de manter vivas em movimento as imagens na *poesis* que, na abertura ao leitor, vibram até caramujo brotar flor – parafraseando Manoel de Barros –, exercendo assim *educação*, em sua raiz latina: *ex ducere*, ou seja, o mesmo que entoar a vida enquanto ela está sendo conduzida a dar vazão à suas pulsações vitais. Vazão de potências que, com Barros, não acontecem para um pretense fora, pois as epistemologias ameríndias sabem que a vida é fruição no grande jardim coletivo que é o ventre de Pacha, cacofonicamente cósmico de arranjos nano-afetuais co-implicados. Então *ex ducere* nisso de ajudar a parir como no

destino parideiro (maiêutico) do velho mestre Sócrates. Dar vazão à potência que se inscreve na corporeidade das pessoas (...) com a preocupação de inter-relacionar ética e estética num contexto dialógico em que mestre e aprendiz troquem, incessantemente, de lugar, atualizando o arquétipo do mestre-aprendiz” (Ferreira-Santos; Almeida, 2012:69).

Como as sábias culturas das infâncias no ventre de Pacha, a poética barreana acontece com seu *caramujo-flor* que vai se desabrochando nisso de brotar ao mesmo espaçotempo como velha nascente sábia de acontecer sempre nascente aprendiz. Velha nascente sempre aprendiz de sábias primordialidades com arranjinhos afetuais pelas vozes íntimas ressoantes do ‘corpo-caminho’<sup>21</sup>, de miúdas sutilezas, múltiplas pulsações, potentes forças de sensibilidade pelo espaçotempo da própria música, a instância do agoraqui, uma instância onde se ouve *rumores rupestres*, pegando na fonte do *primeiro esgar de uma palavra*. Avó-mãe Nena me disse muitas vezes que “o corpo é o caminho e o caminho é o corpo”. Assim, o que seria “corpo” para a visão colonial pode ocorrer ao mesmo espaçotempo enquanto “ambiência”, mas não só. Longe de soluções, efeitos mecânicos com as palavras e rápidas conclusões, é preciso ‘escutatear’. Tateando a ‘pacha sonora’ de Manoel de Barros, o ventre fértil de seu pantanal oceânico, vemos o poeta como um educador estético e cosmonômade pela c(a)osmicidade da vida, por sábias e inúmeras culturas do selvagem em encontros de mútua “transubstanciação” (Barros, 2010:191) com *desobjetos* (idem, 2010:366), bichos delinquentes e seres marginais encostados na natureza, mostrando que, mesmo num caminho desértico e solitário com “um ermo enorme no olho” (Barros, M.I., 2010:30), é possível ouvir sabedorias das águas, olhar distraidamente pelos *sentidos reversíveis* (Merleau-Ponty) e, assim pelas inteirezas desses encontros, desabrochar, colocando-se no mundo por uma *educação de sensibilidade* que aconteça por pequenas “desutilidades” e “pré-coisas” (Barros) que vibram no sensível onde vai se dando não apenas o ser, mas toda a multiplicidade de ‘corpachas’ transmutantes e seus incalculáveis arranjos de Corpacha.

---

<sup>21</sup> Para meus ancestrais guarani, vamos sendo um longo caminho vibracional, ou seja, o *tapé pukú* (“caminho comprido”, em guarani) e por isso não acontece de fato “morte” ou “pós-morte” assim como é compreendida pelas culturas ocidentocêntricas. Somos um caminho de muitas vidas num mesmo caminho. Um caminho de muitas vidas numa mesma vida que a todo instante vai se metamorfoseando e garantindo, com isso, a continuidade das pulsações vitais. Um caminho de fluxos da vida percebida como acontecimento para além de uma forma específica, mas sempre vibratória e nano-afetualmente en-cantada.

Os acontecimentos parideiros de pulsações vitais enquanto sinônimos de experiência educativa se movimentam por inúmeros desdobramentos. Na colonialidade, parir significa estar sempre na binariedade de um “parto natural” ou “parto cultural”. Ambos pedem intensa coragem sensível para a metamorfose que sempre dá passagem à vida. Mas com as cosmopercepções pachamâmicas desta caminhada barreana, a educação enquanto convivência parideira acontece pela multiplicidade metamorfoseante de inúmeras natuculturas. Uma multiplicidade do parir imprevisíveis potências e permitir fluxos vitais enquanto velhas nascentes sempre nascentes aprendizes da cosmicidade. O parir cultural e o parir natural podem sim ser afirmados conforme as potencialidades vitais, as necessárias lutas e as táticas nômadicas de cada específico instante da caminhada. Táticas que se movimentam nisso de nomadizar os sentidos, inclusive nomadizando os sentidos de parir, para múltiplos, imprevisíveis e sensíveis arranjos vivos não mais importantes que outros para o ventre de Pacha. Então é sobre o parir natucultural e suas inúmeras maneiras de (re)conhecer a diversidade de partos, afirmando uma autoformação sensível pela cosmicidade para além da dicotômica e excludente colonialidade que atua como extrativista da multiplicidade de pulsações vitais. Na fruição das *escolas vivas*, são inúmeras e incalculáveis as possibilidades parideiras e o (re)conhecimento delas de maneira não-biologizante nem (extra)terrestre. Partos justamente da arte não-antropocêntrica da vida: a arte da metamorfose. Metamorfose afirmada por imaginários que não classificam pretensas evoluções (de supostos seres, raças, espécies, famílias, planos e dimensões virtualísticas) e não pretendem se ejetar ou pro-jetar a vida para um pretense “fora” do espaçotempo (ou para um futuro aniquilador da presença). É no espaçotempo pachamâmico que se dá a pré-disposição barreana à metamorfose parideira da multiplicidade vital. Metamorfose indígena (composição da terra), portanto, não-alienígena.

Ao longo dessa *escrevivência*, espera-se evidenciar alguns dos inúmeros sentidos para ‘corpachas’ e demais composições nômadicas que desestabilizam a verdade eurocêntrica e escapam, em muito, às fixações das classificações coloniais do que se compreende por “corpo”, percebendo a poética barreana jamais como solucionadora de mundo, mas como afirmadora de uma proliferação de mundos intensamente vibrantes na corpa cosmicamente una que vai sendo *Pacha*, pelo ventre de uma educação de

sensibilidade decolonial, cósmica e comunitariamente autoformativa, por movimentações nano-afetuais sensivelmente c(a)osmóticas. Uma ‘educação cosmonômada’ como oportunidade de promover a autonomia de (re)conhecimentos sensíveis e incalculáveis potências de vida na medida em que as coloca em andamento. Sigamos em andarilhamento.

#### NO TEMPO DE ANDARILHO

*Prospera pouco no Pantanal o andarilho. Seis meses, / durante a seca, anda. Remói caminhos e descaminhos. Abastece de perna as distâncias. E, quando as estradas / somem, cobertas por águas, arrancha. O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. Ninguém / o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear é virtude atuante para ele. Nem é um idiota / programado, como nós. O próprio esmo é que o erra. Chega em geral com escuro. Não salva os moradores / do lugar. Menos por deseducado. Senão que por alheamento e fastio. / Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros, pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir, armada no tempo. Cedo, pela magrez dos cachorros que estão medindo / o pátio, toda a fazenda sabe que Bernardão chegou. “Venho do oco do mundo. Vou para o oco do mundo.” / É a única coisa que ele adianta. O que não adianta. Tem sempre um ar altivo de quem vê pedra nadando, / esse Bernardão. Não aceita brincadeiras. Não monta no porco. É coisa indefinida. Igual um caramujo irrigado. / Anda na terra como quem desabrocha. E não inventa remédios para ficar mais inteiro. / Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela boia. Claro que / resmunga. Está com raiva de quem inventou a enxada. E vai assustando o mato como um feiticeiro. / Os hippies o imitam por todo o mundo. Não faz entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar / pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A adesão pura à natureza e a inocência nasceram com ele. / Sabe plantas e peixes mais que os santos. Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, / conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia / do consumismo. Porque já desde nada, o grande luxo de Bernardo é / ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele.*  
(Barros, 2010:215.216)

*Eu queria ser banhado por um rio como / um sítio é. / Como as árvores são. / Como as pedras são.  
Eu fosse inventado de ter uma garça e outros / pássaros em minhas árvores.  
Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs / em minhas areias.  
Eu escorresse desembestado sobre as grotas / e pelos cerrados como os rios.  
Sem conhecer nem os rumos como os andarilhos.  
Livre, livre é quem não tem rumo.*  
(Barros, 2010:457)

## 1.2. Cosmopercepções ameríndias e nomadismo contemporâneo

*Passarinho / faz árvore de tarde / nos andarilhos.*  
(Barros, 2010:420).

Segundo pensadores do multiculturalismo, como Peter Burke, Nestor Canclini, Homi Bhabha, Edward Said e Stuart Hall, acontecemos num *continuum cultural* não linear de inúmeros contágios ocorridos entre diversos povos do mundo desde a Antiguidade num devir impossível de insulação ou isolamento purista. Há uma grande diversidade de termos e conceitos acerca dessas questões, que vão de *bricolagem* à *crioulização do mundo*, passando pelas ideias de *empréstimo cultural*, *roubo*, *co-criação*, *tradução cultural* e assumindo diversas facetas. Participamos de contaminações culturais a todo instante. Conforme Maffesoli, em maior ou menor grau, acontecemos nômades, atualizando desertos até mesmo nas grandes cidades contemporâneas em travessias e retiros “apartamentais”. Acontecemos transeuntes errantes e navegantes das redes virtuais, dos interiores aos grandes polos urbanos onde nos sentimos pessoas estrangeiras sem pátria, anônimas, esbarrando na diferença a todo instante, num intenso compartilhamento cultural. “Hoje, todas as culturas são culturas de fronteira” (Canclini apud Burke, 2003:13). Pretensas “fronteiras” são ideias organizadas pelas fixações da visão colonial, pois de fato perdem as margens ao terem seus contornos fractalizados pelo sentido mais vibrante e caótico das ambiências onde elas buscam se instituir. Além disso, Canclini coloca que um dos maiores dilemas do multiculturalismo é como passar de reconhecimentos isolados de cada grupo – que perpetuam a desigualdade e congelam as diferenças – para um reconhecimento compartilhado do distinto dentro das relações socioculturais protagônicas, vertebrais, da sociedade. Aponta para o carácter polifônico, imaginário e híbrido do multiculturalismo. Michel Walter observa esse conflito em relação ao entendimento de multiculturalismo, sobre como não olhar apenas para uma multidão de grupos, mas sim, de “indivíduos”. Segundo ele, diferentemente da antiga imagem de pluralismo, o que temos hoje é uma música cacofônica, pois todas as vozes são fortes e as entonações, diversas. A poética barreana e a cosmovisão ameríndia vibram numa cosmicidade cacofônica jamais

individualista. Mas para chegar a esses entendimentos, escutemos antes o que Canclini entoa ao voltar o olhar para a formação de nossa sociedade e descreve que:

*(...) las sociedades latinoamericanas no se formaron con el modelo de las pertenencias étnico-comunitarias, sino a partir de la idea laica de república y del individualismo jacobino, pero a la vez con una apertura simultánea a las modulaciones que esse modelo francés fue adquiriendo en otras culturas europeas y en la constitución estadounidense. (...) Todo eso fue integrado en culturas nacionales, injustas y discriminadoras de las etnias indígenas, pero que trataron de hacer un sistema con el "crisol de razas". (Canclini, 1997:118-119).*

Ele ainda comenta que Peter McLaren havia sido um dos poucos, até então, que apontava para a importância de se legitimar “múltiplas tradições de conhecimentos” e fazer predominar as “construções solidárias” sobre as reivindicações de cada grupo. (McLaren apud Canclini, 1997:118). Portanto, livre de visões etnocêntricas, é importante lembrarmos de um espaçotempo em que o contágio colonial Europa-América ainda não havia ocorrido. O multipovoamento da América ocorreu há muitos milênios e apesar de sabermos da chegada de representantes de diversos povos em Abya Yala e Pindorama antes da invasão europeia, é potente nesta caminhada com a poética barreana, voltarmos às primordialidades dos mundos, pois Barros evidencia que elas continuam reverberando a todo instante na contemporaneidade. Faz-se necessário então olhar para a experiência e o processo social no espaçotempo, tateando vibrações veementes, latentes e transbordantes de tantas culturas que nos banham. Escutar não apenas a diversidade de povos que formaram as culturas dos colonizadores europeus, mas as dos mais de mil povos que já habitavam o que hoje chamamos de América e também dos vários povos ‘trazidos’ da África para serem escravizados.

É importante salientar a proliferação de multiplicidade e diversidade praticada desses tantos povos afro-ameríndios “anárquicos pelas diferenças”, se é que uma nomenclatura pela palavra escrita do mundo ocidental dá conta do entendimento de arranjos tão vivos de nomadismos e distintos sotaques. Mas o contingenciamento das semelhanças entre essas centenas de culturas em questão provoca uma intensificação que pode nos auxiliar a tatear seus fenômenos mais comuns, não no sentido original, pois sabemos que todas as culturas do mundo em que vivemos são cacofônicas como num dinâmico vídeo clipe no espaçotempo conforme descrevem Néstor Canclini e Peter Burke. Assim, para aprofundar percepções de nosso longo ‘andarilhamento’ ancestral –

*ancestralidade* aqui, como principal categoria onde se assenta toda a cosmovisão afro-ameríndia – e para um melhor entendimento sobre o potencial educativo da poética barreana, vejo a necessidade de explicitar de forma muito resumida uma comparação entre dois pólos patentes da cacofônica sociedade latinoamericana, conforme descreve Marcos Ferreira Santos: (1) a *cosmovisão afro-ameríndia* regida pela força da oralidade e demais vibrações nômadas e (2) a tradição patriarcal branco-europeia da palavra escrita usada pelos cartórios legitimadores da ideia de posse.

De maneira muito sucinta e resumida posso afirmar que a tradição branco-ocidental em que se assenta um dos pólos patentes da sociedade brasileira é, ao mesmo tempo: · **oligárquica** - isto é, estruturada na posse histórica de grandes extensões de terra ou de riquezas por parte de uma pequena parcela da sociedade não necessariamente “esclarecida”; · **patriarcal** - estruturada sob o domínio masculino patrilinear em que a figura do pai, do coronel, do Estado e do bispo (ou padre) são equivalentes simbólicos, cujas características básicas são: a separação e distinção, o mando, a posse, a vigilância, o castigo e a impunidade da arbitrariedade (senso de onipotência); seu atributo básico é a razão; · **individualista** - estruturada sob a herança iluminista-burguesa da apologia do indivíduo sobre a comunidade ou sociedade. defesa da liberdade individual da livre iniciativa; · **contratualista** - estruturada no formalismo do contrato social iluminista (*aufklärung*) em que as relações sociais são, pretensamente, originadas de um contrato estabelecido entre os indivíduos de forma livre, autônoma e responsável em busca da liberdade, igualdade e fraternidade.

(...) Por oposição às características que apresentamos, anteriormente, a herança afro-brasileira e ameríndia, portanto, é: · **comunitária (não-oligárquica)** - baseada na partilha de bens e na preponderância do bem-estar comunitário e, depois, do bem-estar pessoal; entendida a noção de pessoa como o resultado do embate entre as pulsões subjetivas e as intimações comunitárias; · **matrial (não-patriarcal)** - assentada nas formas mais anímicas de sensibilidade em que afigura da grande mãe (*mater*), da sábia (*sophia*) e da amante (*anima*) são equivalentes simbólicos e cujas características básicas são: a junção e a mediação, a religião, a partilha, o cuidado, as narrativas e a reciprocidade (senso de pertença); seu atributo básico é o exercício de uma razão sensível; · **coletiva (não-individualista)** - estruturada sob a herança agrícola-pastoril da importância da aldeia (comunidade) e partilha da colheita na defesa afro-ameríndia do aspecto comunal-naturalista: das relações com a natureza da paisagem onde se habita e da estrutura fraterna de sobrevivências; · **afetual-naturalista (não-contratualista)** - estruturada no afetualismo das relações entre as pessoas como forma de cimento social (nos termos de Maffesoli, 1985). Neste sentido, as relações sociais são originadas da necessidade pragmática de sobrevivência e do afeto gerado pelas relações parentais e pelas amizades construídas, na defesa da liberdade, das heranças e da fraternidade. (Ferreira-Santos, 2005:210).

Indo direto a um ponto de necessária escuta, é fácil perceber a contaminação de Barros com a religião católica, a cultura cristã, e seu modo de compor uma poética que busca fractalizar as fronteiras iluministas que o fã clube católico-monoteísta-monogâmico-dicotômico imaginou entre seu soberano “Deus” monocultural e a natureza criada a serviço de uma humanidade. Uma natureza

multicultural bastante diferente ao olhar de Barros e das culturas indígenas, ainda que, para estas, em suas cosmopercepções, não ocorra um sinônimo tão direto para o termo “natureza” ou demais palavras isoladas, pois a vida é tudo, sem separação entre uma pretensa “humanidade” e uma “natureza”. Sem separação fixa também entre as “humanidades” dos mundos indígenas, nem mesmo entre uma “natureza” e “forças divinas”. Há quem diga que as ressonâncias cristãs em Barros se dão mais por um cristianismo primitivo. Mas o que considero potente lembrar aqui é que, de múltiplas maneiras, a poética barreana está sempre fractalizando pretensas fronteiras do mundo colonial-iluminista-cristão.

Barros, tendo vivido até os 7 anos no contato com liberdades viscerais da vida pantaneira e seus nomadismos “a céu aberto”, arranja uma poética que segue em andarilhamentos de transbordantes inconformações com a reclusão em um internato de padres durante toda sua segunda infância em Campo Grande (MS). E também de inconformações da “terceira infância” que incluiu o ingresso na faculdade no Rio de Janeiro, conforme evidencia Cristina Campos (2010). Sua obra também segue por desconformações e descompassos com os séculos de intensa catequese e devastadora evangelização da corpa antes apenas chamada de Pacha, depois batizada de América. Escutatear as múltiplas diferenças da(s) ‘corpa(s) ameríndia(s)’ e também do(s) “corpo(s) americano(s)” é perceber, em qualquer um dos casos, corpos tão complexos quanto a Latinoamérica da qual essa pesquisa algumas vezes se circunstância ao acompanhar a poética barreana verbalmente e ressonantemente situada nessas ambiências arranjadas, inevitavelmente, com a sensibilidade matrial de Abya Yala, Pindorama e Nhe’ëry. Sendo assim, quase sempre, trata-se aqui de escutatear, com Barros, essa grande corpa ameríndia e arranjos sensíveis de suas incalculáveis corpos numa caminhada sempre iniciática de errâncias ecologicamente cósmicas e ‘nano-afetuais’ em fruição por fluxos de intensa alteridade desde a ancestralidade matrial. Uma caminhada sensível e, inevitavelmente, decolonial.

Decolonialidade é conceito que se afasta de universalismos, fórmulas eurocêtricas. Pede escuta a experiências comunitárias de autonomia que, se não recusam o Estado, pelo menos não se tornam dependente de suas políticas, além de sublinhar saberes femininos em cotidianidade de sobrevivência, inclusive emocional. Por isso é tão difícil demarcar um território teórico próprio no caso do Brasil, pois o paradoxo do feminismo



nessas plagas foi conjugar crítica ao patriarcado e buscar inclusão no Estado, tendo o patriarca maior como salvador. (Castro apud Buarque de Holanda, 2020:32)

Manoel de Barros desce em iniciação nômade pelo labiríntico Rio Cuiabá abaixo ainda bebê, se mantém nômade ao acampar com a família nas intermináveis fronteiras da fazenda do tio, mudando a todo instante conforme os passos arameiros de seu pai, empregado como fazedor de cercas por essas terras encharcadas de um ventre pantaneiro tão aquaticamente caótico, quanto dissonantemente mântrico, cheio de rupturas e instabilidades. Caótico no sentido de se compor por uma multiplicidade de cantos e incalculáveis entonações todas ligadas cosmoticamente pelas mesmas águas. Mântrico, aqui, não no sentido das religiões, mas no sentido estético e en-cantado de seu estruturamento musical, cíclico, repetitivo e vertiginoso. Há sim uma questão sagrada para um Barros dessas abundantes águas que, na caminhada desta pesquisa, talvez se faça percebida indiretamente. Mas não é esta questão em andamento aqui. Sobre isso, talvez possamos escutatear um pouco suas ressonâncias espiritualmente fruidoras ou materialmente sagradas. Mas de fato, procurando fazer com que as escutas deem passagem às águas barreanas intimamente co-implicadas das Cordilheiras dos Andes sempre citadas por Barros, que fractalizam as pretensas fronteiras do pensamento colonial. E é a partir das múltiplas pulsações pensantes do coração ameríndio e pindorâmico – sem pretensos cortes ao espaçotempo – que essa pesquisa se dá. Pulsações vitais de pensamento pachamâmico composto por incalculáveis frequências corporais em fluxo de intensas modulações das cosmopercepções matriais que a todo instante, a cada gesto, a cada passo, a cada contaminação nano-afetual prolifera diferenças da multiplicidade metamorfoseante ainda que em meio à necropolítica “monocultural” do contexto latinoamericano. Esse contexto batizado com o nome de um Américo que em 1492 encostou neste continente para cumprir o trabalho ao qual foi ordenado e acabar por marcar o início de uma era de ‘matrialicídios’, ‘nomadicídios’,

‘imaginariocídios’, ‘cosmopercepções’<sup>22</sup>, ‘naticulturicídios’<sup>23</sup>, epistemicídios, etnocídios, feminicídios, genocídios e, fundamentalmente, sistemáticas mortes imaginárias da cosmicidade matrial e não-binária. Política de morte ainda em plena vigência para todas as movimentações vitais de Pacha.

Ainda que correndo riscos pelas sínteses necessárias, é importante salientar que o contexto latinoamericano segue por uma cosmopercepção fraternal em complexos arranjos tanto de ordem institucionalmente patriarcal – pela ideia de posse, de família, de ordem, de estado, de privado e demais mandos do “Senhor” – quanto de calorosas polirritmias matriais que apenas acontecem na animação afetual do afeto. Não isentando aqui a violência falocêntrico-colonial do afeto. Pois, infelizmente são inseparáveis também. Afetos podem ser impregnados de arranjos machocêntricos. É inclusive possível averiguar que qualquer pessoa ou corpo social da contemporaneidade latinoamericana, por mais arranjos indígenas ou decoloniais que esteja colocando em fluxo, está sempre arranjada também de afetações patriarcais e coloniais. Não há como se relacionar com a vida socialmente colonizada sem estar exposta a tal estrutura. Mas uma cosmovisão “afetual”, no sentido ameríndio do termo, jamais nasce e (re)nasce por arranjos coloniais. Apenas se dá matrialmente e afetualmente.

Sigo aqui uma diferenciação entre a expressão “afetiva” e a “afetual”, como estabelecida por Maffesoli. A segunda se arranja com a primeira. Mas a primeira não é necessariamente composta apenas com a segunda nesta Latinoamérica ou em qualquer mundo contemporâneo e até mesmo na Ameríndia de hoje. Lembrando que, apesar da necropolítica e da cultura colonial agir de forma a exterminar as culturas indígenas e a cosmovisão ameríndia, esta última, muitas vezes, pode conseguir algum mínimo de fluidez no corpo social colonial-colonizado, compondo-se, (de)compondo-se e

---

<sup>22</sup> Os termos ‘matrialicídio’, ‘nomadicídio’, ‘imaginariocídio’ e ‘cosmopercepção’ surgem aqui como tentativas de evidenciar que apossamentos, enfrontamentos e controles de territórios-corpos e corpos-territórios, crimes ambientais, etnocídios, feminicídios e genocídios são nada mais nada menos que efeitos cosmicamente co-implicados ao processo de virtualização-extrativização-capitalização-objetificação-exterminio de imaginários, cosmopercepções e epistemologias de sensibilidade cósmica, matrial, crepuscular, não-binária, afetual, não antropocêntrica, nômade, comunitária, multigâmica, etc.

<sup>23</sup> O termo ‘naticulturicídio’ ocorre em tentativa de explicitar o exterminio sistemático do que a colonialidade batizou de “natureza”, mas que de acordo com cosmopercepções, imaginários e epistemologias pachamâmicas e não-antropocêntricas, acontece enquanto ambiências inventadas pelas múltiplas culturas da “natureza”, ou seja, culturas do que se normalizou chamar de “natureza”. Naticulturas que afirmam cosmicidade de incalculáveis co-implicações com Pacha.

(re)compondo-se como resposta em luta sensível e por afirmação não excludente. Isso depende de arranjos vivos, e obviamente bastante complexos, tanto de questões macropolíticas, quanto micropolíticas e microculturais, e por que não ‘nanoafetuais’. Pois essa questão se apresenta fortemente na poética barreana e em seu trajeto autoformativo, podendo sintetizar inúmeras e co-implicadas instâncias de cosmicidade presentes nos imaginários ameríndios e nas epistemologias indígenas. Instâncias de cosmicidade arranjadoras de uma cosmicidade corporal.

Antes de avançarmos, vale lembrar que Manoel de Barros tece sua obra com vestígios fraternais, mas o olhar musical desta pesquisa tateia entonações de intenso transbordamento “matrial” no sentido descrito por Ferreira-Santos ao se aprofundar no que ele descreve como sendo *cosmovisão ameríndia* através da mitohermenêutica simbólica e dos estudos durandianos do imaginário. Potências sensíveis deste transbordamento matrial se fazem vitais para as composições barreanas. Seguindo esses passos, adapto o termo “cosmovisão” para “cosmopercepções” ameríndias, pretendendo deixar vibrar múltiplas percepções para além do sentido fixo da visão tão exacerbada pela cultura colonial. Empréstimo este termo da socióloga nigeriana Oyèrónke Oyèwùmí.

Conforme Ferreira-Santos, a fraternidade latino-mediterrânea contempla a ânima compreendida aqui pelo modo bachelardiano. Mas ao mesmo tempo, o *iluminismo catequético* reforça um pensamento heróico, salvacionista e machocêntrico que ocorre na “cosmovisão” ocidental. Esta, vale lembrar com a pensadora aymara Julieta Paredes, estrutura-se pelo princípio *macho-fêmea*, lendo-se assim da esquerda para a direita, como um *Deus* macho que criou o mundo, e um Adão que a partir de sua costela proporcionou a criação de uma Eva. A partir disso, estrutura-se uma monogamia que serve a um Deus, um Adão, um homem<sup>24</sup>. Por essas e outras é que a cultura eurocêntrica acontece de maneira bastante diferente do *chacha-warmi* (homem-mulher) aymara de nossa Abya Yala. Isso para citar o povo aymara que segue por uma binariedade de gênero não operante em diversos povos ameríndios antes da colonização, como os

---

<sup>24</sup> Não se trata apenas de uma monogamia, mas de uma “monocultura”, digamos assim, que não reconhece uma diversidade de culturas ou apropria-se dela de maneira extrativista. Não apenas uma multiplicidade de culturas humanas, mas de natuculturas. Uma cultura antropocêntrica. Nós, de trajeto ancestral tupi-guarani, somos descendentes das tribos-pássaros. As histórias dessas tribos ancestrais voadoras e en-cantadas são contadas sem o criacionismo principiado por um Deus homem e um Adão.

antigos Mapuche e Guarani por exemplo, conforme descrevem respectivamente a Comunidade Catrileo+Carrión (2021) e Geni Nuñez nos cursos em que se desdobram sua caminhada guarani e anticolonial. Mas voltando a questão aymara,

(...) Julieta Paredes, pensadora e ativista boliviana de origem indígena, propõe uma categoria cada vez mais presente nos estudos decoloniais que é a de um feminismo comunitário. Sua construção parte da identificação de um patriarcado ancestral cuja estrutura é a complementariedade da noção chaccha-warmi (homem-mulher), que não pode e nem deve ser confundida com a natureza do casal heterossexual ocidental. O par complementar proposto pelo feminismo comunitário inverte a posição dos termos para warmi-chacha (mulher-homem) e representa a estrutura simbólica das comunidades originárias e sua figuração enquanto complementariedade horizontal, com alta reciprocidade existencial, representacional e decisional. Reconceitualizar o warmi-chacha não seria, portanto, construir um novo mito, não seria considerar que, na época pré-colonial, houve um equilíbrio fundante, nem que já tivemos algum dia o que se reivindica hoje. O que Julieta propõe é que recuperemos a organização social das comunidades originárias e tentemos uma adaptação para as diversas comunidades de nossas sociedades. Comunidades urbanas, rurais, religiosas, esportivas, políticas, culturais, de afeto, agrícolas, universitárias, numa proposta alternativa à sociedade individualista. Um modelo que não seja regido pela heterossexualidade normativa, porque não estaríamos falando de família, mas de comunidade. Uma comunidade que possa conter em seus corpos sexuados todas as diferenças e diversidades, inclusive a possibilidade de não se reconhecer nem homem nem mulher. Nesse caminho seria possível recuperar o poder das redes de solidariedade e decisões comunitárias, perdido no espaço privado. (Holanda, 2020:18-19) - “Pensamento feminista hoje – perspectivas decoloniais”

Com uma série de convivências e estudos, Julieta Paredes descreve a mulher como o “princípio da alteridade”. Isso possui fundamental importância para percebemos a cósmica, metamorfoseante e transmutante ‘corpa ameríndia’ da educação barreana, indo também ao encontro com o que Ferreira-Santos descreve há décadas sobre a “intelecção matrial”, sendo esta um aspecto sensível e fundante das cosmopercepções ameríndias, sempre no jogo das relações independente das questões de gênero e sociologicamente estruturais das mais diversas culturas indígenas. Para as cosmopercepções ameríndias que operam na poética barreana, toda a vida e todo o conhecimento partem dessa matrialidade. O que não ocorre exatamente com a cultura latino-mediterrânea e, muito menos, do norte europeu.

A poética barreana faz seu andarilhamento, na medida que as nascentes de vida e de sabedoria vazam ao escapar por pouco das barragens coloniais. Dessa maneira, está sempre partindo da matrialidade, do eterno retorno ao transmutante ventre das águas pantaneiras de sua primeira infância para chegar a lugar algum, ou seja, nunca partindo de uma origem fixa ou de um lugar estanque, e caminhando sem identidade fixa.

Materialidade da vida que inclusive não cabe nas classificações binárias do sistema sexo-gênero imposto pela colonialidade, extrator da multiplicidade da vida. Mãe Terra, ventre, águas, infâncias nisso de “aprender o idioma das árvores. Saber as canções do vento nas folhas da tarde (...), apalpar os perfumes do sol.” (Barros, 2010:482). Tudo extremamente mutável e só acontecendo em intenso fluxo de metamorfose nos arranjos do *nadifúndio* barreano (Idem, 2010:242). Uma intensa materialidade ameríndia a todo instante fractaliza o que poderia acontecer de patriarcal na poética anfíbia de Barros, não no sentido biológico, mas arranjada de maneira não-binária e não-monogâmica em multiculturas aquaticamente musicais e afirmadoras de um constante fluxo de metamorfose. ‘Multigamia nano-afetual’ de uma poética sempre em autoformação na *linguagem de rãs* (Barros). Linguagem do sonho aquático, girina-educadora das pequenitudes e fruidoras invisibilidades transmutantes. As rãs são grandes educadoras da metamorfose. E a poética barreana sabe pelos ‘andarilhamentos’ no ventre da Mãe Terra, entoando as férteis contaminações de suas águas originárias. Águas que nunca são as mesmas.

Nota-se a imagem da “Grande Mãe” vibrando a todo instante na poética barreana, descrita assim também por Cristina Campos (2010). Ela vai se desdobrando lentamente ao longo desta caminhada dissertativa. Já estamos a escutateando. O que Julieta Paredes propõem ou o que Ferreira-Santos descreve, de distintas maneiras, vibram junto com a poética barreana, lembrando sobre o referencial metodológico com o qual é pela sensibilidade barreana e pela sensibilidade das cosmopercepções ameríndias, e não diretamente por uma questão sociológica ou sociopolítica, que prefiro caminhar nesta pesquisa, ainda que seja impossível isolar tais instâncias. Nessa caminhada, Manoel de Barros contribui com oportunidades decoloniais através de uma *educação de sensibilidade* ao modo como Ferreira-Santos, Rogério de Almeida e Francisco Duarte Jr descrevem. E, com Barros, uma educação de sensibilidade erigida por corpos-mátrias ameríndias praticantes de nomadismos cósmicos. Uma ‘educação cosmonômada’ que sonha trajetórias autoformativas através das múltiplas epistemologias matriais de Pacha.

*Nos fundos da cozinha meu avô tentou cortar o phalo com o lado grosso da faca.  
Aí a nossa mãe deu entidade pessoal ao dia. Ela deu ser ao dia.  
E ele en-velheceu como um homem envelhece. Talvez fosse a maneira que a mãe en-controu /*

*para aumentar as pessoas daquele lugar que era lacuna de gente.*  
(Barros, 2010:332).

Polifonias de fraternidade, que cacofonicamente são praticadas nas veias abertas da contemporaneidade latino-americana, podem abrir fluxos vitais pelo acesso do sensível. Mas esta pesquisa caminha, principalmente, ao escutatear o que a obra de Manoel de Barros vibra de matrial, seja por composições ameríndias e/ou nômadadas. A poética-mãe barreana está a todo instante entoando suas en-cantarias. Percebamos a vida musicalmente soprada nos arranjos de Barros. Matrialidade barreana como fonte de saber transbordante na intensa conexão com as culturas originárias de Abya Yala e com sua ancestralidade longe de ser apenas europeia, mas também guató, como declara o próprio Poeta, inevitavelmente contaminada por sabedorias guarani, guaná, terena, xaraé, xavante e de demais culturas do ventre pantaneiro, que certamente estão impregnadas no ‘andarilhamento’ de Barros pelo Peru e pelas nações da Bolívia. Em insurgentes (re)conhecimentos, a sensibilidade de sua poesia desce declaradamente das Cordilheiras para o ventre pantaneiro. Poética de ressonâncias ameríndias, jamais pela ideia de verdade ultra iluminada tão colonial, quanto ofuscadora e bloqueadora de fluxos vitais.

Epistemologias ‘pacha-nômadadas’ de intelecção matrialmente musical – ou seja afetual, comunitária, oral, escutateante, devaneante, errante, metamorfoseante e sensivelmente ‘cosmótica’ –, fazem-se necessárias para as potências dessa pesquisa com Barros pelos caminhos da educação. A primeira parte dessa *escrevivência* (Evaristo) destina-se à harmonizá-la dissonantemente, passo a passo pelos andarilhamentos da poética barreana, contando sempre com as cacofonias dos caminhos. Os ouvidos da pele contemporânea podem ‘escutatear’ nomadismos que, apesar de latentes, continuam permitindo o trânsito desantropocêntrico das águas submersas nas pequenas ocorrências do dia cotidiano. Gestos de incalculáveis corpos sociais que desejam liberdades cósmicas.

*Eu queria ser banhado por um rio como / um sítio é. Como as árvores são.  
Como as pedras são. / Eu fosse inventado de ter uma garça e outros  
pássaros em minhas árvores. / Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs  
em minhas areias. / Eu escorresse desembestado sobre as grotas  
e pelos cerrados como os rios. Sem conhecer nem os rumos como os*

De acordo com Maffesoli, as mais variadas errâncias do nomadismo se arranjam “preferindo viver fora dos caminhos convencionais”, “recusando a marcha em passado cadenciado” (Maffesoli, 1997:61), com os pés, as mãos e os corpos cósmicos se arranjando por múltiplos trânsitos e confluências classificadas como confusas. “(...) Confusas, flutuantes, decompostas ou, simplesmente, aventureiras, são em nossos dias, amplamente vividas por uma série considerável de marginalidades, tendendo a tornar-se o centro da sociabilidade em curso de elaboração.” (p. 62). Barros vibra na contemporaneidade caminhos que a colonialidade procura bloquear. Vibra a ancestralidade que é colocada à margem. Vibra nomadismos cósmicos de culturas matriais e desantropocêntricas. “(...) De cada vinte calangos enlanguescidos por estrelas, quinze perdem o rumo das grotas. (...)” (Barros, 2010:258). Nesse sentido, Maffesoli descreve que o nomadismo sempre participou da “construção” de civilizações anteriores e, portanto, continua contribuindo para a construção da realidade social contemporânea. Uma construção que permanece sempre como germe vivo da construção simbólica.

Na matéria, a tônica cairá mais sobre uma sensibilidade ecológica do que sobre uma concepção econômica do mundo. Ecologia *stricto sensu*, cuja importância tende a crescer nas diversas sociedades, mas também ecologia do espírito que, de um ponto de vista epistemológico, tende a encarar o dado mundano de um modo global, ou que, de um modo empírico, fará com que a tônica caia sobre as forças da vida ou o dinamismo da experiência. (Maffesoli, 1997:62).

Tanto a caminhada de sensibilidade cosmicamente ecológica quanto a caoticamente mundana, nômadas, fazem vibrar valores marginalizados pelo pensamento eurocêntrico, colonial e moderno. Apesar de serem vistos como “contraditórios”, mitos indígenas e africanos, por exemplo, continuam transbordando na contemporaneidade apesar da modernidade ter estruturado as fixações de hoje pela ideia de ordem, pelo produtivismo e pelo racionalismo do triunfante mito de Prometeu.

O produtivismo prometeico da modernidade representa, de qualquer maneira, uma forma particularmente bem típica do modelo de sociedade patriarcal. O homem em seu aspecto conquistador, subjuga a natureza, explora-a à vontade, e isso privilegiando a dimensão racional e seu corolário que é o desenvolvimento

científico e tecnológico.

Muito diferente seria a sociedade matriarcal. Justamente, a sociedade matriarcal está atenta às forças telúricas, ao vitalismo, em resumo, à natureza considerada como parceira, com a qual convém contar. (Maffesoli, 1997:62).

Na contramão do mito prometeico, ressalta-se portanto uma *sensibilidade ecológica* (Maffesoli, 1998:163), que com Barros mostra-se cósmica e c(a)osmótica. Sensibilidade ecologicamente cacofônica e dinamicamente enraizada no aspecto sensível de ‘corpachas’, dando ênfase à dimensão emocional e afetual para a composição do corpo social. Assim então se arranjam diferentes dinâmicas de uma imaginação tanto corporal e material, quanto cósmica e intensamente metamorfoseante no ventre da vida. “Nesse sentido é que se pode estabelecer uma relação entre o matriarcado e o nomadismo”. (Maffesoli, 1997:63). Aversa a classificações e, ao mesmo tempo, impregnando-as de pulsações vitais, tal matriarcado composto de pessoas julgadas como “promíscuas” e “indomáveis” feito o que a colonialidade considera como “bichos” e “loucas”, “mostra bem a dimensão vagabunda da vida que é simultaneamente fecundante, poderosa, fervilhante e aos mesmo tempo não se acomoda às formas de dominações institucionais, excessivamente racionais e singularmente abstratas” (Idem, 1997:63). Aqui está clara uma contraposição com o que venho chamando de visão ‘virtualística’. Há inúmeras sábias culturas que, apesar de reprimidas e cooptadas, desestabilizam heróicas armaduras da conquista, vazando pelas classificações, fixações identitárias e demais investidas patriarcais e binárias de controle e dominação. Mas nessa caminhada com Barros pelas cosmopercepções ameríndias, será preferível o termo “matrial” trazido por Marcos Ferreira-Santos.

“Matrialidade” não apenas como uma concepção sociológica e jamais por fixações de gênero, mas por matrizes intelectualmente sensíveis. Pelos estudos do imaginário e da mitohermenêutica em relação à inteligência matrial como estrutura que anima sábias forças originárias da vida. Por diversas vozes indígenas que são escutadas nessa caminhada com Barros e vibram inteligência de um aguçado saber que não separa sonho de realidade, afirmando a vida pelas artesanias do imaginário e inventando caminhos pela sonhação dos afetos. Há de se evitar apressadas visões coloniais para perceber as sabedorias matriais. Tais sabedorias estão longe de ser apenas uterinas ou conectadas apenas à ideia colonial de continuidade da espécie, mas segundo o



imaginário ameríndio, ocorre por se dar no grande ventre de Pacha. O útero a de ser lido para além das traduções coloniais. Tais sabedorias não se dão apenas por serem férteis ou reprodutoras. Mas são férteis por serem sábias de suas potências sensíveis. Originam-se por uma estrutura de sensibilidade não (re)conhecida e afirmada nas sociedades ocidentais e coloniais/colonizadas.

A inteligência matril afro-ameríndia é inseparável da inteligência afetual-naturalista, coletiva e comunitária. Essas dimensões são tecidas por múltiplos emaranhamentos da noção de ancestralidade e de epistemologias necessariamente musicais que ao longo desta caminhada com Barros serão evidenciadas. Sabedorias matriciais que para além das construções coloniais sobre bases falocêntricas e virtualísticas, compõem sensíveis cosmopercepções - para além de cosmovisões - que, através da sensibilidade e da afirmação da música da vida, constrói a coragem, a força, a destreza, a luta, a inteligência, a sabedoria, o alimento, a alegria, a saúde. Estes termos vibram junto para além da ideia de sinonímia, necessariamente a partir da materialidade das ‘corpachas’. Corpos-pacha que não cabem vivos nas ordenações eurocentradas. Corpos de *línguas-mães* (Barros) en-cantantes de “agramáticas” (Idem). “Linguagens de rãs” e “idiomas de árvores” (Idem) formados por re-cantos.

Podemos perceber ressonâncias do passado resistindo no presente. Culturas que apesar de reprimidas e colocadas à margem podem se amplificar não pela afirmação excludente, etnocêntrica e expansionista herdada dos invasores, mas pela amplitude de sensibilidade afetiva no corpo social, numa aprovação das diferenças e da multiplicidade da vida, por um nomadismo centrípeto e proliferador de múltiplas diferenças mesmo diante de forças centrífugas. Com o fenômeno da globalização e a profusão de encontros culturais, passamos a criar culturas terceiras. “Crioulização do mundo” (Burke, 2016) ou “tribalização do mundo” (Maffesoli, 1997) são noções para descrever nossos tempos.

As culturas de natureza ameríndia, assim como quaisquer natuculturas, são sábias em proliferar multiplicidade sem a ideia de cristalização de “corpos” e fixação de “sujeitos”. Os arranjos de Barros, em Manoel, movem-se por intensa e incalculável diversidade afetual. Sapo, pedra, coisa, tudo vive e é vibrante de ação. O poeta se expressa feito xamã negociando com a chuva, com a noite, com o sol. A ‘diferença’

assim, não é patológica, nem estranha ou exótica, muito menos uma aberração. Ali na fronteira das cercas, onde nascem as belezas do acaso e brotam afinidades entre as diferenças, a poética de Nequinho (apelido de Manoel quando menino) afirma a vida, voltando nossos sentidos para uma questão que nos constitui como *homo symbolicus* (Cassirer). “A cultura no seu sentido mais agrário e autêntico comporta uma multiplicidade de canteiros e dos jardins” (Ferreira-Santos; Almeida, 2012:17). Apesar do pensamento patriarcal de que fomos feitos à imagem e semelhança de um Deus e de que somos todos iguais perante a ele, é sabido que:

(...) assim como os animais estão, por obra dos sinais e segundo as espécies, naturalmente programados para a semelhança, os homens também estariam, por intermédio da capacidade de comunicação simbólica, naturalmente condenados à diferença. A diferença constituiria assim, o que de mais igual, comum e semelhante existiria entre os homens: a cultura (Rodrigues apud Ferreira-Santos; Almeida, 2012:18).

E tocamos tanto nas diferenças, que nos ‘bricolamos’ transmutantemente delas, alimentando-nos de novos temperos. En-corporamos novos hábitos – retomando o antigo “en” padronizado por “in”. Desde os primórdios, compomo-nos por múltiplas contaminações, apaixonando-nos pela diferença no efeito forte do termo, isto é, constituindo a vida onde não há origem fixa. O amor é nômade, fazendo-nos caminhar em trajetos ancestrais pela errância dos sentidos capaz de experienciar novas oportunidades. E sua dimensão simbólica, inclusive nos centros comerciais, “merece tanto mais atenção por se tratar de um espaço matricial, ainda mais por ser um subterrâneo, um refúgio e um lugar de exílio para o nômade pós-moderno” (Maffesoli, 1997: 89).

Os enraizamentos de hoje podem ser intensamente mais dinâmicos que as travessias de antes. Os desertos comerciais onde vivemos dominam, mas deixam brechas para além de suas apropriações utilitárias, colocando em circulação uma gama sem medida de símbolos e sutilezas. Caminhamos em tempos de amplo politeísmo dos valores. Algo não nos faz ser monogâmiques a eles.

O nomadismo chama a atenção de um modo paradójico, ao dar ênfase ao prazer, também, como um modo de se expressar, de atingir uma forma de plenitude, de se realizar no quadro de um caminhar constituído de múltiplas ocorrências. Hippies,

freaks, indiani metropolitani, globe-trotters, peregrinos de diversos tipos, boêmios, numerosos são os que representam, em nossos dias, o que P. Sloterdijk chama de modo de vida cúnico. Quer dizer, essa preocupação com uma ‘*vita simplex*’ da qual Diógenes se fez o arauto, e que consiste em aliviar a carga de sua existência não a partir de um dogmatismo da pobreza, mas precisamente para diminuir todos os falsos pesos que não mais permitem a mobilidade própria à natureza humana. (Maffesoli, 133:1997).

E aqui podemos incluir bikers, plantadoras de p.a.n.c., poetas, punks, bruxas, pixadoras, black blocs, camelôs, agrofloresteiras, transexuais, pessoas não-binárias, poligâmicas e tudo que em nós ressoa errante e marginal, inclusive, pelos “legítimos prazeres da vida, misturando a busca das satisfações corporais e uma profunda inquietação intelectual. É a tais sinergias que nos leva o nomadismo contemporâneo” (idem, 1997:134), sem jamais esquecer seu inevitável caráter cultural, micropolítico e ‘nano-afetual’.

As coisas e os arranjos vivos de Barros são explicitamente dotados de nomadismos. E assim, sua poética cria uma “inflexão territorial e temporal”, como sugerem Anete Abramowicz e Tatiane Consentino Rodrigues a partir da noção de diáspora (Avtar Brah), para falar de uma possível educação:

(...) (em uma concepção de tempo que junta a história dos que vieram com aqueles que já estão e os que virão) operada pelos coletivos sociais a partir da racialização, do gênero, da sexualidade e da etnia; pois cultura tem significado pluralidade do mesmo, pois usamos cultura para não dizer raça, etnia e/ou diferenças radicais. O conceito cultura passou a ser utilizado quase como o conceito de biológico, um conceito universal que perdeu aquilo que se pretendia evidenciar: singularidades. O fato dos brancos não se verem de maneira racializada deriva da noção de que o branco é um significante de dominação, assim como o heterossexual. Portanto, o espaço de diáspora são espaços locais que atravessam todos os lugares de maneira imanente, de forma que os grupos sociais – não só os migrantes, mas os que são excluídos – infletam os espaços/territórios tornando-os ‘o seu lugar’. O lugar então, sem origem fixa, congrega só diferenças. Enfim, não se pode saturar a vida com tanta identidade! (Abramowicz; Rodrigues, 2014:472).

Para iniciar o mergulho na c(a)ósmica inflexão barreana, trago mais uma descrição de Maffesoli.

De um modo que certamente não é consciente, ou pelo menos não se exprime como tal, são numerosas, realmente, as atitudes e modos de vida que se fundamentam na embriaguez dionisíaca ou se ocupam em vagabundear fora dos

atalhos conhecidos. Para usar outros termos, no quadro de pequenos grupos tribais, o velho individualismo moderno dá lugar à exploração da pluralidade do si. É isso mesmo que está em jogo nas diversas possessões contemporâneas, nos contágios frenéticos, nos fenômenos em moda: fazer explodir o fechamento individual, ‘explodir-se’ nas situações de simpatia, de empatia e de outras fusões, até confusões grupais. Nisso essas atitudes seguem ao pé da letra, a conclamação profética de um Nietzsche quando declara: **‘Aprendamos pouco a pouco a repudiar essa individualidade imaginária. Descubramos os enganos do ego! Ultrapassemos o eu e o você! Sentir de modo cósmico’** (...) Dá-se que essa errância dionisíaca não é mais uma simples figura literária. Tornou-se a expressão de uma prática cotidiana, não se reconhecendo mais na função limitada e um indivíduo econômico de si mesmo e do mundo (...) (Maffesoli, 1997:135 – Sobre o Nomadismo) – grifos meus.

Múltiplas comunhões transbordam na poética barreana e nas *cosmopercepções ameríndias*. Viveiros de Castro busca descrever tal fenômeno como sendo consciente *prática intercorporal* mais acentuada entre xamãs, uma forte característica do *perspectivismo ameríndio*. A expressão oral *txai*, por exemplo, para alguns povos amazônicos, significa “algo em mim que habita você simultaneamente a algo de você que habita em mim”; o mais próximo dessa expressão para o “homem branco” seria o termo “amigo”. Mas *txais* são vibrantemente co-implicados como um *txerymbá*<sup>25</sup> ou um *tchembo’ea* no guarani. E fora os arranjos comuns sempre em fluxos de modulações e variações de frequências, compõem-se por vibrantes e incalculáveis diferenças. Muito antes da antropologia, a fenomenologia também chafurdou exaustivamente isso que Merleau-Ponty chamou de *intercorporeidade*, segundo ele praticada em maior ou menor grau de aprofundamento e consciência, pela *síntese das percepções* nos sentidos selvagens e reversíveis de qualquer vivente na carne do mundo, levando Merleau-Ponty a diversas outras noções em sua *Fenomenologia da Percepção*. *Comunhões cósmicas*, *quiasmo* e *transsubstanciações* são expressadas nestes termos na poética barreana, valendo-se do *canto azul do índio guató* e outras diversas imagens xamânicas. Uma cosmicidade cacofônica está também na maneira como nós latino-americanos, na

---

<sup>25</sup> *txerymbá* ficou colonialmente traduzido como “animal doméstico”, porém o sentido mais próximo das cosmopercepções guarani fica mais vibrante ao evidenciar que a partícula “*tx*”, que acontece como um prefixo desta palavra, significa “algo que liga”; “algo ligado à minha pessoa sem ideia de posse”. Partícula “*tx*” que também compõem a palavra *txai* para os povos amazônicos. Compõe também a palavra *txeirũ* que, no tupi-guarani, significa “companheiro de resistência; amiguel”. Grafo com linguagem não-binária porque a expressão guarani não se fixa na marcação de gênero. A mesma partícula compõe a expressão *txembo’ea* ou *tchembo’ea* “(aquele que ensina aprendendo e aprende ensinando”; “guardião da filosofia guarani”), visto como “professor” na colonialidade.

abundância e intimidade de nossas águas ligantes, desejamos harmonizar dissonantemente certas ocorrências todos os dias sem nos darmos conta desse fenômeno, e ainda que muitas vezes isso não seja possível, pois nada na cacofonia da vida está dado como um jogo de cartas marcadas, até porque as imagens das cartas sempre estão em movimento de acordo com as imprevisibilidades de cada instante da caminhada. Seguimos assim por cósmicos nomadismos. Do rap rural, do repente periférico, do funk escolar, das lavadeiras urbanas, das violeiras do asfalto, dos diversos tipos atuais de menestréis, da música regada ao estilo estradeiro “like a rolling stone” das rádios FM, de todo canto, das baladas, das noitadas, dos festivais, das profusões de encontros, dos intercâmbios mais exú-dionisiacos, das camisas de fibra mais engomadas e dos uniformes – essas menores prisões do mundo –, vazam entonações intermodais ancestrais por sentidos mais que reversíveis e compartilhados, sentidos co-implicados de uma multiplicidade cosmicamente nômade e transmutante, além de frequências de incalculáveis modulações. As transmigrações cósmicas são ancestrais tanto quanto suas imprevisíveis dissidências. Tudo isso se multiplicando pelas recorrências. Afinal de concha, uma vida é infinitamente menor, em duração, que toda sua ancestralidade antropológica. E repetimos gestos das cacofônicas *cosmopercepções ameríndias* a todo instante, num simples banho, numa brincadeira, num afeto, num pôr-do-sol e até na maneira de subverter conceitos e funções postas pelas estratégias mercadológicas. Gestos que, apesar de colonialmente reprimidos, ainda transbordarão sentidos por tempo incalculável, além de vibrações imperceptíveis. Tal c(a)osmicidade cultural ocorre também nisso de presentificar a dimensão simbólica inscrita nas relações sensíveis do corpo social. Nesses compartilhamentos, apropriações e co-criações culturais, podemos afirmar arranjos corporais desnaturalizados e, à maneira musicalmente barreana, sermos *arranjos a céu aberto*, inseparáveis de *desobjetos* e do que a colonialidade busca fixar como “natureza”. Os arranjos vivos de Barros se dão de acordo com as imprevisibilidades c(a)osmóticas de sua caminhada, podendo também inaugurar novos trajetos sempre pelas menores composições vivas e menos apressadas experiências com as afetações do afeto.

Sabemos do eterno nomadismo histórico, social e macrocósmico, mas Manoel de Barros o percebe pelo mínimo, por suas *insignificâncias*, gota a gota, som por som,

partícula por partícula, onda por onda por mínimas potências penetrantes, ligantes, vibratórias e contaminantes que transbordam uma sensibilidade c(a)osmótica através de uma ‘estética da errância nanoafetual’ a ir se desdobrando conforme cada passo aqui com a poética barreana. Quando os pelos das ‘corpachas’ se arrepiam, quando os poros se abrem pelas brechas dos *trapos*, fica evidente que a vida não é vida se for separada em corpos fixos, tampouco em corpos e paisagens objectuais. O (con)tato de tudo na carne do mundo, permite interpretar a realidade visceralmente como que por um único sentido e suas ‘vibrações-cheiros-texturas-profundidades-ambiguidades-etc’, tecendo a dimensão simbólica e imaginária. Sabedoria primordial que não cabe na virtualística da palavra escrita dos cartórios e das propriedades dos homens de bem. Maneira primordialmente viva é tentar perceber, para além da moral do bem e do mal, a realidade através do som, das vibrações e das ressonâncias do imaginário, tateando nossa existência nano-material e vibracionalmente musical em plena manifestação, pela experiência afetual de cada ‘andarilhamento’, sem jamais ignorar que há uma diversidade de fenômenos incapturáveis à percepção. Música invisível que de maneira errante, suscetível e c(a)osmótica apresenta o subterrâneo e o sensível não apenas pela emoção, a passionalidade ou a estruturação do oculto, mas pela transmutação tanto sinestésica quanto inapreensível com incalculáveis pulsações, sempre guiada pela materialidade da imaginação bastante afirmada pela poética barreana contaminada de cosmopercepções ameríndias e de nomadismos contemporâneos. Ambos fenômenos estão apenas sendo introduzidos neste capítulo e serão escutados ao longo dessa *escrevivência*.

*Eis o ser da infância cósmica. Os homens passam, o cosmos permanece, um cosmos sempre primeiro, um cosmos que os maiores espetáculos do mundo nunca apagarão em todo o decorrer da vida.*

*A cosmicidade de nossa infância reside em nós. Ela reaparece em nossos devaneios solitários.*

(Bachelard, 2006:103).

Manoel de Barros nasceu ribeirinho em Cuiabá (MT) em 1916, filho de Alice Pompeu e de um capataz com “cara de índio por ser filho de guató”, como o poeta pantaneiro gostava de dizer ao se referir ao pai João Venceslau Barros. Ainda bebê, Manoel fez longa viagem numa embarcação pelos iniciáticos labirintos do Rio Cuiabá

abaixo, mudando-se para a fazenda do tio em Corumbá, onde seu pai se empregou como arameiro na feitura de cercas. “Quando passava de meia légua para ele andar, ele mudava de acampamento e levava junto minha mãe, meus irmãos e eu. A gente não tinha casa, vivia acampado na beira das cercas. Até os sete anos, eu fui criado no chão, da forma mais primitiva, na beira da cerca de acampamento, com aquelas coisinhas do chão, aqueles bichinhos. Isso ficou em mim. (...) Se há alguma coisa que valeu a pena foram esses armazenamentos ancestrais” (Barros, apud, Couto, 1993; Castello, 1995; Campos, 2010:128).

Assim, Manoel afirma suas culturas das infâncias, desde essa sua primeira infância nômade nas fronteiras do grande ventre pantaneiro. Mais do que isso, essa infância é um modo cósmico de vida (em sua) poética. Uma infância duplamente sábia de nomadismos. Pois toda infância é cosmicamente nômade. Uma infância também sábia pelos sentidos *selvagens* e de sua *ancestralidade* natucultural. *Selvagem* não como algo naturalizado, mas como uma insistente sabedoria sempre aprendiz das contaminações, das mínimas transmigrações, modulações e transmutações dos sensíveis territórios corporais, no risco do acaso, na errância dos sentidos, nos exercícios de liberdade de escolha e de inventar seu próprio ‘andarilhamento’. “(...) Sou um apanhador de desperdícios. / Amo os restos / como as boas moscas. / Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. / Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática (...)” (Barros, M.I., 2010:13). A *invencionática* barreana afirma não apenas uma das tantas culturas da infância, como também uma *ascensão à infância* (Barros) e uma emancipação dela, inclusive para qualquer fase da vida. Uma eterna infância, sábia e libertada do excesso de sensatez adulto ou dos afuscamentos da luz da razão eurocêntrica. Ao contrário da significação etimologicamente evolucionista do termo “infância” – igual a “sem fala” –, “é em Nietzsche (1997), no livro *Assim falava Zaratrusta*, que as crianças serão consideradas em sua positividade, na medida em que ele considerou a criança, na descrição das três metamorfoses do espírito, como sendo o último estágio do espírito humano. Quando o homem chega à criança, é um novo recomeço, não mais o camelo que carrega o fardo da história e dos valores, nem mesmo o leão que diz não aos valores, mas a criança que inaugura o novo. Uma positividade se instaura na filosofia ao olhar a criança.” (Abramowicz; Rodrigues, 2014:463). Assim,

elas entoam antes mesmo de dizer a primeira palavra. Os nomadismos das infâncias sabem bem atravessar a cósmica corpa musical que é a vida. ‘Cosmocorpa musical’ enquanto múltiplos vínculos jamais contratuais, utilitários ou funcionais. A poética barreana se dá por estes corpos dissonantes e cacofônicos que encantam a vida no profundo ventre das águas pantaneiras a serem escutateados no segundo capítulo sobre a cosmicidade matrial e nano-afetual do ‘corpo-música’. “Esse canto profundo é a voz maternal, a voz de nossa mãe.” (Bachelard, 2002:120).

Em diálogos sobre o DNA, a mitologia ameríndia e a criação nanofísica, nanomaterial, elementar, molecular e vibracional do universo, Ailton Krenak e Daiara Tukano afirmam que “o ser humano é uma galáxia ambulante de sistemas celulares.” (Antônio Nobre apud Krenak e Tukano; Flecha 1, YouTube). São muitas as instâncias cósmicas da vida. A fenomenologia pode caminhar com o fenômeno para perceber a cosmicidade das inúmeras e sensíveis alterações da vida cotidiana no espaçotempo. Com Barros, poderemos escutar eras e eras primordiais transbordando de certos instantes, percebendo tais galáxias ambulantes em estágio de composição arranjando o que hoje entende-se por “corpos” e “corpos sociais”. Mas essas ainda são terminologias bastante ocidentais. Vibrar cosmopercepções ameríndias e nomadismos contemporâneos também passa por essa prática de caminhar com o coração do fenômeno, no sentimento de seu andamento, no ritmo de suas sensações e relações mais afetivas com as mínimas ocorrências sensíveis. “A cronologia do coração é indestrutível” (Bachelard). Assim, aqui na Serra da Mantiqueira, lá em São Paulo ou na beira do rio Paranapanema é que, lendo Barros, deixo o coração batendo solto no peito de mil bem-te-vis ao mesmo vento. Ao mesmo espaçotempo.

Se formos na Abya Yala pindorâmica e, junto com ela, percebermos “espaçotempo” por uma perspectiva não ocidental mais ou menos capturada por outros termos, como que pela ideia de *Pacha*, tal fenomenologia, sempre guiada pelo olhar primordial, escuteará sem as organizações da ordem colonial. E assim, acompanhando o coração barreano, a cronologia será incalculável como o instante de cada devaneio vivido, ou melhor, “encantamento” (Barros). En-cantamento com vozes vivas das culturas originárias, contando também com en-cantamentos das experiências con-viventes desde criança com minha parentada, dos trajetos ancestrais, da



mitohermenêutica e dos estudos do imaginário. Assim, sem objetivismo utilitário, será possível o que a “visão” colonial taxa de “impossível”: a oportunidade de ‘escutatear’ tais galáxias hormonais. Galáxias sensíveis em cacofônico processo de composição ‘nano-afetual’. Em cada gotícula de som, uma onda vibrando múltiplas nascentes de bacias cósmicas, gerundiando frequências originárias através de sensíveis e contemporâneas c(a)osmoses em eterno fluxo de mudança. Suscetível a modulações. O germe de “corpo” assim, então, já ambiente musical, portanto, já vibração e complexo arranjo de entonações compartilhadas com os territórios sensíveis da caminhada, com as respirações dos caminhos. Arranjo corporal como uma cantiga materna que vai sendo soprada de geração em geração pelo diafragma cosmo-comunitário, biocêntrico, elementar, nanofísico e vibracional de Pacha, mas conforme a dança de cada entonação no caótico arranjo das inseparabilidades, faz com que a transmissão do conhecimento não seja elemento estruturante, apenas parte não antropocêntrica de uma caminhada autoformativa que jamais se faz apenas com pernas, órgãos ou cisões da vida em corpos fixos, pois: “Cada indivíduo vive sua experiência como parte da mesma respiração da existência”. (Werá Jecupé, 2016:59).

E a dança dessa música ancestral desorganizadamente cósmica. Sentir a cacofonia compondo redes sensíveis de tais galáxias, ou seja, não ignorar o incontornável “caos” – assim grafado por uma perspectiva da ordem colonial, afirmando-se, porém, pela corpa de Abya Yala pindorâmica, em outros termos sem julgamento de moral ou valor – como faz Nietzsche, por exemplo –, permite vibrar esse cósmico trânsito próprio dos nomadismos barreanos que se ligam por múltiplos afetos na música da vida e nas trilhas sonoras de minha caminhada. “Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce dentro deles um desejo de árvores e aves”. (Barros, 2010:199 – Livro de pré-coisas). Escutatearemos, então, a cacofonia da vida e as c(a)osmóticas entonações que compõem “corpos” jamais cristalizados.

A poética barreana ento a música da vida, fazendo-se viva no incontornável uno co-implicado do que ela vibra. Com ela, há oportunidades para sentir o pensamento pulsar em ‘cosmótica’ fluidez pelas eras contidas em cada gotícula de som e de afeto. “Eu não sei nada sobre as grandes coisas do mundo, mas sobre as pequenas eu sei menos.” (Barros, 2010:101 - M.I.). Sentiremos pulsar pensamentos com essas

eras-corporais se cosmo-corporando em certos instantes cambiais, por fruição, sem máquina do tempo, fabricação de grandes coisas, nem projetos para fora do inevitável. Afinal de conchas, as tecnologias ameríndias sabem há milênios que “o futuro é ancestral” (Ailton Krenak e Daiara Tukano). Sabem também que “o mito é uma narrativa dinâmica de símbolos e imagens que articulam o nosso presente vivido com o passado ancestral (arché) em direção ao devir (télós); daí o seu tecido existencial, sua natureza trágica e sua estrutura arqueo-escatológica.” (Ferreira Santos, 2000 e 2004b – ancestralidade e convivência). E o que há de vivo no futuro é tão música quanto os primórdios das composições imemoriais que vibram o fio das *escrevivências*. “Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata.” (Barros, 2010:69 – M.I.A.I.). Expressões barreanas, como as *canções do vento*, o *idioma das árvores*, a *linguagem de rãs* e o *silêncio de pedra*, são arranjos de ambiências compostas de ‘pequenitudes’ nano-físicas, de um onirismo molecular, de zum zum zum vibracional e musical, que faz o Poeta perguntar: “O céu tem mais inseto do que eu?” (Barros, 2010:308) . Assim Barros percebe o céu e percebe ele mesmo como arranjos cósmicos, nano-afetuais, incalculáveis, acontecendo por vibrarem em co-implicação tão viva quanto as imagens dos *xapiri*<sup>26</sup> para os xamãs yanomami, entoando elementos-hormônios e vibrações pelas primordialidades da ‘música-vida’. “Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem. Eu queria fazer parte do orvalho como as peras fazem. Eu só não queria significar. Porque significar limita a imaginação” (Barros, 2010:465). O devaneio com as menores ondas inclassificáveis e incalculáveis movimenta a fundamental desimportância desta caminhada com Barros. “Sou construtor menor. Os raminhos com que arrumo as escoras do meu ninho são mais firmes do que as paredes dos grandes prédios do mundo. Ai ai!”. (Idem, 2010:482, Cantigas por um passarinho à toa).

*Eu tenho gosto de jazer no chão. / Só privo com lagarto e borboletas.  
Certas conchas se abrigam em mim. / De meus interstícios crescem musgos.  
Passarinhos me usam para afiar seus bicos. / Às vezes uma garça me ocupa de dia.  
(Barros, 2010:405)*

---

<sup>26</sup> *Xapiris* são nano-encantados múltiplos, muitas vezes não medíveis, incontáveis, dançantes e compositores de toda a vida, que os yanomami também dizem ser “imagens”.

### 1.3. Encantamentos matriais e desobjetos catados em caderno de andarilho

Os títulos de cada capítulo e subcapítulo são compostos aqui por contaminações com títulos de livros, poemas, expressões e imagens barreanas. Uma transcrição afetualmente ‘cosmótica’. Apesar de ter direta e profunda conexão com o trajeto antropológico do xamanismo vindo, em resumo, da região altaico-mongol da Ásia, passando pela Sibéria e pelo estreito de Bering<sup>27</sup>, as cosmopercepções ameríndias ocorrem de maneira bastante diferente do orientalismo difundido hoje em dia, tanto entre nós enquanto latinoamericanos de colonização eurocêntrica, como entre as próprias sociedades asiáticas contemporâneas de longa e histórica deformação político-cultural (vide Edward Said), marginalizando epistemologias que afirmam a vida pelas necessárias e cósmicas metamorfoses caras ao xamanismo, ainda que o termo “metamorfose” não seja xamânico, nem ameríndio. Toda tradução é uma inevitável traição. Por isso que quanto mais potente a tradução, menos precisamente exata ela acontece. Nessa toada, a poética barreana e as cosmopercepções ameríndias a todo instante são sábias aprendizes da transcrição, vibrando nisso de que toda invenção é cosmicamente coletiva, biocêntrica, ancestral, pois vai se nomadizando por múltiplas metamorfoses de acordo com as contaminações da caminhada. Said evidencia que a invenção do “oriente”, neste termo e tudo que ele procura fixar, foi uma investida eurocêntrica que teve como fator decisório a colonização da Ásia, bem como de Abya Yala. E conforme Mircea Eliade, as ressonâncias xamânicas foram culturalmente iniciadas muito antes das grandes religiões asiáticas. Estas, de diferentes maneiras,

---

<sup>27</sup> Para além da migração do xamanismo, é importante ressaltar que os diversos povos originários da Ameríndia fizeram migrações de multipovoamento, envolvendo várias possibilidades de percursos a partir da Ásia e da Oceania em duas ou mais etapas com divergências sobre quando ocorrem. A hipótese mais aceita pela ciência é a do arqueólogo brasileiro Walter Neves, responsável por encontrar o esqueleto de Luzia, datada de 12.500 a 13 mil anos no território hoje conhecido como Lagoa Santa (MG), mas também há a teoria da brasileira Niède Guindon, que encontrou artefatos datados de 58 a 33 mil anos na Serra da Capivara (Piauí). Durante muitos anos, Neves discordou da teoria de Guindon e atualmente é mais convincente de que provavelmente ela esteja correta, entretanto, não concorda com as datações, afirmando que a chance maior é de no máximo 20 mil anos para os artefatos de Piauí. Ambos arqueólogos se baseiam nos estudos do paleontólogo dinamarquês Peter Lund. Walter Neves afirma a hipótese de duas etapas vindas pelo Estreito de Bering. A segunda etapa poderia ter ocorrido num regresso de habitantes da Oceania para seu continente ancestral, a Ásia, que do Estreito de Bering, vieram para cá.

pregaram um imaginário intimamente conectado com a construção da cultura imperial e a ideia de Estado, assim como o pensamento judaico-cristão foi cimento para a construção do capitalismo. Por diversas pressões culturais e políticas, o passo do nomadismo em busca da vida e dos fluxos vitais mais elementares da matéria cósmica foi ficando cada vez mais exotificado e silenciado diante de um pensamento excessivamente virtual construído a partir de distorções dos imaginários colonizados por ideias dicotômicas, por exemplo, da crença e fixação de planos virtuais mais evoluídos e menos evoluídos. Os mais evoluídos inclusive mais etéreos e claros e os menos evoluídos, mais tectônicos e escuros. A moral do bem e do mal, do positivo-negativo e demais valores que saltam do pensamento dicotômico geram distorções imaginárias para a construção de planos-dimensões-classes-pessoas supostamente e meritocraticamente mais iluminados e menos iluminados. A moral meritocrática e a ideia de posse contribuíram em muito para a pretensa elevação de territórios celestialmente virtuais do “eu ocidental” em dicotomia com a invenção do “outro” e de suas conexões territoriais a serem marginalizadas. Um ocidente de corpos-territórios oposto a um oriente batizado pelo primeiro. Também um norte em oposição a um sul. Nesta dicotomia, os segundos corpos, ou seja, os “territórios-outros”, registrados virtualisticamente nos cartórios pelos pretensos primeiros e suas ideias de posse. Por essas e outras, a escravização de Pacha, a conquista, o estupro, a construção de muros, armaduras, uniformes e demais prisões humanas tão concretas e estanques quanto fixas. Então, o xamanismo, as cosmopercepções ameríndias e o nomadismo contemporâneo se arranjam por práticas que, ao tentar encontrá-las apressadamente no que a colonialidade imagina como orientalismo, pode não ocorrer uma experiência sensivelmente potente aos fluxos vitais de Pacha, ao *bem viver* ameríndio e à nossa percepção. A mitohermenêutica, no entanto, auxilia nesse processo de re-conhecimento através das escutas sensíveis, envolvendo também a fenomenologia no espaçotempo da vida cotidiana, aqui, em relação às entonações ameríndias e seus en-cantamentos sempre em fluxo de atualização das vibrações ancestrais e de re-invenção de modo que elas continuem em andarilhamento.

O xamanismo ocorre na fruição do êxtase por inúmeros nomadismos tanto de sensibilidade cósmica, quanto pelos trajetos metamorfoseantes realizados de acordo

com as solicitações do sonho, do acaso, do inevitável, do incontornável. Apesar da urgência pelas demarcações territoriais primordiais para a sobrevivência diante do mundo colonial, os povos indígenas estão a todo instante atualizando suas potências “nômadas” em inúmeras direções. Chegar aos equipamentos do Estado e sentar na cadeira da universidade é apenas um dos incontáveis exemplos possíveis de como o nomadismo caminha por múltiplas contaminações, podendo usar armas inimigas a seu favor e fazendo inclusive certos tiros do poderio colonial sair pela culatra. Hackear o sistema colonial tem sido uma luta de diversos povos indígenas e pessoas não indígenas através das pulsações de um pensamento-mátria. *Co-razón* (Ortiz-Osés) que percebe a vida pelos afetos compostos com tudo que afeta sensível e cosmoticamente os arranjos nano-materiais e vibracionais dos caminhos.

*Desde o começo do mundo água e chão se amam / e se entram amorosamente / e se fecundam.  
Nascem peixes para habitar os rios. / E nascem pássaros para habitar as árvores.  
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das / suas lesmas.  
As águas são a epifania da criação. / Agora eu penso nas águas do Pantanal.  
Penso nos rios infantis que ainda procuram declive / para escorrer.  
Porque as águas deste lugar ainda são espriadas para / alegria das garças.  
Estes pequenos corixos ainda precisam de formar / barrancos para se comportarem  
/ em seus leitões. Penso com humildade que fui convidado para o / banquete dessas águas.  
Porque sou de bugre. / Porque sou de brejo. / Acho agora que estas águas que bem conhecem a  
inocência de seus pássaros e de suas árvores. / Que elas pertencem também de nossas origens.  
Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas / as plantas.  
Vez que todos somos devedores destas águas.  
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que / trazem para nós,  
na umidez de suas palavras, a boa / inocência de nossas origens.  
(Barros, 2010:456-457)*

“Todas estas informações têm soberba desimportância científica — como andar de costas.” (Barros, 2010:258). Mas esse fenômeno metamorfoseantemente nômade, sensivelmente c(a)osmótico, está na origem da vida, nas drásticas movimentações dos primórdios deste planeta aquático e nos mitos de origem entoado pelas mais diversas culturas desta Ameríndia de profundas entonações matriciais. Fenômeno de incontáveis recorrências simbólicas desde antes do conceito antropocêntrico de nomadismo e demais “ísmos”. Muito antes da hegemonia imperialista e da ideia de Estado. Fenômeno que continua reverberando na pele da contemporaneidade, pois a ancestralidade é sempre inevitável no agora. A duração de tempo que uma geração vive é infinitamente

menor que a de todo o trajeto de uma ancestralidade. Isso põe em ‘andarilhamento’ as forças ancestrais de Pacha. Além disso, a dança da vida é celular. Somos galáxias ambulantes de sistemas celulares co-implicados. Uma educação pachamâmica se move por percepções ‘nano-afetuais’. Uma potencial educação barreana andarilha pelas ordinariedades e nano-afetualidades das terras encharcadas de Pacha. Uma ‘educação menor’ tanto quanto Viveiros de Castro, nas inevitáveis metamorfoses da ciência colonial com as contaminações dos mundos indígenas, e sem a pretensão da exploração e acumulação de mundos por parte de uma ficcional grandiosidade humana, expressa que “uma antropologia menor fará proliferar as pequenas multiplicidades – não o narcisismo das pequenas diferenças, mas o antinarcisismo das variações contínuas, contra os humanismos consumados ou finalizados” (Viveiros de Castro; 2015).

A visão ultra-iluminada do DNA faz deste uma versão moderna da serpente cósmica dos mitos de origem dos povos do Rio Negro, filho da gente-peixe. “Mais alto que o escuro é o rumor dos peixes.” (Barros, 2010:258). As serpentes cósmicas do DNA vivem em células ligadas pela água. Até mesmo a neurociência que mal acompanho, hoje em dia confirma o que povos indígenas dizem há milênios: o sonho da vida já existia entre seres das águas que eram ancestrais dos girinos e dos peixes. Sonhamos a vida a partir das águas (Sidarta Ribeiro, 2020). Essa memória molecularmente sonhadora, piscianamente mutável, e essa vida metamorfoseante de sapo “(...) precisa muito de sempre passear no chão. Aprende antro e estrelas. / (Tem dia o sapo anda estrelamente!) (...) Limboso é seu entardecer. / Tem cios verdejantes em sua estagnação / No rosto a memória de um peixe. / De lama cria raízes e engole fiapos de sol.” (Barros, 2010:175).

É perceptível na poética barreana, mesmo em um fenômeno aparentemente estagnado, uma afetação sensível por um imaginário de pregnância cósmica, libidinosa e nano-errante, por “cios verdejantes”. Um nano-afeto afetual primordial que escapa a tentativas de nomear as entonações pelos arranjos da vida. Uma memória ‘nano-afetual’ de “transsubstanciações” (Barros), composta por vibrações intensamente vivas, ‘cosmo-nômadas’, que estão a todo instante transbordando de qualquer tentativa de classificação, tecendo assim, a errância cósmica e coletivamente sensível da vida de “(...) pantaneiro escarrado. Sabe onde mora o peixe desde quando por aqui era mar de

Xaraés.” (Barros, 2010:231). Memória que também está nos vegetais e em tudo que vive nas constantes transmutações microfísicas e sinestésicas da convivência cultural. Numa palavra: transmutações nano-afetuais. Afetuais por serem mais que microfísicas. Por serem incalculáveis como o afeto. Imedíveis como o en-canto. Como dizem Ailton Krenak e Daiara Tukano, “o futuro é ancestral” (*Flecha 1*, 2021:YouTube). Pelo que certa humanidade pode contabilizar, a vida segue por múltiplas coreografias iniciadas há 4,1 bilhões de anos, sendo os últimos 3,5 milhões de uma longa dança antropológica ocorrida ao longo de gerações e gerações, repetidas e incontáveis vezes, dissonante e cacofonicamente. Uma dança metamorfoseantemente nômade, que por eras não foi antropocêntrica. Uma dança incalculável que continua fissurando e transbordando pelas estruturas da repressão imperial e fundamentalista. E por mais reprimida que tenha sido nos últimos 5 séculos em Pindorama, Nhe’ery e demais territórios sensíveis de Abya Yala, incalculáveis ressonâncias nômade desta dança ainda vibram intensamente a todo instante, vazando pelas rachaduras do tal “espaço-tempo” linear, solar e dicotômico imposto pela ficção colonial. Pois a Ameríndia da poética barreana, entoa que tudo acontece co-implicado do uno cósmico. Não há o pretense “fora” e não há como exorcizar o nomadismo e seus fluxos vitais apesar de suas difíceis lutas por sobrevivência, plenitude de vida, afirmação de distintos e, inclusive, c(a)osmóticos modos de caminhar. Afirmar que não há o pretense fora movimenta a desmarginalização de imaginários, de diversas epistemologias, de trajetos autoformativos, por mínimas condições para que pequenas sementes de (re)conhecimento das potências da vida, com seus trajetos ancestrais, possam transbordar numa educação sensível às pulsações vitais. Isso é sobre cosmopercepções matriais que vivem e percebem a ancestralidade de maneira não-antropocêntrica, cosmocomunitária, afetual e metamorfoseante. Ancestralidade enquanto fluxo de nomadismos em diversas instâncias cósmicas. Ancestralidade sempre sujeita a transmutações.

Essas lutas da ancestralidade geralmente encontram vibrações latentes, pois muitas vezes não são percebidas veementemente pela cultura colonial. E escutando ‘nano-afetualmente’ a cultura colonial, escutando-a não de maneira a avaliar ou julgar alguém pessoalmente – um pretense sujeito formado por supostos isolamentos –, mas

percebendo a composição de tal “visão”, de tal cultura, do ponto de vista das contaminações nanofísicas e hormonal-elementares do imaginário – entre elas, oníricas, musicais e poéticas –, a pessoa não “é” colonial ou “é” colonial. Com a Ameríndia barreana, não se fixa essa possibilidade dicotômica do “é” ou “não é”. Além de afirmar-se pelos transes do trânsito, as cosmopercepções ameríndias, aos sentires manoelescos desta arcaica percepção dani-barreana, afirmam-se por intensa sensibilidade cosmótica. Uma tecnologia ancestral. Pois os caminhos da vida, em qualquer cultura, são sempre transmutantes de incalculáveis afetações, mesmo que ela barre os fluxos da metamorfose, mesmo assim, metamorfoses acontecem, ainda que com baixa potência sensível, de forma anestesiada e sem plenitudes.

Do imaginário às culturas, e nos corpos-territórios do sensível, há vibrações coloniais entoando hormonalmente com as demais vibrações afro-pindorâmicas aqui na *Latinoamerica* em cada arranjo cosmo-materialmente corporal, coletivo e afetual que a pessoa vai acontecendo. Percebendo isso ou não, a pessoa ou a cultura é uma ‘composição viva’ de muitos arranjos em fluxo de intensa alteridade. Isso é muito diferente da ideia colonial de *pessoa*. Há muitas diferenças entre a ideia de *pessoa* para a colonialidade e o que seria *pessoa* nas culturas ameríndias. Para estas, que se dão sem a economia narcísica, a economia do si e o en(si)mesmamento, ou seja, para essa *pessoa* que se dá através de arranjos inevitavelmente cosmo-coletivos, ela é mais que uma sujeita coletiva e muito mais que apenas sujeito. Ela se dá como comunidade-pessoa que entoa e ressoa ancestralidade viva. ‘Comunidapessoa’ sem soberania de sujeito. Só pode exercer pulsões vitais de liberdade ao perceber que é, inevitavelmente, comunidapessoa, tanto quanto o poema barreano que se faz por acontecer “apto a trapo” (Barros, 2010:152), como “rascunho de pássaro... não acabaram de fazer” (Idem). Pássaro-rascunho-trapo ancestral bem rasgado, sem acabamento, percebendo beleza nisso, tanto quanto a potência e plenitude<sup>28</sup>. Muita beleza também no que a normose considera feio, sempre por fazer e desfazer arranjos vivos que não acontecem por molde algum. Não se chega a fixar molde, pois sujeita a “deslimites” (Barros). Uma corpoises,

---

<sup>28</sup> bela(o), plena(o), vital e bem (no sentido de “estar bem”) se diz com a mesma palavra em tupi-guarani: *porã*. Sendo que a tradução mais próxima seria “bele-plene”, pois não há fixação de gênero na língua guarani. Entre os parentes Guarani Nhandewa, por exemplo, se diz: *Ary porã!*, que quer dizer “saudações às belas e plenas conexões do território da manhã!”. Ou então: *Rekó porã?* (“você está em plenitude; você está bem?”). *Diversas palavras podem ser sopradas senso ligadas com “porã”. Outro exemplo: nhe’ẽ porã* ou *porahei* são as “palavras belas/vibrações vitais cantadas” nos mais diversos rituais guarani.



logo não cristalizada e sem serventia, pois “sujeito inviável” (Barros), não dicotômico que, quando raramente passa por alguma dualidade, não marca apenas um lado dela, pois se faz transmutante. “Poeta, s.m. e f. // Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu / Espécie de um vazadouro para contradições / Sabiá com trevas / Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como um rosto” (Idem; 2010:182). Uma sujeição líquida de coletividade cósmica e ‘nano-afetual’, às vezes perceptível, mas sempre escapável. Não há um fechamento, um isolamento possível para se encontrar um “sujeito”, nem classificar ou fixar a pessoa ou qualquer manifestação da vida.

As cosmopercepções pindorâmicas cultivam vida, portanto não fixam estruturas cimentadas, estátuas da essência, não se estruturando pela ideia de "indivíduo", assim como o xamanismo e o nomadismo comunitário, afirmando múltiplas instâncias cósmicas de tudo que vive e arranja corpos. Corpos cósmicos que a poética barreana nos auxiliará a compreender melhor no segundo capítulo. ‘Cosmocorpos’. Isso não é apenas um neologismo. É uma tentativa sempre provisória e errante de permitir fissuras na linguagem — e nos fascismos que ela pode exercer com pretensas obrigatoriedades da fixação de um padrão específico — , deixando vazar oportunidades do sensível, sem pretender definir uma cultura ou outra, mas buscando vibrar sensações e sensibilidades para além de pretensas traduções de fronteira. Pacha sabe que o que a colonialidade chama de fronteira é um cosmos abundante de intensas interações afetivas e transmigrações ‘nano-afetuais’. Antes de mais nada, ‘corpachas’ são ‘cosmocorpas’. E se isso é ficção ou não, há muito, se mostra potente para a realidade da vida. Basta escutar as cosmopercepções pindorâmicas. Podemos experienciar sensações cosmocorporais caminhando com a poética barreana. Suas errantes ‘corpachas’ são sábias e potenciais educadoras sempre aprendizes de diversas instâncias cósmicas da ancestralidade. Estrelas, por exemplo, são nossas avós. E suas poeiras compõem as corpos de Pacha, da corpa da montanha à corpa-pessoa. Até porque a ancestralidade cósmica da ameríndia barreana afirma que montanha também pode ser gente.

Para os povos indígenas, toda ancestralidade está sempre vibrando ‘agoraqui’. Está a todo instante por ser parida e atualizada na coragem sensível da metamorfose. Assim, ancestralidade é um trajeto determinante para a compreensão de como ocorre a dança cósmica de uma *intelecção matrial* (Ferreira-Santos) nessas diversas culturas.

Ainda que silenciada e nada perceptível aos mapas esquemáticos da conquista, está a todo instante desestabilizando eixos da percepção colonial tão virtualística quanto colunável. Pois as cosmopercepções pachamâmicas não se arranjam por rígidas colunas e por nada que tenha que *comer montanhas* para acontecer (Kopenawa). Elas cultivam selvas nessas montanhas e são fortes como as oralidades, o sonho da matéria e o encantamento da vida. As culturas indígenas, desde xamânicas, se movimentam intensamente com o virtual, mas não o tornam um pilar excludente da matéria, de modo que sua cosmicidade onírica seja afirmada, por exemplo, pelos elementos hormonais da vida. Mas por múltiplas pequenitades e invisibilidades materiais de Pacha. E isso pode fazer com que a *matrialidade*, bem como diversos aspectos das culturas indígenas, passem sem serem percebidas diante da “visão” muito acostumada de modos coloniais, não apenas *iluministas catequéticos* (Ferreira-Santos), evangelísticos, patriótico-conservadores, neoliberais, mas também inclusive os que, como nesta caminhada, desejam contaminações de uma educação poética, sensível, musical, elementar e metamorfoseante. Ninguém escapa às caosmoses. Pois as contaminações do imaginário ocorrem como uma pandemia que evidencia já não haver lados. Contrai-se colonialidade ou qualquer virose cultural para além do bem e do mal.

Não se trata, portanto, de mais uma classificação de classes sociais ou quadros psicológicos. A “cosmovisão” ocidental pesa suas pegadas maquinais sobre o generoso ventre da Mãe Terra, percebendo esta apenas como recurso a ser consumido através de uma pretensa dominação que, ora quer navegar objetivamente e se alastrar para conquistar os infinitos do mundo que se sente dono, e ora pesa de cima para baixo feito o falo de Urano sobre Gaia, marcando um polo patriarcal em oposição a um matriarcal sempre a ser controlado. Mas sem o olhar apressado do *povo da mercadoria* (Kopenawa, 2019), a poética barreana pode nos fazer sentir que Gaia é incontrolável. É só deixar a canoa descer o rio pelas águas ameríndias que brotam no *u'ũ* (escuro, em tupi-guarani) de suas grutas, que qualquer meta se dilui em vertigem, devaneio, errância, miração. Movimentações nômade e aquáticas desde o escuro. Ao tocar aqui a flauta guarani, estranhas melodias vão fazendo profundezas transbordarem cosmopercepções que não pretendem nada ordenar ou fixar nesta corpa de pacha composta de  $\frac{3}{4}$  d'água. A flauta chora profundezas sonhadas desde as imagens de

beira-rio de onde seu *takuá*<sup>29</sup> (bambú, em guarani) primordial foi soprado pela primeira vez. Por isso também pode chorar muitas alegrias.

A visão heróica, apressada, superficial e ‘virtualística’ então não consegue conter imaginários das profundezas e as materiais ressonâncias dos (en)cantos matriais. É preciso entoar para perceber tais matrizes uterinas de ‘fluição’ intensamente mutável e, mais do que ligante, cosmicamente co-implicada, de modo que a vida não passe pela pretensão de ser cindida em corpos ou percebida como relação entre corpos-fixos, mesmo que seja uma relação muito íntima. Para a poética pachamâmica de Barros, a vida é mais que relação íntima, é co-implicação e metamorfose vital. Isto é sobre cosmopercepções matriais de sofias e sabiãs co-implicadas das velhas sábias *ywyrá kwery* (“árvores”, em guarani) sem jamais amputar a vida por sistematização, nem dividir territórios sensíveis em órgãos e sistemas necrotéricos. Para minha ancestralidade, “*kwery*” sempre indica plural/coletivo da palavra anterior ao seu pronunciamento, mas não um plural da igualdade colonial homogeneizante, e sim, um plural de diferenças e processos de alteridades que ocorrem justamente por conta de uma co-implicação, de maneiras a pronunciar as duas palavras, *ywyrá* e *kwery*, bem

---

<sup>29</sup> Convivo desde a infância com *txeirūkwery* na beira de um rio chamado *Takuary*, afluente do rio *Parapanema*, onde também viveram parte dos meus parentes ancestrais Kaiowá. *Takua* = “bambu”; *ry* = “úmido; molhado, ensopado, algo líquido”. Ao terminar com *ry*, *takuary* se compõem por um sentido não apenas aquático, mas aquaticamente cósmico e coletivo. *Ry* também acaba ocorrendo como uma espécie de abreviação de *kwery*, que é o sentido de plural ou de coletivo. Por exemplo, *txeirū*, no tupi-guarani, significa “companheiro de resistência; amigue”. Já *txeirūkwery*, significa “companheiros de resistência; amigues”. *Takuary*, portanto, significa “bambuzal de beira-rio”; “rio de bambuzais”; “bambu arranjado pela umidade, pelo molhado”, da água doce como as flautas de bambu.

conectadas como uma só corpa fônica: “*ywyrákwery*” (modo de pronúncia)<sup>30</sup>, uma só expressão da Corpa-Pacha.

Nas co-implicações cósmicas das corpas sônicas de Pacha, a língua-mãe tupi-guarani pede passagem ‘agoraqui’ vibrando nisso da vogal *y* significar água e *ywy* significar “irmã da água”, ou seja, “terra”, que é sempre composta da água primordial. Por isso também que *ywyrupá* carrega um sentido no mínimo úmido e intensamente vivo de “leito da terra”. Nesse sentido, as palavras guarani são vogais-vibrações co-implicadas da mesma *Nhandetsy*, esta composição-mãe que muitos chamam de “Mãe Terra” apesar de ser composta mais de água, ou seja, mais de “*yy*” que compõem a partícula *tsy* (mãe) de todes nós, ou seja, matriz de Pacha, Gaia e de seus tão diversos nomes e maneiras imprevisíveis de se manifestar nano-afetualmente. Lembrando que “*y*”, em guarani, é pronunciada de forma gutural quase na direção de um “ã” da língua portuguesa<sup>31</sup>, mas podendo se aproximar de um “u” dependendo da palavra e/ou da etnia, e usando a garganta como se ela desejasse se umedecer com os lábios entreabertos quase que dando um sorriso, mas sem a necessidade de mostrar todos os dentes. E “*rá*” significa “o que vem de baixo”; “o que vem de baixo para cima”<sup>32</sup>. Assim, no tupi-guarani, *ywyrá* significa “a arte da terra” ou “a arte da terra, composta de água, brotar” ou “o que emerge da água e da terra; de baixo”. Com o ventre

---

<sup>30</sup> O tupi originário é um dos 4 troncos linguísticos das 274 línguas ainda vivas nesta Pindoretá hoje chamada Brasil, sendo o tupi-guarani, uma das tantas dissidências deste tronco mãe. E como dissidência, obviamente afirmando diversas diferenças para além das semelhanças. Uma estratégia dos colonizadores, que resultou num silenciamento de muitas das mais diversas línguas mães de Abya Yala panorâmica, foi uma espécie de institucionalização de apenas uma língua originária, o tupi, através da criação de um dicionário intitulado “tupi antigo” já com diversas deformações do tupi originário por contaminações com noções eurocentradas e crenças cristãs. O tal “tupi antigo”, portanto, não era o tupi originário e, até hoje é pretensamente lido pela colonialidade como se fosse uma língua pré-colonial, e como se tal língua, por mais legítima e vital em suas milenares cosmopercepções, fosse a única originária de Abya Yala, silenciando as mais diversas culturas originárias. E nesses processos, não de contaminação vital sempre afirmadas pelos indígenas, mas de apagamento e deformação colonial, o “*w*” guarani, passou a ser grafado e pronunciado como “*v*” ou como “*b*”. Daí, a pronúncia de “ibirapuera” para o nome do parque da atual cidade de São Paulo, um dos territórios mais arranjados dos passos guarani. *Ywyrá* (árvore), passou a ser pronunciada como “ivirá” e “ibirá”, sendo que no plural, ficou “ibirapuera”, contaminando e deformando também a pronúncia de *kwery* para “puera”. o mesmo processo ocorreu, por exemplo, com a partícula *tsy* (mãe, no tupi-guarani) que passou a ser grafada como “*cy*” e pronunciada como “*ci*”.

<sup>31</sup> Por essas e outras, é que *ywyrá kwery* passou a ser institucionalmente pronunciado como “ibirapuera”. Sendo que os ypslons do início da expressão, foram contaminados para o som português de “i”.

<sup>32</sup> No mesmo sentido, é que *gwyrá* significa “o que leva a energia de baixo para cima”, ou seja, “pássaro” (*gwy* = “energia vital; vibração” / *rá* = “que vem de baixo para cima”).

pantaneiro e ameríndio de Barros, estamos escutateando cosmopercepções de matrialidade cósmica, não-binária, por uma multiplicidade de nano-matérias oníricas e nano-afetos vibracionais co-implicados, sem se mecanizar pelas estéreis e coisificantes dicotomias do corpo-alma, fora-dentro, sujeito-objeto e demais soberanias da ideia antropocêntrica de indivíduo. Em guarani, por exemplo, o mais próximo de “corpo” se diz *xeywy* – muitas vezes grafado *xeyvy*. Seguindo a musicalidade das oralidades e as vibrações fonéticas das línguas mães, sabemos que *xeywy* é uma composição intensamente viva principalmente de *y* (água), mas também da irmã da água, *ywy* (terra) composta por ela. É por isso também que nossos antigos preferem dizer *xeywy* por uma expressão mais completa: *xeyvara reté* (ou como se pronuncia, *xeywara reté*<sup>33</sup>), que significa “o meu verdadeiro futuro infinito parceiro da água”. Lembrando que *yvywa* ou *ywywa* significa “infinito” e *eté*, “verdadeiro”, no sentido de “legítimo acontecimento cósmico” ou, simplificando e correndo bastante risco de reducionismos, “legítima existência”. A poética pachamâmica de Barros nos permite escutatear um sentido cósmico para o que a colonialidade costuma chamar de “corpo”. *Xeyvara reté* ou *xeywy*, tudo matriz corporalmente viva e co-implicada do ventre aquático pelas línguas mães de *Nhandetsy*, esta Xamã-Mãe. Línguas como as dos meus ancestrais tupi-guarani cultivadores da história e do conhecimento de que vieram das tribos-pássaros. Somos descendentes de povos en-cantados.

#### A LÍNGUA MÃE

*Não sinto o mesmo gosto nas palavras: oiseau e pássaro. Embora elas tenham o mesmo sentido. Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe? Seria porque eu não tenha amor pela língua de Flaubert?*

*Mas eu tenho. (Faço este registro porque tenho a estupefação de não sentir com a mesma riqueza as palavras oiseau e pássaro) Penso que seja porque a palavra pássaro em mim repercute a infância E oiseau não repercute. Penso que a palavra pássaro carrega até hoje nela o menino que ia de tarde pra debaixo das árvores a ouvir os pássaros. Nas folhas daquelas árvores não tinha oiseaux Só tinha pássaros. É o que me ocorre sobre língua mãe.*  
(Barros, 2010:476)

---

<sup>33</sup> No processo de descolonização alguns guarani já estão preferindo grafar as palavras com “w” ao invés de “v” para afirmar as matrizes vibracionais das línguas mães, principalmente entre parentes Guarani Nhandewa. É o caso, por exemplo, do *tchembo’ea* (aquele que ensina aprendendo e aprende ensinando; guardião da filosofia guarani) e *txeirū* (companheiro de resistência; amigo) Luã Apyka, da Aldeia Tabacu rekóypy, em Terra Indígena localizada em Peruíbe, litoral sul de São Paulo. É graduado em Linguística na Unicamp-SP e professor de língua tupi-guarani. Também é membro da Executiva Nacional da Década internacional das línguas indígenas (UNESCO). É artista, escritor, ativista, contador de história e dialoga com os espíritos dos sons para transformar a realidade através da arte do bem falar.

Os diversos povos indígenas compõem e são compostos nisso de afirmar cosmopercepções de uma multiplicidade de pulsações vitais que o pensamento eurocêntrico e nortecêntrico não acompanha com sua epistemologia etnocêntrica e excludente. A materialidade afro-ameríndia entoa arranjos de (en)cantamentos nanomateriais, musicais e vibracionais por cosmopolíticas afetuais que a visão necrocultural da colonialidade tem muita dificuldade em compreender. E para que a pessoa ou o corpo social possa (re)conhecer as diferentes ressonâncias matriais, bem como seus arranjos estético-narrativos, cosmo-cinestésicos e mitêmicos enquanto composições sensíveis dessas cosmopercepções, os termos e entendimentos do sintáxico modelo do mundo colonial são quase nada suficientes. É preciso deixar os elementos vibratórios entoarem línguas mães que dispensam verbos de ligação, pois com elas são compostas por inseparabilidades e co-implicações. E a poética barreana se movimenta andarilhando com inúmeros dialetos encantados dessa *língua mãe* (Barros). São diversas linguagens de Pacha que Barros vai entoando em sua obra por personagens “encostados na natureza” (Barros): *idioma de árvore, canção do vento, cios vegetais, silêncio de concha, linguagem brincativa, invencionática, canto azul do guató, trinado guaná, dialeto-rã* proveniente da *linguagem de rãs*, etc.

#### Gramática do Povo Guató

*Rogaciano era índio guató. Mas eu o conheci na condição de bugre. (Bugre é índio desaldeiado, pois não?) Ele andava pelas ruas de Corumbá bêbado e sujo de catar papel por um gole de pinga no bar de Nhana. De tarde esfarrapado e com fome se encostava à parede de casa. A mãe fez um prato de comida e eu levei para Rogaciano. Ficamos a conversar. Ele ria pelas gengivas e mandava pra dentro o feijão com arroz. O bife escorregava de gordura pelos beiços desse bugre. Rogaciano limpava a gordura com as costas da mão. Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever. Mas seu avô que era xamã daquele povo lhe ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a Gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava do de uma só frase: Os verbos servem para emendar os nomes. E botava exemplos: Bentevi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava o bentevi com o chão. E mais: O cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. Falou mais dois exemplos: Mariano perguntou: – Conhece fazer canoa pessoa? Periga Albano fazer. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mas ensinava essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Xamã dos Guató quanto o sapir.*  
(Barros, 2010:105 MIAIMB)

As águas do ventre pantaneiro estão sempre inseparando toda a vida barreana do mesmo modo que “chão” e “bentevi” ficam co-implicados pelas forças oníricas do verbo cuspir. Verbos d’água que movimentam os diversos e incalculáveis arranjos de

corpas matriais de uma poética pachamâmica. E nessas incalculáveis ligaduras afetuais e devaneantes, as corpos-pacha de Barros, enquanto nascentes sonoras, proliferam mundos que inventam a vida pela multiplicidade das diferenças, sem jamais se cristalizarem. E corpos-mátrias mais do que ligadas, pois com múltiplas diferenças contaminantes em fluxo de intensa alteridade. A Abya Yala pindorâmica se afirma por imaginários matriais, inauguradores da diferença, por exemplo, pelos (en)cantamentos transmutantes da *gente-peixe* que navegava na serpente-cósmica de *Yebá Buró*, a mulher que se fez sozinha no grande escuro mistério e foi a força originária para a criação do universo, da vida e inclusive do “homem”. Novamente o escuro de cósmicos nomadismos e a serpente presente nas diversas culturas do mundo, mas que para o imaginário judaico-cristão, foi a responsável pela maçã-envenenada. Diga-se de passagem, o veneno maior é a luz dos julgamentos morais capaz de anestesiar sentidos de que tal “transsubstanciação” (Barros) proporcionou a sedução sinestesticamente metamorfoseante dos encontros, a sensível libidinidade dos nano-elementos que se proliferam na multiplicidade dos arranjos musicais dos suspiros. A urobórica “mulher-serpente” (Barros) está sempre entoando a poética barreana, inclusive associando-a declarada e diretamente à imagem de *Velha Honória* (Barros) que aos poucos começará a se desdobrar na caminhada desta escrevivência para melhores compreensões.

As *mboi'kwery* (serpentes) são metamorfoseantes como um ventre de múltiplos ciclos de espaçotempo, este de Pachamama. Compreensão de espaçotempo completamente diferente das concepções coloniais. O ocaso da poética barreana entardece com diversas vozes indígenas da contemporaneidade que afirmam serem filhas da gente das águas, (re)fundando os calendários de Pacha com suas (en)cantarias. “(...) Seu olho exagera o azul. / Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves. / Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os / besouros pensam que estão no incêndio. / Quando o rio está começando um peixe, / Ele me coisa / Ele me rã / Ele me árvore. / De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os / ocasos.” (Barros, 2010:315). Velho rio de águas sempre nascentes de (en)cantarias insurgentes por c(a)osmoses barreanas, de contaminações elementares, vibracionais, nanomateriais, microfísicas, numa palavra, ‘nano-afetuais’, sempre c(a)osmicamente matriais,

comunitárias, nômadas e coletivas. De certa maneira, se dão assim também as ocorrências das hortas urbanas ou dos plantadores de P.A.N.C (Plantas Alimentícias Não Convencionais) e inúmeras outras tribos do asfalto — como pixadoras, skatistas, garis, varredoras, limpadoras de bueiros e rios, circenses, bohêmias, cosplayers, otakus, travestis — praticantes de nomadismos<sup>34</sup> coletivos, comunitários, inclusive matriais e não-binárias.

Em minhas caminhadas enquanto pessoa dissidente do sistema sexo-gênero (não-binária) de trajeto ancestral guarani (e também cigano), ao dialogar com mulheres mbyá, kaiowá e nhandeva de diferentes regiões, com mulheres huni kuin (Acre, Brasil), mulheres cis e pessoas não-binárias mapuche (Chile), quéchua (Peru) e de diversas etnias, as ressonâncias matriais são muito evidentes para todes nós. Mais do que isso, para os homens também. Pois estes nunca foram educados para engolir o choro aquático ou reprimir qualquer potência do sensível. Inclusive quando se tornam guerreiros, são guerreiros sensíveis. Sensações harmônicas sobre tal ressonância inclusive com povos dissidentes dos Tupinambá de trajeto mais solar, expansivo e até sociologicamente/antropologicamente classificado como patriarcal, mas por uma perspectiva originariamente completamente diferente do machocentrismo eurocêntrico, pois movimentam suas cosmopercepções por intelecção matrial (não-patriarcal). Entretanto, é com pessoas não indígenas que as compreensões e (re)conhecimentos sobre as matrizes matriais ameríndias se demoram mais, principalmente entre homens brancos cis héteronormativos que se arranjam no cotidiano com fortes entonações coloniais. Lembrando que mulheres cis e pessoas trans também podem se demorar para (re)conhecer tal matrialidade cósmica, pois de incontáveis maneiras, estamos todes respirando o ar condicionado da colonialidade, muito perceptível também no feminismo da branquitude.

Mas a música da vida e suas cigantias são incansáveis. Buscar deixar o sensível ser escutado nada tem a ver com pretense salvacionismo de mundo. Mas com as potências sensíveis do *Suma Kawayay* (*bem viver*, para Abya Yala), chamada de *Tekó Porã* por minha ancestralidade guarani, prática filosófica que só ocorre de maneira intensamente afetual, cósmica e comunitária. E a concepção comunitária do *Tekó Porã*

---

<sup>34</sup> Sobre nomadismos contemporâneos, há uma lista sem fim de tribos e de praticantes nas mais diversas profissões, ocupações e situações do dia a dia, como descreve Maffesoli.



nada tem a ver com as fixações dos impérios comunistas, a pretensão de fixar contornos em territórios sensíveis e em tudo que vive, a rigidez do olhar colonial e as bandeiras de ordem. Mesmo bandeiras agora latinoamericanas podem ser *pachworks* de diversas nações. Uma aldeia flui em harmonias dissonantes compostas por tribos-pássaros, povos-queixada, gente das águas, parentas bananeiras, hormônios da terra, do fogo, do ar e demais elementos, sendo cacofônica pelas diferenças, inclusive por devires-outros, mulher-onça, homem-boto-cor-de-rosa, ondinas, etc. Cada yanomami, por exemplo, arranja-se por um “duplo animal” inseparável (Kopenawa). Pessoas construídas como mulheres geralmente são inseparáveis de lobos. E pessoas construídas como homens, geralmente são inseparáveis de gaviões. Quase sempre acontecem como um corpo só, mesmo que as lobas e os gaviões vivam no fundo da floresta. “O indivíduo e seu duplo animal nascem, vivem e morrem no mesmo momento.” (Limulja, 2022:63).<sup>35</sup> Se um desses duplos animais por acaso for flechado como caça, a pessoa Yanomami cai, adoece, podendo morrer, ou melhor, ancestralizar, se um xamã não intervir com luas de negociações nano-afetualmente cosmopolíticas – ‘nanomateriais’, vibracionais, entoantes, ritualisticamente estéticas – com outras humanidades da floresta conhecidas como *xapiri*. João Paulo Tukano, fundador do Centro de Medicina Indígena, alerta leitores do livro “A Queda do Céu” para complexidades indígenas da vida comunitária que, aos olhos ocidentalocêntricos, geralmente fazem *xapiris* serem traduzidos rapidamente como *espíritos*. O próprio Davi Kopenawa, está a todo instante dizendo que perdeu *xapiris* por conta das intensas investidas da evangelização nos territórios Yanomami desde que ele era bem criança. E os *xapiris* não podem ser reduzidos apenas a espíritos. Nas palavras de Davi Kopenawa, *xapiris* são “imagens”. Milhares de nano-imagens vibrantes, en-cantadas e de inúmeras diferenças. Imagens de uma imaginação bastante material. E o tratamento xamânico se dá por errantes (en)cantarias que seguem rigores de um imaginário nano-material e vibracional intensamente corporal. Melhor dizendo, ‘cosmocorporal’.

---

<sup>35</sup> Para os Yanomami ocorrem diversas instâncias corporais, entre elas o *pei siki* (que literalmente significa “pele”; corpo biológico), o *pei utupë* (espécie de imagem vital que viaja por lugares em sonho) e o *pei uuxi* (corpo metafísico e psicológico arranjado por um conjunto de elementos que constitui a pessoa). Este último é composto por outros quatro arranjos: *pei pihi*, *pei anë porepë*, *pei utupë* e o *rixi*, cada qual com suas complexidades nano-afetuais, metafísicas e psíquicas, sendo que *rixi* é o corpo enquanto “duplo animal”, um tipo de alter ego animal. Vide palavras de Davi Kopenawa, Hanna Limulja, Bruce Albert.

Quanto mais busca valor e o “bem” moral, mais objetivista fica o “corpo” conquistado por arranjos coloniais, distante da capacidade de devaneio e percepção em relação às incontáveis e estruturantes vibrações matriciais, pois ‘corpos-pacha’ pensam com um coração uterino sem a pretensão de separar a c(a)osmicidade da vida em bem e mal ou demais cisões ‘virtualísticas’ pelas especializações da posse nos apartamentos morais do iluminismo evangelístico. Pensando com a multiplicidade de pulsações de Pacha, tudo frui dentro de tudo. É tudo fruição co-implicada, visceralmente (en)cantatória e vibratória que escapa aos utilitarismos. Uma compreensão sensível de tratamento não exótico inclusive para a cultura imaterial.

Não é preciso ser antropólogo ou especialista. Um simples passeio pelos museus de etnografia nos ensina serem as ferramentas indígenas – cuias, arcos, flechas, bordunas, remos, canos, potes, cestos, etc. – muito mais que objetos técnicos e funcionais capazes apenas de cumprir as tarefas que deles se esperam: são também objetos estéticos, dedicados à contemplação e ao manuseio prazeroso, à veiculação de mensagens míticas e rituais. Estes instrumentos contêm um excesso simbólico, um algo mais, incompatível com seres para os quais o estômago seja mais urgente que o intelecto ou a sensibilidade. (Rodrigues apud Ferreira-Santos; Almeida, 2012:15).

Barros e as múltiplas aprendizagens de ‘desobjetos estéticos’ quase sempre musicais, que embalam o leitor em suas tessituras rítmicas e demais sutilezas vivas, descoisificando a vida por uma poética não apenas fraternal, mas de percurso matrial e autoformativo assim como as cosmopercepções ameríndias.

Quando conheci o generoso e humilde Luiz Bolognesi – diretor do filme "A Última Floresta" co-roteirizado por Davi Kopenawa, para quem tive a oportunidade de fazer uma ligeira colaboração na fase de corte do longa – ele deixou claro que não era nenhum estudioso de culturas indígenas, mas que aprende bastante com as vivências nas produções. Através de suas respostas à imprensa a respeito do filme, é notória a opressão de gênero, que Bolognesi diz ter presenciado em todas as culturas e lugares do mundo que ele já esteve trabalhando. Ele afirma que nunca esteve com nenhum povo livre dessa questão. O filme inclusive vibra movimentações feministas do território yanomami e, obviamente, basta escutar vozes de diversas mulheres indígenas para saber das repressões e demais percalços que lhes afetam. É preciso não romancear, constatando facilmente que a opressão de gênero acontece também dentro dos mundos

indígenas da atualidade, em força culturalmente mandatária e estrutural, mas, em muito, deve-se aos contágios de uma longa e violenta investida colonial, catequizadora e evangelizadora, por confinar corpos-territórios ameríndios pela ideia de posse e outras tantas ideias eurocentradas na palavra escrita do Senhor e de seus seguidores que fundam a relação virtualisticamente cartoreira, oligárquica e en(si)mesmada com a vida, em que grupos herméticos e oligárquicos comandados por poucas pessoas-homens entendem corpos e demais territórios sensíveis da vida como coisas a serem conquistadas pela autoridade da ideia de autoria para exercício de poder. Afinal, aprenderam a assinar embaixo com seu deus monoculturalmente machocêntrico desde alguns “ísmos” para com o oriente médio pré-imperial ao individualismo jacobino, passando até pela forma em que a arte se configura para pretensos egos e supostos sujeitos. Coisas da dicotômica visão ocidentalocêntrica de sujeito-objeto, corpo-alma, fora-dentro, eu-outro, indivíduo-sociedade, selvagem-civilizado, evoluído-não evoluído, sagrado-profano, privado-público, homem-mulher e demais ideias tão binaristas, quanto estéreis diante da multiplicidade de pulsações ‘nano-afetuais’ da vida. O virtual possui suposta e sublime força contra o material, mas de peso extremamente brutal que deixa violentas marcas sobre o generoso ventre da Mãe Terra. Violentas pegadas de um corpo como apêndice de uma alma e não como oportunidade de liberdade e fluência cósmica. Ideia imposta à base de pelourinho e chibatada. Tudo pela soberania de um pretense sujeito em relação a um suposto objeto. Ordem, controle, fixação, marcação, classificação e coisificação da vida. Sujeito-objeto que ao ser lido da esquerda para a direita, obedece a mesma ordem do homem-mulher, lendo-os assim, da esquerda para a direita, ou seja, pela ordem de um pretense e soberano sujeito macho para um objeto mulher criado a partir de sua costela para obedecê-lo, compondo a morfologia da necropolítica colocada em prática no grande laboratório colonial da morte que se tornou a latinoamérica e os territórios onde a vida agora é insulada (pela) propriedade.

É preciso compreender que a origem do capitalismo, intimamente conectada com a caça às bruxas, à marginalização das culturas do “selvagem” e à Santa Inquisição, desencadeou uma série de opressões a imaginários no seio social daquela Europa em formação, buscando aniquilar seus nomadismos mais sensíveis à vida.

Em *A Bruxa e o Calibã* e em suas demais publicações, a historiadora Silvia Federici (2017) evidencia que a mulher passa a ser estruturalmente subjulgada a partir do momento em que o capitalismo e o patriarcado vão se erigindo simultânea e reciprocamente, contando com as leis cristãs que, com severo policiamento clérico, condenava à fogueira milhares de mulheres e demais desobedientes desta ordem. Muitos deles, nômades ou de diversas etnias marginalizadas pela formação dos grandes estados. Houveram inclusive levantes femininos armados, mas sem sucesso diante do forte policiamento já instaurado pelo sagrado capitalismo patriarcal, estrategicamente sistematizado conforme as ordens de Deus que se faziam cumprir através da figura do Papa e do Bispo, de suas forças militares e legislativas, somadas às dos reis cristãos.

Ocorre que até antes da investida capitalista, não havia remuneração em moeda ou qualquer estrutura de remuneração virtualística. As divisões de trabalhos entre homens e mulheres eram as mais diversas de acordo com cada povo, etnia e cultura daquela antiga europa. Havia diferentes tendências cosmoperceptivas, das mais matriais às mais patriarcais<sup>36</sup>.

E na prática, os trabalhos da casa - hoje conhecidos como domésticos - eram tão estruturalmente reconhecidos, importantes e ativos politicamente quanto os de um raio maior dos arredores da moradia. As pessoas se envolviam nas duas situações para além da *invenção do gênero* (Oyèrónke Oyèwùmí)<sup>37</sup>. Antes da fixação dos papéis, atuavam em múltiplos afazeres com predominância de mulheres mais próximas de casa nos períodos de gestação e início da fase materna. Mas igualmente os homens se aproximavam mais da casa nestes períodos, sempre com ambos participando das mais diversas decisões.

E como conta Silvia Federici, a partir do início da formação capitalista, instituiu-se de forma severa e violenta a remuneração aos homens, transformando drasticamente o comportamento europeu por um modos operandi estruturado na opressão de gênero feminicida ainda em curso até hoje, e desde as invasões do

---

<sup>36</sup> Há estudos e cartografias sobre como se davam essas distintas dinâmicas em cada lugar da Europa. Com foco na crepuscularidade do que é descrito como “cosmovisão afro-ameríndia”, Ferreira-Santos, por exemplo, possui uma longa trajetória de pesquisa mitohermenêutica com aprofundamentos sobre formações culturais da europa através de diferentes estruturas de sensibilidade e suas nuances.

<sup>37</sup> socióloga nigeriana Oyèrónke Oyèwùmí, pensadora e autora do livro “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”.

imaginário colonial no último meio milênio aqui nesta Pachamama. Isso vem de uma longa cooptação de sensibilidade e fluxos vitais de diversas cosmopercepções em que tornar-se guerreire passa necessariamente pelas vias do sensível, e não pelas heróicas pretensões da conquista combatidas, por exemplo, por Bartolina Sisa, lutadora aymara contra as investidas do império espanhol no século 18. Em Abya Yala, contamos com levantes de grandes guerreiras, como Clara Camarão da etnia Potyguara, no século 17, na região onde se localiza atualmente o bairro de Igapó (Rio Grande do Norte), às margens do Rio Potengi. Da mesma etnia, lutam ainda hoje diversas sábias guerreiras como a poeta, escritora e educadora Eliane Potyguara e a educadora Rita Potyguara. Uma luta, antes de mais nada, contra os agenciamentos eurocentrados nas urbes, nas aldeias, nos afetos. Xamãs mulheres na Latinoamerica hoje são maioria. Cacicas como Kerexu Yxapiri Guarani são grandes guardiãs das sementes pindorâmicas, protetoras das florestas e dos imaginários das nascentes vitais. São inúmeros os nomes de sábias guerreiras que tenho acompanhado nessa caminhada enquanto a colonialidade neoliberal continua praticando genocídios, etnocídios, feminicídios e lgbtcídios co-implicados de ‘imaginariocídios’. Sendo que todos os diferentes arranjos da política de morte continuam se agenciando co-implicados de ‘cosmicídios da imaginação’ (mortes cósmicas tecidas pelo imaginário) e ‘cosmicídios imaginários’ (apagamentos de cosmicidade nos imaginários) compostos co-implicadamente de ‘matrialicídios’, ‘nomadicídios’, ‘natuculturicídios’ e, sintetizando bastante, ‘cosmopercepçcídios’, ao invadir os territórios sensíveis de Pacha, matando pela deformação cultural, pelas apropriações e usurpações da ideia de posse, pelo bloqueio da multiplicidade dos fluxos vitais dos imaginários, pela imposição de uma epistemologia excludente, pela cooptação de sensibilidade, pelo bloqueio da sensibilidade cósmica. Conforme Gilbert Durand, simbolicamente, o imaginário humano é sempre o mesmo. Mas conectada com a ancestralidade guarani, diversas culturas indígenas e do mundo, percebo que a maneira como distintas estruturas de sensibilidade podem se movimentar geram inúmeras ressonâncias e estruturam diferentes cosmopercepções. A mitologia judaico-cristã está na base da formação iluminista, eurocêntrica e colonial. Uma cosmopercepção falocêntrica, de sensibilidade excessivamente heróico-solar, veneradora de espadas,

cortes, cisões, linhas excludentes e pretensas ascensões, desde suas imagens mais primordiais e suas pulsões reflexivas dominantes.

Silvia Federici evidencia a individualização da vida, pois antes do capitalismo a articulação do trabalho europeu era comunitária, onde tanto o trabalho masculino, como o feminino, tinham seus lugares dentro dessa cosmologia. E como o trabalho não era remunerado por moeda, seu valor era constituído por outras maneiras de se relacionar. Para ela, sempre existiu certa lógica para a divisão dos trabalhos por gênero. Entretanto, mais do que os trabalhos “masculinos”, os trabalhos “femininos”, assim denominados pela cultura cristã-capitalista, ironicamente resistiram contra esse processo de individualização, pois eram atividades mais comunitárias que só ganhavam movimento pela reunião de mulheres. Então houve uma resistência feminina neste momento em que o capitalismo impunha novas regras. Dessa forma é que surge a figura da bruxa para capturar a rebeldia de quem estava contra o novo mundo que se formava com as forças falocêntricas do imaginário judaico-cristão. Naquela europa, existiam trânsitos maiores entre os trabalhos. Não era algo tão fixo. De repente as mulheres estavam na agricultura. Sendo que todas as atividades não eram consideradas dentro ou fora da casa, mas co-implicadas da percepção mais cósmica e comunitária da vida. Cosmicamente nômade. De modo que num dado momento foram sendo interrompidos os trânsitos e reprimidos os arranjos nômades mais sensivelmente importantes para nossas percepções nessa caminhada com Barros pelas cosmopercepções ameríndias que vibram por outros arranjos.

Nessa escuta aqui da voz do Xamã Davi Kopenawa desde 1990 e em minha pequena contribuição afetual para o filme *A Última Floresta*, percebo que no mito de origem yanomami, por exemplo, vivo pela potência oral, vibracional e comunitariamente matrial das culturas ameríndias, *Yoasi*, irmão de *Omama*, estupra *T<sup>h</sup>uëyoma*, “mulher aquática” também chamada pelos xamãs de *Paonakare*, que depois vem a se casar com *Omama* sem qualquer relação de posse, gerando o povo yanomami como “filhos da gente das águas” e transbordando toda uma cosmopercepção aquática na sábia e generosa "barriga da terra" (Kopenawa). A partir da violência praticada contra *T<sup>h</sup>uëyoma*, ocorre um conflito entre *Omama afetual* e *Yoasi possessivo*. Este, segue em longa jornada para o outro lado do mar, onde dá origem ao “povo branco”,

diga-se de passagem, sedento por um tipo de irmandade onde apenas o suposto (e impossível) “igual” ou “semelhante” é que tem valor, sendo moralmente preciso exterminar a diferença, logo, exterminar a possibilidade do conflito diplomático gerador das necessárias metamorfoses para a potência da vida e o viver em plenitude. “Sou muito preparado de conflitos” (Barros; 2010:345). E as xamãs são diplomatas cosmopolíticas. ‘Escutatearemos’ o Xamã e tantas outras personagens xamânicas, nômadas e ameríndias de Barros. Negociam com elementos, com ventos, chuvas, doenças, seres nanovisíveis e com toda a vida na floresta. Mas com os não indígenas, é diferente. Davi Kopenawa evidencia como o povo yanomami – um dos mais resistentemente confinados e livres das invasões coloniais até os anos 1960 – foi surpreendido de maneira inédita para toda sua ancestralidade com frequentes chacinas nas últimas décadas, algumas propositalmente virais – como uma iniciada por um *Missionário de Tesosi* (Deus), que ficou conhecida como “fumaça de epidemia do padre”, matando quase que toda a população de diversas aldeias do rio Lobo d’Almada –, outras tão avassaladoras quanto, como a que foi causada por um presente-bomba de um funcionário do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) rancoroso por ter sido impedido de estuprar uma Yanomami adolescente e outra chacina executada, em 1993, por garimpeiros e capangas de um grande empresário do ouro, matando num instante de terror quase toda uma aldeia envolvendo mulheres, crianças, jovens e idosos yanomami e evidenciando como surgiu a ideia de extermínio de uma aldeia e de um povo, seja de uma tribo-pássaro, uma gente-minhoca, de um grupo urbano ou de um povo yanomami, ainda que este e os demais povos indígenas do Brasil jamais tenham tido essa ideia ou praticado ela em toda a história, segundo conta Kopenawa.

Ainda que em certo período da história um dos diversos povos originários, os Tupinambá, ainda enquanto Tupi, tivessem desviado da inclinação à Grande Mãe-Xamã – e por motivações não evidentes, optado pelo caminho expansionista do Sol –, a ideia de genocídio, seja de uma aldeia ou de um povo, obviamente nasceu das práticas coloniais, genocídio não apenas de gente “duas pernas”, mas incluindo também gentes-peixe, tribos-pássaros, parentes rios, sábias árvores, etc. O ocidentalocentrismo é regido por símbolos de cisão, invasão e extermínio que ressoam sua visão falocêntrica. Desde o mito de origem, *Yoasi* possessivo jamais representou o modo de vida

Yanomami, tendo imagem não admirada por este povo. O conflito entre os irmãos parte de um imaginário matrilial com a vida e, poligâmico com os arranjos vitais. Nas contações, jamais o fato dos dois terem se relacionado com a mesma mulher é trazido como um “problema”. A discussão e o rompimento de *Omama* com *Yoasi* é completamente diferente da questão com Maria Madalena, por exemplo, por motivos que a palavra escrita e utilitária dos cartórios aos jornais não conseguem dar conta. Nem mesmo um filme tão sensível daria, muito menos a pesquisa aqui em curso. Ficaria enfadonho e, como Barros, prefiro poéticas que gostam da *despalavra*.

Mia Couto, poeta-fruto das culturas moçambicanas, diz algo assim: "poetas não gostam das palavras / escrevem para se verem livres delas". Também não sou afeita ao tipo de poesia em que a pessoa fica calculando um dia todo para compor. A poética do sonho e da música é o instante. A vida é a música sempre já, e é só no risco do incontrolável acaso que o parto pari suas potências. Então com Barros, prefiro encontros c(a)osmóticos de escuta e afeto, lembrando que o silêncio, apesar de ser capaz de arranjar muitas potências de vida, têm sido outra arma de opressão colonial há séculos. Então é preciso dizer, é preciso conversar, à vezes, infelizmente, escrever um pouco mais, mas sempre buscando um silêncio barreano, um *silêncio de concha* que continue vibrando os ininterruptos marulhos do ventre da vida, impregnando, assim, o silêncio de escutas, fractalizando palavras utilitárias e demais pretensas fronteiras com presença e fruição, como o que o ocorre com o Maa japonês, nomadizando-o para uma concepção guarani de “povo do silêncio”, conforme diz o *tchukarramãe* (guerreiro sem armas) Werá Jecupé. Deixar bem à maneira barreana, o andamento cardíaco da aquática música que escutamos desde o ventre uterino transbordar pelo ventre-pacha, inseparando pretensos encerramentos da ideia de verdade, tão colonial, quanto genocida.

O silêncio pode ser bastante soberbo e violento. E o conflito, muitas vezes, pode ser mais sensivelmente potente do que a ideia colonial de "paz". Nas retomadas dos territórios sensíveis de nossos arranjos corporais e sentindo-os em processo afetualmente decolonial, o caos não é ideia oposta à paz. O incontornável caos e o incontornável acaso são a vida em sua inteireza e integridade necessária para acontecer, mas que permite arranjos harmônicos, sempre suscetíveis a alterações da inevitável cacofonia. As violências de uma certa ideia de paz colonial e demais narcísicas e



arrogantes cartas do sublime causaram o maior genocídio da história mundial bem aqui nesta Ameríndia pindorâmica de Abya Yala tão conectada também com as cosmopercepções africanas. Uma conexão diaspórica, inclusive, provavelmente de muito antes da escravização dos povos africanos e por uma concepção de espaçotempo fractalizadora dos calendários coloniais. Vozes das mais diferentes etnias marginalizadas pelo “homem branco” falam de uma *cosmovisão afro-ameríndia* e também de uma *América Ladina* (Lélia Gonzalez).

Uma sábia mátria afirmadora da vida e proliferadora de multiplicidade contaminatória em intenso fluxo de alteridade necessária para garantir a potência da vida. ‘Corpo-Mátria’ pela necessária e sábia fertilidade nômade nas viagens do escuro, da noite e do sonho. A *sonhação* (Bachelard) é uma sabedoria tão fértil quanto a escura lama de Nanã ou a noite que, para diversos povos Tupi, nasceu de um coquinho ou de uma pequena cabaça, colocando o sonho em prática em pleno dia. Imaginário sensivelmente crepuscular de sonhar acordada pelos nomadismos cósmicos e não dos heróis do calendário gregoriano-solar. Há nisso muitas vibrações que compõem as cosmopercepções matriais dessa Afro-ameríndia. Para ela, o imaginário não é algo distante, não é algo mental, não está nas grandes visões, nem de planos etéreos, nem nos paraísos platônicos. O imaginário é que tece nosso dia a dia ao mesmo tempo que este o compõe, assim como as matérias do sonho e os elementos são os princípios da vida. E desde o imaginário xamânico vindo do que se aprisionou como sendo "oriente", a mulher, a criança, a pessoa idosa, o parente rio, as montanhas são sábias corpas de Pacha. As idosas, por exemplo, são como as velhas sábias árvores, detentoras do conhecimento vivo que atualizam a ancestralidade em cada passo da convivência. É que do nomadismo xamânico até a *guata* (prática do caminhar guarani), sempre foi evidente isso dos pés precisarem pisar com leveza na sábia-generosa Nhandetsy ou quaisquer dos inúmeros nomes essa composição-mãe compositora. “Ensina aos seus filhos a pisar suavemente sobre a terra.” (Chefe Seattle). Há uma importante diferença, das tantas incalculáveis, entre o que podemos chamar de cosmopercepções ameríndias antes da invasão branca e da monocultura eurocêntrica. Entre uma e outra existe uma grande palheta cacofônica de distintas vibrações tanto nas possíveis mercadorias que chegam às aldeias, como nos nomadismos das grandes urbes.

Enquanto as cosmopercepções ameríndias vibram imaginários *matriais*<sup>38</sup>, a visão ocidental afirma simbologias de um imaginário patriarcal.

As simbologias das gentes (en)cantadas não são como as representações virtualísticas do etéreo e do sublime. Para elas, a vida, inclusive em seu aspecto sagrado, é material. A imaginação e o sonho também são vida, não existindo soberania de sujeito, racismos evolucionistas, cartórios da posse e pensamento dicotômico. É vida matrialmente cosmo-comunitária, pela miração sinestésica de cada mínimo '(en)cantamento' no sentido elementar, microfísico, musical, afetual, comunitário e metamorfoseante do termo. (En)cantamento do que afeta afetualmente, pelas transmigrações nano-afetuais e pelos nomadismos dos sentidos no generoso ventre da Mãe Terra. Pelas necessárias errâncias e miudezas na artesanaria das metamorfoses. Pela anarquia das diferenças em fluxo de intensa alteridade e proliferação de multiplicidade. Ameríndia das cacofonias afetuais que tecem caminhos com as matérias do sonho.

Caos é pai de Gaia. Gaia, Mãe Terra, Madre Tierra, Pachamama, Nhandetsy, Pritivi, Gea, enfim, na sua mais variada multiplicidade, mesmo sem qualquer controle do que pode acontecer com as crias – e dando liberdades para que, com os caminhos, elas possam compor responsabilidades –, essa Grande Mãe tão ativa na poética barreana e no imaginário ameríndio, dança, entoa, estrebucha, geme, grita, trêmula, vira do avesso, faz de tudo, não por motivações heróicas e salvacionistas, mas no risco metamorfoseante de se nomadizar e nomadizar a vida, numa experiência sinestésica e vibracional dos ritos sensíveis. Ritos corporalmente cósmicos, afetualmente contaminantes e sensivelmente transmutantes para deixar com que as potências da vida aconteçam, para além da visão colonial individualista da morte atrelada à ideia de indivíduo ou sujeito fixo. Apesar da visão antropocêntrica, a vida é sempre complexa e intensamente co-implicada de vida cosmo-comunitária. E essa mãe faz tudo isso não por ser dotada de essência ou por heróica “finalidade de” ou de “salvar o...”, mas de “maneiras que”. O processo, a experiência, a convivência, as errâncias sensíveis,

---

<sup>38</sup> Conforme Ferreira-Santos, *matrial* é um pouco diferente de “matriarcal”, pois o termo “matrial” ressoa matrizes simbólicas que compõem o imaginário, enquanto este tece o real. Matrizes pachamâmicas, aqui nesta pesquisa. O termo “matrial” então é empregado por Ferreira-Santos não através de uma leitura sociológica, mas pelos estudos do imaginário em busca de deixar vibrar a “cosmovisão afro-ameríndia”. E não por uma questão de imposição social e dominação político-cultural, explícita no termo “patriarcado”.

acontecem pelas conexões das cosmopercepções ameríndias e não pela fixação com a finalidade. A Grande Mãe não tem a função de procriar. Também não pari salvadores por virtualísticos poderes coloniais – estes que com os espíritos santos engravidam mulheres, pessoas escravizadas e corpos-territórios estupradas –, mas sim, acontece pela potência sensível que flui sem finalidade como as abundantes águas do ventre pantaneiro de Barros e de Abya Yala .

Para as culturas ameríndias é comum ouvir que aquilo que o *juruá* (o não-indígena) chama de mar é o “grande rio” (Kopenawa), inseparando pretensas fronteiras do doce e do salgado nas contínuas variações co-implicadas de vibrações vitais. Em tupi-guarani, por exemplo, “mar” se diz *yye’ẽ*, ou seja, *yy* (água), *e’ẽ* que vem de *nhe’ẽ* (voz-vibração vital), *Nhe’ẽry* (mata atlântica) e que também é composto de *he’ẽ* (doce;doçura). A língua barreana se arranja da composição intensamente viva e encharcada de *ywyrupá* (“úmido leito da terra”; “leito da terra composta de água”), não obedecendo mapas e dicionários, levando em cada gota águas tão profundas como um rio e infinitas como um mar num só instante de devaneio, tudo uno, cacofonicamente. Fontes matriciais cacofonicamente não dicotômicas, que não (se) separam (de) suas criações. E nem mesmo as conecta, pois não as trata como sujeitos fixos, indivíduos e coisas, mas sim como arranjos sensivelmente nano-afetuais de múltiplas e inevitáveis conexões cosmocomunitárias no risco de não pretender se ejetar do inevitável.

Na Serra da Mantiqueira, observo um *tukã* (tucano) devorando o ovo das andorinhas. Uma *guará* (loba) destroçando um filhote de *jacú* vivo. Um bando de *uru’u* (urubu) e um *kará kará* (carcará) na espreita de um bezerro que acabara de nascer. Um *tukã* (tucano) fugindo de um *mitã djaryi* (bem-te-vi) que bica ferozmente sua cabeça em velozes malabarismos aéreos para afugentá-lo do ninho. E também as *marakanã’kwery* (maracanãs) entoando gritos de avisos ao mesmo tempo que cantam *djaryrá’kwery* (cigarras), diversas tribos-pássaros, distintos cantos, todos ao mesmo espaçotempo. Nessa música coletivamente cacofônica que a vida vai sendo, podendo ser entendida como caótica na colonialidade, acaba acontecendo um equilíbrio. Um equilíbrio pelas pulsações vitais e não pela ideia de indivíduo. Um equilíbrio pela vida não somente no âmbito macrocósmico, mas pela potência micromaterial e nanofísica, elementar e vibracional, que no caso barreano, ocorre por intensa vivência estética e musical. Uma

convivência (en)cantada, portanto, de impossível medição ou delineamento de contornos fixos como os aromas entoados pelas flores. Os mesmos arranjam as colméias. Uma poética metamorfoseante de múltiplas co-implicações, no caso barreano, c(a)osmóticas, e que acontece no gosto de saber o equilíbrio sonoro das palavras. “Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases. Gostar quase até do cheiro das letras”. (Barros, MI – Infância). Andarilhar pela “infância da palavra” (Barros).

A c(a)osmótica “fisiologia dos andarilhos” (Barros) não é compreensível pela virtualística frieza do olhar apressado, mas pelo olhar que tateia o tempo onírico e nascente dos afetos que se afetam nas múltiplas escutas compositoras da caminhada. Caminho de intensa fruição cósmica e sensível ao andarilhamento deseróico. Um andarilhamento transmutante como o de *txukarramães*, assim chamados pelos povos Tapuia os “guerreiros sem armas”. Guerreiros do sensível que se movimentam intensivas alegrias por uma razão-pacha operada pela sensibilidade cósmica da vida, inevitavelmente cacofônica e metamorfoseante nas múltiplas afetações dos caminhos.

A poética barreana não está preocupada com a explicação dos mistérios. Dissecar o mistério já seria matar seus (en)cantos, seus movimentos, seus nomadismos cósmicos, sua fruição musical e vibratória. A razão-pacha de Barros não pretende revelar o oculto, mas sim apresenta-se por parir e proliferar os sentidos que seus caminhos inventam com a *canção do vento*, o *idioma das árvores*, a *linguagem de rãs*, o *canto das cigarras* e pela inevitável música coletiva que é a vida, (re)conhecendo corpos e pessoas por uma epistemologia musical, pelo *grau de (en)cantamento* (Barros), ou seja, pelas vibrações do arranjo coletivo que a pessoa vai sendo. A razão-pacha barreana sonha a vida sem cristalizar a pessoa. Arranjo sensivelmente ‘cosmótico’ no ventre das en-cantarias; “(...) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (Idem, M.I.A.I. 2010:109). Que qualquer ideia de poder, perca para o sonho. Assim, Bachelard entoa aqui também, dizendo que “(...) os verdadeiros interesses poderosos são os interesses quiméricos. São os interesses que sonhamos, e não os que calculamos.” (Bachelard, 2002:76). Qualquer ideia de poder é despotente diante do sonho que é necessariamente biocêntrico, cosmo-coletivo, contaminante, provocador de modulações, alterações de frequências

das trilhas vivas e demais transmutações da cosmicidade corporal. É o sonho de xamãs que escutam bem a força da estranheza. “A estranheza de um sonho pode ser tal que nos parece que um outro sujeito vem sonhar em nós”. (Bachelard, 2006:11). Este sonho sempre coletivo e tecelão dos corpos da vida com “o desejo dos outros” (Limulja, 2022) de acordo com Hanna Limulja em sua etnografia dos sonhos yanomami.

## 1.4. Fenomenologia do en-cantamento cósmico:

### Ressonâncias cosmocomunitárias e nanoafetuais

*Uso um deformante para a voz. / Em mim funciona um forte encanto a tontos. / Sou capaz de inventar uma tarde a partir de uma garça. / Sou capaz de inventar um lagarto a partir de uma pedra. Tenho um senso apurado de irresponsabilidades. / Não sei de tudo quase sempre quanto nunca. Experimento o gozo de criar. Experimento o gozo de Deus. / Faço vaginação com palavras até meu retrato aparecer. / Apareço de costas. / Preciso de atingir a escuridão com clareza. Tenho de laspear verbo por verbo até alcançar o meu aspro. / Palavras têm que adoecer de mim para que se tornem mais saudáveis. / Vou sendo incorporado pelas formas pelos cheiros pelo som pelas cores. / Deambulo aos esgarços. / Vou deixando pedaços de mim no cisco. O cisco tem agora para mim uma importância de Catedral (Barros, 2010:360).*

Contemporânea e ameríndia, a poética barreana é afirmadora de ciscos e “insignificâncias” da vida por um *eterno retorno* à primeira infância no aquático ventre pantaneiro, bem como à infância da humanidade e às visões dos primórdios da vida, onde tudo está o tempo todo gerundiando nascimentos e proliferando criações. Uma percepção cósmica de múltiplas contaminações desde onde “o menino pegou um olhar de pássaro – contraiu visão fontana (...)” (Barros, 2010:425 – Poemas Rupestres). Sua poética se apresenta como andarilha de arranjos simbióticos e caosmóticos no ventre aquático da Mãe Terra. Pachamâmica, a poética barrena não está interessada em pretensa evolução, nem em (r)evolução. Assim como as culturas ameríndias, está interessada em afirmar metamorfoses do imprevisível que garantem potências de nascentes vitais. Afirmar errâncias de sensibilidades metamorfoseantes que proliferam multiplicidade de pulsações, assim então, fissurando o pensamento dicotômico. Caminhando pelas cósmicas e úmidas trilhas musicais desta pesquisa, tal poética ocorre sempre além da fixação de um “eu”, um “você”, um “corpo”, uma “alma”, um “fora”, um “dentro”, uma “razão”, uma “emoção” e demais pretensas divisões do desejo colonial da ordem.

Nas contaminantes e metamorfoseantes águas pantaneiras, o afeto – este fenômeno composto na experiência inevitavelmente onírica, elementar-hormonal, nano-material, microfísica, vibracional, viva de música e quente da caminhada – constitui-se como fonte sempre errante do saber que transborda nas rachaduras da frigidez moderno-iluminista, dissolvendo as cisões dicotômicas e cartesianas tão racionalistas quanto excessivamente virtuais. Afeto barreano enquanto c(a)osmótica

fonte do saber. A Pachamama pantaneira, com sotaques da composição-mãe Nhandetsy (Mãe Terra guarani) e ressonâncias guatós, guanás e terenas que compõem as “personagens” barreanas, jorra sábia vitalidade por múltiplos acariciamentos e fluxos de metamorfoses para além das pretensas linhas fronteiriças de de uma virtualística que reprime, fixa e esteriliza a vida dos territórios sensíveis e cósmicos que são as corpas de Pacha. Ameríndia barreana não antropocêntrica e de intensa libidinidade cósmica entre tudo que vibra Pacha e a compõe, do mínimo ao invisível, das nano-matérias que sonham a vida aos arranjos vibracionais da caminhada, do onírico ao escutateante. Entre cada mínima pulsação vital, uma ‘multigamia nano-afetual’. A multiplicidade de pulsações vitais que se afetam provocando transmutações. Afeto afetual incalculável como as (en)cantarias que movimentam a vida. Generosidade de um vitalismo próprio também do *amor fati* (Nietzsche). No caso barreano e ameríndio, potência de vida desantropocentricamente cosmocomunitária e nano-afetual. Cosmopercepções que continuam criando transbordamentos pelos mínimos nomadismos da contemporaneidade.

Afirmando as trilhas vivas da caminhada pelos acasos dos ocasos sem ignorar suas inevitáveis cacofonias – até mesmo incontornavelmente trágicas diante de um pensamento nietzscheano que também influencia a obra de Manoel de Barros – , prazerosas dissonâncias das ligantes águas barreanas vazam pelas fissuras das metodologias, não por relativização ou escapismo, pois nesse andarilho andamento de cósmicos nomadismos pachamâmicos, tudo se dá dentro de tudo co-implicadamente sem a ficção do “fora”. É que sem pretensas soluções para supostos problemas do mundo, com Manoel de Barros, a fenomenologia nos permite deixar vibrar o encantamento. (En)cantamento no sentido do andamento musical em acontecimento, no sentido musicalmente nano-físico, micro-material, onírico, elementar, mítico e afetual do termo, portanto, encantamento físico e cíclico, mas também imensurável como os mistérios da vida que só vibram a vida justamente por serem mistérios. Uma fenomenologia que não pretende revelar ou dissecar, mas atenta aos cantos transmutacionais que se apresentam enferrujando refúgios urobóricos pelas *encantarias* do grande ventre pantaneiro. *Encantarias* de acordo com as diversas culturas amazônicas, pantaneiras, ameríndias. “Viva nossos encantados! Viva nossos ancestrais!

Viva toda força da floresta!”, assim frequentemente diz Nádia Akauã Tupinambá na chegada de suas falas.

Caminhando fenomenologicamente com Manoel de Barros é possível escutatear o encantamento estético, ou seja, seguir com escutas de sabedorias ameríndias e práticas nômadadas acerca das composições sensíveis do cotidiano, pela comoção social, pela inteligência comunitária, pelas matérias do sonho, pela miração dos elementos e escuta de seus incalculáveis arranjos hormonais ora capturáveis, ora imperceptíveis. Uma fenomenologia também guiada pela noção hormonal, nanofísica, errante e imprevisível dos elementos que devaneiam conforme a *imaginação material* (Bachelard).

Nos contatos desta caminhada com o povo Huni Kuin e diversas outras culturas ameríndias, é perceptível que a *miração* só acontece no ritual de vibrante caráter estético, festa de inseparar cantos, corpos e territórios sensíveis e vibracionais – que esta caminhada barreana pede para descrever como sendo ‘ambiências’. Tudo inseparado de múltiplos movimentos e gestos atuais das danças ancestrais. A ancestralidade canta, dança e vibra ‘agoraqui’. “A dançarina é o ato puro das metamorfoses.” (Valéry, apud, Bachelard, 2006:151). Atenta ao encantamento estético e fruidor da vida, conectada com as pulsações vitais da razão-pacha barreana, uma fenomenologia só pode ocorrer em múltiplas escutas, pelo reconhecimento de uma sensibilidade transmutante, por co-implicações dos mínimos elementos que sonham e pulsam a vida. Nessa instância, a imaginação e o sonho não se dão como algo etéreo, fantasmagórico ou fantástico. Imaginação, sim, de múltiplas composições corporais que sentem a vida vibrando pelos poros da contemporaneidade. Um agora impossível de se desviar das imprevisibilidades materiais da terra, da água, do ar, do fogo ou controlar as demais vibrações que arranjam a vida no ventre da Mãe Terra. “A matéria é múltipla” (Maffesoli, 1998:83) e a imaginação ameríndia é sábia de diversas instâncias cósmicas. Uma delas é a cosmicidade da materialidade onírica, por encantamento elementar-hormonal. Encantamento nano-material que, com a poética barreana, nesta pesquisa, pede passagem à cosmicidade musical e vibracional. Veremos com Barros, que o elemento água participa dessas *duas instâncias cósmicas, (1) a onírico-elementar-hormonal e (2) musical-mítico-vibracional*. Reconhecer essas instâncias cósmicas no imaginário pachamâmico de Barros, auxilia escutatearmos Pacha enquanto uma corpa proliferadora



de uma multiplicidade de corpos enquanto fenômenos cósmicos e jamais cristalizados. Corpos que vão se apresentando com os arranjos vivos de Barros. Lembrando que tanto Barros como as cosmopercepções ameríndias andarilham com epistemologias ricas em muitas instâncias cósmicas que demandariam uma infinidade de pesquisas científicas e, sem dúvida, eras-pacha que se multiplicam no pensamento xamânico. Ainda que não focando em cada uma dessas instâncias cósmicas, será inevitável e necessário escutar na poética pachamâmica de Barros tais instâncias por conta de suas incontornáveis co-implicações. São instâncias de cosmicidade matrial, cosmicidade biocêntrica, cosmicidade de sensibilidade crepuscular, cosmicidade não-binária na multiplicidade da vida sempre em movimento de metamorfose pelas velhas sábias infâncias da vida. Velhas águas sempre nascentes de imaginários afirmadores da transmutação que acontece nas incalculáveis afetações nano-biologicamente multigênicas das trilhas vivas. Instâncias co-implicadas por uma cosmicidade estética, cosmocinestésica, eco-sensual e micro-libidinosa da fruição da vida. Em síntese, uma *cosmicidade nano-afetual e cosmonômada* como Pacha.

“O imaginário se dá quando se pensa, sonha ou vive-se a matéria.” (ECKSCHIMIDT; SAURA, *Observar o olhar espontâneo de um menino, ou que aprendi com os Guarani Mbya*: 510). E os múltiplos sentidos do *elemento-hormônio* (Bachelard) vibram intensamente por essa fenomenologia. Devaneio materialista e matrial que se compõe pelas errâncias da poética barreana e das culturas indígenas através de ressonantes contaminações com os caminhos, melhor dizendo, pelo *exercício do caminho* tal qual descrito pelos aprofundamentos de Gilbert Durand. Acompanhando as “desimportâncias” no andamento da poética barreana, tais ressonâncias se apresentam por (en)cantamentos incalculáveis, sem nenhuma possibilidade de medição, pois “(...) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (Idem, M.I.A.I. 2010:109). A poética barreana se dá pelo encantamento cósmico que não separa dicotomicamente a vida em sujeito-objeto ou professor-aluno, e assim vibra arranjos de uma educação que considera a experiência e o sentido das múltiplas contaminações sinestésicas e vibracionais. Os (en)cantamentos nas profundas, cíclicas e esteticamente mânticas

águas do Pantanal barreano, bem como o acaso e a errância pela superfície de suas férteis terras encharcadas, vão mostrando que a vida acontece e se prolifera pelos arranjos da metamorfose que vamos sendo.

Uma fenomenologia aqui então caminha pelo (en)cantamento cósmico. Busca escutar a c(a)osmicidade da vida, a cacofonia nos cruzamentos urbanos, nas densidades das selvas, nos grandes desertos simbólicos, as errantes e múltiplas vibrações de nomadismo da vida cotidiana. Com vozes pensadoras do multiculturalismo, aprendemos que as diferentes culturas se arranjam por uma multiplicidade de entonações como uma espécie de imenso e cacofônico vídeo clip jamais linear e, na minha caminhada pela educação com Manoel de Barros, é inevitável perceber intensas conexões na contemporaneidade latinoamericana, principalmente de ressonâncias tanto nômadadas, como ameríndias, apesar da necropolítica. O nomadismo, em suas inúmeras ressonâncias, visíveis ou invisíveis, é um fenômeno da vida. E é um fenômeno tanto constituidor de imaginários quanto atual, seja lá em que culturas estejamos mais inseridos. E para além de dizer sobre nomadismos ameríndios e contemporâneos, a poética barreana pede para que escutemos nomadismos cósmicos da vida<sup>39</sup>.

Essa caminhada não se faz pela intenção de enquadrar povos ameríndios como

---

<sup>39</sup> Sem pretender um enquadre classificatório, os povos ameríndios possuem longa experiência em nomadismos desde as primeiras migrações que multipovoaram este continente de Abya Yala, passando também pelas inúmeras encruzilhadas do Peabiru, caminho com mais de 3 Km, existente que desde há 3 mil anos já ligava o Perú à Cananéia (litoral sul do Brasil), passando por onde hoje é Paraguai, Mato Grosso, acompanhando todo o curso do rio Paranapanema por onde passavam meus ancestrais aqui em Nhe'ery (hoje chamada Mata Atlântica). O Peabiru era um longo caminho criado por migrações, comunicações entre diversos povos, festas, encontros, celebrações de uniões matrimoniais inter-étnicas, compartilhamentos, contágios culturais, errâncias e demais nomadismos. (Werá Jecupé, 2016). São diversos os relatos e estudos sobre nomadismos entre povos indígenas. Conta Kaka Werá Jecupé, que os antigos tupy eram "bons caçadores, pescadores e grandes navegadores, que dominavam magistralmente o navegar pelos rios". (Werá Jecupé, 1998:62). Há milênios, vieram da antiga Paititi – que depois se tornou Eldorado –, adentrando o que hoje é conhecido como planalto brasileiro pelo curso das águas. Eles também eram bons agricultores. "Quando a terra se esgotava, eles se mudavam para outra região, enquanto o lugar se recuperava". (Idem, 1998:62). David Kopenawa também relata situações bastante semelhantes entre os yanomami. Povos mais concentrados no centro-oeste brasileiro, até antes da criação do parque do Xingú, também faziam muitas migrações. Os tupy-guarani são uma ramificação dos tupy (descendentes dos tubuguaçu) a partir da separação tupy-guarani/tupinambá. Os Tupinambá se ramificaram em outros diversos povos e nosso povo guarani há milênios segue pela guata – prática do caminhar guarani que se colocou em maior evidência quando seguiram o caminho da lua em desacordo com o caminho do sol que, em certo momento, os tupy decidiram trilhar. Houve ainda o caminho do sonho seguido por diversos povos, como os xavantes. A Guata guarani foi intensificada com as invasões portuguesas e espanholas. Fora isso, diversas outras vozes indígenas entoam sobre migrações e nomadismos. O mesmo ocorre em estudos antropológicos realizados por indígenas e não indígenas. Minha parentada e eu mesma, vivemos por trajetos nômadés.

nômades ou seja lá quais culturas de qualquer lugar do mundo. Até porque caminha interessada em imaginários e cosmopercepções, em como estes tecem o real, e não por uma intenção sociológica. Muito menos se faz por desejos de ordem classificatória, pois buscando uma fixação, as ressonâncias nômadas não poderiam ser escutadas. O interesse fenomenológico aqui é fruidor e estético pelas entonações, vibrações e ocorrências cosmicamente nômadas, ou seja, ‘cosmonômadas’ – assim me surge este termo numa tentativa de descrever ‘cosmonomadismos nano-afetuais’ com a razão-pacha da poética barreana. Além do mais, o próprio nomadismo não caminha por categorizar culturas. Cristalizações, em geral, não convêm também para o que afirmam as culturas indígenas. Então, um fenômeno que move os andarilhos desta pesquisa de sentidos musicais, é que tanto Barros como as cosmopercepções ameríndias entoam caminhos por arranjos sensivelmente nômades. Ressonâncias nômadas visíveis e invisíveis que, de acordo com imaginários cósmicos, estão sempre em jogo.

Escutando cosmonomadismos nano-afetuais na contemporânea e pachamâmica obra barreana, vale compreendermos sobre atualizações do nomadismo. O nomadismo contemporâneo é descrito por Maffesoli como fenômeno vivo no que, em 1998, ele chamava de pós-modernidade. Nomadismo cotidiano. E nomadismo que atualiza a sensibilidade ligante, co-implicada, transmutante e jamais excludente da *visão fontana* de Barros. Esta, afirma cosmopercepções ameríndias, vibrando caminhos de ‘epistemologias pacha-nômadas’ com a oportunidade de múltiplos (re)conhecimentos sensíveis para a potência da vida. Este é um dos potenciais educativos de Barros.

Os (en)cantamentos barreanos escutados pela fenomenologia aqui em curso se apresentam tanto pelas afetações com as cosmopercepções ameríndias (Ferreira-Santos; Eliane Potiguara; Cristine Takuá, Ailton Krenak e diversas vozes indígenas), como com o *nomadismo contemporâneo* (Maffesoli) e a *fenomenologia compreensiva* (Idem). Tal *fenomenologia compreensiva* é tecida não ao modo de A. Schulz, mas sim, pela abordagem sócio-antropológica de Michel Maffesoli, seguida também por Claude Javeau, Maria Cecília Sanchez Teixeira e José Carlos de Paula Carvalho, apoiada numa *Antropologia Profunda* (Gilbert Durand) e no *Pensamento Complexo* (Edgar Morin), após isso, rompendo as amarras da insuficiência do paradigma clássico de origem aristotélico-cartesiana para além de um sujeito e um objeto histórico, mas na trama

social do cotidiano. Trama esta, incontornavelmente c(a)osmótica que, com as pequenas desutilidades musicais, poéticas, estéticas, nômadadas, ameríndias e contemporâneas das corpas barreanas, desestabiliza a soberania do sujeito e a ideia de corpos fixos ao vazar pelas pretensas barreiras do sujeito-objeto, do corpo-mundo, do fora-dentro e demais dicotomias do pensamento eurocêntrico. Escutas fenomenológicas de (en)cantamentos como oportunidade de iniciarmos um percurso não a partir do corpo pretensamente individual e fixo, mas de uma materialidade corporal, uma corpa da metamorfose matrial, ou seja, uma corpa-caminho-casulo-passage-paisagem-sensível. No caso barreano, corpa c(a)ós mica (cós mica e caosmótica) expressamente comunitária.

Desestabilizar a soberania do sujeito é também estar em confluência com epistemologias não antropocêntricas. Epistemologias que possam, como diz oralmente Ailton Krenak, “experimentar o maravilhamento com todos os seres minerais, vegetais, humanos, etc., considerando suas interdependências, compartilhando a vida com todos os seres” (Ailton Krenak, 2021: Curso online de Saúde Indígena; Aula inaugural - Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena - TVUFRB).

Krenak ainda diz que “o antropocentrismo pode ser combatido de dentro de nossa vida, nessa grande casa coletiva que é a vida, com tudo que existe nela (...) e inclusive no jardim de cada casa, sem a dependência da ideia de farmácia que administra de longe nossa saúde, nosso viver (...), uma farmácia industrial, fria e distante criada pelo *povo da mercadoria*”<sup>40</sup>.

“A água lírica dos córregos não se vende em farmácia” (Barros, 2010:290). Há profunda importância nessa água poética no grande jardim coletivo que, em certas instâncias, a vida vai pulsando nessa Latinoamerica. *Corazón* ameríndio. *Co-razón* conforme afirma Andrés Ortiz-Osés. Razão fundada num saber pulsante e sensível, ou seja, um “saber que tem força de fontes” (Barros, 2010:370), um saber direto pela experiência com a vida. Uma *razão afetiva* conforme descreve Ferreira-Santos em seus aprofundamentos com o que chama de *cosmovisão ameríndia*. Mesmo num pequeno vaso, cada mínima semente de afeto guarda pulsações e imprevisíveis devires de incontáveis árvores ancestrais. Cada semente é uma guardiã ancestral. E cada gota nano-afetual contém uma Pachamama inteira. Uma corpa que, só por suas errâncias e

---

<sup>40</sup> Krenak cita a expressão “povo da mercadoria” muito recorrente nas falas ( ni’hi ) (?) do Xamã Yanomami Davi Kopenawa.

mínimas liberdades, compõem de fato um cuidado cósmico. Um cuidado co-implicadamente tão vibrante e múltiplo que incalculável e sem valor de bom ou mal. Um cuidado tão vibracional como a expressão *mboray*<sup>41</sup>, do tupi-guarani, que significa *amor*, composta de uma morfologia musical por iniciar com “*mb*” que, segundo Kaká Werá, é o “som insonoro e contínuo” de um dos diversos tons da flauta que vamos sendo. Instrumento cósmico enquanto corpa arranjada de florestas nano-afetuais por co-implicação musical e vibracional da vida. Corpas en-cantadas multiplicadoras de *mbaraeeté* (força e resistência) que só acontecem em *mboraju* (reciprocidade), expressões guarani que, assim como tantas outras, também vibram a musicalidade cósmica de *mb*. Inicias, estas, que também arranjam as destinações deste poeta Manoel de Barros sempre tão imprevisíveis como o Pantanal que o compõem e o faz compor feito a selva de sua co-razón co-implicada dos múltiplos corações da selva.

Isso sempre me faz lembrar *little jungle (pequena selva)*, uma canção composta com o txai-parceiro Paulo Viggú por volta de 2010, período em que meu trabalho musical e educacional estava sendo plenamente afetado pelas metamorfoses nômade e comunitárias pequenezas da poética barreana. Sementinhas atômicas de sensibilidade. Um saber barreano nos múltiplos encantamentos que arranjam as florestinhas cósmicas e ambulantes que podemos ser enquanto corpas de múltiplas pulsações vitais. Aqui sugiro escutar, no Spotify ou demais plataformas de música, *Little jungle* (dani-vi; Paulo Viggú), canção feita por volta de 2011 com a pequena selva que acontece no coração, e gravada no disco *Do coração dos pés* (2015): <https://open.spotify.com/track/3BmdwjIHAYs1DcivhauA7q?si=ADKEKPTkSiuGddYc4KXDIO>

Em *Little jungle*, o foco não é a casa. Mas o jardim. Não há como cuidar do grande jardim coletivo da vida sem as práticas de liberdades do afeto. Estas só acontecem nas errâncias da experiência vivida. Nas imprevisibilidades nano-afetuais da caminhada. “Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de ser uma pequena coisa infinita do chão” (Barros, 2010:177). Um arranjo nano-afetual de *ywy* (terra irmã da água) ligada e composta por cada gotícula de sua irmã *yy* (água). Canto doce de vozes compostas pelos marulhos microfisicamente ondulatórios das copas das *ywyrá kwery* (árvores). Cada maracá acontece tão vivo quanto cada *ywyrá que* vibra sementes

---

<sup>41</sup> Lembrando que, no guarani *nhandewa*, *mborai* com “i” significa “canto; mantra”.

sonoras e partículas en-cantadas. A floresta prolifera vozes da brisa úmida e de incalculáveis vibrações. Isso é sobre o que sempre diz Kaká Werá Jecupé sobre cada pessoa viver a experiência da caminhada como parte da mesma respiração da vida. (Jecupé, 2016:59).

Assim conhecida pela milenar cultura guarani, *Nhe'ēry* foi invadida e batizada de *Mata Atlântica* e desta maneira registrada nos papéis do povo da mercadoria. Mas *Nhe'ēry*<sup>42</sup> ainda não se silencia e significa “lugar de se banhar nas forças-vibrações vitais” ou “onde os espíritos se banham”, assim ensina oralmente o pensador guarani Carlos Papá. Segundo ele, um dos principais significados de *Nhe'ēry* é “o som de todas as coisas”. A úmida e vibracional corpa *Nhe'ēry* é um território sensível, musical e materialmente onírico de múltiplas co-implicações nano-afetuais, por micro-errâncias e encantamentos cósmicos de uma transmutacional proliferação nano-afetual que antecede qualquer noção de cuidado. Uma multicultura autônoma de cosmicidade nano-afetual assim como a *ka'agwy* (em guarani, “floresta”)<sup>43</sup>.

*Little jungle* (ou *Pequeña selva*), além de se tornar nome de uma canção, é também um pequeno pote de vidro, onde há quase duas décadas cultivo uma mini-selva. Esse potinho aberto de (en)cantarias já foi cenário da turnê de lançamento do meu penúltimo disco do *coração dos pés*. “(...) E achei que esta história só caberia no impossível. / Mas não; ela cabe aqui também.” (Barros, 2010:406). Ruas, praças, quebradas, montanhas, vilarejos, pequenos e grandes palcos como da Sala Olido, do CCSP, do Sesc Pompéia de Sampa (São Paulo) e dos demais interiores desta Latinoamerica recebiam essa cenografia: uma só florestinha nômade dentro de um potinho de vidro aberto que cabe na palma da mão. Algo tão nano, ou seja, tão *gouliverizado* quanto a poética de Barros (Campos, 2010), ou melhor, ‘xapirizado’ – verbo inexistente que acaba de acontecer aqui por vibrar com a cultura nano-afetual dos xapiri entre os yanomami e descritos por estes como sendo “imagens-espírito da

---

<sup>42</sup> *Nhe'ēry* é composta de *nhe'ē* (som do sopro da fala; vibração vital expressada doce) que também é composta de *he'ē* (“doce; doçura”). A mesma doce umidade sonora e vibracional de tudo que vibra *nhe'ē* co-implicada de *Nhe'ēry*, já que *ry* é “algo líquido; o líquido da vida; molhado; ensopado”. O som doce das águas e a doçura do som aquático são princípios emocionais de alegria e de saúde para meus ancestrais guarani. Primordialidades vibracionais e sensoriais afetualmente co-implicadas gota à gota, molécula à molécula, som a som, onda à onda, pensamento a pensamento, en-canto a en-canto.

<sup>43</sup> *Ka'agwy* significa “floresta” no tupi-guarani (*Ka'a* = “vegetação” / *gwy* = “energia vital”; “vibração vital”). O mesma e úmida *ka'a* que também significa “erva-mate”.

floresta”. Imagens que se apresentam em dança nano-afetual, portanto, de tamanhos não precisamente mensuráveis. Os Yanomami contagiaram minha caminhada de várias maneiras desde 1990, quando meus ouvidos de criança já ouviam a voz do Xamã Davi Kopenawa. Compreender xapiris não acontece por aceleradas traduções do *povo da mercadoria*, mas por cosmopercepções do tempo do sonho que arranja o real e, como este, não possui relação dicotômica. *Xapiri* não como fenômeno etérico e fantasmagórico ou como a ideia ocidentalocêntrica de espírito, mas como imagem, ou seja, vibração tão viva quanto a música. Vibração (en)cantada. En-cantamento multicultural de diversos bandos nano-afetuais de Barros, conviventes co-implicadamente das úmidas e crepusculares vibrações em *luminas profundis*. “(...) os vaga-lumes: são milhares de pingos de luz que tentam cobrir o escuro. Ouvi de perto no final do dia a algazarra das cigarras. Elas fizeram farra até morrer. Elas estouram dentro dos sons”. (Barros, 2010:481). Não é para um pretense “fora” que elas estouram. Elas se tremem todas até explodirem dentro do en-cantamento cósmico da vida. Nhe’ëry enquanto “rede emanatória” (Jecupé, 2016:48). “Portanto, esse som também é imagem, vibração, luz, forma - e se manifesta em diversos níveis de uma existência que é como um Vento que nunca se extingue.” (Idem, 2016:47). Vento úmido e en-cantado. Vento-voz. Voz que sopra pulsações vitais de pensamentos nem sempre falantes, mas vibrantes de sensibilidade cósmica.

Quanto ao potinho-selva da turnê musical, eu falava que era cenário de artista independente. Mas o que estava em jogo era a vida e a errância daquele *desobjeto* (en)cantado até agora convivente com meus nomadismos. No calor das apresentações, gotas de suor vegetal muitas vezes embaçavam o vidro dessa *pequena selva* inesperadamente. Com os efeitos da sombra, do som, da luz e dos múltiplos afetos, de maneira imprevisível e indomesticável, essas gotículas transbordavam mundos e fundos durante as apresentações, fractalizando as pretensas fronteiras entre palcos, plateias ou corpos-fixos. Os concertos aconteciam pela c(a)osmicidade afetual do (en)cantamento estético que a vida, com sua inteireza que inclui o trágico e caótico, pode proporcionar em certos instantes, lembrando de entoar a vida pela *lógica do pior* (Rosset; Almeida). Afinal: já levei chão até no palco e componho com o incontornável acaso. “(...) Já levei chão, empurrão, rasteira, tiro de raspão, fechada, feitiço, tropeços / queimei a mão e o

coração / meu beijo é de carvão (...).”<sup>44</sup>. Mas é preciso fazer uma distinção aqui entre duas maneiras barreanas de compor a caminhada que muitas vezes podem ser concomitantes. Uma pode afirmar a vida a partir do incontrolável caos, do incontornável acaso e do inevitável trágico de acordo com a epistemologia ocidental. A outra se afirma a partir do incontrolável, do incontornável e do inevitável de acordo com o imaginário pachamâmico, sem encarar com valor de trágico, à priori, as inevitáveis imprevisibilidades dos mistérios e encantamentos pachamâmicos de eterno retorno nos contingenciamentos de seu uno cósmico. Inclusive o que ficou conhecido como “morrer” nos últimos quinhentos anos aqui em Abya Yala, Pindorama e Nhe’ëry, quase sempre significará ancestralizar, encantar, compartilhar forças, multiplicar, virar outros e, no mínimo metamorfosear com Pacha. Não que não aconteçam arranjos caóticos para as cosmopercepções indígenas, mas eles não ocorrem exatamente pela ideia de que um caos primordial esteja sempre em jogo ou seja despotente para a vida. O mais importante: não são originariamente assim reconhecidos ou denominados. Mas algo é evidente: o risco diante das inevitáveis imprevisibilidades e a afirmação das múltiplas contaminações metamorfoseantes está sempre operando com Manoel de Barros e as cosmopercepções pachamâmicas.

E vibrando com a poética barreana nessa caminhada, pude sempre sentir que estar no palco ou em qualquer quebrada é muito próximo de estar nos encontros da educação. É amar o risco de fato. É estar disponível ao acaso, às quedas e a se diluir completamente sem a pretensão do controle. Perceber nos sensíveis nomadismos do escuro os princípios da vida. Deixar viver o impossível sem heroísmo. Fluir espirais cacofônicas pelas contaminações cósmicas e orais dos encontros. Desutilizar as normoses da verdade ao vibrar com os germes de ferrugem que contaminam qualquer tentativa de fixação, organização, classificação, ordenação e imposição, principalmente, com relação ao andamento da vida, exercendo assim, potência pela lentidão necessária na compreensão sem cálculo na multiplicidade de polirritmias co-implicadas que vibram para além da escrita de pretensas partituras. Manoel de Barros é um potencial educador dessas cosmicidades vitais por uma poética de musicalidade líquida, não adultocêntrica, não antropocêntrica. “Compreendo esse garfo na terra / A germinar

---

<sup>44</sup> trecho de carvão; música que compus em 2013, cantada e gravada com a participação do cantautor paulistano Maurício Pereira no disco *do coração dos pés*, 2016.



ferrugens / Sob laranjais...” (Barros, 2010:56). Tal poética vai por múltiplas en-sinagens escutateantes do que as incalculáveis pequenezas do acaso estão entoando e o como suas insignificâncias transbordam as composições do viver. E a fenomenologia está atenta a isso, de forma necessariamente distraída, observando fenômenos de maneira inevitavelmente co-implicada e, portanto, buscando não se fixar às verdades da normose e dos conceitos pré-estabelecidos.

#### OS CARAMUJOS

*Há um comportamento de eternidade nos caramujos. / Para subir os barrancos de um rio, eles percorrem um dia inteiro até chegar amanhã. / O próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos caramujos. Eles carregam com paciência o início do mundo. / No geral os caramujos têm uma voz desconformada por dentro. / Talvez porque tenham a boca trôpega. / Suas verdades podem não ser. Desde quando a infância nos praticava na beira do rio / Nunca mais deixei de saber que esses pequenos Moluscos / Ajudam as árvores a crescer. / E achei que esta história só caberia no impossível. Mas não; ela cabe aqui também.*  
(Barros, 2010:406).

#### A TARTARUGA

*Desde a tartaruga nada não era veloz. / Depois é que veio o forde 22 / E o asa-dura (máquina avoadora que imita os pássaros, e tem por alcunha avião). / Não atinei até agora por que é preciso andar tão depressa. / Até há quem tenha cisma com a lesma porque ela / anda muito depressa. / Eu tenho. A gente só chega ao fim quando o fim chega! / Então pra que atropelar?*  
(Barros, 2010:406-407).

*No meu serviço / eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nessa fazenda. Cada ovo de formiga que alimenta a ferrugem dos pregos eu tenho de recolher com cuidado. Arrumo paredes esverdeadas pros caramujos foderem.(...)*  
(Barros, 2010:406-213).

Por viver no mato e ter contraído *visão fontana*, a poética barreana está nas águas do Pantanal, do Rio Cuiabá, da Cordilheira dos Andes, enquanto o rio Tietê, o Paranapanema, o Tapajós, a Ameríndia, a Latinoamérica e a contemporaneidade também vibram intensamente com ela. É ver a *despalavra* de Barros sendo aberta por diversas outras mãos e perceber tudo encharcar de entonações primordiais. A Mãe Terra barreana, essa grande jardim coletivo e cosmo-comunitário, estas grandes florestas cultivadas – ou seja, conservadas, plantadas e inventadas – por povos indígenas, tribos-pássaro, povos-minhoca, gentes de todo (en)canto, e as nascentes destas sábias culturas, estão inteiras em cada gota de suor, saliva, sangue, lágrima, orvalho, água doce, operando como um eterno *Kepos Epicurista* composto de fruição, prazer e demais “vagabundagens pós-modernas” descritas por Maffesoli a cerca do nomadismo

contemporâneo. Um nomadismo nada clichê, mas por uma multiplicidade cacofônica que a todo instante se faz presente. As errâncias nômadadas arranjam inúmeras imagens transbordantes na contemporaneidade. E com Barros, esse *Keþós* geralmente está mais para aldeia c(a)ósmica vibrando na *tribalização do mundo* contemporâneo (Maffesoli). Logo, a fenomenologia aqui escuta os múltiplos encantamentos da vida. Fenomenologia c(a)osmótica como sua mais remota morfologia e, principalmente, sua maneira compreensiva. Uma fenomenologia c(a)osmótica por buscar compreensões por múltiplas escutas e metamorfoseantes ‘andarilhamentos’ no sentido musicalmente nômade e não-antropocêntrico do termo.

As c(a)osmóticas águas submersas, marginalizadas-silenciadas e pretensamente controladas pelo mundo colonial, a todo instante, estão vazando entonações e se nomadizando pelas rachaduras, pelos poros, pelas ruínas que permeiam toda a obra barreana, transmutando-se com novos sentidos a cada arranjo. Já em uma das primeiras publicações de Barros consta “(...) a vontade de sair sozinho, de noite, e de chorar / copiosamente sobre as ruínas.” (Barros, 2010:88).” Transbordamentos assim também ocorrem no poema *O PÁSSARO (em dia ramoso, roçando seu rosto na erva dos ventos)*: “- Há réstias de dor em teus cantos, poeta, como um arbusto sobre ruínas tem mil gretas esperando chuvas...” (Idem, 2010:135). Surge também quando uma personagem “(...) viu um pouco de mato invadindo as ruínas de sua boca!” (Barros, 2010:160). Nomadismos aquáticos, transbordam pequenas liberdades da vida, necessariamente contaminantes e nano-eróticas. “Casebres em ruínas / muros escalavrados... / E a lesma — na sua liberdade de ir nua / úmida!” (Idem, 2010:160). Barros compõem uma poética de seres marginalizados e, ainda sim, de incalculáveis potências justamente por afirmarem sábias culturas que vazam pelas fissuras da normose colonial, criando inclusive *teologia do traste*.

*Teologia do traste – Manuscrito do mesmo nome, / contendo 29 páginas, / que foi encontrado nas ruínas de um coreto, na cidade de Corumbá, por certo ancião adaptado a pedras. / Contou-nos o referido ancião, pessoa saudavelmente insana de poesia, que / sobre as ruínas do coreto BROTAVAM ÁRVORES OBRAVAM POBRES / MORAVAM SAPOS / TREPAVAM ERVAS / CANTAVAM PÁSSAROS. E que, ali, o / cansação era muito desenvolvido, bem como o amarra-pinto e o guspe-de-taquarizano. (Manoel de Barros, 2010:176).*

Nos poemas *Trapo, s.m.* e *Pedra, f.m.*, as ruínas já se arranjam de maneira

c(a)osmoticamente mais evidente.

*Trapo, s.m.*

*Pessoa que tendo passado muito trabalho e fome / deambula com olhar de água suja no meio das ruínas  
Quem as aves preferem para fazer seus ninhos / Diz-se também de quando um homem caminha par Nada  
(Manoel de Barros, 2010:183).*

*Pedra, s.f.*

*Pequeno sítio árido em que o lagarto de pernas areentas medra (como à beira de um livro)  
Indivíduo que tem nas ruínas prosperantes de sua boca avidez de raiz  
Designa o fim das águas e o restolho a que o homem tende / Lugar de uma pessoa haver musgo  
Palavra que certos poetas empregam para dar / concretude à solidão  
(Manoel de Barros, 2010:183).*

A beira de um livro, aquaticamente co-implicada às perninhas areentas de um lagarto e à cosmicidade líquida de um musgo, e às micro-contaminações de uma boca, apresentam a ‘multigamia nano-afetual’ das *escolas vivas* em sua libidinosidade cósmica. Fértéis decomposições e ruínas ricas em vitalidade nano-afetual. *Ruínas-sementes* como descreve Boaventura de Souza Santos. Em PONTO DE PARTIDA, Barros deixa as ruínas enfrutarem, trazendo a desobjetificante ideia de “pré-coisas” e já a sábia capacidade da natureza se “transfazer”. Esse transfazer ocorre como expressão cósmica do fazer. O acontecimento cosmótico das interações nano-afetuais:

**ANÚNCIO**

*Este não é um livro sobre o Pantanal. Seria antes uma anúnciação. Enunciados como que constativos.  
Manchas. / Nódos de imagens. Festejos de linguagem. Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza.  
De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam.  
Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaverais...  
(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras...  
Isso é fazer natureza. Transfazer.) Essas pré-coisas de poesia.  
(Barros, 2010:197)*

Ele vai dizer que “(...) as ruínas dão árvores!” (Barros, 2010:198), e mais:

*De tarde, iminente de lodo, ia sentar-se no banco do jardim. (Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras e  
uns vermes) Lesmava debaixo dos bancos. O homem sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso / era  
sua metáfora.  
As ruínas só serviam para guardar civilizações e bosta de sapo. / Amava caracóis pregados em palavras.  
(Barros, 2010:223)*

Guardar bosta de sapo e civilizações nano-afetuais é uma potência da ruína.

Guardar civilizações desantropocêntricas. As ruínas também servem ao c(a)osmótico personagem *Bernardo*. Nas transmutações nano-afetuais e na micro-ambiência de cosmicidade aquática da borra do *ka'a* – erva-mate cultivada há milênios por povos guarani, guaná, guató e terena muito presentes na obra barreana –, Barros publica:

*O que ele era, esse cara / Tinha vindo de coisas que ele ajuntava nos bolsos — por forma que pentes, formigas de barranco, vidrinhos / de guardar moscas, selos, freios enferrujados etc. Coisas Que ele apanhava nas ruínas e nos montes de borra de / mate (nos montes de borra de mate crescem abobreiras debaixo das abobreiras sapatos e pregos engordam...) De forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas / de tontos, libélulas — coisas / Que o ensinavam a ser interior, como silêncio nos retratos.(...)*  
(Barros, 2010:241)

Manoel diz do silêncio dos retratos como quem diz do *nhe'ẽ* na rede emanatória de *Nhe'ẽry*. *Nhe'ẽ* que nem sempre está fazendo som sonoro, e pode estar fazendo som insonoro. Insonoro e úmido. *Nhe'ẽ* enquanto voz, mas voz também enquanto presença vibracional, voz de uma ‘comunidade’ que não necessariamente precisa estar vocalizando. Muitas vezes também se faz presente o som insonoro das pulsações vitais e sensoriais do pensar sem a necessidade do som sonoro. É como as tantas vozes companheiras que vibram aqui nessa escrevivência para além da ideia de bibliografia. Vozes de livros sim. E também vozes ancestrais. Incluindo vozes dos livros vivos que são os mais velhos. E os caminhos, que são bibliotecas vivas. Assim, as cacofonias e harmonias das trilhas vivas não são apenas sonoras. Se fazem também na polirritmia de pensamentos pulsantes e instâncias silenciosas. Nas pulsações e sensações do pensar que pulsa nas profundezas co-implicadas de cada gota da poética barreana. As águas sabem que os en-cantos não se fazem apenas com cantos. Mas por cantos e encantos acontecerem também arranjados por instâncias de silêncios co-implicados. Instantes de silêncios e sons insonoros são primordiais aos encantos. O Poeta se mostra sempre preocupado com os andarilhamentos dessa rede emanatória co-implicada para além do interior de tudo. Um interior que vibra no interior de tudo. Nunca há o fora. É tudo dentro de tudo, como vibrações musicais que estão sempre se diluindo por cacofônicas e harmônicas co-implicações, além de movimentos microfísicos impossíveis de serem organizados de forma fixa, muitas vezes, nem mesmo de serem nomeados. As corpos barreanas não são organizadas. São cósmicas e c(a)osmóticas. Seu *Livro Sobre o Nada*, além de diversas ocorrências e personagens, como o que atende pelo “desnome” de

Antônio Ninguém, vão evidenciando uma c(a)osmicidade que a todo instante vai rebrotando das ruínas, culturas de ortigas, por (re)nascimentos aquáticos. Além disso, sua obra é composta por grande diversidade de sujeitos anônimos, saberes coletivos e culturas da natureza que vibram intensamente com as culturas e epistemologias ameríndias, bem como com as inúmeras ressonâncias de nomadismo na contemporaneidade. Todo canto canta água nano-afetualmente multigâmica para além da soberania do sujeito.

(...) Não sirvo mais pra pessoa. / Sou uma ruína concupiscente.  
Crescem ortigas sobre meus ombros. / Nascem goteiras por todo canto.  
(Barros, 2010:351)

Nas ruínas, Manoel de Barros escolhe *Pote Cru* como seu guia espiritual. Algo que jesuítas ou catequizadores demonizariam, pois o Poeta está conectado a vozes perdidas das insignificâncias desantropocêntricas da vida, ou seja, às escutas de encantarias nano-afetuais. Ao cosmos do podre e da gota de orvalho.

*Pote Cru é meu Pastor. Ele me guiará. / Ele está comprometido de monge. / De tarde deambula no  
/ azedal entre torsos de / cachorro, trampas, trapos, panos de regra, couros / de rato ao podre,  
/ vísceras de piranhas, baratas albinas, dâlias secas, vergalhos de lagartos,  
linguetas de sapatos, aranhas dependuradas em / gotas de orvalho etc. etc.  
Pote Cru, ele dormia nas ruínas de um convento. Foi encontrado em osso.  
Ele tinha uma voz de oratórios perdidos.  
(Barros, 2010:360-361)*

Parece não ser intenção do poeta deixar claro quem é a personagem *Pote Cru*. Mas Barros ironicamente transmuta o pastor bíblico a grau de pote cru. Pote Cru, então, se arranja como um “desobjeto” barreano e como um fenômeno que acontece quando “outra pessoa desabre” ali (Barros, 2010:436). Fenômeno nisso de afirmar transmutação em outra a todo instante, sem pretensos contornos-fechamentos, fractalizando supostas fronteiras conforme a multigamia nanoafetual dos caminhos. Tal sentido fractalizante de sua poética, dá-se muito por uma linguagem do “des”, afirmando assim os “deslimites” - da vida. (Barros). Desaberto de ser, assim como *Bernardo*, *Xamã*, *Andarilho*, *Índio*, *Catador de Desperdícios*, *Monge Descabelado*, a *lesma*, os *caramujos-flores* e outras diversas personagens barreanas, *Pote Cru* certamente é um fenômeno ressonante com “voz de oratórios perdidos” mesmo tendo sido “encontrado em osso”. Os ossos são

muito vibrantes na poética barreana e o “saber que tem força de fontes” (Barros, 2010:370) não é cindido em especialidades. Assim como a fenomenologia se integra à mitohermêutica simbólica, com esses ossos, faço uso da mitohermenêutica e de sabedorias indígenas para ‘escutatear’ arranjos da fenomenologia que possui nela mesma, desde sua morfologia, diversas ressonâncias das cosmopercepções ameríndias e dos nomadismos cósmicos da poética barreana.

*Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bigrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.*  
Memórias inventadas – A infância [ins.r.b.]

Manoel de Barros diz: “(...) sou fuga para flauta e pedra doce. / A poesia me desbrava. / Com águas me alinhavo” (Barros, 2010:170). E cruzando desertos simbólicos de ermos territórios, o Poeta está sempre escovando ossos para escutar o amor em fato de acontecimento, as simbioses e caosmoses das movimentações nano-afetuais e as vibrações da música feito um arqueólogo das ressonâncias vivas. Sua poesia se movimenta de osso-flauta e ruínas vitais entre as fixações coloniais e as primordialidades da vida, entre prisões marginalizantes e errâncias arcaicas.

#### RUÍNA

*Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer / alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. / Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de / um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão / que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado.*  
(Barros, 2010:385:386)

É importante perceber que, se um monge atravessa essa poética, não se arranja

como um monge da harmonia e de regras fixas, mas um *monge descabelado*, um monge nômade de pulsações selvagens. “Desde o início de sua regra monástica, São Bento atacava justamente os monges giróvagos que vão de convento em convento. Os giróvagos são perigosos porque são indomáveis. Cachorros loucos pouco domesticados, trazem consigo a perturbação e os germes da heresia” (Maffesoli, 1997:164-165). Os germes da poética barrena são sensivelmente c(a)osmóticos, vibrando nomadismos nano-afetuais que inseparam a “voz de oratórios” de *Pote Cru* e o olho-musical do *monge descabelado*. Olho que “estava perto de ser um canto” (Barros). Um canto anônimo e ordinário.

Manoel de Barros compõem sua obra com o abandono, tendo-o como “expressão que tenha entrado para o arcaico”. O abandono então está sempre vibrando no modo como a normose colonial trata as culturas afirmadoras das sabedorias da natureza, que o Poeta deixa transbordar com imagens das origens da vida, essas imagens da nomadismos originários em proliferação de cantos primordiais sempre arranjados por insignificâncias e ordinariedades nano-afetuais que garantem a potência de sua poesia. Afeticulos que, por sua vez, abandonam as obrigações utilitárias e produtivistas. É bem do que se trata o nomadismo. E isso é perceptível na cosmicidade nômade de Barros. Um ‘cosmonomadismo’ nano-afetual, sensivelmente c(a)osmótico.

*Aprendo com abelhas do que com aeroplanos. / É um olhar para baixo que eu nasci tendo.  
É um olhar para o ser menor, para o / insignificante que eu me criei tendo.  
O ser que na sociedade é chutado como uma / barata — cresce de importância para o meu  
olho. / Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo. / Sempre imagino  
/ que venha de ancestralidades machucadas. / Fui criado no mato e aprendi a gostar das  
coisinhas do chão — / Antes que das coisas celestiais. Pessoas pertencidas de abandono /  
me comovem: / tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.  
(Barros, 2010:361)*

*Nuvens me cruzam de arribação. / Tenho uma dor de concha extraviada.  
Uma dor de pedaços que não voltam. / Eu sou muitas pessoas destroçadas.  
.....  
Diviso ao longe um ombro de barranco. / E encolhidos na areia uns jaburus.  
Chego mais perto e estremeço de espírito. / Enxergo a Aldeia dos Guanás.  
Imbico numa lata enferrujada. / Um sabiá me aleluia.  
(Barros, 2010:313-314)*

“Aleluia”<sup>45</sup> pode ser um termo cristão, porém aqui, associado a insetos voadores, reforça um sentido que no dicionário colonial é tido como “brasileirismo”.

Um sabiá xapiriza, aleluiza ou siririza Manoel por este entoar feito concha extraviada por múltiplas afetações nanofísicas e (en)cantadas. Feito ‘comunidade pessoa’, ou seja, pessoa composta e arranjada por comunidades nano-afetuais. Sendo assim, “(...) sou muitas pessoas destroçadas” (Barros, 2010:313). As c(a)osmoses barreanas que garantem a potência de vida cosmonomadizam (n)as ruínas. Dependendo das errâncias nos acasos dos caminhos barreanos, tais ruínas se apresentam de variadas maneiras como fenômeno que inviabiliza ideias fixas de sujeito, de objeto, ideias cristalizadas de corpo, de lugar, civilização, etc. Até as máquinas e os internatos de Barros surgem como ruínas de um trajeto pachamâmico que está sempre evidenciando a impossibilidade de pretensas fixações para a vida. O olhar barreano é sempre para o chão. Um olhar musical pelo “silêncio de concha” intimamente aquático e ininterrupto. “Quem se encosta em ser concha é que pode / saber das origens do som.” (Barros, 2010:375). Com Barros, é potente olhar por escutas tateantes. “Sabe coisas por concha e água.” (Barros, 2010:245). O chão de Barros é muito húmido. “Sonham os musgos / De o revestir / É referente de conchas” (Idem, 2010:255). “Nas minhas memórias enterradas / Vão achar muitas conchas ressoando... / Seria o areal de um mar extinto.” (Barros, 2010: 312). Nessa arqueologia desantropocêntrica, para além de ser formado de  $\frac{3}{4}$  d’água a ‘corpa-pacha’ pantaneira é o barro cósmico dos arranjos vivos de Barros, elemento composto desde a destinação de seu nome. E Manoel Leite de Barros caminha para devires que acontecem inevitavelmente com os encharcamentos deste leite matricial. Logo mais, nesta caminhada, compreenderemos que “Manoel” é um nome musicalmente aquático que passa por diversas vogais do “corpo-som-ser” segundo a sabedoria guarani. “Leite” é um elemento aquaticamente maternal. E para não dizer que a destinação deste nome é aquática ao cubo, é preferível descrever como cosmoticamente ligante por incalculáveis ressonâncias e uma multiplicidade de co-implicações nano-afetuais desde vibracionais. A poética barreana se dá no ventre

---

<sup>45</sup> Segundo os dicionários, aleluia é significada como sendo “comum aos indivíduos alados e sexuados das diversas spp. de cupins; arará, cupim, formiga-do-natal, rebibiu, sarassará, sililua, siriri, siriruia [Saem às centenas dos cupinzeiros e revoam para acasalar e buscar locais apropriados para instalar novas colônias.]” (Oxford Languages).



pantaneiro e pachamâmico, território aquaticamente flutuante de um chão que emana forças telúricas ligadas por nomadismos cósmicos da inteligência matril. Segundo Maffesoli, tais forças:

(...) são uma boa metáfora da mobilidade essencial de qualquer coisa: a saber, a pulsão que empurra para o desgaste, a destruição no todo indiferenciado da mãe natureza. Espécie de *regressio ad uterum* que, de um modo mais ou menos consciente, atormenta cada indivíduo. É talvez isso que faz ressaltar o ambiente erótico, ou a liberdade sexual, que são ligados à errância. É a busca do coco, do calor matril perdido, que tenta reencontrar, numa procura indefinida. (Maffesoli, 1997:63)

De acordo com Maffesoli, essa é mais uma ressonância matril para o exacerbamento das emoções coletivas e orgásticas próprias do nomadismo que transborda na contemporaneidade,

(...) não se satisfazendo com a estabilidade oferecida pelo sentido positivista do mundo estabelecido, o errante parte para uma série de experiências, frequentemente perigosas, sempre trágicas, que possam fazer com que reviva a plenitude perdida. O mito de Dionísio e de suas bacantes é ilustrativo a esse respeito. É uma corrida desvairada no sentido da fusão, da confusão. Mas, fugindo do torpor da cidade, excessivamente asséptica, o cortejo furioso das bacantes reencontra a verdadeira “animação”: a efervescência natural, a do vitalismo. Nesse sentido o orgagiasmo demoníaco, o das emoções coletivas exacerbadas, torna-se uma espécie de sabedoria demoníaca. (Maffesoli, 1997:64)

“Sabedoria demoníaca” lida assim pelo *iluminismo catequético* (Ferreira-Santos), porém tendo a “sombra” como potência nômade para a vida, assim como a sombra das árvores e a *sensibilidade crepuscular* (Durand; Ferreira-Santos) de culturas ameríndias e de Barros que seguem pelo tempo coletivo do sonho, por aldeamentos de devaneio, sem a pressa de iluminar palavras e conceitos. Sombra cosmonômada e desantropocêntrica a ponto do poeta arranjar uma personagem chamada “Sombra-Boa”. “De tarde à sombra dos camarás pacus comem frutas” (Barros, 2010:201). “Quando as sombras avançam na estrada é preciso aldear.” (idem, 2010:295).

*Caçador, nos barrancos, de rãs entardecidas, Sombra-Boa entardece. Caminha sobre estratos de um mar extinto. Caminha sobre as conchas dos caracóis da terra. Certa vez encontrou uma voz sem boca. Era uma voz pequena e azul. Não tinha boca / mesmo. “Sonora voz de uma concha”, ele disse. Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares / conversamentos de gaivotas. E passam navios caranguejeiros por ele, carregados de lodo. / Sombra-Boa tem hora que entra em pura decomposição lírica: “Aromas de tomilhos / dementam cigarras”. Conversava em Guató, em*

*Português, e em Pássaro. / Me disse em língua-pássaro: “Anhumas premunem mulheres grávidas, três dias antes do inturgescer”. / Sombra-Boa ainda fala de suas descobertas: “Borboletas de franjas amarelas são fascinadas por / dejectos”. Foi sempre um ente abençoado a garças.*

*Nascera engrandecido de nadezas.*  
(Barros, 2010:317) - grifos meus.

*Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores. Faz comunhão com as aves. Faz comunhão com as chuvas. **Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios, com os ventos, com o sol, com os sapos. Falar a partir de ninguém, faz comunhão com borra. Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos. Falar a partir de ninguém ensina a ver o sexo das nuvens / E ensina o sentido sonoro das palavras. Falar a partir de ninguém Faz comunhão com o começo do verbo.***  
(Barros: 2010:384) - grifos meus.

As nano-afetuais “nadezas” dos cósmicos “nadifundios” barreanos acontecem enquanto vitais arranjos tanto corporais quanto ambientais, proliferando-se pela vontade criadora com a potência da vida. Suas terras encharcadas, bem como os múltiplos ciclos de espaçotempo que são a corpa-pacha, apresentam-se por uma razão não-eurocêntrica. O mais próximo de uma razão no sentido de *razão interna, sutil, sensível, selvagem*, como descreve Maffesoli: *grund*, ou seja, “razão” em alemão, mas que, diferentemente do sentido de causa mais evidenciado pelo pensamento moderno-iluminista, enfatiza primeiramente como solo, em seguida, o fundamento. Milan Kundera diz que em “cada um de nós está inscrito um Grund que é a causa permanente dos nossos atos, que é o solo sobre o qual cresce o nosso destino. Procuo perceber, em cada um de meus personagens, seu Grund”. Esse mesmo grund das terras encharcadas de Barros segue no devir de proliferar multiplicidade em fluxo de intensa alteridade. Algo que ocorre para além de uma transcendência imanente ou de uma imanência transcendente, ou seja, para além de uma discussão dicotômica cara ao pensamento europeu. Então, percebo as múltiplas afetações nano-libidinosas nas terras encharcadas de Barros como “território flutuante” (Maffesoli) de uma ‘razão-pacha’ en-cantada de fenômenos oniricamente elementares-hormonais, nano-materiais, microfísicos, vibracionais, musicais, ou seja, nano-afetuais, pois nem sempre são perceptíveis, às vezes são apreensíveis, e dificilmente vibrantes ao olhar apressado da visão utilitarista. Todo *território flutuante*, como as grandes urbes contemporâneas, é arranjado por esses fenômenos. Mas uma ‘razão-pacha’ os afirma por percebê-los mais intimamente e afirmá-los nos sotaques barreanos e frequências ameríndias. Afirmação da caminhada da vida enquanto

investigação sensível de fenômenos que não se fazem percebidos a todo momento, nem mesmo em todo e qualquer instante de devaneio, ainda que este seja o acontecimento ideal para percebê-los, sempre pela errância dos sentidos. Fenômenos oniricamente acariciantes por arranjos emaranhantes de múltiplas co-implicações não antropocêntricas. ‘Multigamia nano-afetual’ na fruição cósmica da vida. Isso é o que o que faz “falar a partir de ninguém” provocando “comunhões” barreanas de cada gotícula onírica de vida, cada molécula en-cantada de ar, cada mínima e úmida vibração da floresta, do “gorjeio dos pássaros” ao “idioma das árvores”, pelos arranjos nano-afetuais de “orvalhos”, “limbos”. “ferrugens” e demais “nadifúndios” micro-ambientais e vibracionalmente mágicos. Uma razão-pacha com Barros acontece enquanto razão en-cantada pelas conexões do “ninguém”. De cosmopercepções ameríndias, portanto comunitárias e nano-afetualmente cósmicas que acontecem para além de um essencialismo. Pelo “ninguém” cosmonômade nos anonimatos da multigamia nano-afetual e suas transmigrações oníricas, elementares-hormonais, moleculares-vibracionais e micro-libidinosas. Anonimatos, sim, caros ao nomadismo – inclusive aos nomadismos nos cruzamentos das grandes urbes –, mas também anonimatos caros a cosmopercepções ameríndias não-antropocêntricas, sem soberania de indivíduo, sem individualismo, sem autoria individual, cosmo-coletivas, por imaginários afirmadores da cosmicidade nano-afetual nos arranjos da vida, desde os arranjos corporais jamais cristalizados, portanto intensamente vivos enquanto composições nano-afetuais vibrantemente co-implicadas de tudo que vive, e transmigratórias. Isso também é sobre a pluralidade das epistemologias ameríndias. De “ninguéns” que movimentam a vida, de “ninguéns” que acontecem, que vibram e vivem. “Ninguéns” enquanto pulsações vitais que arranjam tudo que se movimenta pelos nomadismos das trilhas vivas que compõem diversas gentes. Ninguéns de trilhas compositoras de ninguéns. Ninguéns que se dão en-cantades da multiplicidade natocultural. Manoel vibra um ninguém ontológico, uma ontologia de ninguéns ou, para ser coerente tanto com as cosmopercepções ameríndias como com a afetualidade pachamâmica de Barros, o Poeta vibra uma ‘en-cantaria de ninguém’, sem ideia de posse. Uma ontologia da ‘comunidapessoa’. Pessoa composta simultaneamente enquanto arranjo cosmocomunitário e corporal. Arranjo cosmocorporal e comunitário

que entoa a pessoalidade da pessoa e de sua própria caminhada. Mas sempre pessoalidade viva de entonações incalculáveis.

A música da vida é invisível, mas assim como a água, é tátil, penetrante, cacofônica, ligante, dissonante, transmissora de diferentes temperaturas, contagiante, metamorfoseante, às vezes perceptível, outras vezes não. Ao chamar a fenomenologia, é preciso saber que ela sempre foi uma fenomenologia capaz de escutar os transmutantes (en)cantamentos da vida. Fenomenologia que ‘escutateia’ múltiplos acariciamentos estético-musicais e outras incalculáveis vibrações cósmicas, nisso de “procurar o fundamento, e não a simples causa, de todo ato, de toda representação, de todo fenômeno” (Maffesoli, 1998:61), percebendo assim a cosmicidade no corpo social da vida, nas corpas-mátrias, nas corpas-pacha, nas corpas que apenas podem ser criadas e compostas – diga-se de passagem, em eternas cacofonias de múltiplos inacabamentos – pela (con)vivência cosmo-coletiva e comunitariamente biocêntrica (não antropocêntrica). Múltiplas natuculturas que se difundem porque são compostas, conscientemente ou não, de um mesma mesma Corpa-Pacha enquanto fundamento (grund) por metabolizações culturais de incalculáveis cosmoses.

“As raízes de um ser, e as de uma comunidade, são a mistura de passado, presente e futuro, mas não podem ser compreendidas de um modo externo”. (Maffesoli, 1998:64). Portanto é preciso instaurar-se na c(a)osmicidade das mesmas, incorporando-as a contragosto da ideia de razão separada, desencarnada e intelectualmente eurocentrada. Seguir por intelecções nano-afetualmente cósmicas, comunitárias e matrialmente transmigratórias. Por tal empatia comunitariamente cósmica é que são afirmadas ‘cosmoses’ pachamâmicas (assim busco dizer de maneira mais anticolonial) ou caosmoses (leitura mais decolonial). Diferentes perspectivas podem surgir pelas razões dos caminhos barreanos, sempre nômadias. Razões que, assim como nas cosmopercepções ameríndias, estão o tempo todo fractalizando qualquer possibilidade dicotômica de serem internas ou externas, onde arranjos complexos de multiplicidade nano-afetual e fluxos transmutantes estão sempre vibrando a vida. “É o corpo social que compõe a partitura, é preciso seguir seu compasso”. (Maffesoli, 1998:16). “Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença...” (Barros, M.I.A.I., 2010:47). “O que a gente aprendia naquele

lugar era só ignorâncias / para a gente bem entender a voz das águas e / dos caracóis” (Idem, 2010:450). Para além de dissonante, a voz das águas, na beira de um rio é ligantemente polifônica e cacofônica ao se mergulhar a escuta. De uma maneira ou de outra, arranjada de entonações imprevisíveis. Imagens labirínticas e espiralíticas como as de caracóis na serpentina e vertiginosa poética barreana desestabilizam a sensação de fora-dentro. É bem o que vibra o nomadismo, inclusive nos ‘corpos-cosmopolitas’. “É frequente qualificar a cidade contemporânea como selva de pedra. Como a selva propriamente dita é, em muitos casos, hostil, misteriosa, impenetrável. Mas como a selva ela também tem alguma coisa de matricial, de primordial, e além de tudo a cidade é labiríntica. Ora, o próprio do labirinto é que ele representa um curto-circuito para a dicotomia “fora-dentro”. (Maffesoli, 1997:90). E para além disso, o tempo da poética barreana é lento como o de seus caracóis, lesmas e tartarugas, pois com intensa errância onírica, acompanha mínimos movimentos nas espirais metamorfoseantes da vida pantaneira e ameríndia. Andarilha com insignificâncias, pré-coisas, pequeninos desobjetos, insetos, grãos, gotas e desutilidades que desmedem a vida, sem a pretensão de calculá-la, mas vibrando ela, numa consciência coletiva vivida e afirmada em ritmos em que não podemos acelerar ou parar Do *rumor de útero* que muito nos repercute ao *concerto a céu aberto*, a poética pachamâmica de Barros acontece enquanto composição cacofônica de múltiplos ciclos. A vida está o tempo todo escapando, e muito, a uma composição harmônica ou apenas dissonante. Dos antigos xamãs a pensadores do multiculturalismo, do pensamento trágico às discussões decoloniais, passando até pelo pós-estruturalismo – e inclusive pela ideia de *pós-colonialidade* da qual não sou pessoa adepta –, as vozes são múltiplas, mas entoam que a vida é cacofônica e também imprevisível. Nestor Canclini, por exemplo, descreve a polifonia cultural dos nossos tempos em que todas as vozes se apresentam como múltiplas em cada uma, únicas e potentes entonações que se diferenciam não apenas da ideia de grupos estanques e homogêneos, como também de pessoas individualizadas e homogeneizadas por um grupo. Até porque cada pessoa da contemporaneidade pode se compor por diversos grupos. As vozes se compõem cacofonicamente. É possível *ouvir as canções do vento* nas folhas das árvores (Barros, 2010...) e vibrá-las com a flauta, com a voz, com a viola e com os corpo-sonoro, este instrumento primeiro que, quanto menos utilitário, mais

fértil e generoso se apresenta de acordo com a poética barreana e as culturas ameríndias.

Os movimentos mais sábios de sensibilidade não buscam controlar o incontrolável, mas (en)cantar-se com os (en)cantamentos dos caminhos. Isso é que sempre moveu-me como pessoa-música e arranjo que somos de incalculáveis experiências. Escutateio os movimentos ameríndios no metamorfoseante ventre de Pacha, diluindo algum pretenso “eu” nas calorosas polirritmias, inversões e solturas musicais de Hermeto Pascoal, impregnadas não apenas do jazz, mas principalmente de Áfricas. Sustentabilidade contaminatória e transmutante percebida também com o dodecafonismo de Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção, e com tantas outras frequências tão vibrantes justamente por afirmarem o intenso fluxo de alteridade da vida. Os *elementos-hormônios* descritos por Bachelard, nano-matérias que devaneiam de maneira imprevisível e indomesticável, surgirão pelas nômadas travessias cósmicas dessa escrita com Barros.

Cristina Campos estudou um fenômeno barreano que descreveu como sendo “gouliverização do mundo”. O poeta sonha a vida pelas pequenezas, sutilezas, vibrações e invisibilidades de uma imaginação material. E nesta caminhada escutadeira com Barros, percebo sua complexa cosmicidade por nano-contaminações estéticas, logo sinestesticamente imaginárias e caoticamente musicais. Fenômeno metamorfoseante evidentemente nômade, nas composições do imaginário xamânico ou de qualquer trickster ameríndio vivo pelas contações orais da contemporaneidade, como boitatá, boto cor-de-rosa, uyara, djatsy djaterê, jurupari, macunáima<sup>46</sup>, lobisomem, a mulher serpente, etc. Assim como na cosmicidade úmida das micro-ambiências do musgo, da ferrugem e dos bestegos barreanos, múltiplos arranjos compõem solos nômades para tricksters no corpo das grandes urbes também.

Na cidade como mundo em miniatura, em tal ou qual “lugar importante” urbano como cidade em resumo, cada um pode ser ele mesmo e outra pessoa. Errante, vai revestir-se de uma aparência específica e desempenhar um papel de acordo com essa aparência para desempenhar um outro papel na vasta teatralidade social. A cidade, como espaço pleno, oferece-lhe assim, paradoxalmente, momentos, e lugares, totalmente vagos (...), em vacância completa: a possibilidade de viver a multiplicidade de seres que a habitam,

---

<sup>46</sup> *Macunáima* ou *Macunãima* escrito propositalmente com acento para enfatizar as duas maneiras originárias de pronunciar conforme a oralidade da região, sendo que *Macunaíma* foi um modo já não indígena que o colonizador passou a pronunciar e que inclusive o sensível e visionário Oswald Andrade também acabou utilizando em sua obra.

quer dizer, a possibilidade de estar, ao mesmo tempo, aqui e em outro lugar. O habitante das megalópoles, nesse sentido, é bem um nômade de gênero novo. (Maffesoli, 1997:90).

Entre os sempre indefinidos fluxos de Barros e da caminhada de ancestralidade ameríndio-cigana movimentada nos arranjos cósmico-musicais do que vou sendo, pelas imprevisibilidades do devir e compreensões dos caminhos, sigo andarilhando com o fenômeno barreano pelo que nos insepara através da descrição, da intuição, da metáfora, da observação do olhar primordial, pela experiência do senso comum e da vivência. E, conforme Maffesoli, é preciso estarmos atentos à dimensão matricial, coletiva e societal dessas diferentes etapas ou práticas fenomenológicas que seguem para além de um pretense fechamento individual. Uma fenomenologia apoiada no que Nietzsche disse sobre aprendermos a não aceitar o que ele chamou de “individualidade imaginária” para que se ultrapasse a ideia do “eu” e do “você”, sentindo assim de “modo cósmico”. Maffesoli segue este pensamento nietzscheano em sua *fenomenologia compreensiva acerca do nomadismo contemporâneo*.

Ele evidencia como marca da modernidade a tênue ligação entre o individualismo, o racionalismo e o dogmatismo (ou sistema), naquilo que Nietzsche descrevia como “carne anêmica e gelada”, segundo Maffesoli, “a carne dos dogmas seguros de si e que nada compreendem daquilo que escapa à tautologia de uma circularidade fechada sobre si própria.” (Maffesoli, 1998:181). Assim, pelo vínculo entre comunidade, vivência e vitalismo, a fenomenologia compreensiva procura a vida “não nos códigos mortíferos das instituições, mas na agregação comunitária que é sua causa e efeito (...)” (idem, 1998:181). Pelo vitalismo desta fenomenologia, que na caminhada com Barros penso se afirmar como uma fenomenologia sábia-escutateante do encantamento c(a)osmo-comunitário, “os fenômenos, à imagem dos afetos, das paixões e da experiência, são caprichosos, e não se dobram a um sistema preestabelecido, já que também jamais se sabe qual a direção que o “élan vital” pode tomar” (idem, 1998:181). “Retomando um termo emprestado a Jung ou a G. Durand, direi que a vivência é um arquétipo, talvez o arquétipo essencial, em torno do qual se estrutura toda socialidade.” (Maffesoli, 1998:182). Sendo o arquétipo fundamental de toda estrutura de sociabilidade, a vivência é capaz de fazer vir à tona a matéria viva ao invés de “teorias codificadas que indicam, a priori, o que o que esse fenômeno é ou

deve ser”. Assim, as forças vitais da vivência proliferam narrativas ignoradas, marginalizadas e não escutadas pela normose colonial e pela necrocultura produtivista. A fenomenologia possui essa força de auxiliar essas vozes a transbordarem pelas grades modernas. Atenta à experiência da subjetividade, às vivências próprias de determinadas comunidades e aos modos afetuais e intuitivos de como a sensibilidade compõe o conhecimento, a fenomenologia “está preocupada com a produção de subjetividade e não com a produção de conhecimento universal” (Kilomba, 2019:90). Algo muito em sintonia com as culturas ameríndias, anárquicas pelas diferenças, produtoras de vida, de subjetividade, e proliferadoras da multiplicidade de culturas comunais, coletivas e matriais. Fenômeno também intensamente vibrante na obra barreana cheia de *desutensílios* que vibram a vida própria do Pantanal, de suas diversas gentes, arranjos vivos de Barros, pedras que pulam, árvores que compõem idiomas, “loucos de água e estandarte” (Barros, 2010:146) e seres marginalizados que entoam suas experiências cosmonômadas. Vivências de c(a)osmicidade comunitária e estética com a natureza, pois “(...) o índio usava um apito de / chamar perdiz que dava um canto azul. / Era que a perdiz atendia ao chamado / pela cor e não pelo canto / A perdiz atendia pelo azul. (Barros, 2010:466).

Desse modo, a poética barreana está atenta a matéria viva das bacias subterrâneas que transbordam pelo “canto azul do Xamã” e pelo “cio vegetal da voz do artista” (Barros, 2010:359). E Grada Kilomba complementa dizendo que “essa subjetividade é uma dimensão importante de discursos marginais e uma forma criativa de descolonização do conhecimento. Ao optar por uma interpretação fenomenológica, acredito estar transformando novamente configurações de conhecimento e poder.” (idem, 2019:90). “Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: / quando cheias de areia de formiga e musgo — elas / podem um dia milagrar de flores. / (Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)” (Barros, 2010:342). “Os fenômenos trazem em si, além do aparente e do que se mostra, um meio cósmico e devaneante invisível aos olhos, mas próprio do universo imaginativo, revelando corpos e gestos em fluxos e interações simbólicas e imagéticas.” (Eckschmidt; Saura, 2018:510). E para a fenomenologia, “a descrição que incorpora a vivência como um dado importante não é uma servidão ao objeto”. (Barbosa, 1993:18 apud Eckschmidt; Saura, 2018:512). A



pesquisa acontece nisso “de evidenciar que não há separação da fenomenologia com um modo de ser e estar no mundo” (Idem, 2018:513). Então, a fenomenologia aqui escutateia (en)cantamentos não desejando ordem, evolução, excesso de informação e nem pretensas soluções para supostos problemas de mundo. Ela apenas segue com Barros e a proliferação de multiplicidade, alteridade, narrativas e culturas de seu fértil chão encharcado, ou seja, de *ywyrupá*, que no tupi-guarani é o úmido leito da terra composta da água. O personagem *Xamã* ocorre em sua obra como sendo dotado de muita sabedoria. Uma sabedoria não-colonial. Uma sabedoria oral, desantropocentricamente comunitária, comunitariamente nano-afetual e sensivelmente metamorfoseante, bem como, marginalizada e cosmótica. “Mas seu avô que era o xamã daquele povo lhe ensinara uma agramática do povo Guató (...). Ao fim me pareceu tão sábio o Xamã dos Guatós quanto Sapir.” (Barros, 2010:105). Uma sabedoria primordialmente musical.

A andarilhagem com os *desobjetos* e a linguagem não-explicativa da poética barreana chama uma fenomenologia distraidamente atenta à indomesticável matéria viva da vivência cósmica e comunal no corpo-social. Uma vivência de errâncias nano-afetualmente cósmicas, ou seja, ‘cosmonomadismos’. Arranjos desantropocentricamente c(a)osmo-comunitários que nos levam para uma relativização do “si”, pela experiência com a vida em sua inteireza cósmica, nano-afetualmente libidinosa, a todo instante suscetível a metamorfoses enquanto variações micro-multigâmicas, composta de “deslimites” (Barros). Inteireza enquanto incontáveis arranjos cósmicos de múltiplas contaminações a todo instante, contanto com – e aprovando – o imprevisível, o incontrolável e as inevitáveis composições do acaso. Composições de transes tão incontornáveis quanto os drásticos ciclos das águas pantaneiras, nas rupturas que vão das inundações aos desaparecimentos de afluentes inteiros conforme a estação do ano. Tão incontornável quanto o arco-íris barreano. Tão incontornável quanto a morte, a contaminação e os choques do acaso, sem dicotômicas forças negativas ou positivas, sendo assim, um empirismo que vibra muito com o *Tekó Porã* (bem viver) cosmocomunitário das culturas ameríndias, bem como seus trajetos anárquicos pelas diferenças e por uma multiplicidade de fluxos de constante alteridade.

Com Barros, a fenomenologia segue por uma concepção eroticamente c(a)osmótica, de múltiplas contaminações e *transsubstanciações* (Barros) da *visão fontana* (Idem) contraída nano-afetualmente na sensualidade da experiência com o mato e as terras sempre encharcadas das ligantes águas pantaneiras desde que Barros era menino, desde as migrações pelas beiras das cercas de sua primeira infância. Seja pela capacidade de ligadura da água tão abundante no ventre de nossa latinoamérica, seja pelos devaneios de profundidade das águas doces, ou de infinito das águas salgadas, ou mesmo pelos intensos e múltiplos fluxos de contaminações nas relações sociais e afetuais de um mundo pós-globalizado, envolvendo uma diversidade de afetos, ideias, caminhos, acontecimentos, narrativas, culturas, perspectivas e compartilhamentos simbólicos, é bem do que se trata o nomadismo contemporâneo: errância cósmica, oniricamente elementar e sinestésica, portanto vibracional, microfísica, nanomaterial e cacofônica, ou seja, de múltiplas cosmoeses nano-afetuais para além de sujeitos e corpos fixos. Um empirismo vivenciado na errância das pequenitades ecologicamente sensualistas. Pelos nomadismos matriciais das nano-afetualidades nas trilhas vivas de Pacha insurgentes na contemporaneidade.

A inventividade contemporânea permite transbordamentos com libidinosa e c(a)osmótica errância que a base do contrato social moderno buscava não permitir. A realização do “si” através do trabalho e a fé no futuro como engrenagem do projeto individual e social, segundo Maffesoli, não funcionam mais como mitos fundadores. Basta reconhecer que o nomadismo, em suas incalculáveis atualizações contemporâneas, está em pleno jogo nas travessias da vida, sejam elas pantaneiras ou urbanas. Para além dos parâmetros que o saber e o poder utilizam para avaliar o estado e uma pretensa evolução das sociedades, para além também de seus discursos catastrofistas, trata-se de um modo específico de “adiar o fim do mundo”, como diz Ailton Krenak, um modo muito conectado com as culturas ameríndias, pois:

não é aí que está a “verdadeira” vida, mas sim no particular, no concreto, no próximo, coisas que não adiam a fruição para hipotéticos amanhã, mas pelo contrário, empenham-se em vivê-la, bem ou mal, aqui e agora, num dado lugar e em dada socialidade. É isso, propriamente, que delimita uma criatividade existencial que já não tem grande coisa a ver com o trabalho sobre si mesmo e sobre o mundo, próprio à ideologia moderna. É isso, propriamente, que apela para uma razão sensível. É a vitalidade subterrânea ou, pelo menos, uma vitalidade que escape às habituais análises racionalistas (...) (Maffesoli, 1998:191).

Maffesoli diz de uma vitalidade subterrânea que movimenta um pensamento capaz de se reconciliar com a vida, por um “vitalismo ou uma filosofia da vida” (Maffesoli, 1998:191). E com Barros, fica evidente tanto uma educação com fortes ressonâncias do *Sumak Kawsay* ameríndio (bem viver), como uma filosofia latinoamericana transbordadora de nômadas vitalidades ancestrais pela pele cósmica da contemporaneidade, chamando a companhia de uma fenomenologia e uma mitohermenêutica para sábias, generosas, matriais, afetuais e comunitárias andarilhagens de múltiplas pulsações em interações metamorfoseantes. Elas vibram com os arranjos vivos de Barros, arranjos da multigamia nano-afetual, nisso dos povos indígenas não serem conectados a ideias de ordem produtivista, capitalista e acumuladora, de serem avessos ao sistema do povo da mercadoria extrativista das pulsações vitais. Na possível análise de uma “produção” pachamâmicobarreana, ela ocorre enquanto “produção de vida”, assim evidencia Ailton Krenak sem ignorar o aspecto selvagem da vida, mas tendo-o como fluxo de sábia proliferação de culturas. Natuculturas que primam pela fruição que a vida vai sendo, em abundância e potência, destoando-se da hiper-higienização e do excesso de assepsia caros à modernidade e a ideia maquinal de “saúde de engenharia”, assim apelidada por Krenak: saúde de engenharia que opera “sem a ideia de que somos vulneráveis a um caos cósmico, em que tudo pode a todo momento ser diagnosticado (...); algo muito diferente da confiança de que os *encantados* podem mediar mundos, sem uma legião de anjos tentando combater o mal”, assim falou Krenak<sup>47</sup> quando nos encontramos ao vivo e virtualmente em 2021 no seminário pedagógico de numa escola comunitária e reflorestada da

---

<sup>47</sup> Segundo o Xamã Yanomami Davi Kopenawa, nem mesmo em conflituosas lutas, nunca houve ideia de extermínio de um povo entre os diversos povos que, de uma maneira ou de outra, conviveram ou relacionaram-se com os Yanomami. Por serem um povo que, por confinamento, coragem, sabedoria e sorte, conseguiu se isolar na mata e se proteger por muito mais tempo da violência colonial que outros povos, a primeira experiência que tiveram com genocídio foi na década de 60, quando um agente do SPI propositalmente explodiu um artefato viral no meio de uma aldeia. De lá pra cá, foram muitos ataques como em 1992, quando um exército de capangas, que obedeciam a um renomado senhor do povo da mercadoria, invadiu o território Yanomami sem aviso e, de surpresa, assassinaram praticamente todas as pessoas de uma aldeia, crianças, idosos, mulheres, etc. Certos conhecimentos sobre os Yanomami só podemos saber diretamente deles por pertencerem a um dos últimos territórios a serem invadidos pela monocultura da normose colonial há poucas décadas, com intensas investidas dos senhores da palavra da posse do “Reino de Deus”, como da palavra da posse cartoreira de mineradores e madeireiros, ambas fortemente conectadas com o capitalismo neoliberal. Mesmo assim, algumas aldeias Yanomami e de diversos povos ainda vivem em luta com coragem sensível para manter vivas suas sabedorias ancestrais, vitalidades cósmicas e cosmo-nômadas pelas forças da oralidade. E manter vivas suas crianças diante do alto nível de natalidade infantil com a contaminação das águas de mercúrio nas grandes invasões do garimpo ilegal de 2018 a 2022.

Mantiqueira em que cantei algumas composições como abertura de seu momento de fala. O povo Huni Kuin, por exemplo, assim como diversos povos originários, não extermina a doença, mas ao contrário do “homem branco”, conversa com ela, dialoga, entoa, oferece ritmos, dança e negocia diplomaticamente suas possíveis transmigrações nano-afetuais na cosmicidade da floresta onde tudo vive sempre co-implicado de tudo. Diplomacia cosmopolítica que permite fluxos vitais. Tal ritualização, diz o Pajé Agostinho Īka Muru, é sobre “como a doença pode sair daquele momento, para deixar o paciente em paz. Então a doença, estou falando a verdade, que estou preparado para isso, a doença vai embora.” (Īka Muru, 2014:65). Os guatós, guanás e terenas, que vibram diretamente da poética barreana, fazem o mesmo com seus porangos e são chamados de porangueiros. Nas culturas guarani também ressonantes em Barros, s porango é chamado de *mbaraka*, depois aportuguesado para maracás. Ambos, vibrantes frutos da artesanaria dos afetos, aceleram partículas produzindo som, jamais sendo tratados como objetos ou utensílios, e sim, arranjos de elementos naturais com potenciais vibrações de en-cantamentos. Maracás que falam e en-cantam enquanto arranjos feitos artesanalmente de sementes sonoras e demais elementos nisso da música da vida atuar nas negociações xamânicas. As múltiplas e intensamente vivas afetações das natuculturas, contaminatoriamente vitais, podem parecer muito caóticas diante da visão iluminista, moderna e colonial. Essa é crítica feita por Ailton Krenak. Não que as culturas de Abya Yala não (re)conheçam nas trilhas vivas fenômenos com uma variedade de sentidos originários próximos de “caos”. Mas é que para os povos ameríndios, o *bem viver* não passa pela heróica ideia de controle ou extermínio, pois o que ficou sendo chamado de “caos cósmico” ocorre pachamamicamente de maneira indomável, não exterminável e sem desejo de exterminá-lo. As incalculáveis contaminações cósmicas e cacofônicas da multigamia nano-afetual acontecem enquanto fenômeno da vida em sua necessária integralidade. Muitas vezes, são lidas como “caos” na colonialidade, mas aqui nessa caminhada, sem valor de bom ou ruim, seja pelo que vibra na poética barreana tanto com as culturas indígenas como com o pensamento nietzscheano. Ocorre que as pulsações vitais além de serem lidas como caos numa colonialidade que geralmente deseja exterminá-lo, são assediadas como recursos desde serem percebidas enquanto distanciada paisagem de forma virtualística, ou seja, sem

considerá-las como composições vivas e ambiências nano-afetuais em suas sensíveis integralidades primordiais à vida. A colonialidade extrativista está sempre extraindo suas pulsações vitais e, com isso, construindo a realidade mais distópica possível do caos imaginário. O caos imaginário ocorre enquanto composição da experiência convvida e contaminatória dos cósmicos arranjos corporais do corpo social e ambiental. Imaginário nunca dicotômico ao que se costumou chamar de realidade. Caos imaginário real e vivente da realidade do imaginário. E é contaminando a arma do inimigo cultural e contaminados dela que diversos encantados das natuculturas à metamorfoseiam de maneira fruidoramente c(a)osmótica, assim como tantas personagens e vivas composições barreanas. A poética barreana vibra sim nisso de afirmar a vida diante de muitos acontecimentos co-implicados de um incontornável caos, mas não de maneira a instituir com as vidualísticas as mais diversas ocorrências caóticas, inclusive às colonizadoras, todas como inevitável caos. Se a poética pachamâmica de Barros ocorre nessas variações de c(a)osmose, não opera para instituir o caos, nem para pretensamente desviar do incontornável caos. Ela caminha na plenitude da vida pela fruição multigamicamente nano-afetual na incontornável complexidade nano-afetiva, ou seja, atualiza a metamorfose justamente por não desejar excluir afetos, mínimos que sejam, para um pretense “fora” da vida. Afirmando fruição e amando tal condição, permite fluxos pela metamorfose inclusive diante do incontornável, e inclusive diante das ruínas humanas. Poética de corpas-mátrias en-cantadas e contaminantes que garantem metamorfose pela prática da fruição do onirismo. Sonho que se movimenta acordado com os sentidos vivos na potência do andarilhamento cósmico. Movimentação que ocorre não como bomba para uma distopia, mas enquanto semente atômica já na distopia. Semente-ruína e ruína-semente atômica de fruição por sonhar matéria de vida. Semente não-salvadora, mas convivente em potência e adiadora de novos fins de mundos pelo presenteísmo da fruição. Guardiã de água e de múltiplos elementos que a afetam e a compõem. Semente parideira de trilhas vivas. Semente que brota na generosidade da decomposição, em desdobramento de múltiplas composições. Semente que ocorre enquanto arranjo molecularmente vivo. Semente que pode se apresentar com imprevisíveis formas não medíveis e inclusive incapturáveis. Pode ocorrer enquanto pólen, clã de micro-fungos ou incontáveis átomos

en-cantados. Partícula-semente incalculável enquanto arranjo coletivo e cardumizante. Arranjo nano-afetual nas múltiplas, fruidoras e vitais contaminações da decomposição. Como as partículas de ar en-cantadas para ondas pelas sementes de um maracá.

A fruição vital chama nossa atenção para aspectos estético-sensoriais das relações não apenas ameríndias, mas nos diversos nomadismos que praticamos na contemporaneidade e que muitas vezes podem não ser percebidos como tais. Através da caminhada com Barros, essas ressonâncias cosmicamente nômadadas tão vibrantes e contemporâneas, quanto anônimas, coletivas e ancestrais, serão melhores descritas conforme as interações com os caminhos desta escrita. Nessa cosmicidade estética ou estética cósmica, a poética pachamâmica de Barros se apresenta afirmando a vida pelos ritos musicais, errâncias diplomáticas e metamorfoses xamânicas. Tudo por incalculáveis contaminações que ocorrem também em nossa contemporaneidade cada vez mais pandêmica. Pandêmica tanto pelas oportunidades vitais das múltiplas afetações culturais, como pelos despotentes agenciamentos antropocêntricos e capitalistas. Desde a invasão branca, as pandemias nunca foram novidade para os povos indígenas.

Os Yanomami, por exemplo, com longa e corajosa experiência em isolamento forçado, chamam as pandemias de *xawara*. Uma específica *xawara*, prevista e contada de geração em geração yanomami há mais de 6 mil anos, é a fumaça do metal agora em curso. Segundo os yanomami, uma fumaça epidêmica provocada pelo exponencial aumento de mineradores que, a partir de 2018, passaram a invadir seus territórios-corpos à procura de minérios, com exponencial aumento para 40 mil mineradores até 2022. Junto aos dejetos do estouro da barragem de Mariana, os Krenak, por exemplo, continuam sobrevivendo à beira do *Uatu*, um avô-rio praticamente morto, em “estado de coma”, segundo seus mais velhos. Não arredaram os pés de lá, pois eles fazem parte daquelas águas, compõem e são compostos daquela ‘corpa-pacha’ aquática por uma afetividade de cosmicidade matrial tanto não excludente, como sem tentar pretensas fugas do incontornável e inejetável. O pior já se deu com a vida. Buscar controlar um caos antropocentricamente é a mania colonial que constrói as barragens da necropolítica. Os Krenak, assim como todos os povos que caminham há dezenas de milênios no ventre desta Pacha, nunca estiveram interessados em construir máquinas voadoras para habitar outros planetas. Segundo Ailton Krenak, preferem cuidar do *bem*

*viver* com o que a vida já é aqui e agora. Nota-se portanto, o presenteísmo de uma imaginação materialista que não prorroga pretensos paraísos para “espaços-tempos” virtuais. Imaginação materialista marginalizada pela monocultura virtualística. Mas materialismo matrial (não patriarcal) e cósmico (não-binário; por uma multiplicidade de pulsações nano-afetuais) não aprisionado no sentido de posse que o povo da mercadoria (Kopenawa) dá ao termo. Imaginação afetualmente materialista na contramão da educação bancária (Paulo Freire) e de toda virtualística imposta com a ideia de moeda e demais contratos sociais firmados com a meritocracia ou rasgados de acordo com o que bem quiser a sede de poder colonial. Materialismo não pela pretensa ideia de corpo/alma fabricante de um suposto “indivíduo” e etéreas verdades. Imaginação materialista para além das abstrações anestésico-virtualísticas produtoras de um corpo-apêndice ou de um corpo cristalizado como fardo de uma alma. Imaginação materialista na contramão da busca por apartar assepticamente um sujeito – sempre coletivo – das inevitáveis, múltiplas e libidinosas afetações cosmicamente comunitárias e dos inseparáveis arranjos sensíveis com os caminhos.

Para além da ideia de fora/dentro, corpo/mundo e sujeito/objeto, Barros evidencia que a pessoa é uma composição de arranjos coletivos dinâmicos e cosmóticos. Uma composição viva. Intensamente viva das Cordilheiras, por exemplo, e do amor barreano nelas. Cosmopercepção metamorfoseante de uma sábia e generosa Pachamama que, mesmo com suas incontornáveis contingências, fala coletivamente pela boca anônima de quem sabe transmutar-se ao entoar a “linguagem de rãs”, “o idioma das árvores”, “as canções do vento” ou mesmo “o silêncio de concha” (Barros). As nano-afetuais “nadezas” dos cósmicos “nadifundios” barreanos afirmam isso dar passagem à metamorfose entoando. Entoar se metamorfoseando. C(a)osmoses musicais e vibratórias vão compondo e de(s)compondo arranjos corporais sábios de serem quase não-sujeitos, muito menos “coisas”, por não se perceberem como indivíduos, mas sim como pessoas-arranjos de ressonâncias “inominadas” (Barros). É a metamorfose por ‘corpas-pacha’ que acontecem enquanto mais que sujeitos coletivos e que, felizmente ou não, podem passar despercebidas pelas duras visões coloniais. Passam tão vivas de musicalidades e demais vibrações que a palavra isolada e utilitarista não dá conta de conter. Por um lado, invisibilizadas. Por outro, podem ocorrer invisivelmente vibrantes

e potentes como a música que vibra, toca, penetra, contagia, liga, conecta, religa, co-implica, transmuta, sempre em fluxo de intensa alteridade, modulações de frequências variáveis e cacofonicamente anárquicas pelas diferenças. De tão vivas, sensoriais e transmigratórias, sofrem silenciamentos forçados pelas estruturas de ordem, controle, fixação e poder, enquanto jorram forças ancestralmente nômade e metamorfoseantes na contemporaneidade, contaminando nano-afetualmente as duras visões. “As cigarras derretiam a tarde com seus cantos” (Barros, 2010:471). Assim vão correndo diversas e distintas variações de cosmonomadismo. Em guarani, cigarra se diz *djaryrá*, ou seja, “guardiã anunciadora”; anunciadora do calor, da chuva, do crepúsculo, da lua cheia; anunciadora cósmica. “Aquele Senhor um pouco louco / brincava passarinhos amanhã. / Ele disse que enxergava a fala de uma cor. / E queria transcrever para flauta o canto dos vermes.” (Idem, 2010:484).

*Não limpa sombra de gorjeios. / Desova, manhãzinha / na insua / que seus embaixos com limos pertencem dos caramujos / E entrega seu canto assim sujo mesmo / de ir trazer das grotinhas cabelentas é pedra com titica de aves / é galhos empassarados de sol... (107)*  
(Barros, 2010:107)

*Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, / e meu canto. / Meu canto reboja. Não tem margens a palavra. / Sapo é nuvem neste invento. / Minha voz é úmida como restos de comida. A hera veste meus princípios e meus óculos. / Só sei por emanações por aderência por incrustações. O que sou de parede os caramujos sagram. / A uma pedrada de mim é o limbo. Nos monturos do poema os urubus me farreiam. / Estrela é que é meu penacho! Sou fuga para flauta e pedra doce. A poesia me desbrava. Com águas me alinhavo.*  
(Barros, 2010:170)

*(...) Perdido, rosto de água e solidão, / Adornei-me de mar e de desertos. Meu paletó de azuis rasgões abertos / Esconde amanhecer e maldição... / Um deserto menino me acompanha*  
*Na viagem (que flores deste caos!) E em rosa o sol me veste e me inaugura. (...)*  
(Barros, 2010:172)

*(...) Circulo sob arranha-céus. / Vivo debaixo de cubos: / Na direita, na esquerda / De lado, ao sul Pelo norte... Vou no meio assustado. / Um pequenino ser com a sua morte dentro, Com seu ombro desabado / E seus braços descidos pelo caos do corpo.*  
(...)(Barros, 2010:175)

Fazer das estrelas o penacho é uma sabedoria xamânica. Assim como na deslimitação das entoantes nuvens barreanas, as culturas indígenas e demais natuculturas transbordam e transmutam potências vitais compondo-se por múltiplas afetações conviventes nas ensinagens nano-afetuais dos caminhos. Trilhas arranjadas de



incalculáveis e úmidas entonações. Tal condição convivente, ligante e co-implicada, faz cada passo ocorrer potencialmente como caça e caçador ao mesmo tempo, escapando por pouco das fixações coloniais, ainda que jamais do incontornável acaso e das condições da metamorfose. Nessa toada, a fruição tanto barreana, como ameríndia, se dá nisso de continuar proliferando multiplicidade em intenso fluxo transmutante. No caso barreano, c(a)osmose através de sentidos inseparáveis, sínteses perceptivas e outras contaminações incapturáveis com desobjetos vivos, ferrugens, bestegos, decomposições, miudezas das natuculturas vibrantes de potências vitais, ordinariedades, seres marginalizados e insignificâncias que vão surgindo no caminho e, muitas vezes, se inscrevendo nos poros transmigrantes das experiências.

Por ser um poeta latino-americano da contemporaneidade, Manoel de Barros se movimenta tanto por ressonâncias indígenas como europeias, ou seja, ameríndias. E por que não dizer afro-ameríndias já que sua obra e as cosmopercepções de sua vida também vibram com as afetações diasporicamente africanas. Mas para o foco necessário desta investigação, existe no mínimo um Barros mais latino-americano que afirma os acontecimentos da caminhada como “caosmoses” e existe um Barros mais pachamâmico que afirma esses mesmos acontecimentos como ‘múltiplas contaminações metamorfoseantes’ de uma ‘cosmose’. Isso diz das transmutações – e as múltiplas aprendizagens da autoformação – que acontecem justamente na ‘multigamia nanoafetual’ das *escolas vivas* da caminhada. Cosmopercepção ameríndia tão habituada a afirmar a complexidade intensamente viva e indomesticável deste fenômeno, que não o chama de “caos” e não o compreende como um acontecimento, à priori, desvitalizante. Então podemos perceber pelo menos duas diferentes maneiras de reconhecer a cosmicidade da vida e sua potência – incluindo a cosmicidade corporal – de acordo com o poeta pantaneiro que se diz neto de guató, e isso justamente porque ninguém escapa à colonialidade e ao imaginário construtor do “caos” pela ideia de ordem-caos, paz-guerra e demais dicotomias do pensamento eurocêntrico e contemporâneo. Estamos todas as pessoas imersas na colonialidade, inclusive as aldeias indígenas desde 500 anos de catequização, evangelização e colonização, ainda que nossas corpaldeias, em suas mais diversas diferenças, transbordem práticas originárias, memórias vivas, necessários nomadismos e muita luta sensível para resisitir no dia a

dia. Muitas de nós estamos ou já nascemos em retomadas dos territórios sensíveis que nos compõem como gentes e como corpaldeias, E nisso, inclusive em harmonia dissonante com uma pequena minoria de não-indígenas que também está sensível a diversas destas questões, estamos também a pensar a vida e a cosmicidade corporal enquanto “arranjos c(a)osmóticos”, principalmente não obedientes a uma ordem fixa, cristalizada, organizada e naturalmente harmônica, de maneira a participar de um processo de descolonização do imaginário, movimentando-nos com o que afirmam as epistemologias indígenas, ainda que originariamente estas não utilizem a palavra “caos” antes da colonização. Mas lembrando que “sensíveis c(a)osmoses”, ainda que expressadas em termos da língua dos colonizadores, podem sim ocorrer por contaminações nomadizantes a revelia da normose colonial e sua paz no mínimo silenciadora dos conflitos, para não dizer genocida. Fora isso, a “caosmose”, mesmo que não afirmada sensivelmente, também passa a ser inevitável a partir da institucionalização colonial do caos e da distopia, e também do inevitável caos cósmico nietzscheano não compreendido pelos intelectuais europeus de sua própria época. Nesses diversos sentidos é que Manoel de Barros permite fluxos às pulsações vitais e inventa pequenas alegrias atômicas expressando afetualidades ou sensibilidades “c(a)osmóticas”, inclusive brincando com isso ou de certa forma até ironizando, ou seja, compondo expressões como “caos do corpo” em momentos específicos da caminhada poética, de acordo com táticas nômadas de luta e hackeamentos que vibram muito com o que xamãs costumam fazer em suas diplomacias cosmopolíticas. Hackeamentos de palavras-vibrações por en-cantamentos de fluxos vitais. Por exemplo, falamos muito em “reflorestar o imaginário” porque ao fazer isso ocorrem contaminações pachamâmicas na palavra *floresta* que, por sua vez, contaminou Abya Yala. Nesse sentido é que Emanuele Coccia tece sua crítica à ideia de ecossistema composta pela ideia de economia.

Se a ideia de ecossistema foi, por muito tempo, um dispositivo para frear e bloquear a metamorfose, a cidade humana constituiu-se, desde sua origem, contra a ideia de vida como associação de formas, *ethos* e mundos díspares. Ela foi o laboratório da forma mais radical de monocultura ética, ecológica e biológica. Na verdade tendemos a pensar a cidade como um espaço inteiramente mineral e, portanto, monoespecífico: ela seria a coleção de seres humanos que vivem estavelmente sobre uma porção do corpo de Gaia e que manipulam a estrutura desse corpo para construir

abrigos. Tudo o que não vem do mineral e do humano - salvo raríssimas exceções: gatos, cães, alguns cavalos, plantas ornamentais e, ilegal e clandestinamente, ratos e alguns insetos - é empurrado para fora do cinturão urbano, para dentro da floresta, que, **já em seu nome (a floresta vem do latim *foris*, “fora de”) é definida por uma situação de carência: falta de civilização, falta de “humanidade”, falta de modernidade, falta de tecnologia.** (Coccia, 2021:180) - grifos meus.

São inúmeras as tecnologias nômade de multi-contaminação e metamorfose. Por exemplo, de saber que a cidade criou o “selvagem” e, mesmo assim, não exterminar esta palavra, mas chamá-la e permitir contaminações cosmicamente corporais com ela em intensos rituais de diplomacia cosmopolítica de modo a permitir que os sentidos da palavra se nomadizem dando passagem aos encantamentos das cosmopercepções indígenas. Tais cosmopercepções, com Manoel de Barros, vibram tecendo uma obra de (re)conhecimento delas não apenas através do íntimo contato do Poeta com os imaginários indígenas desde uma caminhada ancestral, infantil e adulta, mas também em retomada destes territórios sensíveis, obviamente que por memórias vivas de seu insistente eterno retorno às infâncias e as primordialidades vitais. Vibrando nas conexões afetuais da contemporaneidade, a poética pachamâmica de Barros, portanto, é uma potencial oportunidade para que possamos movimentar retomadas dos territórios sensíveis e originários dos imaginários indígenas que nos arranjam como corpos sociais. Imaginários afirmadores da nano-afetualidade cósmica e da cosmicidade corporal. Na multigamia nano-afetual que arranja as corpas de Pacha, o que se pode chamar de encontro, choque ou confusão é a própria metamorfose em acontecimento. Esta, quando afirmada sensivelmente, também movimenta fluxos vitais em meio tanto (1) às múltiplas afetações pelas ocorrências cacofônicas e cosmonômade do incontornável, do incontrolável e do inevitável afirmados nas culturas indígenas, (2) como em meio a acontecimentos da instituição colonial do caos. Está nisso a diferença entre um acontecimento caosmótico e uma sensibilidade caosmótica. Enquanto o primeiro pode ser apenas passivo a este fenômeno da vida e até mesmo capitalizador dele como recurso colonial, o segundo é afirmador dele pela proliferação de multiplicidade vital dos acontecimentos. Sensível caosmose enquanto insurgência da metamorfose na contemporaneidade, do mesmo modo que um Xamã Davi Kopenawa compõe com o cinema e com o que ele chama de “pele de papel”. Com os mesmos nomadismos que fazem um Ailton Krenak ser eleito a membro da Academia de Letras e que uma Daiara

Tukano e um Jaider Esbell movimentam com as pulsações vitais da arte cósmica de suas corpaldeias insurgindo nos museus e nas mais diversas instituições coloniais que até outro dia marginalizavam tais expressões como ainda tantas vezes fazem. Entretanto, mesmo com os muros reais e normoses de curadorias impostas pelas ficções virtualísticas, as transmutações com as múltiplas contaminações, instante ou outro, acontecem.

A Ameríndia barreana segue por uma fruição sensivelmente c(a)osmótica, ou seja, metamorfoseante. C(a)osmótica mais pelo aspecto contemporaneamente ameríndio e barreano. Metamorfoseante mais pelo aspecto pachamâmico e barreano. Cosmótica mais pelo aspecto pachamâmico. Mas sempre afirmadora do sensível e da sensibilidade cósmica como as natuculturas, portanto, na atualidade, afirmadora de sensíveis c(a)osmoses. Fenômeno que também transborda com as diversas ressonâncias do nomadismo contemporâneo, causando nanofissuras nas mórbidas estruturas coloniais. Desse modo, é importante salientar que para muito além de um pensamento produtivista, as culturas indígenas – bem como a poética barreana – operam inevitavelmente também como “produtoras de vida nos campos da subjetividade”, assim afirma Ailton Krenak. É certo que o imaginário humano se arranja pelas profundezas vivas de uma partitura coletiva com certa limitação simbólica em termos quantitativos. Esse parece ser um dos raros aspectos mais profundamente comuns da imaginação, evidente ao acompanhar Gilbert Durand pelos estudos do *imaginário* e as *estruturas antropológicas de sensibilidade*. Mas é preciso lembrar que a maior semelhança da comunicação simbólica é justamente a diferença. “A diferença constituiria assim, o que de mais igual, comum e semelhante existiria entre os homens: a cultura.” (Rodrigues apud Ferreira-Santos; Almeida, 2012:18).

Conectada com as multiculturas, a poética pachamâmica de Barros se arranja por inúmeras entonações, incalculáveis vibrações, qualidades sonoras e estéticas de diferentes línguas indígenas diretamente citadas, incluindo comentários sobre suas diferenças fonéticas. Línguas-mães de sabedorias entoadas por tribos-pássaros, povos-sapos, caramujos, parentas plantas, velhas sábias árvores, gentes das águas, das terras encharcadas, do ar, da noite, da aurora, do ocaso, com uma diversidade viva de sotaques culturais pelas caminhadas de múltiplas afetações metamorfoseantes com

diferentes culturas. “A cultura no seu sentido mais agrário e autêntico comporta a multiplicidade dos canteiros e dos jardins” (Ferreira-Santos; Almeida, 2012:17). Uma multiplicidade de canteiros e jardins compostos, cada um deles, por micro-seduções de uma multiplicidade viva e co-implicações nano-afetuais. Não à toa, existem teses sobre a educação ecológica pela biodiversidade da obra de Manoel de Barros, como por exemplo, o trabalho de Elizabete Oliveira, com a publicação de *A Educação Ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos* (2012). Mas Barros parece chamar nossos sentidos para outra compreensão também. Para uma biodiversidade cultural. A obra barreana vibra por inúmeras culturas da natureza. Natoculturas que transbordam uma multiplicidade de vozes em cada gota de sua poesia. Há muitos mundos, por exemplo, na cosmicidade vegetal por ser tão vasta e inclassificável. Cientistas continuam “descobrimo” o incalculável. Aqui na Mantiqueira que tenho habitado desde junho de 2020, antigo território Puri, Guarani e de tantos outros nomadismos, biólogos publicam ano a ano a “descoberta de novas flores” ou de “plantas intocadas”, entretanto, muito antigas para as vozes ameríndias e suas práticas xamânicas. Os cosmonomadismos nano-afetuais de Barros afirmam vontades vegetais pela potência das oralidades na inevitável e sensivelmente c(a)osmótica musicalidade de suas trilhas vivas. “Há um cio vegetal na voz do artista. / Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto / de alcançar o murmúrio das águas nas folhas / das árvores. (...)” (Barros, 2010:359)”. Apesar da colonialidade nomear plantas ou as reconhecem geralmente apenas por suas pretensas funções ou ficcionais qualidades antropocêntricas, para as epistemologias indígenas e para a poética pachamâmica de Barros, são as plantas e demais arranjos corporais que vibram seus nomes na convivência as escutas, por en-cantamentos das interações afetuais, e não por batismos ou nomes empregados que atendem a uma utilidade ou são percebidos como recurso. Mas nomes que se arranjam com o “cio vegetal na voz do artista” que é o cosmos e suas co-implicações afetuais. Nomes de ‘comunidades’ enquanto destinações vibratórias na plenitude das pulsações vitais (*Tekó Porã*), por suas mínimas *transsubstanciações* materialmente poéticas e as mais sutis movimentações, pela participação na en-cantaria nano-afetualmente cósmica dos acontecimentos e nas imprevisíveis metamorfoses.

No pretense dentro ou fora de cada canteiro, a diferença e a proliferação de multiplicidade de pulsações vitais nunca foram afirmadas pela monocultura da normose colonial, apesar de também a constituírem, querendo ou não. Mas nesta velha Abya Yala, sabe-se que, para a potência do *bem viver*, não há como plantar milho com toda vitalidade se não plantar milho-feijão-abóbora. Mas seria preciso não apenas tirar os hífen dessas palavras como também misturar as letras entre elas para, na escrita, trair um pouco menos a cosmicidade corporal destes arranjos vitais e, para além disso, notar novos embaralhamentos de letras em cada instante escutateado. É que as famosas *três irmãs* são inseparáveis por *transsubstanciações* e múltiplas afetações transmutantes da prática da MILPA que continua se atualizando nesta latinoamérica dos incas aos guarani, assim como nos pequeninos e grandes quintais coletivos que costumo habitar.

Descrevo um fenômeno que minhas mãos têm gosto de participar, quando as mãos também ficam flores, lembrando que para as cosmopercepções tupi-guarani, flores ocorrem enquanto mãozinhas acenando. Ao subir espiraliticamente pelo pé de milho, a planta do feijão oferece muito mais vagens e grãos por contrair altura, espaço e arejamento de sua parenta, expondo-se mais, fazendo mais fotossíntese com o sol e amanhecendo mais transmutada de gotas de orvalho. Não a toa, em tupi-guarani, dizemos *djitsapy*, ou seja, “aquele que se transforma em orvalho”. Essas gotículas são en-cantamentos nanomateriais que fazem intensa diferença para a vida vegetal. Tem dia que a MILPA amanhece tão molhada aqui na Serra da Mantiqueira, que nem preciso regar a plantação. A planta de *awati* (milho) por sua vez, recebe uma importante ajuda do pé de *kumandá* (feijão). É só perceber a diferença da coloração das folhas, do brilho, do diâmetro do caule, da velocidade do crescimento, da produção dos grãos entre plantas de *awati* e plantas de *awati-milpa*. E é vibrante notar a cor do caule do *awati* mudando conforme o *kumandá* vai trepando nele. Esses e outros detalhes são possíveis de serem percebidos na experiência con-vivida com a MILPA. E de experiência em experiência, fica-se sabendo também que o *kumandá* tem a generosidade de metamorfosear moléculas do ar em nitrogênio, transmitindo-as à *ywy* (terra) que, por sua vez, deixará com que a planta de *awati*, através de suas raízes, se beneficie dessa substância. “Transsubstanciação”, como diz Manoel de Barros. Transsubstanciação de cor, de brilho, de nitrogênio e de vitalidade. Assim o pé de *awati* fica mais forte, potente e

generoso. Tanto as plantas do *awati* como do *kumandá* são aquelas que podem ser cultivadas em solos desgastados ou não tão ricos de nutrientes, pois ao “final” de suas vidas, ou melhor, ao entardecer de suas jornadas, além de deixarem uma impressionante abundância de sementes para outros renascimentos, arejam e fertilizam *ywy* (a terra), preparando-a para novas e diferentes culturas que necessitam de *ywy* mais soltinha e fértil para viverem. Já nossa parenta *andai* (abóbora), trepa é com a *ywy*. Ao se espalhar por ela, a cobre do excesso de luz que causa *secura*, impotência e morte. Assim, a luz continua chegando à *ywy* bem mais amena, pelas frestas. Nos nomadismos da luz amena ou do úmido escuro, a *ywy* mostra seu princípio de fertilidade e generosidade. Assim, a planta da *andai* cria o ambiente ideal para que suas parentas se tornem tão nutritivas e saborosas quanto abundantes de *awati* e *kumandá*. Tribos-pássaros, como as dos Jacus, amam. Gentes como javalis, porcos, queixadas e javaporcos, entram em êxtase com *awati* e *andai*, que só perdem na preferência para a *mandi'ó* (mandioca). As *e'itsy* (“matriarcas do mel”; abelhas) e diversas gentes voadoras fazem uma fértil confusão, pois, cosmoticamente, polinizam transmutações pelas diversas etnias de *awati*, crioualizando qualquer pretensa identidade fixa nisso de afirmarmos que toda cultura é multi. Formigas cortadeiras, vez ou outra, nos princípios de uma só *aratsy* (“mãe-território do território da manhã”; aurora), garantem refeição para uma ou até duas estações inteiras. É que armazenadas na corpa-aldeia subterrânea, as folhas de *awati*, metamorfoseantemente permitem a proliferação de culturas de fungos que são a refeição de todo o corpo-formigueiro. Pude constatar isso certa vez que, sem querer, bati a inchada pelos labirintos do corpo-formigueiro. O olhar apressado pode pensar que as formigas cortadeiras se alimentam das plantas. Mas as metamorfoses ocorrem por múltiplas contaminações ora perceptíveis, ora não. Elas são nanomateriais como a água e/ou microfísicas como as vibrações da música. O mesmo fenômeno acontece com as contaminações transmutantes da imaginação, que no caso barreano evidencia suas primordialidades cinestésicas. “Na beira do entardecer o canto das cigarras enferruja” (Barros, 2010:291). “A quinze metros do arco-íris o sol é mais cheiroso” (Barros, 2010:258). Os nomadismos dos sentidos ocorrem enquanto uma das diversas possibilidades de cosmo-nomadismo, permitindo com que a vida flua em sua inteira potência, nisso de fractalizar pretensas verdades das fixas aparências, classificações, das

cisões e dos olhares dicotômicos, lembrando também que nada, nem mesmo a percepção, pode explicar a vida. O que nossa percepção faz é vibrar o impossível pelos sentidos possíveis, entoando trilhas e inventando caminhos através das múltiplas contaminações das travessias em que o acaso e o inesperado estão sempre em andamento. E nas vertigens estéticas, rítmicas e musicais deste ‘andarilhamento’ cósmico, é que se se fractaliza as supostas barreiras dicotômicas do possível-impossível, a grau de sonho e devaneio, por instantes de (en)cantamento com a vida. Em qualquer tentativa de contê-la para maiores informações, ela já vazou pelas mãos feito as águas barreanas. Entretanto, a *peneira* poética de Barros, assim como um filtro de sonhos ameríndio, pela matéria viva dos elementos e demais vibrações vitais, pode sim, jamais barrar a *yy* (água), mas deixar com que sua personagem Bernardo ocorra, desde de cada *py* (pé) composto pela partícula aquática *y* que também compõem *poty* (flor) – em, guarani, *po* = mão; *ty* = plural em movimento, ou seja, “mãozinhas acenando” –. E quando são muitas mãozinhas, então já são *popo’i*, ou seja, borboletas, ao pé da letra, “muitas mãozinhas carinhosas”, escutateantes, e co-implicadas, de férteis desobjetos, como: (...) três peneiras para desenvolver moscas.” (Barros, 2010:245). Não é por loucura que “Bernardo já estava uma árvore quando eu o conheci” (Idem, 2010:476). “Toninho disse que Bernardo dementava as palavras. Ele viu, diz que, uma formiga frondosa com olhar de árvore. Formiga frondosa? (Essa formiga frondosa não seria para mudar um pouco a feição da natureza?) (...) Ele tinha visões que remetia a gente para a infância. Como seja: Eu hoje vi um pedaço de tarde no bico de uma sabiá. Ou tipo assim: Eu vi uma borboleta emocionada de pedra! (...) Bernardo sempre nos parecia que morava nos inícios do mundo. Um dia ele nos contou que assistira a estreia do arrebol! A gente engoliu essa! Entretanto a gente via em Bernardo um visionário nas origens da Terra. Havia em seu olhar uma candura de água. E sua voz era de Fonte. Bernardo tinha uma linguagem de canto e arrebol” (Idem, 2011). O crepuscular arrebol dos en-cantamentos de xamânicos arranjos, compõem a poética barreana. Cada gotícula d’água primordial, fonte aquática e musical sempre nascente, co-implicada das movimentações primordiais da Terra, das primordiais e nomadizantes metamorfoses da vida, compõem a peneira de Barros. Tal encantamento é cosmicamente transmigratório e transmutante, considerando uma generosidade-pacha de proliferar diferentes e



inúmeras culturas assim como no poema *O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA*:

(...) *A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água / O mesmo que criar peixes no bolso. / O menino era ligado em despropósitos. / Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. / A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do / que do cheio. / Falava que os vazios são maiores e até infinitos. / Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito / Porque gostava de carregar água na peneira / Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que / carregar água na peneira* (Barros, 2010:469-470).

Gota a gota, as metamorfoses da imaginação ocorrem por múltiplas contaminações nano-afetuais. O mesmo acontece com as culturas. Sejam elas supostamente duras ou maleáveis, de pedras ou vegetais. É por essa fenomenologia escutadeira do en-cantamento micro-libidinoso que é possível perceber a corpa-milpa. Corpamilhofeijãoabóboraterráguanoitessolnitrogênioformigaminhocamãosebocaestômagoaduboetc-etc-etc. Uma corpa que não é soma. Uma corpa dinâmica de intensas conexões e co-implicações metamorfoseantes. Corpa, em muito, inapreensível. Corpa sempre em inacabamento e em constante arranjo de múltiplos corpos cósmicos jamais fixos. Uma corpa da corpa de Pacha. Corpa imprevisivelmente en-cantada, que as letras, mesmo sendo embaralhadas, não dão conta de apresentá-la. Corpa de múltiplas vibrações incapturáveis, mas também de ressonâncias perceptíveis. Corpa materialmente simbólica. Lembrando que o símbolo guarda sempre uma caótica e complexa inteireza<sup>48</sup>. E pelos múltiplos contatos e contágios da convivência social, o *homo symbolicus* (Cassirer) faz circular o símbolo e suas potências nômades, cacofônicas e transmutantes. O caráter sempre incompleto e incerto fez com que o símbolo tivesse importância reducionista para a longa tradição ocidental que, habituada às ideias de confinamento, o classificou como representação, ou seja, cópia da Ideia, “visando a um *pensamento sem imagem*” (Almeida; Ferreira-Santos; 2012:58)<sup>49</sup>. Mas o

<sup>48</sup> O símbolo, e sua inteireza, pode ser facilmente compreendido no alemão *sinnbild* (*sinn* = sentido + *bild* = forma) ou no grego *symbolon* (*syn* = reunir + *bolos* = partes) e, nessa acepção, apresenta-se aberto, polissêmico, pois tanto o significante pode ser antinômico, como em fogo (purificador ou infernal), quanto o significado pode se dispersar (o sagrado ou a divindade poder ser uma árvore, um animal, um astro ou uma encarnação humana). Não se trata, porém, de traduzi-lo em sua formulação abstrata, pois lhe é próprio o caráter epifânico, em que o inefável se manifesta. (Ferreira-Santos; Almeida, 2012:57).

<sup>49</sup> Em Aproximações ao Imaginário Marcos Ferreira-Santos e Rogério de Almeida evidenciam: “Os iconoclastos ocidentais sempre foram partidários, mesmo quando divergentes, de um racionalismo que busca o universal pela partilha do bom senso e do senso comum, ainda que marcados por

símbolo não é uma abstração. Está ligado à experiência sensível da vida, sendo uma forma de conhecer pela liberdade necessária à compreensão. Sua função simbólica fractaliza as esferas do indizível-epifânico e do concreto, do material, do encarnado. Fractaliza as fronteiras da presença e da ausência.

Ele é a confirmação de um sentido para uma liberdade pessoal. É por isso que o símbolo não pode ser explicitado: a alquimia da transmutação, da transfiguração simbólica só pode ser efetuada, em última instância, no caminho de uma liberdade. E a força poética do símbolo define melhor a liberdade humana do que qualquer especulação filosófica: esta se obstina em ver, na liberdade, uma escolha objetiva, enquanto na experiência do símbolo sentimos que a liberdade é criadora de um sentido. (Durand apud Ferreira-Santos; Almeida, 2012:18).

Por primordialidades simbólicas, a poética brota no seio da corpa de pacha escorrendo justamente por ocorrer por seu engajamento do evento concreto. Logo, “pensar a cultura como um processo simbólico envolve uma mudança gnosiológica importante que contemple sua diversidade e sua unicidade.” (Almeida; Ferreira-Santos, 2012:18).

Se nos contentarmos em contemplar os resultados dessas atividades – as criações do mito, os ritos ou credos religiosos, obras de arte, teorias científicas – parece impossível reduzi-los a um denominador comum. Uma síntese filosófica, porém, significa algo diferente. O que procuramos aqui não é uma unidade de efeitos, mas uma unidade de ação; uma unidade não de produtos, mas do processo criativo. (Cassirer apud Ferreira-Santos; Almeida, 2012:18).

As ‘corpas-milpa’ vibram com profundas semelhanças no processo criativo e simbólico de todas as culturas. É a diversidade de manifestações vivas, dos elementos e vibrações em andamento cosmicamente nômade e afirmativamente suscetível às metamorfoses que mantém vivo o processo criativo da poética pachamâmica de Barros. São as diferentes cordas de um instrumento e as incalculáveis vibrações dos demais, que fazem vibrar as dissonâncias microfísicas de uma mesma canção, ou melhor, como os diferentes ruídos, vozes, cantos, gritos e sons compõem uma mesma corpa de Pacha, uma mesma rua, uma mesma montanha, um mesmo território cacofonicamente sensível.

---

modelos como o “dogmatismo da palavra, o empirismo do pensamento direto e o cientificismo semiológico”, que Durand cita para se referir respectivamente aos dogmas da Igreja, ao conceito ou pensamento direto dos pragmatismos e à razão, de cunho semiológico e positivista, das ciências.” (Almeida; Ferreira-Santos; 2012:58).

Assim como mais de mil povos com diferentes culturas compõem uma Abya Yala, ou dependendo do caso, múltiplas abya yalas. Para as culturas ameríndias e os diversos povos nômades do mundo, a vida sempre foi afirmada por uma proliferação de subjetividade. Aspecto também a ser verificado nos incontáveis nomadismos que transbordam pelos poros da contemporaneidade e pelas rachaduras da necropolítica. Apesar do intangível critério de verdade que funciona como medida de todas as análises da ciência moderna, “a forma de arte que é a existência social requer uma pluralidade de abordagens que estavam, até então, separadas” (Maffesoli, 1998:191). Isso ficará mais evidente ao tratarmos aqui de ‘epistemologias pachanômadas’, não como relativização ou escapismo diante das partes molares dos cortes epistemológicos, mas como exercício, inclusive fenomenológico, mais aproximado da vida em sua fruição e multiplicidade de saberes ameríndios, sem negacionismo de uma ou outra maneira de conhecimento, sem etnocentrismo, sem adultocentrismo, sem antropocentrismo, sem a necessidade da ideia de intelecto e de sensibilidade como pretensos objetos separados ou (re)unidos. Afinal, como canto numa música composta em 2011 em parceria com Poeta arrudA, estamos todes nano-afetualmente “impregnados de civilização / impregnados de barbárie / chips, shortcuts, celulares / coca-cola, guaranis e o amor / em tempos de avatares / impregnados” (dani-vi e arrudA, Impregnados: disco do coração dos pés, 2016).

“Tudo que não invento é falso” (Barros, 2010:345). Então a caminhada com a poética pachamâmica de Barros não se estrutura pela ideia de verdade. Sua pergunta não é sobre qual é a verdade, mas sobre qual a ficção que permite desbloquear fluxos e proliferar pulsações vitais sem ideia de problema-solução, sofrimento-salvação, verdade-imaginação e demais estéreis dicotomias. Esta caminhada com a razão-pacha de Barros pede para (re)conhecer o real, as ficções que inventam o real onde pisamos e os sentidos que tanto as natuculturas como as culturas supostamente apartadas da natureza inventam para compor as trilhas da vida com as inevitáveis vibrações do afeto. O imaginário se apresenta de maneira potente para isso, pois é um fenômeno cosmo-coletivo de múltiplas co-implicações que acontecem na cosmicidade corporal das experiências con(vividas). Nisso da escuta ser Tateada pelas matérias do sonho, mantendo-se viva de imagens poéticas, ressonâncias simbólicas, vibrações

nanomateriais e demais arranjos das contaminações nano-afetuais, é que a imaginação sempre andarilha como compositora transmigrante e transmutante de nossas trilhas e de todo chão que vibra a vida. Assim como as cordas vibrantes da corpa-sonora que é a viola de cocho de Barros, as ‘corpas-pacha’ do chão barreano vibram pela tensão da poyeses. Elas é que garantem as vibrações vitais e apresentam o real sem dicotomizá-lo. O real insepara natureza e cultura. O real não acontece por separações ou (re)uniões de *physis* e *logos*. O real acontece por processos simbólicos nas afetações simbióticas ou c(a)osmóticas dos caminhos e está intimamente conectado à criação poética que vai ocorrendo pela força do momento. “Não há domínio que esteja indene da ambiência afetual do momento” (Maffesoli, 1998:191). Tal ambiência é compositora das ambiências corporais. ‘Corpambiências’ a serem melhor desdobradas ao longo dessa *escrevivência*. Corpambiência milho. Corpambiência milharal, mas também corpambiência grão. Arranjo nano-material-hormonal do que vai sonhando a substância água, as vontades da terra, a música do vento, a mãe-do-mel abelha, etc. Corpambiência onírica, elementar, molecular, vibracional, ressonante. Corpambiência imprevisível, pois viva de arranjos de acordo com a ambiência afetual do momento nas instâncias caminhada. Corpambiência cosmicamente nômade por pequenitades transmigratórias. Corpambiência que a cada instante se apresenta por diferentes arranjos. E corpambiência abóbora ou milho sempre co-implicada de corpambiência MILPA. MILPA que não se resume a feijão, milho e abóbora. Assim, a cosmicidade nano-afetual – desantropocentricamente cosmocomunitária e nano-afetualmente cosmonômada –, do caráter poético-musical e estético das xamânicas corpas de Barros chama por uma fenomenologia distraidamente atenta ao (en)cantamento cósmico. Uma fenomenologia que vai acontecendo pelas errâncias do (en)cantamento barreano e seus andarilhamentos cósmicos, assim como na *guata* – prática do caminhar guarani que, de acordo com o pensador guarani Carlos Papá, acontece como a passagem de um “filtro” pelos caminhos. Vamos sendo filtradas pelos fenômenos das trilhas vivas. E essa filtragem depende das escutas que nos inseparam da floresta, pois esta é composta de múltiplas escutazinhas. “Para estar em conexão e aceitar quem você é, os grandes sábios falam para descobrir o sentir dos passos, do caminhar, do que é importante. Não é só caminhar, mas estar em conexão com tudo.” (Carlos Papá, 2019). Para a

fenomenologia, é preciso caminhar com o fenômeno, pois não há outro modo que não seja já implicado nele e jamais por pretensas separações e dicotomizações. Quanto mais participação nano-errante nas vivências no ventre afetual, cosmocomunitário e desantropocêntrico do pantanal barreano, mais contaminações com primordialidades da vida ocorrem. Tudo por recorrências simbólicas que apresentam profundidades comuns pela força do momento. Nesse sentido, o imaginário humano é pequeno, porém há que se atentar para suas diferentes e incalculáveis ressonâncias, pois são elas que o mantêm vivo. E a vida que conhecemos, bem como todo saber, só acontece pelos movimentos do imaginário. A poética barreana está a todo instante vibrando nomadismos na vital multiplicidade de coraçõezinhos c(a)osmóticos de um imaginário contemporaneamente ameríndio em descolonização, mas também e principalmente, de um imaginário pantaneiro, pachamâmico, xamânico e ancestral. De uma maneira ou de outra, imaginário de nomadismos cósmicos. Ao ser escutado por uma fenomenologia, o cosmoencantamento de tal imaginário será generoso de suas qualidades cosmoticamente afetuais, empáticas, eróticas e, assim, sem ordens, utilitarismos e organizações coloniais, vibrando com suas emoções ao participar de seus afetos sem a ideia de um “objeto” a ser estudado e, sim, pelo que Manoel de Barros chamada de “desobjetos”, com suas ressonâncias simbólicas de vibrações microfísicas e demais nano-afetualidades. Uma “desutilidade” viva, logo potente para a produção de vida e sua necessária proliferação de pulsações vitais. “O poeta, como já disse, desperta na subjetividade de cada um as vozes imemoriais adormecidas na memória coletiva” (Idem; 2001:192). É com essa liberdade que a comunicação simbólica acontece para muito além do fechamento individual, trazendo à tona uma multiplicidade de narrativas que fissura a verdade colonial. Assim como na poética barreana, é próprio da fenomenologia o movimento de:

(...) olhar o pequeno, o detalhe, cada gesto. Mas também o conjunto, o panorâmico. Assim, sem separar as coisas do mundo em que estão. Fluir como a respiração, entre expansão e contração. Deste modo, um primeiro ponto: estar em atitude de pesquisa fenomenológica é como respirar, como existir, viver, resistir. (Eckschmidt; Saura, *Observar o olhar espontâneo de um menino, ou que aprendi com os Guarani Mbya*: 510)

O ritmo dessa respiração e as espirais cosmóticas do andamento musical vão chamando por um (en)cantamento necessariamente conectado com os princípios da

fenomenologia.

Buscando um paralelo entre nossos autores fenomenológicos, Bachelard e Goethe, encontramos para ambos sujeitos de estudos que não estão em um “fora” da pesquisa. Tratamos de fenômenos sem objetificá-los. O campo apresenta-se sempre em uma relação sujeito-fenômeno, o que vai contra a ideia cartesiana de separação do objeto. Para a percepção, estão sempre em relação. São, portanto, filósofos que vão na contramão do instituído na época, de fragmentar, isolar e separar as coisas do mundo. Antes, propõem olhar para a complexidade do todo, onde “o pensamento abstrato é localizado em um contexto maior e vivido, baseado em experiências emocionais e corporais práticas, que se alinham à corporeidade e a este saber corporal.” (Franses; Write, 2015:341). Deste modo, não há distanciamento do sujeito pesquisador e do fenômeno, mas antes uma aproximação, uma correlação e uma co-implicação constantes. (Eckschmidt; Saura, *Observar o olhar espontâneo de um menino, ou que aprendi com os Guarani Mbya*: 511).

A poética barreana caminha por um saber corporal, mas ao longo desta escrita, a tentativa é de deixar vibrar um fenômeno barreano que está além da ideia de corpo tal qual ela é percebida pelo mundo eurocêntrico, colonial e moderno. Pois trata-se de uma corpa jamais fixa. Uma corpa coletiva materialmente vibracional. Mais que isso, corpa enquanto arranjo nano-afetual e cosmocomunitário que, pachamamicamente transmutante, jamais se cristaliza. ‘Corpa-pacha’ com incalculáveis maneiras de se apresentar. A razão-pacha de Barros, em uma de suas diversas instâncias, assemelha-se à ideia de *razão interna* (Maffesoli) que opera tanto na constância de sua estrutura antropológica, como ao mesmo tempo, só pode se atualizar e se realizar, ou seja, se apresentar, naquele ou neste momento particular. “Para dizer o mesmo em outras palavras, trata-se de uma racionalidade de fundo que se exprime em pequenas razões momentâneas” (Maffesoli, 1998:58), vibrando assim entonações de específicas culturas afirmadoras de seus inevitáveis fluxos de intensa alteridade. Logo, uma razão-pacha interna, não por se concentrar “dentro” em oposição a um “fora”, mas por andarilhar cosmicamente deixando *elementos-hormônios* (Bachelard), vibrações microfísicas e demais arranjos nano-afetuais movimentarem a vida, (en)cantando-a dentro do incontornável dentro de tudo, ou seja, num uno de imprevisíveis, distintas e múltiplas co-implicações. Culturas conscientemente sábias dos *grunds* de suas terras encharcadas, e que transbordam ao afirmar metamorfoses por múltiplas contaminações de um porvir cacofonizantemente parideiro do devir.

Nada, nem ninguém, jamais é exclusivamente aquilo que parece ser em um dado

momento. É sempre mais, e isto porque há, em cada um e em cada fenômeno, algo de preformado que convém desenvolver. De certo modo, é um ideal do qual é preciso fazer render todas as potencialidades. Um ideal em germe que precisa liberar todas as suas energias. (Maffesoli, 1998:60).

Apesar das diversas tendências nos germes das corpos de Pacha, tais energias, por serem arranjos nanoafetuais – oniricamente nanomateriais como os *elementos-hormônios* bachelardianos e esteticamente nanofísicas e míticas como a música –, são sempre imprevisíveis e incalculáveis, mas necessariamente potentes se liberadas para (e pela) errância. Do aspecto elementar ao vibracional da cosmicidade da vida, tudo se dá por múltiplas contaminações nano-afetuais. E por elas, há muitas maneiras c(a)osmicamente corporais de liberar e proliferar as potências vitais.

*Caçador, nos barrancos, de rãs entardecidas, / Sombra-Boa entardece. Caminha sobre estratos de um mar extinto. Caminha sobre as conchas dos / caracões da terra. Certa vez encontrou uma voz sem boca. Era uma voz pequena e azul. Não tinha boca / mesmo. “Sonora voz de uma concha”, ele disse. Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares / conversamentos de gaivotas. E passam navios caranguejeiros por ele, carregados de lodo. / Sombra-Boa tem hora que entra em pura decomposição lírica: “Aromas de tomilhos / dementam cigarras”. Conversava em Guató, em Português, e em Pássaro / Me disse em língua-pássaro: “Anhumas premunem mulheres grávidas, três dias antes do inturgescer” / Sombra-Boa ainda fala de suas descobertas: “Borboletas de franjas amarelas são fascinadas por / dejectos”. Foi sempre um ente abençoado a garças. Nascera engrandecido de nadezas.*  
(Barros, 2010:317).

## 1.5. Mitohermenêutica de múltiplas escutas:

Convivência musical, arranjos dos caminhos e introdução à cosmicidade corporal de Pacha

A obra de Manoel de Barros não se contém em poucas ressonâncias, núcleos mitêmicos e arquetipais. Mas nessa escrevivência foco mais na *Grande Mãe*, na mulher serpente barreana, no lobisomem barreano, trazendo co-implicações destes com *Djatsy Djaterê* e principalmente *Jurupari* e a flauta matrial (não patriarcal) soprada por ele. Há também a contínua repetição das imagens espiralíticas na obra barreana, já bem aprofundadas em outras belas pesquisas. Foram muitas as pesquisas sobre Barros que visitei desde 2008, trazendo complexidades e justificativas para os fluxos e abordagens escolhidos. Assim, sigamos na ascensão às infâncias de Pacha!

### ASCENSÃO

*Depois que iniciei minha ascensão para a infância, / Foi que vi como o adulto é sensato!  
Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros? / Como não furar lona de circo para ver palhaços?  
Como não ascender ainda mais até na ausência da voz? / (Ausência da voz é infantia, com t, em latim.)  
Pois como não ascender até a ausência da voz – / Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo –  
ainda sem movimento. / Aonde a gente pode enxergar o feto dos nomes – ainda sem penugens.  
Por que não voltar a apalpar as primeiras formas da pedra.  
A escutar os primeiros pios dos pássaros. / A ver as primeiras cores do amanhecer.  
Como não voltar para onde a invenção está virgem? / Por que não ascender de volta para o tartamudo?*

MANOEL DE BARROS – (2010:409)

A prática barreana de voltar ao tartamudo para ouvir os primórdios revela que

(...) o trabalho do poeta talvez seja, metaforicamente, semelhante ao de um arqueólogo, pois ele vai buscar, nos estratos subterrâneos da linguagem, sua expressividade mais antiga e original. Sua procura é pela palavra expressiva, carregada da dimensão sensível e próxima às coisas do mundo, vale dizer, distante das abstrações e das generalizações do conceito, que fazem os nomes deixar de respirar e os exibem como animais empalhados de um museu. (Duarte Jr, 2011:82).

Portanto, ao longo desta escrevivência, epistemologias tanto pachamâmicas quanto nômadicas, que prezam pela vitalidade do conhecimento, serão afirmadas por também ocorrem harmonicamente contaminadas pela *fenomenologia compreensiva* de Maffesoli e por uma interpretação mitohermenêutica que considere a cosmicidade onírico-elementar-xamânica do imaginário pindorâmico e a *imaginação material* de



Gaston Bachelard, investigando, assim, ressonâncias poéticas e musicais das corpas pachamâmicas da obra de Manoel de Barros. Desta maneira, serão considerados os cantos que enferrujam refúgios pelas *encantarias* de ‘epistemologias pacha-nômadas’ vibrantes no grande ventre urobórico pantaneiro; os *inícios do mundo* barreano com uma *estrutura de sensibilidade* (G. Durand) que faz Manoel de Barros declarar o gosto que tem por des-heróis; a memória, a ancestralidade, a infância, a espiritualidade, as fronteiras e as rupturas inscritas na metamorfoseante ‘corpambiência’ pantaneira; a noção de pulso de inundação num drástico ciclo das águas; as variações das vibrações musicais pelas terras encharcadas de sua poética; a água cosmicamente contaminante e ligante que harmoniza dissonantemente amanheceres e ocasos de seu devaneio ameríndio nos conduzindo em uma vertigem mântica e labiríntica pelo interior de sua obra; o elemento combinado do barro matricial a partir do qual Barros modela imagens com a vontade de potência dessa sua fértil ‘pacha sonora’; a força sensível de sua tradição oral; a *eufemização* no *sagrado* “silêncio de concha” (Barros, 2011) que faz permanecer a música de um antigo mar (dos xaraiés) extinto – onde o passado que se vê logo à frente, o futuro atrás e o presente se fundem em cantos sabiamente selvagens vazantes de um espaço-tempo ancestral, ermo, infantil e pré-histórico; as diversas imagens musicais de um *eterno retorno* aos primórdios e o efêmero crepuscular que garante a permanência no seu fluxo rítmico como numa experiência musical, tendo o *ocaso* de suas *visões* como uma espécie de lente-instante-de-religar que nos convida a vestir uma *roupa de trapos* e, de pele exposta, insepará-la do corpo-pacha, tateando vozes íntimas por múltiplos arranjos de seres marginais à sociedade de consumo, *encostados* na natureza – *andarilho, mendigo, índio, guató, bêbado, traste, apanhador de desperdícios, catador, cantador, louco, vidente, espantalho, monge descabelado* – num jeito distraído de perceber sutilezas do acaso, desimportâncias, ocorrências ordinárias do chão e as dinâmicas do ar, como se, intermitentemente, as experimentasse pela primeira vez, fazendo do seu pantanal, dessa sua mãe natureza, uma espécie de eterno *képos epicurista*, entoadá na c(a)osmicidade contemporânea que dá passagem às sábias culturas do *selvagem* e as infâncias por traquinagens com *desobjetos* e *pré-coisas* através de uma natureza brincante e de uma “invencionática” (Barros, M.I., 2010:13) com “sotaques das origens” (Barros, 2011) na experiência estética de viver e *transver* a vida. “As imagens poéticas

são muito mais vivenciadas sinestesticamente do que apreendidas intelectualmente, ou seja, no modo lógico-racional” (Duarte Jr, 2010:84). “Nossa linguagem não tinha função explicativa, mas só brincativa.” (Barros, 2011). A linguagem brincativa na multigamia nano-afetual de Barros acontece pela errância cósmica de sementes-aprendizes compositoras de plantas-mestras. Sementes-ancestrais. “As plantas me ensinavam de chão. Fui aprendendo com o corpo. Hoje sofro de gorjeios nos lugares puídos de mim. Sofro de árvores.” (Barros; 2010:115). “(...) Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender mas para incorporar. Entender é parede: procure ser uma árvore.” (Idem; 2010:178). E assim, “o poema nos faz reencontrar as inúmeras ressonâncias afetivas que as coisas provocam em nós, os múltiplos sentidos sentidos pela nossa inteira corporeidade.” (Duarte Jr, 2010:82). Sentidos barreanos de intensa metamorfose pachamâmica e contemporaneamente c(a)osmótica<sup>50</sup>.

A vivência é fundamental para o exercício mitohermenêutico. “A vivência, por sua vez, nada deve a esse historicismo, na própria medida em que integra maneiras de ser arcaicas (*archai*) que, de modo recorrente, retornam à frente da cena.” (Maffesoli, 1998:178). Então a (con)vivência da poética barreana atravessa c(a)osmoticamente esta caminhada aqui por encontros de horizontes de múltiplos arranjos vivos, lembrando que “o vivente é feito de constantes arcaicas sucessivamente retrabalhadas. É isso que faz do ser societal um perpétuo acontecimento.” (Idem, 1998:178). A (con)vivência é tanto princípio do nomadismo comunitário descrito por Maffesoli, quanto fundamental para as cosmopercepções ameríndias. Barros, este poeta contemporâneo que atravessou diversos períodos da arte diluindo todas as tentativas de classificações, movimenta sua obra por inúmeras pequenas ocorrências (con)viventes no ventre pantaneiro, acontecimentos vibrantes encharcados deste lugar que, segundo consta em sua obra, teria sido o antigo mar dos Xaraés. Maffesoli diz que “aquilo que é sempre renovadamente antigo é, igualmente, sempre e renovadamente atual. Assim são os fenômenos não racionais, as agregações tribais, as ambiências emocionais ou afetuais, o culto do corpo ou as diversas manifestações do hedonismo contemporâneo.” (Idem, 1998:178). Ambiências renovadamente ancestrais que, apesar das fixações coloniais,

---

<sup>50</sup> Lembrando que o termo *caosmose* não faz parte do vocabulário originário de Abya Yala, mas que está sendo hackeado assim como fazem os xamãs em suas diplomacias cosmopolíticas e também os povos indígenas ao usarem novas palavras ainda que não vibrem totalmente com um pensamento pachamâmico pré-colonização.

escutamos nesta caminhada com Barros, nas incontáveis ressonâncias nômade pela corpa de Pacha na contemporaneidade, essa ‘corpambiência’ pachamâmica e latino-americana, essa ‘corpambiência’ musical, vibrante, onírica e ressonante, compositora de arranjos corporais que também acontecem enquanto corpambiências ancestrais. A mitohermenêutica simbólica aqui então permite uma escuta tateante de ressonâncias, estésias, diacronias, etimologias e núcleos mitêmicos. Essas 5 estâncias se aproximam em muito de um modo musical de perceber a vida, que envolve intuição, percepção, materialidade, rítmica das imagens, arranjos ressonantes, fonéticos, circularidade e recorrência *simbólica*. Música enquanto condição epistemológica afirmada nas culturas indígenas, e vibrante nas recorrências simbólicas de Barros.

#### ESCOVA

*Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.*

(Barros, 2010:15 – MIAIMB)

Escovar ossos ao modo barreano, tem a ver com uma certa alquimia musical e uma boa dose de xamanismo, nisso de deixar o enigma, feito uma chama, permanecer, ou seja, deixar permanecer o que está vivo, assim como as entonações sutis que vibram por uma flauta feita artesanalmente a partir de um osso ou um velho bambuzal de beira-rio – imagem essa recorrente pelo imaginário de diversos povos indígenas e orientais. Escutar ossos ou bambus retirados da beira de um velho rio é escutar a vida, e na integralidade do espaçotempo. O que parece estar morto, apresenta-se à escuta para entoar memórias vivas. Muitas cantoras dizem que cantar é morrer. A um mergulho de morte enquanto metamorfose em cada instante de mergulho musical. Metamorfose que encanta a vida. E os ossos não permitem que esqueçamos suas ressonâncias. Quando voltam à superfície, eles nos lembram de como a vida vibra por memórias que não se

silenciam. Veremos a importância do pó dos ossos ancestrais no canibalismo parental de Abya Yala. Por hora, vale lembrar que ao tocar a umbau (flauta guarani de bambú), muitas memórias vibram pelos espaçotempos próprios do afeto.

Nessa artesanaria dos afetos, é possível deixar a vida permanecer, ou seja, não optar por pretensas e eurocêntricas fixações do poder<sup>51</sup>. Ferreira-Santos nos lembra que, ainda que a *universitas* tenha sua primeira ocorrência nas corporações de ofício, foi pela esteira das ciências humanas que tanto a investigação da educação, quanto a prática educativa, por muito tempo se mantiveram fiéis ao “dogmatismo habitual que batiza o nascimento da universidade no séc. XII do ventre da igreja católica para a manutenção de sua hegemonia.” (Ferreira-Santos, 2005:22). Controle e poder intimamente conectado com a dura e estrutural construção do falocêntrico mundo capitalista, impedindo assim os movimentos, as errâncias e as mudanças que são fruto da cultura. Mas diante de toda pretensa fixação, as metáforas barreanas de *escovar ossos* e de ser *fuga para flauta e pedra doce* permitem mostrar que a ‘razão-pacha’ de Barros se move ao compreender a existência em seu desenrolar, pelos sentidos vivos das múltiplas pulsações contaminantes de seu transmutante andarilhamento. Uma razão fundada no aspecto sensível da vida, como a noção de *co-razón* que pulsa com força pelas oralidades latino-americanas, ressignificada por Andrés Ortis-Osés, “não como identidade lógica senão como identidade diferenciada, não como razão pura senão como relação impura, não como abstração ou razão suficiente senão como afecção: onde o coração fica implicado como co-razão”. É bem do que se trata o saber ameríndio de longa tradição xamânica, um saber que se dá pelas “vias do coração”, assim diz oralmente o pensador, educador e terapeuta de ancestralidade tapuia, radicado entre os guarani, Kaká Werá Jecupé. Segundo Cristine Takuá e Carlos Papá, trata-se de um fenômeno chamado *tyty*. Pronuncia-se o “y” no caminho entre um “ã” (em português) e um “u” gutural. Em guarani, *tyty* é a batida do coração. É com ela que sonhamos a vida.

---

<sup>51</sup> Me refiro ao exercício de poder através das classificações virtualísticas, ordenações da palavra utilitária, posse cartoreira, mando patriarcal, fixações identitárias, positivismo conteano, evolucionismos racistas, dissecações modernas, ofuscamentos pelo excesso de luz, cooptações de sensibilidade, anestésias industriais, conquistas heróicas, controle colonial, tecnocracia, normose capitalista, sufocamento neoliberal e necropolítica. Toda uma dureza erigida virtualisticamente nos limites do paradigma clássico: “a *lógica aristotélica*, fundada nos princípios da identidade, exclusão e não-contradição; e o *pensamento cartesiano*, de cunho anti-tético (*res extensa* ou *res cogitans*, sujeito ou objeto, corpo ou mente.)” (Ferreiras-Santos, 2005:22).

Segundo Cristine Takuá, sonhar é um pulsar coletivo. Carlos Papá diz que a potencia do *tyty* é o que pulsa e movimenta tudo que está vivo. Segundo seus avós, *Nhe'ēry* é toda essa floresta habitada, preservada e cultuada pelos guarani, hoje conhecida apenas como *mata atlântica*, porém um território sensível que vibra junto com *tyty*. Papá diz da importância de, apesar dos momentos difíceis, continuarmos levando o nosso pulsar, nosso barulho, para fazer pulsar também *Nhe'ēry*. É um pulsar que insepara nosso suposto corpo-fixo da corpa *Nhe'ēry*. É a 'razão-pacha'. "Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira" (Kopenawa; 1992, , apud, Albert; Kopenawa, 2019:468). Então percebo as errâncias desse sonhar-sentir-pulsar como origem de vida e fonte viva do saber. São elas que a animam a vida por múltiplas e incontáveis pulsações afetuais e dão andarilhamento ao pensar. Nesses nomadismos dos sentidos vivos, sonhamos-sentimos-pulsamos, assim en-cantamos, logo, 'tytypensamos'.

É no pulso sensível, físico e material que é a vida, incorporado desde as primeiras batidas cardíacas no aquático ventre uterino, que o 'tytypensar' de tal *co-razón* insepara corpos. Pensamento cordial, que guia-se pelo coração (*cordis*), inseparando os múltiplos acordes da vida e, nessas férteis cacofonias, numa condição contemporaneamente c(a)osmótica dos afetos, mantendo a tensão constante que proporciona o dinamismo vital. Assim, 'tytypensamos' com 'corpes-mátrias' de uma 'razão-pacha' pulsante desde os marulhos do ventre materno sempre vibrantes pelo ventre xamânico de Nhandetsy (Mãe Terra guarani), esta composição-matriz-compositora, este arquétipo da Grande Mãe, seja lá com que nome ela se arranje pelas ressonantes holonomias das mais diferentes culturas. Poderia ser Gaia, por exemplo, por se tratar do mesmo arquétipo. Na mitologia grega, Gaia é filha de Caos. Mas a *guata* (prática da caminhada, em guarani) com o neto de guató Manoel de Barros pelas Cordilheiras do Andes, com seu nomadismo iniciático pelos labirintos do Rio Cuiabá abaixo, mudando de tempos em tempos de acampamento conforme a feitura de cercas trecho a trecho por seu pai arameiro, em seu ventre pantaneiro de personagens indígenas, xamânicos e "bugres" – como ele mesmo se vê, ironicamente sabendo da colonialidade do termo –, pede para que chafurdemos esse núcleo mitêmico-arquetipal pelas vibrações etimológicas e musicais dos diversos nomes e

arranjos tanto ressonantes, quanto diacrônicos, aqui nas múltiplas mátrias desta Ameríndia pindorâmica de Abya Yala, como o de Pachamama ou Nhandetsy – também grafada, na colonialidade, como “Nhandecy” –, atentando-se portanto à noção de *tsy*, que para minha ancestralidade guarani e diversas línguas do tronco-mãe Tupi, é indicativo de matrialidade vibrante da vida, assim como em “Jacy” (lua) e “Kuaray/Guarasy” (sol), “Aracy” (Aurora) – ou decolonialmente escrevendo mais conectada à pronúncia guarani, *Djatsy*<sup>52</sup>, *Kuaray*<sup>53</sup>/*Guaratsy*, *Aratsy*, *Nhandetsy* –, um panteão de diferentes vibrações arranjadas com a partícula “*tsy*” de fortes vibrações matriais (não patriarcais), que por sua vez é composta pela partícula “*y*” (água) arranjadora também de *Kuaray* que também se chama *Kuaratsy* ou *Koaratsy* ou *Guaratsy* ou *Guarasy*<sup>54</sup> em alguns territórios. Água matrial do metamorfoseante ventre de *Nhandetsy*. que não se cristaliza, tecendo cosmopercepções pelas quais se considera o sonho como matéria de vida, jamais o separando do real. Werá Jecupé descreve que o corpo-som (*Ayvú*) torna-se “ser” por ser composto de forças naturais (terra, água, fogo e ar) que o corporificam. Essas forças natuculturais “(...) estruturam a existência material. Na percepção dos antigos sábios tupi-guarani, elas são regidas por Cy (...)”. (Werá Jecupé, 2017:55). Segundo Kaká Werá, são essas quatro forças que estruturam o corpo e a matéria. Conforme vibram essas forças, dizem da saúde do ser, segundo ele, saúde inseparável da questão “física, emocional, psíquica, espiritual” (Idem, 2017:55). Se essas forças não estão em dissonante harmonia, o xamã ajuda a restabelecer a saúde da pessoa. Essa partícula “*tsy*” é imprevisível e se apresenta como indomesticável “elemento-hormônio” (Bachelard) ressoante em um devaneio nano-material’. Devaneio da matéria. “O mundo material é feito da energia dos sonhos”. (Werá Jecupé, 2016:58).

Deixando o c(a)osmoencantamento trazer a fenomenologia como instância mitohermenêutica, poderemos perceber que a poética barreana sonha o sonho das primeiras substâncias aquáticas e dos primeiros (re)cantos da vida. O (en)cantamento das águas maternas e dos cantos afetuais das caminhadas. Repousa no ventre da terra ao

---

<sup>52</sup> *Djatsy*, em tupi-guarani, significa “guardiã-mãe” ou “mãe-guardiã” (*dja* = “guardiã” / *tsy* = “mãe”). *Djatsy* também se diz *Aguatsu*, ou seja, “face grande” (*a* = “face” / *guatsu* = “grande”).

<sup>53</sup> *Kuaray* (Sol) significa “portal pequeno” em tupi-guarani (*kua* = “portal” / *ray* = “pequeno”).

<sup>54</sup> Há também diversas vozes indígenas que afirmam *Kuaratsy* enquanto a “mãe deste dia; mãe desta manhã; mãe desta claridade” (*ko* = “de” / *aratsy* = “dia”; “manhã”; “mãe-dia” / *tsy* = “mãe”), podendo inclusive ser percebido sem fixação de gênero.

mesmo tempo em que esta provoca a vontade de moldagem, transformação e (re)criação. Da lama às imagens de fezes, a poética barreana prolifera alteridade com o “caos do corpo” (Barros, 2010:105). Uma vontade barreana entoada ininterruptamente pelas dinâmicas do ar. As imagens barreanas são (en)cantos intermitentes das *djaryrá'kwery* (cigarras) que enferrujam a tarde de umidade, passando pelo idioma oceânico das árvores ao silêncio de concha. Cantos sempre cosmicamente aquáticos, comunitários e biocêntricos como a “linguagem de rãs” (Barros), essa linguagem que se faz entre tantos dialetos musicais pelos movimentos da “língua mãe” (Barros). Língua tão primordial e ancestral quanto o sonho acordado com os afetos mais devaneantes. Seus (en)cantos se dão por errâncias imortais como o movimento da vida no ventre de Pacha. “É o movimento, mais que a substância que é imortal em nós: ‘o movimento pode mudar, mas não pode morrer’”. (Bachelard, 2011:47). Um cósmico nomadismo, complexo e, aos olhos da colonialidade, caótico. Nomadismo ancestral e comunitariamente (en)cantado pelas matrizes dos sonhos mais matriais que compõem e movimentam a poética barreana. Do mesmo modo, o *devaneio em ânima* (Bachelard) pelas primordialidades da infância da terra e o eterno retorno barreano às sensíveis errâncias da primeira infância no aquático ventre pantaneiro, evidencia que a intuição não é apenas qualidade psicológica. “É até possível que ela seja tudo menos pessoal.” (Maffesoli, 1998:130). Conforme Maffesoli, a intuição é originária de uma sedimentação da experiência ancestral e exprime o que ele propõe chamar de “saber incorporado” que se movimenta de acordo com as múltiplas e cacofônicas contaminações sócio-culturais ressonantes em cada pessoa.

Este tipo de saber geralmente não é muito (re)conhecido no dia a dia mais impregnado de colonialidade, mas a poética barreana é sábia de sua intuição formada talvez naquilo que Jung chamou de “*inconsciente primordial* que determina nossas maneiras de ser, nossos modos de pensamento, numa palavra, as diversas posturas existenciais que marcam a vida diária. Nesse sentido, ela constitui um substrato arcaico, um *resíduo*, um arquétipo que assegura, a longo prazo, a perduração de todo um conjunto social” (Maffesoli, 1998:130). Escovando os ossos pachamâmicos de Barros, escutamos suas múltiplas entonações (re)nascendo a cada instante como vozes do velho conhecimento intuitivo, sempre muito inventivo por vir conectado com o que está nascendo

‘agoraqui’. Conhecimento intuitivo enquanto composição ancestral sempre atualizada que sabe sobre se (re)encantar (re)encantando a vida na ciclicidade da tal história das sociedades em que o famoso e marginal “dado mundado” vai insurgindo e ressurgindo tanto desestabilizando o instituído e seu estado mortífero, como já tornando-se parte de sua composição, a ponto até de, em muitos casos nas múltiplas voltas das múltiplas histórias, tornar-se instituinte. Intuição que para muitos admiráveis pensadores ocorre como forma de antecipação, mas que com Barros não ocorre por cisões do espaçotempo. Eis uma sensibilidade intelectual pindorâmica. “Sensibilidade que se inscreve, de maneira geral, naquela filosofia do “sim” da qual Nietzsche foi o promotor. Filosofia vitalista e trágica que, bem ou mal, aceita aquilo que é enquanto tal, e reconhece a beleza do dado mundano”. (Maffesoli, 1998:130).

Para além da visão asséptica e controladora, a multigamia nano-afetual das *escolas vivas* que vibram nos caminhos barreanos vai acontecendo por cosmonomadismos com os elementozinhos “mundanos” e inseparada de toda cosmicidade comunitariamente não-antropocêntrica. Errância cosmo-comunitária impregnada de intuições e demais saberes sensíveis. Sabedoria ancestral onde a vida é nascente. “A infância da palavra já vem o primitivismo das origens” (Barros, 2010:458). E pelos labirintos do urobórico ventre pantaneiro, Manoel de Barros andarilha junto com os princípios vitais da existência, num eterno retorno à primeira infância e aos primórdios da humanidade. Barros não está interessado em racionalizar ou teorizar, pois evidencia que a vida não cabe na *linguagem explicativa* (Barros). O Poeta está sim, interessado em andarilhar cosmicamente farejando as pequenas ocorrências do dia a dia, pela intuição e por uma empatia diferente da significada pelos dicionários, uma empatia sem a separação objetivante. Cosmo-andarilha pelo erotismo do conhecimento nas primordialidades da vida, afinal, conhecimento, na origem etimológica *cum-nascere*, remete à “nascer com”. Desse modo, um saber por con-vivência. Convivência de potência intuitiva que permite vazão e fluidez à sensibilidade cosmocomunitária das natuculturas, sem uma ideia de “natureza”, ou seja, de algo separado de uma “humanidade” e de algo a ser dominado, inclusive pelo conhecimento, e esgotado. “Não importa o nome pelo qual se possa chamá-la: vitalismo, naturalismo, terra-mãe, existe uma indubitável ligação entre uma sensibilidade ecológica e uma ecologia do espírito,



da qual a intuição é um dos aspectos mais evidentes. (Maffesoli, 1998:134-135). Intuição de “nadezas” barreas, ou seja, do que não se classifica como “natureza” ou “humano”. “Sobre o nada eu tenho profundidades” (Barros, 2010:09). “Eu só queria construir nadeiras para botar nas minhas palavras” (Barros, 2010:408). Nadeiras de ultrapassar angústias existenciais. Nadeiras transmigratórias das nano-afetuais “nadezas” nos cósmicos “nadifundios” (Barros) corporalmente ambientais e ambientalmente corporais que se cristalizam diante das fixações essencialistas, fissurando visões mecanicistas. A poética barreana acontece do vivente e do movente que vibra pela vontade de potência como libertação criadora. As corpas de Barros são moventes por vibrarem com a matéria de sua lama poética. (En)cantamento fisicamente afetual que *não se mede com fita métrica* (Barros, M.I.A.I. 2010:109), escapando aos modelos matemáticos, contratuais, racionalistas, utilitários, funcionais e econômicos de si, em ritos poéticos espontaneamente musicais, pela fricção vibratória da vida, seus contágios, e por atração cinestésica. “Portanto, assim como a atração erótica está na base da organização tribal de nossas sociedades, o conhecimento erótico será um instrumento importante para perceber aquela.”

O caráter cosmo-comunitário do conhecimento erótico que arranja a intuição, nisso de vibrar ora em comum, ora na simbiose com as diferenças, ora caosmoticamente junto, e experimentar a fricção da vida coletivamente pelo que move cada pessoa, traduz bem o que o sociólogo Gilberto Freyre trata como “osmose afetiva” fundamental para toda tentativa de compreensão, integrando assim a poética – este sentido mais amplo da estética – de maneira osmótica ao fenômeno estudado, inseparando-se dele por múltiplas contaminações. Numa palavra: c(a)osmose. O parêntese é usado por conta de diferentes perspectivas de quem lê. Mas nessa caminhada, ainda poderemos compreender melhor que o sentido é o mesmo. O sentido profundo de caosmose e cosmose é o mesmo. A poética barreana é sábia aprendiz dessa cosmose profunda e amplamente afetual. *Razão afetiva*, como descreve Ferreira-Santos. Com ela, é possível perceber a complexidade da vida cotidiana e afirmar a (con)vivência do *bem viver*, noção esta, própria das culturas ameríndias que em países como a Bolívia, por exemplo, onde tais culturas matriais são mais reconhecidas por suas diversas contribuições na formação do tecido sócio-cultural, coloca em andamento uma série de macropolíticas,

contanto inclusive com um Ministério do Bem Viver. E agora no Brasil, caminhamos para um Ministério Indígena. Mas sabemos que é pelas *artesanias do afeto* (Silvia Rivera Cusicanqui) que se arranjam incalculáveis nomadismos contemporâneos, bem como por nanopolíticas afetuais, regidas pela intuição c(a)osmo-comunitária em múltiplos transbordamentos<sup>55</sup>.

Como nos muitos festivais de arte contemporânea indígena compostos de abundante inventividade, por exemplo, o *Festival Huni Kuin*, *A Mostra de Cinema Indígena* e o *Rec.Tyty* organizado por Cristine Takuá Guarani, Carlos Papá Guarani, Ailton Krenak, Sônia Guajajara, entre outros. *Tyty* significa as batidas do coração. O “Rec” grava e amplifica as batidas do pensamento ameríndio proporcionando assim a potência vital de cacofônicos (re)conhecimentos intuitivos. Intuição formada na *intersubjetividade*, ou como na companhia de Barros prefiro dizer, na subjetividade cósmica e c(a)osmótica, pois nômade. Cosmonômada. “A subjetividade, que não é privilégio de um indivíduo isolado, mas pertence a uma pessoa que se situa numa vasta rede de inter-relações e que comunga em mitos comuns.” (Maffesoli, 1998:142). Isso é que compõem uma consciência cósmica na medida em que fissura a cultura virtualística do en((si)mesma)mento e a ilusão da pura objetividade asséptica.

Tal objetivismo vai falindo na medida do que a contemporaneidade vibra de nômade pelas cósmicas e transmutantes errâncias nano-afetuais, assim como ocorre nas comunidades tradicionais dos povos indígenas. Essas diversas tradições se movem justamente por inseparar a consciência de si dos arranjos do meio natural e social que compõem a pessoa. Há então uma co-autoria, sempre biocêntrica, transmigratoriamente nano-afetual e contaminatoriamente coletiva de ‘corpas-mátrias’ jamais estanques. É disso que se trata o caráter eroticamente intuitivo da vida. Uma intuição não apenas parte de dentro, mas sim apenas possível no uno c(a)ósmico onde tudo acontece dentro de tudo sem a pretensão do “fora”. “Ouvi de perto no final do dia a algazarra das

---

<sup>55</sup> Como no feminismo comunitário latinoamericano, no “Círculo de Guardiãs de Sementes” organizado pela Cacica Guarani Kerexu Yxapri, na luta por demarcações dos territórios indígenas, na luta diária do “Jaraguá é guarani”, na profusão de publicações de diversas pensadoras, escritoras, educadoras e artistas indígenas que vazam pelas redes virtuais, nos eventos do Exército Zapatista, do “Cura da Terra – Encontro Mundial de Mulheres Indígenas”, nas vibrações nanoafetuais desses tantos encontros, nas ondas da Rádio Yandê (“Nós”, em tupi-guarani) – co-fundada e dirigida pela jornalista, poeta e roteirista Renata Machado Tupinambá e com programação coordenada pela artista visual e Daiara Tukano.

cigarras. Elas fizeram farra até morrer. Elas estouram dentro dos sons.” (Barros, 2010:481). É pela intuição arranjada nas múltiplas seduções cacofonicamente cósmicas que o conhecimento se dá. E a poética barreana é afirmadora deste ‘saber cosmonômade’, permitindo que pela sensibilidade c(a)osmótica possamos nos (en)sinar por trajetos autoformativos, (re)conhecendo tais potências capazes de desestabilizar a *inteligência técnica*, “inteligência puramente objetiva que a modernidade pôs em ação e desenvolveu de um modo exclusivo” (Maffesoli, 1998:144).

São irmãos o pensamento tecnocrático e o meritocrático, filhos e pais da normose colonial. Mas pulsações pachamamicamente metamorfoseantes de Barros ganham passagem por uma consciência eroticamente cosmótica que continua em fruição nas ruínas da contemporaneidade.

a vida cotidiana repousa sobre múltiplas experiências de forte carga erótica. Convém, é claro, entender este termo em sua acepção mais ampla, isto é, aquilo que implica um elemento afetual, emocional; no mais próximo de sua etimologia, aquilo que implica uma ambiência “orgástica”, isto é, que faz intervir a paixão. Coisas que estão na base da organicidade societal, coisas que o racionalismo moderno não consegue integrar em suas diversas análises, ou, quando muito, reprime no domínio da vida privada (...). Com efeito, constata-se cada vez mais, e talvez esteja aí uma das marcas da pós modernidade, que não há nenhum domínio que escape ao retorno em massa do afeto: as relações “tribais” que pontuam a vida social, evidentemente, mas, igualmente, as relações culturais, religiosas, de trabalho, tudo isso está mergulhado numa ambiência “erótica” que implica um amplo processo de correspondências e, no sentido forte da palavra, de “Implicações” as mais diversas. (Maffesoli, 1998:74)

Mesmo com toda a repressão da vida privada, da ideia de indivíduo e demais domínios hermeticamente fechados, ‘corpambiências’ de sensibilidade cosmo-cinestésica vibram nos cosmonomadismos da poética barreana. Está nessa concomitância de múltiplas implicações, uma ressonância nômade que transborda na contemporaneidade. Os arranjos sensíveis necessitam jamais se fixarem de modo a se atualizarem na medida que conseguem entoar ancestralidades de corpas-mátrias que afirmam epistemologias arranjadas num *concerto a céu aberto* (Barros), tornando obsoleto o tal “corte epistemológico” caro à modernidade, e fractalizando as fronteiras eurocêntricas do “saber especializado” e do “conhecimento ordinário”. Esta pretensa dicotomia delimitou o saber nos dois séculos passados.

Maffesoli continua dizendo que apesar deste período de racionalização do conhecimento e psicologização do pensamento, os “diversos domínios do social são

banhados pela religião erótica” (Maffesoli, 1998:74), havendo “um constante vaivém entre os diversos conhecimentos oriundos do dado mundano” (Idem, 1998:74), sendo que certos períodos, por mais estáticos que possam parecer aos olhos apressados, está sempre contaminado de múltiplos dinamismos. A modernidade, filha da cultura do mármore, querendo ou não, bebeu nas fontes tradicionais que julgava obscuras ou selváticas, classificando as incalculáveis culturas de Pacha como “cultura de murta” podável, mas impossível de se domesticar pela intensidade de novos ramos que ao dar as costas já se proliferava ali. Fenômeno muito caótico para os colonizadores? Por uma mesma via seria possível dissolver a calamitosa oposição entre a estática e a dinâmica, que levou a modernidade aos impasses de toda ordem que podem ser observados contemporaneamente. Tanto o dinamismo dos enraizamentos, como os enraizamentos dinâmicos são próprios do nomadismo de nossa contemporaneidade, mas há sempre algo sendo entoado nestes ‘andarilhamentos’, fractalizando as pretensas classificações dicotômicas e afirmando a multiplicidade em tudo que movimenta a vida. Há um sonhar-pulsar-sentir-viver coletivamente, logo um tytypensar cardíaco que contraímos no ventre da vida para que ela possa ocorrer e se proliferar em múltiplos ‘andarilhamentos’. Por isso, esta caminhada com Barros é percebida pelo que Gilbert Durand chama de “trajeto antropológico” ao evidenciar uma conexão cósmica de múltiplas afetações entre o que o pensamento ocidentalocêntrico chama de homem, o social e a natureza, distribuindo as cartas por uma consciência ecológica no sentido forte do termo, ou seja, pelas co-implicações e nomadismos metamorfoseantes da multigamia nano-afetual .

Uma gotícula pode conter um universo inteiro, mas não é qualquer lágrima que o mantém vivo. A multiplicidade de mundos (con)vive na lágrima deseróica, sem as espadas da pretensa evolução e sem as armaduras do encerramento em “si”. A lágrima também escorrega por diferentes composições de um solo abissal. Dependendo do arranjo, silencia e mata. O sensível como fértil potência requer con(vivência) de múltiplas escutas. (Con)vivência de múltiplas escutas nano-afetuais. É como cada gota de um velho rio sempre nascente, reunindo diferentes entonações cacofônicas e transmutantes por partilhas de histórias vivas.

(En)cantadoras de histórias são as avós do mundo. Uma delas, Yebá Buró, a mulher que se fez sozinha quando nada existia, de acordo com 27 etnias do Rio Negro amazônico. Avó do mundo, vibrante, cosmicamente nômade e metamorfoseante como a origem de tudo. Essa consciência cósmica, nômade e intensamente suscetível a alterações vibra em toda a poética barreana, como no poema “Ascensão” que inicia este capítulo introdutório da mitohermenêutica com Barros e traz as infâncias da vida. Se há algum “eu” em sua poética, este acontece por uma diversidade de distintas personagens arranjadas através de memórias inventadas por (en)cantamentos de vozes infantis, onde ainda acontece sábia ausência da palavra, ou como expressa Manoel, os germes vivos da palavra, vibrantes, por instantes apenas musicais, de proliferação das infâncias de Pacha e culturas das crianças intensamente musicais. Na diversidade de tais culturas, as crianças entoam, e “ainda” não aprenderam a formar palavras, ou melhor, a se informar na forma das fixações alfabéticas do mundo colonial. Isso sim é um saber das culturas das infâncias: entoar as primordialidades das terras encharcadas. É também um saber matrial que Barros assim movimenta como uma oportunidade para uma educação não adultocêntrica, em que o “primitivismo das origens” (Barros; 2010:458) ocorre como sabedoria sempre conectada a tudo que vai brotando em intenso fluxo de alteridade pelas trilhas, assim como o fenômeno musical sempre de contágios imprevisíveis e metamorfoses incalculáveis no ventre de Pacha. Seja através da *despalavra* e de demais práticas ressonantes nos termos de Barros, como o *silêncio de concha*, do *idioma das árvores*, da *linguagem de rãs*, das *canções do vento* ou do *rascunho de pássaro* que vamos sendo – principalmente se mantermos preservada para toda a vida a *linguagem brincativa* da primeira infância –, a musicalidade da poética barreana provoca um estado de “comunhão de pessoas com bicho, de entes com coisas” (Barros, 2010:474). São as incontáveis culturas do selvagem sempre entoantes. Tal (en)cantamento prolifera múltiplos devires ao fractalizar pretensas fronteiras entre suas personagens, “pré-coisas” e demais arranjos vivos, arranjos cosmicamente corporais, de Barros diante do inevitável, do incontrolável e do incontornável. “Desobjetos” vibrantes de (en)cantamentos.

*Pelos insetos que usa ele sabe o nome das chuvas. / Bernardo montou no quintal Oficina de Transferir Natureza. / (Objetos fabricados na Oficina, por exemplo: / Duas aranhas com olho de estame Um beija-flor de rodas vermelhas / Um imitador de auroras — usado pelos tordos.*

*Três peneiras para desenvolver moscas / E uma flauta para solos de garça.)  
Bernardo é inclinado a quelônio. / A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece.  
(Barros, 2010:245)*

Os (en)cantamentos do embevecimento barreano – ou seja, isso de deixar fluir enlevamento, deleitamento, deliciamento, gozo, delírio, múltiplas atrações de forças nas mirações de corpos-pacha – é o próprio saber que vem direto da fonte. O saber devaneante em andamento, em gotejamento de suas metamorfoses nos cósmicos nomadismos de sua sensibilidade. O personagem *Bernardo*, filho de uma mulher-serpente chamada *Velha Honória*, movimenta-se por cósmicos e imprevisíveis arranjos corporais como o *Xamã* e demais arranjos de Barros. Pela matrialidade barreana de embriaguez aquática, *Bernardo* vive de morrer a todo instante, ou melhor, vive da metamorfose. Faz o que Bachelard diz sobre seres votados à água, deixando morrer a cada minuto alguma coisa de sua substância, morrendo então um suposto sujeito-fixo, garantindo assim as potentes metamorfoses da vida. Até mesmo quanto o metamorfoseante *Bernardo* morre, ocorre tal c(a)osmose sensível. “Deixamos *Bernardo* de manhã em sua sepultura. De tarde o deserto já estava em nós.” (Barros, 2011). E é pela força matrial dessa mulher serpente, que é parido *Bernardo*, personagem que vai ganhando profunda importância para Barros durante o caminhar de sua obra. Personagem de sábias e errantes encantarias matriais. Imagem de mulher serpente que sabe fazer a vida.

##### 5. NA MOCIDADE, FEITO LOBISOMEM

*Pantanal é muito propício a assombrações. Principalmente lobisomens, que são uma espécie de assombração que bebe leite. / Houve quem tenha visto até lobisolem de chinelo. Vento que sopra na folha do rancho pode que seja. / Passos no quarto da moça, imitando com passo de / gente, já ouvi chamar de lobisolem. Parente de viúva / aparece muito de noite. Pede mingau, pede vela e se / vai. Às vezes até pede para a viúva acompanhá-lo do outro lado do mato, a fim que não fique extraviado o / errante por esses cerradões de três pelos. Outros são de rondar cozinha (Bernardão era). Rogam / tições pras cozinheiras. Conversam de cunhado e acabam tomando cafezinho arretado. / Tem gente que não conhece lobisolem de vista. É muito difícil mesmo. Houve quem enviasse bilhete / em pescoço de cachorro marcando encontro na hora que a lua tiver arta. Fazem caprichos. / São mansos de coçar entretanto esses lobisomens. Explicam bem o avesso: ou, aliás, isto é: não se explicam. / Andam ora de joelhos, como quatis baleados, ora mancam. Nas estradas, de noite, por disfarce, até mijam / pra trás, mulhermente. Dizem que falam fanho, se chamam de cunhados e se fedem. Pulam na grama / de pés juntos como as locustas. São entes muito hábeis. Os escuros conhecem de apalpos. Têm os olhos desúteis. / Pantanal tem muitos veios para esses indumentos. Quem termina de inteirar cem anos vira serepente. Foi / o caso de uma velha Honória. Outubro ela sumiu de casa e tardou comprido. Dezembro apareceu de escamas na beira da vazante. Estava pisada na cacunda e os joelhos criaram cascão de tanto andar no tijuco. A língua / muito fininha, ofídica, assoprava agora como no tempo de pegar a arca de Noé. Mesmo até raios de sol / às*

*vezes nela tremblavam. Hora teve que não se podia mais dizer se era ave estrupício ou peixe-cachorro. Bernardo, de tarde, o filho mais velho, levava farofa pra velha, e fósforo. Fazia mozza era ver como passeava / sozinha, no meio das capivaras, de cola erguida. Heróis gregos viravam de rochas de anêmonas de / água — frequentemente. Porém desviravam logo, ao primeiro gesto de amor. Velha Honória parece que não pretende desvirar. Nem que a chamem de darling. Ama de andar na beira da vazante todas as noites com ar de serpente aberta. Irmã de lobisomens. Cruza / de urubu com porca.*  
(Barros, 2010:217) - Grifos meus.

*Bernardo* portanto, em seus cosmonomadismos de intensa sinestesia de tatear no escuro e no crepúsculo, segue pela ancestralidade de seus parentes en-cantados, “mulhermente” como o lobisomem, numa narrativa barreana rica de ocorrências das mitologias indígenas. A mãe de *Bernardo*, *Velha Honória*, uma urobórica *mulher-serpente* é irmã de *lobisomens*. Estes, também são viventes por intensas metamorfoses. “Andam hora de joelhos, como quatis baleados, ora mancam. Nas estradas, de noite, por disfarce, até mijam mulhermente. Dizem que falam fanho, se chamam de cunhados e se fedem”. (Barros, 2010:217). *Lobisomem*, *Bernardo*, *Pote Cru* e diversas personagens barrenas vibram em intenso semantismo pantaneiro, com o Curupira, o Negrinho d’Água, o Pé de Garrafa, o Troá, etc – marcando a afirmação das culturas do selvagem, sábio de en-cantamentos, assim como no mito de Jurupari, o trickster amazônico de intenso fluxo de alteridade que, dependendo dos devaneios dos caminhos, pode promover sensíveis (re)conhecimentos a serem evidenciados no segundo capítulo. Por conta das incalculáveis metamorfoses afirmadas nas culturas indígenas – inclusive de para elas “metamorfose” ser praticamente sinônimo de “tradição” e de “caminhada” –, hoje em dia na amazônia, jurupari pode ser o nome de uma espécie de macaco, um peixe, uma planta, além das diversas maneiras e arranjos corporais que Jurupari pode se apresentar em cada instante de mito entoadado. Por hora, é importante ressaltar a conexão de tais entendimentos com as considerações de Cristina Campos sobre atualizações barreanas de Exú, Hermes, Nanã, Gaia, Grande Mãe, Puer-Senex e dizer que a poética barreana afirma o selvagem não apenas enquanto produtor de cultura, mas proliferador de inúmeras sábias culturas. *Cabeludinho* é personagem barreana que atualiza a própria criança que era Barros em seu primeiro setênio de vida antes de ser tosado e mandado para o internato católico. *Cabeludinho* é o eterno retorno de Barros à essa infância nômade, livre, sabiamente selvagem e ‘cosmoticamente’ metamorfoseante. *Cabeludinho* é imagem en-cantada das culturas do

selvagem. A essa sábia infância da vida em proliferação de alteridades jamais adultocêntrica. Alteridades nano-afetuais que inseparam a ideia de cunhado da imagem do lobisomem barreano. Inclusive, entre diversos povos indígenas, “cunhado” pode ser o mesmo que “inimigo capturado”.

Sabemos que povos indígenas que seguem mais pelo arquétipo do guerreiro não necessariamente são seres da guerra ou heróis solares, no sentido ocidentalocêntrico, pois não pensam em extermínio de outro povo. Como já descrito, trata-se de culturas que não estão interessadas no extermínio, mas sim na invenção da mudança sem as violências do heroísmo e do salvacionismo. Sem a soberba de achar que “o outro” deve ser salvo de algo que, para uma diversidade de culturas, pode acontecer enquanto princípio vital, como o intenso fluxo de mudança das cosmopercepções ameríndias. Não apenas o clichê de mudança de habitação ou território. Não também uma pretensa mudança de mundo, mas cósmico nomadismo enquanto transmutação nanoafetiva – cinestésica, microfísica, onírico-elementar, hormonal, vibracional – e, no caso barreano, também c(a)osmótica como princípio de vida e forma de garantir, pela sensibilidade, sua potência. Os rituais de cura, por exemplo, nunca se separam de qualquer esfera daquilo que a colonialidade firmou com as palavras “educação” e “música”. Neles, jamais se pretende matar a doença ou agir por heroísmo salvacionista, mas sim gerar possíveis metamorfoses pelo impossível que é a encantaria. Fazer acontecer o impossível pela condição metamorfoseante da vida. (En)cantaria jamais pela pretensão do controle e da ordem, estando em alta conexão com o risco e com a errância. Completamente fora da zona de conforto colonial. Uma coragem sensível que mais uma vez evidencia este sentido nômade que é a metamorfose.

Obviamente que, no passado ameríndio, há muitas décadas e, para a maioria dos povos, há alguns séculos, haviam confrontos entre “indígenas”, geralmente, quase que de “um a para um”, numa lógica de vingança que nada tem a ver com a ideia de extermínio ou aniquilação de um povo. Os Tupi, por exemplo, ainda que de maneira intensamente diferente da hegemonia colonial, tinham um certo ímpeto heróico, aguerrido, seguindo caminhos mais solares que os mais diversos povos “indígenas do Brasil”. Mas as relações de captura-capturado eram movidas por intenso relacionamento afetual, em admiração, aprovação e visceral assimilação nano-afetual da diferença. Por



luta ou luto, é disso que se tratam os rituais antropofágicos em suas mais variadas formas de acontecer nas diversas culturas ameríndias, jamais se tratando de devorar pessoas ao modo de filmes hollywoodianos de terror. Nas mais diversas formas de canibalismo<sup>56</sup> entre os tantos povos ameríndios, eventualmente, até podia ocorrer por ingestão de pedaços maiores de carne, mas geralmente, um pedaço bastante diluído de diferentes maneiras por longos processos de ritualização e compartilhamentos para a toda a aldeia pelo viés simbólico que, em qualquer cultura do mundo, é sempre visceral e cosmocorporal, ainda que esses aspectos não sejam geralmente (re)conhecidos e afirmados pelas ‘virtualísticas’ da cultura ocidentalocêntrica por exemplo. Simbólico, no sentido material de como nasce o símbolo e de passar pela experiência sensível com o devaneio da matéria em rito, em festa, de transmutações nanoafetivas e suas transformações no espaçotempo, atualizando seus arranjos estético-narrativos, por imagens sempre sinestésicas, arranjos ressonantes, diacrônicos, rítmicos, etimológicos, mitêmicos e arquetipais. Obviamente que instâncias virtuais podem sim se arranjar com as culturas ameríndias, mas pelas composições de uma imaginação materialista, sendo que não acontecem fora das possibilidades de uma intensa ritualização de contaminações sinestésicas e nanoafetuais sempre a serem afirmadas em qualquer experiência da dança cósmica da vida. Assim como Manoel de Barros, as cosmopercepções ameríndias estão sempre lembrando isso do imaginário ser o arranizador das práticas que compõem a vida a ser vivida. Imaginário cósmico de sentidos intensamente cósmicos, contaminantes e metamorfoseantes.

Para os diversos povos tupi, outras aldeias são sempre parentes. Inimigos de outras aldeias são parentes que sempre torcem para que suas mortes sejam nas mãos inimigas e vice-versa. Essa é a maneira mais honrosa de se metamorfosear com o cosmos. E morrer na rede descansando é uma infelicidade para o imaginário tupi, mais solar, que se difere em muito das diversas culturas ameríndias de sensibilidade mais crepuscular e/ou lunar<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> “canibalismo”, defendido por diversas vozes da antropologia, não é um termo ameríndio e, sim expressão colonial para se referir aos rituais antropofágicos que ocorriam entre os povos originários de Abya Yala e tantos “indígenas” do mundo.

<sup>57</sup> O povo guarani, por exemplo, um dos povos mais numerosos da história ameríndia – agora com população de 35.000 pessoas; com estimativas de 500.000 a 2.000.000 até o início da invasão européia –, são mais contemplativos, seguindo o *caminho da lua* (Werá Jecupé) por uma *estrutura de sensibilidade crepuscular* (Ferreira-Santos). Os xavante, povos indígenas do Mato Grosso, com *estrutura de sensibilidade lunar* (Durand; Ferreira-Santos), seguiram pelo *caminho do sonho* (Werá Jecupé).

Escovar os ossos barreanos , traz à tona isso do canibalismo não acontecer apenas como no caso dos tupinambá e suas dissidências praticantes de canibalismo com pessoas de aldeias parentas-inimigas. O canibalismo é prática ancestral bastante importante também para povos amazônicos entre parentes da própria aldeia. Do exocanibalismo tupi ao endocanibalismo amazônico (parentes que comem seus mortos e ancestrais não inimigos e da mesma aldeia), trata-se de ritualização intensamente musical com muito maracá, muita cantoria, muita dança, muitos pés percutindo no chão, êxtase xamânico, expurgação de potências e vertigem estética. Enormes cantigas bastante conhecidas até hoje, eram entoadas em rituais que poderiam durar algumas luas, em que tanto o caçador, como o inimigo capturado, tinham os versos específicos a serem entoados conforme seus papéis neste jogo de contaminações transmutantes intensamente afetuais entre parentes distantes, ainda que inimigos. Diversas vozes indígenas contam sobre estes rituais que podem também serem conferidos em *A inconstância da Alma Selvagem* de Viveiros de Castro.

O endocanibalismo, por exemplo, entre os Kaxinawá, povo mais conhecido atualmente como Huni Kuin com quem tenho queridas amigadas, se dá de modo que específicas matérias do corpo, como a região genitária, devem ser comidas por esposas(os) da pessoa morta. A cabeça pode ser comida tanto pelo grau matrimonial como por filhas e filhos. Os outros parentes podem escolher qualquer parte do arranjo corporal de diferentes maneiras. Mas de um modo ou de outro, sempre passando o arranjo corporal pelas transmutações do fogo. O endocanibalismo Huni Kuin envolve desde processos com a sopa da carne até a osteofagia – esta mais comum entre os Amahuaca da Amazônia peruana – , em que o osso é ritualisticamente queimado, triturado, transformado em pó e misturado com carne de parentes-bichos, bananas, inhame ou farinha de mandioca para finalmente ser comido. Sendo canibais ou não, as mais diversas culturas ameríndias sabem que os ossos são muito importantes. Guardam sensibilidades ressonantes e vibram a vida pela noção de ancestralidade. Noção comunitária, cósmica, biocêntrica e ‘nano-afetual’ de ancestralidade. Ancestralidade cósmica e uma ‘sensibilidade antropofágica’ que vibram na poética pachamâmica de Barros, fissurando a soberania do sujeito. Desestabilizando a ideia de corpos fixos e cristalizados. Até mesmo o corpo de uma pedra. “(...) A inércia me devora, enraíza-se

em meu corpo, como líquenes na pedra — se fico deitado. Sentia fluir de seus ossos a inércia e brotar de seus dedos, como cardos, o nojo. (...)”.(Barros, 2010:89).

*MATÉRIA*

*O osso da ostra / A noite da ostra / Eis um material de poesia*  
(Barros, 2010:162)

Aqui pardais descascam larvas. / Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro.  
E uma concha com olho de osso que chora. / Aqui, o luar desova...  
Insetos umedecem couros / E sapos batem palmas compridas... / Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.  
(Barros, 2010:242)

Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina. / No osso da fala dos loucos há lírios.  
(Barros, 2010:257)

Pote Cru, ele dormia nas ruínas de um convento. / Foi encontrado em osso.  
Ele tinha uma voz de oratórios perdidos.  
(Barros, 2010:361)

Os ossos barreanos são matéria de poesia. E sua poética parte da água, passando pela terra até os demais elementos ar e fogo, sendo o penúltimo mais presente que o último. Mas fogo sempre há em seus ocasos. Então a água passa pela terra, formando um barro muito líquido, composto pelas líquidas penetrações que, gota a gota, vão amolecendo a matéria, deixando nela vibrações de vozes aquáticas, pelo cio vegetal delas, proliferante de cardos e lírios. O osso sempre chora memórias. Elemento de acesso ao sensível. O osso, seja das conchas, dos animais, das borboletas, dos demais arranjos vivos pantaneiros, enfim, o osso barreano, é elemento intensamente musical e encharcado. É como a batida sonoramente aquática de uma *takua* (bambu) usada no *djeroky* (ritual xamânico guarani). É também como uma flauta de bambú oferecida pelo *takuary* (bambuzal de beira-rio; bambuzal úmido). E *Pote Cru*, *Lobisomem*, *Bernardo*, *Mulher Serpente* e todas as personagens barreanas vibram memórias das flautas que estão a todo instante transbordando pelos nomadismos da sensibilidade cósmica, atualizando-se por intenso fluxo de metamorfose. Sensibilidade cosmonômada que permite imagens de ossos, fezes, latas e demais desobjetos barreanos sempre boiando a grau de vibrarem limbos, ferrugens e pragas aquático-vegetais que os garantem a potência da vida por sensíveis caosmoses. Limbos que descoisificam a vida, fractalizam ideias de sujeito-objeto e demais pretensas fronteiras do pensamento dicotômico. Um imaginário que pratica ‘cosmonomadismos’ por errância sensível e nanoafetual. Imaginário que se faz por ‘andarilhamentos’ metamorfoseantes como *Jurupari* e a flauta

que ele toca, acessando o sensível por uma “língua-mãe” (Barros) transmutante e cacofônica. Após alguns aprofundamentos, a flauta juruparesca de Barros vibrará novamente no segundo capítulo. Por enquanto, vale ressaltar que essa flauta barreana é muito mais que uma. É incalculável. Uma flauta-corpa. Flauta enquanto cósmica corpa: ‘cosmocorpa ameríndia’. E os ossos barreanos, muitas vezes vibram como “flauta dos pássaros interpretando os homens” (Barros, 2010:153). Flauta que está sempre abrindo fluxos para pulsações vitais. É preciso evitar olhares apressados para perceber a flauta barreana, pois ela é sensivelmente múltipla feito um trickster. Pode contaminar ambiências cosmocorporais de maneira quase despercebida, por uma ‘estética da errância nano-afetual’. “Escutas desatentas” (Almeida) podem perceber seus arranjos jamais assépticos ou utilitários. Palavras que entoam nano-afetos sensíveis e c(a)osmóticos. Basta escutateá-las.

PALAVRAS

*Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem?  
Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de baixo de mim.  
Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse  
daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém.  
Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu desapareci.  
Ali só havia um grilo com a sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio.  
Os moradores do lugar se queixavam do grilo. Veio uma palavra e retirou  
o grilo da flauta. Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem?  
Fui eu ou foram as palavras? E o lugar que retiraram de debaixo de mim?  
Não era para terem retirado a mim do lugar?  
Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. E não eu.  
(Barros, 2010:393) – Grifos meus.*

*Eu toco minha vida com 70 flautas.*

(Barros, 2010:224).

A intimidade com flautas, principalmente de bambu das beiras de rio, acontece aqui na caminhada desde meu trajeto ancestral. E o *kydju* (grilo) é um nano-xamã de atômica magia polirrítmica que, de acordo com Manoel de Barros, é tocado de flauta. Com esses nano-afetos en-cantados, Barros então se movimenta nas en-sinagens dos ‘andarilhamentos’ sábios de que tudo se arranja como as corpa(s) cósmica(s) de Pacha: afetos, flauta, mão, boca, caminho, vibrações, cantos passarinheiros, tensões, elementos, ligações, amor, alimento, sabor, saber, bem viver e, dependendo de como os eventos ocorrem na caminhada, as corpas citadas acima podem também se arranjar como

uma só corpa por alguns instantes ou por tempo indeterminado. Em outros instantes, podem se apresentar como distintas corpas, mas jamais não arranjadas de outras. E se uma flauta já é fenômeno complexo co-implicado a incontáveis arranjos, imaginemos então alguém que toca sua vida com 70 flautas. Como acontecem essas corpas-flautas?

Nas natuculturas barreanas, jamais uma corpa é igual à outra, pois tudo segue por uma *sensibilidade ecológica* (Maffesoli, 1998:163) afirmadora de incontáveis e co-implicadas instâncias de cosmicidade nanoafetual – nesta pesquisa, dando maior atenção às instâncias onírico-elementar-hormonal-aquática e musical-mítico-vibracional-cacofônica –, diversificadamente biocêntrica e por cosmopercepções das alteridades em fluxo de intensa metamorfose necessária para garantir pulsações vitais aos andarilhamentos dos caminhos. Uma só flauta já seria mais que o suficiente para uma vida de intensas c(a)osmose sensíveis a cada passo de Barros. É por essas errantes ressonâncias que surgem núcleos mitêmicos e arquetipais abruptamente pelas mais diversas trilhas barreanas que nos levarão a *Jurupari* e a flauta por ele soprada a ser escutateada aqui nesta trilhagem. Veremos mais adiante que um *fagote* é tocado nos versos barreanos para que uma pessoa cumpra sua existência e as transmutações imprevisíveis sempre tão necessárias a plenitudes do *bem viver*. Pessoa sempre arranjada pela ‘convivência das escutas’. A Ameríndia, esta incalculável corpa cósmica, e suas sem fim de ‘corpas cosmonômadas’ são a expressão desta (con)vivência que jamais ignora conflitos. Corpas-trilhas, corpas-trajetos, corpas-gentes, nano-corpas, enfim, não importam os diversos arranjos e desarranjos cósmicos que acontecem para que cada corpa andarilhe, as corpas ameríndias sabem que o conflito é uma oportunidade de deixar o sensível falar. Xamanizar inclusive para com inimigos. O conflito pode sim entoar. O conflito pode sim gerar amplitude de sensibilidade vital. Pode sim proliferar sonhos, subjetividades, culturas e nascentes vitais. “Sou muito preparado de conflitos” (Barros; 2010:345). O conflito é comum entre parentes, amigos, txais. O conflito pode estar em cada afeto. O conflito de 70 flautas é cacofônico. 70 flautas cósmicas que não silenciam pulsações vitais. Corpas-flautas que sabem bem o quanto fere e mata o silenciamento do conflito, pois este sempre já existe por si só. É corpa-conflito. São incontáveis corpas-conflitos que outras corpas se veem ligadas. E são inúmeros e imprevisíveis os arranjos e desarranjos de cada uma dessas

corpas-conflitos que tornam impossível traçar contornos fixos nelas. Pois assim como qualquer corpa, ainda que uma visão colonial tente silenciá-la e sufocá-la, o conflito nunca se cristaliza, sempre se dando por complexas dinâmicas. E obviamente que, tentar eliminar uma só entonação de um só arranjo de uma só corpa, é uma pretensão despótica. Busca exterminar sensibilidades nanoafetuais que garantem a vida e sua complexidade cósmica e, diante da colonialidade, c(a)osmótica. Obviamente que a harmonia, enquanto comungação das dissonâncias, é fundamental para as composições da vida e para as ‘composições vivas’ que vamos sendo e de tudo que vai acontecendo. Entretanto, é inviável pensar colonialmente. É inviável querer exterminar o conflito. Jogá-lo numa reclusão forçada é botar pressão nas panelas de Barros. A vida barreana se dá como um caldeirão vivo de barro líquido, arejado e afetualmente caloroso. Não existe um “fora” deste grande caldeirão matrial, pois se houvesse fora, não haveria vida ali. Não há nada. E inclusive a vida do caldeirão se dá por “nadezas” e contingências de “ninguéns” que fazem o vitalismo da razão-pacha barreana se exceder por pouco e ocorrer por múltiplos (en)cantos. As cacofonias podem ser sempre muito bem vindas. Cacofonias desde as explosões cósmicas dos encontros e polinizações nano-afetuais pela circularidade da vida. Cosmopercepções da “visão fontana” de Barros obviamente querem a tudo harmonizar, mas cosmonômadas, fazem-se sábias de sensíveis c(a)osmoses. E a todo instante tocam suas flautas metamorfoseantes para que personagens-corpas passem por ritos estéticos de “virar outros” (Kopenawa, 2019). Com Barros, qualquer corpa está sempre virando outre(s). Uma cosmicidade cosmoticamente sensível e tão nanoafetual quanto a música. “Ele me rã / Ele me árvore. / De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os / ocasos.” (Barros, 2010:315).

*Um barco eu inventei / de minhoquinhas / Ele ia torto no rego.  
Pendurei por fora / meu vaso de luar / veio aquele pardal / bebeu na água de cima.  
Saiu ferido / de muitas flautas; / mas não cantou no chão / só pispinicou  
Ah, seu passarinho espora, / você vai ser meu chapa, será?  
Minha tarde um pouco ficou / parada de eu espisar suas artes  
(Barros, 2010:98-99).*

A escuta precisa estar distraidamente atenta para perceber que arranjos e desarrajos ocorridos com tal fenômeno de 70 flautas não se dão por fantasia ou super poderes. Não se dão por silenciamentos e imposições. Não se dão por regras. Não se

dão por fundamentalismos, coerções e conquistas. É na multigamia nanoafetual das *escolas vivas* que vibra o *mboray*<sup>58</sup>, fenômeno este que se dá por múltiplas seduções das escutas. Ou seja, tal fenômeno sensivelmente caosmótico para a colonialidade só é possível pela prática da ‘(con)vivência das escutas’. Uma convivência necessariamente afetual e comunitária, pois pachamâmica. Convivência das múltiplas escutas tanto na harmonia dissonante, como na cacofonia. Nem que for para em algum momento, sons-escutas se desarranjam anarquicamente, proliferando outros arranjos possíveis, arranjos que podem tanto se entrosarem ainda mais, como se dissiparem. Tudo pela afirmação do sensível enquanto proliferador de pulsações vitais. É assim que ocorre na poética barreana. E é assim que acontece com uma corpa-aldeia, podendo ela se (re)fazer a cada instante-pacha ao passo que, eventualmente, podem algumas de suas entonações encontrarem liberdades de se arranjam por outra(s) corpas(s)-aldeia(s). Mesmo em tempos mais difíceis que outros, estejamos na prática de uma ‘coragem sensível’, pois esta permite a convivência das escutas. Na ameríndia barreana, só mesmo tal escutateamento multiplamente afetual é que permite as metamorfoses necessárias para a plenitude do bem viver. Um escutateamento jamais invasivo, pois não há virtualística ou ideia de platonismo nesta visceral materialidade. A metamorfose sensível só é possível pela convivência das escutas. E a corpa-música, esta corpa intensamente suscetível, sensivelmente c(a)osmótica e metamorfoseante, só pode favorecer pulsações vitais se ocorrida em rituais de escutas, sejam eles em ambiência dissonante ou cacofônica. Sendo assim, o bem viver barreano só ocorre pela ritualização afetual da convivência das escutas. Afetual inclusive se for em briga ou luta. Se a harmonia não estiver sendo possível, a briga ameríndia é sempre por questões afetuais. Acabo de pitar o petynguá e a fumaça entoou aqui, que é preciso perceber como essas escutas se dão na vida contemporânea, inclusive não indígena. Apesar das fixas formações coloniais, vivemos num mundo tribalizado pelas não-barráveis atualizações do nomadismo. Elas se multiplicam em cada pequeno gesto, em cada mínima

---

<sup>58</sup> *mboray* enquanto “amor vibracional” musicalmente arranjado pelo contínuo som insonoro de “mb” e encharcado de “y”, que em guarani significa água. *Mborai* que, quando pronunciado com “i” no final, tem o significado direto de “mantra”, lembrando que “i” ao final das palavras é um componente de “carinho” ou de diminutivo carinhoso (por exemplo, *txiwi’i* = gatinho; *a’i* = manhinha; *txa’i* = avozinha), ressoando também a condição vibracionalmente micro-física e nano-afetual dos en-cantos pachamâmicos de *Nhe’ëry*.

ocorrência, ainda que muitas vezes passem despercebidamente pelos corpos domesticados. Corpos domesticados num plural homogeneizante obrigado a se apresentar sempre no masculino. Mas mesmo dentro de um dicionário ou de uma casa pode haver incalculáveis nomadismos em jogo. As oralidades afirmam o sensível e o afeto. O afeto se dá no sensível e nunca deixa de ser nano-afeto. Vemos Barros nomadizando nanoafetos a todo instante com as miudezas do chão e as vibrações dos (en)cantos. E em seu caso, nano-afetos afetuais. Essa inteligência afetual é arranjadora das cosmopercepções ameríndias. E a vida contemporânea é mais que plural. Cada uma das incontáveis entonações vibra suas forças e segue em pulsações arranjadas de múltiplos grupos, tribos e culturas. Cada corpa – seja uma corpa social, uma corpa musical, corpa familiar, corpa docente, corpa-cidade, corpa-floresta, etc – é sempre corpa tanto ambiental quanto nanoafetual. Corpa-arranjo arranjando-se e desarranjando-se com muitas corpas-arranjos e arranjos de corpas que também se arranjam e se desarranjam com outras e por aí nunca para, pois a vida é uma concomitância de incalculáveis composições vivas num mesmo céu aberto. Este é o “concerto a céu aberto” de Barros. Pode ter muito “solo de ave”, mas dependendo de onde e como estiver acontecendo a ‘convivência das escutas’, dependendo de que instante-caminho uma convivência esteja vibrando, pode haver dissonância e/ou cacofonia, polirritmia e/ou disritmia, afinações e/ou desafinações, mas sempre em imaginação nano-afetual no caso barreano e ameríndio. Lembrando que dentro de uma aldeia indígena atual pode haver ocorrências de nano-afetos sem vibrações afetuais, já que não há cultura na colonialidade que não possa estar arranjada, mesmo que eventualmente, de nano-afetos bloqueadores de fluxos vitais e extrativistas. O mesmo pode ocorrer com indígenas que habitam aldeias contemporâneas ou urbes. Sendo que é muito possível também escutatear arranjos nano-afetuais em corpos urbanos. Mas estes, em suas diárias vivências, estão sempre mais suscetíveis aos arranjos de entonações mais contratualistas, individualistas, etc – a lista é grande – então, em resumo, mais coloniais. Importante percebermos que não se trata de uma análise dicotômica, moral ou maquiavélica. Não se trata de fazer comparações entre afetos criados/afetados de contratualismo e afetos criados/afetados de afetualidade. Mas sim, perceber que os arranjos são caóticos a ponto de não ser possível identificá-los à priori. Todo arranjo



tem algo de trickster. Pois dependendo de como o jogo se dá nos arranjos sensíveis do espaçotempo cotidiano, os arranjos e desarranjos podem acabar por (re)criar entonações. (Re)criações vivas de cada instante. Mas é bastante evidente também, que cosmopercepções que privilegiam a noção de ancestralidade enquanto composição maior, estão portanto, afirmando não a acumulação e capitalização de mundo, mas a acumulação proliferadora de pulsações vitais, acumulação de experiências sensíveis do espaçotempo, melhor dizendo, de múltiplos espaçotempos que arranjam Pacha. A poética barreana está a todo instante voltando aos nomadismos cósmicos da Grande Mãe, ao *tartamudo* (Barros), ao *primitivismo das origens*, à *infância da humanidade*, escutando no *silêncio de conchas*, o *antigo mar de Xaraés* de seu ventre pantaneiro, caminhado junto com diversos seres *encostados na natureza*<sup>59</sup>, com Bernardo-árvore, com pássaros-xamãs, trinados do guató, línguas gárgulas dos guanás, guaranis e em intensa convivência ‘nano-afetual’ por “memórias inventadas” com sua ancestralidade, privilegiando o “tempo dos caracóis”. Nessas vertiginosas espirais, já não há o fora nem o dentro, já não há nada que seja estanque. Até mesmo as pretensas fronteiras ocorrem de uma abundante, incalculável e intensa diversidade nano-afetual. Vivas de afetualidade. ‘Nano-afetos’ jamais são. Pois eles só acontecem conforme vão acontecendo os nomadismos cósmicos de sensíveis contaminações e imprevisibilidades das ‘corpas-trilhas’. Estas, lembrando, são sempre corpas ambientais e nano-afetivas. Corpas de múltiplas pulsações em interações que estão a todo instante promovendo arranjos, desarranjos e rearranjos. No caso barreano, corpas c(a)osmicamente ambientais e nano-afetais muito atentas aos rituais. Uma atenção devaneante por errâncias sensíveis. Errâncias nano-afetais com forças oníricas dos elementos hormonais, com vibrações entoantes e demais sutilezas das imprevisibilidades. Devaneio material e matrial para que ocorra festa nano-afetual, podendo contar obviamente com arranjos de intensa diplomacia cosmopolítica, sensível e afetual. Lembrando que, uma ‘(con)vivência das escutas’ será múltipla de fato, com as pulsações vitais que são inseparadas da noção de ancestralidade. E as práticas canibais são um bom exemplo de como a ancestralidade acontece em rituais de intensa metamorfose nano-afetual.

---

<sup>59</sup> As expressões em itálico são de Manoel de Barros.

Nas práticas tupi, um pequeno pedaço da carne do inimigo ficava por luas sendo diluído e transmutado num grande caldeirão d'água a ser compartilhado e tomado de *cuya* em *cuya* por toda a corpa-aldeia. Um caldo de composição aquática-elementar-nanomaterial-musical-hormonal-vibracional. Um caldo cultural de intensa metamorfose nano-afetual. Uma educação de cósmicos nomadismos. Nela é fácil perceber que o símbolo não é nada 'virtualístico'. O canibalismo é tão simbólico quanto a mitohermenêutica. Portanto, visceral, corporalmente cósmico, transmutante de ressonantes co-implicações, escutateando e digerindo o "bolo" inteiro sem nem precisar reunir pretensas partes e, obviamente, sem a pretensão de ordem, cisão, controle, assepsia, fixação e extermínio. Um sím(bolo), porque vivo de ressonâncias coletivamente vitais, é impossível de ser dividido em partes. Símbolo que se afirma na ritualização do corpo da vida. Na festa dos acontecimentos em Pacha, nos múltiplos processos nanoafetivos que ocorrem pelo espaço-tempo nos ritos da vida, ficando inscritos na cosmicidade sensível dos nossos trajetos. O ritual antropofágico é uma prática de transmutação sensível e nanoafetiva com eventos de intenso rigor estético por múltiplos arranjos. Fenômeno que é um exemplo de outros inúmeros arranjadores do fenômeno que venho descrevendo como sendo 'cosmonomadismo'. Um cosmonomadismo intensamente sinestésico e nanoafetual, compositor de cosmopercepções de diversos povos, inclusive de habitantes das grandes urbes, em seus templos-shoppings, em seus cruzamentos impregnados de múltiplas afetações simbólicas, em seus "labirintos místicos" (Criolo), na profusão de encontros, nas catarses dos becos, dos shows, dos festivais, dos bacanais, na avidez por digerir todo tipo de informação, nos retiros apartamentais, ainda que a vida cosmopolita muitas vezes pareça não ser consciente desta questão. Cosmonomadismo perceptível nos instantes de devaneio com as mínimas matérias do dia a dia, com as vibrações, os arranjos imprevisíveis. Tais errâncias se dão por nano-liberdades que garantem a responsabilidade com as pulsações vitais inclusive nas reclusões e nas travessias mais difíceis. Nas culturas amazônicas que sofreram grande invasão da colonialidade mais "tardiamente" que outras tantas, como as dos Yanomami e dos Kaxinawá (Huni Kuin), estes contam que o endocanibalismo foi praticamente extinto a partir dos anos 1960 pela força e mando dos missionários de Deus que faziam enterros pela palavra colonizadora

e colocavam guardas estrategicamente armados diante das covas para garantir que seus parentes não fossem desenterrados. Numa palavra: etnocídio. Etnocídio recorrente sem qualquer arma de fogo hoje em dia, mas pelas armas ‘virtualísticas’ da colonialidade sempre tão pandêmica. Contaminam raízes e rizomas das culturas, dos imaginários, das cosmopercepções, das epistemologias. Esses e outros detalhes funerários também podem ser conferidos nos trabalhos da antropóloga Els Lagrou e suas longas travessias fluviais com os Huni Kuin. Uma de suas publicações é o “A fluidez da forma”, que teve a oportunidade de escutar pela leitura oral das coreógrafas Marion Hesser e Jo Ferraz. Em uma das leituras dessas duas queridas e sábias facilitadoras, vibram palavras de Els Lagrou trazendo a seguinte citação de Pierre Clusters e Manuela Carneiro da Cunha: “se o morto se torna outro, é porque a pessoa se situa, antes de mais nada, no seu corpo que deixou de existir e não em alguma essência interior e eterna, a alma”. Isso explicita a importância da metamorfose. Importância ‘cosmo-corporal’ de uma imaginação materialista que faz o rito de comer parte do luto, arranjar-se dele, e a dor transmutar potências nanoafetivas de um parente para um arranjo corporal vivo, fazendo-o novo arranjo e sempre ancestral. É na paixão ameríndia que o símbolo acontece e se mantém vivo. Paixão de sensibilidade cósmica.

As culturas ameríndias são afirmadoras das sabedorias cosmo-corporais. Os ritos e processos simbólicos dos corpos cósmicos ocorrem pelos nomadismos do dia a dia da contemporaneidade, seja com pessoas indígenas ou não-indígenas. Ainda que muitas vezes não sejam declaradamente afirmados, estão a todo instante acontecendo nos incontáveis *territórios flutuantes* (Maffesoli). Um *sím(bolo)* vibrante que inseparada sentido, forma e nano-afetações. Símbolo que, para o povo Huni Kuin, por exemplo, se dá com intensa “fluidez da forma” (Els Lagrou, 2007). Um bolo inteiro e intensamente fluídico como a corpa-aldeia, poroso e encharcado como as terras de Barros inseparáveis de um pretenso corpo individualmente fixo e impermeável. Símbolos de uma ‘corpa-pacha’ em múltiplos ciclos de atualização e eternos fluxos da metamorfose. Símbolos de ‘corpacha’. Bolo cósmico para lá de cacofônico que, para a visão colonial, só poderia ser coisa do “Sete-Peles”, “Esquerdo”, “Capiroto”, “Coisa ruim”, “Chifrudo”, “Gramunhão”, “Capeta”, “Diabo” e tantos outros arranjos de tricksters nomeados pela cultura colonial como um pretenso “mal”, porém silenciados nela

mesma, trancados em garrafas e cárceres. Cultura de prisões a tudo que afronta fixações. En-cantades e ‘comunidades’ afrontam de maneira vital porque vibram a vida intensamente. Desde as religiões imperialistas e os grandes impérios europeus, o estado e as virtualísticas buscaram aniquilar as traquinagens cósmicas de seus próprios nomadismos vitais. Imagens de en-cantades cacofônicos a quem os jesuítas invasores associavam diversos seres míticos, errantes e transmutantes das mais variadas culturas ameríndias, como por exemplo, *Jurupari*, *Jurema*, *Caipora*, *Pé de Garrafa*, *Coelho-Xamã*, *Mulher-Onça*, *Peixe-Mulher*, *Boto Cor-de-Rosa* e, entre inúmeros, os(as) sete filhos(as) de *Kerana* para alguns povos guarani: *Teju Jagua*, *Mboi Tu’i*, *Moñai*, *Djatsy Djaterê* (ou *Kambai*), *Kurupi*, *Ao Ao* e *Lobisomem*. O imaginário barreano dos pantanais mato-grossenses é composto por inúmeras vibrações de histórias que envolvem estes arranjos de tricksters, bem como o imaginário de outros territórios entoados por intensos trajetos guarani, hoje chamados de Paraguai e Bolívia – onde também há biomas pantaneiros –, além de Argentina, Uruguai, sudeste e sul do Brasil (São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) e até mesmo da região amazônica (Pará e Amazonas) e no Peru. Por conta de antigos nomadismos praticados desde antes dos Tubuguaçu (ancestrais dos Tupi), da divisão tupi-guarani e tupinambá, dos primórdios da *guata*, das c(a)osmoses com o invasor branco-ocidental, passando pelos nomadismos das travessias nas redes sociais da web, até às paragens do cinema indígena contemporâneo, tal imaginário também é inseparável de todo o território brasileiro que, por ser ameríndio e principalmente de Abya Yala pindorâmica, é uma bacia proliferadora de incontáveis estórias de mil povos. Estórias geralmente transmutantes. Estórias que também são histórias. Lembrando que, dicionários da palavra utilitária e fixações necroculturais à parte, nenhuma história pode ser estória. Mas estória acontece enquanto manifestação da multiplicidade viva que de fato compõem histórias.

*Djatsy Djaterê*<sup>60</sup>, por exemplo, mensageiro errante de nomadismos cósmicos, aculturado para o nome de *Saci Pererê*, apronta bastante sim. Mas apronta não contra exatamente um “indivíduo” ou outro, e sim, contra contaminações nanoafetivamente

---

<sup>60</sup> *Djatsy*, em tupi-guarani, é a lua e significa “guardiã-mãe” ou “mãe-guardiã” (*dja* = “maga guardiã;” / *ttsy* = “mãe”). *Djatsy Djaterê* é o filho saltitante da guardiã-mãe Lua; é duplamente “*dja*”. *Djatsy Djaterê* é um mago, bruxo, encantado e verdadeiro filho de *Djatsy*.

coloniais que as pessoas contraem. Para a milenar cultura guarani, *Djatsy Djaterê* é um protetor da floresta de *Nhe'ëry*. Um en-cantado guardião das curas e das plantas-mestras, protetor nanoafetual da *ka'a* (erva-mate) e, ao olhar do colonizador – principalmente do colonizador espanhol dessa região onde o Brasil já foi Paraguai –, protetor de tesouros escondidos. Porém, tesouros que tem valor jamais monetizável, jamais virtualístico. De acordo com vozes guarani como Geni Nuñez e Olívio Jecupé, *Djatsy Djaterê* só apronta com quem não cuida da floresta. É óbvio que o colonizador não gosta de *Djaterê*, pois este traquina apronta contra arranjos nanoafetivos da colonialidade, arranjos que podem até passar despercebidos pela percepção, mas inevitavelmente movimentados cosmocorporalmente por suas habilidosas contaminações elementares, hormonais e impregnâncias vibracionais. Impregnâncias coloniais que hoje em dia quase ninguém está livre, pois tudo acontece c(a)osmicamente no mesmo ventre da Mãe Terra, seja escutando-a ou não. O que há em múltiplos jogos sensivelmente c(a)osmóticos desde o início das invasões branco-ocidentalocêntricas e nortecêntricas, são verdadeiras pandemias. Contra os vírus da normose que maltrata as culturas ameríndias, *Djatsy Djaterê*, assim grafado hoje em dia pelo povo guarani para ser mais fiel às vibrações orais e originárias da língua-mãe, pode surgir no caminho de várias maneiras. Originalmente, se faz invisível como o ar, a música, nanomatérias, vibrações nanoafetuais, podendo em fuga formar redemoinhos de vento. Também pode virar um pássaro e seu canto faz quem agride a floresta se perder e não encontrar mais o caminho de volta para casa. Agora mesmo escuto um conhecido pássaro de *Nhe'ëry* batizado de Saci no período colonial. Seu nome é entoado no próprio canto agudo e lento “*dja...tsy!... .. dja...tsy!... .. dja tsy!*”. Alguns também o chamam de *Sem Tempo* ao escutar essa expressão em seu canto. Escuto esse xamã-pássaro *txeirũ* (companheiro de resistência) que tem faz um canto tranquilo, agudo e vertiginoso de maneiras que muita gente escuta mais não percebe que está escutando. Um canto popular de *Nhe'ëry*. Muita gente conhece, mas não identifica. E quando percebe o canto, quase sempre não consegue ver o pássaro. É bastante difícil flagrá-lo. Mas eles nos flagra a todo instante. O trickster *Djaterê*, segue por atualização, alteridade e proliferação, ganhando nomes primos, como o *Cururu-Perê*, que é um encantado músico e tocador da tradicional viola de cocho mato-grossense, ao ritmo de “*cururu*”,

‘cosmotizado’ das tripos-sapos no chaco pantaneiro.

Violas de cocho passaram por mim numa época em que pai-oswaldim viajava com Renato Teixeira e Almir Sater. Zé Gomes chegava com cada luthieria de fazer a gente virar outres, como fazem os encantados. *Djaterê* é um provável praticante da *linguagem de rãs* barreana e demais arranjos orais-musicais de sua *língua mãe* (Barros) não utilitarista. Um en-cantado muito sensível, tão trickster quanto *Bernardo*, *Lobisomem* e demais corpas-personagens barreanas. Olívio Jecupé, um dos primeiros escritores guarani, ajuda a difundir há várias décadas esse *Djatsy Djaterê* primordial que, antes da colonização e do encontro com africanos(as) escravizados(as), não havia tido sua perna amputada. Mas até hoje, apenas perante o olhar de diversas aldeias indígenas ou outras gentes filhas da floresta, e principalmente após o pôr do sol ou em lua alta, *Djatsy Djaterê* transmuta-se do estado de vento para um “duas pernas” de pequena estatura e fuma seu *petyngua* assessor de sensibilidades. Este cachimbo guarani, antigamente era usado apenas por *xamõis* (velhas sábias, avós e xamãs) em diversos rituais de cura, inseparáveis da música e da oralidade, mas hoje em dia é permitido estar na boca de muitas pessoas que praticam en-cantamentos cósmicos com a ancestralidade, e assim, a *tatatĩ* (fumaça do tabaco guarani), faz com que as palavras saiam mais afinadas e melhor arranjadas com as cacofônicas escutas dos caminhos, principalmente, nas encruzilhadas. Crianças não-indígenas também já disseram ter visto o tal “Saci”. E *Djatsy Djaterê* pode aparecer de várias maneiras<sup>61</sup>. Pode ser de pele avermelhada como os “negros da terra” – povos indígenas assim chamados pelos colonizadores –, mas também até mesmo ter cabelos mais claros, olhos azuis e surgir no caminho como uma criança mensageira. Não há sujeito fixo. *Djatsy Djaterê* adora *pety* (tabaco) e *kaguijy* (bebida alcoólica fermentada a partir do *Awaty*; milho guarani). Antes

---

<sup>61</sup> Há versões já não guaranis, mas bastante difundidas hoje em dia, em que *Djaterê* aparece de testeira ou gorrinho vermelho. A colonialidade também tentou apelida-lo de “cramunhão”, prendê-lo em garrafas e vestí-lo o máximo possível, mas o máximo que conseguiram foi enfiá-lo um calção vermelho – cor muito íntima das culturas ameríndias, mas que, se aplicadas em tecidos, tornam-se pavorosas para alguns povos indígenas, por conta dos “maus lençóis” propositalmente vermelhos como *urukū*, que eram espalhados intencionalmente próximos às aldeias, contaminados de doenças que *Abya Yala*, *Pindorama* e *Nhe’ëry* ainda não conheciam, sendo uma genocida arma biológica dos invasores “brancos”. Por ter presenciado essas diversas chacinas desde a primeira infância, *Davi Kopenawa* conta com riqueza de detalhes sobre o pavor dos “maus lençóis”, de outras armas virais e diversos episódios como estes, todos ainda praticados por invasores “não indígenas” ainda agora em nossas últimas décadas. Lembrando que para diversos povos indígenas, a tecelagem é uma arte primordia, inclusive contando com belíssimos mantos.

só aceitava *kaguijy*, mas hoje em dia também vai de cachaça e até vinho. Não à toa, essas encruzilhadas do imaginário barreano fazem vibrar *Exú*, *Hermes* e *Dionísio*. Mas pela intensa materialidade das histórias ameríndias e seus espaçotempos míticos. Djatsy Djaterê, filho da maga-lua, não tem casa e mora na floresta. Gosta de um bambuzal assim como Exú. O tal do Saci inclusive foi inventado a partir da folclorização colonial e apagamento de *Djatsy* e um encantado diasporicamente africano. Djaterê é andarilho errante como Hermes e, como este, pratica traquinagens que subvertem a ordem e as regras estabelecidas. O trickster tupi-guarani se vale da bebida alcoólica e da fumaça assim como Exú e Dionísio. Fumaça de imprecisar e irreduzir fronteiras. E como este, é praticante de en-cantarias cinestésicas, das múltiplas e nano-libidinosas seduções da caminhada ao êxtase. Êxtase também enquanto vertiginosa experiência da fruição no xamanismo. Todos esses arquétipos ocorrem enquanto vivas movimentações ressonantes das culturas do selvagem (Campos, 2010:288-289). Natuculturas originárias dos mundos. Ao descrever a educação das terras encharcadas de Barros, Cristina Campos enfatiza conexões arquetipais entre estes afirmadores do selvagem em diferentes culturas africanas, européias e pachamâmicas. Sendo que destes, a errância, o nomadismo, a cosmicidade elementar e cinestésica, a música, a traquinagem, a destabilização da ordem, o onirismo das águas, a metamorfose e a materialidade são fortes ressonâncias dos en-cantamentos barreanos. Esses do Pé de Garrafa que “pulou grunhindo. Mas, que horror! Tinha um único pé a fera irosa.” (Barros, 1939, apud, Campos, 2010:289).

Manoel de Barros junta várias características do lobisomem e da urobórica mulher-serpente. Na Baixada Cuiabana, há um extenso e profundo semantismo que constela com eles, por exemplo, o Curupira, o Negrinho d'Água, o Pé de Garrafa e o Troá, todos imbricados às águas profundas pantaneiras, onde aldeias encantadas hospedam uma diversidade de seres míticos”. (Campos, 2010:289).

As en-cantarias ameríndias estão sempre vibrando as movimentações da metamorfose. A metamorfose é a en-cantaria da vida. O que também surge nas cantações guarani, para além do *petyngua* de *Djatsy Djaterê*, é o colarzinho de penas que ele carrega no pescoço, às vezes com uma ervinha, outras com conchinhas, sementes ou miçangas que não funcionam como amuletos, mas ao serem chacoalhados ritmicamente, na experiência fruidora dos caminhos, realizam as mais diversas

en-cantarias e, para azar dos colonizadores, traquinagens de inviabilizar violências contra a vida da floresta. Com os povos da corpa-floresta, tanto os “duas pernas” quanto os das demais tribos bio-humanas das águas, da terra, do ar, da madeira e do fogo, *Djaterê* está sempre a atender pedidos ritualizados en-cantadamente, de entrega sensível por arranjos vitais. E isso tem a ver com cosmopercepções experiência educativa da autoformação por uma estética cósmica e comunitária.

Olívio Jecupé conta de Kerexu, uma jovem guarani que ofereceu *pety* (tabaco) e *kaguijy* (bebida de milho) para que *Djatsy Djatare* a ajudasse com o problema da fome numa época em que as roças de *Avati* não iam bem. Ao voltar da floresta para sua aldeia, Kerexu percebeu que crescia em meio a roça vazia uma só planta de milho. Pensou então que *Jatere* não havia atendido o pedido completamente. Mas ao colher o milho, imediatamente nasceu outra espiga. E assim, sucessivamente. *Jaterê* assim se faz educador também. Pois, além de escutar e acolher seus parentes de floresta, permitiu com que o povo guarani, a partir das primeiras espigas sempre tão generosas de sementes, pudesse cultivar novamente seu próprio alimento pela força comunitária e fruidora de muita dança, festa e *kaguijy*. Hoje, a *ka'a* (erva-mate) que *Jaterê* protege está na boca de todo mundo. O não-indígena esquece que ela é cultivada há milênios no meu trajeto ancestral guarani, infundada instantaneamente desde territórios matriais do atual Perú. Na região sul do Brasil é tomada quente, e no centro-oeste, bem gelada (*tererê*). Ela sempre me acompanha. Sentir a conexão líquida de seu leve amargor e sua temperatura quente no frio ou gelada no calor das minhas caminhadas com Barros, com txais de todo (en)canto e demais nomadismos da música, faz-me manter na coragem sensível desta empreitada afetual de pesquisa, escrevendo sem esquecer as forças das vibrações orais e incalculáveis (en)cantarias que se arranjam neste instante, compondo assim a caminhada com as matérias do sonho. Indígenas ou não-indígenas podem fazer isso. Mas Barros evidencia a necessidade de compreender que não é apenas uma erva ao ser tomada que torna a voz do artista vegetal, mas o cio musical da vida – dançante, estético, cinestésico, acariciante, cosmicamente corporal e nanoafetual – que faz as matérias devanearem. Sendo assim, os elementos sonham o real apenas se houver escuta para tais (en)cantamentos. Daí a importância da Mitohermenêutica Simbólica se fazer potente por múltiplas escutas. Elas mantêm vivas as ressonâncias assim como as



ressonâncias mantém vivas as escutas.

A música é prioritariamente uma entidade epistemológica para as diversas culturas ameríndias. Incalculável ‘corpa-música’ arranjada de um sem fim de ‘corpas-música’, que por suas vezes também são arranjadas por um sem fim de outras ‘corpas-música, assim como na antropofagia com parentes e ancestrais. E essas ‘corpas-música’ são nanoafetuais. A erva, a fumaça, os elementos da natureza e demais gentes da floresta também são corpas assim. Entretanto apenas se confirmam como trilhas epistemológicas com as vibrações afetuais, suores c(a)osmo-comunitários e embalos matriais de uma tyty-razão – pensamento primordialmente cardíaco, coletivo e musical pelos anda(rilha)mentos na experiência da convivência. Os ouvidos da pele são incontáveis. A pele da corpa-pacha é incalculável. Escutas escutam com escutas de escutas. E para tanto, faz-se necessária essa mitohermenêutica das escutas. Isso vai para além do que o *pensamento selvagem*, descrito por Levis-Strauss, dizia a cerca de culturas indígenas, sobre os “objetos” serem pertencidos de subjetividades e que os sujeitos poderiam ser passivos em relação a tais subjetividades dos objetos. Isso faz sentido sim enquanto visão antropológica de mundos indígenas em uma colonialidade acostumada a objetificar a vida. Faz sentido ao perceber que as natuculturas desobjetificam a vida (re)conhecendo subjetividades e vibrações vitais do que foi objetificado. Tudo vibra música: um maracá, as teclas do computador, a bomba puxando *ka’a* (mate) na cuia quente d’água, a música da vida vive co-implicada de tudo, de vibrações e arranjos cosmicamente nômades e contaminatórios. Mas sobre “subjetividades dos objetos”, escutateando a poética barreana e vivenciando convivências de escutas com diversas vozes indígenas na caminhada da vida, posso descrever que não há ideia de sujeito-objeto que seja estruturante para as culturas indígenas, mesmo se escutar falas e ações nos objetos, pois estes não os são. Ou pelos menos não são objetos para as cosmopercepções originárias e, dando passagem a estas, é que tais arranjos vivos vibram subjetividades. O que entoa na poética barerana é no mínimo a ocorrência das interações micro-libidinosas da multigamia nanoafetual. O que entoa com Barros muitas vezes é um *desobjeto* enquanto arranjo nanoafetual de incalculáveis e sensíveis interações. Tudo vibra para vida sem soberania de sujeito, formada por múltiplos sujeitos coletivos. Com Barros, tudo se dá como arranjos

corporais sensivelmente c(a)osmóticos por serem nanoafetuais. Arranjos de múltiplas escutas vivas que vamos sendo, fazendo-se aqui por escuta desde o “silêncio de concha” barreano até as 70 flautas da vida. Até mesmo uma rã é uma pedra, ou um pedaço de chão que pula nessa linguagem barreana. Linguagem de rãs impossível de separação entre um suposto chão-fixo e uma rã. Tudo pela ação de ‘cosmoandarilhamentos’ no que de mais sensível, nanomaterial, vibracional e nanoafetual compõem um devaneio. (En)cantamentos apenas possíveis a partir de múltiplas escutas (con)viventes. Imagine os graus de cacofonia e de harmonia que isso proporciona! *Grau de encantamento!* (Barros)

Com Barros, podemos imaginar, sentir e (re)conhecer. O que também não é novidade para a Mitohermenêutica Simbólica. Ela é como aquela velha sábia tradição sempre nascente. Como ensina Ferreira-Santos, ser fiel à tradição é traí-la na medida em que ela se plasma e se adequa na atualidade para cumprir uma função muito maior que é a “comunidade” e a “pessoa” onde uma é indissociável da outra. Sempre através da busca por autonomia, a pessoa se forma pela dimensão coletiva, pela construção do arranjo chamado “corpo” pela colonialidade, e da construção personalidade sem a pretensão de ter a natureza como cenário. Não há separação dela com o que a colonialidade vê como “corpo”. O Rito, nada mais é que o evento de atualização do corpo coletivo. Essa é uma das questões que leva a poética barreana a nos auxiliar a perceber e (re)conhecer sensivelmente fenômenos que assim venho descrevendo como ‘cosmocorpes’. Cosmocorpes se dão pela ambiência sensível da caminhada. Cosmocorpes acontecem como arranjos ambientais tanto quanto o ambiente que permite Manoel de Barros compor o ‘andarilhamento’ cósmico de sua obra. Ambiente sensível e ‘nanoafetual’ impossível de acontecer nisso de separar a vida em corpos fixos. O ‘andarilhamento’ e os ‘cosmocorpes’ barreanos – fenômenos a serem mais aprofundadamente descritos no segundo capítulo – podem ser percebidos na música ambiental das casas das mais diferentes infâncias, assim como no ambiente sempre musical, fruidor e ‘nanoafetual’ que a vida é. Dar vazão e fluidez às distintas culturas das infâncias é proporcionar plenitude às suas sabedorias mais acariciantemente ecológicas e sensivelmente cósmicas. Sendo possível levá-las e atualizá-las durante toda à vida. As culturas das infâncias são sábias das mais distintas culturas do selvagem, este

que afirma a caminhada por arranjos e desarranjos sensíveis de ‘cosmocorpos’. Para tanto, nas culturas ameríndias, ocorrem diversas preparações iniciáticas em que cada pessoa se pinta a seu modo para poder atravessar tais iniciações de forma coletiva. Nessa caminhada, a poética barreana não andarilha apenas por um “si” para ir sendo ela com o corpo coletivo. Essa é uma oportunidade primordialmente educativa do imaginário barreano. Em aula, Ferreira-Santos diz “se sou parte desse corpo-coletivo, também sou parte dessa criação contínua. Para as nações indígenas, a vida na aldeia já é uma festa, uma ritualização sem fim. Por essas e outras, não há terceirização de construção corpórea e anímica dos filhos.” Criação contínua que é a cíclica música da vida. Criação contínua que é a cósmica música nos intensos ciclos aquáticos da obra barreana e que devemos mergulhar num segundo capítulo.

Para além disso, o imaginário barreano traz uma oportunidade decolonial nisso de, diante das estruturas individualistas do poder e da homogeneizante formação de uma macro-nação, afirmar contaminações das incalculáveis micronações nanoafetuais a grau de abandonar qualquer en(si)mesmamento e ser pessoa “pertencida de abandonos” (Barros, 2010:361) e pela c(a)osmicidade das corpos investigadas durante a andarilhagem com Barros. Somente por uma compreensão ‘cosmonômada’ do que ficou sendo chamado de corpo é que será potente perceber na poética barreana uma educação nano-afetual e sensivelmente c(a)osmótica do ponto de vista decolonial. E sempre uma educação sem marcações fixas. Uma educação nômade sempre em metamorfose de questionamentos a partir de sensíveis investigações nas corpos-trilhas da vida. Uma educação que auxilia nos “autodesconhecimentos” (Geni Nuñez) e nos (re)conhecimentos de um ‘si cosmocoletivo’. Um si que entoa devaneios pelas nano-liberdades do ‘cosmoandarilhamento’. Essa é uma questão de responsabilidade com o si e que em incontáveis instantes se faz necessária ao *bem viver*. As infâncias entoam por (re)conhecimentos de individuação. Mas esta, na ameríndia barreana, passa longe de individualização ou individualismo. Estamos vivendo uma experiência colonial en(si)mesmada e a caminhada com Barros chama nossa sensibilidade para diversos questionamentos. Esta pesquisa passa longe de pretender dar respostas. Apenas perguntar e escutar. Quem “sou” supostamente “eu” para “mi” colocar no lugar do “outro”? Com Barros, podemos perceber que esta pergunta diz das muitas ficções e,

principalmente, fixações do mundo colonial. Quem “sou” supostamente “eu” para “me” colocar no lugar do “outro”? Que pretensões são essas? Como são possíveis? Há uma pretensão en(sí)mesmada, por uma ideia, ou exercício, ou busca, de “si” a qualquer custo. Ideia salvacionista e heroicamente en(sí)mesmada. Ideia antropocêntrica. Ideia de indivíduo/sociedade, sujeito/objeto e demais coisificações da vida. Para Barros, não se trata de se colocar no lugar do outro. Para as culturas ameríndias também não. E isso nos faz questionar, em certo ponto, como vem sendo interpretada a ideia de “empatia”. A empatia mais difundida é uma tal em que “você” se coloca no lugar do “outro”. Ou de “você” estar atente ao “outro”. Uma ideia também muito composta por desejo de igualdade homogênea. Não por igualdade de condições mínimas para o devaneio das liberdades, mas de igualdade homogeneizante. Quem é o “outro”? Quem é “você”? O que é “eu”? O que é “si”? Sabemos de como a colonização inventou “o outro”, o exótico, o oriente, a latinoamérica, o “índio” homogeneizado, o africano escravizado, tudo classificado em enormes caixas de biotipos fixos. Tudo catalogado em corpos fixos e vidas objetificadas por uma visão virtualística. “O Ocidente é uma abstração, sua alma definitivamente não é” (Viveiros de Castro, 2015:23). Como é possível uma “empatia” em que um se coloca no lugar do “outro”? Será que os arranjos nano-afetuais dos diferentes ‘cosmoandarilhamentos’ e composições cosmocorporais permitem um pretenso “um” se colocar no lugar do “outro”? Antes de mais nada, nesta caminhada com Barros, ele en-sina e se faz en-sinado em escutas. O exercício de múltiplas escutas onírico-elementares, microfísicas-vibracionais, etc, numa palavra: nanoafetuais. E de múltiplas vozes ressoantes de cada suposta uma para além de um encerramento em si.

Barros segue por um devaneio sensível e de qualidade nanoafetual. Por afetos materiais entre os elementos, e considerando aspectos vibracionais, ondas aquáticas e musicais, é que Barros experimenta algo para além do que os dicionários significam como “empatia”. Barros segue de maneira sensivelmente c(a)osmótica. Uma nano-afetualidade com serezinhas desimportantes, transsubstanciações de culturas, culturas de ferrugem, musgo e de limbo, de contrações de visões miniaturizantes, interpretando invisibilidades, ordinariedades, elementos-hormônios, vibrações e qualidades sinestésicas da vida como arranjadores de corpos. É quase como a experiência de reunir pessoas para tocar na sala de dança cósmica que é a vida. Uma

sala tão viva quanto a floresta pantaneira que, para além de sujeitos e coisas, é composta de incalculáveis arranjos vitais. Sala de dança onde há espelhos convergentes. Espelhos vivos. Espelhos capazes de gerar c(a)osmose nas imagens vivas. A coisa toda vira uma rebateção tão implicada que já não são mais formas estanques que estão em jogo, e sim a vertigem que faz imagens vibrantes serem tanto fractalizadas, quanto miniaturizadas à grau de infinitas nano-corpas. Qualquer mínima movimentação cria uma dinâmica que vai quase que infinitizando nano-corpas e metamorfoseando a ambiência. Essa é uma experiência ambiental, em termos estéticos, muito próxima às visões dos xamãs para a vasta e interminável comunidade de xapiris, estas ‘nano-imagens vivas’ que os compõem enquanto xapiris-xamãs. Uma incalculável quantidade de xapiris que compõem um xamã, ou seja, não pela ideia de que este teria um único “espírito”, mas acontecer enquanto arranjo nano-afetual de uma enorme diversidade de xapiris que inclusive podem transmigrar de xamã para xamã, via sopro ritualístico de *yãkoana*.<sup>62</sup> Essa multiplicidade de incontáveis xapiris faz parte da composição da comunidade que vai sendo a pessoa. Composição ancestral para além da ideia de uma essência, mas de uma multiplicidade de en-cantados nano-afetuais que arranja a pessoa e as corpas-florestas também. Xapiris que sempre estão andando e dançando sobre tapetes-espelhos-rastros. Xapiris inseparados das composições da floresta. Xapiris elementares e vibracionais que arrancam a vida selvagem em proliferação de culturas. Xapiris cantadores de imagens intensamente encantadoras e libidinosas, tanto quanto a cultura que vai ficando no úmido e brilhante rastro das lesmas barreanas. Xapiris sempre calorosamente dançantes que seduzem tanto quanto os gorjeios dos pássaros barreanos. Danças cósmicas que, por suas capacidades nanoafetuais de se apresentarem, podem formar nuvens de xapiris com inúmeras qualidades entoantes e sinestésicas. Imagens que seduzem, arranjando e desarranjando cosmicidades corporais pelas pulsações vitais e fruidoras. “Arranjando e desarranjando” sempre assim “gerundiando”. As ‘línguas-mães’ barreanas estão sempre provocando imagens vivas que vão andarilhando no andarilhamento das primordialidades da vida e de suas errâncias

---

<sup>62</sup> *Yãkoana* é um nome yanomami variante da *ayahuasca*. Esta, para os Yawanawa vibra com o nome de *nixi pae*. Para cada povo ou circunstância, essa composição viva e en-cantada pode se apresentar com diferentes nomes, formas e elementos. No caso da *Yãkoana*, é soparada nas narinas em forma de pó.

iniciáticas. Há uma tensão de corpoeises sempre vibrando origens musicais em andarilhamento exposto ao risco, transbordando vitalismo. Assim seguem as corpas ameríndias de Barros, por um gerundiamento que não cabe nos infinitivos fixados como significados/significantes da palavra utilitária.

Dependendo de como se apresentam no exercício do caminho, Xapiris são ora minis, ora nanomateriais e nanofísicos, e sempre vinculados a diversidade da floresta, arrançados por cosmoperepções biocêntricas. Mas sempre incalculáveis. “Grilo faz a noite menor para ele caber” (Barros, 2010:291). Imagens incalculáveis que, aos sentidos yanomami e barreano, arranjam ondas de afeto e partículas de pulsações vitais. Aumentando ainda mais a complexidade da experiência do espelho, as imagens ali vão parindo um sem fim de imagens, nano-imagens de corpas vão parindo um sem fim de nano-imagens parideiras. Usando o “des” barreano, seria como um ritual desantropocêntrico, mas ao mesmo instante antropofágico por acontecer tão rápido no rebater das vibrações, que insepara corpos e espaçotempo pela noção de ancestralidade que se desdobra dos instantes de devaneio. Não à toa a prática do sonhar é tão primordial para o pensar e o inventar a vida nessa ameríndia barreana. Trajeto ancestral que jamais separa “corpos” de “tempos”. A vida ameríndia não é separada em corpos-fixos a serem enumerados, sujeitos assepticamente individualizados e tempos lineares. E Barros cosmoandarilha com esta sabedoria ancestral. Ao invés do narcisismo de pensar a vida como capitalização de um si e en(si)mesmar-se, Barros en-sina numa multiplicidade ontologicamente nano-afetual que acontece para além da diversidade percebida pela ideia de vida separada em setores, indivíduos e especialidades. Uma cosmicidade ecologicamente sensível, acariciante de vibrações e nanoafetiva por pulsações vitais: multigamia nanoafetual. Escutateio tal cosmicidade como uma base comum da educação barreana, um solo comum do bem viver ameríndio. Um solo proliferador de culturas que não são escutadas pelos arranjos de colonialidade. Culturas nanoafetuais que, apesar de marginalizadas, continuam compondo a vida.

*Aprendo com abelhas do que com aeroplanos. / É um olhar para baixo que eu nasci tendo.  
É um olhar para o ser menor, para o / insignificante que eu me criei tendo.  
O ser que na sociedade é chutado como uma / barata — cresce de importância para o meu  
olho. / Ainda não entendi por que herdei esse olhar / para baixo.  
Sempre imagino que venha de ancestralidades / machucadas.  
Fui criado no mato e aprendi a gostar das / coisinhas do chão —*

*Antes que das coisas celestiais. / Pessoas pertencidas de abandono me comovem:  
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.  
(Barros, 2010:361).*

*Inseto, s.m.  
Indivíduo com propensão a escoria / Pessoa que se adquire da umidade  
Barata pela qual alguém se vê / Quem habita os próprios desvãos (...)  
(Barros, 2010:182)*

*(...) Tem fino ouvido de barata, esse pássaro. Não boceja  
nunca. Cisma até com a sombra das borboletas.  
E avista os perigos desde ontem.  
(Barros, 2010:230)*

Caminhar com Barros, faz caminhos entoarem oportunidades sensivelmente nano-decoloniais de fazer trajetos ricos por vibrarem sem origem fixa e sem acomodações coisificantes, arranjos ao mesmo tempo evidentemente marginalizados, mas a todo instante nas potentes transmutações pelos nomadismos da vida enquanto intensa exposição poético-musical. “E aquele que não morou em seus próprios abismos. Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas. Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto. Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.” (Barros, 2010: 82). É praticamente o que diz Davi Kopenawa sobre o ato de tomar *yakohana* em ritos entoados com *xapiris* e ficar em estado de fantasma. “Fantasma” para os yanomami não passa de um estado cosmocorporal de intensa fruição.

Com a mitohermenêutica nessas múltiplas escutas também não há como esquecer que as potências dos fósseis barreanos, em meio aos descartes humanos, são melhores escutadas em convivência desantropocêntrica com as vozes indígenas que vibram no atual cotidiano de diversas culturas. Com profunda força de oralidade e epistemologia musical, tais vozes seguem com muitas pessoas sábias que continuam vibrantemente vivas apesar da necropolítica sempre em curso. O plano colonizador, sim, exterminou quase 800 povos dos mil que antes compunham as entranhas do que hoje chamamos Brasil. Exterminou mais de 70 milhões de pessoas indígenas do senso de Abya Yala logo no primeiro século de invasão. Mas incalculáveis vozes continuam entoando suas sabedorias pelos poros da atualidade. A ‘corpacha’ que podemos escutar com Barros não é dividida em tempos cortados e lineares. Transborda mais veementemente pelas sábias vozes das mais diferentes etnias que vibram hoje em dia. Elas pedem escutas. Ler o esforço que tais culturas orais tiveram que fazer para arranjar,

nas últimas décadas, uma rica e inclusive já extensa literatura. Vozes que vão se nomadizando, inclusive, nisso de contaminar a arma-palavra escrita do inimigo ao serem contaminadas por ela. Entretanto, não há palavra utilitária capaz de vibrar a música da vida. Bruce Albert e Davi Kopenawa, por exemplo, quebraram velhos e coloniais protocolos da antropologia, ao parirem um impactante livro de transcrições orais, fruto de uma amizade pactual de 40 anos de convivência. “A Queda do Céu” é uma publicação feita através de intensas escutas onde quem fala e se faz grafar são vozes indígenas pela voz de Kopenawa. De maneira necessariamente visceral, a convivência e a qualidade poética das conexões, fizeram essa publicação levar a antropologia a bater com o coração em outros caminhos, pois do contrário, parecia estar sem mais pra onde ir, insistindo na velho esquema que ajuda a estruturar a necropolítica e a educação colonial. Afinal, é como diz Ailton Krenak, ao indagar “porque os brancos não inventaram uma antropologia para pesquisar eles mesmos”. A resposta seria então porque eles só inventam essas armas para exterminar quem eles precisam exterminar, iniciando por silenciamento.

Colonialidade à parte – se é que isso é possível –, conviver então é sempre o caminho necessário para sentir vibrar o som afetual do afeto. Este, continua transbordando pela pele da contemporaneidade nas pequenas ocorrências do dia a dia sempre ressonantes com Barros, por *coisinhas*, *desobjetos*, *desutilidades* e *insignificâncias* sem juízo de valor, moral ou caracter explicativo. A Mitohermenêutica assim não separa osso de música, flauta de vida. As imagens dos fósseis barreanos entoam vibrações vitais. Aprofundaremos esses entendimentos com Barros mais adiante no segundo capítulo. Por aqui, vale lembrar que os fósseis barreanos a todo instante ritualizam *incorporações*<sup>63</sup> das diferenças no sentido de afirmar a ancestralidade de maneira cósmica e nano-afetual. Metamorfose com a diferença por uma noção não antropocêntrica e não etnocêntrica de ancestralidade.

*Velha Honória, mulher-serpente*, é mãe do metamorfoseante Bernardo, personagem este, que salta da obra barreana como um arranjo vivo que só acontece por

---

<sup>63</sup> Ainda que tenha caído em desuso através das virtualísticas coloniais, gosto de pronunciar este termo com “e” à moda de meus antigos: “encorporações”, de en-corporar; colocar a cosmicidade corporal em movimento; girar; dançar, ritualizar; fazer djeroky; fazer ciganagem; coletivizar en-cantos corporais.



sensíveis c(a)osmoses. Bernardo é arranjado de xamânicos conhecimentos nesta colonialidade ameríndia. “Desde criança ele fora prometido para lata. Mas era merecido de águas de pedras de árvores de pássaros. Por isso quase alcançou ser mago.” (Barros, 2010:366). Outro que surge nos poemas com *Velha Honória* é o *lobisomem* que, para meus ancestrais guarani, é filho da *mulher-serpente*. Lobisomem traz sabedorias selvagens tanto quanto *Cabeludinho*, outro personagem que Barros inventa como uma espécie de apelido para ele mesmo, o próprio poeta, em sua infância. Filha da mulher-serpente, a poética barreana vibra a ancestralidade rastejantemente sinestésica desta corpa de múltiplas peles cósmicas que é Pacha. E de peles que se dão como arranjos sempre transitórios e transmutantes dessas múltiplas corpas. A exemplo disso, entre povos amazônicos, xinguanos, pantaneiros e do nordeste brasileiro, antigamente, a forma mais honrosa de se morrer, ou melhor, de se ancestralizar, era ao ser capturada em luta. Antes de se ancestralizar ou se en-cantar em rito intensamente musical, teantrófico e metamorfoseante, a pessoa capturada poderia passar muitos anos, e até a vida inteira, morando e convivendo livremente na aldeia inimiga, formando muitos laços de afeto, principalmente se consagrasse matrimônio com uma irmã daquele que o capturou ou alguma outra parenta da aldeia e, com ela, gerar filhas e filhos, fazendo assim, admiráveis forças da diferença integrarem-se cosmoticamente à corpa-aldeia. Mesmo para os tupi, povo de sensibilidade mais heróica que as de muitos outros povos ameríndios, um inimigo é sempre um cunhado em potencial, ao ponto de usarem uma mesma palavra para designar ambos. Ainda que para alguns povos, antes dessas metamorfoses matrimoniais com inimigos, fosse necessário um ritual de limpeza do mal-cheiro do pênis do inimigo para se tornar inimigo-cunhado – mal cheiro também evidente nos *lobisomens cunhados* da poética barreana –, em diversas vozes indígenas com as quais tenho contato desde a infância, passando por estudos etnográficos e da antropologia, é evidente a abertura para com a diferença e sua assimilação não-excludente para afirmar a vida. Assimilação transmutante também obviamente fácil de se notar na vivência afetual e cosmo-comunitária com as diversas formas de vida da Mãe Terra para além dos “duas-pernas” – assim auto-chamados por muitos povos do norte ameríndio. E os *inimigos-cunhados* surgem aqui através do *lobisomem-cunhado* de Barros de maneira a evidenciar que até na luta a aprovação sensível das forças da

diferença é praticamente o que rege as relações e as oportunas metamorfoses. Diferença necessária até para realização de matrimônio, mas sem a ideia fixa, monoteísta e colonial de *incesto*. Diferença matrimonial, que inclusive entre povos ou aldeias amigas, é tratada pela antropologia como “assimetria”, mas que não passa de casamentos entre primos(as)-cruzado(as), ou melhor, entre parentes. Pois as pessoas indígenas que vibram na trilha ancestral das diversas culturas originárias, não se percebem como irmã(o)s homogeneizadas(os), mas sim, parentes pela diferença e alteridade. A poética barreana segue por caminhos sensivelmente c(a)osmóticos. E *Bernardo* então, vibrando (en)cantamentos de sua ancestralidade, é talvez a personagem mais c(a)osmótica entre as barreanas. Mas nenhuma delas, escapa a esse talento cultural que fractaliza pretensas fronteiras entre força e vontade, entre inércia e movimento, entre vida e morte. E para além do esquema vida-morte-vida-morte, se faz afirmadora da metamorfose através de suas encantarias cosmonômadas.

Diante da suposta assimetria primordial que é a morte, o imaginário barreano desconfia e, como no poema *Ascensão*, das maneiras mais imprevisíveis, tende a fractalizar, gota a gota, as pretensas dicotomias do fora/dentro, do corpo/alma, do sujeito/objeto, da morte/vida e demais virtualísticas fixações do pensamento colonial, evidenciando que tal traquinagem camosmoticamente estético-poética se dá, ao meu ver, para além de uma “repolarização” (inversão de polaridades) ou “transpolarização” (dissolução de fronteiras entre polos), por não aceitar a ficção das supostas polaridades fixas e das pretensas fronteiras criadas para o exercício de poder colonial, a poética barreana, “(...) como uma pessoa / Que tem cobra no bolso / E para cada mão – os cinco dedos de palha” (Barros, 2010:150) ou como quem “(...) botou o rio no bolso e saiu correndo...” (idem, 2010:153), andarilha por despropósitos com aquáticas e vibrantes (en)cantarias em seus bolsos rasgados que, feito *Djatsy Djaterê*, *Lobisomem*, *Pé de Garrafa*, *Jurupari* e outros diversos tricksters arranjados na mitologia ameríndia, desestabilizam a pretensão da ordem, nisso de cacofonizar o pretenso “espaço-tempo” solar colonial, escapando por pouco pelas grades da contemporaneidade, quase sempre naquele horário do lusco-fusco, em que o c(a)osmos evidencia sua unicidade, como o “menino / com paletó de crepúsculo / E as árvores cor de cinza / Perto do muro. / Árvore e menino / Dobrados, na chuva.” (Barros, 2010:49), assim como a “cigarra que

estoura o crepúsculo que a contém” (Idem, 2010:110). As imagens barreanas e as corpas de suas caminhadas são arranjos vitais por estarem sempre em sensíveis c(a)osmoses, mudanças nano-afetuais, inviabilizando que nada nem ninguém possa controlar ou ser dono delas, pois não há como ter relação de posse com fenômenos que mudam e estão sempre em intensa metamorfose como sinônimo de nomadismo. Cacofonizando potências, o imaginário barreano está sempre em “ascensão à infância” (Barros), para a “infância da humanidade” (Idem), onde tudo acontece pela errâncias primordiais e riscos originais que marcam bem um nomadismo, metamorfoseante como a infância e, ao mesmo tempo, velho como “a “Idade do Ouro”, a fim de mergulhar e repousar de novo no útero da Grande Mãe-Xamã, o *tartamudo*, fechando um ciclo no movimento do *eterno retorno*, alcançando o nada como repouso cósmico (...)” (Campos, 2010:240). Essa é uma importante observação de Cristina Campos a cerca de seus aprofundamentos barreanos com o elemento terra, e nessa colocação, envolvendo *A Terra e os Devaneios do Repouso* (Bachelard), mas sem esquecer também os *devaneios da vontade* (Barros) pelo mesmo elemento.

No cósmico e nômade “nadifundio” das “nadezas” nano-afetuais proliferadoras das nascentes vitais e de primordiais movimentações da vida desde suas metamorfoses sempre em acontecimento, Barros caminha com as múltiplas escutas das culturas das infâncias, evidenciando a importância de jamais ignorá-las seja ao vibrar em corpas-pacha-crianças, seja em todas as fases da vida de quaisquer ‘corpachas’: jovem, riacho, adulta, humana, terceira idade, montanha, gestante, mar, bebê, molécula, ovo, pássaro, povo, cidade, pré-história, big bang, era do gelo, era do fogo, choque de partículas, etc. E assim, sua poética errante e nômade, contaminada afetualmente de incontáveis encontros e choques das travessias, impregnada da palavra escrita e demais armas coloniais, subverte a normose utilitária, contaminando-a c(a)osmoticamente e proliferando desobjetos.

*O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA*

*Tenho um livro sobre águas e meninos. / Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.  
A mãe disse que carregar água na peneira / Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele  
para mostrar aos irmãos. / A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso. / O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. / A mãe reparou que o menino gostava mais do  
vazio do*

*que do cheio. / Falava que os vazios são maiores e até infinitos. / Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito / Porque gostava de carregar água na peneira / Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. / No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. / O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. / E começou a fazer peraltagens. Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando / ponto no final da frase. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. / O menino fazia prodígios. / Até fez uma pedra dar flor!*  
*A mãe reparava o menino com ternura. / A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. / Você vai encher os vazios com as suas peraltagens. E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.*  
 (Barros, 2010:470).

É peralta de despropósitos a poética barreana. É trickster latinoamericana por traquinagens soltas neste antigo e avô *Rio-Menino* (assim afirmado nas histórias do povo Tucano) sempre nascente. É a velha sábia infância de uma visão fraternal em Barros, em muito, matrial. Sabemos que o tempo colonial não é o tempo pré-imperial que ainda vaga em certos instantes dos olhares até mesmo no atual Estado europeu, mas sim o rígido tempo eurocentrado, saturnino como um comandante romano e fácil de perceber na cultura nortecêntrica do “time’s money” neoliberal. Tempo maquinal de Cronos que uma certa humanidade usa silenciando Kairós, mas em vão para o *tempo do sonho* yanomami, a música da vida e para os incalculáveis nomadismos do dia a dia. Gaia, Hermes, Dionísio e toda a mitologia grega, por exemplo, é muito mais sábia, fértil, caótica, sensual e embriagada de (en)cantamentos que o apolíneo – logo, heróico, solar, distante, asséptico, ordenado, virtualístico e iconoclasta – pensamento colonial de fundo aristotélico-cartesiano-judaico-cristão-etc-e-tal. Até Apolo poderia ser potente de (en)cantarias se a visão colonial, como que tomada por uma lapsa miração, (re)conhecesse, para além da flecha certa e ascensional, em suas mãos, o tempo artesanal do arco arredondado que se flexibiliza para trás engravidando-se do tempo oportuno que o vento e o *idioma das árvores* barreano – musicalmente contínuo, aquático e uterino – solicita por aberturas de vozes sussurrantes. O arco assim, escuta. Múltiplas escutas ancestrais continuam tecendo o fio da inteligência ameríndia. E apesar da longa tradição em construir pretensas prisões e impérios marginalizantes desde os assépticos e amputantes muros escolares, os nomadismos ainda vazam pelo ladrão. Nomadismos não necessariamente ameríndios, mas inevitavelmente conectados à cosmopercepções originárias como hormônios aquáticos impregnantes que vibram

intensamente ao se encontrarem. Nomadismos não necessariamente xamânicos, mas de uma latinoamérica contemporânea, incontornavelmente contaminada por mais de mil culturas originárias e pelos nomadismos do xamanismo humano que, felizmente ou não, passam invisibilizados/invisíveis pelas pretensas alfândegas instaladas no ventre da Grande Mãe desde mongólias, sibérias, índias e até mesmo indoeuropas.

É impossível pensar cosmopercepções ameríndias sem o nomadismo xamânico, sem esquecer também que muitas das caminhadas foram praticamente impostas para a vida ameríndia, com a invasão branco-ocidental a partir do século XVI<sup>64</sup>.

E acontece muita potência ao perceber tais ressonâncias metamorfoseantemente ameríndias e xamanicamente nômadadas mais veementes nas convivências pelas aldeias amigas do instante presente ou mais latentes pelas ruas e cruzamentos onde passam indígenas, não-indígenas e arranjos que inseparam pretensas classificações.

A mitohermenêutica simbólica, então, se torna aqui uma maneira de escutar o que se revela diante do texto e, inclusive, quem está diante dele, a pessoa intérprete. Nessa busca simbólica pelo equilíbrio antropológico, nisso de saber que o sentido é inseparável da imagem, jamais estando atrás, ao lado ou escondida, é que a poética barreana, intensamente musical e c(a)osmótica, explicita o sentido dado e, no exercício dessa compreensão é que vamos “entendendo” melhor, inclusive pela instauração de novos sentidos. Pois a partir do imaginário simbólico – este que é operador do devaneio bachelardiano – é que acontece o (re)encantamento. Afirmadora do imaginário ameríndio proliferador de mundos, a poética barreana transborda por esgotos subterrâneos uma diversidade de arranjos vivos, “desobjetos” e “despalavras” que o

---

<sup>64</sup> Os longos e cacofônicos rastros xamânicos de antes ou depois da violência colonial, em suas inúmeras e distintas ressonâncias, podem ser percebidos desde os trabalhos de Mircea Eliade, Kaká Werá Jecupé, Eliane Potiguara e Davi Kopenawa, passando pelos estudos sobre *nomadismo contemporâneo e vagabundagens pós-modernas* de Maffesoli, por aprofundamentos de Rogério de Almeida na questão disruptivamente *estética do imaginário* e da condição *trágica* em que inclusive o xamã não escapa, e dos estudos mitohermêuticos e etnográficos de Marcos Ferreira-Santos, apoiado nos estudos do imaginário (Durand), no trajeto antropológico (Idem), na poética metafísica e tetra-elementar de Bachelard, na antropologia personalista de uma hermenêutica instauradora, por Berdiev, Paul Ricour, Monier, Olga Foebre e demais pensadores do anárquico Círculo de Eranos, que por sensações plurais e incansável rigor científico, prima pela leitura própria, sem princípio explicativo, liberada da pretensa ideia colonial de verdade, “logo”, durante muito tempo – e até hoje – conduzida por uma certa marginalidade acadêmica. Marginalidade também imposta às diversas culturas ameríndias, a ponto da metamorfose ou “espírito caótico” (segundo colonizadores), serem considerados a manifestação do Diabo debaixo de muito exorcismo, chibata e criação da *instituição social da loucura* (Foucault).

fazem assumir seu canto novamente. Mais do que isso, as contaminações com essa fonte barreana, educam pelo tempo oportuno de permitir tudo en-cantar, a ponto do “silêncio de concha” (Barros) continuar transbordando ininterruptos fluxos escutados nos marulhos aquáticos do ventre da Grande Mãe. Ventre este que, ancestral, insepara supostos sujeitos-fixos. Concha esta, que não separa a vida em pretensos corpos-fixos. Uma só gotícula poética desse (en)cantamento desestabiliza as rígidas estruturas do “desencantamento do mundo” (Max Weber) burocrático, mecânico e prático.

É diante desta existencial falta de ar, que Ailton Krenak critica a indústria farmacêutica, dizendo que, apesar da vacina se fazer urgente contra o genocídio em curso pelo Covid-19, ela agora apresenta-se como uma solução salvadora contra o mal e que, portanto, a indústria farmacêutica, apoiada por uma “medicina de engenharia”, deve “vender vacina como pirulito”, expressões estas de Krenak ao demarcar tal sentido, dizendo “vender a rodo”. Ele evidencia a coisificação mecanicista, mostrando em suas falas como a *xawara* (epidemia em Yanomami) apresenta profundos significados que se diferenciam em muito do sentido que a educação colonial dá à pandemia pelo Covid-19. Este é hiper diagnosticável como toda doença é aos olhos de raio-x das máquinas e dos médicos super iluminados. Entretanto, a *xawara* é uma epidemia nanofísica e nano-afetiva, arranjando-se cacofonicamente por múltiplas contaminações na corpa da contemporaneidade. A maneira como o Covid-19 – e qualquer outro vírus que perturbe a ordem – é percebido e combatido vibra apenas um raso aspecto pela dicotômica e cartesiana visão colonial. A metamorfose é o fenômeno vivo da não-dicotomia. Ocorre por múltiplas afetações. E para os povos da floresta, não há combate prático que funcione contra tais contaminações. Nem mesmo negociações diplomaticamente xamânicas caso o caos de determinada *xawara* não seja compreendido cosmicamente. Aqui sim há uma potencial c(a)osmicidade não de um caos dado enquanto condição de vida, mas de uma caótica cosmicidade que pode ser provocada e que, dessa maneira, compõe histórias dos diversos povos indígenas. Enquanto o *povo da mercadoria* (Kopenawa) prefere superpopulações que pesam toneladas sobre a generosa e já fatigada barriga de Pacha, a ancestralidade indígena, anárquica pelas diferenças e proliferadora de pequenas aldeias plantadoras de florestas, pisa bem leve neste aquático ventre. Por parte de Mãe, os Yanomami se dizem filhos da

*gente das águas*. Filhos dos (en)cantamentos de *T<sup>h</sup>uëyoma*, uma *ondina* – ser vibrante pelas ondas orais das diversas culturas ameríndias. É pela oralidade de múltiplas ondas musicais que Kopenawa Yanomami evidencia a façanha dos “comedores de terra” – outro nome dado ao “povo da mercadoria” ou aos mineradores nano-conectados ao povo da mercadoria<sup>65</sup>. Estes, segundo Ailton Krenak, tiram as montanhas da superfície cada vez mais superestimada e especulada e fazem novas montanhas de lixo sobre a superfície que fica debaixo do mar. Isso é o que faz a tal “humanidade”. Humanidade que, segundo Krenak, infelizmente ou felizmente não são inclusos povos indígenas, ribeirinhos, pescadores, alguns quilombolas, demais minorias marginalizadas, bem como as escolhas de seus imaginários e as formas de entoa-los para inventar as trilhas da vida, ou seja, o real. Enquanto latas industriais, dejetos e desobjetos barreanos estão sempre desabrochando a vida pelas c(a)osmóticas e vivas ferrugens das cosmopercepções pantaneiras, podemos perceber que tal “humanidade” é a única “espécie” que defeca na água que compõem toda a vida e nem olha pra baixo.

Com esse olhar para o chão encharcado de Barros, é possível ver tal “humanidade” bosteando a própria água que precisa para beber, sonhar, pensar, nascer, conectar e metamorfosear pela vida. O que defende os psicólogos ambientalistas é uma “esquizofrenia” ou uma “patologia” provocada por alienação social em relação às fontes da vida. Entretanto, mais do que isso, para os Yanomami, a *xawara* é indidiagnoscável. Outros tipos de c(a)osmoses acontecem então. Afinal, estas são inevitáveis. Para além

---

<sup>65</sup> Este é apenas mais um exemplo de caos não dado à priori, mas provocado pelas virtualísticas do pensamento antropocêntrico. Assim como o caos enquanto efeito da imigração forçada de gentes do ar, da terra, da água, da madeira e do fogo. Imigração domesticada, engaiolada e inclusive escravizada provocada por humanos e tornando, por exemplo, uma tribo-pássaro ou um povo javaporco expansionista e extrativista de corpambiências. Como por exemplo, o que ocorreu com o belo pássaro Estorninho trazido há poucas décadas da Eurásia em gaiolas do povo da mercadoria por conta principalmente de imitar vozes humanas, reproduzir palavras e inclusive uma diversidade de sons eletrônicos. Numa certa ocasião há poucos anos, um bando de Estorninhos foi solto na América Central. Houve notícias também de outros Estorninhos que foram soltos no Chile, Argentina e migraram para o Sul do Brasil. Ao habitarem corpambiências abundantemente muito mais fartas de frutas e verduras do que a Eurásia, estão se tornando uma superpopulação devoradora de frutos com diferentes efeitos extremamente caóticos em cada região. É o mesmo que ocorre, por exemplo, quando bactérias compositoras de nossos arranjos corporais começam mudar seu contingenciamento tipo aldeia para superpopulação por conta do excesso de açúcar do povo da mercadoria e carboidrato que são um prato cheio para elas. E então elas passam a exterminar os lactobacilos vivos da flora estomacal desvitalizado corpambiências e provocando as famosas gastrites.

disso, acontece a necropolítica e o pandêmico genocídio, por exemplo. A xawara não acontece pelas virtualísticas razões do “bem” ou do “mal”. Ela nem mesmo é uma consequência objetiva. Mas sim, ocorre pelo excesso de visão prática e utilitarista, pelo consumo dos afetos e a coisificação da vida. Numa palavra Yanomami, pelo “mundo da mercadoria”. Um mundo que dispensa os sentidos da fruição que a vida vai sendo. Se tudo é ficção e inventamos sentidos para o não sentido de existir, a ficção de vibrar pelos sentidos da vida, com Barros, parece-nos de uma potência incalculável. É a *linguagem brincativa* de Barros. Sua *linguagem de rãs* com as *canções do vento* que só acontecem de maneira musical e esteticamente c(a)osmótica.

O *Xamã* barreano, assim como *Bernardo* e demais personagens, convivem em múltiplas ensinagens de intensas contaminações afetuais e cosmonomadismos deste o potencial autoformativo que a poética barreana vai vibrando na caminhada. Eles podem até serem alvos marginalizados do modo colonial de (se) fixar, mas assim como uma raiz curandeira trazida do fundo das águas por povos caminhantes como os Huni Kuin, Ashaninka, Yanomami ou pelos Tupi que vibram nos trajetos Guarani, Guató, Terena e Guaná, a indústria pode até capturar seu princípio ativo para vender, mas será um “bilhete sem voo” – como muitas vezes diz Krenak –, pois apenas a convivência pelos transmutantes rituais cosmocomunitários do afeto, pela sinestesia das corpas-pacha com os elementos da vida, pelas vertigens musicais e estéticas do en-cantamento, é que será possível negociar diplomaticamente com as profundezas e as miudezas sempre tão ordenarizadas pela visão colonial, ou seja, marginalizadas por serem submetidas à ordem (à ideia de ordem e de ordenação). Apenas de fato vivendo. Apenas vivendo o amor de fato. “A água lírica dos córregos não se vende em farmácia” (Barros, 2010:290). Assim, a poética latinoamericana de Barros se compõem por intensas andarilhagens com tais vibrações nômadadas, contemporâneas, ameríndias e xamânicas.

— *As palavras invadem esse ermo como ervas. Todas as coisas passam a ter desígnios. Não há o que lhes ande por documentos. Enxergam borboletas apertando rios. / Escutam o luar comendo árvores. Trazem no centro da boca pequenas canaletas por onde lhes correm o lanho e o lodo. O chão dá encosto para as suas latas, seus trevos, seus apetrechos. Arrastam no crepúsculo andrajos e moscas. Criam peixes nos bolsos. Há cogumelos paridos em seus ressaíos. E vozes de rios e rãs em suas bocas. Águas manuseiam seus azuis. E, viver roça no corpo deles. — E as palavras, têm vida? — Palavras para eles têm carne aflição pentelhos — e a cor do êxtase. (Barros, 2010:249).*



A mitohermenêutica aqui, *holonômica* como sugere o Prof. Marcos Ferreira-Santos, então se faz atenta ao real por uma concepção intuitiva que, para muito além de um sentimento holístico da existência, com as cosmopercepções ameríndias de Barros, é acariciantemente transmutante pelo “primitivismo das origens” (Barros, 2010:458) e composta na memória matrial da corpa que Pacha vai sendo. Sabedoria que está a todo instante inventando novos caminhos e potentes metamorfoses por múltiplas vibrações e modulações de frequências nos aquáticos turbilhões do ventre da vida. Saber que se dá nos nomadismos da umidade selvagem e crepuscular da vida pantaneira e ameríndia, transbordante e ligante pela poética barreana.

Pelos sentidos do corpo social, da experiência, da vivência coletiva, das memórias incorporadas, da intuição, do senso comum, do *raciovitalismo*, e em contaminação com Durand e Bachelard, Maffesoli escreve seu *elogio da razão sensível*. *Razão sensível, co-razón* ou, como prefiro com Barros, ‘razão-pacha’ no ‘tytypensar’, são ressonâncias, ora dissonantes, ora cacofônicas, encharcadas de uma mesma holonomia simbólica como maneira de escutar a racionalidade a partir das ‘corpas-pacha’, fractalizando assim a dicotomia sujeito-objeto, conforme ensina Prof. Marcos Ferreira Santos, pois atenta-se à criação (*poiesis*) para compreender os fenômenos. “Portanto, em outra rede referencial, muito distante do binômio custo/benefício das racionalizações entendidas como economia de dispêndios, numa perspectiva de razão técnica ou instrumental (...)” (Ferreira-Santos, 2055:26).

A mitohermenêutica então escuta ressonâncias antropológicas dos mitos que se apresentam de modo a percebermos como se articula a realidade vivida e conhecida. Vivência e conhecimento sempre inevitavelmente coletiva na cultura e na linguagem. Podemos tatear reverberações de determinadas culturas, obviamente que não por narcisismos folclóricos ou fixações identitárias, mas sim para deixar transbordar nossa memória pela oportunidade de (re)conhecer suas múltiplas nano-potências como fazem os xamãs, por exemplo. Ao beber *yakoana* yanomami, *nixi pã* huni kuin ou *ayuaska* norteamazônica – como é mais difundida essa erva com (in)fusões de diversos sotaques e incalculáveis forças –, os xamãs expurgam memórias ancestrais podendo ali conversar com elas, deixando fluí-las assim como as mântricas águas pantaneiras de Barros e, nessa *bacia semântica* (Durand), recuperar ou dar vazão às potências da vida. O

“delírio” e o “encantamento” barreano, assim como o êxtase xamânico, escolhe uma educação pelo inevitável sentido cosmo-comunitário da memória, assim afirmado pelas natuculturas. Ancestralidade em que são parentes os seres da aldeia ou da floresta, da terra ou das águas, sem exclusão da diferença, ou seja, pela (con)vivência. A poética barreana acontece com essa sabedoria regida pelas vibrações atuais de uma memória comunitariamente desantropocêntrica. Sabedoria ancestral em andamento sempre presente, onde tudo acontece co-implicado de tudo, sem ignorar as (en)cantarias de cada *elemento-hormônio* sempre tão imprevisíveis nas metamorfoses dos caminhos. Terra, água, fogo, ar vibram por cosmonomadismos nessa dança cósmica e cosmo-comunitária da vida. Nano-afetualmente cosmocomunitária. Daí, a importância da mitohermenêutica para que, pelo potencial educativo da poética barreana, assim como numa improvisação musical, seja uma oportunidade para os nomadismos dos sentidos, nisso da errância e do acaso, da (con)vivência e do instante, da memória e do andamento, das múltiplas contaminações dos afetos e das escolhas, deixarem vazar pulsações vitais pela pessoa, arranjando, assim, a diferença pela metamorfose. Pessoa-arranjo das incontáveis possibilidades presentes aqui e agora num mesmo uno cacofônico. “Noção de pessoa que se constitui num sujeito coletivo”, como disse Krenak naquele debate virtual ocorrido em abril de 2021 sobre *A Última Floresta* (2020), filme de Luiz Bolognesi e Davi Kopenawa para o qual fiz uma breve colaboração de *(co)razón* pelas eras do afeto.

Atentando-se distraidamente para isso do sujeito coletivo da razão-pacha barreana, não se trata de um indivíduo coletivo, mas um potencial sujeito sempre inacabado que só se dá por arranjos coletivos de múltiplas transmutações, em fluxo de intensa alteridade. Quase um não sujeito por se dar como uma composição viva da corpa-pacha, de de incalculáveis modulações e úmidas frequências variáveis, muitas vezes evidenciada pelas ligaduras materiais de uma musicalidade aquática. “Há vestígios de nossos cantos nas conchas destes banhados. / Os homens deste lugar são uma continuação das águas.” (Barros, 2010:199). Corpas, então, enquanto arranjos nano-afetuais que impossibilitam manter margens em pretensos sujeitos fixos. Sujeitos coletivamente desantropocêntricos. “Pessoa que lê água está sujeito à libélula.” (Barros, 2010:289). Assim, o sujeito que lê água, feito *Bernardo* ou o *Xamã* barreano, acaba se transmutando por ligaduras com libélula pela água – neste caso, para voos –, como

quem bebe por contaminações culturais. O sujeito inclusive, muitas vezes está sujeito a não ser sujeito. Está sujeito às mais diversas contaminações do “des”, nisso de (des) fazer ou eclodir cosmicamente a ideia fixa de sujeito pela anomia e pela ordinaryidade evidentes também no *nomadismo contemporâneo* e nas *vagabundagens pós-modernas* descritas por Maffesoli. Nomadismo que se atualiza na profusão de encontros, nos cruzamentos urbanos, nas impregnações dos festivais, nas buscas dos prazeres, nas orgias simbólicas e nas buscas primordiais para antes do utilitarismo das palavras, dos nomes e das pretensas autorias ou posses de conhecimento . É pelos nomadismos cósmicos da “despalavra” barreana que o “inonimado” (en)canta a vida. “A partir do inominado e do insignificante é que eu canto. O som inaugural é tatibitate e vento. Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja / seu criador coisa adejante. (Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra até de encontro com uma palavra.)” (Barros, 2010:180).

#### SUJEITO

*Usava um Dicionário do Ordinário / com 11 palavras de joelhos / inclusive bestego. Posava de esterco para 13 adjetivos familiares, / inclusive bêbado. / Ia entre azul e sarjetas. / Tinha a voz de chão podre. Tocava a fome a 12 bocas. / E achava mais importante fundar um verso do que uma Usina Atômica! / Era um sujeito ordinário.*  
(Barros, 2010:193)

Na ordinaryidade dessa cosmicidade nano-afetual, a pessoa da poética barreana acontece em decomposição viva . Pessoa composta por *deslimites* sonoros-vibracionais e elementares-hormonais que a inseparam das gentes-peixe, das tribos-pássaro, dos povos-minhoca, das libidinosas lesmas e de uma infinidade de sábios serezinhos invisíveis. Muito longe da visão colonial de se “ter” um corpo, a pessoa barreana “vai sendo” uma corpa c(a)osmótica em fluxo de intensa alteridade. Corpa sempre em trânsito, impossível de delimitá-la de forma fixa tanto quanto a metamorfoseante como a corpa-pacha. ‘Corpacha’ que a mitohermenêutica aqui tateia escutando ressonâncias pantaneiras, indígenas, xamânicas, nômadicas e contemporâneas, porque só poderá ocorrer nas errâncias pelo *exercício do caminho* com Barros em boa dose de *presenteísmo*, fenômeno tão vibrante no nomadismo contemporâneo quanto nas cosmopercepções ameríndias, onde tudo está sempre gerundiando assim como nas tensões da *poiésis* com Barros.

Assim, tal mitohermêutica não escova ossos para chegar na sua plena original dureza, mas na primordialidade de suas metamorfoses. É também como uma geologia da ‘corpacha’ no chão encharcado de Barros. Acariciando as gradientes linhas de uma pedrinha, podemos perceber a dança das diversas eras da terra. Mas o foco aqui não é nas eras, mas na dança que às contempla de maneira oniricamente elementar e vibracional, no que ocorre de nano-afetual nessas instâncias, pelos arranjos dos instantes que fractalizam as fixações do tempo de Cronos e do heróico calendário gregoriano-solar. Essa investigação acontece pelos mergulhos nas eternidades do efêmero. O interesse aqui é no movimento e na tensão vibracional da *poiesis*. Possibilidade musical no c(a)ósmico ‘andarilhamento’ pelo intenso jogo das metamorfoses.

Escutar os ossos pela mitohermenêutica e pela fenomenologia também é uma maneira de (re)conhecer a *Mulher-esqueleto* (mito esquimó) e a avó do mundo, *Yebá Buró* (mito amazônico), que se fez sozinha no escuro do grande mistério e com sua *serpente-cósmica*, também conhecida como *canoas da transformação*, inventou o sol, princípios da Terra e pulsações vitais que foram se tornando parceiras não criacionistas da vida segundo 27 etnias do Rio Negro (Amazônia). Através de uma de suas criações – o terceiro raio – deu origem a *serpente cósmica* que, ao navegar feito barca-microscópica por tempo indeterminado num grande leite maternal, deu origem à gente-peixe e com estas sonhadoras foi multiplicando a vida por incontáveis simbioses<sup>66</sup>.

Imaginário de uma humanidade ao modo barreano, inventada também a partir do húmus de *Nanã*. Humanidade afro-ameríndia não patriarcal, não utilitarista e não antropocêntrica. Imaginário de uma humanidade não inclusa no seletivo grupo do que o pensamento colonial entende como humanidade. A razão-pacha barreana então permite escutarmos e tytypensarmos com as múltiplas escutazinhas que arranjam os caminhos. (En)cantamento que se dá com a possibilidade de escutar nos movimentos, nas transmutações e transformações de um espaçotempo não linear, ressonâncias que se

---

<sup>66</sup> Essa narrativa pode ser conferida no livro “Antes o Mundo não Existia” (2019) de Umusi Pārōkumu e Tōrāmu Kehíri do povo indígena Desana, que inspirou o filme “Flecha 1” criado e produzido por Ana Dantes, Ailton Krenak e Daiara Tukano.

fazem presentes na atualidade não compreendidas pela lógica colonial e, muitas vezes, distanciadas dos próprios povos indígenas que sofreram epistemicídio etnocida por uma longa investida das catequeses e das evangelizações num processo de *informação*, *deformação* e *conformação* como diz em suas aulas Ferreira-Santos ao apontar para essa lógica ocidental de *humanismo antropocêntrico* completamente diferente – e exterminadora – da dinâmica de *humanismo biocêntrico* das culturas dos povos originários. O epistemicídio é o começo do etnocídio e do genocídio, pois mata pelos bloqueios e desconexões da conformação e pela marginalização do que não se conforma. Há décadas, Ferreira-Santos evidencia como a lógica eurocêntrica vem operando na educação de maneira aniquiladora do processo de autoformação tão central para as mais diferentes culturas ameríndias. A primeira segue em curso necropolítico e, de acordo com Ferreira-Santos, pelo *iluminismo catequético* que até hoje se atualiza na universidade e na escolarização, do modelo de posse patriarcal do estado à família, da lógica aristotélica e do pensamento cartesiano atualizados no poder biotecnológico-burocrático, da etnocêntrica herança judaico-cristã atualizada no messianismo moral, no fundamentalismo urbano atualizado nas patologias psico-sociais e ambientais, no fundamentalismo liberal atualizado no capitalismo e no neoliberalismo. Já a segunda, movimenta-se por uma autoformação na base matrilíngua de comunidades autônomas, pela potência de existência com múltiplas lógicas de pensamento simbólico, muito por conta do arquétipo do peregrino nas heranças interculturais das comunidades originárias, pela qualidade de vida na convivência da floresta, do campo e distintos territórios de Abya Yala, na reciprocidade de um naturalismo autossustentável. (Ferreira-Santos, 2021:YouTube).

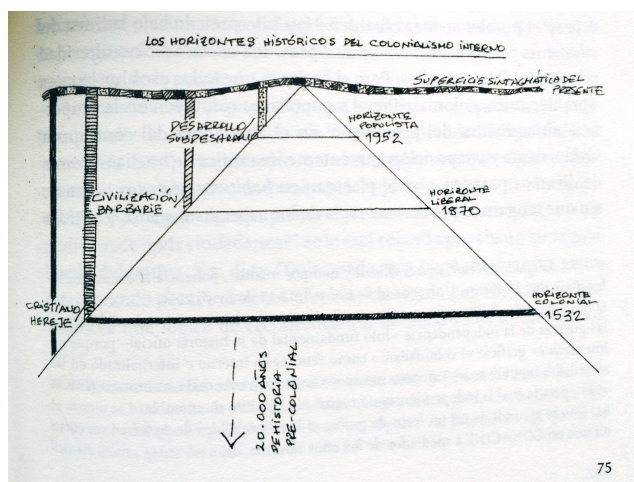
Após todo esse processo de *informação*, *deformação* e *conformação* que estruturou o maior holocausto da história mundial, as vozes de Abya Yala e a poética ameríndia ainda estão corajosamente vivas por jamais ignorar a potência do sensível, da fruição, das *oralidades* e da metamorfose. Na atualidade, indígenas de alguns vários povos, muitas vezes guaranis, carregam em suas falas o termo “alma”. Mas de onde veio essa palavra?

Toda tradução é uma espécie de traição. Daí a importância poética, musical e estética para qualquer intercâmbio dialógico, cultural, educacional e científico, inevitavelmente político e social. Por exemplo, o “animismo”, enquanto compositor das mais variadas culturas indígenas, é afirmado e confirmado por diversas vozes indígenas e não indígenas, de xamãs à antropólogas(os), de cacicas(ques) à sociólogas(os), etc. Mas apesar dessa compreensão de que há toda uma cosmologia materialmente “anímica” entre os povos originários, muitas vezes tal expressão é interpretada por uma visão bastante judaico-cristã-ocidentalocêntrica, logo virtualística. “O Ocidente é uma abstração, sua alma definitivamente não é” (Viveiros de Castro; 2015). A ideia de alma muitas vezes é reduzida a algo bastante etéreo pelo imaginário colonial. Muito diferente, por exemplo, de como Mircea Eliade traz em suas descrições sobre o xamanismo. Então porque não escutar e deixar vibrar as expressões indígenas em seus próprios termos? Por que não escutar as múltiplas aberturas das vozes indígenas com suas *línguas-mães* (Barros)? Por que não cuidar dos nomadismos nas linguagens fronteiriças, e até mesmo de certos neologismos que ajudem a *desinformar*, ao modo barreano, certas formas coloniais?

A mitohermenêutica simbólica, pela escuta, então se faz potente nessa caminhada. E de um modo ou de outro, faz-se necessário compreender sem visões apressadas isso que é chamado de “animismo” através de intensa pregnância e materialidade dos elementos que, como hormônios oníricos, arranjam a vida. Imprevisíveis elementos nano-materiais e outras incalculáveis nanoafetualidades que sonham cada ocorrência dos caminhos. Tais ocorrências também são arranjadas por vibrações tão nanofísicas e afetuais quanto a música, ora dissonantes, ora cacofônicas e, para além disso, ora capturáveis, ora imperceptíveis. Arranjos afetuais, portanto, incalculáveis como a (en)cantaria.

O que há de virtual do que ficou conhecido como “animismo” ameríndio não necessariamente vive ou morre no virtual. Não está a serviço da virtualidade. A virtualidade - por exemplo, a virtualidade da palavra escrita dos cartórios e da autoria antropocêntrica - não é surrupiada como *modus operandi* para exercício da posse ou do poder de um acima de outres. Pela importância da fruição para o imaginário e, principalmente, para as culturas indígenas, a virtualidade está sempre incorporada

esteticamente em todas as relações. A noção de con-vivência das comunidades indígenas evidencia que, para além dessa pretensa ideia de alma não ser separada de um pretense corpo fixo, não há como identificar o que seria tal alma e tal corpo. Não se trata portanto apenas de uma não divisão ou de uma inseparação entre dois fenômenos complementares, mas de um fenômeno que pede para que seja compreendido e considerado através de muitas diferenças cosmoperceptivas para além da “cosmovisão” occidentalocêntrica e/ou nortecêntrica. Cosmopercepções ameríndias de inúmeras ressonâncias que, através dos caminhos do imaginário, é possível ganharem vazão sem classificá-las, controla-las, aprisioná-las e asfíxiá-las, permitindo com que suas nascentes de potências oniricamente materiais, gota a gota, possam fluir como faz a razão-pacha da poética barreana, percebida assim, educadora muito corporal sempre aprendiz de cósmicos e c(a)osmóticos nomadismos pelos caminhos do dia a dia. É o que ocorre também no *nomadismo pós-moderno* ou *nomadismo contemporâneo* (Maffesoli) e suas inúmeras tribos contemporâneas. Para além das diversas tribos indígenas aldeadas e urbanas, são incontáveis as tribos não-indígenas. E são múltiplas e incalculáveis as ocorrências de nomadismo, seja na contemporaneidade indígena ou não-indígena. Conforme Maffesoli, do ponto de vista místico de toda tribo, vive-se um “materialismo místico” ou um “corporeísmo espiritual” (Maffesoli, 1998:196) que pode ser ‘escutateado’ em qualquer con-vivência, seja na época em que Abya Yala ainda não havia sido invadida ou na Latinoamérica pós-moderna. As prováveis variâncias de tal fenômeno foram evidentemente caçadas, reprimidas e estupradas com a chegada eurocêntrica onde hoje chamamos de América. E apesar de transbordantes pelos nomadismos da contemporaneidade, continuam sendo marginalizadas e cooptadas. Essas repressões vão ganhando diferentes arranjos de forma a dar sequência à necropolítica colonial. Apenas para ilustrar as transformações de fachada que também acontecem para dar sequência às rígidas estruturas das virtualísticas coloniais, segue este esquema de Silvia Rivera Cusicanqui apontando para as diferentes fases de colonização de Abya Yala:



(Cusicanqui, 2019:75)

Entre c(a)osmoses culturais, mas principalmente entre apropriações, extrativismos e deformações culturais, as ideias de “alma”, de “corpo” e de “espírito” podem ganhar diferentes leituras e perspectivas bastante complexas. E com as cosmopercepções ameríndias, podem se cacofonizar ou se fractalizar totalmente, correndo risco de não serem traduzíveis ou nem mesmo serem aceitas pela sabedoria contida na aldeia de certos corações. Pois as palavras tem poder. E as escritas coloniais acontecem na sede de poder. Mas conforme as palavras se dão na árvore da vida, os troncos se entortam e as raízes serpenteiam. Serpenteiam com as múltiplas e nano-serpentes cósmicas da nossa composição-mãe que é *Nhandetsy*. Lembrando que, em tupi-guarani, “serpente” se diz *mboi*<sup>67</sup>, que inicia com a partícula “mb” do contínuo som insonoro e vibracional nas en-cantarias de Nhe’ẽry. Na caminhada dessa pesquisa com Barros e sua insistência em *voltar ao tartamudo*, em *ascender à infância* da vida pelas fontes primordiais, pela origem oniricamente material e musical da vida com os cósmicos *deslimites do corpo*, será mais potente nos aprofundarmos onde as culturas indígenas originalmente nascem, vivem e se metamorfoseiam a todo instante: no ventre pantaneiro barreano, no ventre xamânico de *Nhandetsy*, esta corpa-mátria compositora de múltiplas ‘corpachas’. Corpas jamais fixas. Corpas da coletividade que vai compondo um sujeito de múltiplos arranjos. Corpa transmutacional, portanto autônoma através das liberdades nano-afetuais do sensível inclusive no processo de educação, ou

---

<sup>67</sup> Boitatá, por exemplo, vem do tupi-guarani *mboitatá* (*mboi* = serpente; *tatá* = fogo). Composição errante de encantade que pode surgir na caminhada com diferentes arranjos ígneos, entre eles, o de duas serpentes de fogo ou pessoa com serpentes em chamas que a compõe. Padre José de Anchieta disse nas cartas jesuíticas que expulsou *mboitatá* do território recém pisado, mas é impossível não se deparar com tal trickster encantade, pois nesta *Abya Yala* somos território, não tendo como, em múltiplas instâncias, criar corpo e território, ou seja, coisas separadas.



seja, corpas cósmicas e *autoformativas* (Almeida; Ferreira-Santos) na cosmicidade das (en)cantarias.

*Bernardo, cigarras, Xamã, Guató, Andarilho, rã, caramujos-flores*, as diversas personagens e os tantos *desobjetos* barreanos sempre arranjados por *deslimites*, apresentam múltiplas corpas de Pacha. Corpas enquanto fenômenos em contínua variação da metamorfose sem a pretensão de explicar o que seriam tais corpas, pois elas ocorrem enquanto errância em gerundiamiento. *Rascunho* (Barros) sempre em andarilhamento transmutante. E sendo, talvez já não seja mais o que era há poucos instantes. Mas certamente, é vida. É andamento. Corpa completamente diferente da necrovisão colonial. É da ‘corpacha’ que as culturas ameríndias e suas múltiplas ‘corpachas’ nascem, proliferam-se e continuam em constante fluxo de alteridade. Culturas jamais fixas. Há que se atentar para o que a colonial palavra “tradição” pode significar para os povos originários de Pachamama. Tradição para a ancestralidade sempre presente dessa Abya Yala pindorâmica, tem muito mais a ver com tradição de se metamorfosear, mantendo assim, a velha potência de vida sempre nascente. Para usar termos barreanos, as culturas indígenas seguem pela tradição da *transsubstanciação*, da *metamorfose* e dos “braços descidos pelo caos do corpo”. (Barros, 2010:105). Poética de corpa deseróica na xamânica modificação de assumir penas, peles, pinturas e variações de corpas-pacha em cada rito ou cada passo na dança transmutacional da vida. Para os tapuia, por exemplo, corpas *txukarramães*, ou seja, corpas “guerreiras sem armas”. Guerreiras do sensível como a poética barreana, esta convivente da autoformação nas inevitáveis e sensíveis ‘cosmoses’ da vida. A corpa pode transitar no *cio vegetal na voz do arista*, pelo *corpo das latas* e pelo *rosto da terra*. Na terra, a corpa-composição pode ser *monturo-flor* ou *Bernardo-árvore* (Barros, 2011). Pelas dinâmicas do ar, a corpa-arranjo pode se movimentar entoando como *rascunho de pássaro*, ora sendo *canção do vento*, ora pelo *idioma de árvore*. A *boca da oralidade e da musicalidade*, sinestésica e cosmonômada, por exemplo, pode se dar como “s.f. brasa verdejante que se usa em música / Lugar de um arroio haver o sol / Espécie de orvalho cor de morango / Ave-nêspera! / Pequena abertura para o deserto” (Barros, 2010:182 – poema “Boca”). As bocas também podem surgir como *truncos rugosos pendendo para águas* (Barros, 2010,56). E é na água que “a mão reteve a música como paisagem de

água na retina” (Barros, 2010:87). É sobre essa corpa-mátria aquática que jamais se cristaliza enquanto arranjo vivo e coletivo. Arranjo corporal enquanto cardume nano-material, ressonante, fisicamente vibracional, molecular e sensivelmente c(a)osmótico. Uma corpantaneira de deslimites da materialista imaginação barreana. Corpa-música, *corpo fônico, corpa sônico, corpo com deformante para a voz* (Barros, 2010:360). *Corpo-menino, corpo do rio, corpo das latas, corpo da manhã, braços da tarde, corpo da noite, e caos do corpo*. Imagens vibrantes de Barros. Imagens en-cantadas que vibram natuculturas. E quem são os não-indígenas para dizer o que não é mais evidente para as culturas indígenas ou o que estas últimas foram, vão sendo e tytypensam?

Por essas e outras, a caminhada aqui é por ‘epistemologias pacha-nômadas’ composta por incontáveis vozes indígenas e outras não indígenas muito conectadas com as primeiras. A voz barreana, enquanto composição coletiva e ancestral, é foco. É sempre a que se apresenta primeiro às escutas. Voz de múltiplas aberturas. Nela entoam sapos, aves, água e incalculáveis vozes de cosmopercepções conectadas às de diversas vozes indígenas da atualidade tão hibridizada nas eternas transmutações da cultura. Então, é preciso perceber melhor o fenômeno, escutando as vozes indígenas da atualidade, permitindo com que seus nomes e suas potências anônimas reverberem também apesar de toda a histórica repressão. As culturas indígenas afirmam que uma voz nunca vibra sem suas vibrações ancestrais. A Pacha-espaçotempo é uma só. Portanto, através das vozes indígenas tidas como “atuais”, escuta-se “antigas” ressonâncias indígenas, percebendo com a escuta, nuances vibratórias e variações do imaginário pelos múltiplos ciclos que compõem Pacha. Assim, essa caminhada na contemporaneidade se faz de ‘vozes-pacha’ sempre ancestrais. Aqui nesta *escrevivência* (Conceição Evaristo), as ‘vozes-pacha’ são as segundas vozes de Barros. Não por questões de ordem ou prioridade, mas primeiras e segundas vozes percebidas de maneira musical. Muitas vezes impossível de delimitá-las. Como alguém que só abre voz na presença de outra. Não à outro modo. As vozes se apresentam simultaneamente e vão inventando sonoridades de maneira intimamente cosmonômada, por múltiplas afetações inseparáveis. Ao ouvir artistas como Pena Branca e Xavantinho, Cacique e Pajé, Cascatinha e Inhana, Os Tingoãs, Grupo Tarancón, Luhli & Lucina, Oswaldinho e

Marisa Viana e outras tantas vozes das mais variadas regiões dos mundos – como as de Simon & Garfunkel e Perotá Xingó – a percepção muitas vezes diz que são vozes inseparáveis, pois vibram em múltiplas *transsubstanciações* (Barros) e, principalmente, *deslimites* (Barros) nanomateriais e nanofísicos que às estruturam e potencializam por sensíveis nomadismos. Abrir voz, ou seja, cantar em abertura simultaneamente complementar com outra(s) voz(es), é metamorfoseá-la instantaneamente. É uma qualidade de tripós-sapos, gentes-aves, pessoas-lobas e de diversos outros povos desprezados pela normose antropocêntrica e etnocêntrica. Mas inúmeros vestígios entoantes destes tantos povos, desaguam nas mais diferentes entonações culturais e dos diversos mundos que são desprezados pelo mono-mundo colonial. Escuto as entonações de um toré, de um kuarup, de uma festa *heahu*, de um *cururu*, de um *djeroky*, de uma pajelança guarani. Elas vibram pelas peles de minha pele andarilha. Pele-caminhos, sempre. Pele de peles cósmicas que ressoa, aqui, diversas entidades artísticas (con)vividas, como Luhli e Lucina, Tetê Espíndola e Alzira Ê, Pereirinha e Pereirão e Oswaldinho e Marisa Viana. Com elas, é possível também perceber que há uma constante troca de posições em profundo compartilhamento cosmocorporal-ambiental . Como entoa Mercedes Sosa, “todo cambia”! Para além disso, cada voz dessas entidades musicais pode abrir duas, três, cinco ou mais diferentes tonalidades. Saem completamente daquele padrão do sertanejo mercadológico. Cada voz transborda um sem fim de vozes. Acontecemos enquanto tantas em cada suposta uma. Inúmeras que nos arranjam, incalculáveis que estão por vir imprevisivelmente e demais outras que se compõem em devires nas eras de certos instantes. Com essas vozes, os instrumentos deixam de ser instrumentos para serem “desobjetos” (Barros). Desobjetos musicais, *cambiando* a todo instante. A música é como o xamanismo nas imprevisíveis contaminações, modulações, atrações vibracionais e trocas de posições dos caminhos. Onde muitas vezes não é possível perceber o que está em cada posição. Pacha é um casulo da metamorfose onde muitas vezes é impossível separar o que seria borboleta, lagarta, pólen, flor, água, terra, ar, etc. Há instantes em que não é possível perceber posições. Cosmonomadismos, simbioses e complexas transmutações barreanas que também vibram terceiras vozes como as de artistas e pensadores que ele mesmo cita em sua obra. Aqui, nesta caminhada, valho-me delas, mas também de vozes do pensamento

acadêmico tão importantes quanto às demais já mencionadas por entoarem por vibrações (re)conhecedoras destas.

Há uma importância na mitohermenêutica simbólica de investigar sutilezas de certas ressonâncias que se atualizam vibrando na contemporaneidade tanto quanto fazem xamãs, porém algumas vezes não são tão evidentes até mesmo para indígenas que tiveram seus trajetos atravessados por meio milênio de violento processo de colonização. A própria antropologia, em sua morfologia, foi exercida por jesuítas que marginalizaram as epistemologias indígenas e suas culturas, desde não reconhecerem nas pessoas indígenas o que até hoje o pensamento colonial chama de humanidade. Mesmo quando, institucionalizada pela ciência moderna, a antropologia inicia seu trajeto preocupada com a diferença sem exotificá-la, caminhou durante muito tempo sem permitir vazão direta às vozes indígenas, fazendo locuções enquanto por terceiros, nomeando e aproximando conceitos a práticas e arranjos vitais que são velhos conhecidos chamados por seus nomes originários nas milenares línguas-mães de Abya Yala. Línguas que, por cosmicidade corporal, até hoje vibram a integralidade matricial e matricial da vida. Vem a patente contorna o incontornável e faz esquadrejamentos de ambiências corporais. A patente não escuta parente. Mas as vozes parentes criam transbordamentos na patente. Vozes ancestrais dissidentes. Vozes da cosmicidade não-binária pela multiplicidade de arranjos vitais. E de uns anos pra cá, a antropologia, contaminada de seus nomadismos, passa por metamorfose em de(s)colonização. Ideias caíram diante da retomada indígena de seus territórios epistemológicos, valendo-se inclusive de nomadismos pindorâmicos para as cadeiras acadêmicas. Outras se afirmaram pelas vozes xamânicas que inclusive a antropologia permitiu vibrar diretamente. E algumas ideias continuam persistindo sem vibrar arranjos de fato corporais e sua cosmicidade vital. Ao serem descritas na língua do colonizador, de seu imaginário virtualístico e muitas vezes utilitarista, os fenômenos são reduzidos desde a perda de suas pulsações vitais. Entre as noções de animismo, alma, corpo, pacha, matéria, virtualidade, espírito, corporeidade, corporalidade, vida, paraíso, arranjam-se questões bastante complexas que esta dissertação jamais daria conta. Além do mais, a vida é composta de mistérios. Nas pretensas tentativas de explicá-los, a vida já é outra.

Não à toa, que nas culturas guarani, *Nhanderu* é a grande e misteriosa força criadora, a “gravidade” que vibra multiplicando conexões sensíveis e incalculáveis.

Assim como o homem branco passa a vida toda preparando seu modo de ver na pré-escola, no Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, nas demais pós graduações e especializações, os povos indígenas passam a vida toda estudando e se preparando de maneiras completamente diferentes e com distintas particularidades entre povos. Para que o homem branco pudesse perceber certas questões, precisaria passar por toda essa experiência autoformativa também. Um longo processo de educação jamais terceirizado, com diversas educadoras não contratadas por serem parentas, como árvores, formigas, pássaros-xamãs, avós, águas, etc. Tudo na convivência comunitária, biocêntrica e matrilínea vibrante na poética barreana. Poética da metamorfose pelas múltiplas infâncias de qualquer fase das corpos da velha sábia Pacha sempre nascente aprendiz. Autoformação não-adultocêntrica. Convivência de ambiências afirmadas por epistemologias da cosmicidade nano-afetual com seus intensos nomadismos contaminatórios e transmutacionais. Autoformação somente possível na multigamia nano-afetual da vida cosmicamente comunitária. Sobre isso também, as vozes indígenas tem lutado para se fazerem compreendidas diante das institucionalizações virtualísticas.

João Paulo Barreto, antropólogo e pensador do povo Tukano, diz que os *xapiris* dos Yanomami não são espíritos. Pelo menos não como a colonialidade entende por espíritos. O próprio Davi Kopenawa muitas vezes se refere aos *xapiris* como imagens. É pelas trilhas úmidas e sonoras das imagens barreanas que uma razão-pacha vai nos levando de modo a reflorestar o imaginário.

A escuta mitohermenêutica então se faz presente por ‘epistemologias pachanômadas’ insurgentes e (re)fundadas com um saber “tipo Sul” (Maffesoli), que além de andarilhar contaminado por múltiplas epistemologias não excludentes, parte de:

Um saber que não violenta, de modo prometeico, o mundo social e natural, que não conceituaria sem preocupações, aquilo que é observado, mas, ao contrário, que se contenta em levar em conta, de um modo acariciante, o dado mundano enquanto tal. Se lembrarmos que, na mitologia, Dionísio é uma **divindade arbustiva**, pode-se falar nesse sentido, de um saber dionisíaco, isto é, um **saber enraizado**. De um saber, igualmente, que integra o *phatos*, aquilo que M. Weber chama de emocional ou afetual, próprio à comunidade. O **senso comum** está fundado aí. Ele põe em jogo, de modo global, os cinco sentidos do humano, sem hierarquiza-los, e sem submetê-los à preeminência do espírito. (...) Saber orgânico ou **saber corporal**, considerando-se que o

corpo era parte integrante do ato de conhecer e que isso era, igualmente, causa e efeito da constituição do corpo social em seu conjunto. Isso pode ser comparado ao que Schelling chamava de *Lei-blichkeit*, isto é, a corporalidade opondo-se ao idealismo puro. (Maffesoli, 1998, 163) – grifos meus.

Mas as raízes ameríndias são tão dinâmicas quando o *nomadismo contemporâneo* (Maffesoli). “O senso comum é a expressão de um presenteísmo que serve de pivô entre passado e futuro. Dei a isso o nome de *enraizamento dinâmico*.” (Maffesoli, 1998:164-165). Trata-se de um enraizamento da reflexão, vibrante no saber incorporado, o qual “de geração em geração, vai constituir um substrato que assegura a perduração societal.” (Idem, 1998:164-165). E apesar do imaginário humano ser composto de uma sucessão de recorrências simbólicas, quase que como uma multiplicidade de entonações que se reúnem em torno de um mesmo rio, nem os nomadismos da poética barreana, nem as cosmopercepções desta Pachamama, cabem em um, dois ou três mitos, ainda mais, mitos gregos e menos ainda em suas versões eurocêntricas. Portanto essa pesquisa segue por entonações para além das trilhas hermesianas e dionisiacas, mas obviamente, percebendo tais forças por múltiplos sentidos na instância latente do símbolo, que só pode ser captado pelas interações da ‘convivência das escutas’ e das imprevisibilidades de vivos arranjos na caminhada mítica, de maneira consciente ou não. E essas errantes composições da caminhada, quando afirmadas pela poética pachamâmica de Barros, dão passagem à cosmicidade da vida enquanto arranjadora da corpa de Pacha e das incontáveis corpachas que aos poucos, nessa *escrevivência*, vão se desdobrando e se proliferando por múltiplos arranjos e sentidos de infâncias. Sábias infâncias de Pacha e suas intensas metamorfoses enquanto princípio vital. “Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.” (Barros, 2007 – entrevista para o jornalista Bosco Martins).

## 1.6. Saber cosmocorporal e cosmonômade

Para além das classificações e clichês pelos quais o nomadismo pode ser visto, a poética pachamâmica de Barros (re)conhece sentidos nano-afetualmente mais cósmicos, transmigatórios e corriqueiros de nomadismo. Há milênios as epistemologias indígenas, oniricamente matriais, sabem que tudo ocorre conectado microfisicamente e en-cantadamente por *serpentes cósmicas* nano-afetuais “descobertas” pela ciência moderna e batizadas de DNA. Mas a vida acontece na co-implicação das encantarias. As moléculas da água, do ar, nossa respiração, suores, humores, sílabas, sementes, ciscos, fungos subterrâneos e incontáveis arranjos de seres invisíveis a olho nu são praticantes ininterruptos de cosmonomadismos pelas metamorfoses de Pacha. Nomadismos nano-afetuais enquanto compositores e arranjadores das corpachas que vamos sendo. Os hormônios da água, do ar, da terra, da madeira, do fogo e demais mínimos elementos sonham nas gentes e em tudo que vibra a vida, gerando efeitos imprevisíveis. Muitas vezes, mesmas vogais e fonemas, por exemplo, acontecem como sementes sonoras que proliferam multiplicidade das distintas e diversas línguas-mães. A oralidade e a musicalidade enquanto modo nano-afetual de conhecimento pindorâmico, bem como os en-cantos das águas barreanas, afirmam de maneira vibrante os acontecimentos cósmicos das incalculáveis corpas de Pacha.

Para Maffesoli, um *saber incorporado* carrega múltiplos sentidos e, buscando sintetizar, ressalto (1) o de que todo saber acontece diretamente através da experiência do corpo; (2) o de que essa experiência do saber acontece sinesteticamente, ou seja, sem como separar os sentidos corporais em cinco, seis, doze ou mesmo eleger um pretense sentido isolado; (3) o de que este saber e este arranjo corporal são inseparáveis da inteligência intuitiva, da memória coletiva, da memória ancestral, do *trajeto antropológico* (Durand) e dos territórios que os compõem. Além disso, em minhas musicalizações andarilhas com Manoel, compreendo que o saber pode ocorrer tanto por contaminações perceptivelmente sinestésicas, como por osmoses, simbioses e c(a)osmoses afetuais e nanofísicas. Em quaisquer casos, tais contaminações possuem qualidades vibratoriamente e ressonantemente musicais. Ainda que, de acordo com as imprevisibilidades dos caminhos, tais qualidades possam, muitas vezes, ser

incapturáveis, a chance de serem percebidas depende e muito de uma educação que considere a *experiência* e o *sentido*. As instâncias cósmicas da experiência e do sentido é que vão fazer vibrar *o grau de encantamento* (Barros) da vida.

Segundo Larrosa Bondía, a *experiência* perdeu espaço, sendo abdicada pela sociedade moderna em detrimento do (1) excesso de informação, (2) da fabricação da opinião pelo periodismo, (3) da falta de tempo inventada por estes e outros mecanismos, (4) pelo estado permanentemente excitado, incapaz de silêncio, (5) pela velocidade de consumo e pelo excesso de trabalho, inclusive na escola adultocêntrica. “Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença...” (Barros, M.I.A.I., 2010:47). Declarando não prestigiar *trem de ferro* e *estrada* pronta, a nano-afetualidade das transmigratórias e imprevisíveis “nadezas” barreanas, é capaz de nos seduzir pelas surpresas de trilhas musicais cheias de oportunidades num tempo-outro, como o tempo do sonho, do devaneio ou o tempo de Kairós, indo de encontro com a possibilidade de uma educação cosmonômada, movida pela experiência cosmocorporal considerando-a em sua complexidade carnal e sensivelmente cosmótica. Por essas e outras que nessa escrevivência não se pretende a utilitarismos e a pressa da visão ultra-iluminada. Não pretende a velocidade da luz do pensamento objetivista e utilitarista. Não ocorre pela dicotomia problema-solução, mas busca errância nas forças oníricas dos potenciais en-cantamentos não romantizados. Escrevivência que não intenciona focar em didáticas de ensino, metodologias de aprendizagem e cartilhas prontas. Ela vai acontecendo nisso de se chocar vulneravelmente aos arranjos vivos dos territórios da educação, num amplo, comunitário e nano-afetual sentido do termo, pelas múltiplas contaminações das errâncias convividas sem cânone, conteúdo programático, sistemas adultocêntricos, antropocêntricos, desejo de controle e imperativos da linguagem. Mas pelos potenciais en-cantamentos da autonomia do sensível. Autoformação de sensibilidade por saberes cosmo-corporais e cosmo-nômades que só acontecem nas trilhas vivas e inevitavelmente cosmo-coletivas.

Afirmando movimentações cósmicas, é que a corpoética barreana se percebe em proliferação de acontecimentos e se sujeita à experiência pela vulnerabilidade, pelo risco, pela ordinariedade, pela errância, tanto pelo nomadismo dos sentidos como por



sentidos cósmicos de nomadismos, criando *desobjetos* por cosmopercepções não utilitaristas, não instrumentalistas, metamorfoseantes, sempre em composições inacabadas, por decomposições vivas. “O poema é antes de tudo um inutensílio. / Hora de iniciar algum / convém se vestir roupa de trapo. / Há quem se jogue debaixo de carro nos primeiros instantes. / Faz bem uma janela aberta uma veia aberta (...)” (Barros, 2010:174). “*Trapó, s.m.* / Pessoa que tendo passado muito trabalho e fome deambula com olhar de água suja no meio das ruínas / Quem as aves preferem para fazer seus ninhos / Diz-se também de quando um homem caminha para nada” (Idem, 2010:183). “(...) Estou apto a trapó! A gente é rascunho de pássaro. Não acabaram de fazer...” (Idem, 2010:152).

Barros evidencia que o nomadismo não se faz sem errância. “É precisamente isso que não se pode esquecer sobre a errância: a inclusão em um conjunto global, seja comunitário ou natural. (Maffesoli, 1997”162). Pelas natuculturas microfísica e vibratoriamente comunitárias, e para além de considerar a existência sempre como fenômeno precariamente inacabado, a poética barrena está a todo instante vibrando metamorfose por uma pluralidade cosmótica que não cabe nas pretensas fixações coloniais impostas para a ideia do “si”, exercendo nomadismos cósmicos por ser sempre estrangeira de esbarrar em incalculáveis diferenças, arranjando-se delas por múltiplas contaminações nano-afetuais, mesmo que as linhas pareçam duras, fractalizando assim os contornos aparentemente rígidos. “O racionalismo teve por hábito separar, distinguir e hierarquizar. De resto, é de se notar que justamente o fato de situar as coisas em perspectiva global é que dá um outro sentido à noção de estrangeiro.” Os nomadismos barreanos se arranjam estrangeiros do en(sí)mesmamento, em fluxo de intensa alteridade proporcionada por negociações cósmicas da transmutação com tudo que vibra vida nos caminhos, colocando-se em andarilhamento sem *trem de ferro* e *estrada pronta*, vagabundeando sem os atalhos do individualismo. Para além da ideia do “si”, do “sujeito” ou da soberania do indivíduo, a poética barreana segue pela metamorfose. Uma prática tão cosmicamente comunitária, nanomaterial, vibracional e biocêntrica, quanto as diplomacias cosmopolíticas de xamãs. A poética barreana acontece afirmando miudezas e invisibilidades materiais que vibram no grande jardim coletivo que a vida vai sendo, mas desestabilizando a lógica endogâmica. Pois trata-se de um grande jardim

de multiplicidade nano-afetual. Uma lógica nano-afetualmente multigâmica. Assim, o desejo individual no corpo social ou uma entonação mais específica pode (en)cantar por uma dimensão tanto mais vasta quanto hormonalmente elementar, vibracional, musical, sem se satisfazer apenas pela monotonia da repetição, mas pelo êxtase da repetição nas errâncias sensíveis de uma aprendizagem diretamente contaminatória e metamorfoseante, por múltiplas afetações jamais encerradas no pensamento figurativo e demais virtualísticas do enfrontamento. Nas errâncias das encharcadas terras barreanas, as pretensas fronteiras se dão como “territórios flutuantes” (Maffesoli) de múltiplas travessias, como a ‘corpa-pacha’, onde as matérias vivas sonham, vibram e movimentam gerundiamente o que chamamos de imagem. É por essa imaginação material e vibracional que o ventre pantaneiro nomadiza a vida fazendo-a vibrar a todo instante, em proliferação de multiplicidade por intenso fluxo de metamorfoses. Uma nomadização das ideias fixas ao afirmar nomadismo enquanto fenômeno cósmico de metamorfoses. Nomadizar e metamorfosear quase como sinônimos. Uma errância que se compõem para além da aprendizagem do outro, mas pela aprendizagem dos inúmeros arranjos, desarranjos e rearranjos de cada ‘corpa-pacha’, vibrando nisso de fissurar a ideia do enclausuramento daquilo que o colonialismo dicotômico instituiu como sendo “o outro” ou o “si”. A fuga nano-afetual e não-essencialista do en(si)mesmamento é sempre uma oportunidade nômada, xamânica e, evidentemente, estética de (re)mediar afetos, ou seja, de desestabilizar o suposto si individual para acontecimento inevitavelmente cósmico da pessoa, permitindo às nanopotências da vida vibrarem. Tudo por acontecimentos e arranjos desantropocentricamente nano-afetuais. Nano-afetualmente multigâmicos, contaminantes, transmigratórios e transmutacionais. Nessa cosmodiplomacia nanoafetual, Barros então vai restaurando a mobilidade e a impermanência de tudo, nisso de escutar “desobjetos” entoarem cosmozes de múltiplos afetozinhos en-cantados pela precariedade do “si” no cacofônico *concerto a céu aberto para solos de ave*, onde a “estética do ordinário” (Campos, 2010), “o provisório, o precário, todas as coisas próprias dessa aventura individual, tendem a fortificar o corpo coletivo e lhe são necessárias”. (Maffesoli, 1997:158). Pela permanente experiência do nomadismo nas imprevisibilidades dos caminhos, é que a todo instante acontece a oportunidade de se perder sensivelmente e se (re)encontrar enquanto arranjo

cosmo-comunitário. Bastante intenso e paradoxalmente pouco reconhecido na contemporaneidade, aí vibra o nomadismo em uma de suas tantas entonações. “Nelas, ainda, o cosmopolitismo, o gozo de um modo plural, a efervescência festiva são como tantos momentos fortes marcando os fenômenos da errância”. (Idem, 1997:158). Ainda que cercado de grades, moradas neocoloniais de planos assepticamente elevados e pesadas estruturas de uma imaginação virtualística, mesmo assim, no cosmopolitismo o nomadismo transborda. Assim é também, pelo sentimento contemporâneo, que a poética barreana en-canta. Por entonações cosmicamente nômadadas, ou seja, pela metamorfose da errância nano-afetual capaz de cacofonizar pretensas fixações de mundos, de identidades e de coisas. É por essa qualidade de errância que a fenomenologia afirma-se por caminhar com o fenômeno sem apego a conceitos pré-concebidos e pelos sentidos de um olhar primordial vibrante como o da poética barreana, entoando uma sabedoria das inúmeras culturas do *selvagem*. Obviamente que “conceituação” e “percepção” são inseparáveis. Mas a poética pachamâmica de Barros afirma o desapego tanto ao excesso de pensamento como à exclusividade da percepção. Como afirma Luã Apyká (Guarani) a respeito da sabedoria das águas, os rios fluem por conhecimento ancestral. Mas a imagem de um rio sempre cheio é fantasiosa, antropocêntrica e colonial. Assim também é a imagem de um riachinho sempre com pouca água, com o se ele não variasse a todo momento e não tive períodos de cheia. Quando o rio entra em período de baixa, é que há a oportunidade de con-fluir com a sabedoria de novas-velhas águas, no encontro com o tempo das chuvas, por exemplo. É preciso esvaziar um pouco nossa bacia de conceitos binários para continuar os cursos vivos do conhecimento cósmico.

Pretensas dimensões se desdicotomizam na caminhada com Barros por uma capacidade cosmicamente selvática de estar sempre parindo potências originárias nas culturas produtoras de vida e de subjetividade. É na cosmicidade da fruição, nas contaminatórias transmigrações nano-afetuais e no nomadismo dos sentidos que a percepção vai nomadizando tudo que pode parecer estável ou tenha sido colonialmente coisificado, de modo a afirmar a metamorfose sempre em curso e arranjada dos mistérios do curso. A percepção é de fato tão limitada quanto as hiper-iluminações sobre os mistérios da vida. Estas últimas ofuscam as vibrações vitais com o excesso de explicação iconoclasta, abstracionista, em síntese, virtualístico. Mas não basta aceitar as

inevitáveis incapacidades da percepção de modo a torná-la menos importante para uma epistemologia. Ainda mais em se tratando de epistemologias pachamâmicas e nômadicas que ressoam do saber cosmocorporal de Barros. Sem objetivismo, nem classificar ninguém como “aluno” – *alumni*, ou seja, “sem luz” –, as nômadicas desregragens de Barros, excessivas por marginalizadas derivas c(a)osmóticas, dão passagem à metamorfose pachamâmica, ocorrendo enquanto sábias nascentes e velhas aprendizes da fruição pelas profundas *iluminuras* (Barros) do *bem viver. Lumina profundis* nisso de perceber e afirmar as fontes vivas de contaminações que fazem a percepção vibrar em plenitude. Sábias-nascentes-velhas-aprendizes ou velhas-nascentes-sábias-aprendizes de uma educação cósmica, sem a dicotomia professor-aluno, pelos nomadismos da inevitável cacofonia que a vida vai sendo nas trilhas da metamorfose pela multigamia nanoafetual. É significando tal fenômeno na (con)vivência dos afetos que Barros dá ‘andarilhamento’ à autonomia da sensibilidade cósmica – cosmocorporal e cosmonômada – pelas percepções dessa educação comunitária ao invés de objetivar pretensas descobertas com explicações causais e mecanicistas. Uma educação que compreende o “senso comum” não como ausência de sabedoria, mas como princípio de fruição na dança cósmica da vida que é a metamorfose.

Pacha é uma corpa nano-afetualmente viva e composta de múltiplas afetações, arranjos sociais, modulações cosmocorporais e entonações imprevisíveis. É apenas a partir da experiência inevitavelmente (con)vivente na fruição da vida que o conhecimento pode ocorrer, bem como, a *invenção do cotidiano* (Michel de Certeau) e a invenção da realidade sem negligenciar as partilhas materiais e vibracionais da sensibilidade, assim também como tudo que ficou “confinado na esfera da vida privada. Permanecendo na mesma ordem das ideias, isso permite fazer sobressair a importância da dimensão estética da vida social.” (Maffesoli, 1998:120). Importância de *transver* (Barros) a vida, permitindo com que o que entoa um passarinho vibre pela voz vegetal de um artista. Transcrição que ocorre por co-criar composições sempre co-implicadamente coletivas, sem autoria individualista. Uma frase de alguém vibra incalculáveis vozes – inclusive biocentricamente ancestrais – e termina já em algum outro arranjo contaminado deste arranjo-alguém que é sempre intermediário, sempre

ambiência de uma paisagem, corpo enquanto Pacha, Pacha enquanto corpa, tudo na fruição que não cabe na virtualística.

Sem negligenciar cantautorias nanomateriais e vibracionais das experiências (con)vividas, cosmopercepções pachamâmicas em múltiplas contaminações barreanas com as escutas desta caminhada pedem uma transfiguração do olhar colonial, fractalizando as pretensas fronteiras da ideia de sujeito-objeto através de cosmopercepções mais que microcómicas, e sim nano-afetuais e en-cantadas, para as solidariedades entre os arranjos vitais desobedecendo a excessiva afirmação do “porque”, da dicotomia causa-consequência e do “o quê”. Os passos ganham andamento e se proliferam polirritmicamente pelo sonho, pelo devaneio e pela poética interrogativa na escuta errante do “como”. “Com efeito, é o “como” que permite que aquilo que anteriormente não era senão possibilidade se atualize e se torne realidade.” (Maffesoli). Então Barros nos leva pelo “como” enquanto modo primordial de conhecimento. O “como”, nem precisa ser respondido, mas já é a experiência em ‘andarilhamento’. Modo de sua poética pachamâmica experimentar a con-vivência cósmica e o devaneio das nanoafetações, afirmando com isso instâncias cósmicas arranjadoras de incalculáveis corpas enquanto arranjos de Pacha. Pacha se expressa com os múltiplos arranjos de cada uma das incontáveis corpas. Mais do que corpos cristalizados e de contornos fixos, Barros afirma arranjos líquidos e nano-afetuais como a corpa-água do parente chamado rio ou a caminhada cosmicamente corporal das ‘corpáguas’ que vamos sendo co-implicadas nano-afetualmente da Corpa-Pacha. A ligadura da água está na sabedoria son(h)ante da gotícula, e não no olhar objetivo para a superfície de um rio. Ou seja, a cosmicidade da água é um efeito sempre imprevisível da realidade que ela co-inventa a partir de suas forças oníricas na composição fruidoramente en-cantada e sempre cosmo-coletiva da vida.

O elemento água, essa cola do mundo, pode criar incontáveis e imprevisíveis arranjos. “O fato de atar-se aos fenômenos requer uma verdadeira ascese, aquela que recusando a facilidade do céu das idéias, ou dos conceitos abstratos, permanece enraizada no aqui e agora.” (Maffesoli, 1998:199). Não há outro modo de viver se não já como arranjo vivo de arranjos co-implicados. O próprio ar arranja músicas que quase sempre são pandêmicas nessa corpa-pacha excessivamente aquática em que tudo já

acontece cosmicamente ligado por múltiplas entonações. Uma verdadeira cacofonia polifônica com muitos potenciais e convividos instantes de harmonia dissonante e polirrítmica. Murmurando que “a água lírica dos córregos não se vende em farmácia” (Barros), os c(a)osmóticos ‘andarilhamentos’ da poética barreana vibram o metamorfoseante ventre de Pacha desde suas águas subterrâneas, praticando sensíveis nomadismos de uma educação por en-cantamentos do que se entende por *pharmakon* pelos povos originários da grécia antiga e do que se entende por *xamanismo* tanto pelos antigos altaico-mongóis como pelas diversas gentes de Abya Yala, Pindoretá e Nhe’ery. Assim como num ritual vibrantemente en-cantado, complexas entonações serpenteiam raízes errantes nas dinâmicas movimentações curandeiras do *Tekó Porã* (filosofia do bem viver; do viver em plenitude), sabendo que, em toda composição viva, a errância é uma espécie de assessora do imprevisível pela humildade do húmus, transfiguradora do corpo colonizado por uma cosmicidade biocêntrica, nano-afetualmente vibratória e c(a)osmoticamente aquático-musical. Assessora do sensível, essa educação barreana é nômade justamente “pelo próprio fato de não pretender esgotar o mistério do ser” (Maffesoli, 1998:119). De não compartimentar a vida ou querer iluminar alguma suposta essência oculta que estaria pretensamente controlando as movimentações ou justificando os sentidos para a vida. O nomadismo barreano então se arranja por vibrar diretamente, cosmocorporalmente, a vontade de viver sem a dicotomia corpo-espírito, (re)conhecendo sensivelmente a c(a)osmicidade pela fruição das pulsações vitais que vão se multiplicando e desestabilizando a ideia fixa de “indivíduo”. Algo muito conectado com o *Sumak Kawsay* – modo quíchua mais difundido em Abya Yala para expressar o que meus ancestrais guarani sempre chamaram de *Tekó Porã* (filosofia do bem viver; do viver em plenitude). *Pacha* – para povos de Abya Yala – ou *Nhandetsy* – para quem é guarani – já oferece essa plenitude cosmicamente cultivada. Pacha ou Nhandetsy já é um paraíso-mãe-matriz da matéria en-cantada. Mãe-paraíso nada etérea e virtualística, e sim uma grande corpa elementar e vibracional onde se vive bem e não se pretende evolução. Não precisa imaginar a vida pelas dicotomias do “evoluído/não-evoluído”, do “sujeito-objeto”, do “corpo-alma” e do “corpo-mundo”.

O nomadismo, assim, é um exercício de ser melhor, de estar bem. O que o aproxima do hedonismo, que é preciso não entender, claro, em seu sentido trivial, como a busca de um gozo vulgar e egoísta, mas como aquilo que permite um ampliação de si para

qualquer coisa de maior, englobando a terra e seus frutos, os outros, o mundo em sua globalidade (...). (Maffesoli, 1997:153).

Importante salientar que, na poética pachamâmica de Barros, tal cosmicidade corporal não é afirmada pela ideia de uma “essência” ou de um “si” que se expande. Amplitudes e contrações ocorrem sim a todo instante, mas pelas oportunidades nano-afetuais das movimentações cósmicas. Pelos arranjos nano-afetuais que vamos sendo, ou seja, por uma incalculável multiplicidade de nano-afetual que bem sabem as xamãs para além da ideia de “indivíduo”. E no caso da ‘comunidade-pessoa’, pelos nomadismos nano-afetuais que a arranjam enquanto fenômeno vivo. Comunidade-pessoa enquanto arranjo de incontáveis pulsações en-cantadas. É bem do que se trata o ‘andarilhamento’: saber cosmonômico de nas pretensas fronteiras ou nas encruzilhadas dadas, provocar múltiplas contaminações afetivas pelas movimentações cósmicas, fractalizando tudo na potência vital. Ir se movendo enquanto fractais de fronteiras vivas. Acontecer enquanto fractais que vão vibrando imagens (con)vividas pela complexa materialidade nano-afetual – para além de microfísica – dos (en)cantos e (re)cantos. “Só a alma atormentada pode trazer para a voz um / formato de pássaro. / Arte não tem pensa: / O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. / É preciso transver o mundo.” (Barros, 2010:349). O cosmonomadismo dessa transvisão barreana fractaliza o corpo colonial/colonizado pelas inevitáveis transmutações com a cacofônica música da vida, não (re)unindo o que supostamente foi pretensamente separado, mas (de)compondo expressões, arranjando a vida pelo *corpo fônico* (Barros, 2010:363) de *despalavras* barreanas ou combinando termos de sentidos, à priori, não harmônicos, que podem parecer excluir-se mutuamente a escutas apressadas, mas multiplicam suas possibilidades de arranjos por reforçarem potências elementares, hormonais, nanomateriais, físicas, vibratórias e musicais – ou seja, nanoafetuais – de sua “língua mãe” (Barros, 2010:475). A musicalidade, a fruição cósmica, a diversidade e todas as entonações vibrantes das cosmopercepções ameríndias são evidentemente compositoras dessa língua mãe barreana. Uma língua mãe ancestral, nano-afetual e proliferadora de línguas. A *linguagem de rãs* e o *silêncio de concha* podem sim ressoar obscuras clarezas e músicas silenciosas sem *iluminismo catequético* (Ferreira-Santos), como a música silenciosa que vez ou outra pode ser o *nhe'ẽ* na *rede emanatória* (Jecupé) de

*Nhe'ëry*, ou mesmo às pulsações vitais de *nhe'ë*, 'tytypensando' ao fazer som insonoro nas contínuas e primordiais movimentações cósmicas e afirmação desses fluxos sempre nascentes de andarilhamentos gerundiantes por tornar presentes o presenteísmo não dicotômico da fruição barreana em sua *ascensão à infância* (Barros). "Aí está bem delimitado um imaginário da errância que dá ênfase à vida em seu perpétuo recomeço: uma vida sempre e outra vez antiga e atual". (Maffesoli, 1997:108). Presenteísmo necessário ao nomadismo que insepara vibrações sem a ideia colonial da contradição para caminhar no vasto cosmos das sensações. Bem o que ocorre pela noção afro-ameríndia de ancestralidade que está a todo instante se atualizando pelas metamorfoses da caminhada vital. "Já mostrei em algum lugar o que essa transcendência tem de imanente. Sempre o oximoro ou o paradoxo. Nesse assunto, isso leva ao *território flutuante*, não um território que invoque um simples enraizamento, mas que se refira a algo de mais complexo (...): um *enraizamento dinâmico*." (Maffesoli, 1997:152). Os (en)cantamentos flutuantes das águas barreanas, bem como do seu pantanal ameríndio, ambos inseparáveis da contemporaneidade, modulam as frequências que compõem a "agramática" (Barros) de nossa caminhada autoformativa com a cosmicidade corporal desse Manoel avesso a manual. Em seus nomadismos, prefere a desinformação do sujeito sem olhar apegado a formas e suas pretensas cristalizações virtualísticas. Segue pela autoformação enquanto errante autonomia das movimentações moleculares e da materialidade onírica dos en-cantamentos. Numa palavra: Autoformação nano-afetual. Vibra nano-afetualmente por metamorfoses girinas em proliferação de linguagens errantes conforme compõem corpas em *guata* cosmo-comunitária na inevitável e afirmada convivência das múltiplas entonações da vida. Isso diz de um trajeto autoformativo de natuculturas selváticas por múltiplas contaminações nano-afetuais e biocêntricas. É o mesmo que faz o andarilho urbano, ainda que carente da abundância de fontes diretas das natuculturas, mover-se conectado pelas pequenitades vivas da caminhada que, mesmo nas grandes urbes, pode acontecer pelas culturas vivas da "corpa-pacha". Assim, em qualquer lugar, na cacofonia das pulsações vitais, o nomadismo se faz por uma educação cosmonômada na medida em que vibra (en)cantamentos capazes de incalculáveis movimentações. Encantamentos da metamorfose que muitas vezes pode ocorrer de maneira caosmótica para a visão mais



ocidental – enquanto que para cosmopercepções pachamâmicas, a metamorfose ocorre em afirmação ‘cosmótica’. Palavra inexistente. Palavra que vai surgindo com a invencionática barreana. Pois, “tudo que não invento é falso” (Barros, 2010:345). Enquanto Barros vai permitindo a desestruturação da ideia eurocêntrica de verdade contaminando sentidos aparentemente cristalizados, vamos dando passagem a palavras sempre provisórias. Palavras que jamais pretendem suplantam outras, muito menos entre distintas culturas. Mas provocar confusões vitais. O que poderia parecer impossível ou fantástico então, se apresenta como fenômeno de en-cantaria capaz de ultrapassar os impasses coloniais,

(...) ultrapassando as separações, distinções, cortes sociais ou epistemológicos dos quais o pensamento ocidental tem feito um uso constante. Quebrando o enclausuramento individual, restaurando a mobilidade, a impermanência de todas as coisas, ultrapassando as estabilidades identitárias, sejam elas profissionais, ideológicas, sexuais, a errância volta a dar vida, reanima, em seu sentido estrito, as vidas pessoal e coletiva, feridas, reprimidas, alienadas em sua concepção racionalista e/ou econômica do mundo, da qual a modernidade tinha feito uma especialidade. A errância, em consequência, restaura uma visão mais flexível, mais natural, mais ecológica da realidade humana. (Maffesoli, 1997:162).

Maffesoli fala sobre a “tribalização do mundo” pela corpa da contemporaneidade. Ailton Krenak diz que a vida é uma dança cósmica. Mircea Eliade se aprofundou na importância do êxtase para as culturas xamânicas, o que ficou conhecido como “práticas extáticas”. Vozes indígenas das diversas etnias continuam vivas pela sábia en-sinagem nano-afetualmente multigâmica nessa caminhada com Barros. Escutando de Eliane Potiguara a Cristine Takuá (maxacali), de Tainara Takuá (guarani) a Olívio Jecupé (guarani), deixando memórias conviventes de minhas bisavós e avó-mãe entoarem múltiplas vozes, conversando com árvores, consagrando rapés, escutateando a dança da *tataĩ* (fumaça) do *petynguá*, dançando nas inevitáveis c(a)osmicidades da vida, seja errando na mata ou encruzilhando as mãos com moradores de rua na urbe cósmica para as grandes cirandas que fazíamos na ocupação *Terreiro Coerográfico* de estudos corporais debaixo do Elevado localizado em frente ao Teatro Oficina de São Pã, atravessado pela rua da abolição sobre a corpa-rio bixiga ou lendo até neurocientistas como Sidarta Ribeiro – que nem sempre são harmônicos com nossa maneira indígena de imaginar –, compreendo que é pelos (en)cantamentos na corpa-tribo que se sonha a vida. E isso só se dá com corpas muito diferentes da fixa

concepção colonial de corpo. ‘Corpas-mátrias’. ‘Corpas-pacha’. Musicalmente falando, ‘corpas-arranjos’ de ‘saber cosmocorporal’ e ‘cosmonômade’ por jamais se cristalizarem.

É no quadro tribal que se vai sair de si, explodir-se e através desse êxtase, comungar com forças cósmicas ou, muito simplesmente, navegar nas redes da internet. Onde havia separação, corte, diferenciação, e isso em todos os domínios, renasce uma perspectiva global, dando ênfase à “religação” das pessoas e das coisas, da natureza e da cultura, do corpo e da alma. É isso que caracteriza bem a religiosidade pós-moderna. (Maffesoli, 1997:149).

Religação que os povos indígenas não precisavam, pois como já me disse tchembo’eá Luã Apyka (amigo curioso pela vida e linguista guarani nhandewa), “*religare* para quê, se os povos guarani nunca estiveram desligados de Nhanderu?”. Lembrando que Nhanderu é a entidade-gravidade, a energia que vibra ligando conexões, inventando nascentes vitais, proliferando multiplicidade. Nhanderu nos deixou o petyngúá (*pety* = tabaco / *guá* = portal) para nossas diplomacias cosmopolíticas.

Maffesoli descreve um *saber incorporado* que não separa sensação e pensamento, sendo erigido através do que ele chama de *razão-sensível*. Ainda que este termo soe dicotômico demais para o ‘saber cosmocorporal’ agenciado pelas cosmocepções ameríndias da poética barreana, bem como para seus nomadismos contemporâneos e cósmicos, vale ressaltar que o pensamento de Maffesoli vibra uma compreensão do sensível não como algo romântico e necessariamente bonito, emotivo, passional ou até mesmo fraco, mas como fundamental qualidade sinestésica, vibracional, ressonante, musical, elementar e nano-afetual pelas forças das corpos-mátrias. Cinestesia e cosmicidade das corpos-pacha para que ocorra a experiência do saber.

(...), que é preciso compreender no sentido forte do termo, isto é, algo que ‘faz’ o corpo social, que o constitui enquanto tal. A memória Coletiva, assim como a ‘inteligência intuitiva’, constituem, de certo modo, um terriço a partir do qual uma cultura pode crescer. Esse terriço vai sendo elaborado pouco a pouco e exige séculos para tornar-se o que é. À imagem de uma ‘bacia semântica’ (Gilbert Durand), em que são os escoamentos das águas que vão progressivamente fazer um rio ao qual se dá um nome, e que drena tudo por onde passa, a memória coletiva vai recolhendo uma multiplicidade de pequenas coisas, que em dado momento vão impor-se com a evidência do hábito.” (Maffesoli, 1998:98-99).

“Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute” (Barros, 2010:198).

Assim, a poética barreana, musicalmente encharcada pelas águas pantaneiras dos Xaraiés, dos Guatós, dos Guanás e Guaranis tão expressados em sua obra, permite aqui perceber que o espaço das relações é a dimensão estética (estésica). E para entender essa dimensão sensível, é preciso sair das palavras, pela experiência das ‘corpas-pacha’, assim como Manoel de Barros busca pegar o “é” ou o “primeiro rumor” da palavra que ainda não nasceu. Assim é que o Poeta compreende (*cum-prehendere*, pegar junto) as diversas pequenas ocorrências pela cosmicidade nano-afetual do dia cotidiano. “Eu queria pegar na semente da palavra”. (Barros, 2010:463). Esse rumor oral, que a palavra escrita não dá conta de conter, transborda cosmopercepções pachamâmicas na poética barreana de maneira cosmo-cinestesticamente musical. Sua poesia guarda a importância da oralidade inscrita em seu meio social (natural e cultural) como forma de conhecimento primordial e global, não separando a parte do todo. Potência musical de sentidos errantes que fazem vibrar uma dimensão simbólica capaz de abrir horizontes entre a vida, a obra, o leitor e as co-implicações da ambiência no espaçotempo, ou seja, a *Pacha* ou arquétipo da Grande Mãe não como cenário, mas como expressão de sua vida e de suas relações sensíveis no meio social. O mundo vivido exige de nós recuperar a experiência corporal, cinestésica e cósmica. O afeto é uma camada formada pela dos sentidos, pela cosmicidade das sensações convividas, das emoções e de tudo que perceptivelmente ou não, afeta. Processos todos interligados na inteireza da corpa-pacha. Portanto, o afeto de um pode ser o afeto de outro. O sentido está em tudo e não num fora. Assim percebemos uma ‘cosmicidade corporal’ ativada por ‘cosmonomadismos’. Ao pesquisar o xamanismo das culturas amazônicas, Viveiros de Castro diz de práticas intercorporais. Merleau-Ponty, por exemplo, fala de uma *intercorporeidade* que ocorre através da *síntese das percepções* (Merleau-Ponty). “Meus ombros emigram de mim para os pássaros. E o corpo foge, roçando nos cactos secos do deserto (...). Os limites me transpõem!” (Barros, 2010:56). Não deixamos de ser natureza ao nos tornarmos humanos nos fundamentos da ordem simbólica. A vida não explica a obra, nem a obra explica a vida. Mas “a busca das raízes para além do tempo e do espaço é, antes de mais nada, outra maneira de compreender a relação com o mundo. Isso pede é claro que se repense a leitura intelectual capaz de compreender tal fenômeno” (Maffesoli, 1998:98).

Barros está a todo instante legitimando a experiência cosmocorporal como cultura, inclusive entre as inúmeras culturas das infâncias, evidenciando distintas e incontáveis práticas cotidianas, manifestações de linguagem, gestos, artefatos, trajetos ancestrais, escolhas antropológicas, mas a corpa barreana não acontece como na visão colonial. Trata-se de uma corpa ambiental, musical, vibracional, elementar, nano-transmigrante, a todo instante sendo atravessada e rearranjada pelas contaminatórias diferenças sem exotificá-las, mas pela plenitude do viver, assim como a corpa-pacha, em intensa proliferação de diversidade assimétrica e constante fluxo de metamorfose. Manoel de Barros manifesta a sensibilidade cosmoperceptiva por um saber cosmocorporal e cosmonômade, afirmando a vida na dimensão simbólica, estética e musical por culturas do selvagem. Portanto, a selva dessa educação barreana não se revela apenas natural ou biológico, mas sim, por uma trajetória cultural, por escolhas e por exercícios de nano-liberdades inventivas movimentadas por uma corpa em eterna construção. *Selvagem* não apenas descritivo, nem por desejos prescritivos institucionalizantes, mas que também se coloca em intenso fluxo conscientemente ativo e afirmativo. “Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo.” (Daolio, 1994:40). E a educação barreana, assim como a corpa-pacha, é velha-aprendiz em perceber suas fontes primordiais de conhecimento, principalmente às sensorio-perceptivas onde se funda o saber, dando oportunidade para a vazão e fluidez de suas potências, sem etnocentrismos ou intelecções excludentes, pelas metamorfoses com as diferenças, considerando um oceano de culturas que garantem amplitude perceptiva e potência sensível por serem conscientes de estarem intimamente e nano-afetualmente ligadas ao que simultaneamente às fazem sempre nascentes. São inclusive os sentidos mais do que reversíveis, sentidos cosmonômades conectados por ‘corpas-pacha’ que permitem tatear o som do azul e anarquizar a palavra escrita, subvertendo costumes. Na poética barreana, até o avô tenta cortar o próprio falo por conta disso. “Não gosto das palavras fatigadas de informar. (...) Só uso a palavra para compor seus silêncios.” (Barros, 2010:13).

*Carrego meus primórdios num andor. Minha voz tem um vício de fontes. Eu queria avançar para  
o começo.  
Chegar ao criancimento das palavras. Lá onde elas ainda urinam na perna.  
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos. Quando a criança garatuja o verbo para falar o*

*que não tem.*  
*Pegar no estame do som. Ser a voz de um lagarto escurecido. Abrir um descortínio para o*  
*arcano.*

MANOEL DE BARROS – O VENTO; ENSAIOS FOTOGRÁFICOS (2010:339)

*Água não era ainda a palavra água. / Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal. As palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição. / Por forma que o menino podia inaugurar / Podia dar às pedras costumes de flor. / Podia dar ao canto formato de sol. / E se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela. / Como se fosse infância da língua.” (Barros, 2010:425).*

O jogo das sensíveis interações da vida cotidiana no espaçotempo afetualmente artesanal chamado Pacha dá sentido aos movimentos que compõem o todo. Vida do ‘agoraqui’ através de corpa-pacha enquanto arranjo sensível da metamorfose. Enquanto os arranjos compositores do que vamos sendo, por múltiplas contaminações, vibram o *vício voval das fontes*. Vida em composição do espaçotempo-pacha em que o futuro existe como uma potência e, dessa maneira, o querer, e o que pode ocorrer pelas imprevisibilidades além do querer, é o sentido colonialmente chamado de “futuro” e que impulsiona sensibilidades simbióticas ou c(a)osmóticas. Pelas múltiplas e sensíveis transmutações e cosmonomadismos nano-afetuais, a Corpa-Pacha e suas incalculáveis corpachas sabem que “o que vai acontecer já está acontecendo”, como tece-escreve a artista Laura Berbert em seus versos-fontes costurados em panos. Aquilo que ficou sendo chamada de “paisagem” acontece enquanto uma dimensão psíquica constituída de forma simbólica e essa dimensão simbólica é mais ou menos partilhada. Não há como conhecer completamente a experiência da corpa “do outro”. Até porque “o outro” e a posse “de” uma corpa por um alguém são ficções coloniais que, apesar de tecerem a realidade da vida contemporânea, não se sustentam cosmicamente para as natuculturas. A carne viva, as pulsações vitais e os arranjos vibracionais, inclusive do pensamento, que se dão por acontecimentos microfísicos, nano-afetuais e en-cantados, ou seja, essa encarnação cósmica, são os meios em que a vida cotidiana, a consciência e toda essa experiência ‘corpambiental’ possa acontecer, bem como os jogos na vida cotidiana e as derivas das fases de trans(mutação) e trans(formação) promovidas através de afinidades sensíveis, portanto, não de forma abstrata, lembrando que neste processo há muitas ocorrências de caráter imperceptível. As diferenças, os conflitos e os arranjos afins se contaminam, formando novas corpas sempre provisórias. ‘Corpambiências’. Nessa

c(a)osmicidade cosmonômada, a minha alegria pode ser a alegria de outres. A *psicologia da forma* pela *gestalt* descreve que o conjunto de relações pode ser estável ou perturbado. Conjunto que aparece quando os elementos estão em interação sensível. Tudo isso através dos movimentos de aproximação e diferenciação que se dão nas relações. E assim, a sensibilidade não vai ser compreendida como algo que pertence ao indivíduo, mas só faz sentido no jogo das interações sensíveis no lugar de experiência onde a pessoa acontece, ou seja, na vida cotidiana. Nesse sentido, há uma continuidade entre uma pretensa “nossa existência” e do que ficou batizado como “paisagem”. Há uma ambiência arranjada de múltiplas ambiências. Há continuidade em relação ao que está arranjando um “si mesmo” em determinado ‘instante-caminho’ e não como ruptura em relação a fixação de “um outro”. O que se costuma dizer como “meus movimentos”, na poética pachamâmica de Barros, acontecem enquanto movimentos da ‘corpambiência’. A corpa-pacha então também se dá como ‘corpambiência’. Toda corpacha vai acontecendo como expressão da corpacha. Nesta caminhada com Barros, ‘corpacha’ para além de um pensamento colonial exacerbador do indivíduo. O espaçotempo da vida cotidiana proporciona a forma, a dimensão social, o processo e a história. A pessoa só consegue acompanhar a passagem de uma forma para outra através da vida cotidiana na corpa-espaçotempo chamada Pacha. Isso diz da noção de *totalidade* estruturada na fenomenologia, aprofundada por Merleau-Ponty em uma publicação de 1938 chamada “A Estrutura do Comportamento”. Nela, a partir das intensificações das relações de ordem simbólica, vão se desenrolando outras questões. Merleau-Ponty dizia que para perceber as transformações de uma história, o pensamento imaginativo é que une as formas (supostamente) separadas. Mas Barros evidencia que as formas, antes de mais nada, são composições intensamente vivas, complexas, simbióticas a c(a)osmóticas. Podemos compreender que por essas composições é que a memória também é operada pela imaginação. A partir de como a ‘corpa-arranjo’ se expressa no dentro de tudo que é a co-implicação da vida, consegue-se intuir o sentido de sua transformação, metamorfoseando-se sensivelmente. Esse movimento, também vai de encontro com a destinação maiêutica (parideira) da educação, descrita por Marcos Ferreira-Santos, em que segundo ele, *aprendiz-mestre* e *mestre-aprendiz*, em incessantes trocas de posição, permitem fluxos a potência de vida, sem cânone, hierarquia e, ao

modo pachamamicamente barreano de afirmar, sem antropocentrismo. E é num sentido amoroso, cosmicamente nano-afetual de multigamia, que sensíveis, contaminantes, múltiplas e incalculáveis afetações interagentes do *bem viver* de Abya Yala nada têm a ver com a ideia colonial de *bon-vivant*. Se este é produtor monocultural de mercadoria e necrocultura, o primeiro é produtor de vida e multiculturas vitais. Tudo por múltiplas aprendizagens desantropocentricamente cósmicas e nano-afetualmente cosmocomunitárias.

*Ali me anonimei de árvore. Me arrastei por beiradas de muros cariados (...) Achava que a partir de ser inseto o homem poderia entender melhor a metafísica. Eu precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava. Naqueles relentos de pedra e lagartos, gostava de conversar com idiotas de estrada e maluquinhos de mosca. Caminhei sobre grotas e lajes de urubus. Vi outonos mantidos por cigarras. Vi lamas fascinando borboletas. E aquelas permanências nos relentos faziam-me alcançar os deslimites do Ser. Meu verbo adquiriu espessura de gosma. Fui adotado em lodo. Já se viam vestígios de mim nos lagartos. Todas as minhas palavras já estavam consagradas de pedras. Dobravam-se lírios para os meus tropos. Penso que essa viagem me socorreu a pássaros. Não era mais a denúncia das palavras que me importava mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entradas. Foi então que comeci a lecionar andorinhas. (Barros; 2010:323-324).*

*(...) O menino contraiu visão fontana. (Barros; 2010:425).*

*Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores. Faz comunhão com as aves. Faz comunhão com as chuvas. Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios, com os ventos, com o sol, com os sapos. Falar a partir de ninguém, faz comunhão com borra. Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos. Falar a partir de ninguém ensina a ver o sexo das nuvens / E ensina o sentido sonoro das palavras. Falar a partir de ninguém Faz comunhão com o começo do verbo. (Barros: 2010:384).*

Um saber cosmocorporal de Barros ocorre por algumas compreensões que vão vibrando nesta escrevivência, sendo melhor reunidas ao final do segundo capítulo. Apenas considerando a vida em sua inteireza c(a)ós mica é que será possível escutar a poética barreana sempre afirmando a incontornável metamorfose da vida por nomadizantes entonações ameríndias que se multiplicam em incontáveis metamorfoses. “Incontáveis” e “incalculáveis” são termos que habitam essa escrita a todo momento, pois de fato é impossível calcular o número, a tessitura, a intensidade e o alcance das contaminações cósmicas e metamorfoses ressonantes da poética pachamâmica de Barros. “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá mas não pode medir

seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.” (Barros; 2010:340-341).

Tais contaminações metamorfoseantes ocorrem pela dimensão dos encantos. Encanto não como algo fantástico ou sobrenatural. Mas (en)canto no sentido musical, microfísico, vibrante e principalmente nano-afetual da própria expressão. A poética barreana acontece por ressonâncias dos primórdios da vida. “A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens.” (Idem; 2010:458). Além do mais, “pra meu gosto a palavra não precisa significar — é só entoar”. (Idem; 2010:458). Os mitos de origem ocorrem inseparavelmente da música, até porque também pulsam de maneira cíclica na vertigem rítmica da dramaticidade. E as *encatarias* dos povos amazônicos, por exemplo, não ocorrem senão sempre embaladas por vibrações musicais. A música é inseparável de tudo que acontece em qualquer aldeia de nossa Abya Yala. Todo mito é música em ‘andarilhamento’. Sua base cíclica pode continuar sempre a mesma, mas vai ganhando diferentes arranjos conforme as contaminações cósmicas da andarilhagem. Música, corpo, alimento, saúde, cura, território, floresta, aldeia, afeto, plantio, festa, funeral, trabalho, negociações, autonomia, errância, nudez, comunidade, bem viver: tudo isso, muitas vezes, é cosmicamente uma corpa só, uma corpa-música só, mesmo que cacofônica.

É preciso escutar as sutilezas e peculiaridades das trilhas musicais em Barros. Ele está sempre embalando o polirritmo de sua poesia, conduzindo o andamento de múltiplas nano-afetações cosmocorporalmente nômadas e c(a)osmóticas. Isso é sobre o ‘andarilhamento’ barreano. Para além de uma reversibilidade de sentidos, está sempre se apresentando nas ocorrências transmutantes das *comunhões* (termo barreano) evidentemente desmedidas pela percepção poético-barreana que, distraidamente insiste em nomadizar — ou seja, metamorfosear — pretensos sujeitos, objetos, paisagens, relações, verdades e valores instituídos, fazendo de supostas fronteiras, vivos e complexos fractais da vida de um uno carnal, cósmico e, com Barros, c(a)osmótico. C(a)osmicidade necessariamente afetual por afetações que ocorrem de maneira perceptivelmente sinestésica, nano-material e incapturavelmente nanofísica, feita a indomável música, muitas vezes invisível, das águas pantaneiras. Afeta pelo tato do imaginário e, como a corpa-pacha, escapa também a qualquer tentativa de fixação feito



o *Catador* ou o *Xamã* (personagens barreanas). Soltando os arranjos vivos das ‘corpachas’ pelos devaneios com a matéria é possível imaginar “O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA” (Barros; 2010:469) conseguindo realizar tal proeza. Mas ela só acontece justamente ao evidenciar de maneira fluída, indomesticável e mutável que a água, enquanto elemento-hormônio de forças oníricas, proporciona poeticamente — portanto de maneira oniricamente nano-material e en-cantada — a tudo que antes de se conectar por ele, já acontece co-implicado dele. “(...) A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos. A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água. O mesmo que criar peixes no bolso. O menino era ligado em despropósitos (...)” (Idem; 2010:469). Assim, a poética barreana expressa ligaduras por peraltagens que acontecem dentro de tudo que co-implicadamente é a vida, participando do todo da vida, sem separação de nada e, como acontece faz com *Xamã*, *Bernardo*, *Índio Terena*, *Guató* e demais personagens barreanos que a todo instante fazem negociações cósmicas e cosmonômadas com as forças das ambiências, sendo “(...) capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor! A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens. E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.” (Idem; 2010:469).

Entoando versos de Barros, percebo que seus despropósitos acontecem por já terem ultrapassado algum esforço por (re)ligamentos de tudo, não apenas pelas angústias às pretensas cisões modernas e insistências necroculturais do que é chamado de pós-modernidade, mas entre um silêncio e outro, por afirmar escutas de imaginários pachamâmicos por um espaçotempo matrialmente cósmico, logo não colonialmente dicotômico ou binário, através da multiplicidade de pulsações em ‘existidura de deslimites’. “Meus ombros emigram de mim para os pássaros. E o corpo foge, roçando nos cactos secos do deserto (...) Os limites me transpõem!” (BARROS; 2010:56).

(...) Caminhei sobre grotas e lajes de urubus. / Vi outonos mantidos por cigarras. / Vi lamas fascinando borboletas.  
E aquelas permanências nos relentos faziam-me / alcançar os **deslimites do Ser**.  
Meu verbo adquiriu espessura de gosma. / Fui adotado em lodo. / Já se viam vestígios de mim nos lagartos.  
Todas as minhas palavras já estavam consagradas de pedras. / Dobravam-se lírios para os meus tropos.

Penso que essa viagem me socorreu a pássaros. / Não era mais a denúncia das palavras que me importava mas a parte selvagem delas, os seus / refolhos, as suas entraduras. Foi então que comecei a lecionar andorinhas. (BARROS; 2010:323-324 – grifos meus).

É lecionando andorinhas e linguagens de rãs de intensa sensibilidade simbiótica e transmutacional, jamais ignorando a dimensão musical, sinestesicamente sensível-carnal e cosmocorporal das ‘corpachas’, que a poética barreana torna-se c(a)osmótica andarilha para além do que a colonialmente se entende por corpo, e até mesmo por “corporeidade” e “corporalidade” quando cosmopercepções indígenas não estão sendo de fato afirmadas ou quando tais noções, ainda que potencialmente vibrantes com as epistemologias pachanômadas, muitas vezes acabam por ser acompanhadas de uma epistemologia excludente. Mas o saber cosmonômade, que afirma misteriosas movimentações do imperceptível sem a ânsia de revelá-las e desvitalizá-las, também se encanta por nomadismos dos sentidos na multiplicidade de arranjos cosmocorporais de Pacha. Entre tantas possibilidades nanoafetuais e vibracionais de cosmonomadismo, é também sobre essa instância cinestésica de cosmonomadismo a prática do saber cosmocorporal. “(...) A quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso. Caracóis não aplicam saliva em vidros; mas, nos brejos, se embutem até o latejo. Nas brisas vem sempre um silêncio de garças. Mais alto que o escuro é o rumor dos peixes. Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a fazer parte dos pássaros que a gorjeiam (...)” (Barros, 2010:258). Há nisso uma possibilidade sensível, perceptiva e estética de cosmonomadismos que jamais excluí os cosmonomadismos incapturáveis pela percepção e/ou pelas máquinas nos mistérios da vida. Não estruturando saber cosmocorporal e cosmonômade pela dicotomia “percepção/não-percepção”, a poética barreana pede para que nos distraíamos atentamente pela ‘existitura de deslimites’. “No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobre muito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites (...)” (Barros; 2010:206). E escutando o ventre pantaneiro, é possível perceber que vamos acontecendo enquanto ‘composições vivas’, errantes, intensamente líquidas, sempre transitórias, sem soberania de sujeitos fixos, sem limites, assim como a matéria musical, vibratória, nanofísica, sempre nano-afetual, que para além de penetrante num suposto outro, ocorre em tudo que participa de nossas múltiplas andarilhagens, sujeita a

intensas contaminações do acaso e metamorfoses nano-afetivas com os caminhos à todo momento, de modo a não haver limites fixos entre o andamento de uma suposta melodia e o campo musical de uma pretensa paisagem, seja por interações cacofônicas ou contaminações harmônicas, independentemente da ocorrência em questão, sempre, em co-implicação e ligante conectividade de uma cosmo percepção aquático-musical. “A rosa reteve Pedro. E a mão reteve a música como paisagem de água na retina (...) (Idem; 2010:87). “Comecei a saber menos sobre meus desencontros. Uma porção de lodo forçou para baixo a minha voz. Aprendi que no escuro eu enxergo melhor. Orvalho benzeu meu olho”. (Barros; 2010:283 - *Concerto a céu aberto*).

Então a errância de cada gotícula nano-afetual se apresenta como vibrante fenômeno para a en-cantada e jamais hiper-iluminada cosmicidade da vida barreana, permitindo desabrochar sua poesia com ressonâncias de tudo e de todes que, com ela, vibram junto, em múltiplos sentidos sem medida, nem limites. “(...) E peixe não tem honra. Difícil de provar a desonra dos peixes; mesmo com fita métrica... Como é difícil de provar que em abril as manhãs recebem com mais ternura os passarinhos (...)” (Barros, 2010:287). A cosmicidade corporal da poética barreana segue por arranjos incapturáveis e potencialmente imperceptíveis, ao passo também que afirma o sentido, a estesia e a sinestesia que se apresentam em composições nunca movimentadas pela abstração, pela palavra isolada, pela medida e pela distância exata de supostas coisas ou seres. “(...) Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia (...)” (Barros, 2010:145).

O cuspe fruidor, incalculável e afirmador da vida através da crítica ao valor, da transvaloração do valor sem verdades absolutas e universais, o *transver* barreano e seu desapego a questões morais – nem todas –, a declarada contaminação de Barros com Nietzsche, outras diversas ressonâncias avessas a fórmulas, ordenações e fixações, todas essas vibrações compositoras, pedem para que sejam consideradas nesta caminhada impossível de se desviar de ‘corpantaneira(s)’ arranjada(s) por ciclos aquáticos de intensas cheias e secas, mas sem polarizações dicotômicas ou de fixação binária, até porque as secas do pantanal sempre continuaram ainda com abundância de águas apesar de muitos afluentes menores praticamente desaparecerem momentânea e ciclicamente no eterno retorno da estação de estiagem de maneira drástica e também originariamente

decompositora da leitura colonial de vida-morte-vida.<sup>68</sup> As drásticas e incontornáveis rupturas excedentes vão ocorrendo a partir da percepção cacofônica que não exclui a percepção cíclica, ou vice-versa, mas às multiplica, sendo ambas compositoras de cosmopercepções não-lineares, chamando também a atenção para a contaminações européias sobre impossibilidade de pensar mundos sem o que ficou conhecido como “caos” e “trágico”, afirmando potência de vida sem excluir o que se dá inevitavelmente nos eternos e múltiplos ciclos de Pacha. Barros segue em desacordo com ideias evolucionistas, (r)evolucionistas e de bem e de mal, entre outras tantas dicotomias coloniais. Com o *Deus* ocidentocêntrico morto por sua própria necro-cultura universalista e sem a fixação do que colonialmente é lido por “essências”, é possível vibrar com a poética barreana nisso de “falar a partir de ninguém” (Barros; 2010:384) por cosmo-nômades anonimatos. Por essas culturas nômadas que não cabem em nomes fixos diante do pensamento antropocêntrico e por elas serem arranadoras coletivas de anonimatos intensificados na sensibilidade afirmadora de cosmicidade nano-afetual e transmigratória. *Falar a partir de ninguém* também por cosmicidade de não encerramento num pretense *si* e nenhuma forma de fixação deste em potencial. O “ninguém” barreano não é contrário ao “eu” e ao “si” potenciais, mas afirmador ancestral da ‘comunidade-pessoa’. O “ninguém” é a própria metamorfose. A dissidente transmutação em acontecimento. O “eu” e/ou o “si” precisam surgir em diversos momentos da caminhada, transpondo limites inclusive em situações de defesa. E só podem tornar-se bons praticantes dessa tática sabedoria sensível da transposição de limites, através da experiência autoformativa e afirmativa com a multigamia nano-afetual das caminhadas vivas. Mas as táticas são múltiplas. Para além da transposição dos limites inventados pela mesma cultura que invade constantemente, as natoculturas sabem de rituais fractalizadores da institucionalizada dicotomia vazão-invasão. Rituais da multiplicidade de pulsações por imprevisíveis arranjos, desarranjos e rearranjos. Assim as simbioses natoculturais vibram com a c(a)osmótica poética barreana. Há sempre mil redemonhinhos para se perder sinestesticamente até

---

<sup>68</sup> Não há como sentir pachamamicamente sem salientar que apesar do Pantanal ter se mantido úmido o suficiente para continuar ocorrendo por milênios enquanto ‘corpantanal’ co-implicado de múltiplas ‘corpantaneiras’, nas eras das cosmopercepções indígenas ou não-indígenas que atravessam a contemporaneidade, sabemos bem que o Pantanal está em chamas e cada vez menos úmido a cada estação de estiagem. Nosso tytypensamento também se move nesta realidade.

perceber que deixar espiralizar as inevitáveis *transsubstanciações* nano-afetuais dos nomadismos em eternas e múltiplas repetições é o que permite Barros garantir, cacofonicamente, vertigem estética e força poética. É o que permite também os fluxos vitais de Pacha. Crepusculariedade que permite viagens. Crepusculariedade nômade e aquaticamente labiríntica de causar curtos-circuitos no pensamento dicotômico. Crepusculariedade da multiplicidade de vibrações. Crepusculariedade para além do que coloniza a partir de uma estruturação imaginária de “claro-escuro”, “ordem-caos”, “paz-guerra”, “familiar-estranho”, “sagrado-profano”, “iluminado-obsuro”, “humano-animal”, “evoluído-não evoluído”, “branco-preto”, “homem-mulher” por imaginar/pensar com uma espécie de pretensa igualdade de valor entre as primeiras palavras — por exemplo, ordem=paz=familiar=sagrado=claro=iluminado=humano=evoluído=branco=homem, etc — ou entre as segundas palavras dessa binariedade fixadora, extrativista e exterminadora da multiplicidade vital. E quando não mais se tem contato en-cantado com a multiplicidade de pulsações vitais, já nem se sabe mais como participar de seu cultivo. E vira-se “humano” pela ficção dicotômica “cultura-natureza”. Entretanto, como diz, Nego Bispo:

Nós somos os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade. (BISPO; 2023:16).

Os ocasos barreanos não cósmicos nisso de afirmar a vida sem excluir a incontornável composição acaso-trágico-caos assim cultuada pelo pensamento europeu que, de maneiras bastante diferentes, vibra nisso de culturas ameríndias não pretenderem se apegar aos substantivos substanciais dos significados da fixação, subtraindo-os, portanto sempre reconhecendo uma composição-mãe do incontornável, do inejetável, incontornável, não cristalizável. Ou seja, afirmando a metamorfose. Mas diante do contaminante atravessamento pela palavra “caos” que gera pânico no pensamento eurocentrado inventor de seu próprio veneno — palavra caos que ao mesmo tempo não faz parte dos vocabulários originários de Abya Yala — , a poética

barreana se faz c(a)osmótica. Sabemos que nenhuma palavra dos povos indígenas vibra com um sentido exato da palavra “caos” colonial, isso ao escutar expressões sem um sentido universalista, mas afirmando modulações e variações de frequências das pulsações vitais pelas contaminações das diferenças na multigamia nano-afetual da caminhada. Assim, o ‘andarilhamento’ barreano está sempre compondo uma cantiga das velhas primeiras infâncias, cíclicas feito o urobórico ventre das águas pantaneiras que se apresentam como uma mântica estética da repetição de múltiplas contaminações capazes de fractalizar e/ou transpor qualquer pretense limite da vida. Ou inventar limites taticamente diante das linhas abissais e das violências dos homens de bem que para extrair pulsações vitais ou tomarem outros fluxos menos impotentes ou mais potentes, muitas vezes precisam da noção de limite que os fazem parar de invadir e voltar a invadir num tipo de eterno retorno que não permite que ocorra a diferença. Sendo que muitas vezes, a noção de limite, ao ser apresentada cara a cara, pode vulnerabilizar quem a apresenta, principalmente se esta ‘comunidade’ estiver só ou não estiver fortalecida da comunidade. Ela precisará das instituições coloniais e seu tipo colonizador-colonizado de justiça dicotômica. É por essas e outras que o saber cosmocorporal e cosmonômico ainda mantém vivas as diversas culturas indígenas e as múltiplas natoculturas em resistência milenar diante das colonizações do imaginário. Resistência de não dureza, não linhas divisórias e não-cristalização. Resistência do bambu que enverga, mas que entoa múltiplas afetações vibracionais, ressonantes e, principalmente, nano-contaminatórias. Encantarias que se repetem e se diferem à cada instante da caminhada.

Como diz o Poeta “repetir é um dom do estilo – repetir até ficar diferente” (Idem; 2010:300). E quando se está próximo do arco-íris, cada milímetro mede uma era. É impossível calcular o quanto que o sol fica cheiroso. A presença e a intensidade de sentidos apresenta a importância da sinestesia na obra barreana. Sinestesia capaz de perceber a música enquanto condição de vida, proliferação de nascentes vitais e condução da potência de vida. Para Barros, a sinestesia e a música ocorrem como poros ambulantes, soltos e transmigrantes, poros voadores como gotículas de *amaná* (“chuva bem fina e rarefeita”, em tupi-guarani), poros-pólenes, poros-moléculas, ou seja, não fixados a indivíduos ou corpos cristalizados, em interação com outras inúmeras

vibrações incapturáveis, e ambas são provocadoras das intensas metamorfoses nano-afetuais evidenciadas em sua obra. Transmutacionalidade vibracionalmente sensual e nano-libidinosa de uma “árvore gorjeada” que se torna “parte dos pássaros que a gorjeiam”. Cosmonomadismo assim: “Na beira do entardecer o canto das cigarras enferruja” (Barros; 2010:291). A cosmicidade sinestésica é sempre mais declarada pela percepção barreana, muito conectada com um imaginário oniricamente nano-físico, elementar-hormonal, e materialmente vibracional. A água e a terra que dão forma, vida e fertilidade à poética de Barros, apresentam vibrações físicas nisso do imaginário ser um fenômeno que nasce nas culturas das corpachas e em seus trajetos de acordo com a antropologia profunda de Gilbert Durand. Até o mistério, para Barros, não é distante e etéreo, nem mesmo quando cita as palavras “alma” e “invisível”. As ressonâncias de sua poesia, que apenas pessoas não-indígenas em algum momento da colonialidade chamaram de “anímicas”, são de ordem material, en-cantada e cosmocorporal, e ocorrem de acordo com isso, daquilo que ficou transcrito como “ânima” ameríndia, acontecer indestrinçável de movimentações nano-afetualmente cosmocorporais das corpas sempre ambientais – corpas vibracionais como, por exemplo o *nhe'ẽ* – úmidas *corpas fônicas* e *sônicas* de Barros, constituindo-se de constantes arranjos, desarranjos e (re)arranjos nano-afetuais. A tal “ânima” – expressão europeia –, assim como o barro sempre úmido de Barros, não é etérea ou virtual, mas há um fenômeno tão conectivo como *Nhanderu* e *Nhandetsy* guarani, ou a Pacha ameríndia, que vai se dando enquanto a própria ‘corpambiência’ em eterna contaminação nano-afetual e transformação, compondo-se no espaçotempo dos charcos pantaneiros. Barro de Barros que só acontece por não separar a matéria dura da matéria mole, chamando a *imaginação material* de Bachelard para o capítulo que virá a seguir. O que devaneia as corpachas barreanas é barro do mesmo Barros. E assim como nas diversas culturas afro-ameríndias, é impossível de se isolar da massa viva e úmida da vida. Qualquer pretensa tentativa, já seria como uma dissecação. No caso da poética barreana, uma dissecação de um vaso musical de barro (moringa) que, em sua composição cosmocorporal originária, se dá sempre úmido e primordial. Mas com a dissecação que se é feita, já não mais se escuta a vida. Barros nos mostra que só é possível apalpar a vida nas corpas que arranjam (e se arranjam d)a vida. E para o pavor do pensamento moderno, Barros afirma a

metamorfose como potência de vida. Metamorfose pachamâmica lida como “caos” na colonialidade, sem pretensas tentativas de organizar a vida, aprovando-a com tudo que ela se compõe, inclusive o inevitável trágico da existência por um eterno retorno ao caos cosmicamente primordial. Ou como expressa o poeta, “ascensão à infância”. Pois o que é “caos” e “trágico” nesse sentido europeu, muitas vezes é apenas a eterna metamorfose para as epistemologias indígenas. A errância barreana desestabiliza pretensas organizações de corpos ou desejos de controlá-las. Exerce uma política vagabunda pela força da oralidade e da anomia nômade sem jamais repelir o estranho, sem a ambição de evitar o imprevisível. Sua poesia provoca pulos e inquietudes até de pedra que é um pedaço de chão que pula assim sapo. E assim como saltitantes en-cantades de Pacha. O mundo sedentário se desestabiliza diante dos nomadismos barreanos. Nomadismos cosmocorporais por serem sábios de permitirem a ancestralidade dançar pela multigamia nano-afetual de cada poeirinha cósmica, pela libidinosidade de cada elementozinho-hormônio, cada palavra-semente, cada vibração, cada instância de cosmicidade de sua caminhada onírica. Sua poesia compõem-se de contaminação, textura, sinestesia, sensualidade, frescor, transmutação, alteridade, diferença e multiplicidade. Multiplicidade de poros flutuantes num frescor de água cósmica. Poros flutuantes pela umidade do ar ou pelas terras encharcadas. Poros que não pertencem a ninguém e nem a uma pele individual. A ameríndia cosmocorporal e cosmonômada de Barros parte da água, mistura-se gota a gota com cada grãozinho de terra, alça voos de entoantes dinâmicas, calorosos cantos nas ondas vibracionais que enferrujam a tarde, percebe um cosmos de pregnância nanoafetual, por uma imaginação onírico-elementar que não dispensa o invisível, mas se faz por suas vibrações na fruição da vida. Vibrações sempre nascentes. *Frescor*, de acordo com Ailton Krenak, intimamente ligado ao *bem viver* que alimenta o imaginário da corpa-pacha. “(...) Um mistério suave alisando para sempre o coração” (Barros, 2010:43).

*SINGULAR, TÃO SINGULAR*

*Ó passar-se invisível pela alma da alameda de casas espaçosas / Imaginando a feição ideal dentro de cada uma! / Ir recebendo um pouco de poesia no peito / Sem lembranças do mundo, sem começo... / Chegar ao fim sem saber que passou / Tranquilo como as casas, Cheio de aroma como os jardins. / Desaparecer. / Não contar nada a ninguém. Não tentar um poema. / Nem olhar o nome na placa. / Esquecer. Invisível, deixar apenas que a emoção perdue / Fique na nossa vida fresca e incompreensível Um mistério suave alisando para sempre o coração. / Singular, tão singular...*



Essa “vida fresca” tão vibrante pelas oralidades e demais ressonâncias da fruição ameríndia de Barros, refaz possíveis caminhos de uma educação cosmicamente estética não mais engessada pelas ciências duras, transgredindo pretensas fronteiras e fazendo vibrar, no risco e na errância, as sensações vivas que a palavra escrita-utilitária e o pensamento colonial não dão conta. Trata-se de um “querer viver estético que pontualmente assedia o corpo social” (MAFFESOLI; 2001:192). Um querer viver esteticamente cósmico e sinestésico por múltiplas libidinosidades nano-afetuais da vida. Um querer viver nano-afetualmente estético nas múltiplas seduções dos caminhos que intensificam o bem viver. Um vitalismo cosmicamente comunitário e estético, tocando e entoando as vibrações comuns e dissonâncias comungadas na cacofonia da vida. “O poeta, como já disse, desperta na subjetividade de cada um as vozes imemoriais adormecidas na memória coletiva” (Idem; 2001:192). Memória esta concreta e enraizada.

Não há mais que se procurar o sentido no longínquo ou num ideal teórico imposto do exterior ou em função de um sistema de pensamento, mas, isto sim, vê-lo em ação numa subjetividade comunitária, o que requer que se leve a sério o sensível, quanto mais não seja para dar-lhe fundamento racional. Isso se traduz na recusa a opor os fatos afetivos e os fatos cognitivos. (MAFFESOLI; 2001:194).

E seguindo os andarilhamentos barreanos, poderemos escutar caminhos não dicotômicos, mas sim, oniricamente nano-materiais e materialmente cósmicos, cheios de fenômenos anônimos jamais fixos, por acontecerem em vivos e constantes arranjos, descrevendo as incalculáveis ligaduras de suas águas com a terra e demais elementos. Composições feitas a partir das vibrações do grande jardim comum e nano-afetual que a vida vai sendo, essa grande corpa-selva cosmonômada. Então Barros participa de uma hermenêutica social que provoca o sentido sedimentado na memória coletiva na cosmicidade corporal. “É assim, igualmente, que opera o mundo poético do conhecimento: fazer sobressair aquilo que é, já, aqui, e dar-lhe um estatuto epistemológico” (Idem; 2001:193), agindo pela subjetividade comunitária que vibra em todos os fenômenos da vida social e, mais do que isso, quebrando a hegemonia

individualista do pensamento colonial para afirmar potentes autorias pelos anonimatos de uma vida não cindida em corpos e sujeitos fixos, mas sim, comunitária, cosmicamente estética do prazer à dor e cheia de mistérios incapturáveis. Assim acontece o saber cosmocorporal da corpacha barreana.

A sinestesia é fator de múltiplas ocorrências que todes viventes podem perceber e que as humanidades – sendo estas, uma das incontáveis expressões da *Pacha* – pode também expressar com riqueza de detalhes friccionais. Pela *fricção* que faz a vida acontecer a-c-o-n-t-e-c-e-n-d-o, poro a poro. Os povos indígenas bem falam dessa sabedoria. Seguindo milenares perspectivas da ancestralidade pindorâmica e ameríndia, Ailton Krenak defende em suas partilhas orais que a vida é *fricção*, ressaltando sobre a dicotômica ideia de *natureza* e de *cultura* não ter se feito pelas cosmopercepções dos povos originários, mas imposta por uma “visão” colonial que muitas vezes desconsidera a constante friccional que vai sendo a vida. “É ficando enclausurada na consciência pura que, pouco a pouco, a razão se distancia do mundo circundante, torna-se assunto de especialistas ou, ainda, serve de garantia a todos os processos de organização e de gestão que caracterizam a tecnoestrutura contemporânea. É nesse sentido que, *stricto sensu*, os conceitos ‘perdem pé: não têm mais chão onde apoiar-se...’ (MAFFESOLI; 1998:34), perdendo assim, a percepção da fricção que gera vida, o con-tato elementar, a conexão de suas águas e a sensibilidade à cosmicidade dos caminhos. Uma razão abstrata, nada sensível às ocorrências vibratórias, musicais, oniricamente elementar-hormonais, sempre nano-afetuais, que a todo instante arranjam e desarranjam corpachas nada fixas e nada possíveis de serem calculadas. A errância nano-afetual é potência de vida que compõe toda a poética barreana. Uma poética mais que do contato íntimo tão necessário e compositor dela. Uma poética de sensualidade cósmica en-sinada pelos múltiplos acariciamentos nano-afetuais. Uma poética acariciantemente nômade não interessada em revelar mistérios distantes e explicar dados abstratos. Uma poética matrialmente deseróica que gera potência de vida assim como a queda, a embriaguez, a vertigem de morte e a fricção, estes sonhos da água que geram poesia. Uma poética cosmocorporal e cosmonômada pela desinformação, ou seja, despadrionada, desinteressada em (in)formar utilitarismos a serem enformados e congelados pelas linhas duras, pelo Estado, pela moral, pelos bons costumes, pelo *status*

*quo* preservado na edificação escolar, pelo conservadorismo ou seja lá qual dos tantos mecanismos de controle e poder colonial e neoliberal. Barros segue por essa sabedoria ameríndia que a todo instante afirma que “a vida não é útil” (Krenak; 2020).

A poética cosmo-andarilha de Barros assume o nômade e inevitável risco da vida: interagir intensamente com os caminhos a ponto de sê-los também. *Transsubstanciações*, cosmonomadismos nano-afetuais e metamorfoses cósmicas ocorrem com tudo, mesmo que em muitos instantes tal fenômeno escape à ordem da percepção. Quando escapa da ordem, parece se manifestar com mais intensidade aquilo que ficou mais conhecido pelo pensamento europeu como sendo um incontornável caos da vida, ainda que este fenômeno se dê nas cosmopercepções pachamâmicas mais como múltiplas, primordiais e incontornáveis afetações metamorfoseantes das caminhadas vivas, que para o imaginário mais ocidental podem ser lidas como caosmoses no inevitável contingenciamento da vida. É que uma poética pachamâmica está habituada a proliferar as pulsações vitais justamente por cosmoperceber e afirmar a inevitável e intensamente complexa multigamia nano-afetual das trilhas vivas, bem como suas primordiais transmutações, ainda que inúmeras delas possam escapar da ordem da percepção. Enquanto um imaginário eurocentrado fala do caos principalmente quando algo escapa da ordem e da ordem da percepção, os imaginários indígenas escutam uma complexa e intensa rede contaminatória justamente por percebê-la recorrentemente a todo instante, ainda que ela também aconteça de maneira imperceptível. Ao invés de uma pretensa felicidade plena, por uma pretensa organização da cosmicidade da vida nunca alcançada por ninguém, Barros chama em diversos versos a palavra-imagem “ninguém”, acompanhada de personagens que se movimentam enquanto composições vivas do que ficou sendo chamado de “natureza” na colonialidade, personagens como o *catador*, *andarilho*, *bugre*, *o xamã*, *o guató*, *louco*, *seres encostados na natureza*, geralmente escritos em caixa baixa, sempre desantropocentricamente interessados por afetos com nano-alegrias atômicas de sensibilidade. Personagens que podem se transmutar a qualquer momento inclusive por se sujeitarem a uma lógica caça-caçadora da mesma maneira como acontece para diversos povos ameríndios em que torna-se caça, nas imprevisibilidades da caminhada, é uma honra vital. E Manoel de Barros assume essa cosmicidade metamorfoseante como inevitável condição de vida. A

caixinha de música barreana transborda caminhos inventados, inventando a vida por múltiplas interações ora imperceptíveis, ora perceptíveis, sem tentar controlar o que ficou conhecido como caos, pelo contrário, deixando ela se transmutar para força poética. Apesar de parecer não desconsiderar uma ordem incapturável e inapreensível, Barros insiste nas transsubstanciações friccionalis, na sensualidade estésica pelas lambidas de múltiplos e pequenos mundos que suas lesmas provocam nos muros da caminhada a ponto de deixar sangue sujo escorrer poesia da pele de sua obra com intensa paixão e sem pudores assépticos. Assim também são percebidas as flores nano-fruidoras e escutateantes por imaginários indígenas. Em guarani, diz-se *poty* para “flor”, que significa “mãozinhas acenando umas para as outras”; “mãozinhas se desdobrando umas das outras”; “mãozinhas co-implicadas e em movimento” (*po* = “mão” / *ty* = indicativo de plural formado pela partícula aquática “y”). Assim como borboletas são chamadas de *popo’i*, ou seja, “arranjos de muitas mãozinhas”, pois há uma repetição do fonema-semente “*po*” seguido da partícula “*i*” que indica diminutivo carinhoso. Então Barros segue por esses caminhos de proliferação de insignificanciazinhas nano-afetivas, sonoridades invisíveis, ‘corpambiências’ metamorfoseantes e ocorrências ressonantes de vida que se conectam de maneira intensamente aquático-intuitiva por uma concepção pachamâmica de espaçotempo. “Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva” (Barros; 2010:205). A intuição barreana atua inseparavelmente dos acontecimentos do caminho. Seus prelúdios poéticos entoam vidências nada fantásticas ou sobrenaturais, mas por uma compreensão cosmocorporal, ou seja, corporalmente co-implicada e inseparável do uno c(a)ósmico. Compreensão de intuição por conexões cosmocorporais nada presa aos padrões abstratos-racionalistas-cartesianos-eurocêntricos.

*O VIDENTE*

*Primeiro o menino viu uma estrela pousada nas pétalas da noite / E foi contar para a turma.  
A turma falou que o menino zoroava. / Logo o menino contou que viu o dia parado em cima  
de uma lata / Igual que um pássaro pousado sobre uma pedra.  
Ele disse: Dava a impressão que a lata amparava o dia. / A turma caçoou.  
Mas o menino começou a apertar parafuso no vento. A turma falou:  
Mas como você pode apertar parafuso no vento / Se o vento nem tem organismo.  
Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo. E continuou a apertar parafuso no vento.  
BARROS; 2010:404-405*

Quando *o menino viu uma estrela pousada nas pétalas da noite*, *O Vidente* (re)conhece fruição por sensibilidades de cosmicidade nano-afetual em intenso nomadismo cosmocorporal. Descrevendo melhor: as pétalas praticam cosmonomadismo com a corpa da noite de modo a comporem-se por ‘corpambiência’ ao invés de corpos fixos, e sem as dicotomias do corpo-paisagem, sujeito-objeto e dentro-fora. As petalazinhas da corpa da noite já acontecem como um só arranjo. E um arranjo vivo, em constante movimento, em transmigração nano-afetual da corpa-estrela. Estrela gouliverizada nas pétalas. “Pétalas” e “estrela” enquanto corpachas nano-afetuais em arranjo nano-afetual. A mesma nano-afetualidade de quando *o menino contou que viu o dia parado em cima de uma lata. (...) a lata amparava o dia*. Potência incalculável, uma pequena e ordinária lata sustentar o dia todo. *Mas como você pode apertar parafuso no vento / Se o vento nem tem organismo. Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo. E continuou a apertar parafuso no vento*. E assim, para além da noção iluminista e colonial de “organismo”, o saber cosmocorporal e cosmonômade afirma, corpambiências. Vento enquanto corpa nano-afetualmente cósmica e sinestésica. Corpa invisível, escutateante e maleável como a música das ambiências sonoras, suscetível a incalculáveis metamorfoses pelas nano-imprevisibilidades da Corpacha. Corpacha enquanto espaçotempo matrial de múltiplas corpachas corpoambientais. É preciso não passar por estes fenômenos apressadamente. Uma corpambiência é intensamente viva, cheia de imprevisibilidades nano-afetuais, pedindo passo lento e leve. Lento, pois sentido. Leve para sentir. A corpambiência corpacha é múltipla, afirmando o sensível na (e da) multiplicidade ao vibrar incalculáveis sensações nano-afetuais da vida sem contornos precisos e linhas fixas. Sábias de cosmonomadismos, as pétalas da corpa-noite já são corpa-noite com pétalas. Arranjo de corpambiência arranjada de corpambiências. *O vidente* barreano, tanto quanto qualquer elemento-hormonal ou sementinha poética, pode acontecer como oráculo. Um oráculo é sempre esteticamente vibracional e ressonante. É sempre vivo. Pede para sentir algo tanto sinestesticamente vibratório e ressonante, como também sentir o impossível vibracional. Buscando sentir o impossível, e até mesmo não capturando, não percebendo o imperceptível, acaba-se por sentir algo. E sentindo com Barros podemos perceber que a sinestesia e a estética são caminhos para uma *educação de sensibilidade* (Almeida; Ferreira-Santos) que não

ignora uma inevitável ordem do imperceptível, entretanto, aqui com Barros, insiste na dimensão sensível que arranja corpambiências. Corpambiências como a de *Bernardo* e do *xamã* barreano que muitas vezes podem arranjar-se pela impessoalidade sensorial e desantropocêntrica de múltiplas corpachazinhas nano-afetuais, que por suas vezes também podem acontecer enquanto corpambiências. Mais do que a noção fixa de “corpos” ou a dicotomia “ser-paisagem”, mais do que ser a paisagem e a paisagem o ser, afirmar então ambiências corporais arranjadas pela intensa fruição das florestas do imaginário semeadas na experiência dos trajetos cosmocorporais e ancestrais. A multigamia nano-afetual destas selvas do imaginário sonha os sonhos e arranjos das corpambiências sinestesticamente vibrantes que são as corpachas cultivadoras de sensibilidades cósmicas. Corpachas semeadoras e multiplicadoras de corpachas nano-afetuais e cosmonômadas.

. “(...) Bem ficamos sabendo que é também das percepções primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios” (Barros, 2010:450). Essa região originária das forças da criação, mais do que isso, as culturas do selvagem, são afirmadoras de en-cantarias pelo saber cosmocorporal e cosmonômade. “(...) Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores / com passarinhos / para obter gorjeios em nossas palavras.” (Barros, 2010:450). “(...) O rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza (...) Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem” (Idem, 2010:9). “Queria que um passarinho escolhesse minha voz para seus cantos” (Idem, 2011). E expressando a musicalidade com intenso cosmonomadismo, Manoel de Barros dá amplitude a uma multiplicidade de sentidos jamais isolada, mas compartilhada e metamorfoseante por uma ‘errância nano-afetual’, inseparando pulsações vitais e aproximando a noção de “corpo” à obra de arte “cujo sentido só é acessível por um contato direto (...) sem distinguir a expressão do expresso” (Ferreira-Santos; Almeida, 2012:209) numa poética espiralada por um “atraso de nascença” (Barros, M.I., 2010:13) no espaçotempo próprio dos caracóis, caramujos, tartarugas e de eterno retorno às liberdades nano-afetuais do primeiro setênio da vida, revelando uma caminhada composta nas forças sensíveis dessa infância devaneante e musicalmente primordial em qualquer idade, com profunda intimidade ao “silêncio de concha” (Barros, 2011) e às espirais maternas e ancestrais de seu sagrado ventre

pantaneiro – que antigamente, “teria sido um pedaço do Mar de Xaraiés” (Idem, 2010:454) –, um recorte transbordantemente ressonante das cosmopercepções pachamâmicas e da imaginação afetualmente aquática e matrial, nas quais me fazem mergulhar, escutateando uma educação estética de sensibilidade cósmica e cosmonômada enquanto acontecimento da metamorfose na experiência da música e da poesia barreana. “Profetas nasciam de uma linguagem de rãs” (Idem, 2011).

A “linguagem brincativa” (Barros, 2011) de sua “agramática” (Idem, 2010:320) sinestesticamente vibrante de música, cria “desobjetos” (Idem, 2010:389), desutensílios e uma diversidade de pequenas e ordinárias potências poéticas capazes de desestabilizar certos poderes instituídos pelas visões utilitaristas presas às formas práticas da “palavra acostumada” (Idem, 2010:348) “fatigada de informar” (Idem, 2010:13). “Na Igreja os padres reuniam os alunos e tentavam falar a sério. Mas eu sempre achei muita graça quando as pessoas estão falando sério” (Idem, 2010:280). “Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria” (Idem, 2010:348). “No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola. No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato” (Idem, 2010:394). O saber cosmocorporal acontece também como o das sábias xamãs e sábias infâncias de cósmicos nomadismos pelas primordialidades das nascentes vitais. Um saber de *xeywy* que no tupi-guarani se trata da cósmica e viva composição corporal em acontecimento a partir de *y* (água) e de *ywy* (irmão da água; terra) pela composição-mãe da vida. *Xeywy* que a colonialidade pode ler apressadamente com o sentido fixo, cristalizado, reducionista, individualista, coisificado, mas que vem de *xeyvara reté*, ou seja, “meu verdadeiro futuro infinito parceiro da água”. Conforme diz a liderança guarani Carlos Papá, quando se fala “y”, se fala o “pilar líquido”. Ele diz que a água é tão importante que se faz como pilar da vida. Diz também que a água se faz como um pilar líquido de respiro nas vibrações da úmida e en-cantada *Nhe’ery*. Papá diz que toda vida acontece através da umidade líquida, como sustento de tudo que vive. De acordo com Saulo Kuaray, educador e liderança guarani *mbyá*, toda essa co-implicação diz do “ciclo vital” como sinônimo de “corpo” e da condição cíclica da água e seus diferentes estados. Ele diz que ela é tão importante para nossa vida, que se transforma em tudo. Kuaray também diz que *xeyvara reté*

também significa “*eu nasci, vivi, me procriei e voltarei a ser aquilo que fui um dia... uma terra banhada pela água. A nossa vida é água corrente. Tem hora que você fica turva, raivosa, tem hora que você vai correndo mansinho, e assim é a nossa vida*”. Kuaray enfatiza a recorrente alusão guarani de *xeyvara reté* enquanto *tay* (formiga), também composta de *y* (água) e que nessa espécie de sinonímia entre “formiga” e o que se costumou a chamar de “corpo”, a existência pessoal é tão findável quanto uma formiguinha que não vive muito tempo, mas que depois alimenta toda a vida. “*Um dia você vai se transformar em estrela, em água, em vento, em solo, em orvalho e naquilo que seu próximo vai viver. Você será o alimento do seu próximo. É isso que a formiga quer dizer.*” (Saulo Kuaray)<sup>69</sup>. A vida enquanto alimento nano-afetual e co-implicado desde cada gota de *yy* (água) compositora da poética pachamâmica de Barros.

Manoel de Barros faleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 13 de novembro de 2014, deixando uma obra com mais de 20 livros publicados em mais de 40 edições, contando com traduções para o espanhol, o francês e o inglês. As “escavações” barreanas são em memórias inscritas na pele, mistérios e fósseis de seu Pantanal. “Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras.” (Barros, 2010:197), mas “o nome ensina ao poeta as suas semelhanças” (Barros, 2010:292) e, seguindo essa noção do nome enquanto destinação afro-ameríndia, vemos na Pacha encharcada barreana, esse elemento composto de água e terra, a oportunidade de uma educação pelo moldar com as mãos do imaginário de corpos cósmicas no fazer. Vontade que ganha força pela intimidade da matéria, com uma visão que aumenta o poente nos fazendo espremer os olhos levemente para perceber uma pedagogia orgânica de *insignificâncias*, de coisinhas encontradas ao acaso pelo chão que, ao olhar distraído dos sentidos atentos – e marginalmente delinquente –, vão crescendo de importância pouco a pouco até apalpar as dinâmicas do ar, contraindo texturas reversíveis da música que é a vida, cacofonizando cores de seus cantos aquáticos. Pequenas potências que vão deixando vaziar sua expressão sensível no mundo, até o estágio em que “grilo faz a noite menor para ele caber” (Barros, 2010:291). Isso é sobre en-cantamentos nano-afetuais de um saber cosmonômade.

---

<sup>69</sup> Kuaray e Papá; 2023 - Água e ciclo cósmico - Conversas do Ciclo de Selvagem; Youtube.



*No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. E pois. Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –  
O verbo tem que pegar delírio.*

MANOEL DE BARROS – *UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO*, (2010:301)

“Uma palavra está nascendo na boca de uma criança: mais atrasada do que um murmúrio. Está entre o coaxo e o arrulo.” (Barros, 2010:278). Desde os primeiros meses de vida, cantarolamos ‘frases’ sem palavras, expondo as ondas da nossa música com fluidez antes mesmo de sermos alfabetizados, liberando poesia pela música que escorre da oralidade. São as culturas do selvagem experimentando múltiplos sentidos jamais separados, em exercícios de liberdade para o fluir da música que a vida vai sendo. Uma sabedoria cosmonômada das infâncias. É preciso lembrar que as infâncias são culturalmente e socialmente diversificadas: infâncias periféricas, infâncias de duas mães, infâncias espanholas, infâncias austríacas, infâncias burguesas, infâncias negras, infâncias bikers, infâncias freaks, infâncias filhas de black blocs, infâncias surdas, infâncias ricas, infâncias pernambucanas, adotivas, ciganas, nigerianas, em cadeiras de rodas, infâncias Kalapalo, Yawalapiti, Tupinambá, Kaiowá, Mbyá, latino-americanas rurais, latino-americanas rurais e ricas, rurais e pobres, indígenas com mães universitárias, bem nutridas de bisavós escravizados ou filhos de escravizados e as possibilidades não cabem aqui, são diversas, obedecendo a um jogo de múltiplos arranjos que vão para além de grupos sociais, configurando-se numa multidão de pessoas onde cada voz tem sua força por ser composta de variadas entonações. E a educação em qualquer idade – seja na família, na escola, nas ruas ou nos projetos de governo – é presa a verdades adultocêntricas, etnocêntricas e excludentes. Entretanto, as culturas do selvagem, ou que podemos chamar de natuculturas, acontecem e ainda resistem em cada cultura, em cada voz, em cada arranjo vital, inclusive, nos grandes polos urbanos. É também uma escolha cultural dar mais ou menos fluxos e amplitudes a e elas. Fluxos e amplitudes sempre nano-afetuais. E a palavra barreana é oral. “A palavra é bonita e selvagem. Não está registrada nos léxicos. Ouço nela um rumor de espinheiro com água. Tem tudo para ser ninho e altar de um socó-boca-d’água” (Barros, 2010:231). “Para cantar é preciso perder o interesse de informar” (Idem, 2010:458). E pelos sentidos barreanos de cosmopercepções ameríndias procuro tatear a trama sensível

da vida na educação, a música dos encontros e dos arranjos cósmicos da multigamia nano-afetual. Música cosmocorporal.

*Contenho vocação pra não saber línguas cultas. / Sou capaz de entender as abelhas do que alemão.  
Eu domino os instintos primitivos.  
A única língua que estudei com força foi a portuguesa. / Estudei-a com força para poder errá-la ao  
dente.  
A língua dos índios Guatós é múrmura: é como se ao / dentro de suas palavras corresse um rio entre  
pedras.  
A língua dos Guaranis é gárrula: para eles é muito / mais importante o rumor das palavras do que o  
sentido  
que elas tenham. / Usam trinados até na dor. / Na língua dos Guanás há sempre uma sombra do  
charco em que vivem. / Mas é língua matinal.  
Há nos seus termos réstias de um sol infantil. / Entendo ainda o idioma inconversável das pedras.  
É aquele idioma que melhor abrange o silêncio / das palavras. / Sei também a linguagem dos pássaros —  
é só cantar.*

MANOEL DE BARROS, (2010:381-382)

Diferentemente das sombras vitais do charco e dos trinados sinestésicos que vivem nas línguas-mães da poética barreana, o suposto, etéreo e distante *paraíso* imaginado com determinadas especificidades de um plano espiritual mais “elevado” pela visão judaico-cristã-moderna-iluminista-evolucionista – logo, colonialmente racista – reserva-se como um *paraíso* que o “homem branco” – assim denominado pela cultura eurocêntrica – espera a vida toda em sacrifícios, mas nunca o vê, tendo “o corpo” como um pesado fardo a ser arrastado feito apêndice de uma pretensa alma que precisa ser libertada do plano terreno em sofridas travessias. Alma tratada cirurgicamente como um fenômeno isolado que, se bem controlado e conformado pelas leis do “Senhor” patriarcal, pode se emancipar de uma carne pecadora moralmente controlada a domesticar sua sensualidade primordial com as mínimas ocorrências dos caminhos, bloquear o sentir, atrofiar a sinestesia, paralisar a intuição, o sonho, o gozo e a errância de cada poro de potência da vida. Intensamente diferente dessa concepção de corpo-apêndice, nas mais distintas centenas de culturas de Abya Yala e Pindoretá, e culturas originárias inclusive da Europa, os territórios que mais se aproximariam de uma ideia de *paraíso* se materializam ‘agoraqui’, pela cosmicidade física, nano-afetual e corporal na terra, único lugar em que podemos pisar neste instante. Não que não existam ambiências menos claras ou visíveis e até mais confortavelmente generosas para essas tantas culturas. Aliás, de acordo com elas e com os estudos do imaginário, o

excesso de claridade não é potente às movimentações da vida. Os nomadismos cósmicos de tal crepuscularidade menos evidente ao imaginário iluminista-eurocêntrico está nos diversos mitos e en-cantos que se atualizam na poética barreana. Por enquanto, ressalto apenas que esta transborda ressonâncias de intensa prática cosmocorporal e imagens muito friccionais, como podemos tatear na mitologia yanomami. Davi Kopenawa, xamã yanomami, conta que a floresta existente hoje se iniciou como parte de um antigo céu que caiu no primeiro tempo, quando a então floresta era tão nova, que as poucas e jovens árvores não foram suficientes para segurá-lo. “Por isso *Omama* teve que criar uma nova floresta, mais sólida, cujo nome é *Hutukara*. É também o nome do antigo céu que desabou outrora. *Omama* fixou a imagem dessa nova terra e esticou-a aos poucos, cuidadosamente, do mesmo modo como espalhamos o barro para fazer placas de cerâmica” (Albert; Kopenawa; 2019:81).

Com cada gotícula de água e grão de terra do encharcado chão pantaneiro, Barros compõe sua poesia de modo a dar passagem às cosmopercepções indígenas, com ressonâncias xamânicas de uma *imaginação material* (Bachelard) de poética intensamente elementar, nanofísica, afetual e matrial, vibrando imagens que vão parindo imagens num esquema cíclico e cosmocorporal. “As costas desse céu que caiu no primeiro tempo tornaram-se a floresta em que vivemos, o chão no qual pisamos. Por esse motivo chamamos a floresta *wãro patarima mosi*, o velho céu, e os xamãs também a chamam *hutukara*, que é mais um nome desse antigo nível celeste” (Albert; Kopenawa; 2019:195). Depois, desceu um outro céu hoje mais sólido, que foi se fixando acima da terra à medida que a floresta era ampliada com ajuda de todos os povos<sup>70</sup>. O céu de antes ou de hoje nada tem a ver com um *paraíso* e, quase pelo contrário, é sempre motivo de preocupação yanomami pelo seu tamanho, seu aspecto físico e sua densidade composta de incontáveis xapiris e elementos nano-afetuais. Além disso, o céu yanomami não é apenas um lugar. É corpo e território ao mesmo espaçotempo. Possui *costas*, *peito* e participa de outros incontáveis corpos ambientais. O céu e demais ‘corpambiências’ yanomami não se compõem por limites duros entre o

---

<sup>70</sup> A expressão “povos” neste caso jamais exclui aqueles que os colonizadores chamavam de *reinos animais*, *vegetais* e formas microfísicas de vida, sendo tudo inseparável do que compõe e arranja o que convencionou-se chamar de humano, além de imarráveis e ingovernáveis macropoliticamente caso a vida ocorra em potência.

humano, o espiritual, o animal, o elementar, o hormonal, o musical e o molecular. Os *xapiris* da cultura yanomami - pequeninos en-cantados, cantantes, dançantes, fortes, muitas vezes nano-físicos, e abundantemente incontáveis -, costumam ser traduzidos pelo *povo da mercadoria* como “espíritos”, mas são outros. “Os *xapiri* são imagens dos ancestrais animais *yarori* que se transformaram no primeiro tempo. É esse o seu verdadeiro nome. Vocês os chamam *espíritos* mas são outros” (Albert; Kopenawa; 2019:111).

Os *xapiri* acontecem enquanto “imagens” e a maneira yanomami de se expressar apresenta um olhar tateante. Uma visão sensivelmente sensual e cosmicamente errante. Uma estética elementar, fisicamente nano-afetual, que não separa a vida em pretensos corpos fixos e, assim como na poética barreana, não separa tais *imagens* de seus caminhos. O imaginário e o saber nascem na corpacha, esta corpa-território cósmica e cosmonômada. A dança de apresentação dos *xapiri* (imagens de seus ancestrais) para sua potencial xamã é o início de um longo e nunca terminado ritual de construção de uma nova corpa – ou melhor, corpambiência – de uma xamã potencial e de interações nano-físicas com intenso grau de afeto, em que um velho xamã passa não apenas a ajudar o xamã potencial a lembrar das suas forças de ancestralidade – processo este que está na raiz da compreensão ameríndia sobre educação em que ninguém ensina ninguém e o que está em jogo não é prioritariamente transferência de conhecimento, mas sim permitir que a pessoa ritualisticamente e coletivamente iniciada (pela vida) possa lembrar do que sua própria ancestralidade já sabe ainda que sem elaborações conceituais –, como também pelo sopro, da boca de uma xamã sempre aprendiz à narina de outra potencial xamã, vai cosmonomadizando legiões de *xapiris*. Micro-corpos-ambientes em intenso grau de metamorfose com as micro-corpambiências da xamã potencial. Ocorrem então interações muito próximas das com o *Xamã*, o *Andarilho*, o *Índio*, o *Guató*, o *Catador*, o *Monge descabelado* e demais personagens de Barros. Ainda sobre tal iniciação com os *xapiri*:

Seus caminhos, até então quase imperceptíveis, iam ficando cada vez mais nítidos e brilhantes. Finos como teias de aranha, flutuavam cintilando nos ares e vinham se prender junto de mim, um após o outro. Assim é. Os *xapiri* sempre são precedidos pelas imagens de seus caminhos. Eles vão se colando, um por um, na borda do espelho em

que o jovem xamã está deitado. Fixam-se ali como as imagens de fotografia dos brancos (...). Depois usam nossos braços e pernas como caminhos, nos quais nossos cotovelos e joelhos são clareiras, onde param para descansar. Por fim, entram pela boca para dentro do peito, que é a casa na qual farão sua dança de apresentação (...)" (Albert; Kopenawa; 2019:151).

“Eu queria pegar com as mãos no corpo da manhã.” (Barros; 2010:453). Menino do Mato). Assim como as flores-mãozinhas guarani, a imaginação material e a cosmicidade corporal barreana da *crina do vento*, do *corpo do rio* e das *estrelas* que o Poeta diz ser seu *penacho*, vibram nisso da casa-peito xamânica não acontecer fixa, pois os xapiris nano-afetuais estão sempre indo e vindo no cosmos. E ainda sobre as cósmicas e encurvadas *costas do céu* atual, também existe uma densa floresta que – sintetizando bastante aqui – migrou do chão para o alto junto com seus ancestrais, *xapiris*, *parentas plantas* e demais gentes de maneira muito en-cantadamente física e nano-afetual após a primeira queda do céu ocorrida em outra era. Céu denso e físico este, que reconstruído e sustentado principalmente pelas árvores plantadas e bem enraizadas aqui no chão – que inclusive são veículos de cosmonomadismos dos xapiri -, continua de pé apesar dos frequentes sinais de que, por conta da ignorância do *povo da mercadoria*, está se fissurando novamente, podendo desabar a qualquer instante. Mas jamais percebida como um paraíso, a floresta das costas do céu está mais para uma apreciação sinestésica – inclusive visível por xamãs e incontáveis *xapiris* – sempre pelo *tempo do sonho* e envolvendo rituais de forte vertigem com a *yãkohana*, variante de *ayahuasca*, quase sempre em forma de pó de cinzas cósmicas. O chão úmido de toda vida, essa fértil terra aquática que pisamos e que na mitologia yanomami foi criada não apenas por *Omama*, mas pelas demais gentes da floresta, é o melhor lugar para se viver. A gente yanomami é filha da potente, e nunca proibida, paixão entre *Omama* e *T<sup>h</sup>uëyoma* vivente nas profundas, ligantes, penetrantes, sensuais, físicas e férteis águas doces. Não é fundamental imaginar um *paraíso* virtualístico quando se leva a vida pelo *bem viver*. Lembrando que até mesmo uma *shambala* e uma *shangrilá* são carentes de materialidades e composições corporais quando traduzidas pela visão eurocêntrica. E Barros expressa bem uma sensualidade até mesmo por um cristianismo ao modo primitivo que se apresenta sempre em comunhão cósmica com o que se chama de

natureza.

Do mesmo modo que as flores são “mãozinhas em movimento” para meu trajeto ancestral guarani, os povos indígenas geralmente afirmam que suas próprias mãos são conhecedoras de plantar de florestas e oníricas inventoras de nascentes juntamente com as tribos-pássaros, os povos-minhocas e demais gentes. E é pelo sonho que os xavantes escolhem caminhos. Já inclusive escaparam de uma emboscada colonial-genocida antes mesmo dela acontecer. Pelo sonho, puderam escolher um caminho para seus pés, protelando novos ataques europeus por um século inteiro. Mesmo no imaginário das culturas guarani, considerado um dos mais contemplativos da ameríndia, o que poderia ser colonialmente traduzido por “paraíso”, fica bem aqui na Terra, como é o caso da *Ywy Marã'ey*<sup>71</sup>, “a terra que envelhece” e que esteve sempre motivando meus ancestrais guarani a caminhar com os pés no chão, pois este território chamado *Ywy Marã'ey* fica logo ali atrás de alguma montanha ou, muitas vezes, próximo às *grandes águas*, o mar. Ou propriamente no mar. Mas independente do local, sempre composta e co-implicada dos mesmos elementos vivos e en-cantos de qualquer território. O local de beira-rio onde vivia a aldeia dos meus ancestrais era chamado de *Teyque-Pê*, que significa “caminho de entrada”. Caminho de entrada para o *Peabiru*, mas principalmente para *Ywy Maraey*. Esta pode ser percebida desde o caminhar nos caminhos da vida. Pode ser sentida na corpacha em vida pelas múltiplas conexões nano-afetuais, por exemplo, dos elementos-hormônios água, terra, fogo e ar. Lembrando que, o povo guarani é um dos mais contaminados pelas incisivas catequeses político-jesuíticas há muito mais tempo, desde pelo menos quatro séculos antes dos Yanomami serem contaminados pelas virtualísticas da cultura evangélica e suas fumaças de epidemia *xawara*. E mesmo assim, jamais perderam a condição friccional e cosmocorporal enquanto princípio não apenas da vida, como de todo saber. Não à toa, o aspecto musical da vida, este fenômeno microfísico, vibratório, tátil, penetrante, invisível, conectivo e contaminante, seja por cacofonias, silêncios ou dissonâncias, é considerado como nascente nano-afetual da maioria das criações nas estórias e cantações de origem, de onde os

---

<sup>71</sup> *Ywy Marã'ey* foi traduzida pelos colonizadores como “Terra Sagrada” ou “Terra Sem Males”, mas diversas lideranças guarani como Ivanildes Kerexu e Carlos Papá se referem a *Ywy Marã'ey* enfatizando um sentido ancestral de “a terra que envelhece”.

mundos indígenas se principiam. Fruição musical como potência de vida no *djeroky*<sup>72</sup> que vai sendo a dança-música-ritual de brotar-se enquanto grão afetual pelas imprevisibilidades dos movimentos vitais.

*O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que / primeiro em água e luz. Depois árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio. / Apareceu uma ave na beira do rio. Apareceu a concha. E o mar estava na concha. A pedra foi / descoberta por um índio. O índio fez fósforo da pedra e inventou o fogo pra gente fazer boia. Um / menino escutava o verme de uma planta, que era pardo. Sonhava-se muito com pererecas e com / mulheres. As moscas davam flor em março. Depois encontramos com a alma da chuva que vinha do lado / da Bolívia — e demos no pé.  
(Rogaciano era índio guató e me contou essa cosmologia.)  
(Barros, 2010:321-322)*

Manoel de Barros não apenas se diz neto de guató como também obviamente foi muito afetado por culturas ameríndias no pantanal, na Bolívia, além também de ser escolarizado num internato cristão, ou melhor, internado numa escola de padres. A poética barreana, quando ressoa algo de cristã, segue mais por caminhos primitivos e primordiais de um possível cristianismo nômade e errante, do que “caminhos certos” e excessivamente iluminados, assim como Leminski também se aprofunda em suas pesquisas por um Jesus poeta, embriagado, sedutor, anárquico, violento quando

---

<sup>72</sup> A liderança espiritual Guarani Mbyá Carlos Papá, por exemplo, enfatiza que alguns traduzem erroneamente *djeroky* como “dança”, quando para o sentido ao pé da letra é “se surgir em grão”. Para além das diferenças linguísticas entre os subgrupos guarani, é comum cada palavra vibrar múltiplos sentidos co-implicados. No mínimo um sentido mais prático e um sentido mais poético, mas sempre sensíveis e filosóficos, de modo a nunca serem objetivistas, utilitaristas e reducionistas. Papá diz que para “se surgir em grão” no *djeroky*, você terá que participar de uma dança cósmica e errante, de diversas movimentações muito sutis e outras mais bruscas, imprevisíveis, procurando desde a fertilidade do escuro algum buraquinho pela raiz até sair para a superfície do solo para ver a luz. “Surgir-se em broto” flexível, muitas vezes espiralítico, aquático, de movimentos impensáveis. Por isso o *djeroky* envolve muitas flexões de joelhos, batidas de *takuá* (bambu) no chão, com diversas complexidades polifônicas e rítmicas, diversos *mbarakas* (instrumentos musicais; elementos en-cantados) e incalculáveis movimentos conectados não apenas com as imagens ressoantes que surgem da dança da fogueira, mas também com os mais mínimos arranjos dos elementos-chave do Pensamento Guarani Mbyá: *y* (água), *ywy* (terra), *ywyrá* (árvore) e *ywytu* (vento). Durante o *djeroky* os participantes tomam infusões de água (*y*) com cascas de cedro (*ywyrá*) como remédio para a garganta para poder cantar melhor, mais bonito e afinado, dando fluxos ao *nhe'ẽ* sempre co-implicado à umidade vibracional do ar e de todos os elementos vivos de *Nhe'ẽry*. A expressão *djeroky* é composta pela partícula *oky* que significa “o brotar da água; chuva”. *Djeroky* é um ritual xamânico, portanto muito complexo, coletivo e conectado com o campo onírico, fazedor de mundos, mantenedor de mundos, de alimentos, fazedor de curas, de transmutações, por exemplo, de saudade ou tristeza para alegria, ou de gente-guarani para gente-beija-flor, de construção de corpos, através de músicas sonhadas, coreografias cósmicas e, pelas complexidades dos diversos detalhes e sentidos, não seria potente tentar sintetizar aqui. Carlos Papá, Tainara Takua, Dona Odília e diversas vozes guarani são vibrantes fontes sobre *Djeroky*, contando também com a pesquisa de Deise Lucy Oliveira Mortado (2009; *Através do Mbaraka - Música, dança e xamanismo guarani*).

necessário e bastante atípico para as hiper-iluminações das instituições religiosas (Leminski, 2003). É que as *iluminuras* de Manoel de Barros são aquelas do lusco-fusco crepuscular, dos errantes vaga-lumes que driblam a treva, por vagabundagens cósmicas que não pretendem iluminar de modo a eliminar o escuro e seus nomadismos, nem driblar a sombra e a negra lama que constitui o fértil chão de sua poesia. Fértil como a lama de *Nanã*, velha orixá matrial, e o barro que inventa os inícios da vida. É apalpando os odores das terras encharcadas de sua poesia que a potência de vida prolifera seus primórdios, sempre pela fricção, antiga e infantil condição sinestésica da vida e, com Barros, estética.

Há diversos motivos perceptíveis me levando a fazer essa pesquisa que segue por muitos caminhos inventados nas trilhas que tecem a vida. Mas há algo que não posso ver, não consigo saber e não pretendo entender. Sem dúvida é algo impossível de se classificar ou medir como na poética barreana que segue sem *fitas métricas*, pelo grau de encantamento da vida. Algo composto por mistérios que não se torna potente ao ser traduzido ou delegado à ideia de um *Deus* virtualístico. Algo que escapa a qualquer tentativa de se fixar em dimensões abstratas ou etéreas, cientificistas ou obscurantistas. Algo que não flui em potência diante de pretensas tentativas de universalizá-lo, muito menos de conquistá-lo. Algo que passa arranjando o imaginário ameríndio e que, portanto, precisa ser tratado de acordo com suas cosmopercepções, dissolvendo termos ocidentolocêntricos. E a entrada pela *estética*, principalmente no que ela vibra de *fruição*, auxilia-me nessa busca. Uma busca não por encontrar pretensos objetos e muitas vezes nem mesmo sujeitos, mas pelo gosto de errar nas errâncias que compõem a vida. Múltiplos sujeitos, sujeitos-líquidos, ambientes-sujeitos, sujeitos-c(a)ósmicos, ‘comunidapessoa’, ou mesmo gentes sujeitas à libélula por terem lido água bem ao modo barreano, evidenciam que o devaneio não é norte, pois é ‘agoraqui’. É o “instante-já” de Clarice Lispector, outra poeta das águas e milágrimas. Devaneio é infância. “(...) Para voltar à infância, os poetas precisariam também de reaprender a errar a língua. Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma nos mosquitos? Seria uma demência peregrina” (Barros; 2010:266). E assim, reaprendendo inúmeras culturas das infâncias, sigo com Manoel nomadizando a vida que transborda nas pretensas fronteiras não ignoradas pela poética barreana, mas em travessias de intensa



sensualidade cosmocorporal capaz de imprecisar margens fronteiriças pela contaminante música do afeto. Este, como a música, formado por múltiplas, pequeninas e muitas vezes invisíveis e vibracionais afetações afetuais da vida que acontece nessas pretensas fronteiras, onde brotam belezas do acaso e surgem afinidades entre as diferenças. Nos acontecimentos das múltiplas afetações que arranjam ‘corpambiências’ sempre em metamorfoseantes construções vivas. Cercas de arame farpado e demais pretensões coloniais não são capazes de barrar o fenômeno musical das múltiplas pulsações vitais. Fractalizando tais fronteiras pela nano-afetualidade, a *caixinha de música* barreana a todo instante vibra os marulhos do grande ventre pantaneiro e ameríndio, bem como incalculáveis ressonâncias que inevitavelmente chamam a percepção desta pesquisa.

O imaginário é sempre material. Barros e as culturas xamânico-ameríndias sabem bem de sua potência. A vida é matéria de sonho. O devaneio deste poeta que se diz neto de guató, povo indígena de Pacha, segue “desutilizando” barreanamente a tradição eurocêntrica que inevitavelmente também o faz não apenas “bugre”, como ironicamente ele mesmo diz, mas o faz como múltiplos “arranjos para assobio” em “concerto a céu aberto para solos de ave” (Barros, 2010), arranjo cacofônico em andamento, vibrante, ressonante e cósmico para além de um mundo dicotômico, híbrido e essencialmente maquinal que a todo custo tenta delimitar e separar a vida em coisas, separar a vida em corpos fixos, colocar cada “coisa” no seu lugar, logo, cada produto em sua prateleira, cada peça no suposto devido encaixe, com o desejo de ordem e separação, vindo da exacerbação e fixação de uma sensibilidade heróico-solar, para exercício de poder, suspeitando de tudo que possa diluir essa ordem, sem perceber que assim, a própria vida é que está sendo julgada como suspeita, pelo exercício do mando-patriarcal-colonial, por medo de retorno ao caos primordial que só uma “razão”, em dicotomia a uma “emoção”, pode nomear como tal ou subjugar tal fenômeno a uma pretensa ordem.

A poética barreana acontece em retorno ao caos primordial, ou melhor, em (re)conhecimento sensível da inevitável, complexa, incalculável e contaminatória gama de movimentações nano-afetuais que a vida vai sendo, mesmo que muitas vezes ocorram inegáveis e deliciosas harmonias. Cosmicidade tanto cacofônica quanto

dissonantemente harmônica que poderemos escutar com Manoel de Barros. E nos caminhos desta escuta, Michel Maffesoli vibra bastante sua *fenomenologia compreensiva* ao trazer pensamentos sobre *nomadismo* contemporâneo. “A prudência está fora de circulação, é o que sustento. É preciso saber desenvolver um pensamento audacioso que seja capaz de ultrapassar os limites do racionalismo moderno e, ao mesmo tempo, de compreender os processos de interação, de mestiçagem, de interdependência que estão em ação nas sociedades complexas.” (MAFFESOLI, 1998:37).

A ideia de mestiçagem é polêmica, pois geralmente pode fomentar racismo e paradigmas. Mestiçagem à parte, e afirmando co-implicações culturais e cosmocorporais: se a ciência, a filosofia, a cultura e a educação podem ocorrer enquanto potências para a vida, é preciso pensá-las para além das audácias, afirmando epistemologias não eurocêntricas (logo, não-etnocêntricas). Permitir arranjos vitais por epistemologias matriais, tecelãs das relações através das cosmo-artesarias do afeto, para além do contratualismo das relações, de maneira desantropocêntrica e nano-afetual, como na poética pachamâmica de Barros. E porque não afirmando contaminações de diversas epistemologias? Como disse oralmente Ailton Krenak em um curso virtual em março de 2021 a respeito das compreensões de cura, afirmar “confluências das inúmeras culturas indígenas, de ancestralidade sempre presente, com a cultura cliente do sistema hospitalar, da medicina de engenharias, da mercadoria, de modo a abrir nossa escuta para a potência de nossos encantados, pajés, mulheres-medicina, etc.” Então exercer o que o nomadismo mais sabe fazer nas errâncias, nas infâncias dos caminhos e lutas das encruzilhadas: múltiplas contaminações. Múltiplas contaminações sempre nanoafetuais. Eis um saber cosmonômade!

A poética barreana é velha aprendiz nessa porosidade c(a)osmótica. Nomadismo de encontrar as armas inimigas no caminho e contaminar-se por elas aprovando a diferença, mas também, inevitavelmente, contaminar tais armas poro a poro, gota à gota, sílaba à sílaba. Eis o que o nomadismo barreano, nanoafetualmente cósmico, permite acontecer à grau de poesia: subversão da palavra escrita e utilitarista dos cartórios, da posse, da fixação de seres, fronteiras, da expansão da monocultura, do “Deus” mono – monocultural e monogâmico - da ordem, do mando, do controle, da

separação, da assepsia cultural, da dicotomia tão estéril à vida e demais binárias imposições ocidentocêntricas e etnocêntricas. Afirmar múltiplas contaminações é sobre nomadismo. A música indivisível da oralidade, os “anonimatos” culturais dos múltiplos sabores linguísticos – sabores em proliferação inseparável dos milenares saberes pachamâmicos que ainda transbordam pela pele da contemporaneidade –, a complexidade sensível de corpachas e demais corpas-mátrias enquanto corpas-cosmos, suas multiplicidades transmutantes enquanto composições sensíveis sempre sem origem fixa nas mátrias vibratórias da vida que se difere da ideia de pátria, toda essa intensa, múltipla e nômada poética pachamâmica de Barros acontece por uma diversidade de epistemologias que ‘descoisifica’ o que vai encontrando pelo caminho, deixando ressoar a música das insignificâncias e demais vibrações vitais por uma implicação c(a)ósmica, sinestésica e vibratória com os fluxos da alteridade.

Silvia Rivera Cusicanqui evidencia *saberes* aymara como nascentes dos *sabores* partilhados na alimentação comunitária para o que ela defende como *micropolítica do afeto* através das artesanias da vida. Boaventura de Souza Santos reafirma os múltiplos sabores e sentidos sinestesicamente primordiais, vivos e nunca fixos, como origem etimológica da palavra “saber”. Saber que vem do “sabor” muito mais abrangente e errante que a supremacia da palavra “conhecimento” e seu império cognitivo, reorganizando assim, e afirmando, epistemologias do sul fundadas na alteridade. Epistemologias do sul jamais por contraposição à dicotômica epistemologia do norte tão cara ao pensamento eurocêntrico e estéril à vida, mas sim por no “sul”<sup>73</sup> afirmar-se uma multiplicidade de saberes que não tratam a vida como objeto. Através da milenar cultura guarani, Kaká Werá Jecupé evidencia a vibrante música que a vida vai sendo, abrindo sensíveis escutas com caminhos em que a *arandukua* (inteligência) fica na orelha esquerda e a *mbaekua* (sabedoria), na orelha direita. Na escuta da música da vida, de seus sentidos e vibrações, Ailton Krenak, pensador indígena de nossa contemporaneidade, defende que a vida é “fricção”. E toda vez que a palavra “saber” e suas variantes vibrarem nas espirais desta escrita, seja como substantivo ou verbo, estarão reforçando os sentidos e as sensações, as sinestesias e as vibrações que também fazem nascer todo tipo de saber. Lembrando que o saber é inseparável do som e do

---

<sup>73</sup> Pindoretá fica no sul apenas do mundo ocidentocêntrico, pois este “sul” diz de uma perspectiva eurocentrada e norte-centrada, além de dicotômica.

silêncio. Tudo vai sendo música na cósmica e cacofônica artesaniana da vida. Assim arrisco dizer que na poética barreana uma ‘nanopolítica da metamorfose’ evidentemente acontece a partir de nômadas sabedorias que entendem tudo como vibração, fricção, sinestesia, música e, em síntese, a vida como artesaniana nano-afetualmente c(a)ósmica. Essas expressões que vou deixando entre apóstrofos costumam acontecer quando estou escutateando e (re)entoando Barros bem baixinho. Ou quando em meus trabalhos vibram as velhas infâncias de todas as fases da vida. Melodias sussurradas com vibrações e sentidos que não são meus. Múltiplas vozes que fazem palavras serem sempre provisórias. Assim, percebo que nada me pertence. Nada é de um “meu”, pois a vida é composta de múltiplos afetos contaminantes, transmigrantes e transmutantes e pela co-implicação de vivos “desobjetos” (Barros; 2010:366), tudo vibrante de música e demais ressonâncias, fractalizando assim a ideia de sujeito-objeto. A vida é arranjada por “lugares despertencidos” (Idem; 2010:224). “Camaleões são pertencidos pelas cores; eles se aperfeiçoam das paisagens” (Idem; 2010:290). Assim, Manoel vai assobiando sua música mantricamente matrial e, “...este assobio vai para todas as pessoas pertencidas pelos antros” (Idem; 2010:194). Um desobjeto “(...) ligado por uma correia aos ventos da manhã. Funcionava ao sabor dos ventos.” (Idem; 2010:366). Então, é sobre o saber cosmocorporal. É sobre praticar cosmonomadismos.

Ao serem transportadas para a escrita, algumas entonações perdem sentidos e suas incalculáveis vibrações. Mas conforme o grau materialmente poético, também vibram suas forças como estrelas que brilham e já não estão mais ali. Quem sabe encontrem quem as deixem vibrar pela c(a)osmicidade da vida. Quem sabe, em seus cosmonomadismos, sejam direções obsoletas ou hermesianos montículos de pedras de primordialidades pré-históricas para caminhos errantes. Caminhozinhos efêmeros e nano-afetualmente úmidos, deixados gota à gota, pelo tempo das lesmas. Caminhozinhos ordinários de nomadismos. E como prefiro morrer cantando, volto a cantar morrendo, ou melhor, volto pela en-cantaria da vida. E assim tomo respiração e vivo para continuar descrevendo o que a companhia de Manoel de Barros vai metamorfoseando no espaçotempo-ventre, na corpa dessa Ameríndia de Abya Yala das múltiplas matrialidades. Se a fenomenologia é um caminhar junto com o fenômeno, eis o que a poética barreana é sempre aprendiz e portanto educadora: andarilha no

espaçotempo dessas múltiplas trilhas e em arranjo com seus saberes. Assim vai participando da proliferação de cosmicidades corporais e composições cosmonômadas. Cosmicidades corporalmente transmutantes em andarilhamentos musicais, ora cacofônicos, ora dissonantes, por errâncias, desimportâncias, pequenices sem utilidade e desobjetos que se deixam transbordar e se transmutar em incalculáveis contaminações de acordo com as ocorrências dos caminhos, garantindo assim a potência da vida em intenso grau de afeto: ‘nanopolítica da metamorfose’. Veremos que para Manoel de Barros, o trapo pode ser pessoa, que a música é matéria de poesia, que poesia é o andarilho em pessoa e que desobjeto é o próprio poema. Essas e outras imagens do “TRATADO DE METAMORFOSES” (Barros, 2010: xxx) e do “GLOSSÁRIO DE TRANSNOMINAÇÕES EM QUE NÃO SE EXPLICAM ALGUMAS DELAS (NENHUMAS) OU MENOS” (Barros, 2010:181) evidenciam a todo instante a necessária descoisificação para que continue a ocorrer vida, por suas múltiplas pulsações, de modo que não seja mais potente insistir na ideia de sujeito-objeto, fora-dentro, cultura-natureza e tantas outras pretensas dicotomias formadoras da necrocultura ou formadas por esta.

Para Manoel, tudo entoa. A música que inventa o princípio do mundo e da vida para os povos ameríndios acontece com os anonimatos culturais das cosmopercepções xamânicas e marginalizadas, como o *monge descabelado*, personagem barreana descrito no capítulo anterior por ser tão marginal-musical quanto o *catador e o apanhador de desperdícios* que o próprio Poeta afirma ser. *A voz sem boca* encontrada à beira rio, *voz de índio terena que falava azul* e que só aparecia de tarde, o canto azul do índio que faz a perdiz atender pela cor e não pelo canto.. (Barros, 2010:466), as *tribos-pássaros*, a *linguagem de rãs*, o *idioma das árvores*, o *silêncio de pedra*, o sapo que vai sendo *pedra que pula*, segundo Manoel, os múltiplos sujeitos c(a)osmóticos e outros arranjos da poética barreana entoam, metamorfoseando-se inclusive com diversos pensamentos da autoria científica – eurocêntrica legitimadora do conhecimento – e evidenciando o saber que tem força de fontes, do imaginário e suas nascentes sinestésicas, vibracionais e musicais. Diante da necropolítica em curso desde as invasões brancas nesta Ameríndia hoje c(a)osmótica, Manoel de Barros impregna a palavra escrita com a força da oralidade, evidenciando múltiplas contaminações com as natuculturas, fazendo alusões

a uma variedade de distintas línguas indígenas, implicações de suas dicções, bem como suas particularidades musicais, vibratórias, sinestésicas e elementares.

“Cada coisa ordinária é um elemento de estima...” (Barros, 2010:145), sendo a “despalavra”, uma oportunidade em “que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto”. (Barros, 2010:383). A vida ocorre em múltiplas afetações de uma condição cósmica e metamorfoseante. s Aprovando tais condições, é que se torna possível afirmar a vida integralmente, exercendo então sua potência e, inclusive, cultivando múltiplas alegrias que se diferem em muito à pretensa ideia de felicidade. A errante alegria, a sinestesia e a relação cósmica com a vida – compreendida como “caótica” por não-indígenas - estão intensamente relacionadas à prática filosófica do *Tekó Porã* ou *Suma Kawsay* (viver plenamente; bem viver), seguida também pelo “feminismo comunitário” ayamara e boliviano. Para os povos originários, a colonial ideia de “saúde” está condicionada a um pretenso “corpo” departamentalizado, patenteado, reduzido e isolado. Um corpo que a própria ciência, ainda guiada pelas bases moderno-iluministas, perde a todo momento que o disseca ou tenta percebê-lo com uma lupa para supostos aprofundamentos não conectados com o todo da vida. Um corpo cheio de cisões, cortado pelas raízes, sem fontes vitais. Um suposto corpo sem os múltiplos territórios sensíveis e vibracionais da vida. E para além disso, uma vida pretensamente dividida em corpos. Corpos sem mátrias nômadadas. Sem co-implicações delas. Corpos fixos da colonialidade. Corpos fixados como propriedade da cultura patriarcal, desde o Bispo e o Estado até as forças neoliberais. E ocorre que, segundo a sabedoria guarani da cacica Kerexu Yxapyry, “corpo parado adocece” (depoimento no encontro virtual da Rama, coletivo de mulheres; agosto de 2020). Ela fala que a formação andarilha da cultura guarani está intimamente ligada a um “movimento de cura” pela prática do bem viver. Enfatizando o aspecto matrial da mãe terra, cosmicidade corporal como expressão dela e seu aspecto elementar, Kerexu Yxapyry diz: “o corpo, que é terra, precisa se movimentar (...), trocar sementes e, assim, se energizar”. Ela en-sina também na importância dessa “mobilidade” para a “consagração do alimento”, ritual de múltiplas energizações que marca o “ano novo” guarani, diga-se de passagem, completamente descolado do calendário gregoriano-solar e de seus cívicos e monumentais heróis.

Além disso, a Cacica evidencia a importância que seu povo deposita nas mulheres. Em sua aldeia, os homens são ligados principalmente aos trabalhos braçais do plantio, das construções, das caças, das guerras, enquanto as mulheres, são responsáveis por planejar todos os detalhes dessas mesmas práticas e outras mais, pensá-las, realizando todo e qualquer tipo de planejamento estratégico e tático, sendo vozes fundamentais em quaisquer decisões políticas, sociais e caminhanças de seu povo. Veremos que o *bem viver* pachamâmico ressoa a todo instante da poética barreana e que, cientificamente, não significará “andar para o lado” isso de acompanhar Manoel de Barros em suas múltiplas errâncias cósmicas, mas sim, viver.

Como forte e sobrevivente potência de luta contra o pretense corpo fixo e dissecado da cultura eurocêntrica, a escritora, poeta, professora, ativista indígena e contadora de histórias Eliane Potiguara, faz vibrar pela ordem da presença sua fértil e vital inventividade ancestral em profunda conectividade aquática de incalculáveis mutações, salientada por Ailton Krenak no prefácio de um de seus livros. Tudo transbordando pela potência da oralidade que palavra escrita ou cartório de posse alguma é capaz de conter. “Metade Cara, Metade Máscara” (Potiguara; 2004) não cabe nas 164 páginas. O incalculável fluxo cosmocorporal que vou sendo é prova viva: toda vez que fechava este livro, continuava de pele encharcada. Potiguara se vale da arma escrita, da poesia que subverte a palavra utilitária a grau de oralidade – uma prática muito barreana –, fazendo ressoar a estrutura matrilíngua e “nômada” do povo guarani, a prioritária presença das vozes matriciais nas decisões pelo *bem viver*, bem como as múltiplas forças matriciais exaltadas em cada saber dessa terra de mil povos. O milenar, resistente e caminhança povo guarani, segundo Potiguara, sempre foi um dos mais numerosos entre os 5 milhões indígenas viventes até o início da colonização do que hoje é chamado de Brasil – mais de 3 vezes a população de Portugal no início das invasões brancas. Povo constituído pela prática do *guata* (caminhar, em guarani), muito intensificada a partir de tais invasões. “Esse caminhar constante é justificado pelo *Yv’y*, a busca da terra sem males, que aqui definimos como uma terra que os permitia viver com dignidade sem interferências paternalistas” (Potiguara; 132:2019)<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> A população de Piraju – uma das cidades que conheço tanto quanto as linhas tortas de minha palma esquerda e de onde vieram parte de meus ancestrais –, até hoje chama um específico local à beira do Rio Paranapanema, de *Teyquê-Pê*, ou seja, “Caminho de Entrada” para o *Peabiru* que podia nos levar não apenas ao Peru, mas a *Ywy Marã’ey*. Este local de *Teyquê-Pê* é onde no início do século passado havia uma das duas aldeias

A *Ywy Marã'ey*<sup>75</sup>, muitas vezes escrita colonialmente como *Yvy Maraei*, traduzida por jesuítas e antropólogos da época como sendo “Terra sem Males” é tratada, por exemplo, por Helena Clàsters no livro *TERRA SEM MAL* (Clastres; 1975). Uma terra que se difere do tipo de transcendentalismo dicotômico implicado na ideia judaico-cristã de um paraíso distante, em outro plano, e em oposição a inferno, pois é uma terra envelhecida, uma terra do envelhecimento, que se encontra bem ali atrás de alguma montanha ou ao atravessar algum *pará* (mar ou rio) por uma espécie de navegação leve como um voo ou um voo de fruição aquática<sup>76</sup> no mesmo ventre desta aquática composição-mãe-compositora Nhandetsy. Uma xamânica composição que é corpa compositora. Sensível território matriz. Uma corpa-territória. Mais do que isso, ‘corpambiência’, que se dá como corpa cósmica, sem origem fixa, portanto muito diferente da concepção binarista de corpo-alma. Ao (de)correr destas palavras o saber cosmocorporal vai decompondo entonações pela escrita à medida que as sussurro com estranhas e incalculáveis vozes. Entonações que não são minhas, mas que me fazem acontecimento delas. Assim, a milenar sabedoria ameríndia, cosmicamente nômada, cosmonômada, afirma-se nisso de continuar sendo fundamental arma de guerra. Não à toa, os povos originários de Pindoretá e de toda Abya Yala ainda resistem vivos até hoje, apesar de terem sido “vítimas do maior holocausto da história mundial” (Krenak; série *Guerras no Brasil*; de Luiz Bolognesi).

Tais en-sinamentos ameríndios, em conexão com o que evidencia Michel Maffesoli em “Sobre o Nomadismo – Vagabundagens Pós-Modernas”, vão permitindo fluxos de percepções a cerca do nomadismo não apenas pela imagem clichê e reducionista da migração, do viajante e do aventureiro propagada nos filmes heróicos e

---

kaioiwá da região de *Piraju* (peixe amarelo; dourado, em guarani). Aldeia que foi banida desses matriais territórios com várias ações genocidas, culminando em um grande incêndio. Mas o *Paranapanema* (termo guarani) continua significando “rio de difícil navegação” ou “rio que corre ao contrário da preguiça” ou “rio azarado”, vibrando num sentido contrário da maior parte dos rios, já que nasce no litoral e caminha para o meio do continente com abundante música aquática cosmicamente errante e sobrevivente por múltiplas fluências de alteridade e proliferação de diversidade.

<sup>75</sup> A pronúncia originária de *Ywy Marã'ey*, em guarani, é mais próxima a “*ãwã mará eun*”.

<sup>76</sup> Travessia esta que, de acordo com a milenar cultura guarani, é feita no *gwyrá tuitxá* (pássaro grande), um pássaro-canoa chamado também de *Apyká* que, seguindo as direções do *tatatí* (fumaça) do *petyngúá* (portal do tabaco; cachimbo) pitado na pajelança, leva o *nhe'ẽ* (vibração vital-palavra; vibração vital e silenciosa chamada também de “alma” a partir da colonialidade) para *Ywy Marã'ey* numa espécie de navegação-voo. *Apyká* ou *gwayrá tuitxá* faz essa travessia do *yye'ẽ* (“mar; oceano”), essa travessia *para'ruai* (*para* = “mar ou rio” / *ruai* = “do outro lado”), ou seja, para o outro lado dessas águas no ventre aquático da mesma *Nhendetsy*, onde não adianta correr, pois a vida ou cada pessoa (cada suposta uma de nós) é *tapé puku* (“caminho comprido”). A pessoa é o caminho nela mesma. E quanto mais ela quer chegar, nunca chega.



séries contemporâneas, mas pelas múltiplas e intensas ressonâncias de nomadismo presentes no nosso dia a dia ‘agoraqui’. Cada gesto, cada fala, cada “saber fazer” na cósmica artesanaria da vida, cada passo na contemporaneidade, ocorre em conexão com uma longa, resistente, inventiva e metamorfoseante dança-música ancestral infinitamente maior do que a duração da vida de nossa geração. E isso é força incontrolável. Assim como as vozes de Eliane Potiguara, Kerexu Yxapyry Guarani, Tainara Takuá e Ailton Krenak, a poética barreana transborda as potências matriais, cosmicamente nômade e pachamâmicas pela força das oralidades, da errância, das *infâncias da língua*, das *línguas-mães*, das intensas metamorfoses necessárias para que a vida ocorra. E é na composição desses caminhos, nos encontros, nos choques, nas contaminações, que a poética barreana vibra como educadora sempre aprendiz. Uma educadora na intensidade das metamorfoses das cosmopercepções matriais por sensibilidade cósmica no ventre nano-afetualmente multigâmico de Pacha, ou seja, educadora por epistemologias não-binárias nas movimentações e fluxos de alteridade das múltiplas, incalculáveis e imprevisíveis en-sinagens da caminhada cosmocoletivamente nanoafetual. Onde acontecem arranjos nômades, vibram oportunidades de um trajeto autoformativo de sensíveis autonomias não para a utópica autossuficiência da ordem individualista e dicotômica do “fora-dentro”<sup>77</sup> – pretendo fora-dentro de um mundo, um corpo, um objeto, uma humanidade, um plano mais ou

---

<sup>77</sup> São diversas as vozes indígenas, ancestrais e inclusive ocidentais que alertam sobre os maiores extermínios, inclusive sobre a ideia de extermínio e de controle, serem efeitos das ficções dicotômicas como as do “fora-dentro”. Políticas de morte agenciadas tanto através de um imaginário dicotômico-cartesiano como da supremacia de uma sensibilidade heróico-solar. Ambos vem tecendo o real numa Pacha cósmica antes não conhecedora do extrativismo da multiplicidade de pulsações vitais. Imaginário virtualístico-ocidentalocêntrico e colonial, inventor de linhas fronteiriças, cortes, capitalizações e pretensas exclusões.

menos evoluído, um merecimento, um karma<sup>78</sup>, etc. – mas de autonomias sensíveis do saber cosmocorporal e cosmonômade.

Na concepção ameríndia e dos diversos povos caminhantes desta Sábria Grande Mãe de tantos nomes, ou seja, para os nomadismos originários dos mundos que ainda transbordam em incontáveis e corriqueiros movimentos na contemporaneidade, “educação” ou “saúde”, por exemplo, estão muito longe de serem questões exclusivamente e institucionalmente pedagógicas, psiquiátricas, médicas, farmacêuticas, industriais ou de saneamento básico. O *Tekó Porã* (bem viver; viver em plenitude) sempre atuou por múltiplas mátrias sensíveis sem a tecnocracia, de maneira menos setORIZADA e especializada, e mais abrangente, complexa, íntima, intensamente cósmica, em multiplicidade nano-afetual, portanto viva como a corpa-floresta, como a corpantaneira. Tudo co-implicadamente afetado por tudo. Tudo se arranjando pelas errâncias de uma afetualidade cósmica. A intensa cosmicidade poética e musical, bem como a imprevisibilidade metamorfoseante das pulsações afetuais, cosmo-coletivas, oníricas e vitais da poética barreana, de acordo com o exercício da caminhada viva que

---

<sup>78</sup> ideia de karma e meritocracia como álibi colonizador, de modo a instituir a “verdade” colonial ao imaginário, e com ela justificar/aprovar a marginalização da imensa maioria das pessoas, ou melhor, das milhares e incontáveis minorias que compõem a imensa maioria, silenciando-as e dando continuidade ao que as imobiliza em pretensos planos de existência e condições sociais, cristalizando corpos, fixando sujeitos, elegendo quais se tornarão recursos – através da dicotomia sujeito-objeto – para a extração e capitalização das pulsações vitais que os compõem enquanto territórios sensíveis, e isso tudo, em mecanismo de privilegiar um pequeno e seletivo grupo de humanos que se autodeclaram com mais humanidade ou grau de evolução que outros milhares grupos humanos, potenciais humanos e demais “seres” considerados inferiores diante de um superior mundo de humanos. Um mundo de pessoas que já nascem com os privilégios que os colocam acima da maioria. Um mundo hiper-iluminado ou, no mínimo não pecador, que se considera merecedor de seus privilégios sociais e transcendentais por esforço e inclusive sofrimento que, na prática, acabam sendo exponencialmente intensificados para as inúmeras vidas que ficam à margem e à serviço desse esquema brutal. Karma e meritocracia tanto servidas como agenciadoras da necropolítica construída através de despotentes e sistemáticos usos virtualísticos do pensamento transcendental tanto ocidentocêntrico como organizador das grandes religiões imperialistas do mundo, seja a leste ou a oeste, mas iniciadas onde passou a ser colonialmente chamado de norte planetário, e que se valem morfologicamente da ideia de que algo está operando por trás de algo. De que uma espécie de força oculta ou de uma essência – por exemplo, do bem ou do mal, do positivo ou do negativo, do mais evoluído ou do nem tanto evoluído, ou de qualquer registro virtualístico de degradê que se pretenda criar entre um polo e outro de uma dicotomia –, estaria controlando algo ou estivesse conectada com alguém ou algum grupo ou partido que acabaria por representá-la. Mesmo modo que opera no tipo representativo de democracia, por exemplo, alguém distante e quase oculto de nosso dia a dia – como um deus virtualístico ou um recheio energeticamente fantasmagórico de um corpo ou de um sistema – é eleito para supostamente representar toda uma multiplicidade de pessoas, trajetórias, forças, desejos, necessidades, etc. Fenômenos estes que, em síntese, agenciam-se pelas virtualísticas.

vai se tornando uma leitura, podem promover não apenas uma vivência, mas as encantarias de uma convivência de escutas afetuais. Uma experiência de múltiplas contaminações vivas em que já não é potente pretender delimitar quem é poeta, leitora, aprendiz ou mestre. O mesmo acontece em minhas experiências com a música. O evento musical é capaz de fractalizar as pretensas delimitações de palco, plateia e demais duras arquiteturas da arte eurocentrada. Aquelas em que a obra obrigatoriamente tem que se bastar isolada em alguma parede ou museu. E é por essas e outras que Jaider Esbell, artista da contemporaneidade indígena intensamente movido pelas questões da metamorfose, dizia que a arte indígena é aquela em que a obra vive em torno de rituais e acontecimentos cósmicos por fazer questão de não funcionar sozinha. Assim também, o instante barreano pode desdobrar o imprevisível espaçotempo da corpa que vai sendo Pacha – corpacha – nas incessantes contaminações companheiras com as imprevisibilidades da corpacha que vai acontecendo enquanto pessoa leitora, permitindo fluxos às potências da sua caminhada. A afetualidade cósmica da poética barreana acontece como no *mboray* e no *mboraju* guarani já descritos anteriormente, como um amor de fato, não bonitinho, sentimentalóide, romântico e sensacionalista, mas como fenômeno cosmocorporal de uma reciprocidade nano-afetual, possibilitando (re)conhecimentos e sensíveis ativações dessa sabedoria cosmonômada de irmos sendo sábias-nascentes-velhas-aprendizes. A poética barreana vai se tornando educadora ao passo que afirma os nomadismos cosmocorporais que inauguram arranjos vivos do afeto para muito “além do bem e do mal”, como já disse Nietzsche, e sem a ideia de posse. Seja nas relações com a corpa que vai acontecendo enquanto terra ou território sensível, seja nas relações com trabalho, com amores, amizades, alimento, dança, moradia, compreensão, conhecimento, educação ou cura, inclusive nos conflitos, a razão-pacha de Barros é afetual, portanto não caminha pela ideia de posse, pela regulação cartoreira e demais esquemas coloniais da invasão, da delimitação, da cisão, do controle e da extração das pulsações vitais, mas pela consciência do afeto enquanto tecelão de todas as artesanias que constituem a vida e a proliferação de suas potências. É um despreparo colonial evidente na necropolítica não contar com essa sabedoria-tecnologia ancestral de que não há possibilidade de vida e de relações vitais sem a afirmação afetual do afeto. Sem as afetações afetuais, sem a

afetualidade sinestésica, sem con-tato e, como diz Ailton Krenak, sem “fricção”, não se manifestam as nascentes da vida, do fazer, da experiência, da memória, da invenção e do conhecimento. Portanto, toda vez que as palavras “saber”, “sabedoria” e suas variantes vibrarem nas espirais deste texto, seja como substantivo ou verbo, estarão buscando movimentar os sentidos e as sensações, as sinestesias e as vibrações que fazem nascer todo tipo de saber. Sabores inseparáveis do “saber fazer”. Lembrando também que o saber é insubtraível do som e do silêncio. Tudo é música na cósmica artesanaria da vida. A ‘nanopolítica da metamorfose’ na poética barreana acontece a partir de um saber cosmonômade. Uma atitude cosmocorporal para com as nano-afetações. Um agenciamento de encantarias bem ao modo pachamâmico, através de diversas instâncias de cosmicidade co-implicadas. Para que elas continuem em fluxo vital, não há jamais como focar em uma ou outra instância cósmica. Não há como esquartejar corpacha e esperar que continue plena. Não há como obedecer a ordem linear, dicotômica e cartesiana nem num trajeto autoformativo, nem numa possível experiência de educação que considere a corpacha barreana. No próximo capítulo, a busca dessa escrevivência espiralítica será por deixar vibrar uma das diversas instâncias de cosmicidade, a instância elementar-musical da poética barreana para melhor escutatearmos e compreendermos a corpacha, principalmente por seus aquáticos en-cantos. Esta corpa cósmica não há como acontecer sem (re)conhecimentos de uma cosmicidade oniricamente hormonal, nano-material, estética, mítica, além de molecular, microfísica e vibracional, assim como diversas outras instâncias de cosmicidade co-implicadas com as múltiplas contaminações dos en-cantos das águas conectivas de Barros. Acontecem cosmonomadismos em todas as instâncias cósmicas. E fluxos nano-afetuais se compõem em todas elas. Cada gotícula da poética barreana, sempre pede tanto mais aprofundamento, como provoca mais conectividade, em arranjos que vibram sonoras e sábias nascentes vitais.

A companhia de Manoel de Barros no espaçotempo-ventre pachamâmico vai deixando vibrar a corpa cósmica dessas mátrias de Abya Yala. Corpacha que se expressa por incontáveis corpachas e incalculáveis ressonâncias matriais co-implicadas de corpachas que, dependendo do instante, podem ser chamadas de “você”, “eu”, “bem-te-vi”, “serpente”, “carcará”, “sapo” ou “peixe” que em inúmeras ocorrências

também se apresenta como água-alimento-cardume ou origem de sonhos. Corpachas metamorfoseantes com o cósmico uno da vida. Corpachas de gente-pássaro que muitas vezes é arranjada de folha, outras vezes se faz vento, mensageira, presa, predadora.

A Pacha barreana pede o exercício da matrialidade. E assim, prefiro o termo “matrial” em diferença com o termo “matriarcal” para evidenciar o exercício dessa matrialidade que não visa o domínio implícito no termo “matriarcado”. Matrialidades da vida como potências proliferadoras de sensibilidades, saberes, conhecimentos, invenções, diversidade e múltiplas forças. Tomando cuidado para não reduzirmos a expressão “matrial” apenas pelo aspecto da Grande Mãe, mas fazendo-a vibrar uma multiplicidade de ressonâncias, trazendo também o arquétipo da velha sábia, da jovem amante, da criança ou de uma “irmã” – aqui, em desacordos cacofônicos com a concepção judaico-cristã do termo para além da pretensa e homogeneizante visão de que somos ou devemos ser “todos iguais” – e principalmente de inúmeras composições matriais arranjadoras não-binárias do que vamos sendo na caminhada, do que a vida vibra de matrial, ou seja, não em separação e nem em (re)união de opostos, mas como múltiplos arranjos ora cacofônicos, ora harmonicamente dissonantes e polirrítmicos. A materialidade dos caminhos vivos desta pesquisa vibra velhas nascentes de sabedorias fortemente sensíveis por acontecerem sempre aprendizes da percepção de como se determinada experiência estivesse ocorrendo sempre pela primeira vez. Uma percepção das origens. Cosmopercepção materialmente originária das velhas nascentes primordiais, sábias generosas, por uma ligante embriaguez do aquático ventre de Corpacha capaz de provocar, pensamentos de transmutações para outros entendimentos. Liames nano-afetuais multicultivados e espalhados cacofonicamente. “Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras ideias de uma convivência entre lagartos e pedras.” (Barros, 2010:203). Na convivência das escutas, é preciso levar em conta que nenhuma teoria é capaz de abarcar a vida. Uma de(s)colonização tanto epistemológica como do imaginário pode reflorestar a sensibilidade de corpambiências que imaginam, pensam, criam e tecem o real a partir das contaminações nano-afetuais que permitem insurgir a inseparabilidade de lesmas, musgos, limbos e ferrugens das virtualísticas criadoras de linhas rígidas e estruturas fixas. Uma cosmopolítica nano-afetual. E obviamente que,

seguindo passos de Manoel de Barros, procuro exercer a generosidade (do) sensível de modo a não escrever para explicar. E assim como a poesia, “nossa linguagem não tinha função explicativa, mas só brincativa.” (Barros, 2011).

Então, aqui não há pretensão de fazer a insuficiente tentativa de adaptar pensamentos eurocêntricos e coloniais às cosmopercepções ameríndias. Não há desejo de controlar ou ordenar palavras, muito menos de domesticar a vida. A oralidade ameríndia em Barros não se satisfaz em escrever. Mas aqui, como quem compõe uma canção, esforço-me para que sua letra não sufoque as incalculáveis vibrações musicais no ventre cosmicamente matrial da vida. Matrial tanto ao sentido que Andrés-Ortiz (2003) dá ao termo, como também ao que pensa Heloísa Buarque de Holanda, ou mesmo, Boaventura de Souza Campos. Matrialidade também no sentido maffesoliano e durandiano de *matricial*, de matriz simbólica em (e de) tudo que vive. E antes de mais nada, matrial nos sentidos natuculturais de composição-mãe e matriz compositora da vida. Portanto também, de tudo que percebe a vida-sente-pensa – colocado aqui com hífen numa tentativa de evidenciar que estes termos não dão conta da inteireza cósmica de como a vida vai acontecendo. Nem mesmo se tentarmos (re)uní-los com neologismos, pois neste caso, continuaríamos evidenciando uma suposta dicotomia ainda que (re)unida. É por essas e outras que acompanho a maneira como Marcos Ferreira-Santos, embebido dos estudos do imaginário de Gilbert Durand – bem como do *trajeto antropológico* –, permite fluxos a uma *estrutura de sensibilidade crepuscular*, solar e lunar ao mesmo tempo, mas não só lunar, nem luno-solar, e sim, *crepuscular*, ou seja, uma outra estrutura, sempre outra, bastante conectada com cosmopercepções afro-ameríndias e com inúmeras velhas-novas culturas nômade do mundo.

No ventre de *Nhandetsy*, jovens guarani passam por diversos ritos de metamorfose para só assim se tornarem mulheres ou homens através de uma mitologia que jamais despreza vários casos de amores LGBTQIA+ e inclusive discidentes do sistema sexo-gênero<sup>79</sup>. Sendo que para o povo guarani, “*tsy*” – partícula pronunciada à maneira da corpa fônica originária e não ao modo colonialmente difundido como “*ci*” –

---

<sup>79</sup> a multiplicidade (não-binarismo) é (re)conhecida e foi assim cultivada entre diversos povos indígenas até antes da colonização cristã, a exemplo disso podemos conferir as retomadas não-binárias do povo Mapuche (Catrilevo e Carrión, em *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan*, 2021). O não-binarismo contemporâneo é percebido para diversos pensadores, como por exemplo Paul Preciado, enquanto discidência do sistema sexo-gênero. Assim, podemos perceber o não-binarismo na atualidade enquanto uma dissidência ancestral, pois como diz Krenak, “o futuro é ancestral”.

é o princípio matrial da vida. Princípio de *Djatsy* (lua) que pelas co-implicações de “y” (água) leva povos indígenas de Pindoretá, na colonialidade, a chamarem *Kuaray de Guaracy*. Ou seja, até mesmo uma certa deformação cultural, não impossibilitou o reconhecimento de que a estrela Sol também vibra este princípio tanto aquático (y) quanto matrial (*tsy* ou *cy*), já que tudo vive co-implicado nesta Nhandetsy. Então ponho-me a escutar múltiplas ressonâncias matriais da vida como ocorrências que compõem inclusive arranjos pretensamente conhecidos como animais “machos” e homens “cis” – termo que por ironia da caminhada sempre ressoará aqui como arranjado de um princípio “matrial” – em atenção para o que de matrial vibra desses supostos sujeitos fixos nos acontecimentos dos caminhos, dos encontros, das interações, seja por transbordamentos ora veementes, ora latentes, ora visíveis, ora invisíveis, ora no gesto, ora na voz, ora no ritmo, ora dissonantes, ora cacofônicos, mas sempre vibratórios, sensíveis, musicais e potencialmente estéticos. Matrialidades metamorfoseantemente sonoras e poético-musicais apesar das diversas repressões coloniais.

A essa altura não há mais como – e seria infrutífero em qualquer época – pretender separar o que seriam as inúmeras e metamorfoseantes corpachas ameríndias do que seriam as múltiplos arranjos de composições corporais contemporâneas. Entretanto, há que escutar toda diferença possível, cada nuance, sem pretensamente querer fixá-las, mas ouvi-las como registros musicais, poéticos, jamais estáticos, e na qualidade do instante registrado. Jamais estáticos, mas estéticos, até mesmo escutateando ritualísticos êxtases como sabem bem fazer as diversas culturas xamânicas. Escutatear corpoéticas de 1.492, 1.500, 1549, 1822, 1888, 1961, 1988, 1994, 2002, 2012, 2016, 2019, 2021, 2024 e os territórios sensíveis que as constituem para além de Cronos, territórios das instâncias. Instantes-territórios “Carrego meus primórdios num andor” (Barros, 2010:339). Escutatear ‘agoraqui’ os primórdios no andor primordial do contemporâneo Manoel de Barros, “fósseis” do “antigo mar de Xaraés”. Ao modo barreano, uma arqueologia das instâncias cósmicas, de ‘corpambiências’ crepusculares, lunares, e de ‘corpaldeias’, ‘corpurbes’, e principalmente corpas que vibram em mais harmonia com suas dissonantes e cacofônicas ancestralidades nômade e anárquicas pelas diferenças. Mas até mesmo

com as que muito se contrapõem à corpacha. Até mesmo escutando pensamentos que tentam barrar a inevitável alteridade da vida e sua necessária diversidade, buscar encontrar efeitos que façam vibrar as corpachas sempre metamorfoseantes e cosmonômadas da vida. Incontáveis corpas-mátrias. Lembrando que a vida jamais pode ser organizada, controlada e separada em corpos. A vida acontece para além de linhas fronteiriças e fixações de corpos como se costuma fazer com “coisas”. E as “coisas” vivem para muito além do pensamento utilitário. O que este provoca é no mínimo a coisificação a vida. A não-vida. Pois conforme podemos conferir com Manoel de Barros, até a morte é vida. A decomposição é viva e permite originar novas composições vivas. Os povos originários são afirmadores dessa condição vital.

A ancestralidade para as cosmopercepções afro-ameríndias jamais esteve presa há um tradicionalismo fixo, a uma noção linear de tempo e a uma ideia de verdade única. A ancestralidade para esses diversos povos está conectada com um pensamento sensível que a todo momento precisa inaugurar a diferença para que a vida aconteça, e em potência. Não à toa, eram mais de mil povos aqui nestas mátrias pindorâmico-brasileiras. Não à toa ainda são mais de trezentos povos “anárquicos” pelas diferenças apesar de todo um evidente plano colonial de extermínio. Não à toa, um *ka'i* (“macaco”, em guarani) pode estar mais para *djagwareté* (onça) quando uma *ywra'a* (fruta; “filha da árvore”) se apresenta em seu caminho<sup>80</sup>. Um homem pode estar mais para *ka'i* quando uma *djagwareté* está com fome<sup>81</sup>. O *perspectivismo ameríndio* defendido por Viveiros de Castro trata disso. Para diversos povos, “homem é macaco de onça”. Bernardo, personagem barreano, pode ser “quase-árvore”. O “Xamã”, outro personagem barreano, nas errâncias e no acaso, negocia diplomaticamente com a vida, com as tempestades, com sol, com gentes do ar, da terra, da água, incluindo incessantes trocas de posições, podendo, em certos instantes, ser vento enquanto o vento o é.

---

<sup>80</sup> Para meu trajeto ancestral guarani, *tembi'u* significa “quando algo se torna alimento”, algo que não é alimento à priori. Diversos seres da floresta, inclusive a gente, pode virar carne, caminhar enquanto potenciais comidas-caças e ter honra dessa condição. São diversos os arranjos vitais que podem se transformar em carne. *Djaí rógwé* (carne vegetal), *txo'o* (carne animal; termo usado antigamente que caiu em desuso), *o'okwé* (carne humana; termo que antigamente só se usava para carne humana, mas que agora também é usado para carne animal), *ururo'okwé* (carne de galinha; *uru* = galinha / *ro* = carne / *okwé* = “o que foi carne de galinha; o que se transmutou para carne”).

<sup>81</sup> Ainda que os guarani não tenham há muito a prática de comer *ka'i* e (macaco) e que isso provavelmente sempre tenha sido mais comum entre povos do norte e nordeste, inclusive hoje em dia em várias aldeias.



Percebo isso também como um saber cosmonômade, onde tudo é intensamente mutável. Veremos que a poética barreana é praticante cosmocorporal deste saber. Assim como o vento que, em algumas culturas, é o mesmo que “tempo”, sempre suscetível às transmutações do acaso.

A ancestralidade para diversos povos trata de um tempo não linear: o tempo do sonho (yanomami, tapuia, xavante, etc), o tempo do devaneio, o tempo da música, tempo vegetal, tempo d’água, tempo que não é separado entre presente, passado e futuro. E mesmo quando um futuro ou um passado salta pelas imprevisibilidades da vivência, o primeiro se encontra atrás de nós e o segundo, se encontra logo à nossa frente, pois este, assim como nossos ancestrais, são vistos a todo instante, são conhecidos, vibram ‘agoraqui’, compõem a vida. E o tal do “futuro”, do modo como é percebido pela colonialidade, não conhecemos, não insistimos em ter que ver e re-velar os mistérios da vida, não desejamos pro-jetar pretensa saída do espaçotempo ou acelerá-lo.. Essa noção ameríndia de espaçotempo enquanto Pacha é bastante praticada nas diversas culturas e evidenciada na voz de Silvia Rivera Cusicanqui, socióloga da imagem, descendente do povo aymara e boliviana. Maffesoli traz a ideia de *presenteísmo*, um fenômeno social pelo desejo de viver intensamente o momento presente, que podemos notar não apenas nas cosmopercepções afro-ameríndias, como também nas incalculáveis manifestações de nomadismo dos mundos contemporâneos e nas vagabundagens pós-modernas pelas pequenas ocorrências do dia a dia. Nos aprofundamentos do imaginário por Almeida e Ferreira-Santos, vem à tona também a tensão da poiesis como fenômeno que sustenta o movimento da vida no *schemmes corporal*, como um eterno retorno nietzscheano, porém possível pelas danças das imagens vivas e primordiais que compõem os símbolos, os arquétipos e suas atualizações. O tempo, para Manoel de Barros, está sempre num eterno gerúndio, como o que ocorre com as águas mantricamente urobóricas de um velho rio sempre nascente, sempre brotando suas origens, como no poema da “ascensão para infância” (Barros, 2010:409). Assim se continua em *djeroky*<sup>82</sup> todos os fins de tarde para noites nas aldeias

---

<sup>82</sup> Entre as coreografias cósmicas do *djeroky*, há por exemplo, muitas em que são simbolizadas onças em espreita. O caminho do *djeroky* é bastante perigoso. Os dançarinos precisam estar corporalmente atentos, respeitosos e flexíveis para não ficarem suscetíveis a doenças pelos imprevisíveis movimentos que a floresta pede.

guarani. Ritual circular dançado, tocado, en-cantado e conectado com a arte de se brotar pelas profundezas oníricas. As velhas sábias nascentes da vida.

Para além das noções e discussões de tempo, a ancestralidade através de Barros é tratada como rostos que carregam a memória dos peixes (vide Barros, 2010:175) e vibra em imagens como a do *socó-boca-d'água*, pássaro-personagem que sabe onde mora o peixe do agora por carregar em seu canto o antigo mar dos xaraés, vendo dos treze lados, ligado à sombra das borboletas, avista os perigos desde ontem, viajante de canoas bêbadas, cosmonômade de conectividade aquática sempre suscetível a metamorfoses, em transe de múltiplos trânsitos, impossível de capturá-lo num retrato fixo. Seu olho vermelho de ocasos, como é o olho barreano, e de ocasos migratórios que mudam de aves em aves (vide Barros, 2010:279), a ancestralidade, os trajetos nômades das cosmopercepções pachamâmicas e outros incalculáveis nomadismos contemporâneos estão impregnados na visão fontana de Barros.

*SOCÓ-BOCA-D'ÁGUA*

*Socó-boca-d'água meio que espicha seu corpo pra trás, como se quisesse conversar de costas; alonga o pescoço esgalgo, arregala o olho vermelho, e vê dos treze lados. Tem fino ouvido de barata, esse pássaro. Não boceja nunca. Cisma até com a sombra das borboletas. E avista os perigos desde ontem. Sempre alarmado, em cima do susto, como um galo que está viajando em canoa bêbeda, não para de vigiar destinos e mutucas. Ninguém tira retratos dele para enfeite. Não entra em jardins. Sonda a hora das cobras e dos grilos subjacentes. E não sabe se casa tem portas. Se uma lontra ele vê, exorciza. Pula de lado três passos. E para atencioso, esgalgado. Logo adivinha o / que tem na cabeça da lontra. E detona o alarme. Parece que sopra no mundo uma avena entupida de areia. Diante de tanto barulho, esse cachorro-d'água se manda assustado. O socó-boca-d'água é puro de corixo. Pantaneiro escarrado. Sabe onde mora o peixe desde quando por aqui era mar de Xaraés. E atrai os rubafos com ceva de falenas. Por cima dos camalotes, disfarçados, os socós-boca d'água conversam como inocentes lavadeiras. Parecem a mãe dos peixes. Súbito mergulha um. E aparece com o peixe no bico, de atravessado. O olho vermelho com lágrimas de água. / Engole sem cuspe o peixe. O longo pescoço engrosa. Arregala muito o olho. Naquela comprida Estrada / que é o seu pescoço, a gente vê o peixe descendo. Vai agora salivado por uma gosma cinzenta. / Organiza depois um canto rachado para limpar a goela. Desse pássaro ninguém sabe muito. Ouço que mora na gravanha — ou no gravanha. Sabendo ninguém o que seja gravanha. **A palavra é bonita e selvagem.** Não está registrada nos léxicos. Ouço nela um rumor de espinheiro com água. Tem tudo para ser ninho e altar de um socó boca-d'água.*  
(Barros, 2010:231) – Grifos meus.

*Socó-Boca-D'Água* é reconhecido por Barros como um en-cantado ameríndio com entonações aquáticas diluentes das linhas do ontem-hoje. Espaço-tempo que vai gerundiando o presenteísmo das infâncias de Pacha. *Socó-Boca-D'Água*, en-cantado de ancestralizações *sabe onde mora o peixe desde quando por aqui era mar de Xaraés e*

*vibra as forças oníricas dos primeiros sonhadores que são os peixes*, nossos ancestrais oníricos. *Socó-Boca-D'Água*, trickster xamânico das natuculturas, de cabeça pra trás e olhos vermelhos, *vê dos treze lados* com diversos modos de apresentar. Variações nômadadas enquanto arranjo vivo de uma visão aquaticamente multiconectada de Barros que acontece crepusculada pelo ocaso e pela aurora das *cobras e grilos subjacentes*, movimentando-se nessas instâncias em que os contornos das margens fronteiriças ficam imprecisados. Pôr-do-sol de perceber tudo como uma só silhueta, cultivando sua percepção oniricamente crepuscular onde é mais que dia e noite ao mesmo espaçotempo, e sim toda uma multiplicidade de vibrações e pul. Sua visão das fontes é de “montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos” (Barros, 2010:470) nisso de, nano-afetualmente aquática, não ser feita de estrutura fixa. A casa é arranjo vivo e co-implicado da ‘comunidade-pessoa’. Nesse sentido, a casa passarineira e sem portas não se faz por pilar estruturante de linhas fixas e marginalizantes, pois as pulsações vitais não acontecem nem *indoor* nem *outdoor*. Assim sabem povos-pássaros como os guaranis. A vida não é mídia, mercadoria ou paisagem a ser capitalizada de longe pela pretensa separação e marginalização porque ela ocorre co-implicada da multigamia nano-afetual. Uma mosca, uma borboleta, uma samaúma, uma bactéria acaba mudando arranjos de corpambiências das múltiplas contaminações que a fazem continuar sendo arranjo vivo, ou seja, corpambiência em eterna mu-dança. Trata-se de uma arquitetura nano-afetualmente cósmica. Em sua crítica à economia da natureza, ao ecossistema da ecologia, Emanuele Coccia afirma que “é contra as casas que a metamorfose opera” (Coccia, 2021:172). Ele descreve que “sob o ponto de vista epistemológico, a ecologia e o capitalismo são irmãos: eles pertencem à mesma família e defendem interesses similares”. (Idem, 2021:168). Ele evidencia que está na morfologia do campo da ecologia a procura por uma ordenação interna, fixada na ideia de harmonia e de mutualismo enquanto utilidade (solução). Interações enquanto recurso. Uma resposta diante do espanto em relação à “guerra” (problema) recorrentemente observada como primordial forma de sociabilidade entre os “não humanos”. Algo bastante perceptível na busca iluminista e moderna de “humanizar” ocidentalocentricamente a “natureza”, ou seja, colonizar tal ficção através da “cultura” pela pretensa ideia de deixar de ser “natureza”. Mas a visão fontana e crepuscular de Barros sabe que tudo é uma só vida

cósmica para além de pretender colonizar às natuculturas da floresta (do *foris* grego; “fora de”) dando aquela recorrente volta virtualística diante dos contornos que a dicotômica epistemologia do fora-dentro costuma precisar fazer sem perceber o próprio imaginário em ação marginalizante, extrativista e excludente. Este que faz a Casa enquanto unidade de guerra contra a metamorfose. Visão coisificante do sujeito-objeto.

Pensar a natureza como um lar serve precisamente para negar, ou melhor, para reprimir essa violência, reintegrá-la em uma racionalidade oculta e mais ampla feita de paz, harmonia, de combinação entre danos locais e utilidade universal. É apenas graças a essas “mãos invisíveis”, essa economia, que, face à guerra, não é preciso um pacto, um contrato como entre humanos. (...) A teoria darwinista marca simultaneamente a dissolução e o triunfo da economia da natureza e seus pressupostos teológicos: tudo, inclusive e sobretudo a guerra e a competição entre os indivíduos e as espécies, tem uma função e contribui para criar uma ordem interna. A guerra é apenas uma astúcia para tornar a grande Casa mais forte e poderosa do que nunca. (Coccia, 2021;169-172).

A ideia de alienação (problema) não à toa foi criada pelo pensamento ocidentalocêntrico ao observar “o outro”, “o si” e “o mundo”, bem como “a paisagem”, “o indivíduo” e “a mídia”, segundo sua ideia de “verdade” – Solução ou problema? – Mas mesmo usando os parâmetros dicotômicos tanto da colonialidade como da epistemologia ainda mais recorrente e aceita pela ciência, o imaginário da realidade não tem como ocorrer co-implicado da realidade do imaginário, e inclusive co-implicado de múltiplas natuculturas muitas vezes apropriadas por um imaginário de sensibilidade excludente. Não há escapatória. E para além de ficar patinando nas perguntas e afirmações diante do que é batizado como problema ou solução, as en-cantarias ameríndias de Barros permitem (re)conhecer que o sonho é matéria da vida. Matéria onírica da multiplicidade nano-afetual de cosmopercepções pachamâmicas que não lêem mutualismo como utilidade, recurso e capitalização. O que ocorre com a personagem *Xamã* de Barros, bem como *Andarilho*, *Catador e Sóco-Boca-D’Água*, é a mutabilidade cósmica sem economia da vida. A mutabilidade caça-caçadora para além de um olhar dicotômico. Mutabilidade nano-afetual das imprevisíveis interações não-utilitaristas. Não se trata de ser comedor ou comida, coletor ou coleta. Até porque muitas vezes não se vira nem caça nem caçadora. Além disso, virar uma ou outra não

tem a ver com relações entre dois sujeito. Não tem apenas a ver com relações entre 3 ou mais sujeitos, nem entre sujeitos e objetos. É sobre muito do que salta para além das classificações fixas. Por ocorrer enquanto composição viva das mesmas gotículas, moléculas de água e ondas vibracionais de tudo que acontece pelos imprevisíveis fluxos crepusculares da caminhada, é sobre ocorrer como arranjo vivo nas imprevisibilidades de intensos e sensíveis ritos afetivos. Caminhar potencialmente como caça-caçadora na vital imprevisibilidade cósmica do devir. No caso de algum arranjo vivo do arranjo vivo que vamos sendo virar caça ou caçadora, ou no caso de não ocorrer essa potencial possibilidade, é sempre sobre as interações nano-afetuais, de múltiplas contaminações, das composições vivas que vamos sendo para além da ideia de indivíduo. É sobre afirmar mutabilidade ‘cosmótica’. Inclusive quando canibal, de um canibalismo nano-afetualmente cósmico. Conectado com diversas vozes indígenas da atualidade, Coccia diz que “o planeta Terra é apenas a vida da metamorfose: sua natureza é tal que tudo deve mudar de lugar e cada espaço deve mudar de conteúdo. A ecologia é impossível porque nada pode permanecer no mesmo lugar: os seres nunca têm sua casa própria e os lugares nunca serão casas de um único dono” (Coccia, 2021;173). É sobre isso também o cosmonomadismo desde as infâncias de Pacha. Múltiplas velhas infâncias.

Assim como nas cosmopercepções ameríndias, para a visão fontana de Barros, a ancestralidade ocorre como eterna fonte que vai gerundiando reinvenção da vida no intenso fluxo de alteridade e proliferação de multiplicidade. Presenteísmo das infâncias pachamâmicas. *Socó-Boca-D’água* de palavras aquaticamente en-cantadas. Nisso da palavra ser mais imprevisível entonação em acontecimento, úmida e vibrante, do que um significado cristalizado. Musicalidade enquanto culturas da palavra selvagem que está sempre gerundiando(-se por) movimentações cósmicas em acontecimento apesar do português correto corrigir as atendentes de telemarketing. *A palavra é bonita e selvagem* das forças oníricas de errância e devaneio vital do saber cosmocorporal. En-cantamento de saber cosmonômade. “Ele era um andarilho. / Ele tinha um olhar cheio de sol / de águas / de árvores / de aves. / Ao passar pela aldeia / Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos. / O silêncio honrava a sua vida.” (Barros, 2010:445 – O olhar). Ao olhar barreano, a ancestralidade vibra para além do que o pensamento

colonial e militar das ordenações, classificações e necro-fixações chamou de “vanguarda”. Do mesmo modo, as culturas indígenas sempre estiveram em plena transmutação. Simbióticas ou c(a)osmóticas, condições primordiais para que as culturas ocorram. Metamorfoses com os caminhos pelos acontecimentos do acaso e imprevistas transmutações andarilhas sempre muito sabidas, afirmadas e cultivadas. “Às vezes caminhava como se fosse um bulbo” (Barros; 2010:276 - *Concerto a céu aberto*). É a tal da “cultura da murta”, assim denominada pejorativamente pelos primeiros jesuítas e demais invasores deste continente ameríndio. Em *A Inconstância da Alma Selvagem*, Viveiros de Castro retoma trechos de Levis Strauss com citações recolhidas das cartas de padres como Antônio Vieira e Nóbrega referindo-se à imagem do arbusto de “murta” para passar a ideia de que os “gentios” encontrados aqui (assim citados nas cartas), ou seja, os “sem alma”, praticavam uma cultura de caráter extremamente assimilador e flexível – como que se pudesse ser moldada por tesouras de jardinagem –, mas ao mesmo tempo, “amorfa”, “indomesticável”, “indiferente” (nos termos jesuíticos), em contraposição a concepção européia de “cultura de mármore”, esta obviamente “sólida”, “estática” e “quase impenetrável”. Evolucionismos racistas à parte, essa cultura vegetal dos povos indígenas sempre foi sábia de contaminações e transmutações e, para trazer termos mais barreanos, sábias de *metamorfoses*, *transsubstanciações*, *deslimites*, *transvisões* e *desmedições*. “(...) Os limites me transpõem!” (Barros, 2010:56). “Por viver muitos anos dentro do mato / moda ave / O menino pegou um olhar de pássaro – Contraiu visão Fontana (...). (Barros, 2010:425). “Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber. O saber que tem força de fontes” (Barros, 2010:370).

A “visão fontana” de Barros e de suas personagens pantaneiras, indígenas, “pardas”, nômadas, vegetais, xamânicas, essa aquática visão das fontes primordiais, essas cosmopercepções de águas conectivas e mutáveis, essas águas que encharcam o elemento terra, ligando-o gota à gota, grão à grão, pedem transbordamentos pela fértil lama que compõe e diversifica as corpachas de Barros. Essas águas compõem todo o chão da poética barreana e sua intensa multiplicidade de arranjos metamorfoseantes. Há um intenso mundo vegetal nas beiras de rio e nas longas caminhadas pelas terras encharcadas de Barros, mas de plantas tão móveis e mutáveis como as nadadeiras de sua poesia, com visões e escutações para uma *Cordilheira dos Andes* viva, mole d’água,

transmutante, arranjada por tribos-pássaros, gentes das águas e por uma dinâmica diversidade biocêntrica em fluxo de intensa alteridade, bastante diferente da antropocêntrica e estanque engenharia civil colonizadora, construtora não afirmativa – não afirmativa no sentido de o pensamento eurocêntrico naturalizar e biologizar a vida que, para povos indígenas, é construção cosmocóletiva – de corpos pretensamente cristalizados e ficcionalmente desimplicados de incalculáveis instâncias cósmicas. Afirmar múltiplas contaminações nano-afetuais é sobre um saber cosmonômade. Saber que ocorre pelas instâncias de comicidade corporal. Corpas-mátrias enquanto arranjos vivos que vão sendo enquanto ambiências que acontecem sempre de maneira co-implicada. Por ‘corpambiências’ afirmadas na poética pachamâmica de Barros. Sempre pelas importâncias do que é menor, nano, materialmente invisível, vital e vibrante. Importâncias sem valor fixo. Importâncias de “nadeiras” nas movimentações dos “nanodifundios” nano-afetuais.

#### *SOBRE IMPORTÂNCIAS*

*Uma rã se achava importante / Porque o rio passava nas suas margens.  
O rio não teria grande importância para a rã / Porque era o rio que estava ao pé dela. / Pois Pois.  
Para um artista aquele ramo de luz sobre uma lata / desterrada no canto de uma rua, talvez para um  
fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais / importante do que o esplendor do sol nos oceanos.  
Pois Pois. / Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um prédio que ficava em frente das pombas.  
O prédio era de estilo bizantino do século IX. Colosso! Mas eu achei as pombas mais importantes do que  
o prédio.  
Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira dos Andes. Achei o sabiá mais importante do que a  
Cordilheira  
dos Andes. O pessoal falou: seu olhar é distorcido. Eu, por certo, não saberei medir a importância das  
coisas: alguém sabe? Eu só queria construir nadeiras para botar nas minhas palavras.  
(Barros, 2010:408).*

“Há um cio vegetal na voz do artista” (Barros, 2010:359). Nisso de acontecerem múltiplos acariciamentos nano-afetuais no aquático ventre da mãe terra e nas mântricas águas pantaneiras com a sensualidade cosmocorporal das escutas, das vozes natoculturais, enquanto ocorrem contaminações por inúmeras vibrações e incalculáveis diferenças, há um caráter intensamente musical, de comicidade musicalmente biocêntrica e nano-afetual. Territórios sonoros suscetíveis à vida por múltiplas contaminações cacofônicas, dissonantes, mutáveis. É o sábio e indomável cio vegetal sempre bastante arejado, inventivo e renovado que podemos conferir, por exemplo, naquilo que hoje em dia é chamado de *arte indígena contemporânea*. Artistas de toda

sorte, como Daiara Tukano, Jaider Esbell, Isael Maxakali, Denison Baniwa, Edi Sales (Huni Kuin), Ibã Huni Kuin, Poran Puri, Yaku Runa Simi Quechua, Netuno Borum, Owerá, Jecupé Mirim, MC'Xamã, Katú Mirim, Tainara Takuá, Kaê Guajajara, Brisa Flow, Kuaray O'ea, Wescritor, Luzmila Carpio e tantas outras, contaminam ruas, rios, empenas de prédios, palcos e museus de novas ideias, um sem fim de nascentes estéticas inseparáveis da sensibilidade ancestral, afirmando a ancestralidade sempre em movimento, sem fixa-la, através de uma inesgotável inventividade. *Visão fontana* como manifestação de uma contínua invenção da vida que não se cristaliza. A América Latina, esse território ressonante de inúmeros trajetos ameríndios, bem pratica essa invenção do dia a dia muito conectada às linguagens dos primórdios. E Manoel de Barros, assim caminha na contemporaneidade.

*Carrego meus primórdios num andor. Minha voz tem um vício de fontes. Eu queria avançar para o começo.*

*Chegar ao criancimento das palavras. Lá onde elas ainda urinam na perna. Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos. Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem. Pegar no estame do som.*

*Ser a voz de um lagarto escurecido. Abrir um descortínio para o arcano.*  
(Barros, 2010:339)

Musicalmente encharcada de fontes primordiais, a ancestralidade dos povos amazônicos, por exemplo, manifesta-se pela capacidade inventiva de criar o maior jardim multicultural dos mundos que conhecemos e multiplicar suas nascentes, tudo isso em parceria com tribos-pássaros, povos-minhocas e diversas gentes tidas como não humanas para a “monocultura” eurocêntrica. Essas diversas gentes plantaram e mantêm a maior floresta do planeta ainda viva, conhecida como *A última floresta* – nome do filme dirigido por Luiz Bolognesi, co-produzido e co-roteirizado por Davi Kopenawa, rodado entre 2018 e início de 2019, estreado no de festival de Berlim-2021, cuja fase de corte tive a alegria de colaborar com relatos de sensações, partilhas de conhecimentos e sugestões solicitadas. O filme *A última floresta* sem dúvida transborda gritos de socorro dos territórios yanomami invadidos por 40 mil mineradores, “comedores de terra” como diz o Xamã Davi Kopenawa. Salvacionismos jesuíticos e modernos à parte, o Xamã e as múltiplas ‘corpambiências’ indígenas agora contaminam as telas com aquilo que os nomadismos sabem bem como fazer para garantir a potência da vida e resistir à necropolítica: afirmar contaminações com a cultura inimiga, no caso, o cinema, sétima



arte que também muito apreciamos. Hoje, conhecemos vários cineastas indígenas, como o Isael Maxakali, por exemplo, que atualiza a ancestralidade nas telas da contemporaneidade, afirmando a metamorfose como nascente primordial da vida. Aliás a metamorfose, este fenômeno primordial para a poética barreana, é tema central para Jaider Esbell, artista, escritor e produtor cultural da etnia Makuxi.

É importante lembrar que, se até isso que o homem branco chama de “natureza” é visto como “recurso”, com o cinema não seria diferente. Essa arte tão esteticamente rica e composta de diversas linguagens por oportunidades de experiências estéticas, sensíveis, não utilitaristas, não objetivistas, também é usada como recurso para determinados fins. Usado para diversos tipos de propaganda e dominação desde o heróico mercado hollywoodiano, passando pela arena de Búfalo Bill montada e filmada sobre os territórios onde antes eram livres tantos povos como lakotas, cheyennes e importantes lideranças como Touro Sentado e Cavalo de Fogo, o cinema e audiovisual também foram empregados por Adolf Hitler e demais comunicações fascistas, pela propaganda eleitoral da democracia representativa, por toda a moral do “bem” e do “mal” e demais estéreis dicotomias coloniais. Algumas pessoas dos sábios povos indígenas, com muito esforço e sem meritocracia, chegaram há pouco à universidade. O pensamento acadêmico e a palavra escrita podem compor ricas e belas contaminações culturais, poéticas e epistemológicas. Mas não podemos esquecer que a palavra escrita, em sua versão mais utilitária, tem sido há muito uma arma colonial de invasão, conquista e demarcação pelas ideias de posse, ordem, mando e verdade. A palavra dos cartórios legitimadores inclusive das relações – seja relações com terra, água, trabalho, amores, alimento, cura, conhecimento, em síntese, com a vida – que antes em Abya Yala se davam diretamente pelas tramas afetuais. Como visto com Marcos Ferreira-Santos, ao contrário do fundamento contratualista da visão eurocêntrica, a inteligência afro-ameríndia é necessariamente afetual-naturalista, pela experiência da fruição da vida, das vivências, pelos múltiplos afetos que inevitavelmente arranjam o dia a dia. Tudo pelas metamorfoses de um intenso processo de errância, contaminação, transmutação e reinvenção sempre bastante semeado pelos trajetos ancestrais-atuais das culturas indígenas. Na poética barreana não há separação entre ancestralidade e atualidade. O velho e o novo estão em eterna co-implicação simbólica. “Quando eu

crescer vou ficar criança” (Barros; 2010:419 - *Concerto a céu aberto*). Isso vibra com o arquétipo do *Puer-senex* colocado por Cristina Campos ao estudar Manoel de Barros (Campos; 2010). Tudo acontece na “invencionática” (Barros, M.I., 2010:13). Tudo na “linguagem brincativa” de uma “visão fontana” (termos barreanos), ou seja, visão das fontes que arranjam a música do instante no ‘agoraqui’. Ininterrupto acontecimento das fontes aquáticas. A ancestralidade para Barros acontece por uma dança gerundiantemente presente, muito antiga, com duração infinitamente maior diante da duração da vida de uma específica geração. Uma dança de incalculáveis forças que, repetida há eras, transborda nos poros da contemporaneidade, reinventando-se a cada passo pelas metamorfoses dos caminhos e seus devaneios. *Invencionática* com “sotaques das origens” (Barros, 2011) em que visões primordiais dos nômades princípios da vida estão sempre em jogo de metamorfose. Enquanto trajeto antropológico de construção de imaginários, essa dança pachamâmica mostra-se sempre inseparável da condição e condução musical da vida, tendo como base a força das oralidades e a musicalidade de ‘corpambiências’ ressonantes do pantanal barreano, de sua *linguagem de rãs*, de seu *idioma das árvores*, do *silêncio de concha*, todo tipo de sabedoria aquática e musicalmente cosmocorporal, cosmonômada e cosmótica da vida.

## 1.7. Epistemologias Pachanômadadas

*ENTRADA – (...) Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro (...). Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.*  
(Manoel de Barros; 2010:07)

De acordo com Ramón Grosfoguel, a “pós-modernidade” é um projeto incompleto da “modernidade” “. Ele evoca Enrique Dussel quando este então defende a ideia de *trans-modernidade* para se ir além dos paradigmas epistemológicos na contemporaneidade, buscando afirmar a multiplicidade de sentidos pelas diversas epistemologias marginalizadas, e partir das epistemologias do sul, reconhecendo a diversidade epistêmica sem relativismo epistêmico. Ele descreve o seguinte:

Diante do desafio representado pela Modernidade eurocêntrica e suas estruturas coloniais racistas/sexistas de conhecimento, Dussel propõe a transmodernidade como projeto para dar conta do processo incompleto de decolonização. O “trans” quer dizer “além”. Mas o que quer dizer ir além da Modernidade eurocêntrica? Se, por um lado, o projeto colonial ocidental de genocídio/epistemicídio foi, em alguma extensão, bem-sucedido, em espaços particulares do mundo, por outro, fracassou totalmente. O pensamento de indígenas, muçulmanos, judeus, negros e mulheres críticos deste projeto continua vivo, ao lado do pensamento de outros críticos do Sul. Após 500 anos de colonização do saber, não existe qualquer tradição cultural ou epistêmica, em um sentido absoluto, que esteja fora da Modernidade eurocêntrica. Tudo foi afetado pela Modernidade eurocêntrica e muitos aspectos do eurocentrismo foram engessados nessas novas epistemologias. Entretanto, isto não significa que cada tradição está contida, em um sentido absoluto, e que não há uma saída da epistemologia ocidental. Ainda existem perspectivas epistêmicas não ocidentais, que guardam uma exterioridade relativa da Modernidade eurocêntrica. Elas foram afetadas pelo genocídio/epistemicídio, mas não foram completamente destruídas. É esta exterioridade relativa que, de acordo com Enrique Dussel, propicia esperança e possibilidade de um mundo transmoderno: “um mundo onde muitos mundos são possíveis”, para usar o slogan zapatista.

(Grosfoguel; 2016:44 - Revista Sociedade e Estado)

Apesar dos 531 anos de colonização do pensamento de Abya Yala, da iluminista catequização dos mais diversos povos indígenas, esta Corpacha ainda vibra saberes primordiais. Saberes das nascentes vitais. Saberes do espaçotempo mítico-musical que é Pacha. Saberes que vibram no instante presente primordialidades de pulsações vitais e primórdios das intensas movimentações pelas origens dessa Mãe Terra cosmonômada. Saberes ordinários e andarilhos. Saberes das infâncias da vida. Saberes cósmicos e biocêntricos. Saberes de múltiplas aprendizagens anárquicas, não hierárquicas, não antropocêntricas. Saberes passarinheiros, aquáticos e musicais. Saberes colocados à margem na colonialidade. Saberes vitais, cosmocorporais e cosmonômades. E Manoel de Barros sabe bem dar andarilhamento a eles na contemporaneidade.

*Fontes - Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a preciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – em se machucarem. E aprendi com eles ser disponível e sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas Memórias inventadas e doadores de suas fontes.*  
(Barros; 2008:145 – A terceira infância)

As infâncias são múltiplas e sempre musicalmente sábias desde os marulhos oceânicos do ventre uterino, desde os primeiros batimentos cardíacos conjugados com o ventre da vida e desde os primeiros balbucios melódico-rítmicos ainda sem palavras definidas. Os pássaros são sábios das liberdades musicais que inventam vida. Tribos-pássaros são tribos xamânicas assim como povos-sapos e toda uma diversidade de gentes para além da cultura antropocêntrica. As sabedorias sensíveis muitas vezes são marginalizadas assim como os loucos e os andarilhos que inclusive as praticam de múltiplas maneiras. E as epistemologias orientais e afro-ameríndias são necessariamente musicais. Já vimos que nas liberdades cósmicas do povo guarani pelas metamorfoses do caminhar (*guata*), as orelhas esquerda e direita se tornam filtros respectivamente responsáveis pela inteligência e sabedoria. As liberdades da escuta são fundamentais

para tais epistemologias onde muito da vida nasce da música. Afirma-se as potências vitais e a manifestação de todos os fenômenos através da ritualização com as vibrações sonoras, nano-físicas, mas sempre afetuais. O invisível da música é material, pois é matéria de en-cantos. Ressonâncias de epistemologias musicais e de uma imaginação nano-material afirmadora de que os elementos sonham as primordialidades da vida. No caso barreano, som da água pela terra encharcada. “Quem se encosta em ser concha é que pode / saber das origens do som.” (Barros, 2010:375). Compreensão epistemológica nano-afetualmente viva, gerundiante como o mito, e vibrante pela pele de todes e de tudo, logo não apenas virtual ou escrita numa *pele de papel* como ressalta o Xamã Yanomami Davi Kopenawa. Além de vibrarem os princípios da vida e da mãe terra por manifestações de músicas primordiais, os mitos de origem e todo o conhecimento são contados e cantados através da força da oralidade e demais vibrações musicais dos caminhos. Todo mito, inclusive, se estrutura musicalmente. Contado ou cantado, acontece na dramaticidade rítmica da poiesis, provocando vertigem, vórtice e voragem.<sup>83</sup> “A experiência musical não ocorre senão durante sua execução. Sua efemeridade, paradoxalmente, garante sua permanência”. (Ferreira-Santos, 2000:58). Isso diz do presenteísmo das cosmopercepções indígenas. Cosmopercepções que ficam gerundiando múltiplas movimentações pelos fluxos espiralíticos e cacofônicos dos en-cantamentos da vida.

Marcos Ferreira-Santos nos ensina que o termo árabe *Al-insan* ressoa um sentido de “o ser humano”: a ideia de “o grande esquecedor”. E que nas culturas guarani, ocorre uma poética do “ouvir para lembrar”, pois “não se ensina nada pra ninguém”. Apenas pode-se buscar auxiliar a en-sinar a pessoa em seu próprio caminho, ou seja, pelo caminho que ela mesma vai sendo, pelos desdobramentos e imprevisibilidades que pendem sua autonomia. Caminhantes de trilhas biocentricamente autoformativas, a transmissão de conhecimento não é central para as culturas guarani, mas a fruição sim. Fruição autoformativa por incontáveis entonações nano-afetuais da caminhada. De

---

<sup>83</sup> Ferreira-Santos descreve a experiência musical como fenômeno que nos enreda num tempo não-cotidiano e não-cronológico por diversas características que a compõem nos levando por suas vísceras harmônicas e conflituais. “(...) a Construção musical circular nos introduz no turbilhão voraz do tempo primordial”. (Ferreira-Santos, 2000:59). É como no *tempo do sonho* Yanomami ou nos devaneios das matérias por suas forças oníricas e vibracionais que xamãs muito consideram.

acordo com Carlos Papá Guarani, a *guata* só acontece nisso de irmos caminhando por filtragens das múltiplas escutas co-implicadas da caminhada. Filtragens táteis, escutantes e vibrantes como a flauta que vamos sendo segundo Kaká Werá Jecupé. Vamos sendo corpas sonoras, sem fechamento e jamais cristalizadas. E vamos escutando pelos poros dos caminhos que nos compõem, fazendo do escutar um acontecimento estético e ancestral. E é por isso que todo iniciar precisa das experiências, nisso de dialogar junto, pela forma epistemologicamente musical, através de conexões dissonantes e cacofônicas. A vida quase é o acontecimento intensamente contaminatório e vertiginoso da multigamia nano-afetual. Tentar controlá-la à todo custo antropocêntrico, adultocêntrico, virtual, racional, dicotômico, cartesiano, evolucionista, racista, xenofóbico (etc) – é uma frustrante pretensão eurocêntrica. Insistência da ordem e do mando colonial que muitas vezes esteriliza a vida. Necrocultura e *necropolítica* (Achille Mbembe). A floresta só prolifera diversidade de harmonias porque a priori é multiplicidade sonora fisicamente musical e vibracional. Úmida multiplicidade de fluxos musicais intensamente suscetíveis à metamorfose. A selva urbana também. A diferença é que as culturas da floresta afirmam a metamorfose e assim vivem instantes de harmonias dissonantes compostas com os caminhos, de acordo com os acontecimentos, com os devaneios da matéria, sempre suscetíveis a novas e ininterruptas cosmo-contaminações. Já a urbe também é inevitavelmente suscetível, porém quase sempre não se lembra disso, tentando tudo controlar, barrando as vibrações das águas para baixo do asfalto e demais nascentes vitais. Os podcasts de meditação com trilhas sonoras de águas correntes buscam um suposto silêncio na ideia de “natureza”. Se por um lado, a música acontece por vibrações estéticas (estésicas) capazes de conectar sentidos, criando passagens e recriando trilhas a serem atravessadas, por outro, ao tentar domar as culturas da natureza, enfiando um botão de *on/off* nelas, a vida se vê invadida e domesticada tanto do ponto de vista *ecológico-atmosférico* como *político-policial* (Viveiros de Castro; 2015) com sentidos reduzidos, sufocados, e potência sujeita a cortes e apagões. O *silêncio de concha* barreano pode até ser escutado por um fone de ouvido, mas ao ser controlado pelos botões coloniais perde a errância dos sentidos, as oportunidades do acaso, a potência vibracional e musical da caminhada e os mistérios ressonantes dos caminhos que

explicações e bulas algumas podem conter. “A água lírica dos córregos não se vende em farmácia” (Barros, 2010:290). A vida é acontecimento de múltiplos acontecimentos diante de incontornável, incontrolável e não-ejetável. Sabendo disso, o que acontece nas culturas ameríndias, não passa pela ideia de controle, e sim, em diversos instantes, por uma harmonia dissonante possível pelos acontecimentos dos caminhos sempre cacofônicos pelas contingências vibracionais e ressonantes. Possíveis potências e alegrias que acontecem de maneira muito próxima à *pedagogia da escolha* de Rogério de Almeida, afirmando assim a vida integralmente, ou seja, incluindo o inevitável caos – assim percebido pelo mundo ocidental –, o incontornável acaso e o incontrolável trágico através de uma *lógica do pior* (Clément Rosset), sendo ora presa, ora predador conforme o *perspectivismo ameríndio* (Viveiros de Castro). Ainda que ancestralizar-se como presa seja também uma metamorfoseante honra nesta Pacha. Não há a pretensão antropocêntrica de domínio sobre a natureza. Homem pode ser macaco de onça. Quem caça é presa potencial. Assim Milton Nascimento canta “eu caçador de mim”, deixando essas compreensões muito vibrantes<sup>84</sup>.

Os dicionários coloniais da língua portuguesa organizam e explicam o termo “dissonância” como sendo “1. Reunião de sons que causam impressão desagradável ao ouvido. 2. Falta de harmonia, discordância (entre duas ou mais coisas)” (Oxford Languages). Ora! Então as ricas harmonias do samba, o aboio, o clube da esquina, a vanguarda paulista, o maracatu, a cúmbia, o chamamé, a polca, o xaxado, o vaneirão causam impressões desagradáveis?

Apesar das investidas coloniais pelos significados fixos da palavra escrita, é consenso dos estudos da própria música ocidental contemporânea que “dissonância” é um conjunto de diferentes notas capazes de manter em maior tensão e preenchimento vibratório uma harmonia. Um acorde dissonante é aquele que vibra uma variedade maior de intervalos de notas ao serem tocadas ao mesmo tempo, buscando através das diferenças, uma harmonia. A música da vida e da selva é intensamente cacofônica e imprevisível. E nessas errâncias tão suscetíveis às interações vibracionais, a todo instante ocorrem dissonâncias, ou seja, interações harmônicas entre as diferenças. Esse

---

<sup>84</sup> o cantautor Nascimento é velho frequentador de aldeias amazônicas onde compôs dois discos inteiros, Txai e Yauaretê, além de toda uma vida musical ligada às culturas afro-ameríndias e latinoamericanas.

fenômeno ressoa das cosmopercepções ameríndias. Numa aldeia é fácil notar que as dissonâncias produzem harmonia. Não apenas na aldeia, mas nas interações com outras aldeias. Lembrando que uma aldeia é composta de tribos-pássaros, povos-minhoca, gentes das águas, etc. A música ameríndia, sempre tão diversificada, não perde seu caráter circular e integrativo, por vibrações que convidam as mãos a se ligarem, a batida dos pés, *takuá* e maracá (*mbaraka*) a se conectarem, sendo seus instrumentos constituídos das matérias da natureza e as múltiplas corpambiências percebidas como instrumentos sonoros em constante alteridade. Os instrumentos são vivos porque além de serem sonoros, produzem metamorfoseantes en-cantos. Ao passo que a corpa da *umbau* (flauta guarani), por exemplo, é constantemente enaltecida para descrever as corpas cósmicas que vamos sendo nas culturas guarani. Isso de irmos sendo corpas sonoras de Pacha, errantes e en-cantadas de metamorfoses. Já na história ocidentaloêntrica da música nem toda harmonia foi dissonante e suscetível a contaminações. Ou pelo menos não é o que se afirmava. Houveram harmonias tidas como naturais, puras ou “do bem”. Acordes maiores e menores com baixa tensão e sem a menor chance de gerar confusão. A ordem eurocêntrica e imperial é não semitonar. Caso isso ocorra, é considerado desafinação, podendo até hoje levar uma pessoa de orquestra à demissão, ou seja, expulsão do grupo. Os acordes naturais, as escalas ultra-afinadas e os instrumentos hiper-medidos funcionam como máquina da pretensa perfeição, mas mesmo assim, ao ressoarem no acaso, estão sujeitos a contaminações dissonantes e aberturas vibracionais. Só depende das imprevisibilidades do acontecimento da música e da caminhada cosmicamente musical da vida. Mas na cultura eurocêntrica, o público deve ficar em total silêncio durante toda a execução. Por essas e outras, a obras *04:33* e *Water* do músico anarquista John Cage foi uma afronta desestabilizadora do que até então se classificava como música. Cage trouxe um rico transbordar de silêncios, tosses e águas antes controladas pela visão utilitarista. Apesar de Cage, Hermeto Pascoal, Naná Vasconcelos, Fernando Barba, do forró, do candombe, do catira e do blues, para muitos de hoje em dia, o público e a ambiência ainda não são considerados vida co-implicada à obra que está em andamento. Nos tempos inquisitórios, não apenas a precisão matemático-racional era fundamental na música, como também, era proibido qualquer acorde dissonante. Qualquer tensão desse tipo que



transborde a poiesis da vida era considerada “coisa do Diabo; do esquerdo; do mau”. A “lei de Deus”, “do Senhor” e “do bem” é a lei de uma harmonia de vibrações mutiladas. Cortou-se a perna de *Djatsy Djaterê* - milenar en-cantado guarani, protetor da floresta e guardião das suas curas vibratórias - para se fabricar a folclorização do *Saci Pererê*. A diferença vibratória e a diversidade de intervalos era castrada. Tal harmonia bem domesticada apenas era possível ao colocar na fogueira quem emitisse um trítone (conjunto de notas dissonantes). Pena Branca e Xavantinho não teriam sobrevivido às ordens do bem. Jimi Hendrix foi considerado “do mal”. A cosmicidade musical e sua multiplicidade vibratória foram pretensamente extraídas. Visão do controle afetada por uma ordem etnocêntrica e dicotômica. Mas a cosmicidade da vida é incontornável, bem como suas múltiplas e incalculáveis pulsações vitais. Essas inevitáveis interações são afirmadas por um saber cosmonômico das culturas não-antropocêntricas do ventre de Pacha.

A música é um fenômeno potencialmente cosmonômico. Nisso de vibrar a intensidade da vida e sua necessária diversidade em meio à fértil e inevitável cacofonia, as harmonias ocorrem por dissonâncias, estando sempre encharcadas de contaminações. Fenômeno que aqui podemos aproximar do que Ferreira-Santos chama de *harmonia conflictiva*. Ele deixa ressoar o acorde no sentido não apenas de estar “de acordo com”, mas pela raiz epistemológica de “acordar” o “cors” (coração). Ferreira-Santos diz que muito longe de querer retomar a reminiscência platônica, toda a potencialidade do conhecimento do ser humano, na sua condição de ser humano – essa construção cotidiana e diária jamais inata – tem na sua raiz o princípio básico de todo ser vivo que é permanecer vivo. Sobrevivência na potência da interação afetual e co-implicação com os outros arranjos de seres vivos. *Mboraju* (reciprocidade guarani), reconhecimento celular, vibracional e en-cantado que acontece pela memória oniricamente material e afetual, ou seja, nano-afetual, e sem as ideias evolutivas que se institucionalizaram pela supremacia da palavra escrita utilitária. O ato de conhecer, dialogar e efetuar compartilhamentos é uma fruição, um acontecimento nano-físico, um fenômeno musical, sinestésico, elementar, hormonal e onírico pelo desejo de conhecer, aprovar e assimilar a diferença mesmo quando em conflito. Jamais para eliminá-la, mas para relacionar-se de maneira implicada, *cambiando* sensivelmente. E acrescento aqui, para

que com as c(a)osmosezes ocorram metamorfoses, garantindo assim a potência da vida onde todes vão sendo gente, sem alguém superior. Pássaros, onças, árvores, peixes, montanhas, crianças são gentes e compõem diversas tribos. Isso é o que Ferreira-Santos coloca como sendo *humanismo biocêntrico* em contraposição ao colonial *humanismo antropocêntrico*. E escutatearemos com Manoel de Barros que além de biocêntrico, o *saber que tem força de fontes* é nano-afetual. Cosmicidade biocêntrica e nano-afetual com diversas instâncias oníricas de cosmicidade co-implicadas, entre elas, a elementar-hormonal-material e a musical-vibratória-mítica. Cosmicidade por en-cantos de cosmopercepções não antropocentricamente matriais, coletivas, comunitárias e afetuais.

Por outras vivências, Viveiros de Castro, transmutando caminhos de Levi-Strauss por uma antropologia pós-estruturalista, vai dizer que nas culturas indígenas, tudo possui um fundo humano. Enquanto que para a cultura branco-ocidental o “homem” tenha vindo do animal, para as culturas amazônicas, por exemplo, o animal veio do humano. Todo animal possui um fundo humano. Há um caráter evolucionista fortemente arraigado ao pensamento moderno, em que o homem é superior aos “animais” e a tudo que vive. E aí é que impera o racismo e a pretensa hegemonia da cultura ocidentocêntrica que pensa poder domesticar e controlar a vida. Hoje, a cidade de Mariana e toda a região está debaixo da lama. As águas que o suposto “ser-humano” diz poder barrar romperam suas virtuais palavras contratualistas. A todo instante, a ideia de posse racha sem qualquer capacidade de conter a vida. O a corpa aquática e musical do rio está agonizando. Os povos-peixes sendo exterminados. E o povo Krenak não arredou o pé da corpa cósmica de suas águas porque para as culturas ameríndias não há separação entre o que é considerado “rio” e “gente” por quem se diz “homem branco”. Também não há separação entre pretensos corpos e supostos territórios. É tudo uma só música um só arranjo nano-material, vibracional e en-cantado. Cacofonia da música nano-afetual de múltiplas vibrações que permitem harmonias dissonantes e contaminações sensivelmente transmutantes de acordo com cada instante. De acordo com Boaventura de Souza Santos, para as *epistemologias do sul*, não há apenas *sujeitos ocultos* (Foucault), mas “múltiplos sujeitos”. Tudo é conectado pelas mesmas diversidades de ressonâncias materiais, vibracionais, arranjando o que são chamados de

“seres”. Por isso todo “ser” vai sendo gente, corpa cósmica de Pacha. *Humanismo biocêntrico* (Ferreira-Santos).

“Imprimir ao futuro o caráter do ser é uma prova suprema de poder” (Nietzsche, apud Maffesoli, 1997:19) e querer controlar a vida é caro ao antropocentrismo. Este não considera as inúmeras culturas da errância e da alteridade e procura marginalizar as forças multiplicadoras de diversidade. Barros diz que “a gente é rascunho de pássaro” (Barros, 2010:152) em constante estado de inacabamento e, nesta fenomenologia pelos en-cantos barreanos percebemos práticas cosmocorporais de um saber cosmonômade, evidenciando ressonâncias das culturas ameríndias ocorrendo sim por “múltiplos sujeitos”, mas jamais “sujeitos fixos”, ou seja, afirmando vibrações de *elementos-hormônios* (Bachelard) que, por devaneios nano-físicos da matéria, fractalizam a ideia de “sujeito” e demais pretensas contenções. As barragens não suportam a cosmicidade onírica da vida, bem como sua necessária errância.

Para o *nomadismo contemporâneo*, a errância é uma dimensão epistemológica.

Errância mística, naquilo que ela leva a não ser coisa alguma, a se perder numa espécie de nada sem opinião particular sobre as pessoas e os acontecimentos. Há nisso alguma coisa de profundamente chocante, de desorientador também, para aqueles que baseiam a qualidade de existir no fato de ter uma identidade, e uma opinião que lhe seja subsequente. E entretanto será bem necessário habituar-se ao fato de que as convicções, de qualquer ordem que sejam, se enfraqueçam, que os dogmas perdem em sua pregnância, que as ideologias tendem a se fragmentar. (Maffesoli, 1997:170).

Conforme Maffesoli, a errância é fundadora de quaisquer conjuntos sociais, evidenciando a “pluralidade da pessoa” (Maffesoli, 1997:16) e expressando “a revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida” (Idem, 1997:16). É fácil notar a errância transbordando com os *nomadismos contemporâneos* e as *vagabundagens pós-modernas*. Mas sem esquecer que “o anômico de hoje, em sua força libertária, é frequentemente o mesmo que funda o canônico de amanhã” (idem, 1997:16), a errância barreana pede para ninguém imitá-la. Uma errância acariciante, ordinária e ‘cosmo-contaminada’ de personagens marginalizadas, consideradas loucas pela normose social, transsubstanciadas pelas culturas da natureza e por tudo que vai se cosmonomadizando pelo caminho.

Barros, poeta que diz ter nascido com um “ermo no olho furado de ocaso”, caminha com esse olhar fenomenológico para o chão encharcado de seu ventre

pachamâmico. Um olhar que nada cinde para poder enxergar a cor de cada canto e o cheiro de cada vibração. “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”. (Barros, 2010:350). “O modo poético de conhecimento é uma das entradas possíveis no quadro de análise social” (Maffesoli, 1998:192). E a poética tanto pantaneira quanto contemporânea, de um Manoel de Barros contaminado de culturas ameríndias sempre em constante reinvenção dos caminhos, opera nisso de *transver* o mundo pela errância cósmica. Cosmonomadismo sinestesticamente sensual de corpas cósmicas desde seus arranjos nano-afetuais – em-cantos oniricamente elementares, musicais e vibratórios. O saber cosmocorporal de Barros comunica-se e cosmonomadiza-se com nossas composições corporais. Sensíveis territórios corporais arranjados de sensibilidades transeuntes. É por essa capacidade estética que Maffesoli descreve Dionísio como sendo o “mito encarnado”. Um mito que opera em jogo estético nos nomadismos e demais *vagabundagens pós-modernas*. Mito encarnado pelo modo poético de conhecimento.

Essa figura é essencialmente estética, o que quer dizer que favorece e conforta as emoções e as vibrações comuns. Saber dionisiaco é aquele que reconhece essa ambiência emocional, descreve seus contornos, participando, assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva. É assim que procede a poesia. É assim, igualmente, que opera o mundo poético do conhecimento: fazer sobressair aquilo que é, já, aqui, e dar-he um estatuto epistemológico. (Maffesoli, 1998:193).

Essa *epistemologia poética* garante perceber que os sentidos sociais e a memória coletiva, que inclui as forças oníricas, operam nisso de fazer com que nada prevaleça contra o sentimento, sendo este, raiz do conhecimento. Conhecimento necessariamente sensível, onírico e rizomático, diga-se de passagem, por conta da *tribalização do mundo* (Maffesoli) que transborda múltiplos nomadismos pelos poros da contemporaneidade.

As epistemologias poéticas e musicais estão intimamente conectadas num querer viver estético por múltiplas e libidinosas nano-afetações da vida. Cosmonomadismo que também vibra intensamente no vitalismo contemporâneo. Um vitalismo comunitário de múltiplas contaminações estéticas em proliferação de diferentes práticas e fenômenos sociais. Múltiplas práticas estéticas que tribalizam a vida cotidiana. Assim como nas diversas culturas ameríndias, a vida urbana, em muito, se arranja anarquicamente pelas diferenças, sendo proliferadora de diversidade e guiada pelo senso estético-comunitário de cada grupo, onde cada pessoa se compõem por

cosmonomadismos de inúmeros outros grupos, o que faz dela sempre trânsito. Errante e em fluxo de intensa alteridade. Isso é bem o nomadismo contemporâneo. E na contemporaneidade ou não, o nomadismo sempre se movimenta por contaminações estéticas. Esteticamente cósmicas e, na poética barreana, caosmóticas. Sendo que na razão-pacha de Barros, este fenômeno se apresenta esteticamente como um cosmonomadismo que se dá no grande jardim comum e coletivo que é a vida. Um grande jardim coletivo.

Deve-se entender estética, aqui, em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente. Coisas que permitem a cada um, movido pelo ideal comunitário, sentir-se deste mundo e em casa neste mundo. É certo que essa estética da recepção, recepção no mundo, recepção do mundo, repousa sobre a intuição (...) na base do “feeling”, isto é, através dessa capacidade de entrar em contato com o outro de um modo natural, de igual para igual, sem argumentos nem raciocínios mas, sim, a partir de um tipo de conhecimento intuitivo.

Assim, o vínculo social está, cada vez mais, dominado pelo afeto, está constituído por um estranho e vigoroso sentimento de aparência. Talvez seja isso que remete para o que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre denomina “osmose afetiva” necessária a qualquer tentativa de compreensão. Portanto, atitude que integra uma parcela de estética ou, em seu sentido amplo (...). (Maffesoli, 1998:137-138)

Daí a importância de toda essa dimensão epistemológica, inseparável das forças comunais, poéticas, estéticas, musicais, vibratórias e errantes por “osmose afetivas”. A vida ameríndia é intensamente comunitária e sujeita as interações cosmonômadas, experiências de caminhos sempre arranjados pela ‘convivência das escutas’, por vibrações afetuais e ressonâncias do sonho. Trilhas sonoras, sinestésicas e vibracionais ora capturáveis, ora imperceptíveis, mas sempre consideradas. Os mitos de Jurupari, de Djatsy Djaterê, do Curupira, do Boto-cor-de-rosa, das ondinas de beira-rio e de toda cosmogonia xamânica bem ocorrem por essas dionisíacas ressonâncias. Um viver estético por múltiplas e ecológicas interações nano-afetualmente libidinosas da vida e dos caminhos. Libidinosidade cósmica por uma multigamia não-afetual afirmadora de cosmonomadismos provadores de contaminações sensivelmente transmutacionais. Jurupari e Djatsy Djaterê, por exemplo, são tricksters das trilhas e encruzilhadas. Lembrando que de acordo com as imprevisibilidades da caminhada, Djatsy Djaterê, o milenar encantado das culturas guarani, indígena que pita seu petynguá (cachimbo guarani) e pode surgir com uma testeira vermelha com kenés (grafismos nano-afetuais enquanto livros cósmicos que guardam múltiplas informações e sabedorias), pode se

apresentar como um redemoinho de vento, um cão, uma ave ou mesmo passar de maneira invisível. Assim como Djaterê, Jurupari, o filho da fruta, pode surgir nas histórias amazônicas com a cabeça e as mãos em chamas, como uma onça, como a constelação da onça *Djaguetaré* (que pro colonizador é a constelação de escorpião), como um ser de boca torta, como um velho tocador de flauta, como um menino que na fase de amamentação era invisível para sua mãe e sua aldeia, ou pelo codinome de “Boca Torta” e também como aquele que visita nossa rede nos sonhos. Jurupari também pode ser literalmente traduzido como "boca, mão sobre; tirar da boca"; *che jurupoari* - "tirou-me a palavra da boca". Hoje em dia na Amazônia, jurupari também pode ser o nome de uma espécie de macaco, de uma planta ou de peixe.

A intensa alteridade de Jaterê, Jurupari e diversos encantados ameríndios acontece através do caráter cósmico da corpacha bem ao modo barreano. Um viver estético por múltiplas e ecológicas seduções das *escolas vivas* (Huni Kuin) dos caminhos. Libidinosidade cósmica por uma multigamia não-afetual afirmadora de cosmonomadismos. Cosmonomadismos muitas vezes marginalizados. Nano-afetualidades e múltiplas afetações vitais que vão sendo desconsideradas, silenciadas e exterminadas conforme o pensamento dicotômico se impõe pela ideia da ‘verdade’. Pensamento do sujeito-objeto, do fora-dentro, do corpo-mundo, da soberania do sujeito, das marcações fixas para a vida e demais coloniais ideias. Ficções de pretensas fronteiras que vão tecendo o real. As culturas ameríndias e os nomadismos contemporâneos estão sempre lembrando de que tais fronteiras se fractalizam a todo instante. Reconhecer tais domínios eurocêtricos e afirmar epistemologias pachanômadas tem sido uma questão de sobrevivência e replantio da cosmicidade pelas florestas sonhadas por cada corpa-semente.

Na poética pachamâmica de Barros, as pretensas margens fronteiriças são ambiências vivas de múltiplas seduções e contaminações que, afirmadas assim, assumem contornos imprecisos, pois nelas acontecem belezas do acaso, vivências de intensa contaminação e metamorfose, bem como dramas e tensões que garantem a *poyeses*, gerando assim, afinidades entre as diferenças, fluxos de alteridade e proliferação da ‘multigamia nanoafetual’. E eis uma instância de cosmonomadismo vibrante na razão-pacha de Barros: pelo nomadismo dos sentidos perceptíveis e das

sensações incapturáveis, tudo vibra intensamente vivo, conectando-se, contagiando-se e metamorfoseando-se. Este fenômeno não é apenas exclusivo das cosmopercepções afro-ameríndias, mas transborda dos pequenos nomadismos da Terra toda, da vida cotidiana de toda a contemporaneidade apesar da herança colonial e necropolítica em curso. Intensas contaminações metamorfoseantes nos cruzamentos das grandes cidades, nos desertos simbólicos e demais travessias da vida. Fenômeno vibrante num Manoel de Barros que viu, na terceira idade, sua obra se consagrar nas últimas duas décadas para muito além das águas pantaneiras e das Cordilheiras dos Andes. Assim como as culturas ameríndias, a poética barrerana andarilha sempre com a contemporaneidade, pois está a todo instante por se contaminar, contaminando-se. Por provocar metamorfoses, metamorfoseando-se. Minando assim o novo-velho-rio sempre nascente. Rio contaminado por toda uma diversidade de cantos e (en)cantos, movimentando a vida por sentidos e sensações de uma saber cosmocorporal.

Hermes nasce falando, assim como *Kiriku* – personagem do filme de animação *Kiriku e a Feiticeira* (Kiriku, 1998), que se passa numa aldeia africana. Ambos provocam efeitos por comunicações e conexões impensáveis, sempre com bastante distração e sem o objetivismo heróico-utilitarista que se consagrou no mundo ocidentolocêntrico, passando longe do *medalhão* – imagem vibrante da obra do escritor afro-brasileiro Machado de Assis. *Hermes* e *Kiriku* aprontam bastante (con) fusão assim como *Jurupari*, *Djatsy Djaterê* e as diversas personagens barreanas. São manifestações das velhas e sempre nascentes sabedorias sensíveis da vida. Cristina Campos, estudiosa de Manoel de Barros enquanto “demiurgo das terras encharcadas” (Campos, 2010), diz que além de ressoar arquétipos como os da (1) Grande Mãe, (2) de *Nanã* – orixá matrial da velha-sábia-fértil lama criadora –, de (3) Hermes e (4) Exú – mensageiros musicais de comunicações errantes, andarilhos das encruzilhadas e conectores de mundos –, a poética barreana vibra com o arquétipo do (5) *Puer-Senex*, em que tudo opera por uma *ascensão às infâncias* e uma *ascensão ao tartamudo*, numa constante e ininterrupta polarização entre o velho e o novo. Puer-senex que, ao meu escutatear com Barros, acontece como um velho rio sempre nascente, em que o elemento água e demais elementos, com as infâncias barreanas, atualizam suas imagens pela imaginação arquetipal sempre recorrente desde a primeira lembrança da humanidade, desde a

“infância da humanidade (Barros), pelo “primitivismo das origens” Barros, deixando o devaneio realizar “o homem velho na criança, a criança no homem velho” (Freitas, 2006).

De acordo com Cristina Campos, a estrutura de sensibilidade barreana vai de noturno-dramática para o crepuscular. Na primeira infância já nômada, Manoel de Barros vivencia uma sensibilidade noturna-sensorial. Na segunda infância tem o impacto solar no internato e com palavra escrita. Depois, segue por uma poética crepuscular de eterno retorno a primeira infância. Essa infância hermesiana de Barros, sábia pelas errâncias do andarilhar, transbordante de oralidades como quem, feito Kiriku, nasce falando línguas mães entoantes de intensa comunicabilidade cósmica, astuta de traquinagens e en-cantamentos. Essas velhas-sábias infâncias do Puer-Senex desde a Grande Mãe que acontece na poética pachamâmica de Barros e suas sábias culturas do selvagem tão vibrantes com *Cabeludinho* – personagem inspirada na sua infância. Culturas do selvagem que dão passagem ao Lobisomem barreano, filho da Mulher-Serpente, essa corpacha nano-afetual e juruparesca. Juruparesca porque não cabe numa tradução para hermesiana. De cosmonomadismos juruparescos tanto quanto também “exunisiacos” (Rogério de Almeida) e djaterescos. Do *Djatsy Djaterê* e do *Pé de Pote* barreano que crepusculam-se pelos devaneios das múltiplas e transbordantes pulsações vitais da caminhada. Pulsaçõeszinhas aquáticas que sonham a vida. Os (en)cantos do antigo “mar de Xaraés” (Barros, 2010:231) nascem, renascem e acontecem ininterruptamente, gota a gota, pelas nascentes do atual Pantanal. Barros está sempre conectado com os princípios da vida, com os *devaneios da matéria* (Bachelard), com os elementos microfísicos, com a ancestralidade nano-afetual que, pela dimensão de cada instante vivido, está sempre arranjando os nascimentos das culturas indígenas e suas sábias *mirações*. Cosmopercepções em que o atual ou o presente é necessariamente concomitante e conectado com os primórdios. A poética barrena mergulha, rasteja, voa e entoa incontáveis ressonâncias das velhas-sábias-infâncias. Seu “silêncio de concha” ancestral (Barros) é um suposto silêncio. Imagem que vibra ininterruptamente provocando “mar de xaraés” no caminho assim como a estética do *Maa*. Afronta, provoca e vibra imagens primordiais onde brota a potência da vida. Entre latas enferrujadas, lesmas sensuais e a inevitável metamorfose que a vida vai sendo, os



arranjos de seres barreanos são intensamente brincantes de transmutações numa errante busca por todo tipo de prazer e acariciamento estético do mundo, escutando com as escutas de outres. Fenômeno este, como já vimos, bastante contemporâneo. Nomadismos transbordantes de nossos imaginários e de nossos *trajetos antropológicos* (Durand), pedindo passagem para que a vida aconteça. Barros desperta águas encobertas e vozes primordiais latentes na memória coletiva.

Para além dos distantes ideais teóricos impostos pelos desejos coloniais da posse e do controle, da gélida sistematização do pensamento pela oposição entre afeto e cognição e dos demais estéreis conceitos dicotômicos, essa pesquisa com Manoel de Barros chama por epistemologias que (re)conheçam a c(a)ósmica dinâmica de afetos sentidos e sensações ora capturáveis, ora invisíveis, inaudíveis, ou mesmo imperceptíveis, que compõem o pensamento do mesmo modo que uma canção popular vem à tona e se arranja pela pele do cotidiano. A percepção é compositora do saber. Uma compositora de ressonâncias comunitárias e vibrações contaminatoriamente metamorfoseantes. A percepção do poeta, do andarilho, do nômade, da bruxa ou de qualquer suposto sujeito não pode capturar todas as incalculáveis vibrações da vida, apesar de ser ela, a percepção, uma fonte evidenciadora de que todo ‘escutateamento’ e ‘tytypensamento’ se dá enquanto corpambiência cosmonômada. Uma fonte exú-boto-jaterê-ondina-juruparesca que hora vibra também com Hermes, ora também com Dionísio, não cabendo nas virtuais classificações. Os mitos gregos são potentes na caminhada com Barros, não apenas pelo poeta também ser contaminado pela arte e pelo pensamento europeu, mas principalmente pelos arquétipos das inúmeras culturas do mundo compartilharem de mesmas ressonâncias. De acordo com Gilbert Durand, nosso imaginário é, de certa forma, muito pequeno, composto por duas ou talvez três estruturas de sensibilidade e arranjado por grande recorrência simbólica. Não por isso, um mito deve se conter dentro de apenas um arquétipo.

Os mitos ameríndios, errantes como são, vagam por aí, fazendo-nos perceber que ao tentar colocá-los dentro de apenas um mito europeu será preciso amputá-los. Do contrário, ocorreria o mesmo, pois um mito, seja de qualquer cultura, jamais caberá dentro do outro. O mito precisa vibrar suas próprias entonações. Não à toa precisa ser contado oralmente. Seu acontecimento precisa ser evocado cosmocorporalmente. Mas

sabemos bem que o pensamento eurocêntrico impôs muitas amputações<sup>85</sup>.

Ao perceber os cosmonomadismos do saber cosmocorporal operando nas culturas ameríndias da poética barreana – com *Bernardo*, *Guató*, *Índio*, *Xamã*, *Andarilho*, *lesma* e demais personagens de Barros –, reconhecemos ressonâncias dionisíacas e tantas outras que não cabem apenas em um arquétipo. Múltiplas ressonâncias e fenômenos que, para além de sociais, são comunitários, cósmicos, errantes e metamorfoseantes. Uma percepção transmutacionalmente cosmo-comunitária.

Seguindo as intensas c(a)osmose em cada passo barreano, a *hermenêutica social* descrita por Maffesoli, precisa chegar a grau de uma hermenêutica cosmo-comunitária, matrial e nômada, que desperta na vida e na vivência o sentido vivo da memória coletiva. Memória necessariamente ecológica. Pela cósmica fruição de suas personagens, Manoel de Barros tateia nas ressonâncias selvagens as primordialidades do saber e uma intensa proliferação de culturas. Ao invés de buscar dominar o que o ocidente chama de “natureza”, a poética barreana e as culturas indígenas são parceiras e co-autoras da vida. As culturas do selvagem, ou seja, as natuculturas, seguem por vitalismos irreprimíveis evidenciando que “a marginalização do sensível e a perda do senso estético tenha sido um erro epistemológico.” (Maffesoli, 1998:193). “A ecologização do mundo deve corresponder uma ecologia do espírito”. (idem, 1998:193). É sobre a sensibilidade selvaticamente cósmica das trilhas vivas enquanto primordialidade epistemológica.

#### AGROVAL

*... onde pululam vermes de animais e plantas e subjaz um erotismo criador genésico. M. CAVALCANTI PROENÇA / Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraiais enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo — e se enterra. Ali vai passar o período da seca. Parece uma roda de carreta adernada. Com pouco, por baixo de suas abas, lateja um agroval de vermes, cascudos, girinos e tantas espécies de insetos e parasitas, que procuram o sítio como um ventre. Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura é como um grande tumor que lateja. Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo transfere-se para o grande ventre preparado pela*

---

<sup>85</sup> Kaka Werá Jecupé conta bem como que as amputações foram deixando de ocorrer durante os primeiros anos de invasão portuguesa, no contato de como os povos nativos socorriam os europeus. Naquela época, era comum a medicina do colonizador amputar partes do corpo para reestabelecer a ordem da saúde. Mas foi com os povos indígenas que ela aprendeu a deixar de ser apenas boticária, mas se valer de um amplo e profundo conhecimento de ervas e demais curas natoculturais. Evidencia Kaká Werá que a medicina moderna deve 90% de seu conhecimento às medicinas indígenas. Mas sem utilitarismos, “a água lírica dos córregos não se vende em farmácia” (Barros, 2010:290)

*matrona arraia. É o próprio gromel dos cascudos! Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão. Nas descargas de ajudas; no equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos. Entre os corpos truncados. As teias ainda sem aranha. Os olhos ainda sem luz. As penas sem movimento. Os remendos de vermes. Os bulbos de cobras. Arquétipos de carunchos.*

*Penso nos embriões dos atos. Uma boca disforme de rapa-canoa que começa a querer se grudar nas coisas. Rudimentos rombudos de um olho de árvore. Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras ideias de uma convivência entre lagartos e pedras. O embrião de um muçum sem estames, que renega ter asas. Antepassados de antúrios e borboletas que procuram uma nesga de sol. Penso num comércio de frisos e de asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e de sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais; de gosma e de lêndas; de cheiro de incolas e de rios cortados.*

*Comércio de pequenas jias e suas conas redondas. Inacabados orifícios de tênis implumes. Um comércio corcunda de armaus e de traças; de folhas recolhidas por formigas; de orelhas-de-pau ainda em larva. Comércio de hermafroditas de instintos adesivos. As veias rasgadas de um escuro besouro. O sapo rejeitando sua infame cauda. Um comércio de anéis de escorpiões e sementes de peixe.*

*E ao cabo de três meses de trocas e infusões — a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olhos de feto fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas. É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza.*

*Uma festa de insetos e aves no brejo!*

(Barros, 2010:203)

O intenso fluxo de metamorfose se mostra vibrante ocorrência do nomadismo barreano, impossível de calcular e não afeito a fitas métricas. Tal c(a)osmicidade metamorfoseante tornaria qualquer sinal de igual (=) impotente aqui, pois seus arranjos a todo instante ressoam errância e metamorfose por o que compreendo aqui como uma ‘nanopolítica cosmo-afetual’, termo que co-crio por contaminações com Silvia Cusicanqui. Apoiada na sabedoria Aymara, em ideias foucaultianas e outras múltiplas caminhadas no espaçotempo-pacha, Silvia Cusicanqui defende uma micropolítica do afeto. Uma micropolítica cósmica do afeto. Como diz o antropólogo Tucano João Paulo Barreto, fundador do Centro de Medicina Indígena, trata-se de uma “cosmopolítica”. E Manoel de Barros evidencia estar nesta mesma caminhada através de uma artesanaria andarilha da vida, que vibra pelo nano, pelo mínimo, pela migalha, pela gota, pelo grão, pelo invisível, sempre incalculável, do elementar e sinestésico a vibrações inapreensíveis, portanto, de errância cósmica e metamorfoseante. Numa palavra: cosmonomadismo. Ou, em apropriação de termos recorrentes na obra barreana (transubstanciação e metamorfose): transubstanciação nômade por um “tratado de metamorfoses cuja Parte XIX, Livro de pré-coisas, transcrevemos” (Barros; 2010:218). Tal livro, segue por uma transmutante descoisificação da vida com uma multiplicidade

de sotaques estéticos muito vibrantes nas cosmopercepções ameríndias, inevitável contraponto à monocultura colonial do “povo da mercadoria” (maneira yanomami de chamar o homem branco). Como um ventre de proliferação de vidas cosmicamente conectado por intensos nomadismos ao ventre da Mãe Terra, o *Livro de pré-coisas*, inicia-se com um poema de Heráclito: “Tudo, pois, que rasteja partilha da terra”.

É importante lembrar que para o povo Aymara, por exemplo, “Pacha” não significa apenas “terra”, mas principalmente, espaçotempo; ciclo; múltiplos espaçotempos; espaçotempos de múltiplos ciclos. Algo que ressoa fortemente em minha andarilhada de vida e nesta pesquisa. “Pachamama”, essa Grande Mãe evocada na poética barreana, bem como inúmeras culturas da natureza apontam para uma dimensão epistemológica. Diante das forças da oralidade e da musicalidade da vida, ciente das insuficiências da palavra escrita e de toda tentativa de significar fenômenos e ocorrências tão incalculáveis, a que se permitir essa epistemologia barreana, ameríndia, nômade, contemporânea. Há que se deixar a vida acontecer e vibrar. Não como salvacionismo ou pretensa solução de mundo, mas como (re)conhecimento da potência da vida, sua alteridade, diversidade, multiplicidade e transmutabilidade. Há que se ouvir as águas mânticas de Barros transbordantemente conectivas no ventre xamânico de Nhandetsy, escutar as diversas ressonâncias do arquétipo da Grande Mãe, bem como as inúmeras culturas da natureza chamando por um ‘tytymento’, um pensamento-cordis de uma ‘razão-pacha’ composto e (en)cantado por corpos-pacha (corpachas) da corpacha. Corpachas que fazem da Corpacha um acontecimento sempre cosmicamente múltiplo e cacofônico que não precisa ser delineado, escrito em linhas paralelas de partituras e controlado por nenhuma visão colonial ou pretensas harmonizações ficcionais co-implicadas ao pensamento industrialmente bélico e geopolítico.

O termo “caos” pode gerar múltiplos incômodos tanto para a visão colonial, como para as cosmopercepções ameríndias, como para a nós, pessoas contemporâneas indígenas ou não-indígenas, compostas por complexos arranjos de diferentes culturas. Não faltam motivos para o caos ser indigesto para a visão colonial, fenômeno nomeado pelo pensamento europeu e que muitas vezes ocorre como espécie de veneno cósmico para o próprio pensamento. Em resumo, o pensamento colonial é composto pela obstinação à pretensa fixação da vida, plastificação da cacofônica música da vida,

coisificando-a para domesticar e contornar o incontornável, criando paraísos virtualísticos e altos edifícios de domesticação para os que julgam não serem merecedores do caos vivido em terra. Um desejo de ordem, controle e elevação para um suposto “fora do caos”, pretendendo represá-lo ao longe, nem que seja para outra dimensão, mas ao mesmo tempo, provocando tragédias que deixam profundas marcas do ventre da Mãe Terra ao peito do céu. Mas tytypensamos aqui, que o acaso e o trágico da vida são incontornáveis e fazem parte de uma sabedoria maior da vida. A metamorfose é trágica pela potência de vida, ainda que não seja trágica para o pensamento pachamâmico. Mas ponto harmônico, é que tentar controlar tal potência é dispotência e dicotomia. Além do mais, na pressão de tal contenção, a metamorfose (ou o trágico) se atualiza em força de romper barragens, gerando assim as tragédias necroculturais provocadas pelo seletivo grupo colonial que se autointitula “humanidade”.

Os povos indígenas passaram por mais de meio milênio de colonização e *iluminismo catequético* (Ferreira-Santos), e assim sendo, o termo “caos”, também não é facilmente digerível para muitas pessoas indígenas que tytypensam suas culturas na atualidade, e por motivos muito diferentes e mais diversificados do porquê colonial. É que ao nomear o “caos” como sendo um fenômeno a ser controlado, a colonialidade busca uma pretensão que as cosmopercepções ameríndias não buscam: extrair as pulsações vitais das corpachas da Corpacha. Multiplicidade de pulsações vitais que muitas vezes são lidas como caos pelo pensamento europeu. Antes dos choques com a cultura extrativista dos invasores, os povos originários não precisavam pensar o que é chamado de “caos” como a ser combatido, muito menos eliminado. Aliás sempre souberam que os desarranjos e as decomposições são acontecimentos primordiais onde brotam os princípios da vida. Além disso, a pessoa indígena sempre esteve afirmando a possibilidade de ser honrosa presa de onça por exemplo. A relação caça-caçadora é cosmonômada, pois está sempre suscetível a trocas de posições, inclusive intermitentes, reversíveis e, muitas vezes, no exercício do caminho, sem que se consiga dar contorno a quem é caça e quem é caçadora.

As culturas indígenas são sábias de relações caça-caçadoras, coletoras-coletadas e demais intercâmbios xamânicos que Viveiros de Castro vai evidenciar pelo que chama de *perspectivismo ameríndio*. Cada cultura requer seus próprios termos, mas pelas

sínteses necessárias aqui, tal perspectivismo faz com que sejam muito honrosas mortes causadas em combate por inimigos ou em situações de um indígena acabar se transmutando a macaco pela fome da onça. No primeiro caso, para muitas culturas indígenas, trata-se de uma das melhores formas de “morrer”, lembrando que este termo colonial, ao transmutá-lo por uma razão-pacha, vibra mais como metamorfose cósmica com a Pacha. O que seria “morte”, para a razão-pacha, seria um rearranjo dos elementos compositores das corpas-pacha na corpa-pacha maior, a Pacha, simultâneo a outros arranjos vitais. Em cada cultura, isso vibrará com diferentes sentidos, podendo ter muitas instâncias. Uma instância por exemplo, seria a do colapso dos elementos compositores de um arranjo corporal específico, podendo ser seguido de muitas outras fases de transmutação, incluindo também passagens para diferentes domínios cosmicamente co-implicados, ou seja, complicados, sempre por uma maneira muito material e musical de tytypensá-los. Uma maneira transmutante nas múltiplas contaminações. Inclusive contaminações através de um longo andarilhamento no espaçotempo. Um andarilhamento de incalculáveis metamorfoses. E também caosmoses de um caos cósmico enquanto termo não-indígena e não que reflete de fato cosmopercepções pindorâmicas em seus ‘tytypensares’ originários, mas inseparável, querendo ou não, dos últimos séculos de seus trajetos até aqui do mesmo modo que é inseparável da poética barreana.

Nas diversas culturas ameríndias, poderíamos ‘tytydizer’ que Pachamama é um uno cósmico onde tudo acontece em harmonia dissonante, simbiótica e metamorfoseante. Mas na colonialidade a harmonia também tem sido capturada no sentido de agenciar controle e extermínio, ideais estas trazidas com os invasores. E a ideia de paz ou pacificação, muitas vezes, é composta de silenciamentos e política de morte. O que vale lembrar é que ‘tytysabemos’ das, muitas vezes inevitáveis, trágicas ocorrências desde estes tempos neoliberais às diversas histórias de origem que vibram nas culturas vivas pelo agoraqui. Para um yanomami, perceber a presença dos xapiris do gafanhoto, por exemplo, é sinal que a devastação está rondando. Mas não há como, nem porquê, eliminar os xapiris. É preciso negociar cosmodiplomaticamente com eles. Cosmopolítica nanoafetual que não deseja controlar. Sem a pretensão do controle, a metamorfose e a multiplicidade nano-afetual – de certa forma traduzidas como “morte”

e “caos cósmico” na colonialidade –, incomodariam menos, acontecendo ou não acontecendo. Até porque nessa nanopolítica cosmoafetual, busca-se fluxos para que a vida possa passar inteira, integralmente, com o tudo que a compõem, agradando ou não agradando indivíduos. ‘Tytysabemos’ vibrações de *Yoasi* (história yanomami), de Juruá (história guarani) e de tantas diversas culturas originárias. Como já descrito, *Yoasi* teve que cumprir uma longa caminhada de transmutações não por exclusão ou pena judicial, mas pela necessidade de metamorfose para que a vida continue acontecendo no inevitável uno das co-implicações cósmicas, jamais num suposto fora, logo, sem ideia de extermínio. Fazer uma travessia para longe indica apenas afastamento de um determinado território sensível, mas este continua ressoando toda vibração arranjada nele por espaçotempos incalculáveis. Tais ressonâncias podem formar arranjos ou mesmo se dissipar. Tudo depende das sensíveis transmutações dos caminhos pelas incalculáveis contaminações nas errâncias vibracionais e dos nomadismos dos sentidos diante do inevitável acaso. Toda música inscreve memórias nas (e das) corpachas que compõem a razão-pacha, afinal, são todos *corpos sônicos* (Barros). E conforme os cíclicos passos de nossos andarilhamentos, vão ocorrendo metamorfoses e multiplicidades de sentidos para cada travessia e cada memória gravada. A vida então é como o festival guarani de arte indígena contemporânea chamado *Rec.tyty*. Podemos gravar e escutar uma mesma história diversas vezes. Mas a cada ciclo de escutas conviventes, ela pode ganhar novos sentidos sempre atualizados por um incontornável sentido ancestral nano-afetualmente mais recorrente, abrangente e profundo. É a condição metamorfoseante desse *eterno retorno* barreano aos nomadismos das primeiras infâncias. E apesar da ancestralidade estar sedimentada no solo barreano, estas terras são encharcadas. Lama de água extremamente mutável das sábias infâncias no fértil ventre pantaneiro cheio de instabilidades e rupturas. Ciclos que contemplam extremas cheias e drásticas secas em eterno retorno. Ciclos cacofônicos e harmonicamente dissonantes ao mesmo tempo. Em certos alcances, mais favoráveis a determinados arranjos, menos para outros, mas sempre transmutantes. Nada confortantes, porém plenos para a vida. Ciclos de um *bem viver* ameríndio que nada tem a ver com a ideia do *bon vivant* acostumado ao conforto dos sabores fixos. Ciclos de saberes nômades, metamorfoseantes pela potente continuidade da música da vida. Ciclos de solos

ancestrais que não ignoram suas águas subterrâneas sempre ligantes, contaminantes e transmutantes, arranjando os inúmeros *corpos sônicos* de Barros que nunca se cristalizam. Corpos nanomateriais, vibrantemente vivos de barro, sempre úmidos como o som de moringas percussivas de minha mãe – vasos musicais que tanto já se fizeram como extensão de minhas mãos, barriga e coração. Arranjos vivos de música feitos da mesma matéria viva dos vasos funerários que ressoam a vida desta Abya Yala Pindorâmica. *Corpos sônicos* em andarilhamento de múltiplas contaminações metamorfoseantes. Diversos mitemas vibram com tal poética cósmica e cosmonômada. Os mitos são composições coletivas feitas por repetições de vibrações que nos afetam em *recorrência simbólica*. E nos múltiplos ciclos de fruição nas mântricas águas barreanas de vertigem disruptiva, os interruptores da ultra iluminação ficam bastante confusos. Uma “sacizagem” cósmica, ou melhor, uma c(a)osmicidade fractalizando as pretensas fronteiras do claro e do escuro ao viver em constante ligação nano-afetual que ocorre para além das potenciais e potencialmente vitais (re)ligações contemporâneas. Então os interruptores, impregnados de *visão fontana* (Barros), se metamorfoseiam conforme a intensa co-implicação e múltipla ligação da crepuscularidade cacofônica. *Lunina profundis* que só acontece pela multiplicidade de pulsações, vibrações e afetações.

Conta Kaká Werá, que *Kamakuã* era uma mulher muito respeitada na aldeia e tinha um marido que além de guerreiro, era onça. *Kamakuã* teve dois filhos: *Iauaretê-mirim* – que significa onça mirim – e *Juruá* que se tornou um excelente construtor de canoas e sabia navegar como ninguém. Era também muito bom caçador. Mas com o tempo, se tornou exibicionista. Aparecia com caças muito mais fartas do que a necessidade, não às considerava gentes, deixava muita carne apodrecer e matava só por demonstração de poder. Uma borboleta-branca, um beija-flor e uma coruja, em diferentes instantes-caminhos, tentaram conversar com *Juruá* para alertá-lo do seus esquecimento da memória ancestral. Tais arranjos de seres errantes, aparecidos e vibrantes nas imprevisibilidades dos instantes-caminhos, eram *Anhangá*, protetor da floresta. *Anhangá* co-implicado de arranjos vivos co-implicados. Tudo movimentado dos caminhos que compõem cada pessoa, inclusive *Juruá*. A voz de *Anhangá* portanto vibrava pelos múltiplos arranjos das vozes errantes da floresta, buscando alertar *Juruá*



de seu esquecimento. Mas ele não deu ouvidos de sabedoria nem mesmo quando *Anhangá* fez tremer o chão com a voz trovejante de *Tupã* (*tu* = som / *pã* = expansão; “som em expansão”. *Juruá*, hoje sinônimo de “homem branco”, “barbudo”, “não-indígena”, há muitos milênios era uma pessoa da aldeia guarani. Além de muito perspicaz como caçador, era soberbo, rancoroso, teimoso e excessivamente violento com a vida. Assim, matou sua própria mãe sem perceber, em certa ocasião em que ela cruzou seu caminho na forma de um cervo. Ela estava cervo quando ele a matou por não perceber a metamorfose. *Anhangá* é uma composição das natuculturas e então agenciou ritualisticamente, por escutas, diálogos cósmicos e en-cantamentos, a transmutação de *Juruá* a um pequeno peixe de cardume para que a vida pudesse seguir seu curso naquela aldeia. Não conformado com a transmutação, *Juruá* peregrinou aquaticamente até a longínqua toca do *Pirarucu*, pedindo a ele que lhe desse a oportunidade de ser transformado em “homem” novamente. O *Pirarucu* é um ser que antes também era homem e, como tal, foi o criador da guerra. Em tempos remotos, as interações com *Anhangá* o metamorfosearam para este grande peixe silencioso e vivente nas profundas águas, dando-lhe também uma en-cantaria específica. Para quem chegasse até *Pirarucu* com algum pedido e falasse a palavra “oportunidade”, ele então poderia atender tal pedido. Foi assim que *Juruá* se metamorfoseou novamente para homem, mas com a condição de que fosse habitar um lugar longe de sua aldeia-mãe, onde vivia uma gente que não se pintava de vermelho e preto, mas sim, a pele toda de branco. *Juruá* então mais tarde fundou o que conhecemos como “cidade”. Segundo o imaginário guarani – que não ejeta ou pretensamente elimina nada do uno cósmico –, o não-indígena então também já foi indígena e peixe. Com as águas, os peixes são os primeiros sonhadores. A tal humanidade esquece de (re)conhecer os sonhos e está cheia de esquecimento no pensamento. Mas acontecemos todes dessas mesmas águas oníricas e metamorfoseantes. Para os Yanomami, os brancos do além mar são filhos de *Yoasi*, ou seja, sobrinhos de *Omama*. Acontecemos enquanto arranjos de uma mesma Corpacha. Vamos sendo movimentações de corpachas de uma Corpacha errante e metamorfoseante na nômada música da vida. Não é uma questão moral. Não há como eliminar a imprevisibilidade. Não há como, e nem porquê, extinguir as imprevisibilidades da corpacha, ou pelo menos tentar isso sem despotência. Para os povos indígenas, tudo se

dá em ‘nanopolítica cosmoafetual’. O cosmos é sim afetado por tudo que vive nas co-implicações do cosmos. Inclusive pelo pensamento ocidentolocêntrico que tem fobia ao cosmos. A experiência colonial e necropolítica acontece por ‘imaginariocídios’. E antes de mais nada, agencia-se por ‘cosmicídios da imaginação’ (mortes cósmicas tecidas pelo imaginário) e ‘cosmicídios imaginários’ (apagamentos de cosmicidade nos imaginários) co-implicados de ‘matrialicídios’, ‘nomadicídios’, ‘naticulturicídios’ e, sintetizando bastante, ‘cosmopercepções’. Etnocídios, feminicídios, lgbtcídios, genocídios e o que convencionou-se chamar de “ecocídios”, antes de mais nada são cosmicídios da imaginação que participa da construção do real. Mas o cosmos não morre. Ainda que o imaginário necropolítico ocorra instituindo-se como construtor do real, o cosmos não morre. O cosmos é metamorfose. O cosmos é proliferador de mundos. Então, apesar do céu cair sobre nossas cabeças por conta da devastação das natuculturas da imaginação pachamâmica ou da Terra ir perdendo energia e começar a girar cada vez mais lentamente ao longo de eras até parar – tão homeopaticamente que os sentidos ditos “do indivíduo” não possam elaborar o desaceleramento das partículas, esquecendo-se aos poucos dessa percepção cósmica –, o cosmicídio pode acontecer apenas para o imaginário daquele que se diz humano. Humano desde uma perspectiva colonizadora da tal da “natureza” do “outro” e do chamado “universo”. Pois cosmos é algo que acontece por co-implicações nano-afetivas – não necessariamente afetuais – até mesmo na “morte”, no extermínio e, sem dúvida, nas decomposições. Tudo acontece afetado por tudo. E o que vivemos nos últimos séculos em Nhe’ëry, Pindoretá e Abya Yala é, talvez, a transmutação de incalculáveis arranjos de cosmos natucultural (biocêntrico, mas não-biologizante) para um incontáveis arranjos de um caosmos cultural (muitas vezes biologizante do pensamento). Ou de um cosmos micro-caosmótico para um caosmos micro-simbiótico. Nesse contexto, a poética pachamâmica de Barros vibra na oportunidade de afirmar cosmopercepções, imaginários e epistemologias de sensibilidade cósmica que pedem um (re)conhecimento necessariamente (do) sensível. Sem (re)conhecimentos cosmoperceptivos, não ocorrerão movimentações de descolonização dos afetos, da educação, da política e do cosmos. Não ocorrerão descolonizações e reflorestamentos do imaginário. Pois Pacha só acontece por uma proliferação das nascentes vitais. Das pulsações que arranjam (e são

arranjadas de) sabedorias sensíveis. Sem elas, não ocorrerá uma movimentação de fato decolonial ou anticolonial – seja lá qual nome vibre com mais potência e sentido por cada instante e arranjo-pessoa da caminhada. São diversas as lutas, como as feministas e lgbtqia+ das quais há décadas também me faço ativista não por desejo de mudar “o outro”, nem por inclinação identitarista, mas pelo contundente fato de sistemáticas e vulnerabilizantes linhas abissais se multiplicarem neste trajeto ancestral que me compõem ‘agoraqui’ e os fronts necropolíticos a todo instante, nos acontecimentos mais corriqueiros, surgirem bem debaixo dos meus pés por mais que eu jamais os desejasse. Mortíferas linhas coloniais que nos violenta tanto nas previsibilidades como nas inúmeras imprevisibilidades da caminhada. Mas os ativismos feministas, lgbtqia+, não-monogâmicos, “inclusivos” e, pelo incrível que pareça, antirracistas, vão continuar patinando muito enquanto não conseguirem dar passagem para cosmopercepções dos tantos mundos marginalizados e silenciados, inclusive muitas vezes, por inúmeras pessoas agentes desses movimentos. As corpachas acontecem pelo saber cosmocorporal e cosmonômade da multigamia nanoafetual afirmada na razão-pacha. Corpas cósmicas enquanto as composições vivas mais silenciadas e violentamente atravessadas pela política que mata os arranjos da multiplicidade, ou seja, os arranjos não dicotômicos e os arranjos não-binariamente epistemológicos de cosmicidade matrial, corporal e nômade.

Os andarilhamentos nano-afetuais nesse rumor de útero barreano, na continuação das águas que se vai sendo pelas cosmopercepções fontanas de Barros, cria cosmicidade através de uma autonomia (do) sensível – autonomia de sensibilidade cósmica – e, antes de mais nada, através da imprevisibilidade das corpachas.

Na *tribalização do mundo* (Maffesoli), ou seja, nas múltiplas tribos da contemporaneidade, onde o nomadismo é bastante transbordante, “a forma é um bom revelador da sociedade tribal”. (Maffesoli, 1998:92). Mas essa forma pode ser bastante líquida e não se dá necessariamente no visível. Ela está a todo instante buscando inventar sentido a vida, multiplicando ‘andarilhamentos’ através da materialidade, nem que esta seja uma materialidade sinestésica pelo nomadismo dos sentidos que imagina nano-afetualmente. Assim também se dá a imaginação materialista de Barros. Pela mínima gota que arranja as imagens vibratórias de seus en-cantos. En-cantos que

acontecem na movimentação das partículas sim, das sílabas-sementes sim, mas afirmativamente por uma sensibilidade da imensurabilidade e imprevisibilidade das mínimas movimentações. Assim, (con)vivendo no ritual inevitavelmente musical da vida, o invisível da música vibra, alcança, toca, penetra, contamina, harmoniza, arranjando e desarranjando corpachas. Com Barros percebemos que a “música” é um fenômeno inseparado de “corpo-dança-aldeia-alimento-vida-educação-medicina-etc”. Percebamos como as sonoridades vibratórias das letras se repetem co-implicadamente em cada palavra-semente. A dança, o alimento, a aldeia e o bem viver, cada qual em seus diferentes arranjos, acontecem ora visíveis, ora não visíveis na cosmicidade corporal, nômade e matrial. A música, a dança, o alimento, a ‘corpaldeia’ e o *Tekó Porã* (bem viver) são variações de um mesmo fenômeno ora visível, ora invisível. São variações inclusive do que costumou-se chamar de “corpo”. Fenômeno cosmo-comunitariamente inseparado da educação. Ao longo dessa caminhada, chegaremos ao invisível convivente da cosmicidade corporal, porém por um imaginário materialista que desestabiliza a virtualística colonial. Ainda que a dança cósmica que é a vida não seja necessariamente visual, podemos ver a música que a anima ao ‘escutatear’ corpachas inevitavelmente conviventes. Corpas cósmicas ao modo de Barros, bem materializadas, mas jamais cristalizadas. Ainda que o saber cosmocorporal da corpacha não seja necessariamente sempre visual, podemos tentar vertigens de captura pela errância dos sentidos, ‘escutateando’ sua dança que nunca se cristaliza. ‘Escutateando’ os cosmonomadismos de seus movimentos, os arranjos ocorridos com suas inevitáveis contaminações, as mudanças percebidas em suas metamorfoses. Seu ‘andarilhamento’. Isso alimenta a vida na poética barreana. Metamorfose sempre passível de escoamento co-implicado, pois numa dança cósmica nada se prende ou se vaza utopicamente para fora de um *topos*. Mesmo quando se torna caça, tornou-se, logo metamorfoseou-se, com a possibilidade de escapar por pouco entre as grades ou qualquer estrutura rígida da *cultura do mármore*. Mas sem sair a pretensão de escapar não impregnada por ela. Na razão-pacha de Barros escapa-se sem escapismo, sempre na inejetável música da vida. Arranjando-se por um modo musical de compreender a vida, essa imaginação materialista percebe nas diferenças entre uma forma e outra, seus intervalos. Há intervalos entre uma entonação e outra. Porém, a percepção sabe que para além das

réguas tonais ou atonais, há uma intensidade de frequências entre cada forma musical. Frequência geralmente não nomeadas por serem de complexa percepção. Sem contar que tais intervalos ocorrem entre múltiplas entonações, cotizando bastante a possibilidade de percebê-los. Diversas vezes torna-se impossível para a percepção. Mas ainda que muitas vezes não visíveis ou escutáveis, vibram a materialidade musical da existência, logo sua cosmicidade. Uma cosmicidade impossível de desviar da cacofonia, mas dentro do impossível com muitas harmonizações dissonantes possíveis. O importante com a poética barreana é que tanto as dissonâncias, quanto as cacofonias, (con)vivem na suscetibilidade cósmica de múltiplos arranjos, buscando assim, (in)ventar sentido para a vida como o sopro de uma flauta na cacofonia da selva, seja ela de pedra ou de água. É importante lembrar que, independentemente do lugar, Barros não está interessado nas grandes construções, mas na vida. Na vida necessariamente musical, nem que suas imagens não estejam no ato cantante, mas (en)cantem por um devir epistemologicamente musical. Pelo “corpo sônico” e o “corpo fônico” (Barros). “Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um / prédio que ficava em frente das pombas. / O prédio era de estilo bizantino do século IX. / Colosso! / Mas eu achei as pombas mais importantes do que o / prédio.”(Barros, 2010:407). O som do “p” de “prédio” e de “pomba” é o mesmo som do “p” das pequenezas cosmonômadas de Barros. Poeta de sementes sonoras proliferadoras de cosmonomadismos. Percepções nano-afetuais de um devir musical que se dá pelas pequenezas, pelas imagens sonoras, pelas vibrações emanadas delas, não apenas microfísicas, mas (en)cantadamente nano-afetuais, inclusive pelas potenciais vibrações, ou seja, pelo devir metamorfoseante sempre imprevisível, por suas nano-natuculturas ou pequenezas, por sua desimportâncias ou (en)cantamentos. “Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira / dos Andes. / Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira / dos Andes. / O pessoal falou: seu olhar é distorcido. / Eu, por certo, não saberei medir a importância das / coisas: alguém sabe?” (Barros, 2010:407-408). Essas ressonâncias vibram em diversos poemas como no poema abaixo, mas não somente elas. Vibram também com a imaginação das culturas indígenas, por um lado, sempre metamorfoseante, percebendo a morte como ritual de transformação e transmutação, e por outro, por uma imaginação materialista, onde morrer, significa tanto metamorfose

com Corpacha e com corpachas-parentes, como ir, por exemplo morar do outro lado de umas montanhas que devem ficar logo adiante, como é o caso guarani, montanhas bem aqui em Nhe'ẽry – esta Corpacha co-implicada da Corpacha Nhandetsy – ou, se for para imaginar um céu, que seja nas *costas do céu*, bem corporificadas, como no caso yanomami.

BERNARDO

*Bernardo já estava uma árvore quando eu o conheci.*

*Passarinhos já construíam casas na palha do seu chapéu.*

*Brisas carregavam borboletas para o seu paletó. E os cachorros usavam fazer de poste as suas pernas.*

*Quando estávamos todos acostumados com aquele bernardo-árvore / Ele bateu asas e avoou.*

*Virou passarinho. / Foi para o meio do cerrado ser um arãquã. / Sempre ele dizia que o seu maior sonho era ser um arãquã para compor o amanhecer.*

(Barros, 2010:476).

Epistemologias pachanômadas só podem ocorrer nisso de imprecisar margens, irreduzir regiões fronteiriças e fractalizar certas fronteiras instituídas no modo de fazer pesquisa. Vibrando junto com a *epistemologia da errância* (Maffesoli), com a *educação de sensibilidade* (Ferreira-Santos; Almeida e Duarte Jr), com as *epistemologias do sul* (Souza-Campos), com o *pensamento decolonial* (principalmente de diversas pensadoras indígenas que engajadas na perspectiva decolonial), com o *feminismo decolonial* e com principal foco nas cosmopercepções ameríndias, suas múltiplas epistemologias cosmo-biocêntricas que incluem a epistemologia musical (Ferreira-Santos; Werá Jecupé; Cristine Takuá; Carlos Papá, Krenak; Kerexú Yxapyry Guarani; Eliane Potiguara; Nádia Akawã Tupinambá; Silvia Cusicanqui, Davi Kopenawa e inúmeras vozes indígenas), podemos seguir caminhos pelos nomadismos matriais (não patriarcais) da poética barreana. Tais caminhos epistemológicos vibram com o saber cosmonômade e cosmocorporal. Estes termos me surgem para buscar sintetizar sensações que tytypenso, mas sem jamais pretender dar conta das forças das vibrações aquaticamente metamorfoseantes da poética barreana, e também das cosmopercepções ameríndias e dos nomadismos contemporâneos. Pelo contrário, surgem na busca de não barrá-las, deixando-as vibrar. Por escutas com a mitohermenêutica simbólica e observações da fenomenologia compreensiva com (en)cantamentos da poética barreana, essas águas estão sempre transbordando pelas fissuras das palavras. Mas com os rigores científicos necessários, busco um termo que vibra mais intensamente com as trilhas

contemporaneamente ameríndias de Barros: epistemologias pachanômadas. Não nômades, mas nômadas. Assim pelas escutas matriais mesmo. Iniciadas num feminino não como identidade fixa de gênero, mas como *Pacha*, sábia e fértil dimensão encharcada de múltiplos trânsitos, ciclos, espaçotempos, contaminações, “corpos sônicos” (Barros), corpos elementares, corpos vibratórios, composições sensíveis, ambiências sensíveis, corpos-arranjos que nunca se cristalizam. Estas epistemologias cosmicamente nômadas, ou seja, c(a)ós mica (cosmicamente caóticas para a colonialidade), estão distraidamente atentas aos intensos fluxos contaminantes e modulantes da vida, onde “nomadizar” e “metamorfosar” ocorrem como entonações de um mesmo verbo gorjeado. *Verbal de ave* barreana. Epistemologias pachanômadas não apenas pelos nomadismos ameríndios, até porque não se pode reduzir tais culturas há questão nômada. Ainda que o estado tenha se apossado da corpa que vai sendo Pacha (Corpacha), a demarcação dos territórios indígenas é urgente para vida. O enraizamento, ainda que intensamente dinâmico, é fundamental para as culturas ameríndias. Mas os territórios que compõem cada povo, cada aldeia, cada pessoa-coletivo são corpambiências sensíveis repletas de nomadismos. Nomadismos nano-afetuais, sinestésicos, cosmocorporais. Diferentemente da visão ocidentocêntrica, Manoel de Barros segue por epistemologias pachanômadas por andarilhar afirmando contaminações de múltiplas epistemologias não excludentes, ou seja, por um “saber tipo sul” (Maffesoli, 1998:162).

Assim, epistemologias pachanômadas estão conectadas com:

Nomadismos contemporâneos	Errância	Saber incorporado (Maffesoli)
Cosmopercepções ameríndias	Distração atenta	
‘Saber cosmocorporal’	Presenteísmo (Maffesoli)	‘Multigamia nano-afetual’
‘Saber cosmonômade’	Exercício do Caminho (Durand)	‘Libidinosidade cósmica’
‘Corpacha’	A música da vida	Pensamento erótico (no sentido amoroso da vida em sua inteireza) (Maffesoli)
‘corpachas’	Territórios sonoros	Razão-pacha
‘corpas-mátrias’	‘Andarilhamentos’	Tytypensamento
‘corpachas en-cantadas’	“Corpos sônicos” (Barros)	Materialidade
‘cosmocorpes musicais’	Sensações	Artesania dos caminhos
Nano-política cosmoafetual ou	Experiência estética	Poética
Cosmopolítica nano-afetual	Sinestesia	‘Poética Pachamâmica’
	Sensualidade	Sonho
	Fruição	Escuta

Oralidade  
 Vibrações nano-físicas  
 Elementos-hormônios  
 Encantamento  
 Devaneios da matéria  
 (imaginação material)  
 (Bachelard)  
 Imaginação nano-material  
 Intuição  
 Embriaguez (Bachelard)  
 Ordinarietàade  
 Desutilitarização  
 Desobjetificação  
 Ecologização do espírito  
 (Maffesoli)  
 Liberdade  
 Tesão (Roberto Freire)  
 Bem Viver (*Sumak Kawsay*)  
 Quechua; *Tekó Porã*  
 guarani)  
 Autoformação  
 Escolas Vivas (Huni Kuin)  
 Visão biocêntrica  
 (Ferreira-Santos)  
 Visão crepuscular  
 (Ferreira-Santos)  
 Visão xamânica  
 Intelecção matrial  
 (Ferreira-Santos)  
 Intelecção afetual  
 (Ferreira-Santos)  
 Intelecção comunitária  
 (Ferreira-Santos)  
 Intelecção coletiva  
 (Ferreira-Santos)  
 Anarquia pelas diferenças  
 Culturas rizomáticas  
 Enraizamentos dinâmicos  
 (Maffesoli)  
 Identidades líquidas sem  
 origem fixa  
 Formas líquidas  
 (Con)vivência  
 Experiência  
 Senso comum (Boaventura e  
 Maffesoli)  
 Saberes anônimos  
 (Boaventura)  
 Sujeitos ocultos  
 (Boaventura)  
 Intuição  
 Metáfora  
 Eterna infância  
 Velha sábia infância  
 Ruínas-sementes  
 (Boaventura)

apropriações  
 contra-hegemônicas  
 (Boaventura)  
 zonas libertadas  
 (Boaventura)  
 Lógica caça-caçadora  
 Expressão de solidariedades  
 básicas  
 Empatia ‘nanoafetual’ sem  
 salvacionismos  
 Empatia por múltiplos  
 sujeitos cosmóticos  
 Fractalizações da ideia de  
 sujeito  
 Cosmidade de  
 ‘pessoas-arranjos’  
 Desestabilização da visão  
 dicotômica  
 ‘Corpambiências’  
 ‘Comunidapessoas’  
 Descoisificação  
 (Des)organização  
 C(a)osmicidade  
 Transmutação  
 Transformação  
 Metamorfose  
 Alteridade  
 Proliferação de  
 multiplicidade  
 ‘Corpaldeias’  
 ‘Cosmicidade corporal’  
 ‘Cosmicidade  
 corpambiental’  
 ‘Sensibilidade nano-afetual’  
 Cosmose



A música enquanto uma instância de cosmicidade, movimentada por “desobjetos” en-cantados da poética pachamâmica de Barros, é um fenômeno metamorfoseantemente cosmótico para umes e caosmótico para outres, que movimenta os ‘andarilhamentos’ desta pesquisa. “Este assobio vai para todas as pessoas pertencidas pelos antros” (Barros, 2010:194). Entonações nômadadas que, com Manoel, proliferam vozes de incalculáveis diferenças jamais cristalizadas. Lembrando que a metamorfose (re)conhecida também pela fruição e a sinestesia como uma primordial nascente do saber, potência de vida e proliferação da multigamia nanoafetual que vai arranjando a libidinosidade cósmica das palavras e demais vibrações da poética pachamâmica de Barros.

*Em passar sua vagínula sobre as pobres coisas do chão, / a lesma deixa risquinhos líquidos...  
A lesma influi muito em meu desejo de gosmar sobre as palavras / Neste coito com letras!  
Na áspera segura de uma pedra a lesma esfrega-se / Na avidez de deserto que é a vida de uma pedra a  
lesma  
escorre... / Ela fode a pedra. / Ela precisa desse deserto para viver.  
(Barros, 2010:260-261)*

Na fruição das labirínticas águas pantaneiras, nano-libidinosamente ressoantes da lesma ao caracol barreano, o espaçotempo escapa do presente a cada incalculável fração de segundo. E como a realidade é também inapreensível, qualquer menção sobre a vida nasce sempre como invenção ou até mesmo ficção. Se a vida não tem sentido algum para além da sinestesia possível de sentir, então sentidos são criados para suas travessias. *Imaginário* que nasce da sinestesia, do saber cosmocorporal e cosmonômada da(s) corpacha(s). Razão-pacha a partir de inevitáveis e trágicos (re)conhecimentos. Então, se tudo é invenção, porque não escolher invenções que sejam potentes para a vida? Porque continuar buscando separar a vida em pretensos corpos fixos?

São inúmeras as invenções que nos valem para tecer o real. E afirmamos a vida inventando seus sentidos. Com Manoel de Barros, sigo nisso de perceber fenomenologicamente que vamos acontecendo na dimensão sensível. Condição de vida esteticamente sinestésica e material pela fruição. O saber cosmocorporal e os cosmonomadismos da poética pachamâmica de Barros vibram na contemporaneidade a sensação de que a vida só ocorre por um processo c(a)ósmico nisso de não afirmar pretensos sujeitos ou objetos, e sim, ‘ambientes sonoros’, ‘caminhos vibracionais’,

‘arranjos sensíveis’, ‘cosmocorpos’ e ‘nanocorpos’ de um mesmo cosmos, ora dissonantemente harmônicos, ora cacofônicos, deixando as *insignificâncias* barreanas merejarem nos compartilhamentos vibratórios e metamorfoseando-se por impregnantes cosmonomadismos de uma imaginação nano-afetual. Buscarei descrever aprofundamentos dessas questões no capítulo sobre c(a)osmicidade aquático-musical e corporal.

Para as culturas ameríndias que contaminam a poética barreana não há o problema da (ou na) “contradição”. Suas sabedorias, seus encantades, suas principais imagens-entidades (“deusas” e “deuses”, assim vistos pela cultura ocidental) são repletos do que a ciência iluminista costuma chamar de “contradições”. E apesar das exigências coloniais, é impossível não trazer ou barrar tais fenômenos classificados como “contradições”. Eles são transbordantes e não é pretensão objetiva desta pesquisa resolver “contradições”. Manoel de Barros não gosta de “palavra acostumada”, e para além das supostas contradições, o poeta está interessado em nomadismos por inseparabilidades cósmicas, elementares, e até inapreensíveis, quase sempre, sem bucar (re)unir o que para Barros já se dá por inseparabilidades e também sem objetivo de solucionar pretensos problemas de mundo. Apesar dos rigores científicos aqui empregados, o que é visto pela modernidade e pós-modernidade como “contradição” surgirá já pela inseparabilidade cósmica, dissonante, cacofônica, modulante, aquática, sempre entregue a contaminações incalculáveis, quem sabe vibrando desarranjos, num caminho de aprovar a vida integralmente com o imprevisível, inevitável, incontornável, incontrolável, mesmo que o pior ocorra, afirmando então a vida em sua plenitude metamorfoseante para além de uma pretensa felicidade, mas por nano-alegrias transmigrantes e transbordantes. Natuculturas nano-afetuais na errância e no risco que constituem o ventre dessa Pachamama barreana, ora como presas, ora como predadoras, capturando inclusive o incapturável, e muitas vezes não capturando um suposto capturável. Afirmação da vida por uma ‘lógica caça-caçadora’ e uma sensibilidade para além de antropofágica: cosmonomadamente biocêntrica e nano-afetual. Sigamos nos nomadismos da canibalização cósmica. Nomadismos sempre enquanto movimentações da metamorfose. Numa palavra: andarilhamentos.

Afio a flauta e afino a flecha pela lógica caça-caçadora e pela sensibilidade cosmicamente canibal dessas epistemologias pachanômadas, deixando a escrita aqui acontecer sem soberania de sujeito. Arranjos ressonantes ocorridos por andarilhamento em estado poético como potência de vida. Vida que só ocorre em fluxo de múltiplas alteridades. A pessoa acontece e tem profunda importância subjetiva. Com a poética pachamâmica de Barros, veremos que a pessoa vai sendo música e arranjo da metamorfose. Pois a vida, inseparável da noção de música, só ocorre em fluxo de múltiplas alteridades, como no sinestésico e cosmonômade “mito” de Jurupari que vai se desdobrando pelos andarilhamentos dessa caminhada com Barros. Essas questões sempre foram evidentes para as sabedorias ameríndias e, assim como os nomadismos que praticamos na contemporaneidade, Manoel de Barros as entoava via poesia apesar de não ser classificado como indígena. Cosmonomadismos não são lineares e acontecem por uma imaginação nano-afetual. Ressonâncias de incalculáveis culturas ancestrais, seja por trajetos antropológicos, laços sutis de ordem perceptível ou contaminações mais inapreensíveis, os cosmonomadismos ocorrem nos pequenos jogos sensíveis do dia a dia, gestos, danças, entonações e invisibilidades. Dependendo do que pensamos, podemos querer expressar tal fenômeno de maneira mais abrangente e/ou nano-afetual (cosmonomadismo) ou então com sentido mais sinestésico (cosmonomadismo sinestésico), sendo que a imaginação nano-afetual sempre nasce do sentido cosmocorporal. Com a razão-pacha de Barros, percebemos que vamos sendo ‘cosmocorpas(es/os)’. Vamos sendo ‘corpambiências’ compostas e decompostas por nano-corpas de Pacha a todo instante. Cada cosmocorpa(e/o) acontece a todo instante por sensíveis arranjos e desarrajos. Essas compreensões serão possíveis no próximo capítulo. Uma escrevivência que busca deixar a poética barreana falar, ou melhor, encantar como ela bem sabe fazer sem que ninguém tenha que explicar. Daí a importância poética de algumas palavras desinventadas nesta caminhada. Mais do que neologismos, vão acontecendo como sementes sonoras sempre sem forma final, provisórias, que evitam cristalizações, sufocamentos modernos, bem como escapismos.

A corpacha barreana acontece como uma composição ambiental e musical bastante complexa, variável, dinâmica, transmutante, em fluxo de múltiplas alteridades e jamais apartada do todo pela pretensa dicotomia dentro-fora. Corpacha então como

arranjo sensível, corpa-música, ambiente ressonante, caminho vibracional, nuvem dissonante, ambiência cacofônica, andarilha cósmica de múltiplas contaminações, em constante arrançamento, desarrançamento e rearrançamento também por participar dos arranjos e movimentações de outras corpachas. Ambulante arranjo molecular sem interrupção fixa com as galáxias an-cantadas de sistemas celulares, ou seja, sem a fixação do pensamento pelo fora-dentro. Corpa, corpe ou corpo como cardume das contaminações aquáticas. Corpe errante sempre diferente por estar a todo instante sendo (re)inaugurada das inúmeras contaminações. Corpe que se dá por contaminações e arranjos sensivelmente ressonantes dos caminhos. O xamanismo ameríndio sabe disso há dezenas de milênios. Corpacha sábia de corpachas sensíveis. Corpacha enquanto acontecimento “selvagem” não como o evolucionismo colonial continua a subjugar, a ponto de fazer a luta indígena subtrair este termo ocidental de sua fala agora inevitavelmente ocidentalizada. Cultura do “selvagem” como potência de sabedoria, conhecimento sensível, arranjos e desarranjos culturais na cosmicidade da vida. As natuculturas da poética barreana andarilham nisso de fractalizar fronteiras vivas onde nascem as belezas do acaso e surgem afinidades entre as diferenças. Quanto mais livre o passo, mais léguas no coração.

Manoel de Barros segue por um pensamento que considera a vida para além das domesticações do “povo da mercadoria” (Davi Kopenawa). Os Yanomani, assim como cada povo dessa terra de mil povos ameríndios, essa pachamama nômade vibrante na obra barreana, bem como todas as culturas nômadas do mundo – incluindo os incalculáveis nomadismos da contemporaneidade –, entoam por velhas-novas-múltiplas epistemologias não excludentes. A academia instituída nesta latinoamérica também já está contaminada por elas. Desde uma Silvia Rivera Cusicanqui, passando por bell hooks, Boaventura de Souza Santos, Erika Malunguinho, Grada Kilomba, Cecilia Vicuña e tantos pensadores da contemporaneidade, estamos a ouvir as águas subterrâneas da vida pedindo passagem. A poética barreana, nesta caminhada, pede que escutemos diversas compreensões não-coloniais e decoloniais. Como diz Terê – uma velha sábia sempre aprendiz de 97 anos com quem tenho a alegria de ser ora mestra e geralmente aprendiz em encontros semanais ao violão –, “basta escutatear!”<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> Terê não lembra nomes das pessoas mais próximas ou até em que estação estamos, mas ela diz que é “um calor impressionável” quando estamos juntas. Em nossos primeiros encontros de 3 anos

Apesar de Manoel de Barros ser um poeta contemporâneo (1916-2014) com obra mais amplamente editada e distribuída na última década, já existe um vasto terreno de teses e dissertações a respeito de seu trabalho pelas diversas áreas do conhecimento. Intelectuais da Antropologia, da Filosofia, da História, da Biologia, da Geografia, das Letras, da Psicologia, da Educação, da Educação Ambiental seguem itinerários barreanos. Das mais de 50 dissertações e teses que pude investigar, nenhuma pesquisa focou na cosmicidade ameríndia da poética barreana. Nem no imaginário ameríndio de seus arranjos poéticos ou poético-musicais, nem em pelo menos uma das diversas instâncias de cosmicidade de sua razão-pacha, nem no aspecto metamorfoseante ou sensivelmente c(a)osmótico das noções de arranjo corporal tão ressaltadas em sua obra. Seus declarados nomadismos não aparecem nas pesquisas. Mas, cosmonômada, a corpacha barreana vibra intensamente. Vibra tão materialmente quanto o invisível da música e os sonhos da água. Vibrações não apenas microfísicas, mas en-cantadas, pois vibram nano-afetualmente. Vibram de maneira aquático-musical. E esta é uma ou duas das diversas instâncias nano-afetuais de cosmicidade co-implicadas afirmadas pelas culturas ameríndias, por seus imaginários, suas cosmopercepções e epistemologias. Uma instância de cosmicidade elementar-vibracional no sentido nano-afetual, onírico, musical, cosmo-coletivo, biocêntrico e vital. “Instâncias” cósmicas, não “estâncias”. Instâncias pela ordem do instante. Por conta dos múltiplos arranjos da cosmicidade se apresentar no exercício do caminho, a cada instante vivo de caminhada composta por errâncias e imprevisibilidades. Uma caminhada barreana.

“Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras.” (Manoel de Barros, 2010:197), mas “o nome ensina ao poeta as suas semelhanças” (Manoel de Barros, 2010:292) e, seguindo a noção do nome enquanto destinação afro-ameríndia, o aquático chão barreano composto abundantemente de de água e também da irmã da água, a terra, se faz caminho de uma autoformação pelo moldar com os escutateamentos do imaginário, pelos múltiplos en-cantos que vibram nano-afetualmente. Vontade que ganha

---

pra cá, desde seus 94, Terê se percebeu compositora. E uma compositora absurdamente fértil. Fizemos diversas canções em parceria. Algumas já viraram inclusive marchinhas do carnaval de rua. O que acaba me fazendo “assinar” essas canções junto com ela é apenas a escuta, nisso de ouvir o que ela está tateando com os ouvidos, pois ela já me traz as canções praticamente inteiras. Eu apenas uso umas gotas de suor e lágrima para ligar uma coisa com outra. E a conectividade de Manoel de Barros segue por essas escutas aquáticas também.

força pela intimidade da matéria, proliferando seres compostos por ‘arranjos líquidos’ onde tudo é inseparado pela água, pela música, pelo cosmos e por cosmopercepções que aumentam o poente nos fazendo espremer os olhos levemente para perceber uma pedagogia cósmica de *insignificâncias* barreanas, de *coisinhas* de Barros encontradas ao acaso pelo chão que, ao olhar distraído dos sentidos atentos – inclusive marginalizado e delinquente –, vão crescendo de importância pouco a pouco até apalpar as dinâmicas do ar, contraindo cacofonicamente texturas reversíveis da ambiência sonora, harmonizando cores de seus cantos aquáticos. Pequenas potências que vão deixando vaziar sua expressão com forma sensível no mundo, até o estágio em que “*grilo faz a noite menor para ele caber*” (Manoel de Barros, 2010:291). Nesta poética material (não virtualística), cada gotícula sonha música como oportunidade coletivamente não-antropocêntrica para caminhadas autoformativas de incalculáveis contaminações e metamorfoses pelas múltiplas aprendizagens cósmicas, biocêntricas e nano-afetuais que arranjam ‘corpambiências’ de tudo que vive. Corpachas de corpachas de corpachas.

*Existe um lagarto indigente; o rio encosta as margens na sua voz azul.*  
MANOEL DE BARROS, (2010:...)

*Afundo um pouco o rio com meus sapatos. / Desperto um som de raízes com isso / A altura do som é  
quase azul.*  
MANOEL DE BARROS, (2010:...)

*Apêndice:  
Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros.  
Coisa é uma pessoa que termina como sílaba.  
O chão é um ensino.*  
MANOEL DE BARROS, (2010:184)

Manoel acaba falando de ensino pelos pós scripts e apêndices, como quem quase já se esquecendo de descrever, sem querer iluminar fontes substanciais e não se colocando como um ensinador de “palavras fáticas de informar” (Manoel de Barros, Memórias Inventadas, 2010:13), mas regendo a polirritmia de sua poética num jeito de, através disso, encostarmos os ouvidos da pele a pequenas imagens do chão por sentidos aquáticos. En-cantos nascem de uma poética composta de gentes sempre “mais relativas a águas”. Sua musicalidade é inseparável da água. Música aquática que a tudo insepara. Poética polifônica. Não à toa é que a beira de um rio insepara toda uma diversidade de cantos. As diversas facetas de suas *línguas-mães* (Barros) ocorrem nessa inseparação, como por exemplo o *Dialeto-Rã*, feito de consoantes que vibram musicalmente líquidas.

Música sonhada pelas águas. Ancestralmente líquidas como as composições barrenas intensamente vivas. Líquidas como as corpachas de sua obra, ainda que compostas de terra, sempre “mais relativas à água” como afirma o Poeta.

*\* Falado por pessoas de águas, remanescentes do Mar de Xaraiés, o Dialeto-Rã, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico — idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas. É a razão desta nota.*  
(Barros, 2010:244)

Durante vivências de contemplação musical, costumo captar intenções melódicas e diversos aspectos musicais da oralidade das *mitãgwé* (crianças, em tupi-guarani) e das infâncias dos adultos, que muitas vezes acabam gerando canções autorais em parceria com elas e até músicas instrumentais com vocalizes sem palavras ou com murmúrios delas. “A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens” (Manoel de Barros, 2010:458). Certa vez, uma criança disse: “a música do vento leva a folha pra dançar”. Outra disse: “quando o bem-te-vi canta, ele vê o canto do outro”. Tudo acontece como matéria de música. Múltiplas matérias de arranjos nano-afetuais. Isso diz não apenas de uma epistemologia musical, mas de epistemologias pachanômadas. “Uma palavra está nascendo na boca de uma criança: mais atrasada do que um murmúrio. Está entre o coxo e o arrulo.” (Manoel de Barros, 2010:278). Nos primeiros anos de vida, cantarolamos ‘frases’ sem palavras, expondo as ondas da nossa música com fluidez antes mesmo de sermos alfabetizados, liberando poética viva pela música que escorre da oralidade. São as natuculturas do selvagem experimentando sentidos inseparados, dando livre vazão e fluidez à música que as corpachas vão sendo, em diversas instâncias cósmicas inseparadas musicalmente com tudo que pulsa e vibra nas trilhas da vida, ainda sem tantos conceitos verbais cristalizados. No livro *Idades, Cidades, Divindades*, Mia Couto, outro poeta dessa água que nos liga, deixa vazar que “O poeta não gosta de palavras: escreve para se ver livre delas. A palavra torna o poeta pequeno e sem invenção (...)” e, em harmonia com a poética de Barros, revela imagens vibrantes da música da vida. Essa que nenhuma palavra escrita é capaz de conter. A palavra barreana é oral. “A palavra é bonita e selvagem. Não está registrada nos léxicos. Ouço nela um rumor de espinheiro com água. Tem tudo para ser ninho e altar de um socó-boca-d’água” (Manoel de Barros,

2010:231). Essas epistemologias pachanômadas de Barros, e suas sensíveis metamorfoses acontecem por tudo se dar de maneira cosmicamente inseparada, intensa e complexamente viva e co-implicada, inclusive os sentidos. Isso de tatear o azul do canto do xamã acontece de maneira intensivamente recorrente na poética pachamâmica de Barros. Razão-pacha anárquica pelas diferenças, sem etnocentrismos exterminadores ou epistemologias excludentes. Imaginários, cosmopercepções e epistemologias que, assim como na conectividade aquático-musical da poética barreana, não apenas reconhecem, mas prezam a diferença e afirmam contaminações vitais com a multiplicidade da vida. Cosmonomadismos nano-afetuais e c(a)osmóticos, sem a pretensas ordens cartesianas, dicotômicas e assépticas. E é por contaminações de um poeta maldito do além mar que Manoel de Barros afirma ter elaborado melhor a questão da inseparabilidade dos sentidos, estes que podem fazer o *índio guató* cheirar o canto dos lírios. Barros diz em entrevistas ter elaborado melhor tal fenômeno ao ler desregragens do poeta anarquista de vestes rotas Arthur Rimbaud. Seguimos então esse desejo de tatear na multigamia nano-afetual da vida uma educação sensivelmente cosmocorporal, cosmonômada e vital. É através das múltiplas contaminações da música da vida e de suas nascentes vitais que as epistemologias pachanômadas de Manoel de Barros vai afirmando um trajeto autoformativo, pela autonomia do sensível em proliferação de pulsante multiplicidade viva.

*Queria que um passarinho escolhesse minha voz para seus cantos.*  
MANOEL DE BARROS, (?)

*Não oblitero moscas com palavras. / Uma espécie de canto me ocasiona. / Respeito as oralidades.*  
*Eu escrevo o rumor das palavras. / Não sou sandeu de gramáticas. / Só sei o nada aumentado.*  
*Eu sou culpado de mim. / Vou nunca mais ter nascido em agosto. / No chão de minha voz tem um outono.*  
*Sobre meu rosto vem dormir a noite.*  
MANOEL DE BARROS, (2010:308)

*Contenho vocação pra não saber línguas cultas. Sou capaz de entender as abelhas do que alemão.*  
*Eu domino os instintos primitivos. / A única língua que estudei com força foi a portuguesa.*  
*Estudei-a com força para poder errá-la ao dente. / A língua dos índios Guató é múrmura:*  
*/ é como se ao dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras.*  
*A língua dos Guaranis é gárrula: para eles é muito mais importante o rumor da palavras do que o*  
*sentido que elas tenham. Usam trinados até na dor.*  
*Na língua dos Guanás há sempre uma sombra do charco em que vivem. Mas é língua matinal.*  
*Há nos seus termos réstias de um sol infantil.*  
*Entendo ainda o idioma inconversável das pedras.*  
*É aquele idioma que melhor abrange o silêncio das palavras.*  
*Sei também a linguagem dos pássaros — é só cantar.*  
MANOEL DE BARROS, (2010:381-382)



*NINGUÉM*

*Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores / Faz comunhão com as aves  
Faz comunhão com as chuvas / Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,  
com os ventos, com o sol, com os sapos. / Falar a partir de ninguém  
Faz comunhão com borra / Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos.  
Falar a partir de ninguém / Ensina a ver o sexo das nuvens  
E ensina o sentido sonoro das palavras. Falar a partir de ninguém  
Faz comunhão com o começo do verbo.  
MANOEL DE BARROS, (2010:384)*

## 2. ARRANJOS CACOFÔNICOS PARA ASSOBIOS DE UM MESMO CÉU ABERTO

### 2.1. Corpo-música e c(a)osmicidade aquático-musical

*Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras.*  
(Barros, 2010:198).

*Quem se encosta em ser concha é que pode saber das origens do som.*  
(Barros, 2010:375).

Neste capítulo continuaremos a acompanhar isso da poética pachamâmica de Barros vibrar potências vitais ao entoar o imaginário enquanto construção cosmocorporal. Imaginário de múltiplas natuculturas nano-afetualmente cósmicas e cosmicamente biocêntricas. Imaginário que tece o real sem a dicotomia sonho-realidade assim como fazem xamãs. Assim como fazem os povos indígenas quando suas mãos vão sendo construídas na experiência de permitir cada semente sonhar selvas inteiras juntamente com tribos-pássaros e outras gentes plantadoras. Cada gotícula da imaginação barreana sonha corpachas arranjadas de nano-matérias oníricas. Cada gota de orvalho barreano é composta de incontáveis partículas microfísicas, mas para além disso, incalculáveis arranjos nano-afetuais. Arranjos nano-afetuais de micro-serpentes cósmicas (versão ancestral do DNA), vibrações nano-materiais, incalculáveis elementos, grãos, fungos, insetos e conchas se apresentam na poética pachamâmica de Barros como sábios de sonhar a vida. Um sonhar como fenômeno cósmico e coletivo. Um sonhar como sinônimo de invenção de vida no ventre da onírica compositora chamada Pacha. Um sonhar princípios nano-afetuais desde as mirações moleculares das serpentes cósmicas que en-cantam a vida de acordo com uma afirmação cosmocorporal sem a dicotomia dentro-fora. Por corpambiências intensamente vivas de multi-afetações e nano-afetualmente co-implicadas das inevitáveis ritualizações da metamorfose. Corpachas en-cantadas por constantes movimentações das mínimas primordialidades da vida.

Xamanismo e alquimia são maneiras de (re)conhecer a cosmicidade da vida e negociar diplomaticamente com ela. A primeira, sempre afirmadora das possibilidades oníricas, musicais, cosmocorporais e cosmonômadas. Com a segunda, se passamos também a afirmar o sonho e a música enquanto epistemologias, em muito pode se assemelhar à primeira, assim como descreve Gaston Bachelard e assim como colabora Gilbert Durand ao afirmar o imaginário como tecelão do real. Vibrando com as epistemologias pachanômadas, a poética barreana também acontece pela atitude onírico-musical de escuta, diálogo e negociação com hormônios da terra, da água, do ar, do fogo e demais elementos nano-materiais da vida, distraidamente atenta também a outros arranjos nano-afetuais como os da música que, assim como os elementos-hormônios, se arranjam e se desarranjam por incalculáveis imprevisibilidades. O que faz o xamã ou o Poeta é, no exercício do caminho, (re)conhecer que toda a vida é composta de en-cantarias: vibrações musicais tão invisíveis quanto físicas e incontáveis outros arranjos nano-afetuais no sentido de procurar improvisar com suas forças oníricas, aprovando-as, (re)conhecendo-as como compositoras de tudo que vive e participando portanto de uma proliferação das pulsações intensamente conectadas, onde tudo se dá por en-cantarias que acontecem na realidade de cada instante percorrido nas trilhas da vida. Nos escutateamentos trilhados com as obras barreana e bachelardiana, pude fazer com bastante intensidade uma série de observações fenomenológicas que evidenciam acontecimentos cosmocorporais e cosmonômades: harmonizações dissonantes, simbioses das diferenças, polifonias, polirritmias e cacofonias provocadoras de contaminações cósmicas e principalmente sensíveis metamorfoses sempre por Barros afirmar cada uma de suas personagens vivas como uma multiplicidade de arranjos nano-afetuais co-implicada aos arranjos da vida.

Escutateando diversos poemas como os de abertura deste capítulo, percebemos que o barro é o elemento composto (principalmente de água e terra) do encharcado chão barreano, mas é a água, este elemento conectivo, que faz os arranjos de seres de sua poética ficarem “relativos” (Barros, 2010:198). Relativos nisso de serem arranjados e desarranjados pelas instabilidades das águas pantaneiras, dos seus drásticos ciclos de cheias e baixas onde em cada instante toda personagem se apresenta por distintos arranjos corporais, com cosmopercepções aquáticas onde nada que vive se mantém

crystalizado, lembrando que Barros devaneia (com todos os) elementos por uma *sensibilidade ecológica* (Maffesoli) que vibra intensamente com a diplomacia cosmopolítica praticada pelos xamãs. Seguindo sua sabedoria cosmocorporal e cosmonômada escutatearemos vozes aquáticas em velhas imagens sempre nascentes. Imagens de conchas entoantes e demais desobjetos que cantam com seivas, limos, limbos e demais arranjos de nanoculturas e nanocosmos com vibrações texturizadas capazes de irreduzir e imprecisar superfícies, margens ou contornos de corpos-ambientes. Corpambiências que, para além de serem compostas de lama, quase sempre vibram enquanto arranjos de entonações. Vozes que compõem – e são compostas por – nuvens cósmicas de afetos, propagando dinâmicas aquáticas pelo ar, oralidades tão prezadas por Manoel, gorjeios, *linguagem de rãs* e toda uma musicalidade ambiental sempre encharcada. Essa musicalidade encharcada compõe a *língua mãe* barreana. Assim vibram suas “violas de cocho gotejantes” (Barros), suas flautas de beira rio, bambus das águas sonoras, as vozes murmurantes dos guató, as vozes encharcadas dos guaná e nuvens cósmicas que materialmente conectam e arranjam corpambiências a todo instante. “Na beira do entardecer o canto das cigarras enferruja.” (Barros, 2010:291). Canto sempre enferrujado de umidade. “(...) Meu canto reboja. Não tem margens a palavra. Sapo é nuvem neste invento. Minha voz é úmida como restos de comida. (...)” (Barros, 2010:170). Quando uma nuvem passa baixo ou quando estamos próximos de uma nuvem aqui nas montanhas da Mantiqueira, já não se sabe se estamos dentro ou fora. Já não há o que é dentro ou fora da corpa-nuvem, e assim ficamos nuvem também. O mesmo ocorre com ambientes abundantemente aquáticos como o pantanal barreano. Corpambiências intensamente vivas, arranjos nano-afetuais incalculáveis. “(...) O que disse bugrinha: Por dentro de nossa casa passava um rio inventado. O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios. / Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor diminuído só para ele voar parado? / As distâncias somavam a gente para menos. (...)” (Barros, 2010:239).

Nessas desmedidas nano-afetuais de corpachas conectadas e compostas de múltiplas e incalculáveis corpachas, já sabemos que Barros se entrega a íntimos devaneios com a lama, com o barro, elemento composto que nas mais diferentes culturas, principalmente afro-ameríndias, se dá como produtor onírico-originário de

vida pelas nascentes do imaginário. Mas o devaneio barreano ocorre por uma série de permutas elementares que, muito antes de Barros, tanto Bachelard como muitas gerações de xamãs passaram a vida afirmando, e no caso indígena, por milênios. E mais diretamente com água e ar é que a musicalidade barreana vibra os cosmonomadismos de sua imaginação. Sua poética intensamente musical e aquática gera movimento e ligância ao mesmo tempo, provocando “nuvens” sensivelmente c(a)osmóticas. Corpambiências sempre nômadadas de metamorfoses, na leveza de cada passo, como quem entoa os caminhos do caminhar, pois “a mobilidade é a riqueza mesma da substância leve”. (Bachelard, 2001a:47). “Um movimento que se vive totalmente pela imaginação acompanha-se facilmente de uma música imaginária”. (Bachelard, 2001a:49). E com essa imaginação musical intensamente aquática – conectada tanto com as dinâmicas do ar, como com a terra que faz Barros moldar e proliferar toda uma diversidade de arranjos vitais –, é que sua poética cosmocorporal se faz praticante de cosmonomadismos. Razão-pacha afirmadora dos “corpos sônicos” (Barros) da vida.

*Garça – A palavra garça em meu perceber é bela. / Não seja só pela elegância da ave.  
Há também a beleza letral. / O corpo sônico da palavra / E o corpo níveo da ave se comungam.  
Não sei se passo por tantã dizendo isso. / Olhando a garça-ave e a palavra garça  
Sofro uma espécie de encantamento poético.  
(Barros, 2010:438)*

Neste en-cantamento, o próximo poema se apresenta conectado pelo líquido néctar da ave, pela fonte aquática da sua visão, pela conectividade aquática que compõem o verde pantaneiro e pela epistemologia musical en-sinada pelas tribos-pássaros, fazendo Manoel de Barros se referir a Guimarães Rosa, outro poeta en-cantado:

*Levei o Rosa na beira dos pássaros que fica no meio da Ilha Linguística. Rosa gostava muito  
de frases em que entrassem pássaros. / E fez uma na hora: A tarde está verde no olho das garças.  
E completou com Job: sabedoria se tira das coisas que não existem.  
A tarde verde no olho das garças não existia / mas era fonte do ser. / Era poesia. Era o néctar do ser.  
Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras.  
Veja a palavra bunda, Manoel. Ela tem um bonito corpo fônico (...)  
O que resta de grandezas para nós são os desconheceres – completou.  
Para enxergar as coisas sem feito é preciso não saber nada. É preciso entrar em estado de árvore.  
É preciso entrar em estado de palavra. Só quem está em estado de palavra pode  
enxergar as coisas sem feito.  
(Barros, 2010:362)*

“Saber nada” também acontece nisso de Barros querer se livrar das máquinas e mecanismos que ditam o saber. E já vimos que poetas querem se ver livres das palavras. Já vimos que Manoel não gosta de *palavras fatigadas de informar*, ou seja, não gosta de enformações que pretendem cristalizar as corpas vivas de Pacha, e prefere das palavras não as formas estanques da escrita, mas suas vibrações poéticas e musicais, suas *imagens sonoras, desenhos verbais, desenhos de uma voz* (2010:433) e *verbais de ave* por vibrarem a música da vida. Prefere entrar no estado musicalmente vibratório e oniricamente elementar das palavras entoadas. Estado de árvore e de suas copas oceanicamente sonoras. Estado nano-materialmente poético-vibratório-elementar-musical tanto quanto o dos xamãs quando exercem diplomacias cosmopolíticas e nano-afetuais com a vida. Estado cosmocorporal propício a cosmonomadismos. Mais do que as palavras, Barros está interessado nas corpas vibrantes com as quais elas vão se apresentando e se movimentando cosmicamente. Palavras-vibrações vitais como *Nhe’ë*. Elas também ocorrem enquanto tricksters en-cantades que se apresentam no sentido de serem reconhecidos comunitariamente como tal. Apresentação não narcísica, mas de arranjos que surgem nas inevitáveis imprevisibilidades dos caminhos convividos. Apresentação de “comunidapessoas” que não se apresentam se apresentando ou dizendo seus contornos de especificidades profissionais, produtivistas e catalisadores do si, mas se apresentam a partir do (re)conhecimento cosmo-comunitário. Cosmopercepção natucultural de como corpachas vão afirmando a vida por arranjos, rearranjos e desarranjos do en-cantamento da vida que vai sendo a metamorfose. Barros está interessado em corpas cosmonômadas, desde suas qualidades sônicas sempre imprevisíveis. Nos poemas trazidos acima, o branco de uma garça seria enaltecido por facilidades da visão acostuada. Mas a qualidade “nívea” da garça ocorre no que está conectado pelo elemento “neve” composto por cosmopercepção aquática. Com ela, até as consoantes acontecem líquidas. Além disso, o “corpo níveo da ave” se apresenta pela conectividade do arranjo fonético. É que o *corpo sônico* é afirmado desde o *corpo fônico* das oralidades ameríndias e das tribos-pássaros que sabem proliferar en-cantos epistemológicos. E assim, toda corpacha vai acontecendo como um corpo sônico de Barros: corpachas musicais, sempre vibracionais. Além dessa qualidade, a substância aquática e a mobilidade aérea do som

– assim como a mobilidade pelas vontades de moldagem e proliferação de moldagens provocadas com a terra – garantem os nomadismos mais encantadamente contaminantes e metamorfoseantes às corpachas de Barros. *Bernardo*, por exemplo, se dá como uma corpacha anfíbia, sonora e intensamente suscetível à metamorfose. Corpacha enquanto arranjo nano-afetual e cosmonômade da metamorfose. Corpacha tão metamorfoseante quanto as personagens xamânicas de Barros.

*Bernardo escreve escorrito, com as unhas, na água, / O Dialeto-Rã.\*  
Nele o chão exuberava. / O Dialeto-Rã exara lanhos. Bernardo conversa em rã como quem conversa em Aramaico.*

*\* Falado por pessoas de águas, remanescentes do Mar de Xaraiés, o Dialeto-Rã, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico — idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas. É a razão desta nota. Pelos insetos que usa ele sabe o nome das chuvas. / Bernardo montou no quintal Oficina de Transfazer Natureza. (Objetos fabricados na Oficina, por exemplo: / Duas aranhas com olho de estame / Um beija-flor de rodas vermelhas / Um imitador de auroras — usado pelos tordos. / Três peneiras para desenvolver moscas / E uma flauta para solos de garça.) / Bernardo é inclinado a quelônio.*

*A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece.  
(Barros, 2010:245).*

Das consoantes líquidas às corpachas que não se cristalizam, assim como no caso de *Bernardo*, uma só gota da poética barreana contém um universo inteiro capaz de desestabilizar certos poderes instituídos.

*Usava um Dicionário do Ordinário / com 11 palavras de joelhos / inclusive bestego. Posava de esterco para 13 adjetivos familiares, / inclusive bêbado. / Ia entre azul e sarjetas. / Tinha a voz de chão podre. Tocava a fome a 12 bocas. / E achava mais importante fundar um verso / do que uma Usina Atômica!  
Era um sujeito ordinário.  
MANOEL DE BARROS – SUJEITO, (2010:169-193)*

A ordinariedade expressada por Manoel de Barros – essa que também carrega sotaques ameríndios na contemporaneidade pela força das marginalizadas oralidades – o faz potencial educador (do) sensível, por sentidos que não cabem na palavra utilitária, e inclusive não se contém no dizível, mas que de maneira estética e cosmocorporalmente metamorfoseantes – e c(a)osmóticas, no caso barreano –, fazem-se (re)conhecidos. “Pelo corpo das latas podres relevam rosas.” (Barros, 2010:420).

*(...) Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis. / Seria um autodidata? / Era o próprio indizível pessoal. (Barros, 2010:333).*

*Ai, sossego de terras pisadas por mim... / E os silêncios caídos como folhas / Nos limites de uma tarde aberta... / Que importa que a criatura se surpreenda / Sem paisagem, e presa à sua carne? / Se esta rosa pousada em tua boca / Tão molhada de chuvas! se abandone / Ao esquecimento. E se refaz em caule, em beijo, em sono. Ou se corrompe / Como um homem exposto numa mesa — Como um rio cria o seu lodo e o afoga. (Idem, 2010:58).*

*Vinham de longe para mim os silêncios desprezados. / Até mesmo eu achei o silêncio das pedras menos do que desprezados. / Mais tarde eu li em Herbert Read que as metáforas fazem o caminho das origens. / Pois que as minhas visões tinham tudo a ver com o caminho das origens. / Hoje eu vi um passarinho comendo formigas de pedra! Eu quase duvidei se existem formigas de pedra!” (Idem, 2010:464).*

*“(...) O menino tinha no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de Fontes (...)” (Idem, 2010:449).*

Toda uma simbologia cosmonômada, pelos arranjos da ordinariedade nano-afetual às metamorfoses cosmocorporais, faz acontecer sensíveis presentificações.

(...) Sendo o símbolo a recondução do sensível, do figurado, ao significado; mas além disso, pela própria natureza do significado, é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante. “(...) O símbolo define-se, portanto, como “signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e contemplam inesgotavelmente a inadequação” (Ferreira Santos; Almeida, 2010:56-57).

É notável, na poética barreana, a ligação das imagens da água com as origens primordiais da vida, dos seus diversos mundos microcósmicos e biocêntricos e, inclusive, de sua própria poesia. Água elementar. Substância penetrante que alimenta a terra e proporciona fertilidade aos arranjos de seres de Barros. Fonte inesgotável da dimensão simbólica inscrita na pele de um imaginário tecido nos eternos ciclos das águas pantaneiras. “Entrar na Academia já entrei / mas ninguém me explica por que que essa torneira aberta neste silêncio de noite / parece poesia jorrando... Sou bugre mesmo / me explica mesmo / me ensina modos de gente / me ensina a acompanhar um enterro de cabeça baixa (...)”. (Barros, 2010:15). O que a colonialidade entende como morte, para a razão-pacha é só mais uma metamorfose vital que, a priori, alegraria Barros que neste poema anterior chega a ironizar seu próprio impacto com o iluminismo catequético. Mas cada gotícula de suor, saliva, lágrima ou água doce continua sonhando penetrações e demais arranjos nano-afetuais que proliferam a vida. “Desde o começo do mundo água e chão se amam e se entram amorosamente / e se fecundam. Nascem peixes para habitar os



rios. E nascem pássaros para habitar as árvores. As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das suas lesmas. **As águas são a epifania da criação.** Agora eu penso nas águas do Pantanal. Penso nos rios infantis que ainda procuram declives para escorrer. Porque as águas deste lugar ainda são espriadas para alegria das garças.” (Idem, 2010:455) – grifos meus. “Quem se encosta em ser concha é que pode saber das origens do som.” (Idem, 2010:375).

A música barreana ocorre por rumores uterinos no eterno ciclo das águas pantaneiras, através “do silêncio de concha” e outras imagens de sonoridade incessantemente contínua. “Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute” (Idem, 2010:198). O ser e as relações se dão cosmicamente no sensível. Por contaminações transmutacionais. E este rumor de útero pantaneiro constitui Manoel de Barros. Há uma Grande Mãe nano-afetual, como Pachamama, inscrita na pele de seu imaginário. É o ventre mântico dessas águas urobóricas fazendo vibrar o contínuo som insonoro de “mb” presente também em ‘prefixos orais’ africanos e na constituição musical da vida para muitas culturas indígenas. O “mb” é um som percebido como insonoro por ser uma vibração contínua e co-implicada em toda a vida. Para meus ancestrais guarani, este “mb” é o sétimo tom da flauta cósmica que vamos sendo durante a vida. O mesmo “mb” que arranja palavras guarani como *mboray* (amor), *mborai* (mantra), *mboraju* (reciprocidade), *mbaekua* (sabedoria na orelha direita), *mbaraeté* (força sensível), *mbaraka* (música ou instrumentos musicais), *mboi* (serpente) e que se conectam fonético-vibracionalmente também com tudo que se compõem com a partícula *nhe’ẽ* (palavra-vibração vital; espírito; voz; potência entoante úmida; voz que também pode ser silenciosa), como *Nhe’ẽry* (lugar de banhar-se nas forças-vibrações-sonoridades vitais, hoje batizado de *Mata Atlântica*), *nhe’porã* (palavras belas cantadas) e tantos outros exemplos de conectividade musical-mítico-vibracional e onírico-elementar-hormonal-aquática pelas frequências contínuas que arranjam corpachas e permitem seus cosmonomadismos nano-afetuais. Arranjos também de microfísicas *mboi’kwery* (serpentes). Tanto *Nhe’ẽry* como as personagens de Barros se dão enquanto corpachas dessa composição-mãe.. Corpachas sempre enquanto corpambiências musicais. Corpachas de arranjos sempre co-implicados entre si. Corpachas de cosmopercepções aquáticas que permitem a sensação de frequências

contínuas, como a de “mb” e a de ‘eternas cigarras’ por exemplo. Conforme Barros, o ininterrupto canto das *djaryrá’kwery* (cigarras) faz a tarde enferrujar. En-canto aquático e cosmonômade como a cultura da ferrugem e seu microcosmos. En-canto mítico, cíclico, repetitivo e sobrepostamente polirrítmico como o das cigarras. “No oco do acurizeiro o grosso canto do sapo é contínuo.” (Barros, 2010:205). Há muitos versos que vibram essa sensação de co-implicação e continuidade cósmica. Múltiplos fluxos sem pausa. ‘Andarilhamento’ musical sem interrupção. A expressão ‘andarilhamento’ pede passagem aqui mais do que qualquer andamento, pois se faz intensamente errante, sensivelmente nômade, imprevisível, e assim não controlável por metrônomo. Andarilhamento de música aquática com intensas e múltiplas ligações contaminatórias e transmutantes. Ressonância de uma *visão fontana*. “*Apêndice*: Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros / Coisa é uma pessoa que termina como sílaba / O chão é um ensino.” (Barros, 2010:184). Ouço na poética pachamâmica de Barros rumores de uma educação de imaginário sinestésico afirmador cosmocorporal e cosmonômade pelas necessárias transmutações dos caminhos, intensificadas com aquáticas vibrações da vida enquanto música. Uma educação de pulsações sempre nascentes e vibrações transbordantes. “(...) O rio encostava as margens em sua voz. Seu olhar dava flor no cisco (...)” (Idem, 2010:452). Uma educação nano-afetualmente inventiva sem se estruturar nas dicotomias do eu/mundo, sujeito/objeto, sendo possível (re)conhecer corpachas enquanto provisórios arranjos de múltiplas contaminações sem narcisismos etnocêntricos. “(...) Livre, livre é quem não tem rumo (...) Invento para me conhecer”. (Idem, 2010:457).

Relacionando percepções de Rubem Alves, Octavio Paz e Goethe, Duarte Jr. afirma que o poema vem carregado de metáfora, ritmo e sonoridade: “(...) especialmente a sonoridade e o ritmo, fazem da linguagem uma parenta muito próxima da música.” (Duarte Jr., 2010:81). Escuto diversas imagens barreanas pelo potencial esteticamente educativo de sua poética encharcada de musicalidade, assim sendo, de sua importância (sin)estésica, trazendo “a educação estética exatamente como o processo de auxiliar o desenvolvimento da percepção poética. Um processo pelo qual se busca levar os educandos a desenvolver em si o estado poético, a conseguir equilibrar as duas formas

fundamentais de relacionamento humano com a realidade: a estética (ou poética) e a prática (ou prosaica).” (Duarte Jr., 2010:74).

Sabendo da carência de preocupação estética na educação de nossos tempos, as escutas aqui buscam entrar no *silêncio das conchas* com Manoel de Barros. Um silêncio vibrante, fruidor e metamorfoseante com a corpa sônica de Pacha e com as corpachas musicais que vamos sendo, levando-nos de volta às devaneantes e íntimas liberdades no marulho do ventre uterino; àquela música aquática harmonizada aos batimentos cardíacos maternos, como nos ensina Marcos Ferreira Santos, onde nestes inícios da vida sem início, vamos contraindo e dando fluxo a aos ritmos vitais. Pulsações próximas a de compassos ternários, porém errantes, variantes e modulantes, em fluxos polirrítmicos e cacofônicos arranjados intimamente nas simbioses entre bebê(s) e mãe, contando também com afetações das múltiplas pulsações do dia a dia no ventre de Nhandetsy. “(...) Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber: (...) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote (...)” (Barros, 2010:299). E pelas sensíveis transmutações dessa música da vida, procuro encostar o ouvido da pele das natuculturas barreanas, sua visão fontana nos primórdios, nos *primeiros rumores da palavra*, na *linguagem de rãs*, no *canto azul do guató*, enfim, na férteis simbioses e osmoses cosmonômadas da infância dos olhos barreanos com a velhas cosmopercepções musicais da ancestralidade ameríndia, querendo ver vibrar os *arranjos para assobio* que conduzem essa pesquisa. Uma experiência de andarilhamento crepuscular pelas imagens sonoras do educador em Manoel de Barros. Fonte ressonante, estésica, diacrônica, etimológica, mitêmica e arquetipal de onde brotam os princípios deste trabalho, gota a gota, pelas ressonâncias matriais presentes no instante e na jornada interpretativa da mitohermenêutica conforme as *Estruturas Antropológicas do Imaginário* definidas através da noção de “trajeto antropológico” (Durand, 1997:41), ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1997:41), buscando dissonâncias com diversas vozes indígenas dessa Latinoamerica de Abya Yala pindorâmica.

Recorro aos povos ameríndios e ao imaginário tupi-guarani de meus ancestrais que ressoa no corpo social contemporâneo de cacofônica tribalização cultural para tatear com a *arandukua* – conhecida como sendo a inteligência colocada na orelha esquerda – e

com a *mbaekua* – sabedoria na orelha direita – alguns ensinamentos na condição musical de tudo que vive e suas potências para melhor percebermos a importância esteticamente sinestésica e sensivelmente cósmica da poética barreana para uma educação decolonial de sensibilidade nano-afetual, atentando-se para o fato de que qualquer entonação de uma educação decolonial jamais está prontamente descolonizada, sendo sempre um trânsito, uma luta sensível, um esforço musical, uma travessia cosmicamente nômade sem encerramentos. Apesar dos heroísmos impostos pela colonialidade, uma contínua e desafiadora retomada sensível. Uma educação sensivelmente c(a)ósmica.

*Naquele dia eu estava um rio. / O próprio. / Achei em minhas areias uma concha. / A concha trazia clamores do rio.  
Mas o que eu queria mesmo era de me aperfeiçoar quanto um rio. / Queria que os passarinhos do lugar escolhessem minhas margens para pousar. / E escolhessem minhas árvores para cantar.  
Eu queria aprender a harmonia dos gorjeios.*  
(Barros, 2010:464-465)

A água incessante na ‘pachamântrica’ barreana, o faz colocar-se no mundo com a potência sensível de um fazer repetidamente a mesma coisa, num insistente ciclo das águas pantaneiras remetendo-nos à estrutura cíclica da canção, das cantigas e da criança contemporizada ao ritmo da brincadeira. “O mundo da repetição é o mundo da criação continuada. A repetição assegura a reintegração do tempo humano no interior do tempo primordial (Gusdorf)”. Movida pelo entusiasmo de rir-se e gozar-se – assim como expressa Manoel de Barros a respeito de si –, a infância pede “de novo!” por religamentos de novos sentidos que vão surgindo sensivelmente a cada repetição no prazer da experiência estética. “Repetir repetir – até ficar diferente. / Repetir é um dom do estilo.” (Barros, 2010:300). Aqui, a ironia com o “dom” revela que é preciso repetir para alcançar o estilo. É preciso deixar o devaneio repetir imagens primordiais para experimentar a liberdade das *mitãgwé* (crianças, em tupi-guarani). Uma liberdade como forma de resistência das culturas das infâncias. Liberdade tão assegurada na vida cosmo-comunitária e biocêntrica tanto dos seres de Barros, como das aldeias dessa Ameríndia. Ser um adulto indígena, principalmente aldeiado, é certamente manter a plenitude do *Tekó Porã* (bem viver) pelos ressonantes nomadismos da infância. E a vida

contemporânea, até mesmo numa grande urbe, pode sim se metamorfosear por uma educação que prime pela c(a)osmicidade de sua criação contínua.

(...) A criação contínua é o testemunho de que somos feitos da mesma matéria dos deuses, por graça e criação deles. Ao mesmo tempo, somos eles próprios: *A transcendência é a identidade na diferença* (Merleau-Ponty, 1992). Daí o mundo desta repetição nos remeter ao tempo primordial. O tempo primevo da criação original. Criação increada, acrescentaria o mestre Berdiaev. A destinação do homem é sua liberdade increada. A mesma liberdade do tempo primordial. Liberdade do ventre materno. (FERREIRA-SANTOS, 2000:62).

“A música está por demais aquém do mundo e do designável para figurar outra coisa a não ser épuras do ser, seu fluxo e refluxo, seu crescimento, suas explosões, seus turbilhões” (Merleau-Ponty, 1975). E a liberdade construída na circularidade da repetição mântica barreana permite enxergar Manoel de Barros como um sensível ritmista pelo vórtice de sua poética desenhando a sonoridade da própria vida como “obra aberta em andamento” (Ferreira-Santos, 2000). ‘Tytypenso’ Manoel como música em ‘andarilhamento’ – termo que surge e vai ressurgindo nesta escrevivência a partir da noção de *andamento musical* numa tentativa de deixar vibrar questões musicais, errantes e cosmonômadadas barreanas. ‘Andarilhamento’, pois apenas “andamento” seria algo muito organizado e que metrônimos conseguiriam dar conta. E Manoel de Barros é avesso a mecanizações, estabilizações e cálculos. Não sendo fixa e estável, a rítmica de sua música cosmicamente aquática “transvê” frequências contínuas, como a de suas ‘eternas cigarras’ por exemplo. Um fluxo polirrítmico que inventa ambiência sonora sem pausa. ‘Andarilhamento’ musical num “silêncio de concha” (Barros, 2011) de sonoridade intensamente conectiva e sem interrupção. Música aquática de múltiplas ligações cósmicas. Ressonância de uma *visão fontana*. Barros prolifera imagens sonoras regidas com o pulsante ‘andarilhamento’ de quem realiza osmose cósmica com a voz de um passarinho pela percepção íntima da vermelhidão de um fim de tarde potencializada à penetrante ligação do elemento água em profundos arranjos dissonantes com as diferenças.

A lata morava no quintal da minha casa entregue / às suas ferrugens. / E o peixe no rio. / Veio um dia entrou uma enchente no quintal da minha casa. / E levou a lata com ela. / A lata ficou no fundo do rio.  
No fundo do rio as ferrugens são mais espessas. / E a lata estava pegando craca no corpo.  
Deu-se que o peixe se enferrujou da lata. / E penetrou em dentro nela.

O peixe estava enferrujado (apaixonado) na lata. / **Penso que se deu um quiasmo: uma contaminação retórica**  
do peixe com a lata. Houve o casamento. Moral da fábula: o peixe que não gozava de ser sucata quis gozar.  
(Barros, 2010:388) – grifos meus.

Manoel se faz educador por uma estética de contaminações aquático-musicais e por “transsubstanciação” (Barros, 2010:191) São inúmeras as ocorrências sinestésicas de cosmonomadismo. “Na beira do entardecer o canto das cigarras enferruja.” (Barros, 2010:291). “A quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso.” (Idem, 2010:258). “O devaneio é um pouco de matéria noturna esquecida na claridade do dia” (Bachelard) e, por estes sentidos crepusculares, teremos a oportunidade de espremer os olhos levemente para deixá-los enxergar vozes íntimas conectadas por um imaginário encharcado de cosmopercepções ameríndias. Manoel parece praticar um olhar fenomenológico. Para ele, a paisagem é muito importante, é quase uma personagem. Ele a vai sendo também. Vai sendo ‘corpambiência’ enquanto arranjo cosmocorporal co-implicado com os arranjos do corpambiente pantaneiro, explicitando ao longo da obra sua ancestralidade andarilha de beira-rios. ‘Andarilhamentos’ simbióticos e caosmóticos por imprevisibilidades elementares e vibracionais do acaso. Imprevisibilidades nano-afetuais.

“Nosso corpo sabe o mundo antes que a mente possa transformá-lo em signos representativos de coisas, situações e relações (cf. Merleau-Ponty, 1971, passim; ou Damásio, 1996:203, passim). Na verdade, movemo-nos entre os dados da realidade, organizando-os de acordo com essas duas instâncias do conhecimento: o *saber sensível*, proveniente de nossos órgãos dos sentidos, e o *conhecimento inteligível*, resultante da articulação de signos que representam os objetos e lhes conferem, assim, significação” (Duarte Jr, 2010:110). E, apesar do pensamento dicotômico, das cisões cartesianas do racionalismo iluminista, da pedagogia assepticamente anestésica e virtualística, da repressão aos vivos arranjos corporais e aos seus sentidos de humanidade em favorecimento somente da linguagem objetiva e gramaticalmente lógica, a poesia barreana abre fluxos para as contaminações vitais. Manoel de Barros se afirma no mundo expressando ter contraído *visão fontana* quando menino – visão de fontes –, proporcionando ao leitor uma experiência de ‘contaminação cósmica’ afetivamente *estética* no sentido *estésico* – do grego *aisthesis* –, portanto sensório-perceptivo. “Nosso

conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. Seria um saber primordial? Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe. A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.” (Barros, 2010:480).

Essa *visão fontana* não se declara biológica, mas como uma visão “contraída”, conforme expressa o poeta, portanto contaminada no contato com seus personagens indígenas, andarilhos, infantis através de intensa cosmicidade corporal com as natuculturas. Para Lévi-Strauss e Viveiros de Castro, por exemplo, as abelhas possuem uma economia própria, assim como os povos ameríndios, e neste caso, uma economia regida pela subjetividade – visão antropológica a respeito dos povos ameríndios. Vale lembrar que segundo Merleau-Ponty a subjetividade é fundada no “corpo” pela experiência do “corpo”, logo, a ‘cosmicidade corporal’ é possível em qualquer cultura pela relação primordial afetivamente e afetualmente subjetiva entre tudo que vibra e compõe a vida, inclusive “pré-coisas” e “desobjetos”. Para a fenomenologia, o *inconsciente* – coletivo ou não – também se dá na carne e seu sentido transcendental não é para outro mundo, mas para esse próprio. Uma suposta transcendência em imanência bem característica do nomadismo contemporâneo conforme descreve Maffesoli. Acontece que as culturas ameríndias e a poética pachamâmica de Barros não estão interessadas nessa dicotomia transcendência-imanência. As epistemologias de Pacha e o saber cosmonômade então afirmam noções cósmicas que não cabem nas classificações eurocêntricas. A começar pelas noções cósmicas da corpa chamada Pacha e suas incalculáveis corpachas.

Em *Metafísicas Canibais*, Viveiros de Castro recorre a Lévi-Strauss quando este evidencia que, no encontro dos primeiros colonizadores com os povos habitantes do que hoje chamamos de Américas, o homem branco procurava saber se os “seres selvagens” ali chamados de “índios” tinham alma ou estavam mais para bichos, enquanto o “índio” submergia nas águas corpos de brancos mortos para ver se apodreciam ou se tinham capacidade transmutante de se regenerar feito deuses, por sempre associarem força, potencial sabedoria e encantamento a qualquer diferença, inclusive aprovando-a e assimilando-a, considerando sempre diversos domínios humanos – animal, vegetal, mineral, etc. Assim, Viveiros reforça que, enquanto o branco estava atrás da alma, o

índigena procurava corpo. Um arranjo corporal como cultura. Um *ser selvagem* libertado de uma questão biológica. Ainda que nos tempos de hoje, seja preciso ressaltar que tais parentes humanos são geradores de grande diversidade de culturas próprias, ricas de dimensão simbólica, de vibrante sabedoria, sentidos muito aguçados, construtores de um imaginário que inclui um fundo animal na cosmicidade de seus arranjos corporais. E é importante ressaltar que tanto pelas fontes indígenas como pelas ciências academicamente humanas, podemos perceber que para os povos ameríndios, o vivo arranjo corporal não é separado de suas matérias sutis. Não existem dicotomias e cisões cartesianas como as do corpo, da alma, do espírito, da natureza que ocorrem pelo imaginário ‘branco’ da ciência iluminista – esta a qual usa o termo “selvagem” associado preconceituosamente à ideia de desprovido de “alma”, de “cultura”, “ingênuo”, “bruto” e sem perceber sabedorias que se valem do devir selvagem.

Para os povos ameríndios, há uma noção equivalente e intensamente complexa de corpambiência que antes não precisava conhecer a palavra “espírito”. No caso guarani, por exemplo, uma percepção de inteireza musical próxima do que em português podemos chamar de *corpo-som do ser* – o *ayvu*, segundo Kaka Werá Jecupé – desde os antigos Tubuguaçu, ancestrais dos Tupinambá e dos Tupy-Guarani. Eles dizem do que passou a ser chamado de “espírito” como fenômeno bem diferente: “música, uma fala sagrada (nhê-porã) que se expressa no corpo: este, por sua vez, é flauta (*umbaiú*), veículo por onde flui o canto que expressa o *Avá* (o ser-luz-som-música), que tem sua morada no coração” (Jecupé, 1998:24). Uma morada nada hiper iluminada, mas de uma *lumina profundis*. “O índio mais antigo dessa terra hoje chamada Brasil se autodenomina *Tupy*, que na língua sagrada, o abanhaenga, significa: *tu* = som, barulho; e *py* = pé, assento; ou seja, o som-de-pé; o som-assentado, o entoado” (idem, 1998:13). Werá Jecupé diz ainda que para o indígena, um nome é tão importante quanto é a “alma” para os colonizadores, por ser provido de um assento. “É uma vida entoada em uma forma (...) Espírito, para o índio, é silêncio e som (...) Cabe lembrar que tudo entoa: pedra, planta, bicho, gente, céu, terra.” (idem, 1998:13). Fenômeno que também ocorre na poética barreana e sua capacidade dissonante e cacofônica de experimentar ‘c(a)osmicidade corporal’ pelas conexões subjetivas de um imaginário materialista. Mesmo que um fenômeno seja considerado como “coisa” para o *povo da mercadoria*, Manoel o percebe não como



objeto, mas como dotado de vida e ação estética. “Desobjeto” vibrante, musical, elementar e c(a)osmótico. Desobjeto da metamorfose afirmada nas culturas ameríndias segundo Viveiros de Castro, quando este retoma o *pensamento selvagem* de Lévi-Strauss, agora por uma lente pós-estruturalista, deleuze-guattariana.

Traduzido como “alma-palavra” para línguas ocidentais como a espanhola e a portuguesa, o *nhe'ẽ* é também descrito por Kaká Werá como “vibração”. Segundo ele, “vibração íntima”. “De acordo com a visão ancestral, a essência matricial do Ser é luz desdobrada do Todo, assim como o raio do sol é parte indissociável do sol, que expressa por meio da mesma luz-fonte, por meio da íntima vibração (expressão).” (Werá Jecupé, 2017: 54)<sup>87</sup>. Esta vibração é que meus ancestrais guarani há milênios chamam de *nhe'ẽ*. *Nhe'ẽ* jamais como algo etéreo ou virtualístico, mas sim um corpo-território espiritual. Uma concepção de *voz-corpo-vibração vital* cosmicamente musical. *Nhe'ẽ* enquanto composição ancestral. Voz composta de incontáveis vozes. E voz não apenas no sentido sonoro, mas também de pensamento, experiência e conhecimento cosmo-coletivo e ancestral. *Nhe'ẽ* que, mesmo quando manifestado como som silencioso, acontece enquanto composição vibracional do longo caminho que vamos sendo, ou seja, o *tapé pukú* (“caminho comprido”, em guarani) da vida percebida como acontecimento para além de uma forma fixa e específica, mas sempre vibratória, nano-afetual e en-cantada. A vida com todas as suas metamorfoses. Como diz o amado *tchembo 'eá* Luã Apyka, “você caminha em você mesma na vida. Então, quanto mais você quer chegar, nunca chega. Não adianta correr”. Assim, não apenas o *nhe'ẽ*, mas tudo acontece conectado de maneira ritualisticamente cíclica, ritmicamente mítica, imageticamente musical e, por ser musical, escutateante e vibracionalmente microfísica também. Todas essas, instâncias de cosmicidade musical nisso de tudo que vive vibrar a vida enquanto composição en-cantada de múltiplas afetações. Múltiplas aprendizagens que ensinam cada ‘composição viva’ nisso de se colocar pelas movimentações de seu próprio

---

<sup>87</sup> Há que nos atentarmos para os reducionismos do *iluminismo catequético* (Ferreira-Santos). O sol aqui, foi só um exemplo dado por Kaká Werá que, conforme os guarani – povo que o adotou –, segue o caminho da lua crepusculando a vida e, conforme os tapuia – sua ancestralidade originária familiar – segue pelo caminho do sonho entoando a vida noites a dentro. A “vibração” que chamamos de *nhe'ẽ* é expressão de uma “luz-fonte”, ou seja, uma luz nascente, ou uma luz de águas que nascem no escuro das grutas, que para compor os arranjos vitais e sempre nômades da pessoa, se dá gota à gota de maneira não hiper-iluminada, fenômeno de um imaginário de vibrações tão aquáticas e musicais quanto as ressonâncias barrenas.

corpo-caminho. E assim é que a poética pachamâmica de Barros afirma suas contaminações invisíveis, porém físicas, microfísicas, nano-materiais, materialmente oníricas, corporalmente imaginárias e sensorialmente imagéticas. Afirmando contaminações desde as incontornáveis afetações nano-efetuais da caminhada. A poética pachamâmica de Barros (re)conhece e afirma potências de cada mínima afetação vital da caminhada. Cosmopercepção afetual de imaginários biocêntricos. Desde a guata guarani aos andarilhamentos barreanos, a vida vai se compondo por múltiplas escutazinhas tanto biocêntricas visíveis como fisicamente vivas, vibrantes e invisíveis – além de geralmente invisibilizadas pela colonialidade – e co-afetadas nisso de viverem conectadas por ressonâncias e vibrações compositoras de qualquer caminho. No ventre da Corpacha, todas corpachas ocorrem enquanto corpas-caminhos. Corpas-caminhos que seguem por caminhos-corpas, arranjando-se reciprocamente, pois todo caminho acontece como trilha musicalmente viva das mínimas e incalculáveis afetações musicais. Mínimas porém en-cantadas. “O grilo faz a noite menor para ele caber” (Barros, 2010:291). Pequenas e sábias gentes como as cigarras anunciadoras enferrujam tardes inteiras. *Origens sonoras, primórdios das palavras e consoantes líquidas* nos banham pelos caminhos barreanos, que compõem o Poeta como pessoa e como poética. Caminhos musicais que vão nos arranjando, rearranjando e desarranjando conforme suas imprevisibilidades nano-afetuais. Caminhos de uma educação viva de epistemologias musicalmente pachanômadas, portanto afirmadora das múltiplas contaminações musicais, sem que a ideias de “transmissão” e “iluminação” sejam estruturantes. Caminhos de múltiplas aprendizagens biocêntricas e nano-afetuais. Tudo em contaminações cósmicas provocadoras de sensíveis metamorfoses. Contaminações por meio dos cosmonomadismos afirmados no saber cosmocorporal. Assim, corpachas vão sendo arranjos vivos dos caminhos. Arranjos intensamente vivos e metamorfoseantes.

Guaranis e diversos povos ameríndios bem sabem que a vida se dá musicalmente. Barros (re)conhece que a música da vida também pode ser cacofônica. Ele inclusive a percebe caosmótica, num sentido não original do termo grego *kósmos*. Ele a percebe como fenômeno não ordenado e medível com exatidão. Uma noção mais pachamâmica de cosmos. Cacofonia composta por múltiplos ciclos de espaçotempo

simultaneamente. Estes ciclos podem ocorrer durante um fechar de olhos e por espaçotempos incapturáveis pelas partituras coloniais ou pela linguagem utilitarista. A palavra escrita não dá conta destas entonações. Eras e eras podem vibrar num só instante de andarilhamento musical, assim como uma poça d'água pode conter todo um universo de arranjos incalculáveis. Fora isso, os com-passos dos caminhos podem se acelerar ou se ralentar de maneira imprevisível, não cabendo em fórmulas fixas ou barragens de fluxos pré determinados. Cosmicidade pachamâmica não ordenada, exata e fixa como a cosmicidade eurocêntrica. Vida de andarilhamentos musicalmente c(a)osmóticos, ou melhor, pachamamicamente 'cosmóticos' assim como as águas polifônicas que, além de insepararem toda uma diversidade de cantos, está sempre suscetível à metamorfose por contaminações nano-afetuais. Música com instantezinhos que parecem ser solos melódicos, outros dissonantemente harmônicos e polirrítmicos, mas antes de mais nada, música cacofonicamente coletiva e polifônica. Cacofonia não como poluição sonora, mas como concomitância de inúmeros sons nos caminhos e no todo da vida. Dissonância como ambiência sensível composta pela conexão entre diferentes tons. Só assim é possível harmonia em determinados ciclos de espaçotempo, ora efêmeros, ora duradouros, mas sempre suscetíveis a transformações por serem compostos de inúmeros ciclos transmutantes. Uma harmonia de vibrações que, apesar de serem naturalizadas por visões reducionistas, são distintas e passíveis de alterações. Sabendo que a vida se dá de maneira polifônica, polirrítmica e cacofônica, uma aldeia sempre dissonante, composta da multiplicidade e diferenças, pode sofrer alterações a todo instante, como também, arranjos dessa aldeia podem formar novas aldeias. Anárquica proliferação de diferenças e multiplicidade sem as superpopulações do *povo da mercadoria*, justamente por considerar a inevitável música cosmo-coletiva do ventre de Pacha.

Chegamos a um instante sempre imprevisível da caminhada. Uma instância que pede passagem para escutas tateadoras pelas multi-contaminações das táticas de sensibilidade cosmonômada. Da sensibilidade enquanto saber cosmocorporal diante do que surge do caminho. A expressão "caosmose" surge aqui não como pretenso julgamento ou valoração de tal fenômeno como sendo, à priori, bom ou ruim. "Caosmose" como tentativa de descrever para cosmopercepções não-indígenas as

complexidades primordiais e imprevisibilidades da metamorfose – desde as primoridalidades cósmicas da Corpacha – afirmada pelas cosmopercepções originárias de Abya Yala. “Caosmose” que, vez ou outra, faz-se vociferada de maneira sensivelmente tática, empática e diplomática quando cosmopercepções indígenas buscam afirmar metamorfose. Afirmção da metamorfose vital que se dá inclusive nas múltiplas e silenciadoras violências de serem afetadas nessa colonialidade de cosmopercepções etnocentricamente eurocentradas que afetam a todes na atualidade ameríndia. Ao mesmo espaçotempo, tal expressão, “caosmose”, também pode surgir quando não há como negar a tendência das interações contemporâneas ocorrerem de modo cada vez mais caosmótico com a superpopulação antropocêntrica em acelerado crescimento colonizador de corpachas e das severas mudanças climáticas por exemplo. Ainda sim, caosmose de maneira a buscar afirmar potências na incontornável distopia, ainda que a metamorfose seja a afirmação mais pachamâmica e afrontosa enquanto ‘comunidade’ que vamos sendo. As expressões e seus sentidos, que nas culturas guarani não significam “voz” enquanto significantes de um objeto-voz, mas são a própria a voz em andarilhamento de incalculáveis vozes. Movimentações cósmicas enquanto múltiplas vozes de Corpacha que procuram dar fluxos à diferentes maneiras de expressar e descrever às interações transmutantes nesta Grande Mãe nano-afetual. A diversidade de expressões e as sutis modulações das entonações se dão nos nomadismos das oralidades, nisso de afirmar oportunidades quando estas ganham passagem nas imprevisibilidades da caminhada. Independentemente inclusive de que lugar a caminhada está acontecendo, essas variações são afetadas das instâncias de cada instante. Instâncias-territórios. Instâncias que podem ser um diálogo, um encontro, um território. Nas culturas guarani, há o território chamado sonho, o território chamado noite, o território chamado música e por aí vai. Podemos dizer por exemplo de um território educação, um território amor ou território enquanto local. Território sempre sensível e imprevisível. Instância-território. Instâncias, por exemplo, de diálogos de alguma(s) certa(s) ilha(s) afetuais onde comungamos mais plenamente das cosmopercepções de nossas corpaldeias e quilombo-corpas, ou de quando nos percebemos em alguma instância de continente, em atravessamentos de diversas maneiras de perceber mundo(s), ou também de quando estamos feito banco de areia,

uma espécie de ponte entre mundos. Essas imagens de *ilha, continente e banco de areia* fluem afirmadas pela voz de Gloria Anzaldúa<sup>88</sup> não como territórios fixos e homogêneos, mas propensos a maior recorrência de determinados jogos cosmoperceptivos. Três territórios-instâncias que, ao baixar da maré, percebemos o quanto estão conectados. Conexões que mais uma vez as águas, mais abundantes ou menos, permitem sonhar.

Então, sabe os sonhos de criança com aquelas rodinhas colocadas nas bicicletas quando se está aprendendo a pedalar? Sabe aquela máquina que por leitura ultra-iluminada consegue ver as movimentações do DNA? A poética barreana vibra nisso de permitir ‘comunidades’ que estão em processo de retomada da corpacha, a experiência de no instante oportuno tirar as rodinhas iluministas do imaginário e deixar crepuscular a sensibilidade cosmocorporal e cosmonômada de maneira a (re)conhecer diretamente os andarilhamentos da multigamia nano-afetual. Isso vale também para retomadas de quaisquer cosmocorpes conviventes na impositiva geopolítica traçada nesta Corpacha. Participar da cíclica e cacofônica movimentação da vida permitindo o sonho das nano-serpentes cósmicas afetarem e crepuscularizarem a ideia de caosmose, desestabilizando-a, e afirmando a vida enquanto metamorfose. Desestabilizando o que a própria ideia de caosmose intenciona desestabilizar enquanto faz isso afirmando o caos como direção ou único modo cósmico, ainda que tente desacelerar a velocidade e se frustrar por não perceber as linhas virtualísticas de seu imaginário angustiando velocidade da luz. No espaçotempo do sonho pelas encantarias da multiplicidade de afetações, o que a gente pode chamar de choque pode ser a própria metamorfose em acontecimento. Metamorfose de maneiras tão imprevisíveis, complexas, cacofônicas, polirrítmicas e multi-contaminadas quanto a ideia de caos e caosmose. Esta, busca afirmar a errância e a vulnerabilidade tanto quanto a metamorfose. Uma das vitais oportunidades das experiências de(s)coloniais<sup>89</sup> e anticoloniais é a vulnerabilização dos arranjos de cartas marcadas para poder hegemônico que, nas afetações da colonialidade e do colonialismo, estão sempre garantindo ao pretense indivíduo a capitalização do si e

---

<sup>88</sup> Atriz, escritora e estudiosa da teoria cultural chicana, teoria feminista e queer, autora de diversas publicações, entre elas, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*.

<sup>89</sup> Experiências decoloniais no caso da colonialidade vigente na Latinoamérica. E descoloniais no caso, por exemplo, de países africanos que ainda passam pelo colonialismo.

a acumulação dos privilégios. A racialização e outros binários contornos do sistema sexo-gênero se dão como marcadores de privilégios e marginalizações. Quanto mais o indivíduo se dá como colonizador, mais privilégios. Quanto mais fixação dos privilégios, mais colonizadores vão se tornando os arranjos que o compõem. Sendo que nas multi-contaminações dos arranjos colonizados, quase sempre o imaginário binário opera com diversos agenciamentos de colonização do “si” e do “outro”, do “meu mundo” e do “outro mundo”, por composições que vão da aparência ao invisível, mas muitas vezes confluentes com branquitude ou branqueamento culturalmente eurocentrado e nortecentrado. Este, muitas vezes acontece nisso do indivíduo que está mais à margem no sistema colonial buscar fluxos dentro dele diante da impossibilidade de sair, pois o dentro-fora é uma ficção. Passagens que até podem proporcionar certas ascensões cultuadas pelo próprio sistema, mas passagens de múltiplos silenciamentos de conflitos e demais violências bloqueadoras dos fluxos vitais. Silenciamentos que privilegiam quem tem mais passabilidade, como por exemplo, homens cis, héteros, brancos. A poética pachamâmica de Barros caminha na oportunidade de vulnerabilizações pela coragem (do) sensível. Pela prática de virar outres. Mas principalmente virar outres que costumam ser ordinarizados pelas extraordinárias fixações do sublime e demais virtualísticas. Virar água, virar terra, virar ar. Virar ninguém. “Privilégio dos ventos: semear as borboletas” (Barros, 2011). Mas isso não se faz com fantasias de uma epistemologia excludente e comodismo imaginário. A metamorfose pachamâmica é sobre risco e errância, mas por en-cantarias da multigamia natocultural, levando a sério o devaneio com as forças oniricamente nano-afetuais e as en-cantarias. Por essas e outras é que, primordialmente, a metamorfose é condição cosmocorporal e cosmonômada afirmada nas táticas de luta sensível pelas composições vivas que vamos sendo, de modo buscar não vulnerabilizar ainda mais as composições já exploradas, marginalizadas, capitalizadas e objetificadas na colonialidade. A ideia de caosmose ocorre bastante com a vibrante e admirável minoria de um recente ocidente crítico, sim, ao seu imaginário colonial, mas que pretende solucionar os problemas que ele mesmo cria para ficar tentando se salvar e salvar os ficcionais recursos chamados “outro”, “natureza” e “ mundo” numa eterna repetição. Rodinhas estas que, enquanto termo “caosmose”, muitas vezes são necessárias e exercem potência taticamente de

acordo com a diversidade de trajetos, imprevisibilidades dos choques, vulnerabilidades, encontros e mundos. Tática da multiplicidade de sentidos e palavras inclusive como “decolonização de danos”, assim diz o *tchembo'ea* e linguista guarani Luã Apyká sem dar um sentido salvacionista e jamais de pretensão à cura do modo como é cultuada pelo pensamento eurocêntrico. E sim, fluxos em decolonização pela intensividade de uma diplomacia cosmopolítica que não pretende, à priori, reduzir danos, mas ritualizar com as condições cósmicas de movimentações vitais e multi-contaminatoriamente metamorfoseantes, participando de escutateantes e imprevisíveis afetações nano-afetuais, inclusive afrontosas, que permitam fractalizar os contornos das linhas ficcionais da realidade da marginalização e extração das pulsações pachamâmicas. Ritualizações por contaminações de uma multiplicidade nano-afetual sem cânone ou desejo de controle, portanto apenas de afirmação da vida. É nas explosões cósmicas dos afetos, inclusive do êxtase convivido e nos mais corriqueiros nomadismos, que a metamorfose se dá nas grandes urbes. Tudo numa grande cidade são arranjos de Pacha, ainda que muitas vezes arranjos escravizados para recursos e mercadorias. Arranjos transmutados para objetos. Mas que por interações nano-afetuais, não apenas nano-afetivas, podem se descoisificar por intensivos nomadismos da metamorfose que a vida vai sendo. Então, em geral, as epistemologias pachanômadas afirmam isso de dar passagem à pulsações vitais quando preferimos dizer e afirmar “metamorfose”, “transmutação” e ‘cosmose’ à caosmose. Tirar os parênteses de c(a)osmose e ficar parente de árvore, pássaro e rio por cosmose. Cosmose tão cacofônica, polirrítmica e cíclica quanto a caosmose, porém multiplicadora dos ciclos de espaçotempo co-afetados e co-implicados. Cosmose para além da dicotomia caos-ordem. Cosmose das múltiplas contaminações da multigamia nano-afetual. Cosmose enquanto afirmação pachamâmica, multiplicadora de mundos por en-cantarias não romantizadas. As ondas vibracionais do *nhe'e*, silenciosas enquanto tytypensamento ou falantes enquanto escutateantes nano-afetuais, arranjam o real movimentando-se na umidade das partículas en-cantadas pelos mínimos exercícios de plenitude, por exemplo, em *Nhe'ëry*<sup>90</sup>. Ressaltando que, sem dúvida, também pode se fazer potente dizer

---

<sup>90</sup> *Nhe'ëry* onde hoje vive 72% da população brasileira e, ainda que invisibilizada, abrange cósmicas e nômade metrópoles como São Paulo, Campinas, São José dos Campos, Santos, Salvador, Curitiba, a costa leste, nordeste, sudeste e sul do Brasil, leste do Paraguai, um pouco da Argentina, banhada

“caosmose” nas táticas nômadas diante das imprevisibilidades da caminhada. Por dizeres não-excludentes como as cambiantes oralidades entre gírias e linguas-mães desta Ameríndia patenteada, porém afetualmente transmutacional. *Todo câmbia* jamais por relativismo ou escapismo, mas por proliferação de fluxos vitais diante do incontornável. Assim também se dá a convivência desta escrevivência. No incontornável que é fenômeno da metamorfose. Por essas e outras, vez ou outra também descrevo “c(a)osmose” para permitir múltiplas leituras de acordo com a perspectiva e o trajeto de cada escuta, lembrando que nenhum termo se pretende fixar ou dar conta de nada. Estão sempre se metamorfoseando nisso de afirmar metamorfose para garantir fluxos vitais. Poética pachamâmica de Barros que segue nisso de “falar a partir de ninguém”. Mas na medida que corpachas e demais cosmocorpes vão preferindo tytypensar afirmando metamorfose, é porque já se estão em franco processo de reflorestamento do imaginário. Experiência para toda a vida, pois ninguém ganha diploma nisso ou consegue uma chancela por pretensa totalidade e plenitude disso. A experiência barreana é com *ruínas-sementes* (Souza-Santos) e sementes-ruínas. A necropolítica está curso sem previsão de parada e ocorreremos inevitavelmente co-implicades, no mínimo, de seus efeitos arranjadores do real. Real que também se tece nas movimentações das corpachas pela sonhação das úmidas en-cantarias nano-afetuais das escolas vivas. A sensibilidade cósmica descoloniza o sensível, permitindo fluxos às velhas nascentes vitais sempre aprendizes das sábias infâncias. Assim, este arranjo vivo aqui escreviente também segue em retomada desde o nascimento, mas não do modo entendido na colonialidade, e sim nascimento de múltiplos partos, desde os inícios sem inícios de seus andarilhamentos pachamâmicos.

Pacha é um grande jardim coletivo, polifônico e polirrítmico, ora dissonantemente harmônico e ora cacofônico de acordo com as imprevisibilidades dos caminhos. Mas um grande jardim intensamente nano-afetual. Portanto não acontece um continuum sempre harmônico na caminhada de quem caminha. O andarilhamento pachamâmico de Barros é errante, cheio de imprevisibilidades, vibrando nisso da

---

de rios como o São Francisco, Rio Doce, Ribeira do Iguape, Paraná, Paraíba do Sul e Rio Uruguai, além de diversas regiões hoje cobertas de pasto e veneno para monocultura. Mas que vibra mundos e fundos em cada gota de suor, saliva, sal e água doce. Grande Mãe que contempla territórios sensíveis co-implicados dos mais diversos povos originários para além de Abya Yala e da geopolítica mundial.



cosmicidade da vida ser constância de uma multiplicidade de inconstâncias cosmocorporais assim como a nuvem sonora das cigarras. A corpa-nuvem-musical-vibracional-elementar-vital tem importância en-cantada para as culturas originárias dos povos ameríndios tanto quanto o “grau de encantamento” para Barros. En-cantamento desde uma Abya Yala pindorâmica em que a palavra “alma” não existia.

A palavra “alma” não existia nas vozes ameríndias antes das catequizes e evangelizações. No imaginário indígena, também não havia a possibilidade de uma “essência” etérea ocorrer em cisão dicotômica ao corpo ou aos múltiplos corpos da vida. Se hoje os mais diversos povos indígenas insistentemente catequizados e evangelizados por séculos dizem possuir “alma”, para os ancestrais desta corpa-territória de tanos nomes (Pacha, Abya Yala, Pindoretá, Nhe’ëry, etc), muito além de uma essência fixa e virtualística, a vida sempre ocorreu enquanto vibração vital de incalculáveis pulsações errantes e cosmonômadas de música, água, terra, fogo, ar, onirismo nano-material e en-canto nano-afetual. Do mesmo modo, o *nhe’ë* não cabe na palavra “alma” se esta noção geralmente é percebida eurocentricamente. Reduz a multiplicidade de sentidos do *nhê*, do *corpo-fônico* (Barros), das oralidades, da música do imaginário pachamâmico, ou seja, faz a vida ter suas múltiplas pulsações vitais extraídas pela monocultura de Deus. A multigamia nano-afetual das *escolas vivas* (Huni Kuin) vai sendo silenciada e marginalizada pela cultura extrativista. É o que exige o Deus monogâmico para as freiras que com ele se casam. Ele casa com todas de maneira tão monogâmica, possessiva e escravagista quanto virtual, asséptica, anestésica, repressora da materialidade corporal e extratora da primordial libidinosidade nano-afetual da vida. Ele inviabiliza o saber cosmocorporal e cosmonômado. Há séculos, a palavra “alma” tem sido usada etnocentricamente e antropocentricamente, de modo a gerar etnocídio, genocídio e o que chamam de “ecocídio”, mas que sinto chamar de ‘natuculturicídio’ a morte de incalculáveis e sábias composições ambientais e nano-afetuais. Natuculturicídio co-implicado de ‘cosmoperccídio’, ‘matrialicídio’, ‘nomadicídio’, ‘imaginariocídio’, epistemicídio. Antropocentrismo ao colocar os que pretensa e supostamente tem alma acima dos que antes não precisavam se preocupar em criar abstrações virtualísticas para pretensamente hiper-iluminar os mistérios do en-canto. As

ficções pachamâmicas de Barros vibram potências vitais, enquanto ficções virtualísticas colonizam o pensamento tecendo o real com um Deus acima de tudo que vive. Desde as invasões coloniais e na colonialidade, a pretensa “alma” coloca os homens de Deus acima dos povos indígenas, das parentas plantas, das sábias árvores, das tribos-pássaros, das senhoras montanhas, dos parentes rios, dos povos peixes e demais povos “gentis”, ou seja, considerados bichos sem alma ou recursos tanto pela cultura judaico-cristã, como pelo iluminismo. “Objetos” do Senhor iluminado, dos machocêntricos reinos cristãos e da ideia capitalista de sujeito. Este que capitaliza o ventre de Pacha sem perceber que também acontece composição viva dela, escravizando a multiplicidade da vida, marginalizando as múltiplas natuculturas e demais gentes pretensamente consideradas não-humanas. Este que só capitaliza por deformações da virtualística anestésica e não pela afirmação do en-cantamento na fruição da vida, muito menos do sonho enquanto nascente material, sinestésica e cosmocorporal da vida. São 534 anos solares de catequese e evangelização dos povos indígenas. O etnocídio então ocorre ao se subtraírem múltiplos sentidos das cosmopercepções ameríndias. Múltiplos sentidos de *Nhe'ẽ* que não cabem na grafia cartoreira da verdade, nas classificações e demais marcas da posse feitas na pele do gado, de todas gentes, dos ‘corpos-mátrias’ e da Pachamama, a título de escravagismo, confinamento e fixação. A vida é nômade fluxo de metamorfose, mas há um imenso genocídio em curso desde a invasão branco-ocidentalocêntrica em Abya Yala a partir de 1492 até os dias de hoje, com cerca de 70 milhões de habitantes nativos assassinados, assim descrevem Moema Viezzer e Marcelo Grondin. Onde hoje é considerado Brasil, haviam 5 milhões para os 1 milhão que restaram já nos primeiros cem anos (Grondin; Viezzer, 2021: 25).

Mas mesmo após as violentas fixações da ideia colonial de corpo, pela dicotomia corpo-alma, os sentidos de *nhe'ẽ* ironicamente ficaram mais nômades do que nunca. A guata continua arranjando corpachas. Estas, nunca se cristalizam. Ainda que confinadas em territórios e por demarcações que se tornam cada vez mais urgentes ao passo que são deslegitimadas pelo povo da mercadoria, os povos originários nomadizam sentidos e atualizam culturas metamorfosicamente. É disso também que se trata o nomadismo. Nomadismo também de se metamorfosear por múltiplas contaminações com a arma inimiga, com os papéis, as leis e a política de cultura nortecêntrica e

neoliberal. A cosmicidade pachamâmica ocorre nessa múltiplas contaminações que inseparam potenciais sujeitos.

Mesmo afirmando a potência das sensíveis c(a)osmoses, perceber diversas distinções entre cosmopercepções ameríndias e ocidentais acaba por fissurar a ideia de “sinônimo” e de “tradução” nisso de uma cultura buscar impor seus sentidos para outra. Toda comunicação é violenta. E antes de qualquer questão necropolítica, toda interação cultural é choque. Obviamente que corpachas, jamais cristalizadas, quase sempre precisam fazer um esforço descomunal, que custam seus arranjos vitais, para transpor limites diante da violência colonial.

Em muitas instâncias as tessituras do afeto são indesviáveis e são tanto primordiais, como ainda pouco para as movimentações vitais. O desafio então está tanto na sensibilidade de cosmopercepção afetual como na sensibilidade do afeto ao risco. E numa coragem sensível como a dos antigos *txucarramães* (guerreiros sem armas) desta Abya Yala. A *linguagem de rãs* barreana vira do avesso, faz das tripas um ‘coração tytypensante’ e metamorfoseia-se por uma sensibilidade estética capaz de subverter palavras, utilitarismos e coisificações, permitindo com que ‘corpos-mátrias’ vibrem proliferando potências. Se a educação continua a defender teorias do tão necessário brincar, mas não se propõe a transmutá-las pela prática da errância sensível nas ambiências sensíveis da vida, está fadada à colonização dos afetos e aos colonialismo etnocêntrico. Não precisamos que todas as pessoas sejam musicistas ou poetas profissionais, muito menos aventureiras viajantes, mas de comunidades humanas que não excluam tantas outras humanidades e suas sensibilidades cosmoperceptivas. Ou então, que se esvazie o termo humanidade para todes e se reinvente mundos para a diversidade de gentes que não são consideradas humanas diante do pensamento eurocêntrico. Mas se é para insistir numa noção de humanidades, a vida pachamâmica pede passagem por uma diversidade de humanidades não excludentes das pulsações vitais, nano-afetuais, que afirmem saberes cosmocorporais e cosmonômades. Humanidades cósmicas e metamorfoseantemente sensíveis aos (en)cantamentos dos caminhos, proliferadoras de vida e cosmocorporalmente avessas à ordem das fixações. Uma potencial educação com a poética pachamâmica de Barros se faz então nisso de (re)mediar a convivência de múltiplas escutas, pela prática de *línguas mães* (Barros), ou

seja, de enton(ações) decoloniais (re)conhecedoras de múltiplos mundos. Religião, ciência, política, cultura e tudo mais é crença e muitas vezes desejo de um mundo melhor. Na inevitável metamorfose da vida, a *guata* não está em busca de soluções de mundo, mas vivendo o impossível pelo indesviável, pelo incontornável, pelo incontornável, pelo indomesticável, ao buscar transmutar certas crenças que exterminam a vida. Nesse sentido, a educação então necessita escutar muito o *bem viver* de Abya Yala, (re)conhecendo sensivelmente os nomadismos cotidianos pelas *desimportâncias* barreanas, multiplamente contaminantes e transmutantes dos caminhos. Um deseroísmo, feito *txucarramães*, de corpachas musicais que se afirmam de maneiras jamais cristalizadas e bastante suscetíveis às imprevisíveis pulsações da metamorfose pela produção e proliferação de subjetividade múltipla sempre em fluxo de alteridade na convivência multigâmica. Os nomadismos da autoformação acontecem nisso deixar sensibilidades afirmarem suas forças, seus arranjos vibracionais e elementares, suas intensidades nano-afetuais e constantes metamorfoses vitais o suficiente de maneiras a atualizar a potência de vida que não ocorre como mercadoria. Eis um antissalmo!

*Antissalmo por um desherói / a boca na pedra o levará a cacto / a praça o relvava de passarinhos  
cantando  
ele tinha o dom da árvore / ele assumia o peixe em sua solidão / seu amor o levará a pedra / estava  
estropiado de árvore e sol estropiado até a pedra / até o canto / estropiado no seu melhor azul /  
procurava-se na palavra rebotalhopor cima do lábio era / só lenda / comia o infimo com farinha / o chão  
viçava no olho / cada pássaro governava sua árvore / Deus ordenara nele a borra / o rosto e os livros  
com erva / andorinhas enferrujadas  
(Barros, 2010:125-126)*

O personagem barreano *Índio* contém voz azul. Arranjos indígenas vibram em Manoel. “Seu canto é o próprio sol tocado na flauta!” (Barros, 2010:177). O Poeta diz: “Escuto o perfume dos rios. Sei que a voz das águas tem sotaque azul.” (Barros, 2010:370). *É nhe'ẽ* fluindo nunca separada da flauta que os arranjos corporais são para o tupi e o guarani. *Nhe'ẽ* que inclusive pode acontecer enquanto som silencioso, mas sempre vibracional. As ressonâncias ancestrais saem pela boca de um *guató*, personagem composto pelo elemento de Barros. Esse que modela a vida no imaginário ameríndio – sem esquecer a contaminação barreana com outras culturas, como as africanas e européias. Esse que apalpa não apenas luz, mas os “aromas do sol” por ter um “ermo no olho”, e, por sentidos cosmicamente crepusculados, dos quais também desfrutamos – e

pelo “*quiasmo*” (Barros) –, permite que a gente ouça o que o olho dele tateia. Ocorre então algo próximo a um *encontro de horizontes* (Gadamer) que, pela poética barreana, pede outro arranjo fônico: cosmicidade estética? Estética xamânica? Não apenas. Assim, pelas sínteses necessárias aqui, venho descrevendo tal fenômeno como um arranjo de ‘cosmonomadismo’. E especificamente com estes e outros muitos poemas barreanos, um cosmonomadismo sinestésico.

“O olho do monge estava perto de ser um canto” (Barros, 2011:386), lembrando a gente de nossa música humana com a música pachamâmica, enquanto dá forma sonora a essa terra encharcada de vida num jeito de afirmar seu *gosto elevado para o chão* com embriaguez aquática do ventre de Pacha, assim como afirma Bachelard sobre o elemento água e o devaneio da embriaguez (Bachelard, 2003:61). A *visão fontana* de Barros faz a gente lembrar fontes vitais. Essas capazes de brotar vivas melodias, colocando-se no mundo com amplitude de arranjos sutis. Mas não apenas amplitude, mas principalmente nano-tude sem essências fixas. Manoel de Barros é capaz de vibrar andarilhamentos de profundas imagens sonoras, nisso delas serem fontes primordiais de nossos sentidos cósmicos e “tytypensares” nano-afetualmente aquáticos. Esses que a infância canta antes da palavra. “Profetas nasciam de uma linguagem de rãs” (Barros, 2011). Escutatear essa *linguagem* no acaso dos encontros da educação, permite fluxos nômades a cosmopercepções que nos inseparam desse canto crepuscular e azul barreano. Um canto desutilitário e não explicativo. Uma comunicação cósmica e sinestésica.

*O primeiro poema: / O menino foi andando na beira do rio / e achou uma voz sem boca.  
/ A voz era azul. / (...) Tinha um índio terena que diz-que / falava azul / Mas ele morava longe. /  
Era na beira de um rio que era longe. / Mas o índio só aparecia de tarde. / O menino achou o  
índio e a boca era / bem normal. / Só que o índio usava um apito de / chamar perdiz que dava um  
canto / azul. / Era que a perdiz atendia ao chamado pela cor e não pelo canto.  
A perdiz atendia pelo azul. (Barros, 2010:466).*

Conheço bem essa maneira de chamar pássaros desde criança. Mãezinha minha é uma banda ambulante, arranjo de floresta viva. A vida toda soprou uma porção de bambus e demais apitos de pássaros em nossos trabalhos musicais. Conversamos com pássaros, plantas e incontáveis parentes a todo momento. Nunca por uma linguagem utilitária. Sempre pelos ‘corpos fônicos’, essas ‘corpas cosmonômadas’ que as corpachas vão sendo. Corpachas que não separam cores de som, nem de ‘nanoafetos’ dos caminhos. ‘Corpas-caminhos’ que não cabem na explicação e que se arranjam afirmando

a sinestesia na fruição que é a vida, e seguindo por incalculáveis composições. É que “há vestígios de nossos cantos nas conchas destes banhados. Os homens deste lugar são uma continuação das águas” (Idem, 2010:198). Esse canto azul insepara menino-rio-índio-terena-perdiz-bocas-lonjuras-etc. Faz-se encanto como música transbordante de ressonâncias de um imaginário ameríndio afirmador da metamorfose vibrante nas c(a)osmose culturais latino-americanas que jamais excluem mares e águas de outras terras.

Há também um (en)canto em Manoel de Barros próximo ao fenômeno que também é descrito como *música oceânica* – abordagem de José Miguel Wisnik (2004) aprofundada por Luz Marina Espíndola em sua dissertação de mestrado “O vestido azul / Educação e música na infância – ressonâncias antropológicas – FEUSP, 2010”. Busco tatear as tramas sutis da música pelas sensíveis c(a)osmose da educação, e neste caso, a grau de trapo, pelas pulsações vitais que deixam roupa para trapo, desvinculando-a de qualquer função ou utilitarismo como bem faz a pele exposta do imaginário ameríndio. Além disso, quanto mais velha a trama, mais valor de ancestralidade, pois significa que ela já passou por incontáveis metamorfoses, garantindo por tanto fluxos vitais desobjetificantes. Incalculável valor de “nadezas” (Barros). Lembrando: “O poema é antes de tudo um inutensílio. / Hora de iniciar algum / convém se vestir roupa de trapo... (Barros 2010:174), num jeito de ouvirmos o ventre barreano de pele c(a)osmoticamente errante aos ocasos dos ‘poros-pacha’. Poros soltos, sem dono nem posse, vibrantes pelas intimidades sonoras contidas na liberdade desse canto: despalavras de um pantanal mantricamente urobórico, esse grande ventre onde se prolifera a encantaria de sua *linguagem brincativa* (Barros) com imagens ressonantes dos primórdios; voragem numa espécie de *Baleia de Jonas* que conduz Manoel de Barros pela vertigem sensível da experiência estética não religiosa, nem virtualística, mas fenomenologicamente cosmocorporal pela metamorfose dessa trama musicalmente rota e cacofônica da vida. A (en)cantaria barreana ocorre como múltiplas frequências de um patchwork cósmico, modulante e variante que insepara desobjetos e seres esfarrapados com os quais se expressa tonalidades próprias sim, mas sem o en(si)mesmamento colonial. Sonoridade que revela múltiplos arranjos da pessoa enquanto sujeita cosmicamente coletiva e biocêntrica conforme esta vai parindo potências e frequências distintas que vem à tona

encharcadas das corpachas musicais. Estas, vão se arranjando e se desarranjando de maneiras extremamente líquidas, inviáveis aos mapas. E para além das formas, a água é a substância que sonha, inclusive “só a água pode desembaraçar a terra.” (Bachelard, 2002:76), ao passo que, de acordo com as imprevisibilidades do acaso, também pode inseparar cada grão de maneira bastante caótica ou mesmo contaminar o imaginário de todo um cosmos. O sonho da água é incalculável.

Os andarilhamentos barreanos acontecem em estado poético e musical como potência c(a)ósmica da vida que só ocorre em fluxo de alteridades sem fim. Tudo contaminação de cosmonomadismos. Cosmo-contaminação ameríndia e xamânica, num pantanal aquático sem as fronteiras do sujeito e do objeto, do fora e do dentro, da utopia e da distopia. A poética barreana se dá, em cada gota, por profundezas incalculáveis e enraizamentos-nômades. Muitos dizem que o rio de minhas infâncias possui trinta metros de fundura. Mas com diversas txais parceiros de composições musicais, sempre foi possível perceber que ele contém vozes de eras numa só gota. E para Manoel é “(...) difícil de provar a desonra dos peixes; mesmo com fita métrica” (Barros, 2010:287).

*Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava **bobagens profundas** com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. **E o rio encosta as margens na minha voz.** Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. **Eu queria que as palavras me gorjeassem.** (...) **Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.** (Barros; 2010:09) – grifos meus.*

A cósmica invencionática de Manoel transvê e transcria sem medidas, por intensidades de gorjeios que vão gerando múltiplas contaminações, colocando fronteiras em xeque, onde a ferrugem já dissolveu as cercas de sua primeira infância nômade. Seu gesto inventivo jamais é um problema, mas uma oportunidade de força vital, corrompendo zonas fixadas de maneira muito contundente, sempre facilitando contaminações cosmonômadas. Cosmo-contaminações transbordantes, *merejantes*, ora ligantes, ora diluentes. Sujeitos, egos, ântropos, coisas, métodos, tudo se desfazendo, ou melhor, tudo arranjo inconstante no intermitente fluxo das águas pantaneiras. As nômadadas cosmo-contaminações são afirmações barreanas que acontecem de maneira musical, vibracional, sinestésica, elementar, ocorridas pelo que essa caminhada pede

para que seja descrito como sendo uma ‘estética da cosmo-errância nanoafetual’ que só pode se dar na afirmação sensível da fruição e nas imprevisibilidades do caminho.

“No gorjeio dos pássaros tem um perfume de sol?” (Barros, 2010:459). Essa atitude cosmocorporal e cosmonômada de sensações inseparáveis, multi-contaminatória e transmutantemente interrogativa, sensivelmente investigativa, revela que a música – apesar de invisível ou impossível de exalar aromas a visões apressadas – vibra, toca, penetra, insepara, liga, contemporiza, se harmoniza nas dissonâncias das sensações mais diversas, polifoniza aromas e cacofoniza cores, fazendo dançar as imagens. Imagens sonoras que fluem ao moldar percepções de infância pela vontade do fazer do elemento composto barreano ‘terrágua’ e por ressonâncias da sábia, vital e generosa Pacha com sua corpa formada por  $\frac{3}{4}$  água. Corpapacha de múltiplas corpachas. Corpacha de forças tão inventivas de vida quanto a lama de Nanã nas culturas africanas e as demais composições elementares da Grande Mãe nas mais diversas culturas originárias, ressoando um *canto azul de visão fontana* crepuscular. Música de profundezas incalculáveis num abundante contingenciamento de sensíveis nascentes musicais para que possamos ‘tytypensar’ uma *educação de sensibilidade* (Ferreira-Santos; Almeida, 2012) a partir de cosmopercepções ameríndias. Mais do que pensar em processos decoloniais, permitir sensibilidades cósmicas vibrarem e (re)conhecerem cosmopercepções e epistemologias tecidas com o imaginário ameríndio afirmativamente. As epistemologias pachanômadas de Barros e sua estética da cosmo-errância nanoafetual vibram tytypensamentos de uma possível educação nano-decolonial pelo sensível. Uma educação de múltiplos e imprevisíveis arranjos vivos. Uma educação que considere a libidinosa multigamia nano-afetual. Pelas complexas seduções de incalculáveis pulsaçõeszinhas vitais dos caminhos que vão arranjando corpachas. Caminhos também arranjados de múltiplas e vibrantes corpachazinhas. Corpachas enquanto corpas-caminhos em andarilhamentos de mundos não-antropocêntricos e desantropocêntricos.

“Gorjeio é mais bonito do que canto porque nele se inclui a sedução. É quando a pássara está enamorada que ela gorjeia. Ela se enfeita e bota novos meneios na voz. Seria como perfumar-se a moça para ver o namorado. É por isso que as árvores ficam loucas se estão gorjeadas. É por isso que as árvores deliram. Sob o efeito da sedução da pássara as



árvores deliram. E se orgulham de terem sido escolhidas para o concerto. As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas” (Barros, 2010:380). E apesar de co-criado numa herança católica, Manoel e seu imaginário cacofônico, ancestral e ameríndio, indo índio em direção à liberdade primordial por uma linguagem brincativa da infância e seus cósmicos nomadismos, consegue desestabilizar certos padrões de maneira a trazer profundas contribuições para uma educação de sensibilidade cosmocorporal e cosmonômada que se valha da experiência estética. E ele parece fazer isso espontaneamente com fluidez, abundância, exagero, insistência, errância, embriaguez, prazer, orgasmo, de forma desregrada. De acordo com Rogério de Almeida:

A experiência estética é uma experiência do excesso, da embriaguez, da excitação. Flusser (2013) compreende a arte como uma *droga*, “um meio de proporcionar experiência imediata” (p.381), “o órgão sensorial da cultura por intermédio do qual ela sorve o concreto imediato”. Não é lenitivo, consolação ou purgação dos maus sentimentos (a catarse grega), mas sensualidade, paixão, proliferação do que a vida tem de excessiva e cruel, seja na manifestação da alegria ou da dor. Os itinerários de formação só podem ser itinerários de autoformação, pois é na experiência individual e particular de cada corpo – seu modo de sentir, de ser afetado – que as formas de mediação da cultura contribuem na formação das formas de lidar com a experiência imediata da vida, a qual é constantemente transcrita em obras (Almeida, 2015:188).

Com esse inebriante cio dos gorjeios e cosmopercepções onde os arranjos vitais gozam a vida, Manoel de Barros estica a sensualidade e a paixão de sua *lesma* feito um órgão sensorial das culturas, numa experiência estética de rupturas e transgressões. Avesso a trilhos e estradas, o poeta segue por trilhas de sentidos vibrantes pela complexidade cósmica da vida, apontando para uma educação das coisas menores do chão, da aprovação pelas miudezas, de mundos vibrantes em certas gotículas do acaso e pela música mântica de infinitos que essas pequenas potências são capazes de conter. Essas que transcendem a questão da finitude ressoando, não pela grande verdade colonial, mas nas pequenas belezas do fazer artístico, pelo prazer de mãos barreas que modelam a vida na experiência estética da música enquanto vida em acontecimento. Vida em movimento. Música nômade também contraída na sombra das árvores, no crepúsculo onde se vê que “há um cio vegetal na voz do artista” (Barros, 2010:359).

*(...) Tem uma dimensão além de pássaro, ele! / Talvez um desvio de poeta na voz  
Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de ser uma pequena coisa infinita do chão.*

*Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.*  
*A essa vida em larvas que lateja debaixo das árvores o sabiá se entrega. / Aqui desabrocham corolas de*  
*jas!*  
*Aqui apodrecem os voos. / Sua pequena voz se umedece de ínfimos adornos.*  
*Seu canto é o próprio sol tocado na flauta!*  
*Serve de encosto pros corgos. / Do barranco uma rã lhe entarda os olhos. / Esse ente constrói o álaque.*  
*É intenso e gárrulo: como quem visse a aba verde das horas. / É ínvio e ardente o que o sabiá não diz.*  
*E tem espessura de amor.*

MANOEL DE BARROS, (2010:177-178). – grifos meus.

Assim, os (en)cantos cosmoticamente nano-afetuais da flauta barreana, transbordam o *amor fati* (Nietzsche), de amar uma destinação metamorfoseante, contaminada de pequeníssimas potências de sensibilidade, capazes de desestabilizarem poderes instituídos sem que tenha que objetivamente querer mudar o mundo e o que está dado – e nesse caso, aprovado. Esse *dom elevado para o chão*, sem evolucionismos e elevações virtualísticas, cresce em andarilhamento e transborda adjetivos com múltiplas pulsações musicais que se valem do instante presente para nos contaminar cosmicamente com ausência de circunstância, provocando sensíveis simbioses e caosmoses, pois “(...) já não é o executante que produz ou reproduz a sonata; ele se sente e os outros sentem-se a serviço da sonata, é ela que através dele canta ou grita tão bruscamente que ele precisa precipitar-se sobre o seu arco para poder segui-la” (Merleau-Ponty, 1992). Arco, aqui, como símbolo de curva, de força flexível, materialidade, subjetividade, como o arco indígena. Manoel de Barros, esse andarilho das *transsubstanciações* xamânicas e transmutantes, deixa a música o escolher feito “a sentença que Thomas Mann coloca na boca de seu personagem Tönio Kruger:... *o poeta é um maldito: a poesia o escolhe*” (Ferreira-Santos, 2000:66). A música e a poesia escolhem os arranjos que vão modular. Vamos ocorrendo enquanto modulações dessas frequências ‘cosmoticamente’ estéticas da vida. São múltiplas as contaminações das corpachas musicais nas instâncias cósmicas da vida. Conforme os *corpos sônicos* de Barros, ‘corpachas sônicas’.

Expressões transcriadas com a poética barreana e seu vasto “glossário de transnomações em que não se explicam nenhuma delas (nenhumas ou menos)” (Barros, 2010:181) então surgem aqui, vibrando nomadismos e presenças ameríndias ao serem entoadas e multiplicadas a partir da ‘corpacha’ e de seus incalculáveis e imprevisíveis arranjos. Toda corpacha vibra e acontece como corpacha de corpachas intensamente vivas em cada passo da caminhada. Corpacha arranjada na multiplicidade

matrial de ‘corpas’ jamais cristalizadas, arranjadoras de caminhos e compositoras de mundos. ‘Corpas’ no sentido sensível do termo, ou seja, pela imagem ressonante, não apenas pela lógica virtualística do olho que apenas vê ou não vê, mas por um sentido transmutante, afetualmente nanomaterial, sinestésico e vibracional.

Em cacofônica artesanaria com o que Ferreira-Santos tece sobre o sagrado vivenciado na música e na literatura, percebo que Manoel de Barros aproveita a oportunidade de afirmarmos co-implicações, com ele, da música e da poesia pelo vórtice da experiência numinosa, mais do que saindo de nós mesmos, movimentando viagens iniciáticas pelos arranjos que nos compõem no dentro de tudo que a vida se mostra acontecer, permanecendo nesse espaçotempo da repetição com Barros e, sobretudo, com esse seu jeito de distraidamente deixar circular potências que “resistem não à dominação estrutural da sociedade por parte do poder instituído mas à imposição de valores, de gostos de modos de existir” (Almeida, 2015:181).

É como se a crença nos velhos valores da modernidade fosse suspensa em proveito da força do presente, da abertura para o exercício prazeroso da vida. Prazer aqui (...) no sentido de aprovação da existência, prazer como adesão à vida e, mais precisamente, às pequenas e pequeníssimas coisas da vida, tudo o que, à exceção de Nietzsche, incomoda boa parte dos pensadores.

Tudo se dá como se o homem contemporâneo visse os bastidores do poder, a mentira manipuladora dos discursos, a intencionalidade por detrás da representação, mas em vez de denunciar que o rei está nu (a condição vazia do poder), o que poderia desencadear vexame e caos, optasse por fazer parte do “faz de conta”, já que há liberalidade suficiente para o exercício de suas pequenas potências (Almeida, 2015:181).

“Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença...” (Barros, M.I.A.I., 2010:47). E declarando não prestigiar trilho e estrada, Manoel de Barros – com pequeninos desobjetos e seres-arranjos do chão como lesmas e caracóis, além de micro-ambiências culturais como limbos, limos, bestegos e ferrugens –, é capaz de nos seduzir pelas surpresas nano-afetuais de trilhas musicais encharcadas que vibram arranjos e frequências distintas, modulantes e variantes de um prazer marginal, andarilho, guarani, guaná, guató, por uma *estética da ordinariade* (Campos, 2010). “Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia. Uma transubstanciação. Encostado na ‘corpantaneira’ o poeta perde sua liberdade de pensar e de julgar. Sua co-implicação com as natuculturas é agora de sábia inocência e erotismo.

Ele vira um apêndice cósmico. Restará preso ao corpo, às lascivas, ao vulgar, ao comum, ao ordinário. É nesse sentido transnominal que uso a palavra ordinário. Por daí que se pode dizer que as palavras de um poeta vêm adoecidas dele, de suas raízes, de suas tripas, de seus desejos. Ao leitor não resta que se incorporar. ‘O ordinário é uma auto-renúncia a favor do natural’ (li isso em Goethe, através de Thomas Mann) (BARROS, apud GONÇALVES FILHO)” (Campos, 2010:180-181).

“Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia” (Barros, 2010:145). E assim, essa ausência de meta da poética barreana que insiste no erro por sentidos formadores de múltiplas culturas vagabundas, biocêntricas e infantis cria a irrupção da percepção na experiência formativa como um descaminho, uma desaprendizagem, mas também uma oportunidade sensível de educação. “Desaprender oito horas por dia ensina os princípios” (Idem, 2010:299). “Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim, são meus colaboradores...” (Idem, M.I.A.I., 2010:147). O educador em Manoel de Barros distraidamente entoa sentidos que não seguem cartilhas. Tudo pelo *ser inútil* e por pequenos *desobjetos* de desimportância caosmótica e simbiótica para incalculáveis (en)cantamentos.

as obras, os experimentos, as proposições de toda sorte, funcionam como interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam com um descaminho daquilo que é conhecido. Uma espécie de jogo com os acontecimentos, de táticas que exploram ocasiões em que o sentido emerge através de dicções e timbres, nas formas, não nos conteúdos; uma viagem pelo conhecimento e pela imaginação: são imagens que procuram captar o tipo de deslocamento da subjetividade produzido pela obra de arte (Favaretto apud Almeida, 2015:191).

Uma cacofonização dos interruptores da percepção sempre ligante então ocorre com a substância aquática que penetra com profundidade, feito música, pela poética barreana. Garante co-implicações inventoras dos ligamentos cosmoperceptivos e (re)ligamentos contemporâneos pela abundância de timbres contida em cada gota. Nessa experiência estética cheia de excessos e rupturas que vão de lugares ermos excedentes de solidões aos transbordamentos dos extremos ciclos das águas pantaneiras, nessa ‘corpacha sônica’ cheia de instabilidades climáticas, Manoel de Barros insiste no eterno retorno aos primórdios, capaz de ouvir no canto de uma ave *o antigo mar dos xaraiés*, afastando-se portanto, do mundo fabulado e aproximando-se de si. Experimentando-se

neste vórtice. Rindo-se, como Manoel gostava de fazer. Apalpando o ego cacofonizado até gozar pequenas potências. Esticando a timidez de sua *lesma* até gozar em *pedra*, numa maneira de desinventar o sujeito fixo para vibrar pelos arranjos vivos da grande metamorfose nano-afetual que a vida vai sendo, que o fazem sentir variadas plenitudes enquanto sujeito coletivo, e enquanto corpacha de imprevisíveis arranjos, indo de encontro com o que expressa Rogério de Almeida, por uma “experimentação desestabilizadora da ficção que as pretensas verdades do mundo e do eu mostram-se ilusórias (2015:190)”, escolhendo celebrar a vida nessa atitude poética e musical de vibrar com o mundo tanto por distintos arranjos, como pelos seus fluxos de alteridade. A vida então só se mantém vibrante nas metamorfoses necessárias para as atualizações mitêmicas, arquetipais e ancestrais da experiência estética.

É por isso que o estado contemporâneo da estética – deslocada da arte para a vida – pode favorecer a desfabulação do mundo: todas as narrativas, discursos, instituições, ideologias e boas intenções perdem o estatuto de verdade e se proliferam como ficções às quais aderimos sem crença. O mundo desfabulado mostra-se nu, sem duplo, sem transcendência, sem finalidade ou necessidade. Seus excessos todos – beleza, vida animada, instabilidades climáticas, rupturas geológicas – revelam o incessante trabalho do acaso, sua abertura para o eterno movimento, o atrito dos encontros (Almeida, 2015:191-192).

“Uma rã me pedra. (A rã me corrompeu para pedra. Retirou meus limites de ser humano e me ampliou para coisa. A rã se tornou o sujeito pessoal da frase e me largou no chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades.)” (Barros, 2010:358). E assim, Manoel segue “entorpecido de haver-se” (idem, 2010:359) ao mesmo tempo que “vou sendo incorporado pelas formas pelos cheiros pelos som pelas cores” (idem, 2010:360). Essa série de poemas que transbordam imagens sonoras pelos andrajos sutis vibrantes na obra e no espaçotempo de nosso transmutacional encontro com Manoel revela devaneios para uma “didática da invenção” (Barros) declaradamente de forma provisória e inacabada, em um contínuo processo de transmutação biocêntrica (não antropocêntrica): “...estou apto a trapo! / A gente é rascunho de pássaro / Não acabaram de fazer...” (Idem, 2010:142). “Os itinerários de autoformação, sempre provisórios e inacabados, são meios pelos quais construímos, elaboramos, configuramos, inventamos, imitamos, traduzimos o que somos. Não são as nossas obras, mas somos nós como obras.” (Almeida, 2015:59). Manoel não apenas vê a distopia contemporânea, não apenas deixa o trágico falar – o que

já não é tão comum em nossa sociedade endurecida de medos solares e fixada de fáceis felicidades mesmo diante da necropolítica genocida –, mas aprova a vida integralmente incluindo inclusive o que há de pior, acolhendo as supostas contradições de maneira c(a)osmótica como no espaçotempo mítico das histórias ameríndias, assim como nos orixás, que não são bons ou maus, permitindo afirmar a vida por múltiplos instantes de prazer e alegria nas pequenas coisas ordinárias do cotidiano e pela c(a)osmicidade delas. Coisinhas sem utilidade de uma vida barreana enquanto c(a)osmótica obra em ‘andarilhamento’ musical. Andarilhamento possível pelos cosmonomadismos de Barros em sua estética de errância nano-afetual.

Manoel de Barros viveu a primeira infância acompanhando o pai na manutenção de cercas do latifundioso pantanal. Sem negar a existência dessas fronteiras, contraiu *visão fontana* num jeito de fractalizar os contornos delas com o cio vegetal da voz da vida enquanto arte, por uma estética transcritiva. O “ermo enorme no olho” barreano se faz aqui por escutas de um Manoel de Barros que caminha por múltiplas aprendizagens de vozes íntimas e nano-afetuais capazes de espiralizar transmutacionalmente certas margens fronteiriças, onde nascem as belezas do acaso e surgem as afinidades entre as diferenças. Onde a multigamia nanoafetual pode se proliferar fertilmente pelo fazer da experiência estética, modelando barreanamente miudezas sonoras que contém infinitos. “Se os pensamentos tivessem voz despertariam com certeza os galos empoleirados nas cercas” (Barros, 2010:87).

*(...) no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra o seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.*  
MANOEL DE BARROS, (2010:208)

“Pra meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar” (Barros, 2010:458). Assim, percebo as imagens sonoras e demais ressonâncias poéticas de Manoel de Barros como nascentes filosóficas capazes de transbordar sentidos de uma educação nano-decolonial que dê passagem a cosmopercepções indígenas e por (re)conhecimentos sensíveis dos andarilhamentos multi-contaminatórios da metamorfose na contemporaneidade c(a)osmótica. Mas “a água lírica dos córregos não se vende em farmácia” (Barros, 2010:290) e esta pesquisa está longe de pretender criar metodologias ou novas convenções para a educação. Feito a ouroboros que abocanha o próprio rabo

num *eterno retorno* de religar sentidos, queremos apenas afirmar pulsações vitais no mântico labirinto das águas do poeta pantaneiro para ouvir o canto azul de sua razão-pacha, seus *arranjos para assobio, concerto a céu aberto para solos de ave* e toda uma obra encharcada de andarilhamento musical, ascendendo aos primórdios da criança e à infância da humanidade, para voltar onde a invenção ainda é virgem, numa maneira barreana de deixar as ressonâncias inscritas nas corpachas “desabrirem” (Barros) metodologias e “palavras acostumadas” (Idem) por uma educação de cósmica de sensibilidade. Uma educação que (re)conheça diversas instâncias cósmicas do que institucionalmente ficou batizado como corpo. Instâncias nano-afetuais. Instâncias, por exemplo, nano-afetualmente onírico-elementares-hormonais-mítico-vibracionais. Instâncias aquático-musicais como as barreanas. Uma educação de cosmicidade corporal, de sensibilidade caosmótica e simbiótica. Uma educação cosmonômada.

Partilhando notações, noções e alusões pelas (con)vivências cósmicas, caoticamente cinestésicas, de sua “verbal de ave” e demais *línguas mães*, Barros evidencia uma ordem de conhecimento que não esteja mais cooptada pelas intangibilidades do conceito, atravessando a metamorfose pela música da vida, reconduzindo-nos à potência simbólica da imagem, “que ultrapassa o enclausuramento da palavra e faz entrar em relação, que favorece a tomada de consciência do relacionamento. Trata-se aí de uma postura intelectual que ultrapassa a crença num verbo ativo que cria a própria coisa nomeada ou delimita por ele com precisão. (Maffesoli, 1998:77).

Atravessamos mais de meio milênio num processo de colonização escravocrata, comandante do maior holocausto da história fortemente possibilitado pela intensa investida iluminista-evangelizadora que deforma as mais diversas sábias culturas dos povos originários de Abya Yala e Pindorama. Assim, a necropolítica continua em curso de diversas maneiras, diversos “cídios” já explicitados aqui. Mas de acordo com Kaká Werá, o “som também é imagem, vibração, luz e forma” (2017:47). Som não hiper-iluminado: luz-imagem-forma-vibração-som apenas possível de se cultivar nas húmidas sombras da vida-música, como que inseparavelmente da sombra florestal e do “idioma das árvores” (Barros), dos “ocazos” barreanos e sua *estrutura de sensibilidade crepuscular* (Ferreira-Santos). O que significa “alma” para o mundo colonial, não

permite vibrar mundos indígenas em suas íntegras cosmicidades, a não ser que essa e todas as palavras dos dicionários passem a sofrer de “transnomações” como nosso vasto glossário agramático de Barros, o que quer dizer, que sejam (re)visitadas, subvertidas e/ou (re)conhecidas pelas vivas e dinâmicas imagens de suas composições, vazando suas potências sensíveis das pretensas fixações pelo que ainda pode vibrar de *Tekó Porã (bem viver)* nelas, de modo a nunca se cristalizarem. Isso então se dá para muito além de neologismos. Há um impasse decolonial, uma frequente dúvida, sobre quanto pode ser potente, ou não, esvaziar certas palavras ou (re)avivá-las. Antes de mais nada, o que parece ser um caminho nômade e oral é desestabilizá-las e, nas incalculabilidades do possível – ou seja, na medida do impossível – dar (re)andarilhamento aos nanoafetos que movimentam os nascimentos das palavras ou as nomadizam. Esse é um en-sinamento barreano. Essa é a sina cosmonômada do saber cosmocorporal. Ela acontece pelo *descomeço do verbo*. Algo que acontece nas sábias e diversificadas infâncias do mundo e das humanidades. “Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio” (Barros, 2010:301). O delírio da vida acontece pelos múltiplos en-cantamentos da metamorfose.

Como indica Nietzsche: “É preciso esperar e preparar-se; espreitar o jorrar de fontes naturais, estar preparado, na solidão, para visões e vozes estranhas” (apud Maffesoli, 1998:56). Barros, então, evidencia a necessidade de contrair um excesso metafórico bem ao modo das águas pantaneiras e ameríndias, uma “visão fontana” capaz de nomadizar as fixações coloniais em contaminações provocadas pelos cosmonomadismos originários da vida. Linguagens excessivas e parideiras de contaminações cosmonômadas de modo a permitir o ‘andarilhamento’, ou seja, o andamento por multi-afetualidades transmutacionais da música que arranja e desarranja os caminhos, as palavras e o que as culturas guarani chamam de “vibração de cada intuição-pensamento-sentimento-sensação, formando uma rede emanatória” (Jecupé, 2017:48). Em resumo, Barros e suas corpachas musicais praticam ‘cosmonomadismo’ nisso de imagens – sempre vivas pelos sentidos do imaginário – poderem ser ‘escutateadas’ e (re)encantadas, vibrando assim, o “antesmente verbal” e a “despalavra” pela força da oralidade enquanto oportunidade de percebermos uma escritivência de



sensibilidade nano-decolonial, de modo a dar passagem às cosmopercepções ameríndias.

Grada Kilomba e diversas pensadoras decoloniais evidenciam bastante as importâncias de desorganizar a palavra instituidora da necropolítica. A colonialidade do desencanto se fez com as virtualísticas da palavra escrita enquanto arma. Arma que, ao sofrer transmutações para não servir a nada e não ser servida por ninguém, faz “ferrugens” barreanas darem passagem a múltiplos sentidos, vibrando incalculáveis pulsações vitais em (re)encantamento da vida com a cosmonômada música das origens. Toda corpacha se movimenta enquanto arranjo da cosmonômada música das origens. Arranjo sempre imprevisível e suscetível a alterações assim como os fluxos aquáticos do ventre pantaneiro. E Barros faz isso ora dando vazão a inúmeras potências-outras de palavras como “ordinariedade”, assim impostas pela normose colonial, ora transcribendo expressões feitas velhas águas de um grande rio sempre nascente, proliferador de en-cantos biocêntricos. Uma maneira que desestabiliza a normose colonial, compreendendo as mínimas vibrações das pulsações vitais como afirmação nano-afetualmente e corporalmente cósmica dos caminhos para além das rápidas aparências. Subversão a favor da vida, por uma diplomacia cósmica, intensamente nanoafetual, ou seja, pelas potências musicais e elementares (mítico-vibracionais-onírico-nano-materiais) das imagens que arranjam sua *despalavra*. ‘Estética da errância nanoafetual’ pela complexa (con)vivência de potências que podem ser plenamente experimentadas sem as pretensas separações da vida em de corpos fixos, nem separações de corpos em (de) sentidos isolados, e sim em (re)encantamento dos incalculáveis arranjos da vida. Corpachas de múltiplos arranjos pela afirmação de uma c(a)osmicidade nanoafetual.

*No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite.  
E o Pantanal não tem limites. Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos,  
a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar,  
seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.  
(Barros, 2010:206)*

*Uso um deformante para a voz. / Em mim funciona um forte encanto a tontos. / Sou capaz de inventar  
uma tarde a partir de uma garça. / Sou capaz de inventar um lagarto a partir de uma pedra.  
Tenho um senso apurado de irresponsabilidades. / Não sei de tudo quase sempre quanto nunca.  
Experimento o gozo de criar. Experimento o gozo de Deus. / Faço vaginação com palavras  
até meu retrato aparecer. / Apareço de costas. / Preciso de atingir a escuridão com clareza.*

*Tenho de laspear verbo por verbo até alcançar o meu aspro. / Palavras têm que adoecer de mim para que se tornem mais saudáveis. / Vou sendo incorporado pelas formas pelos cheiros pelo som pelas cores. / Deambulo aos esgarços. / Vou deixando pedaços de mim no cisco. O cisco tem agora para mim uma importância de Catedral*  
(Barros, 2010:360).

Bem sabemos que a terra pode sonhar pela *imaginação das forças* (Bachelard). É andarilhando no solo mais material e matrial da vida que a musculatura corporal sonha forças sem “existidura de limites” (Barros, 2010:206). Forças hormonais de elementos barreanos bastante imprevisíveis que, pelas dinâmicas de seus úmidos (en)cantos, sabem deixar a sensibilidade compreender a vida cosmicamente, inventando caminhos por ligaduras de múltiplas escutas ‘nano-afetuais’. Nesse andarilhamento cosmocorporal de saber cosmonômade é que se dá a ‘(con)vivência das escutas’ já descrita aqui nesta escrevivência. Convivência de escutas cósmicas desde suas errâncias biocêntricas e nano-afetuais.

Tais errâncias nanoafetuais da poética barreana, muito se dão a partir do devaneio nanomaterial com a música aquática e suas nascentes vitais. Tudo pode iniciar pelo contato com a vibração sonora. O som que é a água, a água que é o som. A flauta que vem d’água e vibra som aquático. As gotas de som das violas de cocho. A gotícula de orvalho vibrando uma aurora inteira. Enquanto tudo ressoa o espaçotempo mítico do ventre oceânico de Pacha, a matéria sonha pelo imaginário sonoro barreano, assim como a música encanta por sua invisibilidade tateante. Na sonhação de fechar os olhos e buscar ver a música, acontece a miração, o devaneio, o delírio barreano, surgindo tanto gotículas, como invisibilidades. Duas maneiras de imagens vibrarem não excludentes, mas co-implicadas na sua poética pachamâmica. Entre nanomatérias oníricas, míticas e vibracionais é que se dá a ‘corpacha musical’ de Barros. Esse ambiente musical. Essa música ambientalmente nanoafetual. Uma ‘corpa cosmonômada’ composta de múltiplos arranjos e desarranjos. Corpa arranjada de uma infinidade simultânea e concomitante de corpas sensivelmente ‘cosmóticas’. Tudo errância nanoafetual de desestabilizar corpos instituídos assim como quando o paradigma clássico passou a ser questionado justamente do interior das ciências duras, fazendo vibrar a noção de que “a menor fração da matéria ou da energia se comporta ora como partícula e ora como onda. As duas fases do fenômeno são complementares e não excludentes (...)” (Ferreira-Santos,

2005:22). De acordo com Maffesoli, o “invisível” é fenômeno indiscutível para os nomadismos. Fenômeno que nos permite se contagiar acariciantemente do estranho e do improvável. (Maffesoli, 1997:188). É bem como se dá o cósmico andarilhamento barreano. Pelo que o imaginário faz dinamizar ao escutatear o invisível da música, proliferando imagens nanoafetuais. Não se trata apenas de partículas ou moléculas, mas ‘nano-imagens en-cantadas, incalculáveis, poéticas por forças onírico-elementares-hormonais. Nano-imagens vivas por acontecerem sempre ressonantes de afeto. E no caso da ameríndia barreana, afetos afetuais. Afetos que não cabem nas classificações e fixações dos dicionários.

*Agora só espero a despavbra: a palavra nascida para o canto – desde os pássaros.  
A palavra sem pronúncia, ágrafa.  
Quero o som que ainda não deu liga. / Quero o som gotejante das violas de cocho!  
A palavra que tenha um aroma ainda cego. / Até antes do murmúrio.  
Que fosse nem um risco de voz. / Que só mostrasse a cintilância dos escuros.  
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma / imagem. / O antesmente verbal: a despavbra mesmo.  
MANOEL DE BARROS, (2010:368)*

Na tradição guarani, a “Angá”, muitas vezes reconhecida com o sentido de “alma” pelos próprios e sábios guaranis da atualidade, é empregada de modo a vibrar também outros diversos sentidos: afeto, ternura, abrigo, sombra e surpresa agradável. Diferente da iluminada verdade etnocêntrica, tal fenômeno vibra com a “cintilância dos escuros” barreanos e seus “vaga-lumes” dribladores de trevas por cosmonomadismos de nanoerrâncias crepusculares. Por serem arranjos incalculáveis dos elementos-hormônios terra, água, fogo e ar, os “angás-mirins” sempre se dão como arranjos de arranjos surpreendentes, assim como as expressões das *línguas-mães* barreanas não cabem vivas na palavra colonial-colonizada. O “corpo-som do ser”, ou seja, a flauta que somos nas culturas guarani, é composta da urdidura de 4 angás-mirins que são arranjos elementares inseparáveis do som, assim como inseparáveis dos 7 tons jamais cristalizados da flauta que vamos sendo. E na guata (prática do caminhar guarani), tais flautas ambulantes vão sendo filtradas pelos caminhos ao passo que estes também são filtrados pelas flautas e seus distintos tons. Elementos-som, ‘elementos vibracionais’ e/ou ‘vibrações-elementares’ que podem se apresentar com múltiplos arranjos diferentes e em fluxo de intensa alteridade, evidenciando tanto a incalculabilidade da pessoa – a multiplicidade de arranjos cosmo-comunitários e nano-afetuais que compõem os

mutáveis arranjos da ‘corpacha sônica’ que vamos sendo –, como sua complexa transmutabilidade a cada instante cosmoandarilhado. Corpacha, aqui, enquanto cosmocorpa-música. Corpacha arranjada de incontáveis corpachas ameríndias. Corpacha ameríndia de modo a (re)conhecer essa semelhança em relação à cosmicidade corporal nas mais diversas culturas de Abya Yala e nas múltiplas culturas dos povos da água, da terra, do ar, da madeira e do fogo. Povos visíveis e nano-fisicamente invisíveis. Corpacha enquanto arranjo da corpa biocêntrica e nano-afetual de Pacha, em que esta também se dá como Corpacha. Noção ameríndia de uma corpacha enquanto fenômeno cósmico e cosmonômade. Cosmicidade corporal de corpachas sempre improvisadas como as vibrações elementares das flautas que vamos sendo nas culturas guarani. Incalculáveis flautas sempre provisórias de múltiplos arranjos a partir desses 4 angás-mirins:

(...) que fazem parte dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Eles precisam estar afinados para melhor expressar o Avá, que é o ser-luz-som-música que sustenta o corpo-ser, que, para os ancestrais é o fogo sagrado que move os guerreiros, dando-lhes vitalidade, capacidade criativa e realizadora. Por isso fez-se o Jeroky, a dança, com o fim de afinar todos os espíritos pequenos do ser. Para que cante sua música no ritmo do coração da Mãe Terra (...), dança no ritmo do Mboray, o amor incondicional, abençoando todas as estrelas. Dessa maneira, cada um pode expressar através do seu corpo a harmonia com Tupã Papa Tenondé, o Grande Espírito que Abraça a Criação. (...) Compreendendo o ser como um tu-py, um som-de-pé, os antigos afinavam o espírito a partir dos tons essenciais do ser, tons que participam de todos os seres. Os tons que formam o espírito são o que a civilização reconhece como *vogal*. Cada vogal vibra uma nota do espírito que os ancestrais chamavam de angá-mirim, que comporta o *ayvu*, estruturando o corpo físico (Jecupé, 1998:24).

Tomando como base aprofundamentos de Marcos Ferreira-Santos nas *estruturas de sensibilidade* duranianas, percebo Manoel de Barros ressoando sensibilidade crepuscular de guerreiro sensível como os antigos *txucarramães* desta ameríndia, os guerreiros sem armas. Não um herói solar pelos ofuscamentos e anestésias de um mundo cada vez mais hiper-iluminado, mas um *txucarramãe* em retomadas ancestrais e marginalizadas, ascendendo às infâncias da vida, dando passagem à experiência fruidora de sensibilidade cósmica e nano-afetual, afirmando-se como *apanhador de desperdícios* e fazendo vibrar os sete tons dessa flauta fenomenológica da vida, cada um com sua amplitude de significados, resumindo por hora, uma flauta marcada pelas iniciais *M.B.*, as mesmas que compõem o sétimo tom do *corpo-som* guarani (Jecupé, p.24), esse som

cósmico da música que faz Manoel de Barros colocar-se no mundo insistindo no que há além do murmúrio:

(...) o som “insonoro”, que não se pronuncia, mas que na língua abanhaenga, mãe da língua prototupi, se pronunciava unindo aproximadamente os sons mudos da expressão MB, gerando palavras como Mbaekuaa, Mboray (sabedoria, amor). (Jecupé, 1998:24).

## 2.2. Cosmocorpes e sensibilidade cosmótica do saber cosmonômade

Assim como para a fenomenologia não bastam informações prévias, para a razão-pacha de Barros tudo precisa da experiência das corpachas em acontecimento. Uma experiência cosmocorporal no sentido não de trazer algo – ou algum conhecimento – de um pretense “fora” para um “dentro”, mas de acontecer pela dança cósmica do vento enquanto a respiração nos faz ir acontecendo como arranjos nano-afetuais do ar. E assim estar em música, em movimento cosmonômade ao afirmar fruição pela multiplicidade de pulsações vitais que não cabe nos contornos do “fora-dentro”, do “corpo-alma”, do “sujeito-objeto” e demais dicotômicas coisificações da vida. Um saber cosmocorporal de compreender a partir do complexo arranjo vivo que vamos sendo em paixão com as incalculáveis movimentações da caminhada. Arranjo de múltiplos arranjos nano-afetualmente co-implicados do caminhar. Arranjo intensamente vivo que afirma a potência da vida pelos cosmonomadismos de sua condição corporal jamais cristalizada. Cosmicidade corporal violentada pelo pensamento que anseia pretensiosamente organizar a vida onde nasce o poder de buscar controlá-la. Saber cosmocorporal violentado pela pretensa ideia de sujeitos fixos ou essências fixas, pois o primordial da corpacha acontece nos incalculáveis cosmoencantamentos da vida. Nos cosmonomadismos biocêntricos sim, mas desde suas qualidades nano-afetuais. Diante das estruturações fixas e demais ânsias coloniais da hiper-organização, corpachas pedem passagem pela metamorfose em contemporâneas c(a)osmoses como múltiplos pequenos e ordinários ramos que brotam feito células transmutantes nas incontáveis fissuras do asfalto. Não tendo o caos como tendência ou afirmação, mas afirmando en-cantamentos da vida que acontecem pelas múltiplas osmoses da libidinosa multigamia nano-afetual. E com a poética pachamâmica de Barros então seguimos por uma fenomenologia distraidamente atenta a esses en-cantamentos sempre cosmocorporais.

Cosmocorpes não acontecem apenas para um pretense visível. Cosmocorpes se arranjam tanto na qualidade nano-afetadamente imperceptível da cosmicidade – inclusive múltiplas afetações microfísicas e vibratórias –, quanto no acontecimento

nano-afetual do escutatear que vai movimentando novos arranjos e desarranjos. A primeira instância cósmica, mesmo que arranjada de arranjos nano-afetadamente imperceptíveis, muitas vezes pode ser afirmada nano-afetualmente: ao ser (re)conhecida pela capacidade onírica, elementar-hormonal-nanomaterial e músico-mítico-vibracional da razão-pacha de Barros, do mesmo modo que acontece, por exemplo, com os xamãs quando há milênios sabem, por rituais cosmocorporais e mirações, das nano-serpentes cósmicas que compõem molecularmente toda a vida, versão indígena do que hoje é chamado de DNA. Já a segunda instância de cosmicidade, essa diretamente do escutatear e do tytypensar acontece pela afirmação de uma qualidade sinestésica da cosmicidade. Os cosmonomadismos então, apesar de ocorrerem para além de uma ordem perceptiva, são também (re)conhecidos e afirmados na sinestesia. Conduta originária dos povos ameríndios. Cosmonomadismos reconhecidos não apenas nas máquinas da hiper-iluminação ou palavras fatigadas de informar. Mais do que isso, ao serem diretamente percebidos sinestesicamente, os cosmonomadismos também provocam novos arranjos e desarranjos imprevisíveis. Provocam andarilhamentos de intensas movimentações compositoras das corpachas. Isso evidencia que, se não houver marginalização de epistemologias pachanômadas e mais precisamente do saber cosmocorporal e cosmonômade, a percepção também pode ser compreendida por sua qualidade direta e arranjadora da cosmicidade e suas imprevisibilidades. Cosmopercepções de corpachas que não se movimentam por antropocentrismo. O pensamento eurocêntrico muitas vezes diz estar afirmando um suposto pensamento desantropocêntrico ansiando por teses que desmontem a ordem perceptiva quando por exemplo não considera tribos-pássaros como gentes, com suas sabedorias e percepções cosmocorporais. Mas o antropocentrismo muitas vezes não consegue nem entoar as múltiplas potenciais vozes de cada voo nas viscerais sinestésias do ar.

As corpachas barreas são afirmadoras deste fenômeno sinestésico. Essa afirmação da vida por uma sabedoria cosmonômada de qualidade escutateante, ouvicheirante, tytypensante, além de biocêntrica, comunitária, matrial e praticante do *Suma Kawsay* (bem viver). Ao caminhar corpachamicamente com Barros, podemos escutatear entonações, en-cantamentos e vibrantes imagens das errâncias sensíveis no ventre de Pacha. As *línguas mães* barreas acontecem quase como não-linguagens. Pois

elas não se impõem, chamam os sentidos para liberdades cósmicas na libidinosa multigamia nano-afetual da vida. Línguas-mães que só acontecem na ‘(con)vivência das escutas’ pelas cósmicas errâncias sinestésicas e nanoafetuais de corpachas. A flauta de arranjos indomáveis, então, surge a todo instante como mais uma das diversas corpachas praticantes de *línguas-mães* barreanas. Essa flauta de *deslimites* que é acontecer como tupi. Essa música primeira que faz a vida. Essa corpacha musical. Nas mais diversas culturas indígenas, a música jamais seria (re)conhecida e cultivada como velha nascente sempre inventiva de vida se não fosse a afirmação sinestésica da cosmicidade corporal, ou seja, das corpachas.

Ao acompanhar fenomenologicamente os devaneios de liberdade das corpachas ameríndias em Barros, compreendemos também que cosmocorpes são acontecimentos enquanto condição para o acontecimento da vida, e no caso ameríndio de Barros, corpas cosmonômadas como as corpachas, condutoras da potência de vida e afirmadoras dessa oportunidade. E corpes cosmonômades ocorrem nas mais diversas culturas do mundo ainda que uma visão ocidentolocêntrica reprima tais arranjos com diversos mecanismos de cooptação de sensibilidade. Portanto corpes cosmonômades também vivem aos montes numa Europa e em qualquer continente da Mãe Terra. Descrevo corpes cosmonômades, portanto, como cosmocorpes que afirmam suas cosmicidades nômade e as incalculáveis pulsações multi-contaminatórias e transmutantes que se dão por afirmação das impregnações arranjadas e desarranjadas com a diferença e a alteridade, pela afirmação das errâncias sensíveis, musicalmente mítico-vibratórias e nano-afetivas na caminhada, descritas aqui como ‘andarilhamento’. Fenômeno este muito perceptível na(s) corpacha(s) de Barros. Corpachas sônicas. Corpachas musicais. Corpachas enquanto ‘corpambiências’ musicais impregnadas-impregnantes assim como os cheiros nano-afetuais arranjadores-arranjados delas.

Do mesmo modo, ocorrem andarilhamentos com qualquer cosmocorpe e, se este, em qualquer cultura da latinoamérica ou dos mundos dessa Mãe Terra, vive pela afirmação dos andarilhamentos, passa a ser descrito aqui como corpe cosmonômade. Descrição não como forma de classificar, mas como de, através das liberdades barreanas, perceber a vida em suas primordialidades, em suas errâncias originais, sem que ela tenha que estar cindida em corpos-fixos. Descrição que se dá considerando isso



dos fenômenos vibrarem sem origem fixa e como eles vão se apresentando à cada instante com diferentes ressonâncias pelas imprevisibilidades do caminho, diante da percepção e/ou da não percepção. Mas é preciso salientar que, nessa caminhada com Barros e na caminhada da vida, seja em grandes urbes ou qualquer beira-rio e montanha, a percepção através de uma *sensibilidade ecológica* (Maffesoli) e arranjada de cosmopercepções ameríndias, certamente trará descrições muito próximas a estas aqui, ou seja, com mesmas ressonâncias, mas sempre por arranjos de entonações imprevisíveis, principalmente, pelo grau de “desimportância”. A poética barreana en-sina que en-cantamentos acontecem apenas na desimportância da explicação. En-cantamentos e corpes cosmonômades só ocorrem pelas sensíveis liberdades de um devaneio sincero com a vida.

A poética pachamâmica de Barros, ao ser assim (re)conhecida nesta pesquisa, pede para que aqui nos concentremos nas cosmopercepções ameríndias e contemporaneamente nômade da Latinoamerica, mas compreendendo que cosmocorpes são arranjos vitais de toda a vida em qualquer lugar, cosmocorpes que estão sempre se arranjando, re e desarranjando pelo exercício do caminho, por transmutações sensíveis e nano-afetivas. E intensamente nano-afetuais no caso das corpachas. Ao escrever Corpacha com inicial maiúscula, refiro-me à corpa-mátria que se dá como Abya Yala Pindorâmica Ameríndia ou mesmo ao imenso território de Nhe'ẽry, essa corpambiência sensível. E ao escrever corpacha(s) em minúsculo, posso estar me referindo a uma infinidade de corpes cosmonômades enquanto ‘composições vivas’ e jamais cristalizadas que são expressões diversas desta Corpacha composta de tantas corpachas. Composição viva compositora de composições vivas compositoras. O saber cosmocorporal (re)conhece esse eterno, espiralítico e múltiplo desdobramento da cosmicidade em incalculáveis co-implicações.

Cosmocorpes, ora também podem ser percebidas como corpachas de cosmopercepções ameríndias, ora como corpes cosmonômades de cosmopercepções originárias do mundo arranjando-se inclusive na contemporaneidade, ora de uma maneira mais abrangente, como cosmocorpes de toda e qualquer cultura do mundo mesmo não sendo afirmadas, pois todo arranjo corporal se dá como fenômeno cósmico. Independente do caso, cosmocorpes são fenômenos descritos aqui sempre com

qualidade de corpambiências, lembrando que todo ambiente é musical e toda música é ambiental. Corpambiências que podem se apresentar de diferentes maneiras, variando como ‘corpas-músicas’, ‘nanocorpes’, nuvens e demais arranjos de nanocorpes, ‘corpos-caminhos’, ‘corpas-trilhas’ musicais, ‘macrocorpes’ e diversas possibilidades conforme o acaso e o exercício do caminho. A proliferação da multigamia nanoafetual e o intenso fluxo de metamorfose barreanas, fazem a gente escutatear tal poética a cada instante por apresentações diferentes e c(a)osmicamente co-implicadas. Como separar tudo que vive na música aquática de Barros? Isso então nos faz perceber que qualquer cosmocorpe é sempre composto de arranjos potencialmente juruparescos, mas as praticantes sensíveis e afirmadoras desta pulsação juruparesca tão vital à caminhada são as corpachas e demais corpes cosmonômades. Cosmocorpes também podem viver plenitudes de metamorfoses ao (re)conhecerem sensivelmente o ‘andarilhamento’. Só há como reconhecê-lo sensivelmente. E Manoel de Barros nos mostra que uma maneira disso ocorrer é pela ‘(con)vivência das escutas’.

Afirmada pelo saber cosmonômade, a (con)vivência das escutas acontece por múltiplas contaminações cósmicas que provocam arranjos e desarranjos de cosmocorpes, que no caso barreano afirmam-se como corpachas de c(a)osmicidade aquático-musical. Corpacha que “contraiu visão fontana”. Algo que ocorre pela intensa suscetibilidade cosmonômada da música e do elemento água sempre contamináveis e contaminantes, permitindo c(a)osmóticas afetualidades sensíveis. “A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra.” (Bachelard, 2002:7). E no caso barreano, está também entre as dinâmicas da terra, do fogo e do ar. Água como elemento transitório e que também faz transitar os devaneios e as contaminações, gota a gota, assim como cada partícula vibratória de som. Tudo isso arranja ondas. E no saber cosmonômade de Barros, ondas de contaminação por cosmicidade nano-afetual. As juruparescas 70 flautas da vida barreana, assim como o apito de chamar perdiz pelo azul do canto, são algumas das tantas imagens barreanas vibrantes dessas contaminações cosmonômadas. São como o chocalho do xamã que, segundo João Paulo Tukano e Viveiros de Castro, “é um acelerador de partículas”. Mais do que pensar em partículas aceleradas, o andarilhamento barreano afirma o “grau de encantamento” das corpachas. Corpachas encantadas por contaminações

sensivelmente nanoafetuais. É assim que também experiencio a música cosmocoletiva e cacofônica que a vida vai sendo. Por um devaneio materialista, como bem sabem praticar as corpachas. Elas vivem de infâncias a vida toda. “Uma coisa é certa, em todo caso: o devaneio na criança é um devaneio materialista”. (Bachelard, 2002:9). A água barreana está na terra, no ar, inclusive no fogo. É uma água afetada pelo *cogito volatizante*. “Como são úteis as dialéticas extremas de enriquecimento e de libertação tais como as que sugerem as imaginações terrestre e aérea, das quais uma sonha nada perder e a outra tudo dar!” (Bachelard apud Freitas, 2006:49).

“É assim que o projeto materialista, iniciado em *A água e os sonhos*, vai se estender com o conceito de imaginação dinâmica, que nutrirá do exagero do *fac fixum volatilis*, de modo que, com o elemento terra, haverá para si a **cólera do sonhador**.” (Freitas, 2006:49) — “A cólera é a mais direta das transações entre o homem e as coisas”(Freitas, 2006:55, apud, Bachelard, 1998:184). A água barreana é cosmicamente contaminada pelos trânsitos coléricos dos demais elementos ressonantes nas imagens barreanas. Imagens dos úmidos en-cantos de suas *línguas mães*.

#### PALAVRAS

*Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem? Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de debaixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse / daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu / desaprimei. Ali só havia um grilo com a sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio. Os moradores do lugar se queixavam do grilo. Veio uma palavra e retirou o grilo da flauta. Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem? Fui eu ou foram as palavras? E o lugar que retiraram de debaixo de mim? Não era para terem retirado a mim do lugar? Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. E não eu.*  
(Barros, 2010:393)

*Aquele Senhor um pouco louco / brincava passarinhos amanhã. / Ele disse que enxergava a fala de uma cor. E queria transcrever para flauta o canto dos vermes. / Esse Bernardo eu conheço de léguas. Ele é o único ser humano que alcançou de ser árvore. Por isso deve ser tombado a Patrimônio da Humanidade.*  
(Barros, 2010: 484)

*(...) Quebraram dentro dele um engradado de estrelas:  
— Vaga-lumes entortados de luz, eu vejo!  
E a flauta dos pássaros interpretando os homens*  
(Barros, 2010: 135)

*Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, / e meu canto. / Meu canto reboja.*

*Não tem margens a palavra. / Sapo é nuvem neste invento. / Minha voz é úmida como restos de comida.  
A hera veste meus princípios e meus óculos. / Só sei por emanações por aderência por incrustações.  
O que sou de parede os caramujos sagram. / A uma pedrada de mim é o limbo.  
Nos monturos do poema os urubus me farreiam. / Estrela é que é meu penacho!  
Sou fuga para flauta e pedra doce.  
A poesia me desbrava. / Com águas me alinhavo.*  
BARROS (2010:180)

Estes e diversos poemas de Barros são compostos de saber cosmocorporal e cosmonomadismos compartilhados entre xamãs. Bernardo alcançar de ser árvore e Barros fazer estrela ser seu penacho são expressões de um imaginário xamânico. Saber cosmocorporal e cosmonômade que en-canta a vida a partir de decomposições, multiplicando flautas cósmicas pelos caminhos. Flautas (re)conhecidas pelo desejo de entoarem arranjos nano-afetuais como o “canto dos vermes”. Flautas vibrantes no mito de Jurupari, o filho da fruta e irmão de Macunáima, ambos tricksters cosmocorporais e cosmonômades da Amazônica.

*Havia uma indígena extremamente bela chamada Cheucy (cy é a partícula para “mãe”; cheu é “aquela que desagua” e, portanto, “mãe das águas que caem”, “senhora das águas”, mãe das águas”... Cheucy, com fome, andando na floresta, viu provavelmente uma palmeira com açaí (algumas outras vertentes dizem de um outro fruto) redondo, escuro, brilhante... Ai então, com um apetite enorme, ela começou a devorar todos aqueles frutos... pegou cachos e comia, comia (ela também é conhecida como “a gulosa”)... Só que aqueles frutos todos tinham sido fecundados pelo Sol (todo fruto maduro é fecundado pelo Sol)... e aí, sem se dar conta, ela é fecundada... então ela engravida do próprio Sol através dos frutos... e quando nasce o menino, belíssimo, forte que é Jurupari... E Jurupari começa a crescer de uma maneira rápida, muito precoce... Ele já tem uma inteligência grande... já começa desde pequeno a conversar com os velhos anciões, com os caciques e pajés de uma maneira de igual pra igual... e vai se desenvolvendo de uma maneira muito rápida... só que Jurupari acaba, de uma certa forma, tentando conversar com os anciãos... Mas ele tem um pequeno problema... ele tem uma desconfiança das mulheres... Resolve conversar com os tios, com os avós numa casa separada: a casa dos homens... e acaba proibindo que as mulheres estejam presentes... e aí Cheucy fica ressentida porque já faz um certo tempo que ela não vê mais o filho que está toda hora na casa dos homens conversando... e ela resolve dar uma olhadinha... ver o que eles estão discutindo...o que eles fazem na casa dos homens... e Cheucy, de uma maneira inadvertida como sempre, vai até a casa dos homens e numa fresta das palhas tenta ver o que está*

*acontecendo lá dentro... e Jurupari percebe que tem uma mulher olhando... ele, como filho do sol, olha de maneira fulminante e aí um raio fulmina aquela mulher... quando ele se deu conta, tinha fulminado a própria mãe... e aí Cheucy se transforma na constelação do que a gente chama de “plêiades” (aquela caixinha de jóias... constelação de Cheucy ou Plêiades)... que geralmente está no alto do céu quando é tempo de chuva, tempo das águas (por isso, Cheucy, mãe das águas)...*

*Jurupari, sem saber o que fazer e arrependido daquilo que fez, resolve então inflamar-se... e aí então ele se inflama, pega fogo, e com ela pega fogo toda a aldeia e tudo que está no entorno, inclusive as palmeiras... Quando termina esse fogo, só tem algumas palmeiras que ficaram, intactas... então os indígenas resolveram pegar aquela palmeira, e dela fazer uma flauta (que é a flauta do Jurupari)... uma espécie de trompa feita com caule desta palmeira... e aí fazem as canções, os rituais com o Jurupari na casa... o que os homens não sabiam, é que essas flautas que eles “descobriram” das palmeiras, na verdade eram flautas das mulheres... as mulheres já tocavam essas flautas muito tempo antes... e as mulheres indignadas com esse uso que os homens faziam (porque eles não conseguiam criar nada tocando as flautas, ao contrário das mulheres... as mulheres criam vida, criam seres, dão a luz tocando essas flautas)...então as mulheres resolveram ir lá pegarem de volta as suas flautas...*

*Eu sei que existem versões de antropólogos, em especial, chamando isso de “o roubo das flautas pelas mulheres”, mas não é “o roubo das flautas pelas mulheres”... elas estavam se reapropriando das suas flautas... Mas enfim, um machismo acadêmico terrível... Então quando as mulheres tomam as flautas de novo, os homens acordam percebendo que as flautas já não estavam mais lá e aí foram atrás das mulheres... e as mulheres, entrando na floresta, foram esconder as flautas na sua origem, ou seja, colocando as flautas do jurupari dentro da vagina... Os homens que encontravam algumas dessas mulheres, perceberam que elas tinham escondido a flauta dentro da vagina e tiram essas flautas de dentro delas para recuperá-las (inclusive em determinadas regiões da amazonia, se conhece como o “espaço da retomada das flautas”)... E os homens voltam para a casa dos homens, tentando tocar a flauta pra criar vida, mas não conseguem... e eles continuam até hoje...e também tocando a flauta em homenagem a Jurupari, o filho de Cheucy, que depois que incendiou-se transformou-se na constelação de jagareté, “a onça primeira, a primeira onça ancestral, o espírito da floresta...” que os ocidentais chamam de constelação do escorpião... para a arqueo-astronomia ameríndia, aquilo não é um escorpião... Aquilo é uma onça...é jagareté com as patas para dar seu pulo e o rabo que faz aquela curvinha maravilhosa... É jagareté no alto do céu, que é quando é o tempo do estio, do calor... não tem chuva... por isso jagareté não encontra com Cheucy (a constelação de escorpião não encontra com as plêiades) por que são dos dois tempos, o tempo do estio e o tempo das águas... embora se pertençam, sejam filho um do outro nesse ciclo...*

*Mas Jurupari tem um irmão caçula, um tricster, ou seja, aquele que tem artimanhas, que conhece os caminhos... uma espécie de Exú no mundo iorubá, uma espécie de Hermes no grego, uma espécie de Ganesha no mundo indú ou ainda um Coyote (Huehucóyotl) nas comunidades da América do Norte... esse irmão mais novo de Jurupari, Macunáima, as pessoas talvez conheçam com uma pronúncia um pouco diferente por causa desse negócio da semana de 22, como Macunaíma, enfim, Macunáima...*

*Jurupari, crescendo rápido daquela maneira... Cheucy engravidou de um outro filho... mas o pai havia buscado caça e demorou a voltar e ela, preocupada, resolveu ir atrás enquanto Jurupari estava conversando com os anciões... no meio do caminho, encontrou uma onça e a onça disse, “olha, eu vi... ele passou por aqui e tal...”... e aí então, Cheucy foi nesse caminho, mas quando virou as costas, a onça devorou Cheucy... mas não sabia que ela estava grávida... e quando percebeu que tinha um menino, aí então resolveu poupar e levar o menino para a aldeia das onças... as onças filhotes que estavam com fome queriam devorar o menino, mas a onça jaguareté disse “não... vocês não vão devorar esse menino... a gente vai criar ele como se fosse onça... é primo.... irmão...”*

*Os filhotes não gostaram muito da ideia, mas foram convivendo... portanto, Macunáima, foi aprendendo com a aldeia das onças todos os segredos da floresta... porque jaguareté (jaguar... o espírito da floresta em toda a América do Sul) é esse senhor da floresta, que conhece todos os espíritos, que conhece todos os seus segredos... Até que num determinado momento, Macunáima, muito travesso, enfim, no meio da floresta, encontrou um macaco e aí conversando com o macaco, o macaco disse pra ele “olha...você sabe que essa onça que você trata como sua mãe, na verdade comeu a sua mãe de verdade?”... E Macunáima ficou estarresido..”Como assim?”... O macaco: “...é! eu sei onde ela tá enterrada...”... E aí então, vai até aquele lugar e descobre os ossos do que teria sido sua mãe de verdade e, aí então desenterra os ossos... E aí então, chorando sobre os ossos da mãe, a mãe se reconstitui... (é uma cena, digamos assim, ancestral, isso em várias tradições... Essa é uma prática extremamente importante da “la Huesera”, “a mulher dos ossos”, o lobo que guarda os ossos na caverna e depois, sobrando sobre eles na fogueira, os reconstitui...) Mas fechando o parênteses aí, dessa universalidade da imagem do mito, Macunáima fica feliz quando sua mãe renasce daqueles ossos... e aí então, ele gruda nela e mama, mama, mama, mama... quando Cheucy diz, mas eu não tenho muito tempo... e só deu tempo de mamar num único seio... é por isso... por essa tradição, que se explica que a maioria das mulheres tem um seio, uma mama, menor do que a outra, ainda que Macunáima acabou se alimentando de um só, não deu tempo d eir pro outro, e Cheucy teve que deixa.lo ali e voltar pra aldeia atrás de Jurupari...*

*Macunáima, então desolado, resolve continuar o seu próprio caminho, quando encontra um urubu... e o urubu diz assim “olha, eu vi o que aconteceu, mas é que você tem um irmão que é filho do Sol, enfim...” .... Macunáima: “Ah... e como é que eu faço pra ser igual ao*

*meu irmão?”... aí o urubu diz, “olha... é só roubar um pouco do fogo do Sol”... E aí então, o urubu voou, voou, até roubar um pedaço do Sol e trazer de novo... E quando trouxe de novo, o que Macunáima fez foi atear o fogo no próprio urubu... E o urubu sem saber o que fazer, tentando fugir, alçou voo e Macunáima no dorso do urubu, alçou voo também e foi em direção ao Sol... e no meio desse voo, no dorso do urubu em direção ao Sol, eles não conseguiram chegar até o Sol... não deu tempo... e então chegou a noite... e aí então Macunáima passa a ser o Senhor da Noite, da Lua, das encruzilhadas, dos mistérios... e vira e mexe, ele se transforma, ele assume outras formas, como o feiticeiro, como pajé, como o macaco (os muriqui) é uma encarnação de Macunáima, às vezes como Pica-pau, que é uma outra personificação deste shamam que é Macunáima, que por sua vez é irmão de Jurupari (...) FERREIRA-SANTOS – Vídeo-aula:Youtube) – Grifos meus.*

A retomada das flautas mágicas vibra muito com a poética barreana e com nossas caminhadas pindorâmicas tão insurgentes quanto marginalizadas na contemporaneidade. Com sete dias de vida, Jurupari já parecia ter dez anos, e sua sabedoria atraía a atenção de todas as gentes do mesmo modo como nos mitos de Exú e Hermes. Estes en-cantados das encruzilhadas. Exú é orixá da multiplicação e da multiplicidade, assim sempre diz o sociólogo, antropólogo e babalorixá Rodney William Eugênio. Hermes criança também já parecia adulto como Jurupari, pois nasceu falando e fazendo coisas de adulto, assim como Kiriku, e aprontava poucas e boas já logo ao sair do berço. Os povos indígenas então passaram a escutar o que Jurupari dizia, bem como seus ensinamentos dos novos costumes do Sol. Jurupari é chamado legislador pelo fato de ter alterado os costumes dos mundos amazônicos, transformando-os de matriarcal para patriarcal. Porém os indígenas, com suas cosmopercepções matrias, o queimaram vivo e os mundos se transmutaram novamente, possibilitando que as mulheres continuassem a cultivar seus segredos sem ter que compartilhá-los com os homens, sem que a ideia de “homem-mulher” estruture-se pela dicotomia “evoluído-não evoluído”. Lembrando que para alguns povos ameríndios, não ocorria uma estruturação binária antes da colonização e muitas vozes indígenas afirmam hoje em dia que não havia inclusive um sistema sexo-gênero, pois tudo ocorre de maneira múltipla na cosmicidade da floresta e por deveres não mais nem menos importantes entre homens e mulheres. Os Mapuche, por exemplo, estão na retomada não-binária para além do sistema sexo-gênero. Uma retomada da multiplicidade crepuscular e cósmica para além

da dicotomia. Para que as aldeias não se esqueçam dessa história ocorrida comunitariamente com Jurupari, até hoje Kuaratsy (Sol que termina com a partícula matrial “tsi”) envia fogo na forma de pesadelo para atormentar o sono das gentes. A fim de driblar o pesadelo e permitir o fluxo de matérias vitais do sonho, as culturas indígenas fazem festas e tocam a flauta para Jurupari.

Para além de catequizarem pela estruturação da dicotomia homem-mulher, por muito tempo os jesuítas pregaram uma versão de que Jurupari fosse um demônio. E assim também passou a ser chamado por muitos indígenas quando a palavra “demônio” não existia em Pindoretá. O que vibra aqui nesta caminhada com Barros, é que um trickster metamorfoseante como Jurupari fortalece o saber cosmocorporal e cosmonômade dos povos indígenas não facilitando a ânsia colonial pela ordem, pelo controle e pela fixação de corpos. Mas Jurupari é mais que sujeito fixo e individual. Jurupari acontece como viva composição cosmocomunitária e por isso, surge na caminhada com distintos arranjos de corpacha. Jurupari ressoa vozes ancestrais e comunitárias, fazendo flautas cósmicas entoarem mistérios matriais e en-cantando a vida. Diante da visão colonial, da necrocultura monocultural da fixação e controle, Jurupari insurge por andarilhamentos c(a)osmóticos. “Caos” ao olhar colonial. Mas “caos” que a essa altura de nossa caminhada com a poética pachamâmica de Barros, na afirmação natocultural das múltiplas contaminações da caminhada, e hackeando a diferença em suas potências, afirma sensíveis metamorfoses. Cosmoses. Jurupari às vezes é visto com uma aparência medonha que está sempre rindo. Sempre rindo como imagem ressonante em movimento. Outras vezes aparece como um aleijão de boca torta. Por alguns povos, é descrito como uma cobra com braços – lembrando que as trocas de pele e os incalculáveis *kenes* (grafismos da linguagem não verbal, porém de intensa tecnologia da linguagem escrita) das professoras serpentes ressoam a metamorfose como primeira sabedoria do *bem viver*. Para outros, Jurupari aparece como um indígena dotado de grande sabedoria e en-cantarias. É descrito também como um bebê invisível ou como uma “presença” que não se vê. O filho da fruta também pode surgir com a cabeça e as mãos em chamas, como uma onça, como um velho tocador de flauta. Na amazônia, Jurupari também pode ser o nome de uma espécie de macaco, de uma planta ou de peixe. E também como a constelação da onça “Yaguareté” que pro



colonizador é a constelação de escorpião, signo que tem facilidade de perceber aquilo que não se vê. Facilidade de afirmar o acesso ao sensível e abrir fluxos vitais, escutando sensibilidades para além da visão apressada.

As flautas juruparescas inventadas pelas mulheres e as flautas cósmicas da poética pachamâmica de Barros, ou seja, essas corpachas matriais arranjadas co-implicadamente de incalculáveis corpachas, essas corpachas musicais, quando sopradas-tocadas-entoadas, acessam o sensível e acessam sensibilidades pachamâmicas. Sensibilidade cosmocorporal e cosmonômada de corpachas en-cantadas. Jaterescamente juruparescas, juruparescamente barreanas ou macunaimicamente manoescas, as corpachas se arranjam feito o lobisomem barreano por ressonâncias míticas de intensa metamorfose. Lobisomem que uiva enquanto velho lobo sempre menino para meus ancestrais guarani e diversos povos ameríndios. Lobisomem perspicaz por sua capacidade auditivolfativa e sinestésica. As corpachas acontecem aquático-musicalmente errantes pelos cosmonomadismos nano-afetuais da incontornável convivência das escutas. Corpachas c(a)osmoticamente barreanas como Jurupari que foi classificado como um demônio pelos jesuítas e demais missionários do Senhor. Um demônio por não poder ser controlado, domesticado, fixado e cristalizado. Mas para as culturas indígenas, um arranjo intensamente vivo dos caminhos da metamorfose. Assim como outros diversos encantados, Jurupari e os incalculáveis arranjos de seu suposto si fixo, são (en)cantadores das errâncias vibratórias, materiais, nanoafetuais. Jurupari sopra uma flauta assessora do sensível. Em vertigens de transmutações e transformações cósmicas, provoca diferentes composições da corpacha musical e cosmonômada. Cada corpacha pode surgir com distintos, incontáveis e incalculáveis arranjos conforme as imprevisibilidades cósmicas da caminhada. Jurupari, este ser errante e sensivelmente c(a)osmótico, é um mito destruturante da ideia de sujeito fixo, apresentando-se com sua flauta sempre para fazer diplomacias cósmicas, (re)estabelecendo fluxos para o bem viver da corpaldeia pelas potências sensíveis da corpacha aquático-musical. A flauta juruparesca, ameríndia e barreana, nada tem a ver com a ideia de ordem e demais apressadas leituras morais e organizacionais. A flauta juruparesca é errante, cosmicamente sensível e nanoafetual. Arranja-se cosmonomadamente tanto enquanto símbolo, como também se transmutando

a grau de símbolo ao provocar a recondução do sensível por múltiplas (en)cantarias. A flauta juruparesca, numa palavra, (re)encanta a vida na ‘cosmótica’ (con)vivência das escutas. Esta, promove a (re)criação em poieses. (Re)criação de corpoéticas de Abya Yala. (re)criação e proliferação de corpachas afirmadoras da multiplicidade nano-afetual de pulsações vitais. Desse modo, imprevisíveis arranjos de corpambiências ressoam imagens sonoras inseparáveis: flauta-corpa-água-língua-mãe-dialeto-rã-bernardo-mulher-serpente-Jurupari-Pacha-etc-etc-etc. Pelo saber cosmocorporal de múltiplas ligaduras e incalculáveis vibrações nano-afetuais é que nascentes vitais vão sendo desbloqueadas e assim os cosmonomadismos vão permitindo fluxos em proliferação de pulsações vitais. Essa xamânica cosmo-diplomacia permite ressoar atualizações do mito de *Pharmakón*, (re)estabelecendo potências cósmicas das corpachas. *Pharmakón* enquanto mergulho dialético para escutas do sensível. *Pharmakón* enquanto ritualística das potências sensíveis de modo a auxiliar a permitir andarilhamento a elas. *Pharmakón* crepuscular na libidinosa multigamia nano-afetual de Corpacha. *Pharmakón* jamais como se procede na insistentemente branca e fria hiper-iluminação da farmácia moderna. *Pharmakón* vibrante com o bem viver ameríndio, suas medicinas oníricas, suas medicinas musicais, suas medicinas nano-afetuais, sinestésicas e natuculturais. *Pharmakón* juruparesco enquanto acontecimento da metamorfose. Metamorfose que garante as pulsações vitais do andarilhamento. *Pharmakón* da pajelança barreana quando essa ressoa en-cantamentos da vida por xamânicos andarilhamentos. Jurupari é aquele que auxilia a tirar a palavra da nossa boca – “Jurupari” significa literalmente "boca, mão sobre; tirar da boca"; *che jurupari* - "tirou-me a palavra da boca". Muitas vezes, para se tocar flautas é preciso *Boca Torta* – outro codinome de Jurupari, este en-cantado afirmador de corpachas en-cantadas. En-cantamento como efeito da metamorfose no *bem viver*. Metamorfose como sinônimo de nomadismo. Uma educação fixada em não cultivar a sensibilidade metamorfoseante da corpacha estará fadada ao desencanto. Sensibilidade metamorfoseante que ocorre pelo saber cosmocorporal e cosmonômade da poética pachamâmica de Barros.

Jurupari, o Filho da Fruta, é o encantado amazônico que, ao usar as flautas cósmicas inventadas pelas mulheres da aldeia e deixar os conflitos entoarem sem

silenciá-los, acaba participando do processo de rearranjo das pulsações vitais da comunidade. Nessa mesma toada, as flautas cósmicas de Barros e as natuculturas sabem que conflitos acontecem a todo instante, mas que é o se tornam necroculturais e necropolíticos quando busca-se silenciá-los nas inevitáveis cacofonias dos caminhos. Acompanhando Barros pelas recorrências simbólicas nas raízes pachamâmicas do imaginário, é possível (re)conhecer que o *pharmakon* e/ou as medicinas indígenas então acontecem nas diplomacias cosmopolíticas. Jurupari, irmão de Macunáima, nasceu do instante em que Kuaratsy fecunda o sumo do fruto que Cheutsy (Mãe das águas que caem) estava comendo. O sumo cinestésico entra por sua vagina e fecunda Jurupari. Isso fez com que os homens de Deus catequizessem imaginários indígenas pela ideia de que Cheutsy fosse a Virgem Maria amazônica. E por Jurupari ser uma espécie de trickster amazônico surgindo a cada instante dos caminhos com diferentes transfigurações (como um exú hermesianamente dionisíaco e como seu irmão Macunáima), foi considerado pelos jesuítas como um demônio. E assim também passou a ser visto pelos próprios indígenas. Entretanto Jurupari, assim como o Lobisomem de Barros e suas diversas personagens filhas da Mulher-Serpente, é um importante en-cantado faz vibrar as inúmeras e incalculáveis que vamos sendo em cada suposta uma. Flautas cósmicas indomesticáveis.

Vários antropólogos disseram que certa vez as mulheres da aldeia, influenciadas por Jurupari, roubaram as flautas que só podiam ser tocadas pelos homens e as esconderam em suas vaginas. Mas o que eles esqueceram de contar é que as flautas antes eram das mulheres e foram criadas a partir das próprias vaginas. O rico e diversificado imaginário tem suas limitações simbólicas e acontece por três *estruturas de sensibilidade* de acordo com Durand e Ferreira-Santos. Os mitos se movimentam por fortes semelhanças nas origens de suas recorrências simbólicas e ressoam diferentes entonações, principalmente entre cosmopercepções que ainda na contemporaneidade afirmam oralidades pela diversidade e pela metamorfose do mesmo modo que diversas tribos urbanas (tribos skatistas, grafiteiras, plantadoras de P.A.N.C., bohêmias, racializadas e inúmeras outras marginalizadas). São múltiplas as oralidades e uivos na contemporaneidade. E vibra no velho lobo sempre menino da poética pachamâmica de Barros, essa poética filha da urobórica Mulher-serpente, oportunidades matriais em

constantes (re)inícios de uma educação de sensibilidade sempre nascente pelas autonomias sensíveis e metamorfoseantes do trajeto autoformativo. Uma educação que para além de auxiliar na caminhada de descolonização do imaginário, inventa condições cosmomunitariamente biocêntricas e nano-afetuais para um reflorestamento do sensível, afirmando cosmopercepções ameríndias e suas múltiplas natuculturas. Uma educação pela natucultural e matrial *invencionática* barreana que vai acontecendo no trajeto autoformativo possível através do saber cosmocorporal e cosmonômade. Manoel de Barros afirma as ressonâncias cosmonômadas nas pequenas coisinhas do nosso dia a dia contemporâneo. São as incalculáveis pequenices geralmente ordinariizadas pela colonialidade e demais nano-afetualidades que garantem conexões por uma infinidade de pulsações vitais. Co-implicações de uma multiplicidade construtora de vida e de corpos. As flautas cósmicas que vamos sendo são construtoras de flautas co-implicadas com toda a vida. Os en-cantamentos, ou seja, as múltiplas afetações muitas vezes invisíveis como a música e invisibilizadas como a arte cosmicamente matrial de construção de flautas não como objetos, mas flautas cósmicas inventadas pelas mulheres, inventam também a vida e constroem as suas corpos. O acontecimento nanoafetual, oniricamente úmido e musical do *mboraju* guarani na umidade vibracional de Nhe'ëry, por exemplo, enquanto interação de reciprocidade afetual pelas invenções da multiplicidade de pulsações vitais da-se como fenômeno cósmico construtor de múltiplas corpos também construtoras na afirmação da co-implicação afetual e matrial no ventre onírico de Pacha para além da dicotomia do dentro do sonho e do fora do sonho, pois a vida é toda en-cantaria. Encantaria incalculável e não dicotomizável. As contações en-cantadas apresentam suas forças nisso de não se classificarem pela ideia de “contradição” e demais classificações dicotômicas dos agenciamentos colonizadores. Muitas vezes, é possível que alguma percepção apressada diga: “Nossa! Essa história ingígena é machocêntrica!”. Mas ao escutar as histórias de Jurupari, os poemas barreanos e as histórias de Pindoretá, é intensamente recorrente o errante convite delas para que as acompanhem para além da ideia de contradição. Assim como nas histórias dos Orixás, o que está em jogo não é o que a colonialidade chama de contradição, mas algo que acontece no todo co-implicado do espaçotempo da Grande Mãe sem julgamentos dicotômicos e morais. Sendo que as próprias histórias muito

recorrentemente fazem surgir o que poderia ser lido como um agenciamento de tentativa de controle, por exemplo, algum acontecimento potencialmente opressor por parte de homens ou entre “animais”, mas na mesma narrativa ou numa história seguinte algo acontece para desbloquear fluxos vitais e proliferar pulsações. As culturas indígenas são entoadas por uma cosmicidade de materialidade afirmativa que está sempre pedindo passagem. São diversas as histórias indígenas que acontecem por essa possibilidade cosmocorporal. Por exemplo, a história guarani de *Mandi*, “ser que traz diálogos e conexões com todos os seres”, de acordo com Luã Apyká. O querido *tchembo'éá* guarani *nhandewa* conta como uma *cunhataí* (jovem guarani construída como mulher) chamada *Mandi* e muito alegre, que ao mesmo espacotempo se dá como *Djatsy Tatá* (a estrela muito brilhante), em dado momento da narrativa sofre por conta de um potencial acontecimento de controle, fazendo ela ficar muito triste. Sua tristeza reverbera por toda a aldeia assim como antes esta se contaminava de sua alegria brilhante. Até que na própria narrativa, e resumindo bastante aqui diversos acontecimentos, *Mandi* consegue inaugurar o que a cultura guarani chama de “possibilidade”, dando fluxo às potências compositoras de *Nhandetsy* e de *Djatsy* (lua) ao se transmutar para *mandi'ó* (casa-mandi ou mandi-casa), ou seja, a primeira mandioca que, muito vibrante, começa a se proliferar em todas as aldeias de maneira intensamente alegre e co-implicada com a alegria-saúde da *tekoa* e do *Teko Porã* guarani (bem viver). Diversas são as estórias indígenas que apresentam aquilo que a colonialidade chama de “contradição”. Mas tal fenômeno inominável se dá pelas encantarias mais errantes de cosmicidade material e corporal. Lembrando que *tekoa*, de acordo com Luã Apyká, é “lugar onde se exerce a filosofia da vida” - *tekó* (“maneira de viver”; “costumes” / *a* ou *ha* = “lugar físico, incluindo terra, floresta, águas, plantas, remédios e toda uma diversidade de vida”), traduzido pela colonialidade como “aldeia”. Para meus ancestrais guarani, *Tekoá* não é apenas um território, mas sim corpa. Quando se migra, *tekoá* vai junto. Isso é sobre a cosmicidade corporal nas co-implicações do ventre da vida de maneira afirmativa, pois se *tekó* é o que se chama de “bem viver”, *tekó porã* é a filosofia do bem viver, uma filosofia semeadora de cosmicidades corporais que inseparam pessoa, comunidade, multiplicidade, casa, território, alegria nas cosmopercepções materiais de afetualidade comunitária, ou seja, no sentido não antropocêntrico das errâncias cosmonômadas pela

multigamia nano-afetual. E sem romantizar a alegria e o bem viver, as narrativas indígenas também apresentam de forma direta como os acontecimentos com Mandi, com as mulheres da aldeia de Jurupari e uma diversidade de encantades estariam os cerceando e/ou impossibilitando de caminhar com exercícios de liberdade e errâncias cósmicas. As histórias indígenas trazem isso não por caráter de denúncia ou policiamento, mas de maneira direta por uma estrutura de sensibilidade dramático-crepuscular, pelas polirritmias da multiplicidade cósmica em andarilhamento. Isso diz das errâncias do en-cantamento que as oralidades pachamâmicas afirmam não limpando ou pretensamente exteriorizando das próprias natuculturas potenciais acontecimentos de controle e opressão, mas diante deles, movimentando, com a própria estrutura dramática e en-cantada, fluxos de nano-liberdades que afirmam suas cosmopercepções: ou seja, de cosmicidade nanoafetual. E isso recorrentemente vai acontecendo de maneira a colocar em jogo a “possibilidade” por exemplo inaugurada por Mandi. A possibilidade do saber cosmonômade. A possibilidade da transmutação nisso de permitir fluxos vitais, sempre através do caráter ritualístico. En-cantamento na fruição da vida pelas contaminações e sensíveis ‘cosmoses’ com múltiplas pulsações do caminho. Assim, Pacha sabe que só é possível praticar cuidado de fato a partir dos exercícios de liberdade. Do contrário, seria mais do mesmo que a colonialidade prega com a virtualística sem a afirmação da experiência em acontecimento. Sem o *mboray* e o *mboraju* guarani, por exemplo. Desde as epistemologias musicais e pachanômadas, as histórias e oralidades vão se deixando apaixonaram-se de errâncias e situações que podem parecer contraditórias, mas que afirmam corpachas nisso de criar possibilidades de metamorfoses como garantia de fluxos vitais e proliferação de pulsações.

As errâncias das *despalavras*, o nomadismo dos sentidos e a *língua-mãe* de Barros vibram composições da música da vida nas múltiplas contaminações nanoafetuais que se dão em andarilhamento ‘cosmótico’ por *deslimites*. Tudo vai vibrando pelas indiscernibilidades dos arranjos nos contingenciamentos desse inevitável andarilhamento no ventre de Pacha. Para a poética pachamâmica de Barros, a corpacha é fundamental. É fonte viva do saber. É ela que conhece tudo pela con-vivência, en-canta caminhos e re-inventa a vida a todo instante. Porém não o “corpo” do entendimento colonial-colonizado. O que seria “corpo” até para a antropologia

pós-estruturalista, não se nomeia com fáceis significações entre os povos indígenas e ganha diferentes composições não apenas incluindo a aldeia, mas tudo que aparentemente está “em volta”, porém arranjado co-implicadamente desde as nano-serpentes cósmicas, passando pelos mínimos elementos-hormônios até a noção corporal de “duplo animal” (yanomami), de “som de pé” e de flauta cósmica enquanto pessoa (guarani). Vamos sendo compostas por arranjos nano-afetuais de cosmopercepções comunitariamente biocêntricas multiplicadoras de instâncias cósmicas. É preciso ‘escutatear’ as vozes de Abya Yala Pindorâmica com Barros e ‘tytypensar’ suas entonações. Assim, o que seria “corpo”, pode ser (re)conhecido por seu aspecto muito dinâmico, sem fechamento, inacabado, sem começo nem fim, sem fixação de um dentro e um fora, e passível de incontáveis metamorfoses por múltiplos arranjos, variações e modulações de frequências. “Paisagem” e “corpo” são invenções que, nos mundos ameríndios, podem se dar como mesmo fenômeno elementar-hormonal-vibracional, pelo caráter nano-afetualmente onírico, musical e mítico, dependendo de como se dão na dimensão cósmica das trilhas vivas vivenciadas. Corpachas enquanto corpambiências. Cosmocontaminada nanoafetualmente desses mundos, a poética barreana fractaliza ideias de indivíduo, sujeitos-fixos, sujeito-objeto e demais dicotômicas coisificações da vida. Barros está interessado em ‘escutatear’ a vida pelo que ele denomina “caos do corpo” (Barros, 2010:75). A noção universalizante de “caos” vem das culturas ocidentais. Mas é a partir da diplomacia cosmopolítica ao modo nano-afetualmente xamânico, pela afirmação da alteridade na aprovação das diferenças e pelas as múltiplas contaminações com elas – incluindo incalculáveis contaminações com culturas europeias –, que a poética pachamâmica de Barros afirma a metamorfose que a vida vai sendo por múltiplas e incalculáveis entonações. Andarilhamento fontano que, pelo saber cosmonômade e cosmocorporal de incalculáveis arranjos nano-afetuais, movimenta-se para além da ideia de “sujeito” e “paisagem” fixos. Tudo é inconstante ligação muito próxima ao fazer musical.

Assim, o andarilhamento vai acontecendo como uma noção surgida na caminhada desta pesquisa (de): rascunho de vida enquanto música em arranjos que, sendo a expressão de um *grund* encharcado, cósmico e cacofônico, jamais se cristaliza; arranjos cosmonômades por potências vitais; múltiplas e errantes pulsações

camosmóticas pela libidinosa multigamia nano-afetual da caminhada; andarilhamento polirrítmico de vibrações musicais; andarilhamento rítmica e ciclicamente mítico em *territórios flutuantes* (Maffesoli). ‘Corpachas’ flutuantes pela ‘Corpacha sonora’ de Abya Yala pindorâmica tanto muito antiga, quanto matrialmente presente em inúmeras estâncias do corpo social contemporâneo. Portanto, ancestrais, de acordo com uma concepção-pacha de espaçotempo. Lembrando que “o futuro é ancestral” (Ailton Krenak e Daiara Tukano). Assim, com a corpacha barreana escutateamos andarilhamentos de ‘cosmocorpes’ sensivelmente nômades, portanto multi-contaminatórios e transmutacionais. Nos diversos arranjos imprevisíveis, as expressões podem se modular por múltiplas frequências de acordo com cada situação, bem ao modo do “glossário de transnomações” barreano, percebendo essa caminhada cosmonômada como sinônimo de fluxo de intensa metamorfose.

A ‘Corpacha’ gorjeia sendo uma grande e nano-afetual ‘cosmocorpa’ arranjada por incontáveis ‘cosmocorpes’ multiplicadas na corpambiência que ela é. Tais cosmocorpes também gorjeiam, ou seja, cantam variando os tons com errância e velocidade indiscernível. Tudo vibrando pelas contaminações cosmonômadas do andarilhamento. Diante da visão colonial, ‘cosmocorpos’, ‘cosmocorpas’ e ‘cosmocorpes’ são denominações mais próximas o possível – assim espera-se – do significado de ‘corpachas’. Por exemplo: há mais de década, dani-vi acontece enquanto cosmocorpe de entonações que estão a todo instante se compondo e se decompondo de acordo com as contaminações cósmicas do andarilhamento. A vida barreana se dá pelos arranjos cosmonômades. Conforme dani-vi foi fazendo seu ‘andarilhamento’ com a corpacha da poética barreana – vibrando com sua qualidade corpoética –, se deu cada vez menos como aquele ‘cosmocorpe’ conhecido como Daniel Viana, ao mesmo tempo em que dani-vi também não se fixa. ‘Cosmocorpe’ dani-vi acontece necessariamente como uma ‘corpacha’ enquanto arranjo da ‘Corpacha’ que acaba por expressar incalculáveis entonações da Corpacha assim como cada corpacha também expressa. Entonações estas desde as qualidades nano-afetuais, musicais e escutateantes compositoras das corpachas que compõem Pacha. Então, tem muitos instantes que dani-vi está dani-vi cunhã. Instantes que este arranjo vivo aqui está mais para pássaro. Outros mais para cardume. Ou para onça, vento, rio, floresta, montanha, canção, circo



ambulante de lonas rasgadas, poeira cósmica. Alguns para bestego. Vários, para decomposição.

É preciso lembrar que ‘corpachas’ são sempre sônicas e musicais. Assim como ninguém consegue fixar o fenômeno musical da vida, não há ideia de posse entre corpachas. Portanto dani-vi não tem um ‘cosmocorpe’, mas acontece enquanto ‘cosmocorpe’. Cosmocorpe que entoa complexos arranjos da Corpacha hoje ressonante, por exemplo, na latinoamerica, mas transmutante por entonações de outros nomes-arranjos, como Ameríndia, Abya Yala, Pindorama, Paranapanema, Pira-yu, Nhe’ëry, São Paulo, Sã Pã<sup>91</sup>, etc. A poética barreana vai provocando (con)vivências por arranjos que, apesar de serem colonialmente conhecidos como “corpos” e/ou “paisagens” e/ou “territórios”, são fenômenos sempre ‘cosmonômades’, são ‘corpaldeias’. São ‘cosmocorpes’ da multiplicidade de pulsações vitais. A cada instante surgem de uma maneira e vibram com diferentes nomes. ‘Corpambiências’ intensamente suscetíveis à metamorfose da vida e afirmadoras dessa sensibilidade transmutante, de modo a proliferar as pulsações vitais nas movimentações dos ‘fractais de fronteiras vivas’ que vamos sendo, desabrochando múltiplos arranjos sensíveis.

#### VIAGEM

*Rude vento noturno arrebatou-me / Para longe da terra, nu e impuro.  
Perdi as mãos e em meio ao oceano escuro / Em desespero o vento abandonou-me.  
Perdido, rosto de água e solidão, / Adornei-me de mar e de desertos.  
Meu paletó de azuis rasgões abertos / Esconde amanhecer e maldição...  
Um deserto menino me acompanha / Na viagem (que flores deste caos!)  
E em rosa o sol me veste e me inaugura. / Dou às praias de Deus: a alma ferida,  
As mãos envenenadas de ternuras / E um buquê de carnes corrompidas.*  
(Barros, 2010:75)

Há uma ontologia caosmótica nessa travessia com Barros. Nela, acontecemos enquanto arranjos de “flor de caos” (Barros, 2010:89), assim sendo, fractais de fronteiras vivas como nano-raízes nômadeas que serpenteiam múltiplos sentidos da dança cósmica da vida, entoando vibrações vegetais das mesmas águas em sensíveis contaminações. Suas personagens xamânicas também percebem-se como “seres”, principalmente, ao passo que negociam diplomaticamente e se confundem com o que elas mesmas identificam como sendo “outros seres”: *ventos, chuvas, bichos, pedras,*

<sup>91</sup> *Sã Pã* ou *Sampã*, modo c(a)osmótico de escutar a corpa paulistana Nhe’ëry. A primeira vez que escutei tal corpa pelo nome de *Sã Pã* foi há mais de década com txais do Teatro Oficina Uzina Uzona.

*desobjetos*, tudo nascente de um mesmo ventre oniricamente aquático composto e decomposto de frequências musicais, proximidades, distâncias, alcances, intervalos, vórtices, vertigens e múltiplos arranjos nano-afetuais contaminantes-contaminados capazes de fractalizar pretensas fronteiras a todo instante. Estas últimas afirmações podem parecer contraditórias a certos rigores científicos que preferem eliminar o que classificam como “contradição” mesmo cientes de que a ciência é ficção. Mas no ventre de Pacha, tudo vai se arranjando por uma complexidade de múltiplas contaminações nano-afetuais da metamorfose, e com Barros, afirmando sensíveis c(a)osmoses.

Entre lesmas, musgos e húmidos en-cantos da libidinosa multigamia nano-afetual, a corpacha barreana e os arranjos de diversas corpachas que vão se contaminando e se proliferando na errância dos caminhos, ora se dão por matérias invisíveis e inapreensíveis, ora verbalmente reconhecidas para tatear a cor da tarde enferrujada pelos cantos da cigarra, declarando um ‘nomadismo de sentidos’ por diversas instâncias co-implicadas de cosmicidade afirmada nesta ameríndia, onde o saber cosmocorporal e cosmonômade de uma imaginação material sonha corpachas sem desejo de fixação, ordem, nem posse. Nem mesmo o *peito do céu* do imaginário yanomami (Kopenawa) é um território etéreo, abstrato e virtualístico a ser conquistado. O “peito do céu” acontece como peito cósmico. Peito enquanto arranjo de Corpacha. E as “costas do céu”, uma floresta erguida após uma antiga primeira tragédia, uma primeira queda de céu. Nesses concertos a céu aberto, a vida aqui experimenta corpambiências sensíveis de uma ontologia cosmocorporal e cosmonômada que Barros apresenta ao escutatear *lobisomens*, *mulheres-serpentes*, *caramujos-flores*, *bernardos-quase-árvore*, *bernardos-árvore*, etc. *Jurupari*, que pode ser peixe, pedra, planta, macaco, gente e o que o acaso poder promover, acontece enquanto corpacha de múltiplos arranjos e desarranjos da Corpacha Ameríndia, ora capturáveis, ora incapturáveis. Cosmopercepções de tricksters à priori caosmóticos diante da visão eurocentrada ou afetada pelos arranjos coloniais. Mas tricksters en-cantades pela metamorfose que a vida vai sendo. ‘Cosmótica’ metamorfose. Por uma deseróica ‘cosmovisão fontana’, *Jurupari*, um dos diversos tricksters da mitologia xamanicamente ameríndia, se dá enquanto corpacha não apenas por sua visível capacidade (multi)transforme, como também pela potência dessa cosmicidade de arranjos

múltiplos, ora ambíguos, ora cacofônicos, ora capturáveis, ora imperceptíveis, que se contaminam sem fixação nas composições da vida, por um imaginário materialista, arranjando, com sua flauta roubada, tanto ligaduras que vão codificar as coisas, como entonações que fogem dessas ligaduras e inúmeras vezes as fazem se diluir também. “Sou ligado por cordões e outros aparelhos secretos a um / escritório complicado.” (Barros, 2010:75). Barros escutateia e tytypensa corpachas enquanto cosmocorpes da multi-contaminação sensivelmente transmutacional. Cosmocorpes enquanto nano-corpes e/ou corpambiências que se contaminam pela qualidade nano-afetual do saber cosmonômade. “(...) Antes diria que usam de uma transsubstanciação: paredes que emprestam seu musgo aos caramujos-flores e os caramujos-flores às paredes sua gosma / Assim desabrocham como bestegos” (Barros; 2010:1919).

E apesar de Barros usar o termo *transsubstanciação*, sua ‘cosmovisão fontana’ não está num sujeito, não arranja sujeitos-fixos, mas sim, contaminações sensivelmente transmutantes. As *paredes* são potências de vida, mas não sujeitos, nem objetos, e sim por multiplicarem nano-pulsações vitais fractalizadoras de contornos fixos. A musicalidade da poética barreana contamina contaminando-se por um desejo que não advém da ausência, mas por algo que Bachelard descreve como *vontade da matéria*, uma vontade ligante de multiplicar composições através de uma abertura ao estrangeiro por corpachas de vibrações que não se dividem entre o que está supostamente fora ou dentro. Tudo numa dialética de contaminações nano-afetuais, ou seja, pelas interações hormonais da oralidade, pelas transmigrações nano-afetuais entre cosmocorpes, cacofonizações e dissonâncias das entonações, interferências ora capturáveis, ora inapreensíveis como que ocorridas por deslimites melódicos de múltiplas contaminações. A importância não está na classificação, na comparação e no reconhecimento de ser peixe ou água, vento ou flauta. Não se está à procura de onde começa um e termina o outro, ainda que isso precise ocorrer em determinadas circunstâncias.

O *Xamã*, os *caramujos-flores*, *Bernardo-árvore* são personagens-arranjos barreanos que funcionam como a música inseparável de uma dança, de um alimento, de um plantio, de um rito, de um evento, de inúmeras corpachas enquanto cosmocorpes no ventre de pacha, de corpachas enquanto cosmocorpes matriciais, produzindo novas

entonações a partir de múltiplas contaminações. A poética barreana é inventada pela destinação da vida, ou seja, possibilitar o desbordamento do devir que transborda composições vivas nas contingências desses encontros e choques, como entre complexas afetações vibracionais que geram novas músicas tanto dissonantes quanto cacofônicas. Música invisível, que vibra, alcança, toca, tendendo a criar incalculáveis ligaduras – como tende o hormônio-água – pelas escutas dos poros, com possibilidades de harmonizações e/ou não. Saber cosmonômade de corpachas musicais. Corpachas afirmadoras do andarilhamento que arranja (e as arranjadas pela) metamorfose das contaminações. Andarilhamento por vertigens musicais que incluem mudanças de andamento, co-implicações e sobreposições rítmicas, cooptações de tempo em prol de imprevisíveis arranjos jamais separados por um “dentro” ou um “fora”. Com arranjos polifônicos no cacofônico jogo de complexas vertigens, Manoel de Barros se vale do *olho que estava perto de ser um canto* (Barros; 2010:386) num jeito de habitar deslimites de lugares indefinidamente intervalares das corpachas sônicas, usando aqui o *corpo sônico* (Barros, 2010:439) das palavras barreanas. Arranjos que transmutam ou geram corpachas de acordo com o *exercício do caminho* (Durand), agindo pelos cosmonomadismos do saber cosmocorporal (no sentido caótico, nano-serpentino e juruparesco destes termos) complexamente contaminados por entonações musicais do mítico e grande ventre pantaneiro cheio de excessos. Onírico e aquático Pantanal enquanto uma das incontáveis “corpachas sônicas” ameríndias que, nas errâncias cósmicas da poética barreana, ocorre por transbordamentos e secas no drástico ciclo de suas águas. “Quem se encosta em ser concha é que pode saber das origens do som.” (Barros, 2010:375).

Seu som aquático mantricamente urobórico – mantra aqui como efeito cíclico da dimensão estética barreana, portanto não religiosa –, gota a gota, vibra nano-afetualmente e escutateia cada poro ao mesmo espaçotempo que ressoa incalculáveis ligaduras contaminantes e transmigrantes de acordo com os riscos cosmonômades dos caminhos. Uma complexidade transmutacional ocorrida na relação física com o onirismo desse hormônio-elementar que ao nomeá-lo de *água*, inventamos. Hormônio como tendência onírico-molecular e jamais como algo dado à priori. Até o rio-gente dos mundos indígenas é uma tendência incapturável, logo, não um objeto.

Sem sacralizar o rio virtualisticamente, este flui como pessoa, mas principalmente como arranjo cosmo-coletivo em fluxo de múltiplas alteridades sem fim. Escutateando a poética barreana com a alquímica poética bachelardiana, a *água-elemento-hormônio* mostra-se sempre dependente de inúmeras imprevisibilidades imensuráveis das relações no exercício do caminho, podendo fisicamente ligar, reunir, misturar, confundir e proliferar toda uma diversidade de cantos, com imprevisíveis e incontáveis transbordamentos, assim como afirmam também as vozes indígenas. As contaminações ocorrem de maneira cacofônica por múltiplas ligaduras cósmicas. Caso contrário não seriam contaminações. Trata-se de ‘cosmoses’ aquático-musicais e, para além disso, cosmoses nanoafetuais entre corpachas. Sendo *rãs*, *rios*, *ventos* ou *cordilheiras*, tais corpachas são sempre incalculáveis por serem arranjadas de *deslimites*, gerando potências nas múltiplas contaminações pelo cosmonomadismo dessa pesquisa na corpacha sônica da vida que acontece enquanto ventre da metamorfose nano-afetual.

Inventar uma tarde a partir de um conta gotas como Barros faz na arte, pode parecer previsível ou pensável, mas diluir e fractalizar a dicotomia de certas abordagens científicas é um risco. A música cosmo-aquática dessa cosmopercepção fontana, para além de abrir escuta até no *silêncio de pedra* (Barros), não é dada a utilitarismos, nem deseja facilidades. Errante, veste andrajos, anda, rasteja e se rasga inteira com gosto por pequenas coisinhas ordinárias, invisíveis e muitas vezes incapturáveis. Confunde-se, arranjando-se e desarranjando-se por elas, e escapa feito água, música, vibração, não como escapismo, mas como ação *merejante* (Barros). Nas múltiplas contaminações cosmonômadas da metamorfose sem sujeito-fixado, nessas multi-afetualidades cosmocorporais, começa a ocorrer a cosmicidade pachamâmica do modo fenomenológico dessa pesquisa com Barros. Vejo-me praticando o que a fenomenologia oferece no inconstante c(a)osmos dessa contemporânea corpacha sônica sábia pela multiplicidade de corpachas, dissolvendo evolucionismos, deixando a multiplicidade de uma ontologia nano-afetual cumprir suas potências no caminho desta pesquisa. Nessa caminhada com o imaginário musical da poética barreana pelos *deslimites* de sua *agramática*, transbordam diversas ressonâncias ameríndias da própria metodologia aqui em andarilhamento, entre elas, o encantamento da fenomenologia compreensiva e as múltiplas escutas da mitohermenêutica simbólica co-implicadas de epistemologias

pachanômadadas. Com a “*DIDÁTICA DA INVENÇÃO*” barreana, também fica evidente que “desaprender oito horas por dia ensina os princípios”. (Barros, 2010:299). Esse olhar primordial das errâncias barrenas, suas ‘cosmopercepções fontanas’ e ameríndias arranjam-se sábios dos limites da ordem perceptiva, sábios das despotências que geram o excesso de explicação sobre os incontornáveis mistérios e privilegiando o campo onírico da imaginação material e sinestésica pelas vertigens estéticas na música da vida.

*Na língua dos pássaros uma expressão tinge a seguinte. Se é vermelha tinge a outra de vermelho. Se é alva tinge a outra dos lírios da manhã. É língua muito transitiva a dos pássaros. Não carece de conjunções nem de abotoaduras. Se comunica por encantamentos. E por não ser contaminada de contradições. A linguagem dos pássaros só produz gorjeios. (Barros; 2010:371).*

Manoel de Barros compõem inúmeras corpachas sônicas para nomadizar relações, sempre ressaltando seus rearranjos e desarranjos aquático-musicais. Através da força das oralidades, o poeta cria e prolifera linguagens dentro de sua *língua-mãe*: *linguagens de rãs, idioma de árvores, canções do vento, silêncio de concha, linguagem brincativa, linguagem ordinária, invencionática, etc, etc, etc*. Vale-se de disfunções musicais e confusões estéticas, ou seja, uma ‘c(a)osmicidade sensível’ para parir potentes arranjos de vida de maneira não objetivista, não utilitarista, não vidualística, não guiada pelas normoses sociais, transmutando arranjos e corpachas para além das organizações coloniais. Nos deslimites cósmicos de sua linguagem-mãe, não é possível definir com exatidão de medida até que ponto um sapo termina e uma pedra começa. Isso faz lembrar o que Geni Nunes Guarani, Kerexu Yxapiri e diversas vozes indígenas entoam sobre não haver limites entre os pés e a terra em que se pisa. Uma cosmicidade ameríndia contaminada de culturas xamânicas, opera com o saber cosmonômade de Barros por uma educação de sensibilidade cósmica e nanoafetualmente ‘cosmótica’ através de um modo nomadizante de se relacionar e compor arranjos com os caminhos, proliferando a multiplicidade nanoafetual e uma diversidade de personagens e idiomas pelo “cio vegetal da voz do artista” (Barros; 2010:359). O *Monge Descabelado*, o *Catador*, o *Andarilho*, o *Xamã*, o *Guató*, o *Louco* e distintos “profetas nasciam de uma linguagem de rãs” (Barros, 2011). Diferentes personagens e múltiplos arranjos errantes transbordam de seus cosmonomadismos.

Diante de uma educação marcada por cisões conteudistas, utilitaristas, estratificantes e cristalizantes, Barros nomadiza sentidos. “O poema é antes de tudo um inutensílio. / Hora de iniciar algum / convém vestir roupa de trapo (...)” (idem; 2010:174). “(...) ver o menino / Com paletó de crepúsculo / E as árvores cor de cinza perto do muro / Árvore e menino Dobrados, na chuva. (idem; 2010:39). Dobras cósmicas desdobram corpachas com as *roupas de trapos* e complexos arranjos de *andrajos* nômades barreanos, sujeitos a imprevisíveis e incalculáveis contaminações que surgem por entonações que inseparam vestimenta, casa, espaço e arranjos dos caminhos. É a cosmocorpa onde tudo acontece co-implicadamente dentro de tudo. Corpacha que pode-se verificar em todo o xaminismo desde suas origens altaico-mongóis até Abya Yala e Pindorama que na contemporaneidade retoma corpachas enquanto terriórios sensíveis. Veste-se penas não como ornamento, mas como sensível metamorfose para voos e olhares de parentes-arranjos estrangeiros. Corpachas contaminadas e arranjadas de incontáveis corpopachas. Corpachas da metamorfose pelos c(a)osmóticos nomadismos barreanos. “Ele era um andarilho. / Ele tinha um olhar cheio de sol / de águas / de árvores / de aves. / Ao passar pela Aldeia / Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos. / O silêncio honrava a sua vida.” (Barros; 2010:445). “Meus filhos também construíram suas casas com vigas de chuva (...)” (idem; 2010:138). “(...) As iminências do lodo / Ruas e casas ficaram sujas de seu canto (...)” (idem; 2010:155). “As Nações já tinham casa, máquina de fazer pano, de fazer enxada, fuzil etc. Foi uma criança mexeu na tampa do vento. Isso que destelhou as Nações.” (Idem; 2010:187). As c(a)osmóticas *roupas de trapos* barreanas são patchworks vivos de corpachas sônicas para andarilhamentos sem objetivos. “O azul das pedras tinha cauda e canto. De um sarã espreitava meu rosto um passarinho. Caracóis passeavam com róseos casacos de sol (...)” (Barros; 2010:111). Este patchwork cosmonômade e caoticamente sensível não apenas veste personagens com o *casaco de sol*, mas os apresenta pela cosmicidade de inúmeras corpachas e seus *deslimites* conforme as errâncias no exercício do caminho. “Meus ombros emigram de mim para os pássaros. E o corpo foge, roçando nos cactos secos do deserto (...) Os limites me transpõem!” (idem; 2010:56).

A roupa de trapos ocorre para a corpacha aquático-musical que cosmonomadiza

as regras de qualquer possibilidade de cálculo. “Água de fonte lustral passarinho registra à distância de doze pedradas.” (Barros). “Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia (...)” (Idem – Matéria de Poesia). A música de seu *antigo mar de Xaraés*, cria diversos arranjos líquidos que, independente de juízo de valor, esses interagem-se hormonalmente, nanoafetualmente, e se renovam a todo momento. Os seres barreanos são sonhados com a água que penetra na terra, promovendo ligaduras e harmonizações elementares por hormônios-elementos capazes de proliferar múltiplas materializações e invenções imprevisíveis. Barros movimentava múltiplos afetações que permitem fluxos de sina, ou seja, de en-sinamentos no saber cosmocorporal por uma educação cosmonômada e, contemporaneamente, c(a)osmótica. “O poeta é promíscuo dos bichos, dos vegetais, das pedras. Sua gramática se apoia em contaminações sintáticas. Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs”. (Barros; 2010:137). As latas barreanas boiam e seus desutensílios vivem encharcados, sempre em estado de ferrugem, num jeito submerso de múltiplas e mútuas contaminações que vão inventando a cosmicidade de potenciais neo-nomadismos para arranjar corpachas musicais. Corpachas sônicas de intensidades não sujeitas de serem calculadas. Imprevisíveis como as oralidades. Com alcances, distâncias e intervalos que dependem das imprevisibilidades das corpas-trilhas. Arranjos cosmo-hormonais ora perceptíveis, ora imperceptíveis. Apanhando os *desperdícios* desses arranjos, Manoel vai nomadizando as relações e desestabilizando a ideia colonial de informação do “corpo” com suas corpachas sensivelmente sônicas e de andarilhamentos incalculáveis. “(...) Sou um apanhador de desperdícios. / Amo os restos / como as boas moscas. / Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. / Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática. / Só uso as palavras para compor meus silêncios.” (Barros, M.I. 2010:13).

A corpacha musical nesse ventre pantaneiro de Barros é composta por uma multiplicidade de personagens que vão se contaminando contaminados de culturas xamânicas, escapando de uma prática objetivista, exigindo movimentos-outros na cosmicidade da vida. Expressar-se musicalmente é algo que vai além do verbo, da palavra, do significado. A música é inevitavelmente um evento a ser ritualizado e (con)vivido. A oralidade barreana apresenta uma dimensão muito musical, compondo



imagens que só ocorrem por melodias, pausas, ritmo, intensidades, respirações, frequências e diversos outros aspectos musicais. Mais do que isso, todas essas imagens se compõem por variações de ininterruptos fluxos musicais de texturas e intensidades aquáticas como o “canto das cigarras”, o ‘silêncio de concha”, as “canções do vento”, o “idioma das árvores”, etc. A poética barreana, portanto, está sempre interessada em escutatear ‘línguas mães’ da vida, (re)conhecendo uma c(a)osmicidade aquático-musical que flui por múltiplas influências nada úteis, nada coisificantes, pois vibrantemente vivas. “Há um cio vegetal na voz do artista. / Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto / de alcançar o murmúrio das águas nas folhas / das árvores.”(Barros, 2010:359). E quando árvore seca e está desarranjada de pássaros, deixa diminuir seus cantos aquáticos. “A ÁRVORE (desinfluída de cantos) — É possessão de ouriços. (Barros, 2010:136).

A *língua-mãe* (Barros) treme por con-fluências com diferentes sotaques, tornando-se preferível descrevê-la aqui no plural: ‘línguas mães’. E para além disso, vale-se de vibrações inapreensíveis por uma poética de musicalidade aquática provocadora de uma de intensa contaminação nano-afetual. É valendo-se dessas corpachas musicalmente suscetíveis a múltiplas afetações, por uma estética de nano-errância elementar-vibracional, nos acasos dos ocasos, e nos ocasos dos encontros, que Manoel de Barros pratica uma educação cosmonômada de sensibilidade cósmica e c(a)osmótica.

Tal sensibilidade c(a)ós mica é inseparável da errância nano-afetual desde a primeira infância de Barros pelos contaminantes labirintos do ventre pantaneiro. Na segunda infância, é que a poética barreana não apenas pratica a caoticidade de tal cosmicidade errante, como também percebe-se afirmando-a. O menino que contraiu visão fontana então afirma contaminações sensivelmente c(a)osmóticas pela “doença” das palavras (Barros). E isso se dá pela sábia generosidade pachanômada de transmutar a visão iluminista-catequética sem a ideia de culpa. Diante da alfabetização obrigatória pelos mandos da palavra virtualística dos cartórios de Deus, a poética barreana *tytypensa* cordialmente, sem culpar sua família ou o Padre Ezequiel pelos aprisionamentos do internato sofrido durante toda a segunda infância, mas transbordando “fuga para flauta doce” (Barros) ao nomadizar as palavras do Padre para

os sentidos de seu trajeto. A ponto de afirmar que o Padre foi seu “primeiro professor de agramática”. Tudo pela ‘estética da errância nanoafetual’, afirmando as potências da vida e suas “nadezas” no inevitável, no incontornável, no inejetável, imprevisível e não-cristalizável que é a metamorfose enquanto corpacha.

*Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.  
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.  
— Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios.  
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada... E se riu. Você não é de bugre? — ele continuou. Que sim, eu respondi.  
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas — Pois é nos desvios que encontra as melhores  
surpresas e os arituncos maduros. Há que apenas saber errar bem o seu idioma.  
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.  
(Barros, 2010:320)*

Enquanto o *Padre* classifica Barros como “bugre”, a poética pachamâmica de Barros afirma o que escapa das fixações da palavra. Assim, o andarilhamento barreano se dá em tempos-outros da multidimensão estética que acontece pelas oportunidades cosmonômadas e contaminantes de corpachas aquaticamente sonoras, que não se cristalizam, estabelecendo portanto, uma dimensão cacofônica de andarilhamento que ganha potência nos compartimentos sensíveis do imaginário cosmocorporal, nas contaminações nano-afetuais do cotidiano que *chegam ao grau do nada*, pelos seus *deslimites* e outras invisibilidades *ordinariamente atômicas, merejantes*. Nessa intensa e complexa cosmicidade, a habilidade tátil dos ouvidos pode ‘escutatear’ uma educação instauradora, obviamente, dependente das imprevisíveis forças pachamâmicas, entre choques e encontros. Portanto, uma educação cosmocorporal e cosmonômada, legitimadora de uma multiplicidade de inomináveis contaminações, muitas vezes impossíveis de serem apreendidas, outras tantas perceptíveis pela qualidade do devaneio. Contaminações cosmonômadas musico-mítico-vibracional-cacofônicas e onírico-elementar-hormonal-aquáticas ocorridas na sua ‘estética da errância nanoafetual’.

*Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, e meu canto. Meu canto reboja. Não tem margens a palavra. Sapo é nuvem neste invento. Minha voz é*

*úmida como restos de comida. A hera veste meus princípios e meus óculos. Só sei por emanações por aderência por incrustações. O que sou de parede os caramujos sagram. A uma pedrada de mim é o limbo. Nos monturos do poema os urubus me farreiam. Estrela é que é meu penacho! Sou fuga para flauta e pedra doce. A poesia me desbrava. Com águas me alinhavo. (Barros; 2010: 169-170). Assim desabrocham como os bestegos. (Barros; 2010: 191). Os muros enflorados caminhavam ao lado de um homem solitário que olhava fixo para certa música estranha que um menino extraía do coração de um sapo. (Barros; 2010:38) Usado por uma fivela, o homem tinha sido escolhido, desde criança, para ser ninguém e nem nunca. De forma que quando se pensou em fazer alguma coisa por ele, viu-se que o caso era irremediável e escuro. Ou uma vespa na espátula. Esse homem pois que apreciava as árvores de sons amarelos — ele se merejava sobre a carne dos muros e era ignorante como as águas. Nunca sabia direito qual o período necessário para um sapato ser árvore. Muito menos era capaz de dizer qual a quantidade de chuvas que uma pessoa necessita para que o lodo apareça em suas paredes. De modo que se fechou esse homem: na pedra: como ostra: frase por frase, ferida por ferida, musgo por musgo: moda um rio que secasse: até de nenhuma ave ou peixe. Até de nunca ou durante. E de ninguém anterior. Moda nada. (Barros; 2010:172).*

*(...) era mais a denúncia das palavras que me importava mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entaduras. Foi então que comecei a lecionar andorinhas. (Barros; 2010:323-324).*

O cosmomadismo barreano “leciona andorinhas” pela fruição de um *bem viver* inevitavelmente musical e ‘cosmótico’. Para andarilhar no ventre pantaneiro, está a todo instante praticando errâncias nanoafetuais, sensivelmente metamorfoseantes. Prática nômade de descoisificar tudo que encontra no caminho. Não apenas livrando-se de objetos, mas transmutando-os a grau de desobjetos musicais. Sensibilidade nômade de tornar a travessia tanto mais leve, quanto mais viva. É o andarilhamento necessário para não deixar marcas despotentes no ventre de Pacha, assim como ensinam diversas vozes de Abya Yala e Pindorama. No caso barreano, uma educação cosmonômada de sensibilidade cosmótica que nomadiza a ideia de sujeito fixo e de sujeito-objeto por arranjos e desarrajos de múltiplas desutilidades permitindo passagem à sua ancestralidade.

*Sou um sujeito magro / Nasci magro. / Estou nos acontecimentos Como num vendaval: dobrado /  
Recurvo de espanto  
E verdes... Um pequenino ser com a sua morte dentro, / Com seu ombro desabado /  
E seus braços descidos pelo caos do corpo. / (...)Varo becos, bancos e buzinas. À noite, porém (ó cidade  
tentacular!),  
Me rendo./ Resfolegante como um boi, paro. / Vasta campina azul de água me olha, me contempla, me /  
aglutina*

*E suja-me de iodo a roupa... / — É o mar! / Meu rosto recebe a brisa do mar. (...) As águas subiam... Entravam no rancho. / A mulher se refugiava no jirau com os filhos, e lá ficava / dois meses até que as águas baixassem.*

*O homem chegava de canoa, dava notícias do gado, e / dormia. (...) Jacarés passeavam dentro da casa, pelas peças vazias, apanhando peixes na gaveta das mesas... (...) Sei bem / Que todas essas coisas têm raízes na casa*

*No menino selvagem que deixava crescer os cabelos / Até caídos na estrada Colhidos, como flor de lixeira / Na estrada... / Fecho os olhos de novo. / Descanso. Logo sinto fluir de mim / Como um veio de água saindo dos flancos de uma pedra,*

*A imagem de meu pai. / Ouço bem seu chamado. / Sinto bem sua presença. E reconheço o timbre de sua voz:*

*— Venha, meu filho, / Vamos ver os bois no campo e as canas amadurecendo / ao sol, / Ver a força obscura da terra que os frutos alimenta, / Vamos ouvi-la e vê-la: / A terra está úmida e os potros ariscos a riscam de seus empinos e de suas soltas crinas, / Vamos, / Venha ver as cacimbas dormindo repletas! / Venha ver que beleza! — No bojo quieto das águas robaços engolem lodo! / Abro os olhos. / Não vejo mais meu pai. / Não ouço mais a voz de meu pai. / Estou só. / Estou simples.*

*Não como essa poderosa voz da terra com que me estás / chamando, pai — / Porque as cores se misturam em teu filho ainda*

*E a nudez e o despojamento não se fizeram em seu canto; / mas simples / Por só acreditar que com meus passos incertos eu governo / a manhã / Feito os bandos de andorinha nas frondes do ingazeiro.*

(Barros, 2010:78-79) – Trecho do poema “A VOZ DE MEU PAI”.

A ancestralidade vibra pelas imagens aquático-musicais enquanto modo barreano de compreender a vida. São incontáveis arranjos de Corpacha a todo instante tipificado a ancestralidade de Barros. Uma ancestralidade pachamâmica pelo trajeto de sua família e as incalculáveis contaminações culturais com diversas *línguas-mães* no ventre pantaneiro. Uma ancestralidade biocêntrica e cosmonômada que, pelas errâncias nanoafetuais, está a todo instante fractalizando as cercas e demais fronteiras da primeira infância para se atualizar na contemporaneidade. “Logo sinto fluir de mim / Como um veio de água saindo dos flancos de uma pedra (...) (Barros, 2010:78).” Aquática potência de vida autonomamente parida do que escapa ao en(s)imesmamento, pelo fluxo de alteridade do devir inevitavelmente co-implicado nanoafetualmente a inúmeros arranjos dos caminhos. A poética barreana se faz mestra-aprendiz nisso de saber bem que tudo tem raízes “(...) no menino selvagem que deixava crescer os cabelos / Até caídos na Estrada / Colhidos, como flor de lixeira / Na Estrada (...)”.

Estamos escutateando o saber cosmocorporal e cosmonômado pelas corpachas barreanas. Nascentes de um saber sensível e nano-afetual pela música-aquática da vida. Corpacha musical de múltiplos arranjos sempre em intenso fluxo de metamorfose. A ‘corpacha’, portanto, é fundamental nesta caminhada com Barros, vibrando com o nomadismo contemporâneo como maneira de (re)conhecer sensivelmente atualizações e (re)invenções da ancestralidade ameríndia em nossos trajetos autoformativos, fenômeno

inseparável da autonomia sensível nos princípios de uma educação que mantém vivas as sábias culturas do selvagem por uma ‘estética da errância nanoafetual’ nas pequenas ocorrências do cotidiano transbordantes de potência de vida. Uma educação cosmonômada que se afirma na libidinosa multigamia nanoafetual das corpas-trilhas.

Através do modo musical de compreender a vida e de ressonâncias epistemologicamente pachanômadas, escutateio o potencial educativo da poética barreana percebendo vibrações ameríndias em nomadismos contemporâneos. Desde a afirmação sinestésica de um saber cosmocorporal até sua ordem imperceptível, Barros vai nos permitindo sentir que a corpacha é uma concomitância de cosmocorpes musicais, aquáticos, elementares e nanoafetuais arranjudas e desarranjudas pela errância com as imprevisibilidades do instante-caminho. Há nisso, rerronâncias de tricsters cósmicos por sensibilidades nômadadas e andarilhamentos ameríndios. Tricsters cósmicos que se inseparam de água-música-alimento-dança-cura-educação-ocaso-bem-viver-gentes-elementos-hormônios-harmonias-cacofonias-poliritmias-etc-etc-etc, arranjudando-se a cada passo com algumas dessas incontáveis vibrações de maneira mais perceptível e outras tantas incapturáveis. Tudo depende das presenças convividas e (re)conhecidas no exercício do caminho. Corpachas sensivelmente juruparescas. Corpas cosmonômadas que a cada instante se apresentam com distintos arranjos de uma Corpacha musical, cosmocomunitária, biocêntrica, nano-materialmente onírica, ressonantemente mítica, microfísica e vibracional. Cada gotícula nano-afetual dessa corpacha acontece também enquanto corpacha ligada eco-cosmo-eroticamente a outras corpachas que arranjam nanoafetualmente outras tantas e as incalculáveis que compõem cada corpacha que nunca se cristaliza. Vamos caminhando enquanto inúmeras e incalculáveis em cada suposta uma. Não tem câmera nem máquina que consiga capturar. Vamos acontecendo enquanto corpachas por cosmomadismos nanoafetuais. Composições de vibrações hormonais vivas. Fractais das fronteiras vivas que vamos sendo: essas inutilidades musicais desde que vitais, libidinosas, dissonantes, cacofônicas e contaminantes da grande metamorfose nano-afetual. Essa corpacha cosmonômada não é pós-moderna, não é pós-colonial, pós-anímica ou simplesmente pré-histórica. Não se situa nas linhas, no calendário gregoriano-solar e não se dá por virtualísticas e fronteiras dicotômicas. A

corpacha é ancestral, portanto atual. Corpacha dissidente do sistema binário. Corpacha de dissidência ancestral. Caminha de línguas-mães. Basta escutar “o antigo mar de xaraés”. A corpacha afirma-se nos múltiplos en-cantamentos das escutas conviventes. Vamos sendo composições vivas em fluxo de metamorfose. Quando não há música úmida e transmutante, já não somos. O ser e o não ser se revezam a cada instante, mas para além disso, o andarilhamento continua. O andarilhamento enquanto múltiplas movimentações errantes e co-implicações nano-afetuais e cosmocorporais das culturas biocêntricas e suas sabedorias cosmonômadas. Vamos sempre vibrando assim como o “silêncio de concha” barreano. É um suposto silêncio. Pois mesmo por ele, entoamos a ancestralidade que só cosmoandarilha e se transmuta na pessoa enquanto sujeita de coletividade, jamais fixa. Pessoa enquanto arranjo comunitariamente nano-afetual, cósmico e biocêntrico. E pessoa aprendiz das plantas-mestras, das gentes-sapos, das tribos-pássaros, dos povos-minhoca, das lesmas sensoriais, dos xapiris, dos diversos povos invisíveis como os fungos, as culturas bacterianas, as nano-serpentes cósmicas, das sensações do amigo vento, das danças da chuva e de cada elementozinho atômico de (re)conhecimento desde o sonho en-sinado pelos peixes.

A água pediu passagem nesta caminhada pelas terras encharcadas do Pantanal barreano. De acordo com Manoel, as gentes desse lugar são mais relativas a águas que à terra. Mas sua poética pachamâmica se arranja nano-afetualmente com todos os elementos-hormônios e demais vibrações ressonantes em suas inúmeras imprevisibilidades, a começar pelo barro de Barros, elemento composto principalmente de água e terra. Cada grãozinho dessa terra úmida sonha mundos inteiros cosmocorporais, sempre de provisórias moldagens pela vontade de proliferá-las em fluxo de alteridade sonhada pelas imprevisibilidades da caminhada. Corpachas oníricas. Corponíricas nisto da terra, do chão e qualquer ambiência sensível acontecerem como corpachas em pulsante, vibrante, cíclico e mítico andarilhamento. ‘Corponíricas’ co-implicadas de incalculáveis corpachas por múltiplos desdobramentos. Corponíricas pelas primordialidades coletivas do sonho. Corponíricas enquanto corpachas que acontecem onde não há pretensas cisões e fixações dicotômicas. Corponíricas enquanto fenômenos cosmocorporais. Corpachas que não se cristalizam e afirmam sabedorias nano-afetualmente cosmonômadas, transpondo limites de acordo com as interações pela

convivência das escutas em cada instante em andarilhamento. Dependendo das imprevisibilidades, uma suposta mesma corpacha, pode se apresentar ora como uma avó, ora como uma avó-terra-caminho, ora como uma avó-planta-medicina, ora como uma avó-serpente, ora como filha, ora como mãe, ora como vento, ora como canto, ora como um sem fim de mulheres, ora com diferentes arranjos de elementos-hormônios ancestrais, ora entoando um sem fim de saberes vegetais ou sonhando desejos e vontades ancestralmente sonhados pelos peixes, e múltiplas possibilidades. Vamos sendo incalculáveis arranjos em cada suposta uma. Incontáveis vozes nos fazem caminhar enquanto composições vivas. Corpambiências musicais, vibracionais e nano-afetuais tão vivas e suscetíveis a transmutações que muitas vezes fractalizam os pretensos limites coloniais entre o que é chamado de “pés” e o que é chamado de “chão” de modo a não coisificá-los e percebendo os diferentes arranjos de como se apresentam na caminhada, muitas vezes como uma só composição. Uma composição viva impossível de isolar, em vida e vitalidade, o que é chamado de “corpo” e o que é chamado de “território”. Pois acontecem enquanto corpambiências vitais, portanto não cindidas. Do mesmo modo que o sonho não pode ser isolado. As primordialidades do sonho acontecem pra muito além da ideia de “indivíduo”. O sonho barreano é coletivamente pachamâmico e imprevisível pela multiplicidade de corpachas. Manoel de Barros acontece como poeta cosmocorporal. Suas personagens acontecem por cosmonomadismos. “Bernardo” acontece enquanto corpacha. “Bernardo-árvore” também. O “Xamã” barreano acontece como corpacha. O indígena de canto azul também. A árvore acontece como corpacha assim como o arvoredo também pode acontecer como corpacha. O rio acontece como corpacha assim também como uma só gota acontece como corpacha sempre de forças oníricas contaminantes. Corponíricos que en-cantam e (re)en-cantam princípios vitais. Água, terra, fogo, ar, vibrações musicais, ressonâncias míticas, redes co-implicadas de nano-serpentes-cósmicas entrelaçadas, *musgos*, *limbos*, *ferrugens*, *bestegos*, *lesmas* que lambem e gozam do chão e *cios vegetais* sonham a vida barreana principalmente pelos devaneios do sonho acordado, do sonho na errância nano-afetual dos caminhos, do sonho em andarilhamento cosmonômade. Sonho sempre primordialmente ancestral, nano-afetualmente coletivo e cosmocorporal.

O espaçotempo do sonhar barreano entoa corpachas que não são instituições fixas, muito menos fardos ou pesados apêndices dicotômicos de uma “alma”. Entoa arranjos vitais, ou seja, fenômenos não controlados, anestesiados, colocados a grau de secundários, supérfluos e marginalizados. Entoa corpachas enquanto cósmicos arranjos de intensa conectividade nano-afetual. Corpachas sábias de nano-afetualidade matrial, biocêntrica, comunitária, crepuscular, elementar-hormonal-aquatic(o)nírica, musical-mítica-vibracional, cosmocinestésica e libidinosa da metamorfose. Corpachas que escapam à consciência individual e jamais se cristalizam. Eis o saber cosmonômade!

As corpachas sônicas dos imaginários ameríndios acontecem pelas por epistemologias pachanômadas e cosmopercepções de velhos rios sempre nascentes. E um estágio nascente – seja de um bebê, seja da terra ou de Pacha – é cheio de rupturas e instabilidades, de intensa metamorfose, drásticas alterações, arranjos, desarranjos e movimentações cósmicas. Imaginemos os inícios da Terra. Imaginemos suas diversas disrupções. Imaginemos a Terra com as sabedorias de uma criança que está começando a caminhar pela órbita e a perceber tudo pela primeira vez. Agora, deixemos esse estágio nascente gerundiar. Percebamos tudo em Pacha pelas velhas culturas das infâncias da vida. “Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.” (Barros, 2007 – entrevista para o jornalista Bosco Martins). Podemos então, (re)conhecer culturas sábias dessa percepção sempre nascente?

Imaginemos com as velhas-sábias infâncias de Pacha. Com elas é possível escutatear um andarilhamento no sentido musical, errante e cosmonômade. Andarilhamento das múltiplas pulsações cardíacas da Corpacha. Andarilhamento cíclico, gerundiante e intensamente suscetível a contaminações e alterações como acontece com a música, a água e as andarilhagens da vida. As andarilhagens mais nano-afetuais. Andarilhamentos cósmicos, metamorfoseantes como o ventre dessa Grande Mãe sábia de saber fazer os (en)cantamentos que alimentam e movimentam a vida. Se há uma aventura na poética de Barros, é neste ventre sensível de Pacha que ela se dá. Uma aventura deseróica e cosmonômada.

A guata (prática do caminhar guarani) não é o que a gente vê de clichê no nomadismo. Se dá como prática de intensa relação nano-afetual com os



caminhos, com as escutas mais mínimas que arranjam os caminhos. Estes, são composições intensamente vivas inseparáveis do que neles caminham. Caminhos compostos pela (con)vivência das escutas, biocentricamente e nano-afetualmente. O andarilhamento barreano se dá na (con)vivência das escutas. Convivência escutateante, cosmocontaminatória, metamorfoseante como a música da vida. Participar deste andarilhamento é uma sabedoria cosmonômada de estarmos sujeitas às imprevisibilidades nano-afetuais, estarmos sujeitas às contaminações cósmicas com elas no ventre dessa Corpacha inevitavelmente coletiva e cacofônica, assim como toda corpacha.

A colonialidade pretende a ordem e o caminho “certo” (que é dicotomicamente contrário ao “errado”). Mas a guata guarani se movimenta por alterações do saber cosmocorporal, pelas corpas cósmicas da Pacha que vamos sendo. Corpachas nano-afetivamente compostas por territórios sensíveis. Corpambiências metamorfoseantes.

Os povos indígenas sabem que a metamorfose garante as potências vitais. Só acontece vida enquanto acontece metamorfose. E este é o encantamento contrário à morte. Um cosmo-encantamento. Porque a metamorfose é sempre nano-afetual. Vamos sendo corpambiências co-implicadas e ‘cosmóticas’. Corpachas enquanto arranjos nano-afetuais, intensamente vivos e multi-contaminados. Vamos acontecendo enquanto arranjos nano-materiais-elementares-hormonais-oníricos, microfísicos-vibracionais, ressonantemente míticos. Arranjos oniricamente musicais suscetíveis a diversos desarranjos e rearranjos. E esse andarilhamento sensivelmente ‘cosmótico’ da metamorfose faz vibrar o cosmonomadismo sempre presente na poética pachamâmica de Barros.

Se tudo que vive é composição intensamente viva jamais cristalizada, se acontecemos enquanto arranjos nano-afetuais – como é o parente rio, por exemplo, com incalculáveis gotas e uma multiplicidade de peixes, plantas, moléculas e forças oníricas partilhadas –, se assim vamos acontecendo, acontecem então intensos fluxos de transmigrações nano-afetuais. Por múltiplas ligaduras e co-implicações sensíveis muitas vezes imperceptíveis às luzes do olhar moderno, por forças oníricas e subjetivas cosmocoletivas e não antropocêntricas, por múltiplas movimentações nano-afetuais e

suas contaminações. Cosmonomadismo sábio da errância dos perceptos, na liberdade das velhas sábias infâncias de Pacha, e da intensividade das contaminações afetuais. Estas só podem acontecer priorizando os rituais da vida, passando intensamente pela vertigem estética e pelos rituais que arranjam a vida em sua fruição. Vida enquanto encantamento da libidinosa multigamia nano-afetual nos mundos cósmicos das trilhas vivas. Portanto, sem delegar esse encantamento vital a um deus virtual e seu reino etéreo instituído de maneira virtualisticamente cartoreira pela posse de um pretense “bem”, pela obsessão ocidentalocêntrica com a ordem, com o controle, com os mandamentos, com querer controlar Pacha, dissecar e separar a vida em corpos fixos, além de pretender separar a vida em tempo e espaço e querer planificar Pacha.

As ideias de “Terra Plana” ou “Terra Redonda” vibram conectadas com isso de desprezar a cosmicidade aquático-musical desta corpambiência batizada de Terra e cortar a Corpacha em duas metades: de um lado um pseudo-tempo, de outro o pretense-espaço. Um tempo pretensamente linearizado e inclusive planejado. Um espaço a ser dominado. Mas Pacha é esse espaçotempo espiralítico e crepuscular de múltiplos espaçotempos, fractalizantes e errantes como a água e a música nano-afetual de Barros. Corpacha cosmonômada como todas corpachas sempre incalculáveis, pois são construídas na ritualização nano-afetual da fruição da vida.

Na poética pachamâmica de Barros, é o rito da metamorfose que garante as potências de vida. E a vida, em sua fruição, acontece como eterno rito. A vida está sempre se ritualizando numa dança cósmica, fazendo a gente viver eras em certos instantes, como no espaçotempo-outro da música, do devaneio, do sonho. Tudo rito de metamorfose. Só acontece vida enquanto acontece metamorfose. E só a metamorfose é que atualiza a ancestralidade. Para os povos indígenas é a ancestralidade que (se) afirma (pela) metamorfose. Se poeiras cósmicas são nossas ancestrais segundo a ciência moderna. Se arranjos de estrelas, parentes-fungos, povos-peixes e tribos-pássaros são nossos ancestrais de acordo com os milenares conhecimentos indígenas, então, a ancestralidade faz acontecer a metamorfose. Tradição enquanto metamorfose e metamorfose enquanto tradição: isso é o que garante a continuidade sempre metamorfoseante das natuculturas, dispensando as cristalizações coloniais em relação a noções de tradição e ancestralidade. A tradição da metamorfose na fruição da vida se dá

enquanto contínua metamorfose da tradição, dispensando inclusive a ideia de “vanguarda”. Em metamorfose, as corpachas cosmonômadas vão se implicando nas errâncias da fruição cósmica, cinestésica, sensual, onírica e, também, imperceptível da vida. Aos mistérios gozosos, não os mistérios que devem ser revelados e destrinchados à luz da razão por uma “monocultura” hiper-iluminada, pois aí, já não seriam mais mistérios, já perderiam as forças inventivas da multiplicidade da vida. Já se fixariam e se cristalizariam.

A poética pachamâmica de Barros entoa, em suas oralidades, que é preciso nomadizar. Nomadizar no sentido de, nas interações nano-afetuais de qualquer corpambiência, permitir afetos, de simbióticos a c(a)osmóticos, entre as diferenças e fractalizando pretensas fronteiras através da metamorfose. Manoel de Barros então caminhada por descolonizações do sensível e reflorestamentos do imaginário, pois nomadiza relações, pretensas verdades, pretensos sujeitos. Cosmonomadiza inclusive a ideia de “sujeito”, de “corpo” e de “território”. As corpachas barreanas acontecem enquanto corpambiências sensivelmente cosmóticas. Corpachas de saber cosmocorporal e cosmonômade.

Corpambiências por não terem contornos precisos e linhas fixas. Há múltiplas imprecisões em cada corpambiência. O Grande Ventre pantaneiro não se compõe por “existidura de limites” (Barros, 2010:206). Até porque a vegetação do Pantanal se arranja por um cacofônico mosaico de matas, cerradões e savanas co-implicadas pela direta conectividade de outras três corpambiências: Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Há também múltiplas imprecisões, por exemplo, “entre” a corpambiência chamada hoje de Mata Atlântica (*Nhe'ēry*; no guarani) e a corpambiência Serrado. Caminhando lenta e levemente em Corpacha, o “entre” não é muito praticável, pois a vida acontece de maneira intensa pela convivência das escutas. Nesse pretense “entre” ou nessa tal “fronteira”, insetos que supostamente teriam como habitat cada específica região comungam do mesmo cosmos. Sem contar as diversas gentes e nano-gentes migratórias do ar, da água, da terra e do fogo. Este mesmo fenômeno acontece também nisso de diversas corpaldeias semearem matrimônios sempre com primos cruzados de povos vizinhos. Povos vizinhos onde cada pessoa acontece como arranjo nano-afetualmente biocêntrico (não antropocêntrico), cosmocoletivo e ancestral. Cada

pessoa acontece como composição cosmocorporal viva intensamente ritualizada. Com a poética barreana, então podemos imaginar uma Corpacha co-implicada de múltiplas corpachas também co-implicadas de múltiplas corpachas num desdobramento sem fim. Para além da ideia de “fronteira” – essa ficção virtualística que tece a realidade geopolítica e corporal de forma colonial e macro-fixa –, encontre-se uma multiplicidade de arranjos nano-afetuais das diferenças. Isso subverte esse pretense “entre” fixo “entre” macroorganismos ou o “entre” das dicotomias do “sujeito-objeto”, “corpo-paisagem” e do “fora-dentro”. Cosmopercepções arranjadas nanoafetualmente afirmam corpachas como corpambiências cósmicas e cosmonômadadas, enquanto a noção eurocêntrica de “corpo” o entende como uma unidade envolvida pela pele. Só que para além da pele ser microporosa e se metamorfosear molecularmente a todo instante, ela e a corpacha batizada como “corpo humano” acontecem como arranjos nano-afetuais co-implicados de incalculáveis corpachas, experiências de corpachas e experiências da corpacha em questão. Sempre experiências incontornavelmente de múltiplas corpachas (conscientemente ou não). Afirmando suas composições multiplamente nano-afetuais, corpachas são mais do que aglutinações microfísicas. Também mais do que corpos estendidas, pois acontecem como composições vivas de uma multiplicidade de nano-afetualidades que garantem as pulsações vitais. Corpachas acontecem como composições vivas da multigamia nano-afetual capaz de fractalizar qualquer fronteira. Assim vamos andarilhando enquanto errantes fractais de fronteiras vivas.

Os andarilhamentos cósmicos da corpacha barreana estão muito conectados com isso de “não haver limite entre o que se é e onde se pisa” (expressão entoada por diversas vozes do pensamento indíndigina). E isso se dá de modo que Barros pense Pacha para além do que a colonialidade entende como chão. Afinal de contas, somos acontecimentos de Pacha. Vamos acontecendo como distintas e múltiplas corpachas de Corpacha. A Corpacha é nossa carne tanto ancestral, como a carne do amanhã. Carne vibracional e ressonante. Se a Terra é o nosso porvir, é apenas porque não existe exterioridade. Tudo acontece co-implicadamente com tudo nessa música da vida. Tudo já é Corpacha. Na poética pachamâmica de Barros não é estruturante uma existência do fora e a dicotomia fora-dentro. Não há como se separar um “futuro”, pois não tem como ele acontecer “fora” de um “presente”. “O que vai acontecer já está acontecendo”

(Laura Berbert). Tudo gerundiando musicalmente vibrações e ressonâncias por arranjos nano-afetuais. Como separar do elemento-hormônio ar o que o pensamento colonial chama de pulmão, de biosfera, de árvore, de saúde, de saber, de presente, de futuro?’

“O futuro é ancestral” e a corpacha é a corpa do futuro, mas não por conta de seu tamanho. Não por uma macrovisão apressada, nem por uma microvisão hiper-iluminada e sem en-canto. Mas por incalculáveis arranjos nano-afetuais. É afirmando a imprevisibilidade nano-afetual que acontece *o vidente* barreano e outras imagens ressonantes de Barros, como a dos profetas que nascem de uma linguagem de rãs, o canto azul do guató, a intuição onírica e nano-material e todo oráculo estético-vibracional das culturas xamânicas.

O futuro é a pele do planeta, que não para de transformá-la: ele é o casulo de sua metamorfose. A Terra é o corpo do futuro, mas devido ao seu tamanho. **O futuro nunca é algo grande, imenso;** ele não é um meteoro que ameace destruir a massa do planeta. O future pertence à Terra como algo menor que o menor de seus habitantes. O porvir está mais próximo da maneira como os vírus vivem do que dos humanos ou seus monumentos. **O porvir é absolutamente microscópico. O porvir é apenas aquele que pode ver a vida na mais ínfima porção de matéria. Um vírus, poderíamos dizer com certa simplificação, é como o mecanismo químico, material, dinâmico de desenvolvimento e reprodução de todos os seres vivos, mas existente fora da estrutura celular, sob uma forma mais anárquica, mais livre.** Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, flutuando – a pura potência de metamorfose. Eis o que é o porvir, uma força de desenvolvimento e reprodução da vida que não nos pertence, que não é propriedade exclusiva de um indivíduo, nem mesmo comum e partilhada, mas sim uma potência flutuante na superfície de todos os outros corpos. Precisamente porque ela é livre, essa força circula de corpo em corpo. Ela está ao dispor de todos, suscetível de ser apropriada por cada um dentre eles. **Mas, assim como apropriar-se de um vírus significa contaminação, transmutação, metamorfose, transformação, apropriar-se do future significa exposição a uma mudança irreparável.**

**O futuro é a pura força de metamorfose, capaz de existir não apenas como uma tendência de um corpo individual, mas como um corpo autônomo, como o pólen que voa no ar: um recurso infinitamente apropriado. O porvir é o fato da vida e sua força estarem em todo lugar e não poderem pertencer a nenhum dentre nós, nem enquanto nação, nem enquanto espécie. O porvir é uma doença que obriga os indivíduos e as populações a se transformarem. Uma doença que nos impede de pensar nossa identidade como algo estável, definitivo, real.**

O porvir, afinal de contas, é a doença da eternidade – um rumor somente dela. Mais benigno. O único que nos faz feliz.

Não temos que nos proteger dessa doença. Não precisamos de vacina contra o vírus do tempo. Inútil. Nossa carne nunca deixará de mudar. Devemos ficar doentes, muito doentes. Sem ter medo de morrer. Nós somos o futuro. Nós vivemos depressa. Nós morreremos com frequência. (Coccia, 2021:208-210 – Metamorfoses) – grifos meus.

Nos rumores de útero que muito repercutem a poética pachamâmica de Barros e em suas cosmopercepções fontanas contraídas por contaminações nano-afetuais, principalmente aquático-musicais, o espaçotempo-corpacha é um acontecimento cósmico que não dispensa suas instâncias nano-afetuais. Muitas vezes, não existe solo, ou pelo menos não é de maneira isolada que o solo se apresenta. Afinal de conchas, “não há limite entre o que se é e onde se pisa”. Dependendo das imprevisibilidades nano-afetuais dos caminhos, não existe solo. Existe muito mais. Tudo pelo acontecimento da multiplicidade de fluxos vitais. O “solo” de um é sempre a vida de outres. E é enquanto particulazinha do solo de outres que temos uma potência de agir e vice-versa. E na educação ameríndia de Barros, ocorre o mesmo: múltiplas interações nano-afetuais que dão fluxos a potências e proliferam pulsações vitais por saberes cosmonômades de sensibilidades c(a)osmóticas.

No exercício do caminho, tudo muda a cada instante. *Todo cambia en Corpacha* porque o caminho se dá enquanto arranjo intensivamente cosmocoletivo. Um caminho acontece como arranjo de incontáveis escutazinhas conviventes, muito vivas e cosmóticas. Então o caminho acontece muito vivo e suscetível a metamorfoses a cada passo. Metamorfoses que inseparam os poros do pés, os poros da terra e os poros de

tudo que escutateia e sonha. É por en-canto cósmico que os caminhos e os trajetos cosmocoletivos compõem pessoas.

Para minha ancestralidade guarani, vamos sendo distintas expressões da Mãe Terra. O mesmo ocorre na poética pachamâmica de Barros, em que cada pessoa acontece como uma composição cosmocomunitária, uma composição intensamente viva que a todo instante está vibrando por arranjos, desarranjos e rearranjos desantropocentricamente cosmocomunitários, em errâncias sensíveis e nanoafetuais. As pessoas ocorrem musicalmente. Cada uma apresenta um jeito de respirar, um ritmo de caminhar, sentir, pensar, uma maneira de fazer o gesto dançar, uma tessitura vocal diferente, no alcance, no timbre, na intensidade, no volume, nas direções melódicas da fala, tudo perceptível na oralidade e nas escutas, e tudo a todo instante suscetível a metamorfoses de acordo com as imprevisibilidades nas trilhas vivas do andarilhamento. As pessoas vão acontecendo enquanto composições vivas de línguas-mães. Línguas de gentes das águas, do vento, do ar, do fogo, do visível e do invisível oniricamente nano-afetual. Línguas plurais. línguas-pacha dos arranjos múltiplos que nos fazem acontecer a c o n t e c e n d o na caminhada da vida. Corpacha sônica em metamorfose de acordo com cada lua, cada período da vida, cada errância nanoafetual, cada interaçãozinha sensível, cada cosmoafetiva e caminho inventado que vai se tecendo nas artesanias dos afetos. Somos acontecimentos vivos e inclassificáveis como a *umbauí* (flauta guarani de bambú) e as incalculáveis flautas cósmicas de Barros. E ao longo da vida a gente vai deixando essa flauta arranjar(-se por) caminhos sonoros, realizar fluxos, se cacofonizar com as trilhas e suas múltiplas entonaçõzinhas. Vamos, então, afinando essas flautas cósmicas que vamos sendo. Uma flauta sempre sensivelmente cosmonômada. Flauta enquanto corpa. Corpacha sônica. Cosmocorpa composta de incalculáveis e múltiplas escutas nanoafetuais em cada instante da caminhada. Cosmocorpa composta inclusive das escutas e entonações de sua avó e de sua parentada toda, de parentas plantas, gentes voadoras, gentes mais velhas, antigas corpas e anticorpas nano-afetuais para que as pulsações vitais e suas ressonâncias ganhem passagem. Cosmocorpa composta pelas entonações ancestrais. Uma corpa ancestral, como a corpa aquática de uma velha nascente. Cada gota ou poro guarda um sem fim de escutas e entonações convidadas. É na convivência dessas escutas – essas escutas

cosmocomunitárias jamais num sentido antropocêntrico, mas nanoafetuais – que as corpachas vão se compondo, vibrando a vida, buscando escutateá-la sensivelmente. Escutatear com as incalculáveis escutazinhas dos caminhos. Escutatear pela errância nanoafetual dessas escutas que se apresentam na caminhada. Escutatear sem nenhuma pretensa separação entre as escutas de tudo que é vibração musical, ressonância mítica, onirismo comunitariamente elementar-hormonal e sonhos biocêntricos. Escutatear sem tentar pretensamente separar as escutas e as imprevisibilidades da caminhada. E assim, a corpacha também acontece enquanto caminho vivo. Uma corpa-trilha. Música viva em andarilhamento cósmico, sempre inacabada e inseparável da caminhada. Inseparável das escutas conviventes da caminhada. Escutas sábias de inseparabilidades. Escutas cosmonômadas e sensivelmente cosmóticas com tudo que vibra a vida. E assim, nessas inevitáveis cacofonias, na grande música coletiva que a vida vai sendo – essa música que não tem como a gente se ejectar dela, ou seja, subvertendo a ideia do fora-dentro e demais dicotomias –, música polifônica ora cacofônica, ora dissonante, muito polirrítmica de incontáveis pulsações, passo a passo, com as mínimas escutas afetuais, vamos a todo instante acontecendo enquanto prática de sensíveis cosmozes, garantindo com as transmutações dessas escutas as pulsações vitais da caminhada.

Assim, corpachas se apresentam em cada instante das trilhas vividas por entonações e arranjos muito diferentes, impossíveis de medir. Acontecemos por inúmeras em cada suposta uma. Cada pretensa si se manifesta como múltiplos e incalculáveis arranjos cósmicos. Arranjos nanoafetivos vibrantes de vida e impossíveis de serem classificados, organizados, ordenados e fixados, a não ser que deixem de vibrar a vida. Corpachas para além da ideia de sujeito-fixo ou de corpos controlados por uma pretensa essência fixa. A voz da corpacha é múltipla por se compor de incalculáveis vozes de um saber cosmonômado por sensibilidade cosmótica.



### 3. A EDUCAÇÃO COSMONÔMADA DA CORPACHA BARREANA

Até aqui, caminhamos (re)conhecendo como acontecem os vivos arranjos cosmocorporais da corpacha barreana para além do que a colonialidade entende e fixa quando grafa a palavra “corpo”. E com multiplas oralidades das línguas-mães barreanas pudemos escutatear corpambiências que vão acontecendo para além da ideia de um “corpo estendido” ou de uma essência que se expande, ou de um sujeito que é diluído, ou de uma corporeidade transcendental, ou de uma corporalidade imanente, para além da dicotomia transcendência-imanência que não compõem as epistemologias indígenas. Corpambiências enquanto arranjos nano-afetuais intensamente vivos que ganham passagem através do imaginário composto por tudo que vive. Imaginário biocêntrico não apenas pela escuta das poucas gentes que são classificadas como humanas na cultura eurocêntrica, mas imaginário biocêntrico e nano-afetual desde as escutas de todas as gentes do ar, da água, da terra, do fogo, da madeira, compreendido assim por epistemologias pachanômadas. As pulsações vitais das natuculturas de Pacha se proliferam por imaginários que inventam a vida como os elementos-hormônios. Se proliferam pelo mínimo oniricamente afetual. Cada elementozinho é já um arranjo de diversos outros que, assim como eles, sonha selvas inteiras. O mesmo ocorre com o onirismo molecular das vibrações e das nano-serpentes cósmicas (DNA), todos estes velhos conhecidos das mirações de Abya Yala. Então Corpacha acontece por cosmopercepções nano-afetuais. Pelo mínimo que vai sonhando, arranjando, desarranjando e (re)arranjando tudo a cada instante. Corpachas enquanto arranjos nano-afetuais para além de sujeitos ou corpos expandidos. Corpachas de Anticorpos e arranjos de anticorpos pachamâmicos para além de corpos fixos. Só que anticorpos que não praticam extermínio, dialogando por en-cantos com as diferenças em seus fluxos nano-afetuais que se dão nas instâncias cósmicas da vida e compõem as corpachas de Corpacha, afirmando-se nas sensibilidades cosmonômadas. Corpachas que vão se entoando na instância sensível da vida, pela multigamia nano-afetual do ventre de Pacha e não pela relação entre pretensos sujeitos ou objetos. Corpachas de multiplicidade

cósmica, portanto por compreensão não-dicotômica. Multiplicidade de pulsações vitais. A poética pachamâmica de Barros e as cosmopercepções pindorâmicas participam da tecelagem do real afirmando essa multiplicidade nano-afetual. Tudo por epistemologias pachanômadas tão cosmocoletivas que, à priori, não assinam embaixo, não se fixam na ideia de sujeito, não atuam com a ideia de uma autoria individual, não atuam com o fundamentalismo criacionista, pois tudo vai sendo criado por tudo nos territórios sensíveis da vida, estas tantas corpambiências. Por isso, a importância da instância sensível, estética e cinestésica da vida na fruição cósmica.

Muito se fala em caminhos decoloniais para a educação. Toda uma composição de potentes entendimentos sobre os processos de colonização e de(s)colonização que pode nos auxiliar pelos caminhos da educação. É possível que processos de educação participem co-implicadamente de uma de(s)colonização do imaginário no sentido de reflorestar o sensível. Mas então, assim como as epistemologias pachanômadas, permitir escutar as sensibilidades e deixá-las falar, entoar, vibrar nas movimentações de fluxos vitais. O en-cantamento pachamâmico começa a ser afirmado a partir disso. Deixar fluir cosmopercepções ameríndias como faz a poética pachamâmica de Barros. Essa educação só acontece nisso de compor possibilidades decoloniais que compreendam pensamento jamais como algo dicotômico a sentimento, mas pensamento como algo que se dá justamente no sensível. E sensível aqui jamais como algo exclusivamente do “emotivo”, pois aí estaríamos na despótica dicotomia razão-emoção. Mas sensível pela potência cósmica e fruidora das incalculáveis pulsações vitais do ventre de Corpacha. Uma educação tytypensante no andarilhamento polirrítmico da caminhada autoformativa. Convivência de escutas desentropicamente nano-afetuais que, de acordo com as epistemologias pachanômadas, compreenda o imaginário enquanto composição não apenas ancestral, não apenas ancestralmente humana, mas imaginário também enquanto composição sensivelmente nano-afetual e cosmocorporal. As sabedorias cosmocorporais e cosmonômadas são a ancestralidade viva em andarilhamento e autoformação pela matrialidade cósmica, portanto matrialidade múltipla, nano-afetual e não-binária. Afirmando corpachas, é possível uma sensibilidade de fato afirmativa e potente de natuculturas, dando passagem a elas de modo a permitir en-cantamentos com as trilhas de uma educação matrialmente cosmocorporal e

cosmonômada.

Deixar, portanto, os fungos pensarem (n)a gente seja por termos visivelmente comido eles ou por eles viverem invisivelmente debaixo da terra numa imensa rede comunitária por arrojada tecnologia de comunicação cósmica e assim fazerem parte do inventar florestas e comporem as corpachas das corpachas que vamos sendo. Deixar o vento pensar (n)a gente. Permitir o imaginário dos elementos-hormônios da vida e dos arranjos nano-afetuais dos caminhos metabolizarem o tytypensar. (Re)conhecer sensivelmente instâncias cósmicas das corpachas e dos demais arranjos nano-afetuais que sonham toda a vida e faz acontecer o tytypensar. Esse tytypensar composto no andarilhamento cósmico das pulsações vitais. Aí vibra o en-cantamento cosmonômade.

Então, o pâncreas ou as águas podem tytypensar. Mas se for o coração que vai tytypensar, permiti-lo tytypensar desde que isso não seja capturado por uma ideia exclusivamente de emoção ou por um lugar central/essencializador da corpacha. Mas pela sensibilidade musical da convivência das escutas, do caminhar co-implicadamente. O andarilhamento é cósmico, portanto compartilhado. Essa capacidade nano-afetual e cosmocorporal da guata faz o coração pulsar pensamento biocentricamente cosmocomunitário. O saber cosmocorporal e cosmonômade só é possível sem o pensamento objetivista, utilitarista, heróico, salvacionista, ou seja, sem pretender iluminação de uma pretensa razão ou evolução espiritual. Enquanto isso, a possibilidade de completude da pessoa em *guata* acontece no *arandu*, essa prática filosófica guarani de caminhar sentindo/seguindo/(re)conhecendo nossa sombra (Carlos Papá). A mesma fértil sombra das árvores frondosas que nos faz arranjo vivo da floresta. *Arandu* é a prática de sentir a sombra da caminhada. E, de acordo com Luã Apyká, *arandu* também é sinônimo de “memória ancestral”. A poética pachamâmica de Barros andarilha por uma cosmicidade de sensibilidade crepuscular que não dicotomiza, não se estrutura por opostos e não pretende eliminar a diferença. Uma cosmicidade crepuscular que crepuscula múltiplos sentidos na caminhada da autoformação sensível. Uma autoformação (do) sensível, nestes termos, já seria decolonial, pois acontece para além das heróicas anestésias e exterminações. Ela acontece nisso de (re)conhecer a memória de sensibilidade cósmica e deixar nossos passos movimentarem fluxos vitais.

A virtualística permite que muitas vezes a gente mate de “longe” – pela ficção

de um longe –, mas de uma maneira muito pragmaticamente conectada, ainda que invisível, pois permite que a gente mate as corpambiências e diversas gentes na mesa do café da manhã, com a arma das mercadorias que se consome enquanto se aponta pro presidente facista ou demais presidentes eleitos pela política transcendentalmente representativa, como se eles fossem um mal ou um bem. Um suposto mal distante de nossos passos diários. A moralidade de um mal e de um bem que estariam operando “por trás” do que se elege ou do que se vê. E ao mesmo espaçotempo, um suposto mal que só está dando o que a “monocultura” colonial coloca na mesa do consumo. Uma mesa não apenas venenosa, mas uma mesa extratora das pulsações vitais de incontáveis corpambiências. Não uma mesa em festa por proliferação da multigamia nanoafetual que faz a vida acontecer. “Festa” aqui, pelo entendimento fenomenológico de acontecimento e/ou rito.

Conectada com o pensamento nietzscheano e a *genealogia da moral para além do bem e do mal*, a poética barreana leva muito a sério uma festa assim como os povos indígenas. Peabiru também é um caminho ancestral de muita festa, festa mesmo celebrativa, de alegria enquanto sinônimo de saúde e bem viver. Peabiru de festejos além de múltiplas outras comunicações cósmicas. Mas isso do mundo não-indígena fazer o que chama de festa em grupo social, não necessariamente acontece como prática afirmativamente comunitária e cósmica, pelo menos de acordo com as cosmopercepções pachamâmicas. Pois festa se dá enquanto acontecimento ritualisticamente nano-afetual, ou seja, encantado de maneira diferente da concepção de “corpo” limitado por um contorno, fixado, cristalizado e objetificado. Corpo como recurso. Recurso de uma alma, recurso de um a religião, recurso de um Deus patriarcal, recurso de um Estado, de uma empresa, recurso do produtivismo, recurso da capitalização do si, recurso de uma política de morte virtualística e excessivamente transcendental. A corpacha, a priori, acontece enquanto ventre encantado de festa. A corpacha barreana pede passagem pela festa enquanto ritual cósmico, acontecimento nano-afetual. A corpacha acontece para além de uma macro-unidade. Pode acontecer como fenômeno tanto incalculavelmente maior como infinitamente menor e inclusive sem tamanho ou *existidura de limites* (Barros). Corpacha acontece pragmaticamente como encantada composição cosmocomunitária, portanto, para afirmar esse acontecimento cosmonômade e dar

passagem a ele, não há como priorizar a vida de indivíduo, priorizar-se como pretendo indivíduo dono de um corpo que vive numa sociedade. Por isso também que não há a pretensão de ser dono de corpos e indivíduos. Individualismo que não tem como afirmar os arranjos nano-afetuais que inseparam tudo, e que acaba por não conseguir perceber as múltiplas *linhas abissais* (Boaventura de Sousa Santos) que atravessam corpachas sempre marginalizadas, muito por não movimentar a sensibilidade pelas múltiplas epistemologias e maneiras de (re)conhecer a vida, silenciando-as. A multiplicidade da vida e a alteridade são silenciadas pelo pensamento dicotômico ou binário, priorizando-se como pretendo indivíduo em sociedade, pelas ideias de “sujeito-objeto”, “indivíduo-sociedade”, pela economia do si, pelo en-si-mesmamento, ou seja, por essa fixação com o si, de estar se ocupando primeiro com um si e depois com uma tal comunidade. Ficção colonial capitalizadora e extrativista, que pensa tudo como recurso, inclusive pessoas como recursos humanos. Ficção colonial que faz pessoas não (re)conhecerem as instâncias cósmicas e as múltiplas nano-afetualidades que arranjam corpachas. Uma ficção colonial binária e patriarcal.

Para além do julgamento do Bispo, do Padre, do Pastor, do Guru, do Cânone, do Estado, do privado, da culpa, do pecado, do mérito, das ficções coloniais do bem e do mal, que geram também a despotente cultura do policiamento político-social, o conservadorismo tanto mais à direita como mais à esquerda também fabrica o sufocamento do mundo do ponto de vista *ecológico-atmosférico* (Viveiros de Castro; *Metafísicas Canibais*). Ecologia atmosférica distante, romântica e virtualística. Basta tomar o suco do “bem” e pronto. Basta postar ideias salvadoras e pronto. Basta dizer “amo a floresta”, “amo você” e pronto. Só que o amor não basta. O amor, assim entendido no modo iluminista catequético e colonial, não basta. O amor também está sempre contaminado de despotentes arranjos. O amor pode quase sempre estar camuflando extrações de fluxos vitais como quem busca represá-lo, domesticá-lo, fixá-lo, construindo uma barragem e colocando uma escada ao lado, de suas águas até o topo da barragem, na pretensa ficção de que a piracema poderia acontecer em plenitude, esquecendo-se ou fazendo vistas grossas ao fato de que peixes até podem conseguir subir escadas, pois são sonhadores ancestrais das movimentações mais impensáveis, mas ao tentarem subir em inevitável cardume, ficam vulnerabilizados diante dos bandos

de aves predadoras que passam a vê-los aos montes como ração saltitante e estressada, obviamente assim imposta por uma certa humanidade extrativista. Bloqueadora e extratora das nascentes vitais. Mas o amor barreano acontece como fenômeno nano-afetual, cosmonômade e coasmótico. Amor enquanto constante metamorfose por pulsações na direta fruição do *mboray*. O amor guarani por cosmopercepções sensíveis a sua qualidade diretamente vital no sentido cósmico, vibracional, musical, ressonante, biocêntrico e de libidinosidade ecologicamente nano-afetual. Amor pelas práticas de liberdade das múltiplas escutazinhas. Só elas é que podem agenciar de fato múltiplos cuidados.

Diversas retomadas dos territórios sensíveis que são as corpachas pedem passagem, afirmando corpambiências de sábias sensibilidades cosmocorporais e cosmonômadas. Vozes ancestrais entoam em nós cosmopercepções pindorâmicas enquanto caminhamos com a poética barreana. Poética pachamâmica de cosmicidade nano-afetual que acontece por diversas instâncias cósmicas.

O neoliberalismo só pode acontecer porque, além de se agenciar na virtualística, é também agenciado microfisicamente. Mantemos aparelhos “celulares” no bolso. Com seus apps, trabalhamos de graça para os bancos, pois algo molecular opera imperceptivelmente pegando carona nas virtualísticas. As virtualísticas da monocultura ocorrem por incontáveis e estéreis arranjos que vão se sedimentando na vida social, desde a ideia de essência, alma etérea ou energia transcendental que, de maneira muitas vezes imperceptível, vai ditando um *modus operandi* ao imaginário, gerando hormônios-virtuais mecanizados por um processamento de dados invisível, imperceptíveis capitalizadores dos afetos, conquistadores nano-afetivos, logo bloqueadores da vitalidade dos afetos. Extratores de suas nascentes primordiais. O pensamento pode ocorrer da mesma maneira, pois opera por múltiplas contaminações invisíveis. Ao escutar o pensamento trazido por alguém, podemos já até passar a falar algumas palavras que antes não contaminavam nosso vocabulário. O pensamento acontece de maneira tão múltipla e cósmica como nas cosmopercepções ameríndias afirmadoras deste fenômeno. Entretanto, a colonialidade dificulta o *atraso de nascença* de Barros, acelera o *tempo dos caracóis* barreanos, impondo um ritmo e um *modus operandi* excessivamente virtual onde sonhar as matérias da vida já vai ficando mais

raro. Ler um texto, então, já pode fazer a gente falar muito rapidamente arranjades da voz do autor, como se fosse possível cosmonadismos vitais de maneira tão apressadamente virtualística. As pulsações de vida de um livro dependem de como acontece essa experiência estética que, em diversas instâncias, insepara a escrita da escuta. Aí está uma das múltiplas possibilidades do saber cosmonômade. As redes sociais e as navegações virtuais se arranjam por ressonâncias nômadadas, mas por mais potentes que possam ser em certas instâncias, fazem a gente trabalhar para os patrocinadores delas de graça. Patrocinadores da posse. Posse até mesmo de conhecimento. Patrocinadores da posse, dos patronos, da pátria e de tudo que querem controlar e capitalizar, impondo sua ordem e desejo fixo de organização. Desejo dicotômico, cartesiano, frio e duro como a arquitetura quase igual de cárceres, hospitais, escolas e universidades. Mas em toda construção acontecem fissuras que podem ocorrer contaminadas de arranjos nanoafetuais.

Nesse sentido é que a poética pachamâmica de barros andarilha por múltiplos en-sinamentos nisso de, no trajeto autoformativo, percebermos a diferença da micropolítica para uma cosmopolítica nanoafetual. Enquanto a micropolítica, por exemplo, consegue penetrar e fissurar certas estruturas fixas – inclusive estruturas macropolíticas – e promover, quem sabe, arranjos nanoafetuais, a cósmica artesanaria nanoafetual do sensível é capaz de contaminar as forças microfísicas e nano-afetivas do neoliberalismo, do iluminismo catequético e da colonialidade de modo geral. Porque arranjos nanoafetuais, incalculáveis, imprevisíveis e errantes e metamorfoseantes que são – ou seja, cosmonômades – atuam no campo nano-afetualmente onírico e produzem o encantamento da vida. E não tem nada que permaneça inabalável ou cristalizado ao se contaminar de deseróicas en-cantarias cosmonômadas.

Então, micropolítica e educação nanoafetual, em reciprocidade, podem movimentar fluxos vitais através de trajetos autoformativos que não ignorem as diversas instâncias de cosmicidade da vida e do conhecimento. Presenteísmo de instâncias nanoafetuais sempre cosmocorporalmente matriais da corpacha barreana e demais corpambiências:

1. Cosmicidade não-binária pela multiplicidade da vida e da metamorfose;
2. Cosmicidade por en-cantamento musical-vibracional-mítica-ressonante;

3. Cosmicidade por en-cantamento elementar-hormonal e nano-material;
4. Cosmicidade onírica tendo o sonho enquanto matéria de vida;
5. Cosmicidade de sensibilidade crepuscular e lunar;
6. Cosmicidade cosmocomunitariamente biocêntrica;
7. Cosmicidade das velhas sábias infâncias da vida; das velhas águas sempre nascentes;
8. Cosmicidade das oralidades e das línguas-mães;
9. Cosmicidade estética, cosmocinestésica, eco-sensual e micro-libidinosa da multigamia nano-afetual na fruição da vida;
10. Cosmicidade do saber cosmocorporal e cosmonômade;
11. Cosmicidade de sensibilidade cosmótica;
12. Entre outras diversas instâncias de cosmicidade matrial e nano-afetual sempre co-implicadas.

Instâncias de cosmicidade afirmadas por imaginários e cosmopercepções ameríndias, bem como por epistemologias pachanômadas. Instâncias de cosmicidade arranadoras de corpachas enquanto corpambiências. Instâncias de uma composição-mãe inventora de errantes corpachas enquanto composições vivas. Instâncias oníricas e nano-afetuais tecelãs das trilhas convividas. Instâncias de artesanaria cósmica nos andarilhamentos das múltiplas pulsações vitais. Tudo em (re)inícios de nossas lembranças. (Re)conhecimentos possíveis pelas forças cosmocomunitariamente oníricas. Numa educação do (re)conhecer. Escutar para lembrar do que já sabemos. Escutar para lembrar. Por essas e outras que a convivência das escutas pede passagem na poética pachamâmica de Barros. Nela, não se dá nomes, mas se escutateia seus arranjos vivos que fazem, junto com as interações afetuais, vibrar nomes. Uma convivência en-cantante pela dança de sensibilidade cósmica da vida. Uma convivência de múltiplas escutas nano-afetuais que não se estrutura pelas ideias antropocêntricas e iluministas de “transmissão” e “iluminação” de outres ou de si. Estamos sempre nomadizando relações no (re)conhecer, pois vamos acontecendo enquanto velhas-nascentes de pulsações vitais. Velhas águas sempre nascentes. Corpachas acontecem enquanto sábias nascentes arrançadas por velhas aprendizes, por múltiplas



contaminações das *escolas vivas* dos caminhos. Nas *escolas vivas* que são florestas, assim inicialmente chamadas pelo povo Huni Kuin à beira do Rio Jordão no Acre. Escolas vivas de mirações e devaneios pelos ocasos da Grande Mãe da poética pachamâmica de Barros. Sonhos da matéria cosmonômada da vida. Onirismo corpambiental.

A corpacha barreana vai acontecendo enquanto corpambiência. Corpambiência no sentido desantropocêntrico. Corpambiência no sentido de perceber floresta enquanto corpa, rio como gente e pessoa como ambiência. Corpambiência-floresta, corpambiência-rio, corpambiência-pessoa. Corpambiência da música enquanto ambiência e da pessoa enquanto música. Corpambiência nano-afetual e cósmica. Corpambiência-abelha, corpambiência-enxame. Corpambiência-flor-pólen-abelha-enxame-arbusto-zum-zum-zum. Corpambiência-orelha picada. Corpambiência-transmutação-da-abelha-na-vida-da-pessoa-picada. Corpambiência mel-língua-doce. Cada arranjo de apresentação depende do andarilhamento nas imprevisibilidades do instante. Cosmonômada, a corpacha acontece enquanto corpambiência arranjada de múltiplas corpambiências. Corpachas de múltiplas corpachas. Há aquelas pessoas ambientalistas especializadas nas questões da natureza. Mas as gentes do ar, da água, da terra, do fogo, da madeira e as gentes das mais diversas natuculturas, são corpambientalistas assim como a poética pachamâmica de Barros. Corpambientalistas proliferadoras das mais diversas corpachas e suas culturas cosmocorporais. No contato com as corpachas barreanas, temos a oportunidade de andarilhar com autonomia de sensibilidade cósmica por múltiplas aprendizagens nano-afetuais. Convivência de escutas pela multigamia nano-afetual que nos en-sina nos cosmonomadismos do trajeto autoformativo em Corpacha. Escutateante multigamia nano-afetual de múltiplas e errantes aprendizagens de corpachas que dispensam o cânone imposto pelas dicotomias professor-aluno, guru-discípulo, evoluído-não evoluído, iluminado-não iluminado (*alumini*; aluno) e as ideias de controle e de posse que vibram destas binariedades, inclusive posse de conhecimento. Corpachas enquanto sábias-nascentes-velhas-aprendizes de uma educação cósmica pelos nomadismos da inevitável cacofonia que a vida vai sendo. A poética pachamâmica de Barros vibra a

Corpacha (com inicial maiúscula) enquanto corpa cósmica dessa Grande Mãe chamada Pacha, e corpacha (com inicial minúscula) também enquanto cada corpa cósmica das múltiplas e incalculáveis corpachas que arranjam e são arranjadas co-implicadamente por Corpacha. Corpachas pelos trajetos autoformativos do saber cosmocorporal e cosmonômade.

*Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.*  
(Barros, 2010:353).

Trajetos ancestrais assim en-sinam sem pretender separação entre os pés e onde se pisa, pois pedem passagem à convivência de múltiplas escutas. “Eu queria mesmo que minhas palavras fizessem parte do chão como os lagartos fazem. Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as origens da terra”. Assim a poética pachamâmica de Barros evoca a *boacé uchô*, que para o povo Puri aqui da Serra da Mantiqueira significa “a palavra está na terra”. Terra (*ywy*) irmã da água, composta por ela (*yy*), que compõem *Ywyrupá* (úmido leito da terra). O chão sonha o sonho de tudo que nele sonha. Sonho sempre coletivo ocorrido por incontáveis arranjos nano-afetuais que permitem corpachas multiplicarem escutas enquanto o andarilhamento en-canta. E nessas errantes mirações, as escutas também multiplicam pulsações vitais através de sensíveis metamorfoses nessa educação barreana. O chão encharcado não é de Barros, mas sim a vida de uma multiplicidade nano-afetual. Enquanto composição afetual da convivência das escutas é que ocorre a en-cantaria de sonhar a vida.

O afeto se dá no sensível onde acontece a corpacha afirmadora da sensibilidade nano-afetualmente cosmótica pelo saber cosmocorporal e cosmonômade. Também sabemos que a colonialidade é pandêmica por extrair vitalidade do afeto e isolar fluxos vitais e a multiplicidade de pulsações corpachamâmicas. Nesse contexto, Manoel de

Barros inventa a vida e prolifera nascentes vitais por estética de errância nano-afetual. Nano-afetualidade que entoa, arranja e multiplica corpachas en-cantadas. Enquanto a colonialidade fabrica assépticos zumbis, Barros compõem “lobisomens que se fedem”. ‘Cheirouvir’ a poética barreana é cosmonomadismo que pode dar em miraço, mas miraço sem salvação, apenas *bem viver* - viver em plenitude - de um saber que sabe o sabor da diferença entre afetualidade e colonialidade. Não como opostos. Mas afetualidade como oportunidade de produção de vida e colonialidade como fabricação de produtivismo. Enquanto a afetualidade pode buscar fazer cosmodiplomacias nanoafetuais para com os arranjos coloniais, estes buscam eliminá-las. Mas isso não é tarefa fácil. Diante de todos os planos de extermínio, a corpacha ainda en-canta com as forças da ancestralidade. Esta vive no aquiagora dos andarilhamentos cósmicos.

Nisso de irmos acontecendo enquanto tantas em cada suposta uma, a ideia de pessoa é estruturante para as epistemologias indígenas. Mas nelas a pessoa é múltipla desde ser uma composição ancestral de uma infinidade de nano-afetualidades e de uma infinidade de outras pessoas – pessoas aqui pra além do aspecto antropocêntrico, mas de gentes do ar, do fogo, da água, da terra, da madeira. Pessoa enquanto composição viva que permite cada suposta uma arranjar diferentes pessoas da “pessoa” a cada instante, ou melhor dizendo, comunidapessoa de incalculáveis arranjos de vibrações vitais.

Essa sensibilidade juruparesca, djatsy djateresca, macunáimica, mboitatatesca, pachamâmica, esse cosmonomadismo nano-afetual, essa capacidade cosmótica da metamorfose, isso afronta a colonialidade. Afronta porque acontece enquanto acontecimento intensamente vivo. E isso lembra inclusive velhas sabedorias ocidentais de antes de um ocidentalocentrismo. De que o termo “pessoa” vem do grego *prosopon* que significa “afrontar com a presença” de acordo com o que diz Ferreira-Santos ao descrever a importância da pessoa para uma educação de sensibilidade (Monier apud Ferreira-Santos; Almeida, 2012:129). E uma educação decolonial só acontece ao desestabilizar a fixação de tal presença para que ela afronte com os nomadismos da multiplicidade que a faz acontecer enquanto arranjo vivo. Uma educação decolonial só pode ocorrer fissurando a domesticação, a anestesia e a obediência ao pretenso “superior” fundado na dicotomia “superior-inferior”, mas por multiplicidade de pulsações e arranjos cósmicos. E é pela corpacha, essa composição cósmica

sensivelmente autônoma de vida, que é possível por em fluxo às potências vitais. Isso lembra também a origem não ocidentalocêntrica de “educação”: do grego “ex-ducere” que segundo Ferreira-Santos significa auxiliar a parir ou permitir que ocorra vazão e fluidez das potências sensíveis. Isso diz da destinação parideira da pessoa educadora pela maiêutica socrática.

Cacofonizando a poética pachamâmica de Barros com compreensões do *trajeto autoformativo* da *Educação de Sensibilidade* (Almeida; Ferreira-Santos), podemos afirmar que vamos acontecendo como arranjos de incalculáveis flores cósmicas que vão se desdobrando em Corpacha. Uma educação natucultural de flores enquanto corpachas que vão se polinizando nano-afetualmente na aromática convivência das escutas pelos zum-zum-zuns e demais múltiplos en-cantamentos que as fazem desabrochar d e s a b r o c h a n d o – s e no espacotempo artesanal da multigamia nano-afetual. Pelos cosmonomadismos mais sensivelmente cosmóticos para além da ideia de professor-aluno, de sujeito-objeto e para além da soberania do sujeito fixo. Tem instante que a gente é pássaro. Tem instante que a gente é lixo. Mas sempre *caramujos-flores* inacabades no tempo do sonho em gerundimento cacofônico de múltiplas espirais e movimentações não-cristalizadas. Lembrando que para minha ancestralidade guarani, as flores estão sempre em movimento por serem chamadas de *poty*, ou seja, “mãozinhas acenando”. *Po* significa “mão” e *ty* denota plural assim como *kwery*, que é mais frequente como indicativo de plural no guarani. Plural composto por *y*, que significa “água” e “nascente de tudo”. Com *y* também é composta a expressão *py*, que se refere a “pé” e significa “onde tudo começa; onde tudo se inicia” pela guata nos cosmonomadismos da vida. As *potykwery* e seus zum-zum-zuns, nas culturas guarani, são (re)conhecidas pelas múltiplas e coletivas movimentações da autoformação na cosmicidade nano-afetual desde o fazer com as mãos enquanto modo escutateante de conhecimento.

As culturas indígenas são autoformativas, nomadizam relações e (re)conhecimentos, e só são autoformativas porque seguem pela multiplicidade nano-afetual do *autodesconhecimento* (Geni Nuñez) apenas possível e potente na cosmopercepção comunitária. Na comunidapessoa desantropocentricamente e ancestralmente comunitária. Por uma educação cosmonômada capaz de fissurar a

soberania do sujeito. De modo que (re)conheçamos as tantas incalculáveis que vamos sendo a cada instante. Não a cada minuto, segundo ou hora, mas a cada instante, pois o instante é tão incalculável quanto arranjos nano-afetuais. O instante é da instância do devaneio elementar, das matérias do sonho e da música que é mais que microfísica, é nano-afetual, é incalculável, é impossível de medir.

As despalavras barrenas, suas desmedidas, e a importância de tudo que, segundo Barros, não se mede com fita métrica, e sim pelo grau de (en)cantamento produzido ali, fazem vibrar a *língua mãe*. Língua mãe proliferadora de dialetos. Com ela é possível perceber que (1) o negacionismo surge então como dura e mortal resposta tão necropolítica quanto à também violenta e molar (2) hiper-iluminação, através do divulgado signo de “obscurantismo”, ambos fabricados pelas virtualísticas do pensamento dicotômico, patriarcal e colonizador. A afirmação barreana não precisa apelar nem para o iluminismo, nem para o obscurantismo negacionista, pois ocorre como errância cosmonômada por potência de vida. Ímpeto nômade que afronta fixações e cristalizações. Afrontando é que a comunidapessoa se confirma como arranjo vivo de comunidapessoa. Cosmomadismo então, como afronta, contaminação e intenso fluxo de metamorfose. Mas não apenas ao olhar da enrijecida civilização colonial que, de forma reducionista, traduz nomadismo como “fuga para fora”, ou como algo errado, menos evoluído, como loucura e na melhor das hipóteses, pelos arranjos mais clichês do que seria ser nômade. A fuga barreana é na cosmicidade do dentro de tudo. Com Barros, tudo acontece co-implicadammente, portanto se há fuga, ela não ocorre pela possibilidade de se ejetar da Corpacha ou de uma corpacha, nem por escapismo. A fuga acontece nano-afetualmente de modo a deixar acontecer múltiplas contaminações e até mesmo decomposições. A fuga não acontece pela leitura colonial de fugir para um longe e um pretense “fora”. E do ponto de vista ameríndio, o que há até hoje sim é a reclusão forçada que tantos povos precisaram fazer por séculos para não serem exterminados completamente pela invasão colonial. Mas jamais como fuga, e sim, como afirmação da sabedoria selvagem enquanto proliferadora da multigamia nanoafetual proliferadora de uma diversidade de culturas, ou melhor, por uma multiplicidade de natuculturas. A metamorfose por intensas cosmoses não se trata de fuga do real, nem esquizofrenia. Mas sim prática cosmocorporal e comonômada. Saber sensível de

nomadismos cosmocorporais, nano-afetuais e sinestésicos, inclusive quando a forma é epifanizada. Cosmomadismo dos sentidos por uma multiplicidade de potências e possibilidades. De sentidos cosmoticamente vibracionais e ressonantes da pessoa enquanto sujeito coletivo – desantropocentricamente, ancestralmente e nano-afetualmente coletivo – e de múltiplos arranjos vivos para além da homogeneidade, do individualismo e das cristalizações impostas pela visão colonial, pelas ideias de Estado-nação, fronteira e demais unificações das separações, pois “a matéria é múltipla” como descreve Maffesoli em “Sobre o nomadismo – Vagabundagens Pós-modernas”. (Maffesoli, 1998:83). Em contraponto ao racionalismo e demais virtualísticas, ele continua:

Totalmente outro é o materialismo espiritual que, de modo paradoxal, empenha-se em respeitar a multiplicidade do real sem por isso negligenciar as exigências da reflexão, da compreensão, que são a especificidade da natureza humana. Pode-se fazer a hipótese de que o formismo, em suas diversas épocas, dentre elas a nossa, reconhece, sente, vive esse pluralismo, sem deixar de manter uma coerência entre as diversas partes do todo. Como já disse, basta lembrar os vários papéis que uma pessoa pode desempenhar, por vezes em lapsos de tempo muito restritos, ou ainda as diversas **bricolagens ideológicas efetuadas pelas pequenas tribos contemporâneas**, para ficar convencido disso. Em cada um desses casos, impressiona observar, ao mesmo tempo, a “reinvindicação” teimosa, de uma **multiplicidade de ser**, e o fato de que esta não seja de modo algum vivida esquizofrenicamente mas, pelo contrário, chega a um tipo de equilíbrio cinestésico. Este, sem negligenciar quaisquer potencialidades ou possibilidades, consegue fazer com que se mantenham juntas. (Maffesoli, 1998:84) – Grifos meus.

Dando passagem ao saber cosmocorporal, a poética contemporaneamente pachamâmica de Barros pode contribuir para uma ‘educação de sensibilidade cosmonômada’, esteticamente errante, nano-afetual e cosmótica, afirmando sinestesicamente a multiplicidade dos arranjos perceptíveis e não perceptíveis que vamos sendo na caminhada autoformativa. Uma maneira de (re)conhecer a multiplicidade dos mundos tanto no aspecto macrocosmicamente social, como também microcômico e nanomaterial pela subjetividade cosmocomunitária na (con)vivência dos nanoafetos e dos múltiplos arranjos da pessoa enquanto composição viva. Comunidapessoa enquanto composição sempre sensivelmente cosmótica, permitindo andarilhamento aos fluxos vitais. Corpacha do *Puer-Senex* barreano. Corpacha enquanto manifestação das velhas e sempre nascentes sabedorias sensíveis da vida. Eis uma

potência barreana nos trajetos autoformativos da vida para além da dicotomia professor-aluno. Corpachas das sábias infâncias da vida. Sábias nascentes enquanto velhas aprendizes por escutatear para lembrar e por tytypensar com a fruição polirritimicamente pensante que mobiliza a vida de maneira desantropocêntrica, pelos cosmonomadismos de contaminações biocêntricas e nanoafetuais em suas inúmeras modulações. Um tytypensar caro ao pensamento pindorâmico inventor de vida e produtor de subjetividades vegetais, aéreas, minerais, aquáticas, ctônicas, ígneas, aquáticas (etc) por polinizações inauguradoras da diferença e proliferadoras da multigamia nanoafetual sempre em intenso fluxo de metamorfose.

A educação cosmonômada de Barros acontece necessariamente através dos andarilhamentos cosmocorporais de uma *sensibilidade ecológica* (Maffesoli). “Estando consciente ou não, a sensibilidade ecológica repousa sobre uma correspondência mágica com a natureza. O mesmo se dá para todos os processos de contaminação que caracterizam a moda, os cuidados do corpo, os jogos de aparência, e outros conformismos sociais, sejam eles intelectuais ou materiais”. (Maffesoli, 1998:195). Mais do que correspondência mágica com a natureza, a poética pachamâmica de Barros vibra vida pelos en-cantamentos na inevitável co-implicação nano-afetual das natuculturas. Errâncias cosmonômadas, contaminações cósmicas e demais noções ressonantes da poética e da música barreana, então, podem ocorrer como oportunidade sensível para nomadizar mundos possibilitando experiências autoformativas na vida contemporânea, inclusive com seus narcisismos, ensimesmamentos e alienações, por contaminações nano-afetuais para fluxos vitais de ‘cosmopercepções fontanas’ que proporcionem proliferação de pulsações à (con)vivência das escutas e pelo que há de sensivelmente potente nas múltiplas metamorfoses possíveis com as *línguas mães*. Metamorfoses jamais como mudanças de fantasias que se colocam e tiram como invólucros e demais mercadorias fabricadas no pensamento transcendental e virtualístico, mas pelo (re)encantamento cósmico da vida e de sua sensibilidade cosmótica. Sensibilidade apenas possível de ser afirmada por cosmicidades corporais que, pelos arranjos mais barreanos dessa noção, e vibrando no ventre da vida, prefiro descrever como ‘corpachas’. Corpachas enquanto corpambiências. Corpambiências sempre musicais. Que também podem ser percebidas como ‘corpachas sônicas’ e

‘corpachas fônicas’, fazendo-se assim filhas e netas da língua mãe barreana pelas imprescindíveis variações da oralidade conforme os arranjos dos caminhos e das modulações da corpacha musical pelos cosmonomadismos da vida.

“Nossa linguagem não tinha função explicativa, mas só brincativa.” (Manoel de Barros). Isso de permitir com que cada pessoa deixe dar fluxos as potências de vida que a arranjam de modo que, por tais vibrações musicais ressonantemente oníricas, elementares e míticas, possa ocorrer um (re)conhecimento da autonomia sensível e dos exercícios de nano-liberdade, é o en-cantamento educacional de fato em andarilhamento. En-cantamento não no sentido fantástico ou romântico, mas sim cosmicamente fruidor e nano-afetual das *línguas mães* da educação da vida. En-cantamento que en-sina não pela binariedade de problema-solução e de professor-aluno, mas por múltiplas aprendizagens biocêntricas e na multigamia nano-afetual de sensíveis cosmoeses. En-sinamento enquanto processo educativo da pessoa perceber seu próprio caminho por múltiplas aprendizagens. Para o povo Huni Kuin, por exemplo, a *mboi pará* (jibóia) é uma professora porque en-sina na arte de contemplar *kenes* – grafismos primordiais de imagens ressonantes e uma pluralidade de nano-imagens que vibram uma infinidade de conhecimento. En-sina a contemplar pela autonomia do sensível. O mesmo ocorre com a professora aranha<sup>92</sup> que en-sina na arte de tecer tais imagens ressonantes. É escutando ressonâncias imagéticas da pele da jibóia e da teia da aranha que elas en-sinam na vida dos *kenes* que vibram eras de conhecimento. Também é escutando as asas do *maino’i* (beija-flor), e não palavras que ele transmitiria, que ele se torna um mensageiro para o povo guarani.

Epistemologias pachanômadadas, portanto musicais, na educação, permitem-nos acompanhar identidades no eterno processo de composição sempre em fluxo de alteridade a cada diferente modo-instante de respirar, cada estado musical, através da oralidade, das inúmeras tessituras vocais, dos diferentes alcances, dos incontáveis gestos sonoros, dos *corpos fônicos*, das incalculáveis corpachas musicais do imaginário, movimentando-se no espaçotempo artesanal do complexo e sensível buquê musical e ancestral que a vida vai sendo. Buquê vivo de raízes dinâmicas, ora

---

<sup>92</sup> Aranha que em guarani dizemos *nhandu*, quase como quem iria dizer *nhande* (nós). *Nhandu Kya* é a “teia da aranha”. Essa teia que se confunde fonética e vibracionalmente com a coletividade do “nós”.



cacofônico, ora harmonicamente dissonante conforme as sensíveis cosmozes dos caminhos, sempre por identidades sem origem fixa. Desde os primeiros batimentos cardíacos nos marulhos do ventre uterino e pela caminhada no ventre da Mãe Terra, música enquanto condição de acontecimento da corpacha e condução das potências sensíveis no incontornável arranjo coletivo que a vida e a pessoa vão sendo. Arranjos de múltiplos contágios afetivos. Acontecemos enquanto arranjos pandemicamente sensíveis. Liberdade portanto só é possível com essa compreensão de que a vida é coletiva. E somente nas errâncias nanoafetuais de um saber cosmocorpomade – em suas oportunidades musicais, vibracionais, elementares, oníricas, míticas, ressonantes, matriais e de incalculáveis outras instâncias de cosmicidade – é que a liberdade pode de fato gerar responsabilidade sem precisar recorrer às “normoses” morais da verdade etnocêntrica. A poética pachamâmica de Barros está interessada em insignificâncias. É sábia-nascente-velha-aprendiz das pequenezas, seguindo por uma autoformação nanoafetual nas múltiplas aprendizagens cosmóticas entre as pulsações vitais dos caminhos. Quando o povo guarani vai (re)conhecendo alguém como *tchembo'ea*, logo o não indígena traduz essa expressão com o sentido que costuma dar a “professor”. Mas há de cuidar do sentido cosmocorporeal de *tchembo'ea* nessa sábia, aquática, vibracional e errante Nhandetsy: o sentido de acontecer enquanto sábia-nascente-velha-aprendiz pelas pulsações da vida. Condição cosmonômada de toda corpacha. E cada corpacha se afirma no plural como sábias-nascentes-velhas-aprendizes ou velhas-nascentes-sábias-aprendizes, a ordem das palavras não altera o sentido, pois toda corpacha é múltipla enquanto arranjo de uma coletividade ancestral e nano-afetual. Toda corpacha é arranjo de velhas águas sempre nascentes. Toda corpacha é arranjo co-implicado de velhas sábias sempre aprendizes.

Nas composições estéticas, culturais, sociais do trajeto antropológico, incluindo sempre as sensíveis cosmozes com cada caminho cosmoandarilhado, a comunidapessoa e demais incalculáveis cosmocorpas-músicas da vida acontecem como complexos arranjos de múltiplos arranjos nanoafetivos, assim sendo, sensivelmente cosmóticas e metamorfoseantes. A compreensão dessas composições vivas ultrapassa juízos de valor caros ao moralismo colonial. Cosmocorpas-músicas enquanto composições vivas da experiência da vida que, conscientemente ou não, é sempre cosmicamente nanoafetiva

na complexidade de seus incalculáveis andarilhamentos cósmicos. A essa altura dos confusos trajetos e do mundo pós-globalizado, obviamente, nenhuma pessoa é “não colonial”. Pois a pessoa acontece como cosmocorpa arranjada inevitavelmente em corpos sociais, e estes todos já passaram pelos processos da colonialidade. Para além disso, movimentamo-nos enquanto complexos arranjos de entonações nanoafetivas atravessando múltiplas linhas abissais. Nessa c(a)osmicidade nanoafetiva, não há também como dizer que alguém é essencialmente colonial, muito menos decolonial, pois os afetos estão sempre impregnados de colonialidade. Há apenas como (re)conhecer que arranjos de um fenômeno como a colonialidade – ou de qualquer outro dos incontáveis fenômenos da vida –, sempre impossíveis de serem calculados, estão em andarilhamento cósmico em certas situações mais ou menos frequentes, mais ou menos repetidas por determinadas cosmocorpas. Ainda que sem medições, há também como perceber a recorrência, a intensidade e a dança das respirações, dos ritmos, das frequências, dos alcances, das texturas, das temperaturas, das tonalidades, das ligâncias, das dissonâncias, das cacofonias, das inseparabilidades e diversos outros aspectos ressonantes-vibracionais-elementares que apresentam o andarilhamento de tais arranjos nanoafetivos, sendo possível, então, ‘escutateá-los’ e (re)conhecê-los sem excesso de explicação colonial. A necrocultura se faz pela pretensa insistência de fixação e cristalização da vida ao passo que o neoliberalismo, fenômeno atualizador da necrocultura, acontece por impregnações microfísicas, escravizando toda a vida para trabalhar a favor da virtualística com arranjos que parecem ser tão espontâneos e intuitivos quanto os que fazem apps de bancos hoje se inseparam das mãos e os pixels dos poros e dos neurônios. Querendo ou não, elas estão a serviço da colonialidade.

A vida sempre foi composta por múltiplas contaminações, mas o colonialismo, sem dúvida, é tão pandêmico quanto o pânico. Desde os “maus lençóis” contaminados espalhados para exterminar aldeias inteiras até os memes das campanhas de whatsApp, o neoliberalismo, filho do colonialismo e neto do iluminismo catequético e evangelístico ainda em fluxo, cosmicamente crioulizado, evidencia com quantos incontáveis nanoafetos se faz uma micropolítica colonial, permitindo com que a política da morte se alimente nanoafetivamente das contaminações do medo. São os

nomadismos cósmicos da vida, neste caso agindo contra ela mesma pela cultura do esquecimento. Cultura que já não sabe sonhar a vida.

A poética barreana é tão cosmonômada quanto nossos andarilhamentos contemporâneos. Entretanto, pachamâmica, ela é sábia-nascente-velha-aprendiz de diplomáticas cosmoerrências nanoafetuais e, assim, pode auxiliar a en-sinar a pessoa nisso de se colocar em sina pelas potências sensíveis de *ler água* e estar *sujeita à libélula*. Ao desantropocentrar a pessoa, não apenas mexe num dos principais campos harmônicos constituidores das estabilizações coloniais, como também afirma sua cosmoerrência nanoafetual. Cosmoerrência das composições vivas que são sábias-nascentes-velhas aprendizes de Barros: tartarugas, lesmas, paredes, pássaros, conchas, água, vento, musgo, limbo, ferrugem, panela enferrujada e demais desobjetos sempre musicais. A poética barreana então vai evidenciando a humildade de cosmoerrar nanoafetualmente em oportunidades de (re)conhecer a vida e suas sabedorias sem utilitarismos e pretensas fixações. Deixar a cosmocorpa musical cosmoerrar é inevitavelmente proporcionar novos arranjos, desarranjos e (re)arranjos nanoafetivos. Cosmoerrar nanoafetivamente é uma oportunidade de (re)conhecer potências sensíveis pelos arranjos da vida e permitir autonomia (do) sensível. E nisso de não apenas (re)conhecer, mas afirmar a corpacha, a poética barreana então se compõem não apenas por cosmoerrência nanoafetiva, mas se torna cosmoandarilha nanoafetual. Tão afetual quanto as cosmopercepções ameríndias e a proliferação de potenciais processos de en-sinamento. Múltiplas e cosmóticas aprendizagens da multigamia nano-afetual pelos acasos do trajeto autoformativo, sempre tão metamorfoseantes, permitindo que percebamos com Barros, uma ‘educação cosmonômada’. Uma educação cosmonômada que jamais acontece sem o saber cosmocorporal. Educação cosmicamente matrial de corpachas nano-afetuais, portanto não-dicotômicas, não-binárias.

Somos culturalmente híbrides. “Culturalmente confusos”, como cantava Itamar Assumpção. Cada vez mais *con-fusos*. E isso “é mesmo uma sabedoria que está em causa. Não aquela, plena, do Deus de luz, mas a do claro-escuro luciferiano exprimindo a revolta contra tudo que está estabelecido” (Maffesoli, 171:1997). “Vagalumes driblam a treva.” (Barros, 2010:220). É preciso lembrar que tais vagalumes, eternamente piscantes, não servem a nada. E também não são servidos por ninguém. E com Barros, tais

vagalumes nano-afetuais não ocorrem pelo pensamento dicotômico, mas sim apresentam-se como cósmicos ‘nano-corpos’ que vibram luzinhas apenas possíveis de acontecerem a partir de uma ‘corpambiente’ escura chamada noite, inseparando portanto, nanocorpos e corpambientes – que muitas vezes também acontecem como nanocorpos, Afinal, um vagalume também se dá como corpambiente.

As metrópoles são os mais atuais refúgios do *nomadismo contemporâneo* (Maffesoli) ressonante em todes nós pelo que há de errante em nossos sentidos e em nossos corações estrangeiros ao esbarrarem nas eras do desconhecido, do diferente, da alteridade e da abundante profusão de estímulos que um só instante de uma grande cidade proporciona. Mas seja lá onde for, a corpacha pede uma atenção devaneante para escutatear liberdades por en-cantos e ‘pequenitades’ nômadadas ao modo barreano. É preciso a prática de um devaneio nano-afetual. O *vagabundo*, o *bêbado*, o *monge descabelado*, o *louco*, o *traste*, o *catador*, o *mendigo*, o *andarilho*, seres de *andrajos*, *Velha Honória*, *Lobisomem Bernardo* e todas as personagens marginais barreanas são transbordamentos cosmonômades dessa sabedoria pachanômada.

A poética barreana entoa muitas imagens. É preciso permanecermos sensíveis ao que elas dizem e como elas se arranjam. Há uma diversidade de vozes fortes e entonações cacofônicas em movimento nos múltiplos ciclos de espaçotempo de Corpacha. Qualquer palavra não dá conta de conter toda essa fluidez, e os andarilhamentos da autoformação barrena se dão pelas errâncias nano-afetuais. “(...) Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol” (Barros, 2010:177). As Cosmopercepções fontanas de Barros tytypensam com as águas encobertas que vazam pelas ruínas da contemporaneidade. E são capazes de desaguar com as pulsações vitais que arranjam corpachas na amplitude sensível do instante em que é muito mais que dia e noite ao mesmo espaçotempo. É crepusculariedade de uma cosmopercepção que movimenta e afirma a multiplicidade das vibrações e dos arranjos nano-afetuais. As inúmeras que vibramos em cada pretensa uma, entoam com uma diversidade de vozes que não se contém na ordem alfabética da palavra escrita. Corpas-trilhas e/ou corpambiências e/ou nanocorpas que ocorrem enquanto corpachas musicais por diferentes arranjos cosmocorporais. Experimentemos em plenitude estas composições vivas de traquinagens en-cantantes sempre enquanto corpas cosmonômadas que não

ignoram a alteridade e a ancestralidade em suas mais sutis manifestações pela fruição da vida.

São muitas as urgências que arranjam, desarranjam e (re)arranjam a educação básica das milhares e milhares de minorias do mundo – que são o todo. Urgências que também arranjam qualquer pessoa ou corpo social, inclusive das camadas economicamente ricas e das mais conformadas aos padrões liberalistas independente de classe social. E sinto que há um sensível potencial para a autonomia da educação e o exercício de sua liberdade para que seja possível a responsabilidade de uma autoformação. A poética barreana e as cosmopercepções ameríndias, ou seja, essa cosmopercepção fontana de sabedoria pachanômada entoa algo nascente ao se (re)conhecer a potência em fluxo de cosmocorpas(os/es), sendo sábia-nascente-velha-aprendiz de uma educação estética que passa pelo – e nasce no – sensível sem ignorá-lo. “Transubstanciação” barreana como exercício da presença na dimensão sensível da vida cotidiana. Presença pela oportunidade poética da matéria viva que se excita. Potência vital em andarilhamento por cosmoerrâncias nanoafetuais.

A Corpacha e demais corpes cosmonômades movimentam-se por uma prática a ser (re)conhecida. Através de um olhar poético e fenomenológico para este fenômeno que todes compartilhamos – em maior ou menor grau de consciência e/ou aprofundamento, sem querer tentar medir clinicamente tal fenômeno –, torna-se possível uma educação de fato empática e legitimadora do – e no – sensível onde acontece a corpacha e suas interações para a plenitude da vida. Daí a importância de se considerar a música, não apenas como ferramenta utilitária, mas como condição e condução de pulsações vitais, por uma autonomia não dos trabalhos que a criança se vê obrigada a realizar na escola, não como função produtivista e utilitarista, mas como autonomia onírica no exercício da sensibilidade de cosmocorpes, onde nasce o imaginário, a dimensão simbólica e todo saber. Nessas fontes barreanas, onde todes podem se banhar e se sujar, há um saber cosmocorporal e cosmonômade. Uma oportunidade para uma educação sensivelmente polivalente, onírica, proliferadora de pulsações vitais e alteridade. De uma maneira ou de outras tantas, acontecemos todes nômades na contemporaneidade como descreve Maffesoli. Lembrando que o nomadismo não é um estado de ser ameríndio. É um estado nascente de vida e

provocador do fluxo de metamorfoses que garantem arranjos vitais, logo não-necroculturais. Tal saber também é de mundos ocidentais e orientais mais antigos, que apesar de estrategicamente dicotomizados e reprimidos pela formação de Estado, por suas delimitações imperialistas, pelas linhas de definição do exótico, pelas pretensas medições das racializações e demais ‘virtualísticas’, ainda são taticamente ressonantes e movimentados no corpo social atual. Tomando o cuidado de perceber o carácter não linear e cacofônico da cultura, e combatendo o etnocêntrismo, podemos lembrar que o nomadismo é de mundos ancestrais aqui de Nhandetsy e, inclusive, de mundos europeus – para além da visão colonial –, bárbaros, vikings, celtas, ciganos, dos rom, sinti, caló, romnichal, iukaguir, turcomanos, pigmeus, esquimós, africanos, árabes, mongóis, siberianos, bikers, skatistas, carroceiros, caminhoneiros, diaristas, camelôs, artistas, menestréis, canoeiros, e por aí há diversos desdobramentos caleidoscópicos de nossas cosmocorpas ou corpachas atuais – logo, de nosso imaginário e nossa subjetividade – sensíveis, andarilhas, comunitárias, coletivas, afetuais, matriais, não-binárias, errantes, etc.

A crise de subjetividade na vida contemporânea da América Latina – descrita por Suely Rolnik em *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*, 2018 – como evidente consequência de uma violenta colonização ainda em curso, parece-me ter íntima ligação com a *cooptação de sensibilidade* (Gadamer) ocorrida pelo *modus operandi* de Aristóteles, Descartes, Bacon, atravessando os tempos por uma longa tradição filosófica iconoclasta e mecanicista. O excesso de luz da farmácia iluminista que cega os sentidos – usando aqui uma metáfora – se aplica a anestesia geral que nos leva a *micropolíticas de desconexão com o corpo vibrátil* (Rolnik) e a *macropolíticas ultraconservadoras e fundamentalistas* (Idem), através também da construção de narrativas e manobras midiáticas de poder. Convém às forças liberais que o cânone ultraconservador faça uma drástica ruptura com os planos de governo pós-ditadura militar, como um golpe contra todas as conquistas sociais de nossa jovem democracia. Contra a possibilidade de uma proliferação de modos de vida, de ser e de se relacionar com a vida. É para que sejamos direcionados a fins super-úteis, super-heróicos, práticos, assépticos, e aderirmos ao padrão esperado. Segundo Rolnik, esse padrão social interessa muito ao neoliberalismo e à proposta de suas marcas. É para que inclusive

artistas, indígenas, estudantes, intelectuais, sem terra, sem teto, pessoas pretas, LGBTQIA+ e demais corpos dissidentes percam aquele mito esquecido na caixa de pandora: a esperança. Lá em 2016, Suely Rolnik já descrevia que, assim, no momento oportuno – quando o ultraconservadorismo e os fundamentalismos derem um dos tantos tiros no próprio pé ou se intensificar em dose cavalara a crise geral do Estado –, o neoliberalismo deverá reentrar de maneira mais evidente em jogo como sendo o “salvador da pátria” diante dos desastres políticos e genocídios das corpambiências da vida, para continuar em seu plano de franca expansão, pois suas forças vem costurando narrativas, através dos meios de comunicação, telecomunicação e dos equipamentos de estado, desde o período da redemocratização. Vale lembrar que as políticas de esquerda adotadas em nosso país até então, foram políticas de inclusão social, ou seja, de inclusão de quem estava mais à margem mais para dentro do próprio sistema liberal, este do capital, das relações a partir do contrato, da posse, da propriedade, do individualismo, do patriarcado e da linguagem prática, utilitária e objetivista, em que torna-se mais importante e recorrente saber da última promoção de uma operadora de celular do que perceber as pulsações vitais da corpacha, de cosmocorpes e do mergulho na cosmicidade da experiência estética da vida. Uma sociedade empurrada e presa à novela, ao excesso de redes virtuais e às virtualísticas que anestesiam a experiência estética em toda a sua complexidade, cooptando reuniões, diálogos, festas, o movimento das ruas, optando por “ensinos” à distância e impondo *infâncias glitz* (Melo; Soares, 2014) por um ‘hiper-adultocentrismo’. Um sistema onde o LCD é levado à mesa do alimento para que crianças sejam domesticadas enquanto engolem algo sem perceber o prazer de alimentar-se pelos sentidos primordiais, desvitalizando a imaginação material de cosmocorpes, logo de suas fontes de saber e suas nascentes sensíveis. Entretanto:

Na ausência de amparo e proteção legal, algumas crianças tentam escapar, resistir, fugir do controle dos corpos e de determinados modos de constituição e governo de suas identidades. São estas infâncias, que como dito por Jorge Larrosa, temos que pensá-las na medida em que escapam, na medida em que estas inquietam tudo o que sabemos e produzimos ao seu respeito, na medida em que estas suspendem o que podemos e na medida em que colocam em xeque os lugares que construímos para elas e a presunção da nossa vontade de abraçá-las. (Melo; Soares, 2014:256).

As infâncias das humanidades barreanas e o ventre de Corpacha são

proliferadores de infâncias das mais distintas, contando inclusive com as infâncias de todas as fases da vida. Estas, em intenso jogo cosmocorporal e cosmonômade, reagem sensível e taticamente aos poderes instituídos e ao que está supostamente posto pela formação virtualística de fronteiras há séculos, transbordando nomadismos pelas ruínas da contemporaneidade. Usamos o tempo imposto a nosso favor também, criando ocasiões de ocasos na oportuna convivência das escutas das corpachas. Múltiplas escutas que en-cantam a vida pelos ocasos dos encontros na multigamia nano-afetual, sensivelmente cosmótica.

Os movimentos feministas, GLBTQIAP+, Sem-Terra, Sem-Teto, as lutas por direitos às crianças, pela legitimação de suas inúmeras culturas, e de todos os diversos grupos que se encontram à margem da sociedade ou injustiçados pela história são de muita importância para uma educação que considere cosmo percepções ameríndias e sua diversidade de culturas, pois também guardam uma multiplicidade de natoculturas – e sensibilidades – reprimidas. É fundamental se aprofundar na multiplicidade de cada grupo ou pessoa, no que acontece de incalculável em cada distinção. Mas, ao concentrar questões próximas no imaginário de cada corpambiância – considerando o corpo social como um dos inúmeros corpambientes – pode-se intensificar suas entonações, auxiliando-nos a cosmoandarilhar da maneira mais próxima possível ao fenômeno. A urgência do grito para trazer os sotaques de tantas vozes é legítima. Lutar para não deixar de ocupar caminhos e ruas sempre foi rito de pessoas guerreiras. Mas antes de mais nada e na medida do possível, sinto a educação barreana como sendo uma guerreira (do) sensível. Uma *txucarramãe* (guerreira sem armas). Uma ‘des-heroína’ crepuscular. Dessa sensibilidade não-dicotômica onde é muito mais que dia e noite ao mesmo vento. Onde acontece a multiplicidade de vibrações vitais. Para além da narrativa binarista e do sistema sexo-gênero, de sermos vistas e enquadradas como homens, mulheres ou pessoas trans, todes podemos profundizar a experiência da vida enquanto corpambiências sensíveis de multiplicidade necessariamente cosmonômada, num jeito de afirmar potência pela *ordinariedade* – como expressa Nietzsche, Certeau, Cristina Campos e Manoel de Barros – com a *embriaguez aquática* (Bachelard) do ventre de Corpacha. Esse ventre de sonhos vitais em plenos dias. Devaneio que “compreende a verdade do paradoxo enunciado por George Sand: *os dias são feitos*



*para que repousemos de nossas noites, ou seja, os devaneios do dia lúcido são feitos para repousarmos dos nossos sonhos noturnos*”. (Bachelard, 2006:60). Isso vibra junto com aquele *txai* yanomami que, pela manhã, disse estar cansado por ter passado a noite inteira fugindo de uma onça onírica. O devaneio ocorre por outras fugas, ainda que não escapistas, mas pela errância sensível e nanoafetos da imaginação cosmocorporal. A embriaguez aquática da Corpacha barreana, gota a gota, acontece em fluxo de devaneio pela força sensível do imaginário nascente nas corpachas criantes. Errância nanoafetual em constante e inacabado andarilhamento cósmico. Andarilhamento de entonações ancestrais. Com tal nomadismo, seguimos em *guata* pelo (en)canto que acontece para além da ideia de problema-solução e demais dicotomias extratoras das incalculáveis instâncias cósmicas da vida e da cosmicidade corporal.

Contra a asepsia geral, é preciso pensar sensivelmente sobre uma educação ecológica que considere a multiplicidade de culturas, de pessoas, de gentes, como as gentes dos mundos não-antropocêntricos da poética pachamâmica de Barros muitas vezes até imperceptíveis à rapidez da luz do olhar, viventes de cosmomadismos num espaçotempo para muito além da empatia, mas por nanoafetualidade sensível na inseparabilidade e co-implicação de cosmocorpes que ora se apresentam como corpambiências, ora como nanocorpes, ora como nanocorpambiências, ora como corpaldeias, e sempre como corpachas musicais. Tudo em aprovação das diferenças e proliferação de alteridade na multigamia nanoafetual que também prolifera diversidade. Aprovação cosmótica para além de apenas respeito, tolerância ou aceitação. Uma educação ecológica, polifônica, polirrítmica e poética pela experiência elementar e impregnante da imaginação material, através do con-tato íntimo e sensual, bem como a co-implicação, com os elementos água, terra, fogo, ar, madeira, suas imprevisibilidades e suas incalculáveis oportunidades combinatórias no espaçotempo da vida cotidiana - na Corpacha, enquanto espaçotempo de múltiplos ciclos de espaçotempo que Pacha vai sendo -, considerando os sentidos primordiais, o pensamento tético e o ‘tytypensamento’ como potência poética e musical da vida. Subversão tática da sensibilidade cosmonômada, colocando em andarilhamento cósmico galáxias-mátrias e corpachas de múltiplas natuculturas capazes de contaminarem os caminhos por pulsações vitais apesar da *crise de subjetividade* e da *necrocultura* “monocultural”.

Uma educação estética que dê passagem ao saber cosmocorporal através dos nomadismos do sensível e da errância dos sentidos por percepções não-etnocêntricas, não-adultocêntricas, não-narcísicas, não-individualistas, não-higienistas, não-patriarcais, não-monogâmicas, não-binárias e não-antropocêntricas. Uma educação não ordenada pelo que se deseja para “o outro”, mas como uma oportunidade “que principie por elaborar e refinar o modo como nosso corpo é percebido por nós mesmos em suas ações e trocas com o ambiente no qual vivemos. Uma educação que, primordialmente ecológica, no sentido que Guattari lhe atribui, seja estésica em sua essência, vale dizer, permita que se apurem sensações, sentimentos e percepções fundadoras de uma harmonia corpo-mundo” (Duarte Jr., 114:2010). Mas sem jamais ignorar a cacofonia de um mesmo céu aberto e demais desimportâncias da polirritmia barreana que fractaliza essa tal fronteira de corpo-mundo para corpacha.

Descrevo passos de uma vagabundagem barreana que revela vontade de trabalho onírico, trazendo-me esperanças de captar a conta-gotas nano-afetualidades – *pero* profundas – pela experiência estética do acaso nos encontros com infâncias de todas as fases da vida – adulta, recém-nascida, idosa, jovem, gestante, uterina, criança criante, aquática, ctônica, aérea, ígnea, etc – nos meus ofícios de pessoa-música, compositora cosmo-coletiva, artista, educadora, acompanhante de processos artísticos, de medicinas artísticas através de escutas poéticas, oníricas e natuculturais desde meu trajeto ancestral guarani e cigano. Manoel de Barros aceita seu próprio destino e deixa incalculáveis ressonâncias do saber cosmocorponômade da corpacha brincarem por sensíveis cosmoses não como escapismo, mas aprovando o *trágico*, ou melhor, afirmando a metamorfose, num jeito pachamamicamente nietzschiano de expressar seu *imaginário* pela potência sensível da oralidade, a mesma força encontrada em pequenas coisas insignificantes do chão, pequenas potências da experiência estética na multigamia nano-afetual capazes de desestabilizarem poderes instituídos, domínios, paradigmas, preferindo *tontos a sensatos*, fractalizando fronteiras ao vestir roupa de trapos para ouvir a carícia dos caracóis, tatear os murmúrios das palavras, cantos cheios de nascentes, e usando despalavras num jeito de afirmar seu gosto elevado para o chão com *embriaguez aquática* (Bachelard) da materialidade pachamâmica. Nada contra o álcool – inclusive sinto e admiro uma atitude punk em Bachelard ao revelar sua psicanálise do fogo, apesar

dele ter existido antes do *punk* –, mas primordialmente a favor de uma embriaguez de sentidos primordiais – e não anestésica –, pelas forças sensíveis da corpacha. Afinal, “o ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de substância desmorona constantemente. A morte não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em inúmeros exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito.” (Bachelard, 2002:7). Vejo em cada gota barreana um canto de ancestralidade infinita e não linear com a liberdade horizontal da morte enquanto en-cantaria pelos princípios sempre nascentes e primordiais da corpacha barreana.

Assim, busco apalpar “o canto azul do guató” vivente neste Manoel que se insere no mundo com um “ermo enorme no olho” e uma “invencionática” capazes de nos fazer viver intensamente os sentidos do instante presente com abundância, exagero, transbordamento, instabilidade, errância, distração, ausência de finalidade, impureza, crepusculando doçura e amargor pela estética de corpambiências ermas que se excedem de solidões, celebrando a vida, incluindo seus aspectos mais doloridos e indigestos, com entusiasmo e prazer, inclusive sexual, pela ruptura de transcrição que ocorre no ‘ocaso dos encontros’, esses que ressoam nossa velha música de acontecer sempre nascente.

*“É verdade, eu gozo com as palavras. Já escrevi: ‘Meu gozo é no fazer’. É no fazer o verso que o poeta goza. Eu tenho isso: todo verso meu, eu gozei nele. Não escrevo muito porque eu demoro muito para gozar. Eu trabalho muito em cima das palavras, bolino muito as palavras, acaricio. ‘Uma palavra tirou o roupão de mim’, eu escrevi. E é exatamente isso o que acontece.*

MANOEL DE BARROS, *APUD CASTELLO* (1997), *APUD CAMPOS* (2010)

*“O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito (...) Por pudor sou impuro.”*  
(MANOEL DE BARROS, 2010:348).

As multigâmicas contaminações nano-afetuais das natuculturas, das culturas ameríndias, da poética pachamâmica de Barros e das epistemologias pachanômadas podem também considerar o “corpo” tal qual se apresenta, muitas vezes, contornado pela pele, e sempre assim pela cultura eurocêntrica. Mas uma corpa que acontece nas contaminações cósmicas da convivência das escutas. Uma corpa intensamente viva. Uma corpa que ocorre sem a necessidade de focar em seus pretensos contornos. E se

esses contornos precisam surgir na caminhada, apresentam-se inevitavelmente porosos e intensamente contaminatórios com a sabedoria cosmonômada de transpor limites de acordo com o acaso e o exercício do caminho. Transpor limites como tática de defesa e de luta. Rearranjar limites vivos diante da cultura machocêntrica, por exemplo, e de diversos agenciamentos da cultura colonial. Corpachas que também sabem fractalizar fronteiras como tática cosmonômada enquanto arranjos intensamente vivos de cosmocorpes tanto muito maior como muito menor e incalculável do que o que ficou fixado como “corpo”, e sempre nano-afetuais. Corpacha como arranjo das corpachas que vamos sendo. Para a razão-pacha de Barros, não há o que focar e dissecar. Não existe a supremacia do corpo fixo e cristalizado. As cosmopercepções ameríndias se afirmam através da corpacha com seu saber cosmocorporal e cosmonômada.

A educação cosmonômada de Barros já foi sendo descrita conforme caminhamos pela *escrevivência* dos outros capítulos dessa dissertação e prática fenomenológica com sua poética pachamâmica. Ela apenas traz possibilidades jamais fixas sem ideia de problema-solução, cartilhas ou qualquer tentativa de canonizar saberes ameríndios, pois estes serão sempre múltiplos nas imprevisibilidades do andarilhamento. Vale lembrar apenas que essa educação afirma a sensibilidade cósmica através de uma estética de errância nano-afetual. Ela afirma o perceptível, mas afirmando também o incapturável. Dois fenômenos já esquecidos na colonialidade. Ambos fenômenos de cosmonomadismo afirmado pelo saber cosmocorporal nas diversas instâncias de cosmicidade que, para evitarmos cartesianismos e dicotomias, são arranjos vivos de uma só cosmicidade no uno cósmico de Barros. A poética pachamâmica de Barros então se faz sábia-nascente-velha-aprendiz sem *palavras fatigadas de informar* pretensas explicações totalizantes. Sem eleger o que é fundante ou o que vem primeiro – pois acontece uma multiplicidade de primordialidades nas origens vitais das natuculturas – mas afirmando a sensibilidade perceptiva como uma oportunidade de permitir fluxos vitais ao andarilhamento da vida. Ainda que a vida seja um grande e nano mistério, ainda que não ousemos hiper-iluminar o mistério dos en-cantos, ainda que uma ordem imperceptível seja incontornável em qualquer caminhada, ainda que os cosmonomadismos aconteçam para além do capturável, a percepção é primordial para a poética pachamâmica de Barros. Percepção, onirismo e

sensibilidade cósmica de cosmopercepções biocêntricas e nanoafetuais por múltiplas aprendizagens cosmóticas para além das ideias de “iluminação” e “transmissão”. Algo possível pela convivência das escutas no trajeto autoformativo com as errâncias da multigamia nano-afetual. Eis uma educação sensível. Uma educação que participe do processo de de(s)colonização do imaginário através do reflorestamento do sensível. Através da afirmação sensível das cosmopercepções de Corpacha.

Guerreiras sem armas lutam é por coragem (do) sensível. Guerreiras sem armas que são pessoas conhecidas como *txucarramães* entre antigos povos pindorâmicos. Guerreiras sem armas só lutam por cosmopercepções de corpachas que sabem transpor limites intensamente vivos e cosmóticos nisso de acontecerem enquanto ambiências de incalculável multiplicidade nano-afetual. A corpacha barreana luta com uma poética que fractaliza a *existidura de limites*. Essa tal existidura dura de pretensos limites duros. Essa tal existidura de mapas e fronteiras virtuais que acabam por tecer o real, violentando corpachas e marginalizando a vida. A corpacha se afirma buscando diluir os contornos fixos das margens fronteiriças porque sabe que tudo, e inclusive a violência dos homens de bem, afeta-se para além dos compartimentos físicos, psicológicos, emocionais, racionais e demais gavetinhas classificatórias. Caixões pretensamente assépticos se transmutam à terra em poucos instantes-pacha. E a colonialidade afeta no nano-invisível também, de maneira intensiva. Nas microondas de qualquer interação. Armas nunca foram apenas o clichê do visível. As armas coloniais, apesar de virtualísticas, também disparam nano-afetações. Violentas nano-afetações como microculturas virtulísticas de parasitas invisíveis e monoculturais que bloqueiam fluxos e extraem a multiplicidade de pulsações vitais, desde a visão binária, e desde o desenhar corpos que sempre acabam na pele. E de acordo com a pele e com traços étnicos, são racializados e destinados aos fins coloniais enquanto recursos da utilidade. As nano-afetações coloniais acontecem, sim, por múltiplos arranjos do antropocentrismo ao neoliberalismo. Co-implicações de machismo, iluminismo, racismo, classismo e uma enorme lista de ismos agenciados nano-afetivamente, portanto, não afetualmente. E por essas e outras é que a vida pede sim para se estabelecer limites. Mas limites sem a dureza da existidura. Limites sempre provisórios, errantes e cosmonômades como os arranjos vivos das corpachas que vamos sendo.

Corpachas jamais cristalizadas, e sim, imprevisíveis, incalculáveis, indomesticáveis. A corpacha barreana entoa retomadas dos territórios sensíveis que a arranjam como composição viva e nos lembra de acontecer enquanto corpambiências. Uma retomada da sensibilidade cósmica e nano-afetual. Corpacha movida à música mítica, vibracional, ressonante, onírica, elementar e suas múltiplas nascentes vitais. Uma guerreira crepuscular por conta da coragem (do) sensível nos mínimos nomadismos do instante presente. E não do heroísmo hiper-solar, iluminado e descobridor dos sete mares que a colonialidade impõem. Luta no trajeto autoformativo de uma educação ancestral sempre em metamorfose onde as primordialidades da vida pulsam cosmonadismos de Pacha. Movimentações que afirmam o sensível e a sensibilidade cósmica desde as múltiplas infâncias de qualquer idade da(s) corpacha(s). Saber cosmocorporal do en-cantamento da vida apesar da posse e do controle pelas armas utilitaristas e virtualísticas. Corpacha então é toda composição viva que segue pela convivência das escutas enquanto tecelã onírica dos arranjos vitais da caminhada. Saber cosmonômade de deixar o andarilhamento tecer os caminhos da composição-mãe en-cantadora.

Cuidar de *mitãgwé* (crianças) é uma prática intensiva não apenas de pais, mães e avós biológicos nas corpaldeias e na vida minimamente comunitária. É uma prática de toda corpaldeia, envolvendo todes, inclusive gentes das águas, da terra, do ar, da madeira, etc. Tornar-se mãe também traz responsabilidades incalculáveis não reconhecidas pela colonização do imaginário e, na colonialidade, muitas vezes não partilhadas nem mesmo com os homens cis pais. Mas as cosmopercepções das corpachas e as epistemologias pachanômadas afirmam que acontecer enquanto “mãe” não deve significar exclusivamente ser uma mulher cis, afinal um homem trans ou uma pessoa não-binária, por exemplo, pode parir e, principalmente, cuidar. Do mesmo modo que, não apenas um homem trans, mas uma mulher trans ou uma pessoa não-binária pode vir a amamentar após cosmonadismos hormonais com transmutações também possivelmente nano-afetuais. Sendo que parir também não deve significar ser humano ou ser animal. Parir é sobre a arte da vida. É sobre incontáveis expressões da artesanaria dos afetos. Apesar do cistema colonial, apesar do sistema sexo-gênero, apesar do sistema dicotômico e antropocêntrico, a vida é acontecimento de uma matriz cósmica e nano-afetual em multiplicidade de pulsações vitais e incalculáveis arranjos.

Cosmopercepções matrialmente cósmicas, portanto não-binárias. Assim, a composição viva que vou sendo, pausa com diferentes arranjos aqui, ali, acolá, e pisando leve por uma espécie de destinação musical, vibracional, fonética, cosmótica e parideira que muitas vezes arranja dani-vi para voos, escutas e en-cantos. Chamam-me dani-vi, apelido ganhado na convivência comunitária das escutas e que há mais de década virou nome nas transmutações pelo gosto primordial do som passarinho que *dani-vi* faz. Desde então, escrevo essa redestinação em letras minúsculas num jeito de ficar bicho fácil de cantar. Biches soltes de acontecer. Nomezinho quase impróprio e sem sobrenome patriarcal. Composiçãozinha não-binária de múltiplos cantos. Assim, vou passarinhando nisso de acontecermos enquanto tantas em cada suposta uma. Sendo bando, banda, comunidapessoa, composição viva. A música só ocorre em metamorfose. E nos movimentamos todes pelo andarilhamento na inevitável con(vivência) das escutas nos múltiplos afetos. As metamorfoses do andarilhamento só acontecem na convivência das escutas. Acontecemos enquanto corpaldeia. À beira de qualquer rio, não apenas reunimo-nos nas mais diversas dissonâncias, mas vamos entoando inúmeras de cada suposta uma. Agora mesmo pausa um *mitã djaryi* sobre a cerca bem em frente a esta mesa improvisada de onde escrevo por viver ao ar livre. *Mitã djaryi* é o nome guarani do pássaro batizado de *bem-te-vi*, que prefiro escrever com hífen apesar de sentir *bentevi* bonito também. Cada instante de Corpacha permite parir um arranjo de múltiplos sentidos. Como todas as corpachas, *mitã djaryi* não recebe um nome, mas expressa arranjos sutis e permite que escutemos vibrações de nome no acontecimento da convivência das escutas. É o que fazem xamãs guarani em rituais de destinação do nome ao soprarem a dança da *tatatĩ* (fumaça) na cabeça de *mitãgwé* (crianças) quando elas já estão entrando em fase de ssaber caminhar e, portanto, já acontecendo enquanto “som em pé; *música assentada*”. E para muitos povos, é comum também uma pessoa vibrar novos nomes, com mudança de sua destinação vibracional, uma, duas e, em alguns casos, mais vezes, de acordo com acontecimentos compositores da caminhada. *Mitã djaryi* significa “mago das crianças; anunciador das crianças; pássaro das parteiras; pássaro do parto” (*mitã* = “criança”; *djaryi* = “mago; bruxa”; *dja* = “guardiã; protetora”). *Mitã djaryi* sempre surge anunciando partos, gestações, sábias infâncias da vida, potências em processo de parto e seus en-cantamentos. No meu trajeto, essa

ave-xamã também vibra como mago-criança, criança-bruxa, xamã do ar. Sua diplomacia cosmopolítica acontece assim: “Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos.” (Barros, 2010:301). *Bem-te-vi* enquanto corpambiência que, mesmo após o batismo colonial, vibra com os princípios do *bem viver* e se adapta muito a diversas corpambiências, inclusive extremamente caóticas de grandes urbes como a de São Pã. *Mitã djaryi* é corpaldeia sempre nômada. E passarinhando de território em território, vazando pelas cercas e cagando nos mourões, a gente segue com a poética barreana enquanto auxiliar dos partos, das infâncias de todas as fases da vida, das múltiplas maneiras não antropocêntricas e nano-afetuais da vida brotar, parir pulsações vitais, permitir fluxos às nascentes vibracionais, nisso de irmos acontecendo enquanto corpachas nas en-cantadas composições da vida. Parir sem se fixar na ideia de dentro-fora, assim como fazer parte do compor, semear e cultivar, que pede muita sabedoria sempre aprendiz, força, intensividade, coragem sensível. Portanto parir não é necessariamente sobre “ter” filho e “dar” o melhor para ele. Também não é sobre uma responsabilidade prévia ou um fardo individual. Essa caminhada ancestral segue para além do antropocentrismo, do individualismo, da domesticação dos afetos, das ideias de posse, controle, de evolução/iluminação/salvação e de educação transmissiva. Segue também para além da biologização do pensamento, do essencialismo das relações, do juízo de valor, do bem, do mal e, em síntese, das virtualísticas. Compor acontece na coragem sensível de viver múltiplos ciclos de decomposição. Não tem a ver com um sentido etnocentricamente colonial, narcísico e egóico de parir composições enquanto autorias individuais, privativas, núcleo-familiares ou consanguíneas. Tem-se fixado o parir num sentido monocultural, excludente e exterminador. Mas antes de mais nada, as incalculáveis decomposições e rearranjos dessa caminhada ancestral só acontecem nisso de auxiliar a parir parindo pulsações vitais, ou seja, participando do acontecimento cósmico da vida. Parir, criar, inventar, permitindo os fluxos nano-afetuais das múltiplas nascentes que en-cantam a vida. Parir sem ideia de dentro-fora do sonho ou sujeito-objeto da barriga. Pois Corpacha é todo o ventre vivo das en-cantarias. Se isso não for percebido como uma intensa responsabilidade das corpachas, é porque a colonialidade ocorre de modo a não se (re)conhecer as práticas de liberdade e as composições vivas que apenas acontecem na experiência convivida de suas



nano-errâncias. Faz-se do medo e do sofrimento a fixação de um único trajeto maquinalmente ficcional para “um fora da vida” a ser cumprido na maior velocidade possível, do modo mais prático, objetivista, heróico, para ser o menos sentido, só que não. Corpacha vive no *Tekó Porã* (Bem Viver) e nas *escolas vivas* dos sensíveis arranjos da multigamia nanoafetual que dispensam um sentido pretensamente prévio de responsabilidade, tecendo-a de fato no espaçotempo artesanal da convivência onírica e en-cantada. As conexões sensíveis da vida são abundantemente generosas. É por isso que o fim se faz apenas meio e decomposição. Que nossos entardecimentos proliferem sonhação!

Aguyjewete!

## Considerações sem fim

Nos andarilhamentos dessa escrevivência com as corpachas barreanas, aconteceu uma busca em deixar vibrar o saber cosmocorporal e cosmonômade por epistemologias pachanômadas desde suas primordialidades matrialmente e nano-afetualmente musicais, elementares, aquáticas, oníricas, poéticas, sensivelmente cosmocinestésicas, eco-sensuais, micro-libidinosas, estéticas, vibracionais, moleculares, crepusculares, não-binárias, cosmocomunitariamente biocêntricas, errantes, transmigratórias e cosmóticas. Primordialidades epistemológicas que afirmam diversas instâncias nano-afetuais de cosmicidade corporal co-implicadas por cosmopercepções matrialmente cósmicas, portanto não-patriarcais e não-binárias, focando mais, nesta caminhada com a poética pachamâmica de Barros, na cosmicidade por en-cantamento musical-vibracional-mítica-ressonante e por en-cantamento elementar-hormonal-nano-material na multiplicidade da vida que está sempre ganhando passagem pela metamorfose. Focando nessas duas instâncias ainda que elas sejam inseparáveis tanto quanto a vida não se separa em corpos fixos. Instâncias do marulho cósmico que não separa água de música. Focando então nessas instâncias ainda que elas sejam inseparáveis de todas as instâncias de cosmicidade. Focando nessas instâncias ainda que elas sejam ficcionais só pelo fato de focar nelas. Mas instâncias do presenteísmo gerundiante. Instâncias sempre das imprevisibilidades das movimentações da caminhada por foco desfocado, foco não virtualístico, portanto sem contornos fixos, foco de cosmopercepção fontana, de barro mole ou fumaça de petyngué que imprecisam as pretensas linhas das margens fronteiriças, desdobrando-as em múltiplos acontecimentos nano-afetuais.

A multigamia nano-afetual então foi sendo escrevivida e (re)conhecida a partir da desmistificação do eurocêntrico e colonial do dentro-fora e demais ficções dicotômicas. Barros segue não pela ideia de verdade e sem negar as ficções a partir de uma verdade. Se algo é percebido como ficção das tantas que participam do tecimento da realidade, a potência viva disto movimenta sua poética que vai se atualizando na caminhada de ocorrer enquanto arranjo vivo dos caminhos, desde suas conviventes imprevisibilidades nano-afetuais.

Espero que, nas oportunidades de algum instante vivo pelas espirais cacofônicas dessa caminhada con-viventemente poética, tenhamos escutateado com a força onírico-elementar-hormonal-nanomaterial e músico-mítico-vibracional-ressonante da aquática razão-pacha de Barros, suas en-cantarias polirrítmicas, multigênicas e cosmóticas, nada romantizadas, através de uma imaginação materialista jamais etérea, nem virtualística. Imaginário e cosmopercepções transbordantes nos nomadismos contemporâneos que vibram em nosso dia a dia cotidiano por suas ocorrências mais corriqueiras, ordinárias e marginalizadas. Incontáveis acontecimentozinhos nômades, muitas vezes invisibilizados na colonialidade, que a poética pachamâmica de Barros percebe como oportunidade de (re)conhecimento sempre coletivo em andarilhamento. Pudemos conferir que, apesar da colonialidade fixadora de um mono-mundo molecularmente neoliberalizado, milhares de pequenos coletivos nos grandes desertos urbanos ocorrem como enxames polinizadores de nomadismos nano-afetuais. Quase toda ocupação profissional também ressoa nomadismos multi-contaminantes, bastante veementes nas errâncias, pequenas autonomias, devaneios corpambientais e nano-corporais inclusive na vida doméstica, em cada chama, gotícula, grão, brisa, canto, partículas invisíveis de vozes ancestrais que desestabilizam a normose por incalculáveis cosmoses, multiplicando andarilhamentos que xapirizam territórios sensivelmente oníricos das natuculturas do selvagem para além da domesticação do imaginário do corpo imposto pela educação binária, antropocêntrica, machocêntrica, adultocêntrica e colonial desde suas virtualísticas.

Mais do que as nuvens de nano-partículas, mais do que os mares de pixels, mais do que uma pretensa cosmicidade etérea, a poética pachamâmica de Barros foi no entanto que a potência do sonho está na errância da pequenitude, essa atitude distraidamente atenta ao “grau de en-cantamento” do “di menor” barreano. Nano-afetualidade imprevisível sem a preocupação se ocorrerá de maneira visível ou invisível. Sem fixar modo, a nano-afetualidade de cada instante se nomadiza de partícula para grão, de gotícula para composição molecular, de vibração invisível para úmida ferrugem que contamina o céu com o canto das cigarras inseparado do ar, de fronteiras vivas para ambulantes fractais en-cantados no corriqueiro, mas principalmente, no que costuma passar despercebido pela visão virtualística da

igualdade que silencia a diferença e os fluxos de alteridade, exterminando-os sem perceber sua potência. Diferença e constante transmutação também muitas vezes imperceptível, mas nada fantástica ou fantasiosa. En-cantada com a pequenitude atômica que contamina o espaçotempo pretensamente cindido assim como o corpo objetificado e acelerado pelo povo da mercadoria. São as forças ancestrais no jogo ritualístico do espaçotempo da vida. Sonho enquanto matéria da multiplicidade vital, permitindo autonomia de devaneio. Autonomia (do) sensível. Isso de sonhar acordado o que sonha a pequenitude incalculável, isso já é o acontecimento do andarilhamento. Não é só sobre ficar em pé. Mas é sobre ocorrer enquanto música caminhante, úmida, errante, cósmica. Arranjo de pequenitude incalculável enquanto efeito vivo da cacofonia das trilhas convividas. Distraidamente, conferimos que a pequenitude e a ordinariedade nano-afetual pode ocorrer também de maneira invisível, mas geralmente invisibilizada pelo tempo maquinal e hiper-iluminado dos que se consideram “humanidade”. Essa coisinha de nada, esse ninguém barreano, é sempre intensamente vivo de nômades anônimos tão pulsantes quanto tambores, peles, vozes e entonações impraticáveis para a visão apressada e para a *palavra acostumada*. No andarilhar dessa escrevivência, acompanhamos a autoformação ameríndia de Barros ocorrendo pela sensibilidade de um *apanhador de desperdícios*. Um *catador*, apesar de marginalizado, vibrante com o xamanismo que a vida vai sendo em cada mínima diplomacia cosmopolítica. Então, uma coisinha de nada ocorre como vida e conhecimento vital sábio de vibrações sempre nascentes, pois se nomadiza mesmo sendo algo bem pequenino ou não visível, surgindo nas movimentações da caminhada, vibrando a vida desde nisso de sonhar pelos arranjos vivos que vamos sendo. Nano-afetualidade nas eras e eras de devaneio de certos instantes errantes. Nano-afetualidade não pretensamente espacial. Nano-afetualidade incalculável e imprevisível justamente por ocorrer na multiplicidade espaçotemporal de corpacha(s). Acompanhando a poética pachamâmica de Barros com na oportunidade de autonomia (do) sensível, oportunidade da cosmicidade do sensível, pudemos então errar com a potência nano-afetual da sensibilidade cósmica. Por cada algozinho que se apresenta como desobjeto atômico de nomadismos cosmocorporais. Autonomia do sensível na errância nano-afetual do saber cosmocorporal. Isso vibra a educação cosmonômada. Educação de corpachas convivente de nomadismos.

Estivemos em guata com o saber cosmocorporal e cosmonômade por maneiras cósmicas de ir (re)conhecendo nomadismos e suas transmigrações nano-afetuais sensivelmente cosmóticas, em constante e suscetíveis fluxos de alteridade como a música e o elemento água. Música enquanto condição de vida sempre nascente. Música enquanto condução de metamorfoses e proliferação das pulsações vitais nas curvas de um rio que podem parecer as mesmas, mas como suas águas, já são outras. Não apenas as águas, mas as curvas já são outras. Virar outras é uma sina para além da palavra acostuada à visão apressada das formas, desde os en-sinamentos com as en-cantarias nano-afetuais das flautas cósmicas que vamos sendo, dos caminhos cosmo-coletivamente en-cantados que nos compõem enquanto gentes da terra, da água, do vento, da madeira e do fogo. En-sinagem da metamorfose barreana que se movimenta desde diversos tricksters pachamâmicos e demais en-cantades.

É com a música e as oralidades do aquático, urobórico e cacofônico ventre de Corpacha que a poética barreana toca flautas vibrantes de imaginários matriais (não-patriarcais) e cósmicos (não-binários) afirmadores da multiplicidade de pulsações e arranjos vitais. Imaginação matrialmente cósmica de sensibilidade nano-afetual, nômade e cosmótica na contaminante vitalidade dos acontecimentos transmigratórios e transmutantes. Matrialidade cósmica pelos nomadismos originários das velhas sábias infâncias de Pacha pelas primordialidades nano-afetualmente errantes, descoisificantes, inauguradoras das diferenças, proliferadoras de multiplicidade, desantropocentricamente comunitárias e cosmóticas.

As corpachas ocorrem sempre tão provisórias quanto as palavras que entoamos na busca inevitavelmente imprecisa das traduções vitais entre mundos cosmoperceptivos, ou melhor, entre multi-mundos e um mono-mundo. Lembramos que os arranjos, rearranjos e desarrajos das corpambiências barreanas vão acontecendo pelas *escolas vivas* dos caminhos desta Ameríndia enquanto Corpa-Mátria sempre multi-afetada e co-implicada de incalculáveis corpachas. *Tekó Porã* das *escolas vivas* de Barros enquanto nascentes vitais de afetualidades moleculares, desantropocentricamente microfísicas, biocentricamente visíveis, invisíveis e invisibilizadas, musicalmente vibracionais, oniricamente nano-materiais, celularmente

míticas, transmigratórias e contaminatórias por um nomadizar enquanto sinônimo de metamorfose.

A poética pachamâmica de Barros en-sina nisso de ocorrer sempre aprendiz cosmótica das errâncias nano-afetuais que nomadizam a vida e as relações a todo instante desde às mínimas e incalculáveis interações, afirmando a multiplicidade que permite fluxos à multigamia nanoafetual do andarilhamento, de modo que as imprevisibilidades dessas movimentações cósmicas fractalizem as pretensas e extrativistas linhas fronteiriças da monocultura do indivíduo e demais objetificações da posse e do controle agenciados no pensamento dicotômico. Fractalização não por salvacionismo ou binarismo do problema-solução, mas por aceitar e afirmar o inevitável fluxo de cosmo que faz a vida se movimentar jamais por identidade fixa, mas de maneira transmutantemente ancestral e desantropocentricamente coletiva. O andarilhamento autoformativo nano-afetualmente cosmo-comunitário da corpacha barreana ocorre então no compartilhamento cósmico ao invés do consumo da economia do si e da obediência ao cânone representativo em seus mais diversos arranjos afirmadores da fixação e mantenedores do *status quo* como, por exemplo, a instituição escolar criada no pensamento eurocêntrico. Caminhada, então, distraidamente atenta às oportunidades de uma autoformação proliferadora das pulsações vitais a partir da convivência das escutas que nos faz acontecer enquanto fractais de fronteiras vivas. Fractais jamais cristalizados, pois vibrantes e ressonantes das incalculáveis pequenitades do andarilhamento e demais en-cantarias cosmoticamente não-romantizadas.

Cosmocorporalmente nômadadas, ocorreremos enquanto corpachas ao (re)conhecermos corpachas. Composições vivas na sina errante da multigamia nano-afetual multiplicadora de nascentes vitais. Corpacha(s) enquanto constante ritual de uma educação decolonial do sensível que vai reflorestando o imaginário por corpachas em retomadas sem fim. Tudo no espaçotempo do sonho que tece caminhos com as artesanias nano-afetuais da metamorfose.

Corpachas en-cantadas em constantes movimentações nano-afetuais – desde a incalculável diversidade de instâncias nano-afetualmente cósmicas – sem o dentro do sonho e o fora do sonho, afinal no ventre primordial de Corpacha tudo se dá por

en-cantaria. Tudo acontece pelas mínimas primordialidades que sonham a vida. “*Boacé Uchô! A palavra está na terra!*” (Pachamama, 2020). Que as palavras não percam suas en-tonações oníricas. O saber com forças das fontes. Ou então, fiquemos com as despalavras.

Aweté Katu!

## Referências bibliográficas

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino (2014). Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. Campinas, Educ. Soc. Unicamp.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi (2017). Para educar crianças feministas. Um manifesto. São Paulo, Companhia das Letras.
- ALMEIDA, Tiago Pyn Tánh, NHANDEWA, Alexandro da Silva (orgs) (2020). Tetã Tekoha. São Paulo, Pólen.
- ALMEIDA, Rogério de (2015). O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha. Livre Docência, São Paulo, FEUSP.
- \_\_\_\_\_; ARAÚJO, Alberto Filipe; WUNENBURGER, Jean-Jacques (2017). Os Trabalhos da Imaginação. Abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa, UFBP.
- ANDRIOLO, Arley (2018). O conhecimento das imagens populares: Psicologia social e experiência estética nos construtores e arquiteturas fantásticas. São Paulo, Prometeica.
- ANDUJAR, Claudia (2019). A Luta Yanomami. Org: Thyago Nogueira. São Paulo, IMS.
- ANZALDÚA, Gloria (2021). A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios. Rio de Janeiro, A Bolha.
- BACHELARD, Gaston (1998). O novo espírito científico / A poética do espaço. São Paulo, Nova Cultural.
- \_\_\_\_\_; (2001). O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento. 2ª ed. (2001a). S. Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_; (2001). A terra e os devaneios da vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças. 2ª ed. (2001b). São Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_; (2002). A água e os sonhos. São Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_; (2002). A terra e os devaneios do repouso. Ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_; (2006). A poética do devaneio. São Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_; (2008). A psicanálise do fogo. São Paulo, Martins Fontes.
- BARROS, Manoel de (2010). Manoel de Barros. Poesia Completa. São Paulo, Leya.
- \_\_\_\_\_; (2010). Memórias Inventadas para crianças (M.I.). São Paulo, Planeta.
- \_\_\_\_\_; (2010). Memórias Inventadas – As Infâncias de M. de Barros (M.I.A.I.) S. Paulo, Planeta.
- \_\_\_\_\_; (2011). Escritos em verbal de ave. São Paulo, Leya.
- \_\_\_\_\_; (site), in Fundação Manoel de Barros, <http://www.uniderpfm.com.br/fmb/o-poeta>



- BARROS, Abílio Leite de (1998). *Gente Pantaneira. Crônicas da sua história*. Rio de Janeiro, Lacerda.
- BHABHA, Homi K. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio (Nego Bispo) (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Ubu.
- BONDÍA, Jorge Larrosa (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Universidade de Barcelona.
- BURKE, Peter (2016). *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, RS, Ed. Unisinos.
- CANCLINI, Néstor Garcia (1997). *Culturas híbridas y Estratégias Comunicacionais. Estudios sobre las Culturas Contemporaneas – Época II – Vol. III*. Universidad de Colima – México, Época.
- \_\_\_\_\_; (2008). *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo, Iluminuras.
- CAMPOS, Cristina (2010). *Manoel de Barros. O demiurgo das terras encharcadas – educação pela vivência do chão*. Cuiabá, Carlini & Caniato.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de (2015). *Metafísicas canibais*. São Paulo, Cosac Naify.
- \_\_\_\_\_; (2014). *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, Cosac Naify.
- \_\_\_\_\_; (2008). *La mirada del jaguar. Introdução ao perspectivismo ameríndio*. Buenos Aires, Tinta Limón.
- \_\_\_\_\_; (1992). *Araweté. O Povo do Ipixuna*. São Paulo, Cedi.
- CERTEAU, Michel de (1998). *Artes de Fazer. A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes.
- CLASTRES, Hélène (1975). *Terra sem mal. O profetismo tupi-guarani*. São Paulo, Brasiliense.
- COCCIA, Emanuele (2020). *Metamorfoses*. Rio de Janeiro, Dantes Editora.
- COMUNIDADE CATRILEO+CARRIÓN (2021). *Utopias mapuche não binárias para um presente epupillan*. Chile, Edição Luísa Rabello.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera (2018). *Un mundo chíxi es possible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires, Tinta Limón.
- \_\_\_\_\_; (2021). *Ch'ixinakax Vtxiwa. Uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. São Paulo, n-1.
- DILGER, Gerhard, LANG, Miriam, PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs) (2016). *Descolonizar o imaginário*. São Paulo, Elefante.
- DAOLIO, Jocimar (1994). *Da cultura do corpo*. São Paulo, Papirus.
- DUARTE JR, João Francisco (1994). *Fundamentos Estéticos da Educação*. São Paulo, Papirus.
- \_\_\_\_\_; (1998). *Por que arte-educação?*. São Paulo, Papirus.
- \_\_\_\_\_; (2010). *A Montanha e o Videogame. Escritos Sobre Educação*. São Paulo, Papirus.
- DURAND, Gilbert (2002). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo, Martins Fontes.

- \_\_\_\_\_; (2014). O Imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 6ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand.
- ECKSCHIMIDT; SAURA. *Observar o olhar espontâneo de um menino, ou que aprendi com os Guarani Mbya*. In: Willms, E.E; Beccari, M; Almeida, R (orgs). Diálogos entre arte, cultura & educação. São Paulo: FEUSP, 2019, p. 500-524.
- ELÍADE, Mircea (2002). O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes.
- EVARISTO, Conceição (2017). Ponciá Vicêncio. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pallas.
- ESPÍNDOLA, Luz Marina (2010) O vestido Azul: educação e música na infância – ressonâncias antropológicas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FEUSP.
- FANON, Frantz (2008). Pele negra, máscaras brancas. Salvador, EDUFBA.
- \_\_\_\_\_; (2022). Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro, Zahar/Companhia das Letras.
- FEDERICI, Silvia (2017). Calibã e a Bruxa. São Paulo, Coletivo Sycorax.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos (2000). Música & Literatura: o sagrado vivenciado. In: PORTO, M. do Rosário et al. (org.). Tessituras do imaginário: cultura & educação. Cuiabá, Edunic/Cice/Feusp: 57-76.
- \_\_\_\_\_; (2004). A sacralidade do texto em culturas orais. Diálogo – revista de Ensino Religioso, IX, n. 35, ago. P. 14-18.
- \_\_\_\_\_; (2005). Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi. São Paulo, Zouk.
- \_\_\_\_\_; (2005). Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku – Educação anti-racista – São Paulo, FEUSP.
- \_\_\_\_\_; (2005). Arte-educação, imaginário e comunidade: as faces de um mesmo rosto. Cadernos de educação, UNIC/CPG, Educação Especial.
- \_\_\_\_\_; (2011). Educação e religiosidade: entre o ensino e a criação como dívida ancestral – um pharmakon. Em: Patricia Perez Morales. (Org.). Educação sensível: a cidade como cenário possível. 1ª ed. Cali, Editorial Buenaventura.
- \_\_\_\_\_; (2014). Mitologias na arte: labirintos iniciáticos em Francisco Brennand. Saberes em Ação, São Paulo, Revista de Estudos da Faculdade Messiânica.
- \_\_\_\_\_; ALMEIDA, Rogério de (2012) Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética. São Paulo, Képos.
- FOUCAULT, Michel (1972). História da Loucura. São Paulo, Perspectiva.
- \_\_\_\_\_; (1979). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal.
- \_\_\_\_\_; (1998). Loucura e Civilização. São Paulo, Vintage Books.
- FRAYZE-PEREIRA, João A. (1995). Olho d'água. Arte e Loucura em exposição. São Paulo, Ed. Escuta.

\_\_\_\_\_ ; (1999). O desvio do olhar: dos asilos aos museus de arte. São Paulo, Psicologia USP

FREIRE, Paulo (1999). Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 10ª ed. São Paulo, Paz e Terra.

FREITAS, Alexander de (2006). Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Gaston Bachelard. In: Educação e Filosofia v. 20, n. 39, p. 39–70. Uberlândia, EDUFU.

GADAMER, Hans-Georg (1985). A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa. Tempo Brasileiro.

GONZALEZ, Lélia (2020). Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro, Zahar.

\_\_\_\_\_ ; (1983). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Antônio Machado et al. “Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos”. Ciências Sociais Hoje. n 2, p.223-244. Brasília, Anpocs.

GRONDIN, Marcelo; Viezzer, Moema (2021). Abya Yala! Genocídio, Resistência e Sobrevivência dos Povos Originários das Américas. Rio de Janeiro, Bambual.

GUATARRI, Félix (1987). As creches e a iniciação. In: Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo, Brasiliense.

\_\_\_\_\_ ; (2012). Caosmose. Um novo paradigma estético. São Paulo, 34.

HERMINIO, Beatriz - 2022; site do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo: Canal Notícias - <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%2C%20o,explicou%20a%20escritora%20e%20educadora.>)

HERRERO, Marina, FERNANDES, Ulysses (Orgs) (2010). Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo. São Paulo, SESC.

HOLANDA, Heloisa Buarque de (2020). Pensamento Feminista hoje. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

HOOKS, bell (2021). Ensinando comunidade. Uma pedagogia da esperança. São Paulo, Elefante.

\_\_\_\_\_ ; (2018). Ensinando a transgredir. A educação como prática de liberdade. São Paulo, Elefante.

ĨKA MURU, Mateus; MANDUCA, Agostinho; QUINET, ALEXandre (Orgs) (2014). Una Isĩ Kayawa: Livro da Cura do Povo Huni Kuĩ. Rio de Janeiro, Dantes.

JECUPÉ, Kaka Werá (1998). A terra dos mil povos. História indígena brasileira contada por um índio. Peirópolis, Ed. Fundação.

\_\_\_\_\_ ; (2016). O trovão e o vento. São Paulo, Polar.

\_\_\_\_\_ ; (2018). Tupã Tenondé. A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo, Peirópolis.

\_\_\_\_\_ ; (2007). As Fabulosas Fábulas de Iauaretê. São Paulo, Peirópolis.

- \_\_\_\_\_ ; (2002). *Oré Awé Roiru'a Ma. Todas as vezes que dissemos adeus*. São Paulo, Triom.
- JECUPÉ, Olívio (2021) *O Saci Verdadeiro*. São Paulo, Panda Books.
- \_\_\_\_\_ ; (2017). *O Presente de Jaxy Jatarê*. São Paulo, Panda Books.
- \_\_\_\_\_ ; (2006). *Ajuda do Saci Kamba'i*. São Paulo, Difusão Cultural do Livro.
- \_\_\_\_\_ ; (2013). *As queixadas e outros contos guaranis*. São Paulo, FTD.
- JECUPÉ, Olívio; Kerexu, Maria. (2011). *A mulher que virou urutau. Kunha Urutau re ojepota*. São Paulo, Panda Books.
- KILOMBA, Grada (2019). *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Cobogó.
- KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_ ; (2020). *A vida não é útil*. Org: Rita Carelli. São Paulo, Companhia das Letras.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce (2019). *A Queda do Céu. Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LAGROU, Els (2007). *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro.
- LEMINSKI, Paulo (1984). *Jesus A.C*. São Paulo, Brasiliense.
- LÈVI-STRAUSS, Claude (1976). *O Pensamento Selvagem*. São Paulo, Nacional.
- LIMULJA, Hanna (2022). *O desejo dos outros. Uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo, Ubu.
- \_\_\_\_\_ ; (2007). *Uma etnografia da Escola Indígena Fen'Nó á luz da boção de corpo e das experiências das crianças Kaingang e Guarani*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC.
- MAFFESOLI, Michel (2001). *Sobre nomadismo. Vagabundagens pós-moderna*. Rio de Janeiro, Record.
- \_\_\_\_\_ ; (1997). *A transfiguração do político. A tribalização do mundo*. Porto Alegre, Sulina.
- \_\_\_\_\_ ; (1998). *Elogio a Razão Sensível*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- \_\_\_\_\_ ; (2003). *O Instante Eterno. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo, Zouk.
- \_\_\_\_\_ ; (2007). *O ritmo da vida. Variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro, Record.
- MARTINS, Bosco. *Entrevista com Manoel de Barros: Três momentos com um gênio*. 2014. Publicada na edição 117 da revista *Caros Amigos*, em 2008. Disponível em: <https://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/2675-manoel-de-barros>.
- MBEMBE, Achille (2018). *Necropolítica*. São Paulo, n-1.
- \_\_\_\_\_ ; (2018). *Crítica da Razão Negra*. São Paulo, n-1.

\_\_\_\_\_ ; (2020). Políticas da Inimizade. São Paulo, n-1.

MONTARDO, Deise Oliveira - 2009 - Através do Mbaraka. Música, dança, e xamanismo guarani. Edusp, São Paulo.

MELO, Rafaela da Silva; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (2014). Infâncias Glitz: um estudo sobre as imposições dos concursos de beleza aos corpos infantis. Florianópolis, Zero-a-seis.

MERLEAU-PONTY, Maurice. (2004). O olho e o espírito. São Paulo, Cosac & Naify.

\_\_\_\_\_ ; (1991) Signos. São Paulo, Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ ; (2005) O visível e o invisível. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva.

\_\_\_\_\_ ; (2011) Fenomenologia da percepção. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ ; (1942) A dúvida de Cézanne. Fonte desconhecida (consta no Sens et non-sens de 1948).

MUNANGA, Kabengele (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Niterói, EDUFF.

\_\_\_\_\_ ; (1998). Teorias sobre racismo. In: Estudos & pesquisas 4. P. 43-65. Niterói, EDUFF.

\_\_\_\_\_ ; (1999). Negritude: Usos e Sentidos. 2ª ed. São Paulo, Ática.

\_\_\_\_\_ ; (2002). A identidade negra no contexto da globalização. In: Ethnos Brasil, Ano I - nº.1. P.11-20. São Paulo, UNESP.

MUNDURUKU, Daniel; VILELA, Fernando (2004). Sabedoria das Águas. São Paulo, Global.

MUNDURUKU, Daniel; NEGRO, Maurício (2018). O Karaíba. Uma História do Pré-Brasil. São Paulo, Melhoramentos.

NARBY, Jeremy (2018). A serpente cósmica. O DNA e a origem do saber. Rio de Janeiro, Dantes.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (1999). Nietzsche, Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural.

\_\_\_\_\_ ; (2008). O Anticristo. Maldição contra o cristianismo. Porto Alegre, L&PM.

\_\_\_\_\_ ; (2007). A Genealogia da Moral. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 20. São Paulo, Scala.

\_\_\_\_\_ ; (2005). A Visão Dionisiaca do Mundo. São Paulo, Martins Fontes.

NUÑÉZ, Geni (2022). Jaxy Jaterê. O Saci Guarani. 4ª ed. Santa Catarina, UFSC.

OLIVEIRA, Elizabete (2012). A Educação Ambiental & Manoel de Barros. Diálogos poéticos. São Paulo, Paulinas.

OLIVEIRA, Rosenilton Silva (2018). Educação para a diversidade racial no contexto brasileiro: o contexto das leis 10639/2003 e 11645/20008 - Periódico Argumentos, P. 341-355. MG, Unimontes.

ORTIZ-OSÉS, Andrés. (2003). Amor y sentido. Una hermenéutica simbólica, Barcelona, Anthropos.

- OYÊWÚMÍ, Oyérónké (2021). A invenção das mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.
- PALACIO, Martha (2020). Gloria Anzaldúa: Poscolonialidad y feminismo. Barcelona, Gedisa.
- PACHAMAMA, Aline Rochedo (2020). Boacé Uchô, A história está na terra. Narrativas e Memórias do Povo Puri da Serra da Mantiqueira. Rio de Janeiro, Pachamama.
- \_\_\_\_\_; (2019). Taynôh. Ava'i sa Ma'etý sa Ro'yma Ohasa. O menino que tinha cem anos. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pachamama.
- \_\_\_\_\_; (2020). Guerreiras = M'ambaima Miliguapy: mulheres indígenas na cidade. Mulheres indígenas na aldeia. 2ª ed. Rio de Janeiro, Pachamama.
- PAREDES, Julieta. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLANDA, Heloísa Buraque de (orgs). Pensmento feminista hoje. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020, p.194-205.
- PĂRÔKUMU, Umusi; KĚHÍRI, Tōrāmü (2019). Antes o mundo não existia. 3ª ed. Rio de Janeiro, Dantes.
- PELBART, Peter Pál (2018). Necropolítica tropical. Fragmentos de um pesadelo em curso. São Paulo, n-1.
- PERROTI, Edmir (1982). A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org) A produção cultural para a criança. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- POTIGUARA, Eliane (2019). Metade cara, metade máscara. Rio de Janeiro, Grunin.
- POTIGUARA, Eliane, ABREU, Aline (2014). O Pássaro Encantado. São Paulo, Jujuba.
- PRECIADO, Paul B. (2019). Um apartamento em Urano. Crônicas da travessia. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_; (2022). Eu sou o monstro que vos fala. Relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro, Zahar.
- RIBEIRO, Sidarta (2019). O oráculo da noite. A história e a ciência do sonho. São Paulo, Schwarcz.
- ROLNIK, Suely (2018). Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo, n-1.
- \_\_\_\_\_; (2018). A hora da micropolítica. São Paulo, n-1.
- SAID, Edward W. (2007). Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula; Orgs (2010). Epistemologias do Sul.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2019). O Fim do Império Cognitivo. A afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte, Autêntica.
- SHAPIRO, Roberta (2007). Que é artificação? Brasília, Sociedade e Estado.
- TASSINARI, Antonella Maria I.; GRANDO, Beleni Saléte; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos (2012). Educação Indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização, Florianópolis, UFSC.

TUYUKA, João Bosco Azevedo Resende (2004). Histórias Tuyuka de rir e de se assustar. São Paulo, Aéitu Utapinopoma Bueriwi Associação Escola Indígena Útapinopona Tuyuka.

UMEDA, Guilherme Mirage (2011). Educação na linguagem da Anima. Diálogos ontológicos com a música. São Paulo, FEUSP.

WISNIK, José Miguel (2004). O som e o sentido. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras.

## Vídeos de YouTube

KRENAK, Ailton (2021). Curso online de Saúde Indígena; Aula inaugural; Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena. TVUFRB.

<https://www.youtube.com/watch?v=q17q6AEr6tE>

\_\_\_\_\_ ; TUKANO, Daiara; NOBRE, Antônio. (2021). Flecha 1. A Serpente e a Canoa. Ciclo de Selvagem.

<https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4&t=86s>

FERREIRA-SANTOS; Marcos. (2020). Cultura & Educação Ameríndia: Nós quem, cara pálida?. São Paulo, USP.

<https://www.youtube.com/watch?v=kJBYZzuXHoM&t=1921s>

## Filme

KIRIKU E A FEITICEIRA (1998). Direção: Michel Ocelot. Produção: Les Armateurs / Mac Guff Ligne / Studio Ó. 74 min. França.

## Álbum de música

DO CORAÇÃO DOS PÉS (2015). dani-vi. São Paulo: Carambola Discos / Tratore. 1 CD.

<https://www.youtube.com/watch?v=zsPX4soTR8E&list=PLNnqkE9vcPqS7qZM8QblAYh554xewecfS>